DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER

EDUCAÇÃO FÍSICA E HEGEMONIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FEF

CAMPINAS - SÃO PAULO

1994

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER

894

EDUCAÇÃO FÍSICA E HEGEMONIA

Dissertação apresentada, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas sob orientação do Profº Drº Ademir Gebara.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FEF

CAMPINAS - SÃO PAULO

1994

DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER e aprovada pela Comissão Julgadora da FEF/UNICAMP, em 28 de janeiro de 1994.

Data: 5/5/94

Assinatura:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FEF

CAMPINAS - SÃO PAULO

1994

COMISSÃO JULGADORA:

Profº Drº Ademir Gebara

Profº Drº Wagner Wey Moreira

Profº Drº Paulo de Salles Oliveira

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Reynaldo Hunger e minha mãe Maria Elisabeth Rosada Hunger, aos meus irmãos Reynaldo, Roldão, Rodolpho e minha irmã Thelma. A essência da minha vida!

AGRADECIMENTOS

A verdade é um processo inacabado e construído na dinâmica das relações de produção que o próprio homem estabelece e é estabelecida por estas, dialeticamente.

A universidade, à procura da verdade, também, é um processo inacabado e construído na dinâmica das relações intelectuais - A razão! - Não só! O amor lá está presente, impedindo que tenhamos medo do novo, o que é desconhecido e gera inseguranças. É hegemônico, ideológico e utópico.

Nessa minha caminhada acadêmica, na ânsia de corresponder aos grandes intelectuais que marcaram a história, como Gramsci, Mannheim, Kourganoff, surge uma nova utopia na Educação Física, esse trabalho de dissertação.

Um processo longo (...), que possibilitou-me a oportunidade de novos contatos.

Assim, a minha história acadêmica vem sendo reescrita, conjuntamente, numa pluralidade de interpretações, que começou já em minha graduação (Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo - UNESP - Rio Claro - 85 à 88 ...) em que eu criticava veementemente os meus professores e colegas e hoje os agradeço por tais oportunidades. Num segundo momento, aos professores e colegas da FEF - UNICAMP (90 à 93 ...) - A agressividade foi compreendida! E num terceiro momento, aos colegas do Departamento de Educação Física de Bauru (91 à 93 ...). Que a verdade seja respeitada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 01

I - OS PARECERES DO CONSELHO FEDERAL DA EDUCAÇÃO Nº894/69 E Nº215/87 11

II - OS DOCUMENTOS CURRICULARES DOS CURSOS SUPERIORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: USP (SÃO PAULO), UNESP (RIO CLARO), UNICAMP (CAMPINAS) 21

1. O DOCUMENTO 21

2. A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ... 23

2.1. PROPOSTA DE OFERECIMENTO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO 28

2.2. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA 30

3. O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E TÉCNICO DESPORTIVO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA DO CAMPUS DE RIO CLARO 32

3.1. A REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR 33

4. A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS 39

4.1. CATÁLOGOS DE GRADUAÇÃO DA FEF - UNICAMP 40

4.2. A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS E SUA AUTO-AVALIAÇÃO 43

III- EDUCAÇÃO FÍSICA E HEGEMONIA 49

1. A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CRISE OU, ANTES DE TUDO, A CIÊNCIA? .. 49

2. O PENSAMENTO HISTÓRICO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA 54

3. O PROCESSO DO CONHECIMENTO E A PLURALIDADE DE INTERPRETAÇÕES CARACTERIZANDO O PAPEL DO INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NUMA CONCEPÇÃO GRAMSCIANA 81

4. O CONCEITO DE HEGEMONIA, IDEOLOGIA E UTOPIA E O PENSAMENTO INTELECTUAL ACADÊMICO 90

IV - OS DEPOIMENTOS 96

CONCLUSÃO 148

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 155

ANEXO - OS DEPOIMENTOS NA ÍNTEGRA 161

RESUMO

A preocupação maior da universidade, até o século XVIII, restringia-se em cultivar e transmitir o saber humano acumulado, ou seja, sua preocupação central era com o ensino. No entanto, novas exigências passaram a ser feitas à universidade. A produção de novos conhecimentos colocou-se como função básica ao lado do ensino.

Atualmente, as atividades-fins da universidade resumem-se, de acordo com a reforma universitária (artº 1º da Lei 5.540/68) em: ensino, pesquisa e extensão à comunidade, estabelecendo o princípio de indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

As Universidades Estaduais do Estado de São Paulo adentram à década de 90, principalmente com a preocupação de avaliar as funções que lhes são designadas em termos de ensino, pesquisa e extensão à comunidade.

Neste sentido, questionamos: o que estaria subjacente às reformulações curriculares, formação profissional, atuação docente e produção acadêmica na área da Educação Física?

No primeiro capítulo, retratamos a formação profissional, pautada na Legislação Básica da Educação Física, mais especificamente os Pareceres do Conselho Federal da Educação Nº894/69 e Nº215/87.

Posteriormente, no segundo capítulo, verificamos a concepção de formação profissional, formulada em documentos curriculares, pelos docentes dos cursos superiores de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

No terceiro capítulo, procuramos evidenciar as seguintes questões: segundo as concepções de "intelectual" e "hegemonia" de GRAMSCI (1987), qual papel tem sido desempenhado pelo intelectual da Educação Física? O profissional da Educação Física constitui uma categoria hegemônica? E ainda, segundo as concepções de "ideologia" e "utopia" de MANNHEIM (1950), como vem sendo reescrita a produção intelectual sobre a formação deste profissional?

Em seguida, realizamos entrevistas com docentes dos cursos de graduação em Educação Física das Universidades em estudo, verificando-se o seu entendimento no que diz respeito ao cumprimento de suas funções no ensino superior, considerando: (a) os discursos contidos no Parecer do Conselho Federal da Educação Nº215/87; (b) a produção intelectual (em livros, artigos) a respeito da formação profissional e (c) as atividades-fins das universidades e os seus estatutos, onde consta que o corpo docente deve exercer atividades indissociáveis de ensino e pesquisa, adotando como regime preferencial de trabalho aquele que fixa dedicação integral à docência e à pesquisa. A análise dos depoimentos foi realizada no quarto capítulo dessa dissertação.

Podemos verificar que o pensamento expressado em nossa área, através da legislação, de documentos curriculares, de livros, de artigos e de depoimentos, impõe-se estar profundamente interessado na superação de uma educação física, caracterizada como acrítica, alienante, competitivista, reducionista de uma dada condição social. Apresenta-se, porém, utópico, procurando a superação do estado ideológico. Ele é incongruente com a realidade dentro do qual o discurso ocorre, suas formulações procuram transcender a realidade, se postas em prática, tenderiam a destruir, parcial ou completamente, a ordem das coisas existentes.

O que podemos notar, na Educação Física, são grupos de intelectuais em constante competição, que de acordo com sua interpretação do mundo e do seu entendimento específico da área, revelam-se como expressões intelectuais de grupos em luta pelo poder.

A construção do pensamento hegemônico, por parte dos profissionais da Educação Física, somente poderá ser entendida como um processo, traduzido também na reforma intelectual da sociedade, posto que só assim será possível assumir uma função que resulte na construção, não somente de novos discursos políticos, mas, também, numa nova cultura. Resultando, assim, na construção de um novo bloco histórico, na medida em que submete à crítica a cultura construída anteriormente, realizando uma unidade de forças sociais e políticas, traçando e difundindo uma nova concepção de mundo.

ABSTRACT

Until XVIII century, one of the most preocupation of the university was the developed and transmition of the accumulated knowledge, *i.e.* , the most important preocupation was the teaching. However, new exigencies became to be done to university. The production of news knowledgements became the teaching basic function.

Actually, the university objectives summarize to: teaching, research and envelopment to community in accordance with the university reform (1st article, 5.540/68 Law), setting up the undissociability between teaching and research.

At beginning of 90th the publical universities of São Paulo states worry with the evaluating of assigned functions in teaching, research and envelopment to community terms.

In a way, we ask: What would be underling of curriculum alteration, professional formation, teaching actuation and academical production by physical education area?

In the first chapter we show the professional formation, that's in the Physical Education legislation, it's acceptable by 894/69 and 215/87 federation Physical Education Council.

Later, in the second chapter, we verify the professional formation conception formulated by the university reports and by the professors of Physical Education from Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp) and Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

In the thid chapter we make to evident the following subjects: accoding the "intelectual" and "hegemony" conceptions from GRAMSCI (1987), what is the role developed by the Physical Education professional? Do the Physical Education professionals constitute a hegemonic category? And following the "ideology" and "utopy" conceptions from MANNHEIM (1950), how the intelectual production about the formation of this professional was being rewritten?

We realize interviews among the Physical Education professors trying to understand their obligations to the university such as: (a) the education federal council speeches 215/87, (b) books and articles production about the professional formation, (c) the university activities and its statutes, which relate the undissociability activities of teaching and research. The interviews analysis was developed in the chapter fourth.

We can verify that the thinking expressed in our area, by legislation, curricular documents, books, articles and statements, shows a most interest on the superation of a Physical Education noncritical, alienating competitivist, and reductionist of a given social condiction. This thinking presents itself however utopic searching for a ideologic condiction of superation. It is incongruent with the realit where's the

speeches take place, formulating a reality transcendence, and if taken in practice, the natural order would be destroied partial or completely.

What we can take note about Physical Education are intelectual groups in constant competition, and according to their world representation and specific knowledge about the area, presents intelectual expressions of groups figthing to the power.

The construction of the hegemonic thinking by the Physical Education professionals, will can be understood only like a process, also translated in the intelectual reform of the society. In this way we can assume an activity resulting in the construction, not only of new political speeches, but of a new culture too. Resulting in the construction of a new historical bloch in order to the submission of an early critical culture, realizing an union of social and political forces, tracing and diffusing a new world conception.

INTRODUÇÃO

O que estaria subjacente às reformulações curriculares, formação profissional, atuação docente e produção acadêmica na área da Educação Física? Como deve ser definida a formação do professor de Educação Física face, às atividades-fins da universidade?

O que ensinar, por que ensinar e como ensinar diante de um mercado de trabalho, a princípio amplo e cada vez mais restrito diante das limitações de nossa formação acadêmica? Tais questões informam o cerne das discussões com respeito à proposta de uma "nova" Educação Física, objetivando oferecer possibilidades de opção, em termos de cursos de Bacharelado e Licenciatura.

Praticamente, até o século XVIII, a preocupação maior da universidade restringia-se em cultivar e transmitir o saber humano acumulado, ou seja, sua preocupação central era com o ensino. No entanto, novas exigências passaram a ser feitas à universidade. A produção de novos conhecimentos colocou-se como função básica ao lado do ensino (BASTOS, 1957).

Atualmente, as atividades-fins da universidade resumem-se, de acordo com a reforma universitária (artº 1º da Lei Nº5540/68) em : ensino, pesquisa e extensão à comunidade, estabelecendo o princípio de indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

GALEMBECK (1990) afirma que Ciência, Tecnologia e Ensino Superior têm sido, por parte de governos, seus órgãos e agentes, tanto objeto de estímulos como de desconsiderações. A opinião veiculada pela imprensa freqüentemente observa os gastos, virtudes e defeitos das Universidades Públicas. A maior parte das discussões, porém, se esgota insatisfatoriamente, não ocorrendo avaliação sistemática do desempenho das universidades.

O referido autor considera a existência de avaliações importantes dos cursos de pós-graduação feitas pela CAPES, CNPQ e FAPESP; avaliações dos cursos de graduação pelo "Guia do Estudante" e pela revista Playboy (apesar de estranhar que elas pareçam satisfazer a todos, já que continuam sendo as únicas); bem como, esforços por parte de algumas administrações da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para avaliar o ensino e a pesquisa desenvolvidos nas suas instituições. Mas,

> (...) a comunidade acadêmica ainda não mostra, maciça e efetivamente, estar convencida da importância e necessidade de avaliações, seja de cursos de graduação, de produção cultural, científica e tecnológica, ou dos gastos de dinheiro público nas universidades e pelas universidades (GALEMBECK, 1990, p. 627).

As Universidades Estaduais Públicas do Estado de São Paulo - Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - adentram a década de 90, principalmente, com a preocupação de avaliar as funções que lhes são designadas, em termos de ensino, pesquisa e extensão à comunidade.

O Jornal da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Ano VII /Nº 61 /03 /1992 destaca:

> (...) A universidade vai se conhecer melhor em 92; Para analisar seu desempenho e traçar sua atuação futura; a UNESP definiu 92 como o Ano da Avaliação; Avaliação é tarefa inadiável; A idéia de que o ensino público superior deve submeter-se a um processo permanente de avaliação, com vistas ao seu contínuo aprimoramento e à sua progressiva adequação às demandas sociais cada vez mais complexas e diversificadas, é hoje consensual. Reconhece-se, igualmente que a avaliação das universidades públicas por organismos externos a elas, especialmente quando se têm em conta os custos crescentes do ensino superior e a necessidade de se tirar o máximo proveito dos recursos nele investidos, constitui uma forma legítima de controle pela sociedade do uso das verbas públicas; A hora de pensar o que se faz; A UNESP elegeu 92 como o Ano da Avaliação e pretende promover uma série de atividades para debater o assunto; Precisamos saber para onde queremos ir, afirma o Profº Drº Paulo Milton Barbosa Landim, reitor da UNESP (pp. 3-5).

O Jornal da Universidade de São Paulo (USP), Ano VI /Nº208 /03 /1992, destaca:

> (...) Universidade começa a medir seu desempenho; A Universidade de São Paulo inicia nesta semana a avaliação de 12 departamentos, inaugurando um trabalho que se estenderá até o ano que vem e abrangerá todos os 340 departamentos. A USP terá uma visão de si própria como nunca teve; pretendemos avaliar 100 departamentos em 92 e 140 no ano que vem, garante o reitor Profº Drº Roberto Leal Lobo. Para Magnificência, esse trabalho permitirá à Universidade ter uma visão sobre si própria como nunca teve até hoje. E, por isso mesmo vai estimular uma melhora significativa nos seus mecanismos de administração, de decisões, sobre políticas de graduação, pesquisas, pós-graduação e também de distribuição orçamentária, uma vez que será possível identificar com mais precisão os setores que possuem bons projetos, que necessitem de apoio ou acompanhamento da instituição (pp. 2-4).

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em outubro de 1992, publica "Projeto Qualidade Graduação" - Elementos para um diagnóstico da Graduação da Unicamp:

> (...) nasceu o Projeto Qualidade, abrangendo da qualificação docente à qualificação de processos em todos os níveis, do investimento na pesquisa e no ensino ao aprimoramento da autonomia de gestão financeira, da fixação de formas de incentivo à produtividade ao estabelecimento de novos mecanismos de relações com a indústria, da dinamização dos indicadores de pós-graduação à expansão e consolidação do programa de cursos noturnos; (...) Parte aquela análise da constatação técnica de que, não obstante todos os progressos até aqui conseguidos, a Universidade tem muitas vezes praticado a separação entre ensino, pesquisa e extensão, aprofundando o fosso entre informação e formação, e aumentando os desníveis entre graduação e pós-graduação; (...) A instituição tem plena consciência de que as universidades não podem se limitar à avaliação pura e simples de sua didática, fechando-se em sua própria excelência e deixando para segundo plano a sua inserção na sociedade. É o contínuo processo de realimentação com o mercado de trabalho - enfim, como o usuário final de nosso produto - que permitirá a atualização constante de nossos currículos, adaptando-os à rápida evolução da sociedade brasileira (pp. 2-5).

Avaliações sistemáticas sobre a atuação do corpo docente nos cursos superiores de Educação Física, enquanto responsáveis pelo ensino, pesquisa e extensão à comunidade, estariam correspondendo de que forma ao que foi relatado nos parágrafos anteriores?

Se a formação do profissional de Educação Física deve ser pensada, não somente a partir de reestruturações curriculares, mais ainda, em relação à atuação do corpo docente nos cursos superiores desta área de conhecimento, no que diz respeito às atividades-fins da universidade, como atua este docente na formação de profissionais para a área?

Além do profissional da Educação Física ter que conviver e enfrentar as dicotomias já existentes no ensino superior como qualidade X quantidade, currículo básico X aplicado, aluno X docente, docente X burocracia, ser conservador X ser progressista, fragmentação X integração, teoria X prática, interdisciplinar X setorial, entre outras; tem que, também, se preocupar com as dicotomias específicas da sua área, como disciplina acadêmica X profissional, bacharelado X licenciatura, e ainda, com problemas como a questão da pós-graduação, a estrutura curricular em conformidade com a região, atuação profissional, entre outros.

Posto que tratar amplamente a questão é muito complexo, optamos por focalizar a formação do profissional de Educação Física. Mesmo porque este tema, em grande extensão, é o articulador de todos os outros, na medida em que agrega a formação e o exercício profissional.

O primeiro capítulo busca retratar a formação profissional, pautada na Legislação Básica da Educação Física, mais especificamente os Pareceres do Conselho Federal de Educação Nº894/69 e Nº215/87. Discutiremos a concepção subjacente às discussões em torno da formação profissional, considerando, principalmente, que os cursos superiores de Educação Física devem direcionar a formação desse profissional, segundo o Parecer Nº215/87.

Posteriormente, no segundo capítulo, verificaremos a concepção de formação profissional, formulada em documentos curriculares, pelos docentes dos cursos superiores de Educação Física da

Universidade de São Paulo (USP/São Paulo), Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro) e, Universidade de Campinas (UNICAMP/Campinas).

Foram selecionados esses cursos superiores de Educação Física, uma vez que pelos estatutos das Universidades correspondentes, o corpo docente deve exercer atividades inerentes ao sistema, indissociável de ensino e pesquisa, adotando, como regime preferencial de trabalho, a dedicação integral, a docência e a pesquisa. E ainda, segundo o artigo 1º da lei Nº5540/68:

> O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de professor de nível universitário.

Uma grande parte da produção intelectual com respeito aos problemas específicos do campo da Educação Física está situada hoje nas universidades. Por isso, uma grande parte dos que produzem academicamente, ensina e/ou pesquisa e/ou atende à comunidade e/ou estuda, nessas e por meio dessas universidades.

Assim sendo, na tentativa de atender às novas possibilidades de mercado de trabalho, torna-se inevitável um conjunto de posições sobre a formação do profissional de Educação Física.

Atribui-se aqui um papel ao intelectual acadêmico submetido, em particular, às determinações sociais que introduzem no conhecimento,

seja no ato de ensinar ou pesquisar, uma visão da realidade socialmente transmitida (SCHAFF, 1987).

O intelectual, como conjunto das relações sociais, introduz no conhecimento um fator subjetivo, ligado ao seu condicionamento social. Essa contribuição do intelectual acadêmico explica as diferenças existentes, não só na avaliação e interpretação dos fatos, mas também na percepção e na descrição da realidade correspondente à determinada época histórica ou, se forem contemporâneos, aos diversos meios (étnicos, sociais, etc.) e diferentes referenciais teóricos (SCHAFF, 1987).

A reformulação do pensamento sobre a formação do profissional de Educação Física surge, quando a cultura e suas concepções hegemônicas são modificadas.

Para DEWEY (1949), citado por SCHAFF (1987):

> (...) Surgem então necessariamente novos pontos de vista que servem para a apreensão, a apreciação e a coordenação dos dados. Nesse momento reescreve-se a história (p. 271).

Por isso, no terceiro capítulo, procuraremos responder à seguinte questão: Como estaria sendo reescrita a produção intelectual sobre a formação do profissional de Educação Física?

Considerando a concepção de GRAMSCI (1985) sobre "intelectual tradicional" e sobre "intelectual orgânico", qual papel tem

sido desempenhado pelo intelectual da Educação Física? O profissional de Educação Física constitui uma categoria hegemônica? E ainda, segundo as concepções de "ideologia" e "utopia" de MANNHEIM (1950), como vem sendo reescrita a produção intelectual sobre a formação profissional?

O marco referencial para o início da trajetória desse estudo deverá ser a produção acadêmica verificada a partir da década de 70. Podemos, então, observar mudanças significativas como novas propostas curriculares (Parecer Nº894/69 e Nº215/87); autorização para o funcionamento de novos cursos superiores de Educação Física (COSTA, 1971); abertura de cursos de especializações e mestrado (CANFIELD, 1984); vários cursos oferecidos pelos Institutos Isolados foram incorporados pelas universidades (SAVIANI, 1985); a lei Nº5540/68 que estabelece o princípio de indissociabilidade entre ensino e pesquisa, entre outras.

No quarto capítulo, após aplicação de entrevistas estruturadas, discutiremos qual concepção hegemônica (se é que existe), segundo os referenciais teóricos já mencionados acima, estaria subjacente ao entendimento por parte do corpo docente dos cursos superiores de Educação Física em estudos, no que diz respeito ao cumprimento de suas funções no ensino superior, considerando:

a) Os discursos contidos no Parecer Nº215/87 sobre a formação do profissional de Educação Física:

> (...) Para atuar na Educação Física e no Desporto, inseridos na abrangência dessa linha de conceituação, será necessário

> um profissional egresso de formação abrangente - com forte embasamento humanístico - em curso de duração plena, englobando, seja os aspectos ligados à licenciatura, seja ao bacharelado, com aprofundamentos que atendam as suas potencialidades e com possibilidades de capacitá-los para o prosseguimento nos estudos a nível de pós-graduação(aperfeiçoamento, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado). Esse profissional deverá:
>
> - possuir destacada capacidade de análise e síntese, com ampla visão da realidade e atitude crítica diante dela;
>
> - ter consciência das reais necessidades e possibilidades do cidadão e das características apresentadas pela sociedade;
>
> - dominar instrumentos, métodos e técnicas que permitam desenvolver sua profissão, respondendo a situações concretas e gerais, com condições de liderança e comportamento ético, que se ajuste à
> dinâmica do processo de uma sociedade em permanente transformação;
>
> - ser capaz de identificar as necessidades regionais e decidir de forma autônoma, propor e aceitar mudanças, mantendo-se sempre atualizado no campo do ensino formal e não formal;
>
> - ser capaz de usar adequadamente os conteúdos, materiais, equipamentos, espaços e lugares, a fim de auxiliar os alunos a atingirem competência para viverem cooperativamente na mais complexa situação;
>
> - ser capaz de identificar e respeitar as diferenças individuais no processo de aprendizagem e estabelecer um ambiente crítico e reflexivo, dentro de uma proposta emancipadora e educativa (p. 14-15);

b) As Reformulações Curriculares implantadas por estas Unidades em estudo, transcritas no segundo capítulo;

c) As produções intelectuais (em livros, artigos) a respeito da formação profissional, analisada no terceiro capítulo desta dissertação;

d) As supostas atividades fins da universidade, resumidas na reforma universitária (artº 1º da lei Nº5.540/68) em: ensino, pesquisa e extensão à comunidade; estabelecendo o princípio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa e;

e) Os estatutos que regem as Universidades em estudo nos quais constam que o corpo docente deve exercer atividades inerentes do sistema indissociável de ensino e pesquisa, adotando como regime preferencial de trabalho aquele que fixa dedicação integral à docência e à pesquisa.

I - OS PARECERES DO CONSELHO FEDERAL DA EDUCAÇÃO Nº894/69 E Nº215/87

Segundo TELES (1988), currículo refere-se não apenas à sua

> dimensão etimológica (palavra vinda do latim curriculum, que em sua origem significa: cursos, percurso, caminho, carreira), nem tão pouco a sua dimensão técnica: grade curricular e/ou relação de matérias ou disciplinas; mas sobretudo, contextualizando-o numa dimensão filosófica, ideológica, sociológica, histórica, política e pedagógica (p. 37).

Assim sendo, com o presente capítulo, pretendemos analisar a legislação da Educação Física, mais especificamente, os Pareceres do Conselho Federal de Educação (CFE) Nº894/69 e Nº215/87.

Salientamos que a legislação está sendo considerada como a consolidação, a nível político/institucional, das orientações emanadas dos grupos dominantes na sociedade e como expressão hegemônica, de tal forma que educadores desta área caracterizam a formação do profissional da Educação Física.

Para JESUS (1989):

> A hegemonia, se é capacidade de direção cultural ou ideológica de uma classe sobre o conjunto da sociedade, é também uma relação de dominação entre dirigentes e dirigidos, responsável pela formação de um grupo orgânico e coeso em torno de princípios e necessidades defendidos pela classe dominante (p. 18).

Em 1968, representantes das escolas de Educação Física no Brasil, convocados pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura (MEC), reuniram-se em São Paulo, para estudarem e proporem uma reestruturação curricular. Preocupados com a formação profissional, consideravam que o currículo em exercício, após anos de aplicação, encontrava-se defasado, impondo estudos para modificações (Cf. Parecer do CFE Nº894/69, In: Educação Física, Legislação Básica, 1985, p. 253-257).

Afirmavam que o sistema adotado de acordo com o Parecer Nº298/62 do Conselho Federal da Educação (CFE), de cursos paralelos de professores de Educação Física e de "Técnico Desportivo" (TD) não mais correspondia, nem na quantidade e nem na qualidade, às necessidades do mercado de trabalho.

Preocupavam-se, principalmente, com a profissão do "TD", posto que, segundo o decreto lei Nº1212, no Cap. VI, artº 38, somente poderia exercer esta profissão aquele que obtivesse o diploma de "TD" especializado em um respectivo desporto. E, nas cidades com mais de 100.000 habitantes, as associações desportivas só poderiam contratar "TD" diplomados. Entretanto, questionavam que, na prática, as associações desportivas, na intenção de atenderem às exigências de seus associados, proporcionavam-lhes técnicos improvisados, considerados campeões desportivos, privilegiados como técnicos, sem formação pedagógica ou científica.

Diante desta preocupação, a professora Maria LENK (1985) sugeriu que a profissão de "TD" fosse exercida pelos licenciados em Educação Física, onde o aluno deveria cursar uma ou duas modalidades desportivas para sua especialização, além das matérias obrigatórias do currículo mínimo.

Em suma, esta proposta, para a reformulação dos currículos em Educação Física, ocorreu frente às supostas necessidades do mercado de trabalho, que não eram mais satisfeitas, em decorrência de um currículo desatualizado. Ou seja, educadores descontentes com a formação profissional presente (1968), igualmente insatisfeitos com o currículo passado (1962), procuraram reformulá-lo, constituindo-o de maneira a responder às necessidades do presente, tomando como base a experiência anterior.

O que estava subjacente às discussões em torno da formação do profissional da Educação Física, via esta reestruturação curricular, era uma concepção "Presentista", ou seja, um " (...) presente projetado sobre o passado" (SCHAFF, 1987, p.132).

Segundo essa tendência "Presentista", a abordagem do passado, a seleção dos fatos e, portanto, a imagem desse passado dá-se através dos interesses e das necessidades sociais do presente (Cf. SCHAFF, 1987).

Como nos afirma BECKER (1932) :

> (...) Quando os tempos são calmos... estão normalmente satisfeitos com o passado... . Mas nos períodos tempestuosos, quando a vida parece sair dos seus quadros habituais, aqueles que o presente descontenta estão igualmente descontentes com o passado. Em tais períodos... os historiadores estão dispostos a submeter o passado a um severo exame..., a proferir veredictos..., aprovando ou desaprovando o passado à luz do seu descontentamento atual (p. 168).

Observamos, também, que passava a ser verdadeiro o que era útil, aquilo que correspondia às necessidades e interesses determinados por aquele grupo de educadores. Ou seja, as necessidades formuladas determinavam o campo e o modo de visão, sendo a verdade do conhecimento sempre posta em relação às circunstâncias de lugar e tempo (Cf. SCHAFF, 1987).

Após 15 anos de aplicação desta Resolução Nº69/69, que fixa os conteúdos mínimos e a duração a serem observados na organização dos cursos de Educação Física - em março de 1984, na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP), reuniram-se Diretores das Escolas de Educação Física do Brasil, para refletirem, principalmente, sobre problemas que envolviam a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, o perfil do Licenciado e do Bacharel; a formação do Técnico Desportivo; conteúdos curriculares (liberdade; exigências dos mínimos obrigatórios); cargas horárias; duração mínima dos cursos; pós-graduação e especializações (Cf. Parecer do CFE Nº215/87).

Segundo as análises de DEWEY (1949) :

> (...) Como a cultura muda, os conceitos dominantes na cultura mudam também. Aparecem necessariamente novos pontos de vista e juízos, assim como novos critérios de seleção dos

> dados. A história é então reescrita. Os materiais anteriormente rejeitados apresentam-se atualmente sob a forma de dados, porque novas concepções propõem a solução de novos problemas que necessitam de uma substância factual para serem formuladas e verificadas (p. 233).

Assim sendo, as principais críticas, contidas no Parecer (CFE) Nº215/87, dizem respeito aos termos em que foi redigida a Resolução Nº69/69, no que concerne à adoção do currículo mínimo, determinado e caracterizado apenas por um rol de matérias comuns a todos os cursos. E ainda, foi relatado que os pressupostos estabelecidos (Res. Nº69/69) não mais se coadunavam com as exigências da época (1984 - 1987), requeridas para o desempenho desses profissionais, tanto sob o ponto de vista didático-pedagógico (graduação a nível de licenciatura com apenas três anos de duração e um mínimo de 1.800 h/a), como quanto ao nível de sua habilitação técnica propriamente dita. Questionavam, também, sobre a completa omissão no que se refere ao Bacharelado, em que a Educação Física não era pensada como um campo de conhecimento científico.

Diante das preocupações relacionadas à formação do profissional de Educação Física, o Parecer (CFE) Nº 215/87, apresentava as seguintes afirmativas:

> (...) A comunidade acadêmica da Educação Física, acompanhando o amadurecimento do debate educativo em torno de anseios e das reais necessidades da sociedade brasileira (grifo nosso), (...) (p. 01).
>
> (...) com a necessária preparação de um profissional que possuiria visão ampla da realidade social, política e econômica do país (grifo nosso), e consciente das reais possibilidades dos cidadãos (grifo nosso). Este profissional com conhecimentos mais abrangentes deveria

(...); ser capaz de identificar as necessidades regionais, refletindo e decidindo autonomamente, propondo e aceitando mudanças, preocupando-se em adequar os recursos disponíveis a fim de fazer da Educação Física e dos Desportos um meio eficiente e eficaz de auxílio aos alunos, proporcionando-lhes desenvolvimento integral (grifo nosso) e estimulando-os a um viver cooperativo dentro da complexidade de nossa atualidade social, política e econômica (grifo nosso) (pp. 04-05).

Esse profissional foi visto como protagonista de uma Educação Física que se caracterizaria como um fenômeno de marcante universalidade, no quadro de uma educação permanente (grifo nosso) e objetiva, capaz de contribuir para o desenvolvimento integral de nosso povo (grifo nosso) (p. 05).

(...) Esse exercício de liberdade acadêmica, certamente, propiciará o surgimento e o amadurecimento de marcos conceituais identificados tanto com os ideais nacionais de educação física (grifo nosso), quando harmonizados com as peculiaridades e anseios do contexto social, político e econômico imediato a cada curso de formação (grifo nosso) (p. 06).

Avulta também em todo esse processo, uma nova maneira de pensar e ver a educação física e o desporto, que se apresentam hoje como fenômenos sociais de marcante universalidade no quadro de uma educação permanente (grifo nosso) e objetiva, capazes de contribuir para o desenvolvimento integral de indivíduos autônomos, críticos e participantes a níveis de decisão (grifo nosso) (p. 13).

Educação Física e Desporto que atendam a todos os seres humanos, sem discriminações (grifo nosso), integrando-se ao esforço de educação escolar e da não escolar, tanto em seu desenvolvimento de sentido formal como o não formal (p. 13).

Educação Física e Desporto como atividades físicas capazes de penetrar nos diferentes domínios da pirâmide social (grifo nosso) e (...) (p. 13).

Educação Física e Desporto, finalmente, entendidos como atividades físicas interligadas e interdependentes, dentro do contexto geral da educação pelo movimento, envolvendo o ser humano e a sociedade em que se inserem no sentido físico, psíquico e cultural de seus comportamentos, independentemente da ênfase que vier a lhes ser atribuída (grifo nosso) (p. 13).

Essa, pois, a moderna abordagem que hoje se impõem para o tratamento do binômio Educação Física/Desporto, concebido, para efeito do entendimento de sua verdadeira função social (grifo nosso), na abrangência de 3 manifestações básicas:

> Educação Física e Desporto Escolar (que alguns preferem denominar de esporte-educação; numa visão mais abrangente); Educação Física e Desporto Não-Escolar (esporte para todos, esporte participação, esporte massa, esporte comunitário ou educação física não formal) e a Educação Física e o Desporto de Alto Desempenho (alto nível ou esporte-performance) (pp. 13-14).
>
> A Educação Física e Desporto Escolar, tendo por finalidade o desenvolvimento diversificado, completo, harmonioso integral na verdadeira acepção do conceito (grifo nosso), do ser humano, para sua trajetória pela vida, desde a infância, a adolescência, até as diferentes etapas de sua idade adulta, criando condições para que percebam e incorporem os valores dessa prática como um fator de bem-estar, a fim de que possam vir a exercer, conscientemente, o direito de decisão sobre suas participações em atividades físicas, dentro de uma perspectiva de livre cidadania (grifo nosso) (p. 14).
>
> A Educação Física e Desporto Não-Escolar (...), dentro do sentido da educação permanente (grifo nosso), dão continuidade aos valores incorporados na modalidade anterior, possibilitando o desenvolvimento, o aperfeiçoamento e a manutenção do estado físico, psíquico e social de seus praticantes (...), para a busca de seu equilíbrio bio-psico-social (grifo nosso), e de outra parte, mais consciente da necessidade da convivência comunitária, dentro da amplitude do conceito da Educação adotada para o tempo livre, o lazer e a recreação (p. 14).
>
> (...) aberto a toda população e a todas as idades (grifo nosso), respeitadas as diferenças de região para região, de local para local, (...) (p. 15).

Com essas afirmações, observamos a presença novamente de uma concepção "Presentista", com características "Idealista". Ou seja, afirmações que exprimem uma desvinculação entre as idéias e suas condições de existência, criando assim uma visão ilusória da realidade.

Segundo CHAUí (1980):

> Para criar na consciência dos homens essa visão ilusória da realidade como se fosse realidade, a ideologia organiza-se com um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e

> como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (p. 113).

A intenção de levantar tais afirmações contidas no Parecer (CFE) Nº215/87 justifica-se na tentativa de entender que, para discutir a formação do profissional de Educação Física, não se deve partir do imaginário e do pensar de uma possível situação ideal, atribuindo-se ao papel de criador da realidade. É mais coerente procurarmos responder, por exemplo, ao questionamento já presente nos estudos de AZEVEDO (1920):

> (...) Se um dia se cuidar seriamente de reestruturar a educação física ..., a primeira dificuldade que se há de enfrentar e a cujo desafio não podemos responder, é o desconhecimento do próprio estado atual da educação física no país. Onde e quando se precedeu ao levantamento da situação real, como base e ponto de partida para um largo plano de ação? (1960, p. 19).

Talvez possa haver mais coerência nestes dizeres de Azevedo (1920) do que imaginar um profissional capaz de "possuir destacada capacidade de análise e síntese, com ampla visão da realidade e atitude crítica diante dela", tendo "consciência das reais necessidades e possibilidades do cidadão" para um "viver cooperativo" (Cf. Parecer do CFE Nº215/87).

As afirmações contidas no Parecer (CFE) Nº215/87 são vazias, em alguns casos reducionistas, em outros genéricos, não constituem provas e deixam de responder a alguns questionamentos. Por exemplo: qual o amadurecimento do debate educativo que a Educação Física vem acompanhando? Em torno de quais anseios e reais necessidades da

sociedade brasileira isto está acontecendo? Principalmente se lembrarmos de que, segundo dados educacionais, de cada 1000 crianças que ingressam anualmente na 1ª série do 1º grau, 560 não conseguem aprovação para a 2ª série. Dessas 1000 crianças, somente 180 chegam ao final do 2º grau e, aproximadamente, só 7 ingressam na Universidade (LUCKESI, 1990). Com a informação desses dados educacionais, é difícil entender que a Educação Física e o Desporto possa "atender a todos os seres humanos e principalmente sem discriminações" (Cf. Parecer do CFE Nº215/87).

Após esta análise e levando-se em consideração que:

a) Atualmente, a maioria dos cursos superiores de Educação Física deveriam direcionar a Formação Profissional, pautada na Legislação Básica da Educação Física, segundo Parecer (CFE) Nº215/87;

b) As atividades-fins da Universidade que se resumem, de acordo com a Reforma Universitária (Art. 1º da Lei Nº5.540/68) em ensino, pesquisa e extensão à comunidade, estabelecendo o princípio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa;

c) Os estatutos das Universidades Públicas do Estado de São Paulo (UNESP, USP e UNICAMP) constam que o corpo docente deve exercer atividades inerentes ao sistema indissociável de ensino e pesquisa, adotando como regime preferencial de trabalho aquele que fixar a dedicação integral à docência e à pesquisa;

Portanto, mais uma vez questionamos:

Qual concepção hegemônica (se é que existe) estaria subjacente à produção acadêmica por parte do corpo docente dessas unidades em estudos?

Será novamente constatado uma concepção "Presentista - Idealista" que reescreve a história da Educação Física a serviço de um grupo hegemônico que molda o passado em função dos seus interesses presentes, tal qual esta concepção foi definida no decorrer deste estudo e marcante no Parecer do CFE Nº215/87?

II - OS DOCUMENTOS CURRICULARES DOS CURSOS SUPERIORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: USP (SÃO PAULO), UNESP (RIO CLARO) E UNICAMP (CAMPINAS).

1. O DOCUMENTO

Antes de iniciarmos o estudo dos documentos curriculares relativos aos cursos de graduação em Educação Física, oferecidos pelas três universidades em estudo, é importante entender os significados e funções dos "documentos".

Segundo SAMARAM In LE GOFF (1992): "Não há história sem documento" (p. 539).

GOODY, citado por LE GOFF (1992), considera que o documento escrito é uma forma da memória coletiva que apresenta duas funções principais: a primeira resume-se no armazenamento de informações, fornecendo ao homem um processo de marcação, memorização e registro. A segunda, uma vez que o documento escrito é uma forma de registro, permite ao homem reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas.

LE GOFF (1992) define que:

> (...) o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder (...) e ainda, (...) é antes de mais nada o resultado de uma montagem,

> consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante os quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (p. 547).

O historiador deve entender que todo o documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro - e falso. Verdadeiro, no sentido que atende aos interesses de quem o produziu, e falso, se olhando sob o ponto de vista de que este é uma verdade absoluta. Diante disso, os problemas da história podem ser resumidos numa só frase: "o questionar do documento" (FOUCAULT, 1969, p. 13).

Para LE GOFF (1992), o documento como um monumento:

> (...) é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos - monumentos (p. 547).

Vejamos o que os documentos curriculares dos Cursos Superiores de Educação Física, em estudos, nos apresenta, para procurarmos responder, após realização das entrevistas estruturadas com os docentes, até que ponto tais objetivos formulados nestes estão sendo correspondidos.

2. A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A Escola Superior de Educação Física de São Paulo foi a primeira escola civil destinada à preparação de professores de Educação Física. Fundada em 1931, com funcionamento a partir de 1934 e reconhecida pelo governo federal em 1940, foi incorporada ao Sistema Estadual de Ensino Superior em 1958. Desde 1969, é integrante da Universidade de São Paulo. Regulamentada pelo Decreto Estadual Nº 10.034, de 4 de março de 1934, a Escola teve seu reconhecimento obtido pelos decretos federais Nºs 5.723 e 16.531, respectivamente de 28 de maio de 1940 e 6 de setembro de 1944 e na qualidade de Escola Superior de Educação Física, em 1950, com publicação do Decreto nº19.819-F, de 11 de outubro de 1950, foi aprovado o seu Regimento Interno. Em 31 de dezembro de 1958, foi incorporada ao Sistema Estadual de Ensino Superior, através da Lei nº5.101. Com a instalação de sua Congregação da então Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, passou a integrar a Universidade de São Paulo pelo Decreto Estadual nº170, de 10 de dezembro de 1969, como Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (EEFUSP) (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física - USP), tendo as seguintes finalidades:

I - Ministrar, desenvolver e aperfeiçoar o ensino em Educação Física;

II - Formar docentes e especialistas em todos os ramos da Educação Física;

III - Realizar investigações científicas e técnicas;

IV - Prestar serviços à comunidade, tendo em vista a melhoria das condições de saúde da população. (Cf. Resolução 1767 de 8/1/80 - Baixa o Regimento da Escola de Educação Física).

O Curso de Licenciatura em Educação Física, no ano de 1982, apresentava como objetivo geral:

> Formar profissionais para atuarem na área da Educação Física, capacitando-os para desenvolverem funções específicas junto aos segmentos escolar e não-escolar da organização social (Cf. Estrutura curricular da Escola de Educação Física da USP).

Até 1991, na EEFUSP foi oferecido somente o curso de Licenciatura em Educação Física, atendendo à legislação específica e o currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física - USP).

A partir de 1992, passa a ser oferecido três cursos de forma distinta: Bacharelado em Educação Física, Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Esporte (aprovados pelo Conselho Universitário da USP, em 18/12/1990).

O curso de Bacharelado em Educação Física, em termos acadêmicos passa a ser oferecido no sentido de caracterizar o conteúdo específico da área de conhecimento e seu objeto de estudo. A preparação profissional é direcionada para a atuação junto a diversos segmentos da organização social, públicos e particulares, com exceção do segmento

escolar, no planejamento, implantação, implementação e avaliação de programas de Educação Física; possibilita, ainda, a aquisição integrada de conhecimentos e técnicas que permitam uma atuação em instituições e academias especializadas, centros comunitários, parques públicos, condomínios, hospitais, creches, etc. A atuação pode ocorrer ainda no sentido de prestação de serviços de assessoria e consultoria a órgãos públicos, empreendimentos particulares e meios de comunicação (revistas, jornais, emissoras de rádio e televisão) (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física da USP, 1992).

A Licenciatura em Educação Física, em termos acadêmicos passa a ser oferecida no sentido de expandir o entendimento e o conhecimento referente ao sistema e ao processo de escolarização. Em termos profissionais, é direcionada para a sua atuação junto ao segmento escolar institucionalizado da organização social, mais especificamente no ensino pré-escolar, de 1º e de 2º graus, no planejamento, implantação, implementação e avaliação de programas do componente curricular de Educação Física (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física da USP, 1992).

Considerando o Esporte como um fenômeno cultural e social de grande importância, o Bacharelado em Esporte passa a ser oferecido para ser estudado academicamente. Em termos acadêmicos, o curso de Bacharelado em Esporte é oferecido no sentido de caracterizar o conteúdo específico da área de conhecimento e seu objeto de estudo. Em termos profissionais, é direcionado para sua atuação em diversos segmentos da organização social, junto ao planejamento, implantação, implementação e

avaliação de programas e eventos esportivos; possibilita, ainda, a aquisição integrada de conhecimentos e técnicas que permitam uma atuação em clubes esportivos, federações e organizações esportivas nacionais e internacionais, incluindo o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Olímpico Internacional, e órgãos públicos municipais, estaduais e federais relacionados com o Esporte. A atuação pode ocorrer ainda no sentido de prestação de serviços de assessoria e consultoria a órgãos públicos, empreendimentos particulares e meios de comunicação (revistas, jornais, emissoras de rádio e televisão) (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física da USP, 1992).

O curso de Pós-Graduação, iniciou em março de 1977, com um Programa de Mestrado, na área de Educação Física, objetivando principalmente à capacitação de docentes para o Ensino Superior, assim como promover o desenvolvimento de conhecimentos científicos na área. Em 1989, foi criado o Programa de Doutorado, com área de concentração em Biodinâmica do Movimento Humano e o Programa de Mestrado volta-se para as seguintes áreas de concentração: Biodinâmica do Movimento Humano e Pedagogia do Movimento Humano (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física da USP, 1992).

As pesquisas realizadas por seu corpo docente e as dissertações e teses dos programas de Pós-Graduação são, entre outras: Condicionamento físico; Aspectos psicossociais do esporte; Desempenho esportivo; Traumatologia esportiva; História do Esporte; Avaliação de resistência/endurance; Efeitos agudo e crônico do exercício no sistema cardiovascular; Efeitos agudo e crônico do exercício na inter-relação

hormônios e substratos energéticos; Análise cinemática descritiva do movimento/diagnóstico do rendimento; Análise dinâmica do movimento - sobrecarga externa e interna; Suplementação nutricional e alterações metabólicas da atividade física; Processo adaptativo em aprendizagem motora; Preparação acadêmica e profissional em Educação Física; Administração da Educação Física Escolar; Conhecimento de resultados e feedback em aprendizagem motora; Ludomotricidade; Significado do movimento e consciência corporal; Desenvolvimento curricular em Educação Física; Asma e atividade física; Teoria de esquema e interferência contextual; Comunicação não-verbal e motricidade humana; A influência religiosa nas atitudes das pessoas em relação à Educação Física; e Análise dos padrões fundamentais de movimento (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física da USP, 1992).

Através do Serviço de Cultura e Extensão Universitária, é oferecido vários cursos à comunidade em geral, tendo por finalidade, além da prestação de serviços, proporcionar treinamento prático ao seu corpo discente e servir de campo de pesquisas em Educação Física e Esporte. O Laboratório de Fisiologia realiza avaliações cardiovascular, respiratória e metabólica, oferecendo ainda Programa de Condicionamento Físico Especializado para sedentários, cardiopatas e pessoas portadoras de fatores de risco cardiovascular. E o Laboratório de Pesquisas Aplicadas ao Esporte realiza testes e medidas relacionadas ao Esporte nas áreas de preparação física, técnica e psicológica em atletas e ainda oferece Programas de Treinamento para Esporte de Equipe e Individual, bem como exames médico-esportivos (Cf. Catálogos de Informações publicados pela Escola de Educação Física da USP, 1992).

2.1. PROPOSTA DE OFERECIMENTO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO A PARTIR DE 1992 (APROVADA PELO CONSELHO UNIVERSITÁRIO, EM SESSÃO DE 18/12/1990)

Bacharelado em Educação Física (novo)

Licenciatura em Educação Física (reformulado)

Bacharelado em Esporte (novo)

Justificativa (Resumo), segundo OLIVEIRA (1990):

O autor, através de evidências mostra que, a atuação do profissional de Educação Física, até então preparado através de Curso de Licenciatura, não ocorria tão somente em Escolas de 1º e 2º graus e nem sempre os alunos buscaram a preparação profissional com o objetivo principal de atuarem como professores no Ensino formal.

Afirma que na maioria das Unidades da Universidade de São Paulo é marcante a preocupação com o conteúdo específico de determinada área de conhecimento. Assim sendo, um curso de Licenciatura em Educação Física caracterizaria a preparação de profissionais para o ensino dessa área específica de conhecimento junto ao sistema escolar.

Para justificar a própria existência da Escola de Educação Física, como Unidade Universitária da USP, entende ser de vital importância a consolidação da Educação Física, enquanto área específica de conhecimento,. O oferecimento do curso de Bacharelado em Educação Física passa a ser essencial para esse processo de consolidação.

O Curso de Bacharelado em Educação Física poderá favorecer a proteção e a definição de qualificação profissional, uma vez oportunizada a implantação de entidades sindicais específicas, resultando na regulamentação da área.

Entende que o Esporte e a Educação Física, caracterizam-se ambos como áreas, com fenômenos distintos, e com objetivos diferentes e que devem ser estudados academicamente.

O curso de Bacharelado em Educação Física é proposto para caracterizar o conteúdo específico da área de conhecimento e seu objeto de estudo, a Licenciatura em Educação Física é reformulada, para melhor capacitar e caracterizar a atuação profissional no sistema escolar, e o Bacharelado em Esporte visa caracterizar o conteúdo específico da área de conhecimento e seu objeto de estudo.

Enfim, o autor coloca que tal proposta:

> inclui-se num projeto maior em que se visualiza, para o futuro, a existência de uma área acadêmica (interdisciplinar), preocupada com o estudo do ser humano, enquanto envolvido em atividades motoras, talvez, para início de discussão: Cineantropologia, ou Cinesiologia, ou Motricidade Humana, relacionada com o oferecimento de um Curso de Graduação (Bacharelado em Cineantropologia, ou em Cinesiologia, ou em Motricidade Humana), com diversas habilitações profissionais academicamente orientadas (em Educação Física, em Esporte, em Dança, em Fisioterapia, em Ergonomia).

2.2. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, SEGUNDO OLIVEIRA (1991)

Afirma que o não oferecimento do Bacharelado em Educação Física tem canalizado para a Licenciatura em Educação Física um falso contingente de candidatos ao magistério que não pretendem assumir um compromisso com a causa escolar. É formado um "professor" distante de suas reais necessidades profissionais, repercutindo num baixo nível de ensino da Educação Física na Escola.

Considera que todas as áreas de atuação profissional que dependem de preparação universitária, devem compreender um corpo teórico de conhecimento que fundamenta as suas especificidades. Dessa forma, também a Educação Física necessita ter definido o seu campo único de conhecimento teórico, independentemente do local de atuação de seus profissionais: quer na área escolar ou na área não-escolar o objeto de estudo da Educação Física deve ser o mesmo.

A Educação Física enquanto componente curricular no 1º e 2º graus, deve ser trabalhada de forma ampla e em todas as suas dimensões. Considerando que a preparação e formação universitária de um "Professor" não ocorre tão somente através das disciplinas: "Introdução aos Estudos da Educação", "Psicologia da Educação", "Estrutura e Funcionamento do Ensino de Primeiro e Segundo Graus", "Didática" e "Prática de Ensino I e II", a Escola passa a oferecer as seguintes disciplinas: Dimensão Histórica da Educação Física Escolar, Dimensão Filosófica da Educação Física Escolar, Dimensão Antropológica da Educação Física Escolar,

Dimensão Sociológica e Política da Educação Física Escolar, Dimensão Econômica e Administrativa da Educação Física Escolar, Medidas e Avaliação em Educação Física Escolar.

Finaliza o documento nos deixando os seguintes questionamentos:

> Além do domínio específico de determinada área de conhecimento, quais assuntos sobre "Educação/Escolarização" devem ser dominados e conhecidos pelo licenciando? Não deveriam ser estes assuntos prioritários em relação à própria área de conhecimento específico? Se assim for entendido, o Bacharelado em determinada área de conhecimento tem razão de ser considerado como requisito? A preparação de "pedagogo" não deveria ser melhor diferenciada da preparação de professor?

3. O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E TÉCNICO DESPORTIVO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA DO CAMPUS DE RIO CLARO

A Proposta Curricular para a Instalação do Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo (1983) da Universidade Estadual Paulista - Campus de Rio Claro, apresentava, entre outras, as seguintes justificativas:

> O despertar do interesse pela prática de atividades físicas e uso adequado das horas de lazer é um fenômeno irreversível na sociedade brasileira moderna (p. 01).
>
> Paralelamente a essa nova dimensão cultural, desde a década de 70, o governo federal vem tomando várias medidas de ordem legal visando apoiar, controlar e incentivar o hábito da prática do desporto e da recreação como elementos integrantes da Educação Física, meio de manutenção e desenvolvimento da saúde do indivíduo, além de se constituir em construto educacional da maior significância na formação integral do ser humano (p. 02).
>
> Um curso de Licenciatura plena em Educação Física requer um conjunto de disciplinas de formação biológica, pedagógica, profissional específica e de formação geral (p. 02)
>
> O curso proposto neste documento atenderá às exigências curriculares mínimas determinadas pelo Conselho Federal de Educação (Parecer nº894/69 e Resolução nº69/69) quanto à carga horária, duração e conteúdo" (p. 03).

O curso de Licenciatura Plena em Educação Física deverá ter o seguinte objetivo e definições:

> Habilitar profissionais para atuarem na área de Educação Física, capacitando-os para desenvolverem funções de ensino e orientação técnica específica junto aos segmentos escolar e não-escolar da população (p. 03).

> Educação Física - Parte integral do processo educacional, ligada às Ciências Biológicas e da Saúde, caracterizada pelo estudo e aplicação de atividades físicas específicas (exercícios, jogos, desportos, danças e atividades aquáticas), objetivando a manutenção e desenvolvimento da saúde funcional dinâmica do ser humano (p. 04).

O curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo do Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro foi autorizado a funcionar pela Resolução UNESP Nº9, de 23 de março de 1983, e suas atividades didáticas iniciaram-se em 1984.

3.1. A REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR

Baseado na nova Legislação - O Parecer Nº215/87 - que reestrutura os cursos de graduação em Educação Física no país, é proposto por esta instituição (Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro) uma reestruturação do Curso de Licenciatura em Educação Física e a criação do Curso de Bacharelado em Educação Física.

Neste documento é deixado claro que tanto o Bacharel como o Licenciado utilizam do movimento humano como instrumento de atuação. Assim sendo, ambos necessitam dominar um corpo de conhecimento básico. Conseqüentemente, a diferenciação deverá ocorrer no que diz respeito aos conhecimentos necessários à sua atuação profissional.

O Licenciado estará relacionado com a Educação Física enquanto componente curricular, devendo estar comprometido com os aspectos da escolarização.

O Bacharel terá seu campo de atuação em clubes, academias, instituições públicas e privadas de recreação, lazer e desporto comunitário, devendo ser antes um especialista em atividades físicas.

É afirmado neste documento que poderá haver uma diferenciação adicional através da vinculação do Bacharel com o exercício da atividade acadêmica, em instituições de estudos e pesquisas em Educação Física.

Justifica a proposta dizendo que a formação de recursos humanos para a Educação Física tem levado à preparação de profissionais demasiadamente práticos e generalistas, impossibilitando desta forma o aprofundamento de estudos em área de interesse do graduando. Conseqüentemente, os alunos recém-formados, não tem a necessária qualificação, nem para atuarem na produção de conhecimentos que possam caracterizar a Educação Física como um campo de conhecimento e nem para o exercício da profissão nos inúmeros segmentos do mercado de trabalho.

Por julgarem ser necessária a existência de um corpo de conhecimentos para apoiar a profissão, a criação do curso de Bacharelado contribuirá para a consolidação da Educação Física enquanto disciplina acadêmica ou área do conhecimento.

Assim sendo, o curso de Bacharelado deverá:

> a) ocupar-se da preparação de pessoal para atender às exigências atuais da sociedade no que diz respeito à atividade física; b) oferecer uma formação generalista que possibilite a aquisição de uma visão da atuação em

> diferentes segmentos do mercado de trabalho, possibilitando, ao mesmo tempo, um aprofundamento de conhecimento no campo de interesse do aluno para sustentar sua ação como profissional; c) viabilizar a preparação inicial de pessoal com vocação para o exercício da atividade acadêmica em instituições de estudos e de pesquisa em Educação Física, buscando a caracterização e o desenvolvimento do seu campo de conhecimentos (p. 10).

Preocupados com a evidente descaracterização dos cursos de Licenciatura que em grande parte dos casos, não passam de uma habilitação formal, obtida supletiva e complementarmente às demais disciplinas curriculares, sem ter com elas qualquer relação, é urgente a formação de um educador profissional realmente comprometido com o sistema escolar de 1º e 2º graus.

O novo educador profissional em Educação Física deverá ter uma:

> visão profunda da função social da escola, de sua história, problemas e perspectivas na sociedade brasileira; compreender o papel de sua disciplina no contexto curricular, seus objetivos gerais e específicos, enquanto meio de educação formal na pré-escola, 1º e 2ºgraus. Deve dominar os conhecimentos, técnicas e habilidades necessárias à elaboração, execução e avaliação de programas de atividades físicas adequadas ao pré-escolar e ao aluno de 1º e 2º graus. Isto inclui um conhecimento profundo da criança e do jovem, suas necessidades e interesses no contexto brasileiro (...). Também na Licenciatura deverá haver uma preocupação permanente com a formação de uma atitude científica (...) (p. 11).

Para esta reestruturação, a proposta é pautada nas seguintes definições de termos:

> Motricidade Humana: É entendida como o objeto de estudo da disciplina acadêmica Educação Física, ou seja, o homem em movimento no contexto de uma atividade física, considerado em suas dimensões biológicas, psicológicas, sociais e filosóficas. É em torno da compreensão deste objeto que a

> Educação Física enquanto disciplina acadêmica, organiza e constrói seu corpo de conhecimentos (p. 12).
>
> Educação Física: O termo é entendido vinculado à atividade profissional em Educação Física, Esporte, Dança e Recreação, e como um componente curricular do ensino pré-escolar, de 1º e 2º graus que se utilizam das atividades físicas para alcançar objetivos de ordem educacional (p. 13).
>
> Esporte: é entendido como a atividade física que se caracteriza pela institucionalização, e formalização, competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, busca do rendimento máximo e regras preestabelecidas convencionadas universalmente, cujo objetivo é designar o melhor concorrente ou a melhor performance (p. 15).

Os critérios para elaboração do fluxo e da estrutura curricular foram os seguintes:

> A Formação Geral delineia o caráter múlti e inter-disciplinar da Educação Física, abordando os conhecimentos básicos nas áreas de interesse no estudo da motricidade humana. No curso de Bacharelado procura-se caracterizar mais o conhecimento específico da Educação Física enquanto disciplina acadêmica, qual seja, as dimensões filosóficas, sociológicas, históricas e fisiológicas da motricidade humana. Na Licenciatura procura-se enfatizar o conhecimento aplicado ao fenômeno educativo do ponto de vista filosófico, sociológico e psicológico (p. 20).
>
> (...) A diferenciação entre o Bacharelado e a Licenciatura reside basicamente na inclusão, neste último, de um elevado número de créditos relacionados ao conhecimento pedagógico, em especial no contexto escolar, e a inclusão da área de administração no Bacharelado (p. 22).

Segundo BARROS (1993), o curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP teve um início atribulado. O curso deveria, ao mesmo tempo, estar atendendo ao esporte de competição e à pesquisa acadêmica. A qualificação técnica do corpo docente era primordial para atender ao possível surgimento do esporte

universitário e, simultaneamente, integrar-se no quadro já conceituado de pesquisadores do Instituto de Biociências. Como? Logo, surgiram contradições. Com a possibilidade de implementação de dois cursos de graduação em Educação Física, a Licenciatura e mais o Bacharelado, tal situação passou a ser amenizada. Pois:

> O Instituto de Biociências reconheceu que mantendo somente a licenciatura como no passado, não se atenderia as possibilidades acadêmicas da Educação Física e o interesse dos alunos. Além disso, a existência somente da licenciatura iria continuar a contribuir para a supervalorização do conhecimento pedagógico em detrimento do conhecimento específico da área de Educação Física (p. 04).

Assim sendo, foi possível caracterizar o perfil profissional, segundo BARROS (1993), da seguinte forma:

> O perfil definido para os dois profissionais egressos, prevê uma forte base de conhecimentos na área específica, com visão ampla dos atuais problemas sociais, políticos e econômicos do país. O currículo leva em consideração o potencial do aluno para a ação profissional no mercado de trabalho e, também, as possibilidades dos estudos de pós-graduação (pp. 04-05).
>
> No curso de bacharelado em Educação Física é enfatizado o conhecimento específico da motricidade humana. Este conhecimento é relacionado ao ser humano em movimento, no contexto de uma atividade física, considerando os aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos e filosóficos. Neste programa o aprofundamento do conhecimento é definido de acordo com os interesses dos alunos e das condições e características da Instituição. No caso, possibilita concentração nos seguintes campos de atuação profissional: Recreação e Lazer, Esporte de Alto Nível, Exercício e Saúde, Educação Física Adaptada. Uma formação geral de nível superior e profundo conhecimento da área específica, com a competência necessária para a elaboração, execução e avaliação de programas de atividades físicas, adequadas à sua clientela retrata o perfil deste bacharel.
>
> A licenciatura é particularmente voltada para a preparação do profissional do ensino de 1º e 2º graus, o professor,

sendo enfatizado o conhecimento da motricidade humana aplicado ao fenômeno educativo. Este educador profissional egresso, com formação de nível superior e profundo conhecimento da área específica e afim, a educação formal, deve possuir uma visão da função social da escola, de sua história, problemas e perspetivas na sociedade brasileira. Deve compreender o papel da Educação Física no contexto curricular e seus objetivos no processo da educação formal. Deve, ainda, dominar as técnicas e habilidades necessárias à elaboração, execução e avaliação de programas adequados aos seus alunos. Isto inclui um conhecimento profundo da criança e do jovem, suas necessidades e interesses em relação à atividade motora no contexto brasileiro. Sua formação acadêmica deve compatibilizar o embasamento multidisciplinar necessário a um educador com a formação em Educação Física.

4. A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Em 17 de setembro de 1984, através do Centro Desportivo ATREFE "Idyllio Alcântara de Oliveira Abbade", foi emitido o ofício Atrefe Nº212/84 ao Magnífico Reitor da UNICAMP Profº Drº José Aristodemo Pinotti.

Este documento constava das seguintes justificativas para a instalação do Curso Superior de Educação Física na UNICAMP:

> Quanto à sua necessidade, permito-me destacar apenas alguns pontos, pois creio que, após os índices obtidos pelo Brasil nas últimas Olimpíadas de julho/agosto pp. são suficientes para demonstrar a necessidade da existência de um trabalho sério e constante nessa área (TOJAL, 1984, p. 01).

> Além dos desportos, podemos ainda citar a necessidade de se formar profissionais capazes de cuidar da Educação Física pelo seu próprio embasamento, como uma forma preventiva para a consecução da boa saúde através da obtenção de hábitos salutares. Na atualidade temos visto a criação de uma infinidade de academias e outros tipos de atividades dirigidas, porém, temos visto também que bem poucos sabem informar por que fazem, e qual o resultado fisiológico que esperam obter de cada tipo de exercício, de cada fase de condicionamento (TOJAL, 1984, pp. 01-02).

> As academias de hoje aproveitam a oportunidade do modismo e lançam-se na luta pela conquista do mercado sem contudo preocuparem-se com os resultados futuros (TOJAL, 1984, p. 02).

> O que desejamos é que a Educação Física seja vista científica e educacionalmente como benéfica, e orientada não como modismo ou mercantilizada (TOJAL, 1984, p. 02).

Qual é a razão histórica-social que leva à elaboração destes pensamentos no contexto da Educação Física? Será uma concepção mecanicista que está implícita?

Esta linguagem, não é senão a história da Educação Física, como resultado de um comportamento subjacente a uma concepção mecanicista.

A produção deste conhecimento subentende uma construção mecanicista da teoria do reflexo em que:

> (...) o objeto do conhecimento atua sobre o aparelho perceptivo do sujeito que é um agente passivo, contemplativo e receptivo; o produto deste processo - o conhecimento - é o reflexo, a cópia do objeto, reflexo cuja gênese está em relação com a ação mecânica do objeto sobre o sujeito (...) (SCHAFF, 1987, p. 73).

Verifica-se também um modelo:

> (...) idealista e ativista: a predominância, se não a exclusividade, volta ao sujeito que conhece, que apercebe o objeto do conhecimento como sua produção, a atenção está centrada sobre o sujeito a quem se atribui mesmo o papel de criador da realidade, o objeto do conhecimento desaparece, mas o papel do sujeito ganha por isso mais importância (...) (SCHAFF, 1987, p 74).

4.1. CATÁLOGOS DE GRADUAÇÃO DA FEF - UNICAMP

O profissional de Educação Física, seja o Bacharel ou o Licenciado, nos Catálogos de Graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, correspondente aos anos de 1985 a 1989, é definido de acordo

com sua atuação em termos de mercado de trabalho. Observamos uma preocupação em certificar que este poderá também atuar na área da pesquisa científica.

O Bacharel em Técnica Desportiva:

> Poderá atuar na área de Pesquisa Científica ou em outras que envolvam a Educação Física e Desportos, poderá ainda atuar como Técnico Desportivo de modalidades cursadas ou como Administrador desportivo, em Assessoria Técnica Desportiva, como planejador e executor de projetos de trabalhos vinculados a estudo e aproveitamento de materiais esportivos e fisioterápicos visando fins sócio-culturais Poderá atuar como Professor Universitário (Cf. Catálogos de Graduação, FEF - UNICAMP, 1985-1989).

O Licenciado em Educação Física:

> Poderá atuar como Professor em nível de primeiro e segundo graus. Complementando seus estudos, poderá obter o Bacharelado em Técnica Desportiva.
>
> O graduado em qualquer das modalidades poderá ingressar nos cursos de pós-graduação visando, o mestrado e o doutorado (Cf. Catálogos de Graduação, FEF - UNICAMP, 1985-1989).

As ementas (Cf. Catálogos de Graduação, FEF - UNICAMP) das disciplinas curriculares mantêm-se idênticas desde o ano de 1985 a 1989.

Em 1990, essa Faculdade apresenta um novo Currículo para os Cursos de Graduação em Educação Física, subdividido da seguinte forma:

Educação Física:

O Profissional: Bacharel

> Modalidade Treinamento em Esportes - Poderá atuar na área de pesquisa científica ou em outras que envolvam a Educação Física e Esportes; poderá ainda atuar como Técnico em

> Esportes de modalidades cursadas ou como Administrador Esportivo em Assessoria Técnica Esportiva.
>
> Modalidade Recreação e Lazer - Poderá atuar na pesquisa científica, planejamento, administração e animação de projetos ligados ao fenômeno psico-social Recreação e Lazer, tanto em instituições públicas como privadas.
>
> Licenciado:
>
> Poderá atuar no planejamento, execução e avaliação da Disciplina Educação Física no ensino formal, nas escolas de primeiro e segundo graus. Deverá elaborar programas da Disciplina para todas as séries, dentro de uma perspectiva crítica, numa reflexão radical (Cf. Reestruturação Curricular, FEF - UNICAMP, 1990).

É observável que a mudança curricular, além de apresentar uma nova modalidade: Bacharel em Recreação e Lazer, preocupa-se em atender ao "fenômeno psico-social, dentro de uma perspectiva crítica, numa reflexão radical" (Cf. Reestruturação Curricular, FEF - UNICAMP, 1990).

O novo Currículo apresenta novas disciplinas (Cf. Reestruturação Curricular, FEF - UNICAMP, 1990), com ementas reformuladas, relevando em algumas disciplinas, de uma forma mais efetiva, aspectos relacionados a fatores sociais, implicações ideológicas, alienação, visão histórica e filosófica, planejamento, organização e execução de programas de ensino de modalidades esportivas, direcionados para os diversos segmentos da sociedade, com ênfase à realidade brasileira. Exemplos:

> Ludomotricidade I:
> Ementa: Análise filosófica do comportamento motor típico das atividades lúdicas. Reflexões sobre o jogo, o esporte, a dança, a brincadeira e a festa, envolvendo os componentes da

alegria, divertimento e desenvolvimento. Implicações ideológicas e ação contra-ideológica (grifo nosso).

Desenvolvimento Neuromotor:
Ementa: Diferentes etapas do desenvolvimento motor. Caracterização psico-motora da criança nas fases pré-escola e escolar. Avaliação dos estágios psicomotores. Relação entre desenvolvimento motor e fatores sociais (grifo nosso).

Relações entre Educação Física, Recreação e Estudos do Lazer:
Ementa: Abordagem interdisciplinar da recreação e lazer; conceitos, conteúdos, barreiras para a sua prática e o papel do animador cultural, com ênfase à realidade brasileira (grifo nosso) e à motricidade, como atividade de lazer.

Natação:
Ementa: Planejamento, organização e execução de programas de ensino em natação para os diversos segmentos da sociedade (grifo nosso). Organização de competições e preparação global do atleta e da equipe.

Ginástica Aeróbica:
Ementa: Aspectos históricos (grifo nosso) do exercício aeróbico. Conceituação de ginástica aeróbica. Desenvolver programas de capacidade aeróbica. Programas de ginástica aeróbica e condicionamento físico.

4.2. A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS E SUA AUTO-AVALIAÇÃO

O curso superior de Educação Física da UNICAMP, criado em 1985, passou por um processo de auto-avaliação no ano de 1991, culminando na produção de um documento intitulado AUTO AVALIAÇÃO - 1991, FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Constatamos, entre o ano de sua criação ao ano de sua avaliação (1991), mudanças significativas, entre outras, como:

1) Contratação de um significado número de docentes, de 17 para 52 atualmente;

2) Criação da Pós-graduação (com implantação de cursos de especialização e mestrado); atualmente com proposta de criação do curso de doutorado;

3) Qualificação do corpo docente (com apenas um mestre, atualmente possui 13 doutores, 10 doutorandos, 15 mestres e 14 mestrandos;

4) Mudanças substanciais no currículo de graduação. De uma Licenciatura e um Bacharelado em técnicas de Desportos, passa-se para uma Licenciatura e dois Bacharelados: Recreação e Lazer e Treinamentos em Esportes;

5) Implanta-se o Curso Noturno (1992), com uma modalidade do Bacharelado;

6) Oferecimento de Cursos de Especialização em: Educação Física Escolar, Recreação e Lazer, Educação Física no 3º Grau, Metodologia da Pesquisa Científica e Educação Física Adaptada;

7) Definiu-se como áreas de pesquisa : Educação Motora, Estudos do Lazer, Ciências do Esporte e Estudos da Educação Física Adaptada.

No que diz respeito a Pós-Graduação, o documento (Auto Avaliação - 1991 - Faculdade de Educação Física), apresenta os seguintes quadros: Evolução dos Programas de Cursos (Curso de Especialização em Teorias e Métodos de Pesquisa em Educação Física - 1986 a 1989; Curso de Especialização em Exercício Físico e Saúde - 1988 a 1989; Curso de Especialização em Teorias do Treinamento Desportivo - 1988 a 1989; Curso de Especialização em Educação Física Escolar - 1988 a 1992; Curso de Especialização em Educação Física no 3º Grau - 1990; Curso de Especialização em Recreação e Lazer - 1991 a 1992; Curso de Especialização em Educação Física Adaptada - 1992; Curso de Mestrado em Educação Física - 1988 a 1993; Curso de Doutorado em Educação Física - 1993); evolução dos alunos matriculados nos cursos de pós-graduação (Curso de Especialização - 1986, apresentava 30 alunos e 1992, apresentava 100 alunos; Curso de Mestrado - 1988, apresentava 10 alunos e 1991, apresenta 16 alunos); fluxo de saída dos cursos de mestrado (Defesa de Tese - 1991, houve 3 teses defendidas e 1992, como previsão, 9 teses); número de disciplinas oferecidas (Curso de Especialização - 1986, eram oferecidas 2 disciplinas e 1992, 19 disciplinas, Curso de Mestrado - 1988, eram oferecidas 9 disciplinas; 1989, 16 disciplinas; 1990, 10 disciplinas, 1991; 15 disciplinas e 1992, 9 disciplinas); evolução de titulação do corpo docente envolvido em cursos da pós-graduação (Professores Mestres em 1986, somavam 4, em 1992, 6 mestres; Professores Doutores, somavam 4 em 1986 e em 1992, manteve o mesmo número).

O documento em questão apresenta uma relação de dados quantitativos, deixando a desejar em termos de uma avaliação qualitativa.

O documento deixa claro que o curso de mestrado era desenvolvido de forma desintegrada com a graduação. Era ou é?

Entendemos que o fortalecimento dos Departamentos como célula básica da unidade, tanto acadêmica quanto administrativa, estará na projeção das iniciativas da pós-graduação a partir das áreas de concentração e linhas de pesquisa que representam. Interessante observar que as pesquisas voltadas para os problemas da área de Educação Física nesta Faculdade se deram pela contratação de docentes especialistas em outras áreas afins como: biologia, medicina, psicologia, história, sociologia, etc. Ou seja, as pesquisas parecem ser desenvolvidas muitas mais de acordo com a especialidade de cada docente, do que propriamente segundo um projeto único de pesquisa que reflita sobre o estado geral desta área de estudo.

Compreendem a importância em contribuir no processo de titulação do corpo docente avaliando sua evolução. Entretanto não deixa claro como será realizada esta avaliação. Será novamente segundo dados estatísticos?

Com relação à Graduação, o referido documento, afirma que, com um currículo de graduação estruturado para o Bacharelado em Técnico Desportivo (2.610 horas) e Licenciatura em Educação Física (2.940 horas), o curso já apresentava uma estrutura curricular diferenciada das

demais Escolas de Educação Física do país. Não nos deixa, porém, melhores explicações sobre esta diferenciação.

Em 1990, foi implantado um novo currículo, com Bacharelados em Treinamento e Esportes (2.970 horas), Recreação e Lazer (3.030 horas) e com Licenciatura em Educação Física (3.030 horas), apresentando significativas mudanças na concepção do profissional de Educação Física, enfatizando a questão da Motricidade Humana, como tema maior. Não deixa claro sobre como entender cursos de Bacharelado e Licenciatura que têm como balizamento a matriz teórica da Motricidade Humana, ou seja, quais são as significativas mudanças?

Segundo avaliação do currículo antigo em suas propostas de formação profissional, afirma que as disciplinas (com algumas ressalvas) apresentaram conteúdos adequados ao perfil profissional proposto e ainda que este profissional não esteja encontrando dificuldade em sua colocação no mercado de trabalho. Qual é o perfil profissional proposto? Dados baseados em quais parâmetros?

A integração Ensino, Pesquisa, Extensão não tem uma estrutura definida, como é afirmado neste documento. Ou seja, o corpo docente não consegue responder às atividades-fins da Universidade? De que forma estas são desenvolvidas?

Procuraremos tais respostas, bem como, verificaremos como os documentos curriculares evidenciados neste capítulo, no que diz respeito

à formação profissional e reestruturação curricular estão sendo correspondido, através dos depoimentos dos docentes a serem coligidos.

III - EDUCAÇÃO FÍSICA E HEGEMONIA.

1. A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CRISE OU, ANTES DE TUDO, A CIÊNCIA?

Segundo PARLEBAS (1987), a Educação Física vivencia uma fase crítica em sua evolução. Crise que se dá em quatros planos: técnico, formação - atuação profissional e pesquisa.

As técnicas se multiplicam; a cada ano vêm surgindo novas práticas desportivas: windsurfe, asa delta, bicicross, esqui-acrobático, entre outras.

Novos métodos são criados: eutonia, psicocinética, aeróbica, entre outros.

No que diz respeito à atuação profissional, os objetivos a serem desenvolvidos se perdem frente aos campos de trabalho: escola - educação - esporte de competição - clubes - lazer - acampamentos - clínicas - reeducação - etc.

A formação do profissional de Educação Física é caracterizada por uma justaposição de conhecimentos acadêmicos de anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia, etc.

Com relação à pesquisa, não existe uma linha própria e é desenvolvida por modo indireto através de outras ciências: biologia, sociologia, filosofia, etc.

Segundo CAPRA (1987) existe, porém, uma só crise:

> Estou convicto de que, hoje, nossa sociedade como um todo encontra-se numa crise análoga. Podemos ler acerca de suas numerosas manifestações todos os dias nos jornais. Temos taxas elevadas de inflação e desemprego, temos uma crise energética, uma crise na assistência à saúde, poluição e outros desastres ambientais, uma onda crescente de violência e crimes, e assim por diante. A tese básica do presente livro é de que tudo isso são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção. Tal como a crise da física na década de 20, ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta - a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana-newtoniana - a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece (CAPRA, 1987, p. 14).

Uma crise mundial, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida: a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política, das dimensões intelectuais, morais e espirituais (CAPRA, 1987).

Intelectuais especialistas em economia, oncologia, psiquiatria, entre outros, estão incapazes de lidar com problemas significativos que surgem em suas próprias áreas de especialização,

respectivamente, com relação, por exemplo, ao entendimento da inflação, câncer e esquizofrenia (Cf. CAPRA, 1987).

CAPRA (1987) relata que:

> Nos Estados Unidos, os presidentes costumavam recorrer a pessoas do mundo acadêmico em busca de assessoramento, fosse diretamente ou através dos brain trusts e think tanks criados explicitamente para aconselhar o governo em várias questões políticas. Essa elite intelectual responsável pela 'tendência predominante do pensamento acadêmico' quase sempre esteve de acordo sobre o âmbito conceitual básico subentendido em seus pareceres. Hoje, no entanto, esse consenso deixou de existir. Em 1979, o Washington Post publicou uma história com o título 'O armário de idéias está vazio', na qual pensadores preeminentes admitiam ser incapazes de resolver os mais urgentes problemas políticos da nação. Segundo o Post, conversas com destacados intelectuais em Cambridgé, Massachusetts e Nova York, de fato, não só confirmam que a corrente principal das idéias se dividiu em dúzias de riachos, mas que, em algumas áreas, secou por completo. Um dos entrevistados, Irving Kristol, professor de urbanismo do Henry R. Luce, na Universidade de Nova York, declarou estar se demitindo de sua cátedra porque já não tenho nada a dizer. Penso que ninguém tem. Quando um problema se torna extremamente difícil, perdemos o interesse por ele (CAPRA, 1987, p. 23).

Entretanto, a crise de idéias da maioria dos intelectuais constitui-se no fato de o mundo acadêmico subscrever percepções estreitas da realidade, as quais são inadequadas para enfrentar os principais problemas de nosso tempo. Principalmente, no âmbito da metodologia de nossas disciplinas acadêmicas, sendo desenvolvida de forma fragmentada.

Conforme KERR (1966), citado por KOURGANOFF (1990):

> (...) desde 1930 as universidades americanas vêm sendo amplamente e especificamente orientadas no sentido da

> pesquisa e do abandono do dever para com o ensino. Desde essa época o generalista foi destituído pelo especialista, o filósofo transformado em pesquisador, o médico substituído pelo biólogo e o conjunto da Universidade se organizou de acordo com o princípio do primado da pesquisa (p. 99).

A Universidade perde de vista sua missão formadora, simbolizada pelo termo docente-pesquisador, tão bem clara nos estatutos universitários, quando seu quadro docente não responde eficientemente ao acoplamento ensino-pesquisa (KOURGANOFF, 1990).

Ambigüidade que gerou desequilíbrios, abusos e negligências claras ou ocultas em favor de uma das funções em detrimento da outra. E, que se torna ainda mais nociva quando confere às atividades de pesquisa muito mais prestígio (KOURGANOFF, 1990).

Se não bastassem esses dois fatores, o docente deve preocupar-se ainda, com questões relacionadas ás atividades de extensão á comunidade e administrativas.

Como nos afirma KOURGANOFF (1990):

> Apenas alguns raros indivíduos, por serem excepcionalmente dotados, são capazes de levar adiante simultaneamente um ensino elementar de alta qualidade e uma pesquisa verdadeiramente brilhante, e ainda se ocupar ativamente da gestão universitária (p. 97).

Entretanto, a pesquisa vista como o grande mito da época moderna, salvadora da humanidade, passou a ser uma atividade ilustre, quase sagrada (KOURGANOFF, 1990). Assim sendo,

> a escala de valores que dominam as universidades fazem com que a estima e a simpatia se dirijam não àquele que possibilita, com mais dedicação e da maneira mais eficaz, o despertar e o futuro dos alunos que mais necessitam de um bom ensino, mas àquele que obtém o melhor resultado na pesquisa (KOURGANOFF, 1990, p. 104).

A eficácia pedagógica não é considerada na carreira de um professor universitário. "A produtividade de um docente do Ensino superior nunca é medida por sua contribuição à formação dos estudantes" (KOURGANOFF, 1990, p. 107).

2. O PENSAMENTO HISTÓRICO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Apesar de os profissionais em Educação Física serem unânimes em reconhecer a importância de se questionar a formação profissional, descobrem-se divergências e similitudes essenciais entre os diferentes pensadores no transcorrer do processo histórico desta área de estudos.

Por quê? O que define as divergências e similitudes de pensamentos sobre um único problema?

A resposta a esta pergunta constitui o essencial do presente capítulo, principalmente se entendermos que tais pensamentos influenciam não só os contemporâneos, mas também as gerações seguintes.

Não obstante, o que nos propomos fazer é analisar pensamentos escritos por esses profissionais que, quando relatam sobre a formação do professor de Educação Física, parecem estar convencidos de terem realmente discernido uma "verdade absoluta". Do ponto de vista do conhecimento é-nos interessante analisar a evolução do pensamento histórico que se produz.

TANI (1988) identifica duas tendências principais, ligadas à história da Educação Física:

> (...) aquela que considera a atividade física como fator de terapia e profilaxia, estabelecendo como objetivo da

> educação física e melhoria da aptidão física, e, aquela que considera a educação física como integrante da educação como um todo, considerando a atividade física como sendo um elemento importante para que os objetivos da educação sejam alcançados (...) (p. 10).

Conforme GEBARA (1992):

> (...) é possível distinguir tipos de educação física. Inicialmente foi possível detectar uma forte vertente proveniente das ciências médicas, concentrando em primeiro momento suas preocupações nos aspectos pediátricos e higiênicos (sec.XIX), evoluindo posteriormente para articular-se com a educação, conforme foi visto com o trabalho de Pedro Mello. Já com as proposições de Pereira de Abreu, a educação física parte de uma necessidade instrucional, que evolui da disciplinarização do corpo para formação de um novo homem cidadão, reprodutor de valores e normas incorporada instrucionalmente a partir da ginástica (p. 18).

Segundo GHIRALDELLI (1988), é possível resgatar cinco tendências da educação física brasileira:

- Educação Física Higienista (até 1930);
- Educação Física Militarista (1930 - 1945);
- Educação Física Pedagogicista (1945 - 1964);
- Educação Física Competitivista (pós 64) e
- Educação Física Popular.

Para a concepção Higienista (até 1930), a saúde estava em primeiro plano, não só como responsável pela formação de homens e mulheres sadios, mas também como meio para resolver o problema da saúde pública através da educação.

> (...) a educação física higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas. Em verdade, ela age como protagonista num projeto de assepsia social (...) (p. 17).

Confirmando esta concepção classificada pelo autor GHIRALDELLI(1988), temos, por exemplo, as palavras de BARBOSA, citado por MARINHO (1971), dizendo que:

> (...) Os sacrifícios de que dependem estas inovações parecem-nos mais que justificadas, se é certo que a ginástica, além de ser o regime fundamental para a reconstituição de um povo cuja virilidade se depaupera, e desaparece de dia em dia a olhos vistos, é, ao mesmo tempo, um exercício eminentemente, insuperavelmente moralizador, um germe de ordem e um vigoroso alimento da liberdade. Dando à criança uma presença ereta e varonil, passo firme e regular, precisão e rapidez de movimento, prontidão no obedecer, asseio no vestuário e no corpo, assentamos insensivelmente a base de hábitos morais, relacionados pelo modo mais íntimo como o conforto pessoal, e a felicidade da futura família; damos lições práticas de moral, talvez mais poderosas do que os preceitos inculcados verbalmente (p. 55).

A Educação Física Militarista (1930 - 1945) visava estabelecer na sociedade padrões de comportamento estereotipados, próprios ao regime de caserna (GHIRALDELLI, 1988).

> (...) o objetivo fundamental da Educação Física Militarista é a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. Para tal concepção, a educação física deve ser suficientemente rígida para elevar a Nação à condição de servidora e defensora da Pátria (p. 18).

Novamente, confirmando a classificação elaborada pelo autor em referência, comprovamos com as afirmações citadas a seguir de lideres políticos da época:

Para VARGAS (1947), a Escola Nacional de Educação Física competia preparar mestres de cultura física, "que possam desenvolver o gosto pelos cuidados do corpo e da saúde, com o fim de melhorar a resistência da raça" (pp. 81-82).

FIGUEIREDO (1941), Tenente-Coronel do Exército, afirmou que:

> Atrás da educação física vem a educação moral e cívica (...). Entoando hinos nacionais e marchando nos dias festivos garbosa e contente de sua terra, a juventude brasileira teria a certeza de um Brasil melhor (p. 5).

A Educação Física Pedagogicista (1945 - 1964): é a concepção que procura identificar a Educação Física, não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como uma prática eminentemente educativa, que através da educação do movimento, é capaz de promover a educação integral (GHIRALDELLI, 1988).

> A Educação Física Pedagogicista está preocupada com a juventude que frequenta as escolas. A ginástica, a dança, o desporto etc., são meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas nacionais, etc (p. 19).

A Educação Física Competitivista (pós 64) caracteriza-se pela competição e pela superação individual, "como valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna" (GHIRALDELLI, 1988, p. 20).

Volta-se para o culto do atleta-herói; "aquele que a despeito de todas as dificuldades chegou ao podium" (GHIRALDELLI, 1988, p. 20).

> Aqui a Educação Física fica reduzida ao desporto de alto nível. A prática desportiva deve ser massificada, para daí poder brotar os expoentes capazes de brindar o país com medalhas olímpicas Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance (p. 20).

E ainda,

> Apesar de negar, a Educação Física Competitivista é um aríete das classes dirigentes na tarefa de desmobilização da organização popular. Tanto o desporto de alto nível, que é o desporto-espetáculo, é oferecido em doses exageradas pelos meios de comunicação à população, como, explicitamente, é introduzido no meio popular através de ação governamental (...) (p. 20).

A Educação Física Popular seria a única concepção de Educação Física que, "paralela e subterraneamente, veio historicamente se desenvolvendo com e contra as concepções ligadas à ideologia dominante" (GHIRALDELLI, 1988, p. 21).

> A Educação Física Popular não está preocupada com a saúde pública, pois entende que tal questão não pode ser discutida independentemente do levantamento da problemática forjada pela atual organização econômico-social e política do país. A Educação Física Popular também não se pretende disciplinadora de homens e muito menos está voltada para o incentivo da busca de medalhas. Ela é, antes de tudo, ludicidade e cooperação, e aí o desporto, a dança, a ginástica etc., assumem um papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores. E, mais que isso, a Educação Física serve então aos interesses daquilo que os trabalhadores historicamente vêm chamando de solidariedade operária (p. 21).

Com exceção da última corrente classificada pelo autor Ghiraldelli (1988) - Educação Física Popular - , podemos constatar que a Educação Física brasileira sempre esteve subordinada às ideologias governamentais, ou seja, ao arcabouço da ideologia dominante, caracterizando assim, a formação do profissional de Educação Física, no mínimo, submetida aos interesses da esfera médica, militarista, educacional, entre outras, de acordo com os "discursos" políticos veiculados na época.

Entendendo que todo ato político depende das relações de poder e do confronto de interesses entre as classes sociais, torna-se muito importante definir e ter claro os objetivos político-pedagógicos que serão aplicados por profissionais de Educação Física, para não acabar "caindo na armadilha" criada pela própria ideologia dominante da sociedade e, inconscientemente, trabalhar com os objetivos estabelecidos por esta.

Pois, segundo SéRGIO (1978): "A prática de Educação Física equivale à defesa de uma certa posição filosófica, ainda que o indivíduo não se dê por isso" (1978, p. 7).

Portanto, torna-se importante, relevando a década de 80, em que observamos, principalmente, com a eleição de Tancredo Neves (1985), com o fim do regime de ditadura, em meio a uma insatisfação político-social e de luta pela democratização, o surgir de posições mais críticas, questionarmos sobre qual "concepção" passou a ser veiculada

pelos profissionais da área de Educação Física, ou ainda, qual "posição filosófica" está sendo adotada (conscientemente ou não).

Conforme LABORINHA (1992):

> Com o fim da ditadura militar e a convergência do estado democrático, configura-se entre os profissionais da área a necessidade de repensar a Educação Física, sob a ótica de uma concepção crítica, buscando superar os condicionamentos, que a ela, Educação Física lhe foram impostos (p.. 81).

E ainda, segundo MOREIRA (1992):

> Se nas artes e na literatura representantes da intelectualidade brasileira já se rebelam e institucionalizam crises a partir da década de 20; se no campo pedagógico, desde a década de 40, movimentos são gerados revelando inconformismos, a intelectualidade da Educação Física brasileira parece acordar apenas a partir dos anos 70 para uma reflexão sobre a crise em suas áreas pedagógica e de pesquisa. Ou seja, muitos anos após os demais (p. 203).

Caracterizado, em suma, os determinantes que dificultaram o avanço da área, estaremos superando os condicionamentos a esta impostos? A partir de qual reflexão?

Anteriormente à legitimação do Parecer Nº215/87, observamos já uma certa tendência em contextuar a Educação Física, enquanto uma profissão cientificamente orientada e portanto caracterizando-se como uma disciplina acadêmica, consolidando, assim, seu "status acadêmico-científico" perante as outras "ciências" e, ainda, voltada para efetiva contribuição ao desenvolvimento da sociedade, ou seja, "atendendo às reais necessidades sociais da sociedade brasileira", procurando desta

forma corresponder às concepções progressistas e críticas, veiculadas no âmbito universitário.

Diante do processo de reestruturação curricular dos cursos de Educação Física, consubstanciado pelo Parecer Nº215/87, profissionais passaram a rever as estruturas curriculares existentes e opinarem sobre o que entendiam por "currículo", "formação profissional" e também, a questionarem sobre o próprio "Parecer Nº215/87".

TAFFAREL & SILVA (1988) consideram que as reestruturações curriculares dos cursos de Educação Física no Brasil deram-se sempre por determinação legal. E, dizem ainda que:

> Porém, reestruturações curriculares realizadas por auto-determinação e avaliação crítica do processo de formação profissional até o momento não chegaram a ocorrer (p. 32).

Em conformidade com FENSTERSEIFER (1986), descrevem que o "paradigma curricular, sustentado pelos cursos de formação profissional no Brasil, é o técnico linear" (p. 33).

Concluindo parcialmente, "ressaltam a importância da análise e compreensão das forças políticas, sociais e econômicas que estão determinando a atual proposta de reestruturação do currículo" (p. 33).

CARMO (1988), referindo-se ao Parecer Nº215/87 do Conselho Federal da Educação, mais especificamente no que diz respeito à caracterização dos cursos de Licenciatura e Bacharelado, afirma que:

(...) uma das questões mais polêmicas sobre o Parecer Nº215/87 diz respeito a titulação-Licenciado e Bacharel. Esta limitação metodológica, da não diferenciação, constitui um complicador a mais para o entendimento coerente da proposta. Perguntamos: quais são os condicionantes que estão possibilitando e exigindo esta forma de diferenciação - licenciatura x Bacharel? Seria a incapacidade histórica das instituições formadoras de professores em dimensionar suas falhas e limitações no campo da licenciatura, onde é gritante o descompasso entre as disciplinas pedagógicas e disciplinas de conteúdos, em termos de articulação? Não seria esta proposta - bacharelado - mais uma das pseudo-soluções encontradas para camuflar o fracasso das licenciaturas? A argumentação de que o mercado de trabalho está a exigir este ou aquele profissional e, portanto, precisamos oportunizar aos alunos condições para ocuparem estes espaços, é no mínimo simplista e mecânica, na medida em que desconhece as funções e fins de uma instituição de ensino superior, mantida com recursos públicos. Se este raciocínio for correto, cada vez que a Rede Globo apontar uma novidade, - uma nova onda, os cursos terão que reestruturar seus currículos para atender a nova demanda (p. 29).

GHIRALDELLI (1990) advoga que:

(...) talvez o correto seja iniciarmos um longo processo de construção de um inventário dos diversos tipos de conteúdos da Educação Física. Discutir para cada conteúdo suas origens históricas, sua vida e transformação no interior da Educação Física, suas transformações a partir da dinâmica das relações sociais, seu estatuto epistemológico, seu valor educativo segundo uma axiologia explícita, etc (p 04).

E ainda, um professor de Educação Física que seja capaz de discutir

(...) com os alunos a alteração prática do movimento corporal humano a partir das transformações no âmbito da produção, da movimentação das classes sociais e da cultura (e sem dúvida uma pessoa capaz de discutir com seus alunos aspectos subjetivos distintos advindos de movimentos distintos, ultrapassando assim a abstração sobre o movimento corporal humano típico de estudos fixos apenas na biomecânica ou fisiologia do esforço, etc) (p. 01).

Interessante observar que o referido autor, em 1983, ou seja, há sete anos, afirmava:

> Biomecânica: Uma necessidade - Os países que entenderam isso passaram a se destacar no cenário mundial. As noções que compreenderam que a máquina humana é regida pelas mesmas leis que governam a natureza, simplesmente pelo fato de ser parte dessa mesma natureza subiram ao pódium olímpico. Todo mundo percebeu isso! Menos as nossas Universidades e Faculdades de Educação Física. Nossas Escolas de Educação Física, em sua maioria ainda estão arraigadas no currículo humanístico e, quando muito, quando é o caso das grandes Universidades, contendo um perfil baseado nas ciências médicas, comandadas pelo carro chefe da biologia. (..) é a hora de falarmos de BIOMECÂNICA. Só a introdução da biomecânica, ministrada por físicos especialistas em práticas desportivas poderá alterar esse quadro de pré-ciência em que vive nossa Educação Física. Essa é uma necessidade urgente: sair do empirismo que desvaloriza a profissão perante a sociedade (Ghiraldelli, 1983, pp. 5-6).

CASTELLANI (1988) conclui que o curso de Educação Física deveria possibilitar ao aluno acesso a um determinado conteúdo que desse conta do:

> (...) contexto sócio-político-econômico da sociedade brasileira, trabalhando a categoria da totalidade, relacionando a educação física com a educação e com a sociedade", e ainda, por exemplo, num curso de Licenciatura, o aluno teria um contingente de disciplinas obrigatórias que buscasse estudar a organização da instituição escolar brasileira, qual a função social das escolas de 1º, 2º e 3º graus no Brasil, como foram gestadas as políticas educacionais ao longo da história da educação no País, de que maneira a educação física foi trabalhada dentro dessas políticas e também o que caberia trabalhar em educação física para cada grau de ensino (p. 18).

TELES (1988) entende que:

> (...) conceituar currículo é um processo complexo e que exige daquele que o faz um posicionamento afetivo sobre sua concepção de educação, seu conhecimento amplo e profundo a

> respeito da realidade social e sobre sua compreensão em torno do educando, como ser e agente de mudanças; (...) que currículo deve ser contextualizado em uma dimensão filosófica, sociológica, histórica, política e pedagógica, de modo a organizá-lo como uma proposta educacional, dinâmica e ativa, que visualize, através de experiências e de situações de aprendizagem vivenciadas fora ou dentro da escola, um processo humano, onde o indivíduo com seus sentimentos e opções, aja e atue coerentemente em relação a si próprio e à sociedade da qual ele faz parte (p. 22).

Considera também que:

> (...) quando se elabora um currículo em uma instituição de ensino, não se deve perder de vista os compromissos que se impõem entre esta instituição de ensino, formadora de recursos humanos e a sociedade, receptora desses recursos. Desta forma, é evidente que todo problema de natureza social e econômica repercute no processo educacional, se é que se pretende adequar o ensino, ou melhor, a formação de profissionais às reais necessidades da sociedade (p. 23).

CAVALCANTI (1988), acompanhando o pensamento citado anteriormente, também entende que:

> (...) a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física a nível nacional deve ser considerada como fato social que, além de exigir coerência e consistência no posicionamento filosófico e científico dos profissionais da área, representa também um momento político para atuação desses profissionais, tendo em vista a regulamentação da profissão e, em conseqüência, a garantia do exercício profissional no atual mercado de trabalho (p. 27).

Para WIGGERS (1988), compreender o contexto social passa a ser, mais uma vez, imprescindível, quando, por exemplo, afirma que:

> (...) para compreender o currículo e seu atual papel em nossa sociedade é preciso reconhecer essa própria sociedade em que vivemos como um processo onde existem basicamente duas forças antagônicas: a força do capital(exploradora) e a força do Trabalho(explorada), que vivem sob tensão e conflitos constantes (p 37).

Conclui, dizendo que:

> (...) se desejamos não apenas uma reformulação e sim uma dimensão maior, são válidos os questionamentos do Prof.Luiz Carlos de Freitas apresentados no I Seminário de Educação Física - realizado em Aracaju(27-29/05/1988): Por que mudar o currículo de educação física? Essa mudança se processará segundo que projeto histórico? Quais os critérios, quais os pontos de vista políticos e ideológicos que permearão nosso trabalho e decisão a respeito de objetivos, conteúdos, disciplinas...? (p. 38).

Para ESCOBAR (1988), à reestruturação curricular deverá, antes de tudo, ser contextualizado as caraterísticas sócio-culturais, pois:

> (...) é imprescindível, antes da reformulação dos currículos de formação, interpretar criticamente a estrutura conceitual da Educação Física, não necessariamente para uma mudança de nome, senão que de uma definição como disciplina da área da educação. O enfoque empírico - analítico dos currículos de formação atuais, de princípios descomprometidos do contexto específico, alheios às características sócio-culturais, aos processos psicológicos dos alunos e ao contexto histórico-social, estão longe de permitir uma abordagem global própria, para superar a concepção fragmentária de homem e dos seus processos de vida (p. 25).

Acredita ainda que:

> (...) temos que melhorar a qualidade da Educação Física, com um novo currículo e com novos profissionais com competência científica, política e pedagógica que lhes permita, entre outras exigências, a seleção de conteúdos escolares socialmente relevantes (p. 28).

TOJAL (1988) realizou um estudo, intitulado: "Currículo de Graduação em Educação Física: a busca de um modelo".

Na introdução de seu trabalho, considera que a proliferação de cursos de graduação em Educação Física, no país, colocou, em evidência, algumas questões dramáticas, como, por exemplo:

(...) a formação profissional obtida através de licenciatura em Educação Física, em Faculdades reconhecidamente mais voltadas para a comercialização do ensino, tem estimulado a ausência de preocupações com a pesquisa. Existem mais de trinta cursos de licenciatura em Educação Física no Estado de São Paulo, e a atividade de pesquisa na área é reconhecidamente pobre e, o enorme bloqueio existente para o desenvolvimento profissional em Educação Física é o campo de trabalho freqüentemente ocupado por profissionais de outras áreas. Tal situação explica-se tanto pela formação acadêmica destes profissionais, quanto pelas condições de atuação no mercado de trabalho: fenômenos restritos ao magistério quando se trata do profissional de Educação Física (p. 10).

Afirma que:

(...) a formação oferecida pelos cursos de licenciatura visa atender à demanda do mercado de trabalho hoje existente, que é o ensino de primeiro e segundo graus. Demonstra pela organização curricular das Escolas de Educação Física que o enfoque privilegia uma visão antropológica que leva a uma fragmentação do ser humano, preocupando-se com um único aspecto: atividade física (p. 15).

Assim sendo,

(...) considera que é possível pensar uma Educação que se refere ao ser humano como um todo indivisível; para tanto, seria necessário um profissional ao menos capaz de superar a dualidade corpo-mente, não muito comum se levada em conta a formação dada pelas Escolas Superiores de Educação Física. Em geral, os currículos das Escolas de Educação Física procuram dar uma formação não específica, objetivando ensinar atividades esportivas, porém, a maneira dissociada como as matérias são desenvolvidas, acabou por formar um profissional com algum conhecimento da área pedagógica e de modalidades esportivas, gerando com isso inseguranças para sair do campo específico da Educação para atuar num campo profissional mais específico como deve ser o seu (p. 17).

Um outro aspecto que entendemos que deva ser observado nessa organização curricular:

(...) é o descompromisso com a pesquisa científica, pois, da maneira como vem sendo conceituada a Educação Física, a carga curricular maior é para a formação do licenciado que venha a atuar como professor na área escolar. Devido às diversas influências que o currículo exerce e tendo a importância de ser a essência em um curso de formação de professores, é preciso que este currículo seja mais preciso, mais estruturado e apresente, mesmo nas áreas pedagógicas e esportiva, aspectos formativos mais voltados para a prática e a teoria científica, somente adquiridos quando se oferece a possibilidade do desenvolvimento de pesquisa e o conhecimento das diversas pesquisas que estão sendo desenvolvidas pela comunidade acadêmica (p. 24).

Conclui, afirmando que:

Quando o currículo de Educação Física se voltar também para a formação de pesquisadores, levará o profissional a ter uma consciência mais integral da problemática educacional a ser enfrentada, melhorando a sua postura frente aos problemas, dando-lhes características de segurança de atuação. A Educação Física deve ser pensada antes de mais nada como um campo de conhecimento específico, tratada com visão crítica e ampla da relação entre o ser humano e o seu corpo em movimento, e a forma como este deva ser conscientemente trabalhado pelo profissional especializado; para tanto, é preciso que o novo currículo seja mais preciso, mais estruturado e apresente, mesmo nas áreas pedagógicas e desportivas, aspectos formativos, somente adquiridos quando o currículo oferece a possibilidade do desenvolvimento de pesquisas. Somente através da qualificação profissional dos docentes e dirigentes universitários, será possível eliminar a dicotomia existente e tão comum nas escolas, quando se confrontam o discurso e a ação (75).

COSTA (1988) assume a Educação Física como ação política:

(...) uma educação física que seja educação e não tenha o caráter instrumental de ser meio da ou meio de educação. Uma educação física que seja uma ação política, que detenha as características da participação, isto é, dialógica, democrática e auto-gestinária; uma educação física socialmente produtiva, isto é, que se dê na práxis (ação - reflexão), no trabalho e na criatividade; uma educação física libertadora. E aí não importa se a atividade empregada venha a ser dança, ginástica ou esporte. O que vai importar na educação física é a intencionalidade de seus orientadores ao conduzir a atividade como prática de

> liberdade e mobilização social e a intencionalidade de seus praticantes em co-responsabilizarem-se na transformação da realidade, isto é, na co-responsabilidade do próprio destino coletivo da comunidade, através da solidariedade e cooperação (Costa, 1988, p. 211).

Conclui, colocando que a competência do profissional está relacionada à consciência social, ou seja:

> (...) a formação de um profissional de educação física que, vivenciando e percebendo os significados das necessidades sociais hoje, seja sensível e competente para atuar na sociedade do amanhã. E eis que se pode vislumbrar, numa veia de racionalização, uma pessoa necessariamente equilibrada, natural, capaz de valorizar a vida em comunidade, que cultive a paz como realidade cotidiana e que detenha conhecimento do movimento humano e de sua pedagogia visando às interações sociais. Nesse sentido, a universidade tem um papel fundamental enquanto pensadora da sociedade tanto como problema como quanto projeto (COSTA, p. 212).

A referida autora (COSTA) sugere alguns caminhos para a discussão sobre a formação profissional. Entre eles:

> Que nos processos de formação, os conteúdos instrumentais, ministrados nos diversos cursos, apresentem-se numa perspectiva de historicidade, isto é, que os estudantes tenham a noção de que estão tendo oportunidade de ter acesso ao saber num determinado momento histórico, que esse saber é o produto de uma acumulação do conhecimento humano naquele assunto, mas que também tenham a projeção da transitoriedade desse estágio e que possam até perspectivar algumas hipóteses de transformação desse conhecimento (p. 215).
>
> Que os processos de formação cuidem, além da preparação profissional, também da preparação para a vida pessoal e em comunidade, tomando como referência a realidade circunstancial da sociedade em transição (p. 215).
>
> Que o conhecimento ministrado seja apresentado sob a ótica do plano social (p. 215).
>
> Que a contestação intelectual seja estimulada através da dúvida constante acerca dos pressupostos e da realidade objetiva (pp. 215-216).

Que os processos de formação devam referenciar-se sempre na simultaniedade histórica, isto é, com conhecimento dos avanços e debates que estejam instalados na sociedade brasileira bem como em outras sociedades (p. 216).

Com respeito ao bacharelado, entende que caberá:

(...) integrar-se ao curso de graduação em educação física como reflexão e aprendizagem de como fazer ciências (motricidade humana, biológica, psicológica e social), resgatando a totalidade da formação profissional. Há que existir diferença qualitativa entre bacharelado e licenciatura, mas ambos devem articular-se entre si, sem tornarem-se apêndices um do outro (p. 218).

Chega-se a conclusão de que:

Faz-se necessária uma graduação com caráter de continuidade, de globalidade e de generalidade de conteúdo. Num país de Terceiro Mundo, diante de tantas diversidades, o curso de graduação, seja bacharel e/ou licenciado em Educação Física, precisará orientar a formação no sentido de: 1. interdisciplinaridade; 2. generalista do conhecimento do movimento humano e/ou da pedagogia do movimento humano visando às interações sociais; 3. abrangência do campo de ação do profissional no formal e no não-formal; 4. criação e recriação do objeto e formas pedagógicas; 5. participação do futuro profissional no processo político-pedagógico de sua formação; 6.valorização do profissional e da cultura do grupo à qual pertence; 7. formação de um pensamento reflexivo sobre a realidade social concreta e de um pensamento reflexivo sobre a realidade social concreta e de um pensamento comunitário; 8. auto-expressão; 9. humanístico (pp. 221-222).

Tais propostas, porém, só serão possíveis passando por dois pontos-chave de discussão:

(...) 1. o corpo como rendimento, como fator ideológico, como meio de sensação e comunicação no mundo, a vivência do corpo ... e 2. a influência da mídia (TV) como meio de dominação e fragmentação do real, mostrando a imagem com o efeito de verdade absoluta e total; a informação não é

> veiculada como forma de comunicação interativa e reflexiva (p. 222).

Segundo Moreira (1988), a formação profissional não deverá restringir-se somente à capacitação técnica, mas também e principalmente, ao compromisso social:

> Como sempre, mais uma vez iremos propor pistas para a modificação da estrutura curricular do profissional em educação física, mas não como um fim em si mesmo. Esta reflexão sobre o repensar da formação profissional tem como ponto de apoio o compromisso social do formado em educação física e não simplesmente sua capacitação técnica. O que está em jogo não é a titulação do profissional e sim sua competência profissional em função do compromisso social (p. 263).

Para o autor em referência, o termo compromisso social, significa uma educação física,

> comprometida com o objetivo de uma transformação social, atendendo às necessidades da maioria da população brasileira através de suas atividades específicas, deixando para trás a sua característica de elitismo, de atender apenas à classe dominante, de funcionar somente em busca do rendimento atlético de alto nível (MOREIRA, 1988, p. 264).

Moreira (1988), concluindo seu artigo, advoga que a formação profissional em educação física deve ser repensada dentro dos seguintes princípios:

> 1. o profissional de educação física compromissado com a transformação social e não com um mero ocupar de espaço através do corporativismo; 2. um currículo sobre atividades físicas montado dentro de uma perspectiva crítica, justificando-se numa análise histórica do homem em movimento; 3. formação profissional universitária discutida nas esferas de ações acadêmica, governamental, de prática pedagógica e de prática política; 4. formação profissional que ofereça opções concretas ao corpo discente, através de bacharelado e/ou licenciatura, sendo essas habilitações sempre vivenciadas dentro da reflexão anterior (pp. 274-275).

OLIVEIRA (1988) enfatiza que, somente através de cursos de bacharelado e de licenciatura, será possível efetivar a preparação diferenciada de profissionais para as áreas da educação física, da dança, do esporte e do lazer/recreação.

O referido autor justifica esse entendimento, entre várias evidências citadas, relatando que:

> (...) 1. O curso de licenciatura em educação física, como qualquer outro curso de licenciatura, tem como objetivo precípuo a preparação de profissionais para a atuação na área do ensino em escolas de primeiro e segundo graus (pp. 227-228); 2. Evidências mostram que a atuação profissional em educação física não ocorre tão-somente em escolas de primeiro e segundo graus. Entre os muitos espaços de atuação do profissional de educação física, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos, além de instituições carcerárias, hospitais, institutos geriátricos, academias de dança e acampamentos, encontram-se academias de ginástica, escolas de natação, escolas de judô, clubes sociais/esportivos/recreativos, condomínios, laboratórios de pesquisa, centros comunitários, empresas, hotéis e institutos de reabilitação; 3. Evidências mostram a existência de alunos matriculados em cursos de licenciatura em educação física que buscam a preparação profissional não com o objetivo principal de atuarem como professores em escolas de primeiro e segundo graus (p. 228).

Acredita que:

> A inexistência do bacharelado em educação física tem canalizado para licenciatura em educação física um falso contingente de candidatos ao magistério. Dessa forma, inflam-se os cursos de licenciatura com alunos que de antemão não pretendem assumir um compromisso com a causa escolar. Forma-se, inadequadamente, então, um 'professor' distante de suas reais necessidades profissionais (p. 231); 4. a não-proteção e/ou a indefinição de qualificação profissional do mercado de trabalho relacionadas com a educação física na área não-escolar em razão da não-regulamentação da profissão 'Educação Física' e da inexistência de entidades sindicais específicas (p. 231); 5. a existência de cursos de graduação em dança na Universidade Federal da Bahia (Salvador) e na Universidade Estadual de

> Campinas (p. 232); 6. a existência de curso de pós-graduação em lazer/recreação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), e a possível instituição de cursos de graduação em lazer/recreação nessa mesma Universidade e na Faculdade Anhembi Morumbi (São Paulo); 7. a existência de entidades civis, em níveis nacional e estadual, tais como associações de recreação e de dança; 8. a característica marcante de qualquer outra unidade da Universidade de São Paulo é a preocupação com o conteúdo específico de sua área de conhecimento. Por exemplo, o processo burocrático envolvendo o curso de licenciatura em enfermagem ocorre por iniciativa exclusiva do aluno interessado diretamente junto à Faculdade de Educação, após o término do bacharelado em enfermagem, e não junto à Escola de Enfermagem; 9. na Universidade de São Paulo, pelo que me consta, a única unidade que oferece um só curso de graduação, e esse único curso é de 'licenciatura', é a Escola de Educação Física, podendo, em razão disso, (oferecer somente um curso que apresenta características exclusivas - nominais e de direito - totalmente de escolarização) ser vista como que interferindo nos assuntos próprios da Faculdade de Educação, daí cabendo a necessidade de definição da educação física enquanto área específica de conhecimento, isto é, enquanto disciplina acadêmica, em função da própria existência daquela Escola de Educação Física (p. 235); 10. esporte não é necessariamente sinônimo de educação física, caracterizando-se ambos como áreas distintas e com objetivos diferentes (p. 236); 11. o esporte é reconhecido, de forma inquestionável, como um fenômeno cultural e social de grande importância, merecendo assim ser estudado academicamente (a universidade pode e deve contribuir em muito para a exploração e o entendimento do esporte) (p. 237).

O referido autor, com base nessas evidências apresentadas, propõe:

> (...) a preparação profissional diferenciada para as áreas da educação física e do esporte. Para tal, no sentido de tentar facilitar o entendimento e evidenciar essa diferenciação, justifica-se a mudança do nome 'Escola de Educação Física' para 'Escola de Educação Física e de Esporte'. Justifica-se também o oferecimento dos cursos de: a) bacharel em educação física (para caracterizar o conteúdo específico da área de conhecimento e objeto de estudo da educação física); b) licenciatura em educação física (para caracterizar a atuação profissional no sistema escolar, conforme legislação vigente), e c) bacharel em esporte (para caracterizar o conteúdo específico da área de conhecimento e objeto de estudo do esporte), sugerindo-se aqui uma relação, não-exaustiva, de assuntos a serem desenvolvidos em cada um dos referidos cursos (pp. 238-239).

Até mesmo pesquisadores menos voltados para resoluções de problemas na área, segundo métodos de abordagens histórico-político-filosófico-social, revelam a importância de se caracterizar as necessidades da sociedade. Por exemplo, PELLEGRINI (1988) considera que:

> A questão da formação profissional se constitui em um daqueles temas em discussão contínua, em todo o mundo. É o homem a cada dia um novo homem e, portanto, uma sociedade que a cada ano, década, apresenta outras características. Assim, é de se esperar que mudem os alunos, ou seja, aqueles a quem a formação profissional se dirige, que mudem as necessidades da sociedade quanto a este profissional e, finalmente, que mudem os próprios professores encarregados da formação deste profissional. A dinâmica do processo deve ser a característica básica dos cursos de formação profissional em educação física (p. 249).

Afirma ainda que as mudanças curriculares, (...) "quando ocorreram, foram provocadas pelas tendências do mercado de trabalho e não fruto de uma reflexão sobre qual deva ser a formação de um profissional da atividade física" (p. 249).

Eis outras afirmações colocadas pela autora em evidência:

> O problema da formação profissional é, portanto, bastante complexo, envolvendo o próprio conceito de educação física, a questão do generalista-especialista, o corpo de conhecimento que o profissional (ou profissionais) da atividade física deve possuir, as habilidades que deve dominar, etc (p. 250).
>
> Tendo em vista os próprios objetivos da universidade, cabe a ela a formação de recursos humanos para o desenvolvimento de atividades profissionais. Portanto, a universidade deve oferecer cursos de graduação e de pós-graduação, garantindo assim a formação de profissionais e de pesquisadores-cientistas (p. 250).

Finalmente, cabe à universidade o oferecimento de serviços à comunidade através de cursos de extensão ou programas específicos. Esta função da universidade, muitas vezes relegada a um terceiro plano, é muito importante uma vez que garante o entrosamento e a harmonia entre a universidade e a sociedade onde se insere (p. 251).

A entrada da educação física na universidade significa, antes de mais nada, a entrada no mundo do saber, do conhecimento. Esta mudança, no entanto, depende da consolidação dos cursos de pós-graduação e da produção científica dos centros de investigação em educação física (p. 251).

A educação física antes de mais nada, deve se preocupar em garantir o pleno desenvolvimento do ser humano no que diz respeito às suas capacidades motoras. Para tanto deve centrar suas atenções, antes de mais nada, na educação do movimento para que a educação pelo movimento possa posteriormente ocorrer. Assim, o elemento-chave na educação física é o desenvolvimento do controle motor que ocorre à medida que se busca a educação do movimento (p. 252).

A gama de atividades que pode ser desenvolvida por um profissional de atividade física é tão grande que não é possível imaginar, por mais que seja o rol de disciplinas no currículo, que ele possa formar um bom profissional que "vale tudo". Além disso, é preciso reconhecer que entre os que terminam um curso de educação física, uns preferem alguns tipos de atividade profissional, enquanto outros, outras atividades. Ora, em qualquer cursos universitários ramificações aparecem, em geral, no 2º ano de engenharia, no 3º ano na pedagogia, e mais à frente na medicina (p. 252-253).

(...). Talvez em um primeiro momento se possa pensar na formação de um profissional para o esporte, independente da formação profissional para a recreação e independente da formação profissional em educação física (p. 254).

Se acreditarmos que a formação destes profissionais deva ser diferenciada, isto significa que acreditamos que exista um corpo de conhecimento que seja específico a cada uma destas áreas. Assim, paralelamente a estas profissões, se desenvolverá uma disciplina acadêmica que trará uma nova dimensão a estes fenômenos inerentes ao ser humano em seu nicho ecológico (p. 254).

Se a educação física é um campo de atuação profissional que se preocupa com a dimensão motora do ser humano, os profissionais devem possuir conhecimento que são específicos de sua função social. A educação física, como uma profissão, deve se apoiar em profissionais que não possuem apenas a habilidade de executar, mas a capacidade de passar

> essas habilidades a outras pessoas com o objetivo de levá-las ao pleno desenvolvimento de suas capacidades motoras (p. 254).

De modo suscinto, conforme GRAHAM & HEIMERER (1981), a autora, conclui da seguinte forma:

> (...) podemos afirmar que não há necessidade de um profissional da atividade física vivenciar toda e qualquer habilidade motora como condição necessária e suficiente para produzir um ambiente favorável ao desenrolar do processo de aprendizagem em seus alunos. Mais importante do que a vivência motora em si é o desenvolvimento da habilidade de análise das habilidades motoras (p. 258).

Segundo Pereira (1988), na aplicação dos conteúdos da Educação Física, deverão ser problematizados os aspectos políticos, sociais e culturais, próprios de uma cultura física, pois:

> A educação física não pode reduzir-se apenas à simples exercitação física, à ginástica ou esportes como fim em si mesmos, mas deve sim enfatizar os aspectos cognitivos, pedagógicos, educativos, por meio das atividades físicas. As aulas de Educação Física, quer curriculares, quer de treinamento físico, quer de prática desportiva, devem deixar espaço para os aspectos cognitivos e para os debates, para a problematização tanto dos aspectos específicos da cultura física, como para a problematização dos componentes políticos, sociais e culturais que envolvem o ambiente educativo. Esta fase do desenvolvimento dos conteúdos, dos processos de ensino-aprendizagem de educação física, do desenvolvimento da consciência crítica, deve ser adequada didaticamente aos educandos. Ao lado de uma ótima solicitação de qualidades físicas, da elevação cultural físico-desportiva, ou seja, de aulas de Educação Física que salientam os aspectos físicos e cognitivos, biológicos e culturais, também deve-se operacionalizar didaticamente a problematização social (p. 36).

GOBBI (1992), questionando a pesquisa no esporte e baseando-se nos estudos de LAWSON (1990), apresenta:

1. o currículo dos cursos de formação dos profissionais da área, apresenta uma estrutura subdisciplinar, ou seja, a maior parte das disciplinas se apresenta como uma entidade distinta; 2. os responsáveis pela transmissão do conhecimento estão comprometidos com pesquisas sob a égide de paradigmas reducionistas das ciências-mães, realizadas muitas vezes em situações simuladas de laboratórios e o conhecimento sobre a performance motora também é transmitido fragmentadamente; 3. contudo, o ambiente da prática é, na maioria das vezes muito distinto daqueles da pesquisa, ou seja, a prática apresenta um alto grau de variabilidade, complexidade e incerteza - que o digam aqueles que foram responsáveis por treinamento esportivo - muito acima daquele vivenciado pela pesquisa e, a ciência não consegue dirigir completamente o trabalho prático, haja vista que as evidências de pesquisa, não permitem, na maioria dos casos, transposição direta para a prática, e o conhecimento científico passa a não ser o único sistema de referência para a prática. Caso fosse, não teríamos, em nossa profissão tantos leigos obtendo sucesso; (...) (p. 98).

Em conclusão afirma:

Há portanto a necessidade de produção científica que explique as relações sistêmicas entre os fatores citados bem como a busca de integração na transmissão deste conhecimento, estabelecendo uma ligação mais direta entre o conhecimento acadêmico e a prática profissional (p. 103).

FARINATTI (1992) entende que é preciso:

(...) Estabelecer esse vínculo teórico-prático compreende a assunção de uma ética de comportamento em relação ao seu trabalho por todos os profissionais de Educação Física, desde os centros de graduação e pós-graduação até o professor de 'linha de frente', efetivamente quem 'faz' a Educação Física. Mais objetivamente falando: é preciso que haja real interesse na interação entre o que 'dizem' os teóricos e pesquisadores e o que 'entendem' e 'fazem' os professores em geral (p. 57).

E o referido autor questiona:

qual a contribuição que a chamada elite intelectual da Educação Física vem dando para isso? Qual o papel que vem

> tendo nesse processo de construção de uma teoria realmente aplicada, que forneça bases sólidas à prática profissional do professor, através de sua atividade de formação de recursos humanos e produção do conhecimento? (pp. 57 -58).

Segundo MOREIRA (1992), tanto a formação profissional, quanto sua conseqüente ação, ainda hoje, revelam, uma vertente mecanicista.

Chamando a atenção para a fragmentação do conhecimento transmitido, continua dizendo que:

> Nos cursos superiores, os discentes recebem os ensinamentos fragmentados, numa visão da pedagogia positivista, não havendo relação entre as chamadas disciplinas teóricas e práticas. As licenciaturas, única habilitação até a década de 80, não garantiram a visão do homem que se movimenta intencionalmente em situações de jogo, de esporte, de dança, de ginástica ou de lazer, nem garantiram o status de disciplina acadêmica para a atividade Educação Física (p. 203).

Enfim, parece-lhe que a formação profissional ainda está voltada para uma concepção competitivista, pois, afirma o autor em referência:

> Os professores, oriundos desses cursos, trabalharam e ainda trabalham as qualidades físicas básicas, vivenciadas no contexto do esporte competitivo, na busca constante da perfeição, estabelecida por parâmetros e tabelas externas aos corpos dos alunos (p. 203).

O mito da época moderna, a pesquisa, como salvadora dos problemas da humanidade (Cf. KOURGANOFF, 1991), leva BETTI (1992) a considerar, também, que:

(1) a atual ideologia da Educação Física constitui-se em uma fé positivista, em uma crença na pesquisa científica como solução para os problemas da área. No entanto, contrariam-se os próprios dogmas do positivismo, pois não há dados e pesquisas que comprovem factualmente a retenção e posterior uso do conhecimento científico pelos profissionais. Com isso, a visão de currículo e de prática torna-se uma coleção de juízos de valores sobre um trabalho e sociedade idealizados. Acredita-se que: (a) o conhecimento por si só é válido, confiável e relevante para a prática e generalizável nos vários cenários organizacionais, e que quanto melhor for a pesquisa e mais automática será sua utilização na prática; b) estudantes e profissionais são consumidores e não produtores de conhecimento; c) os futuros profissionais serão capazes de mudar as práticas de trabalho de acordo com as normas científicas; e d) profissionais deverão pensar, agir e falar como pesquisadores. Essas crenças falharam porque não levaram em conta as realidades comportamentais, culturais e políticas das práticas de trabalho (p. 241); 2) os currículos organizam-se com base em disciplinas isoladas, planejadas a partir de sua afiliação subdisciplinar à disciplina acadêmica (biomecânica, controle motor, sociologia do esporte etc), e não das realidades e práticas de trabalho. O currículo é organizado tendo como referência os interesses do corpo docente e não dos estudantes, ao mesmo tempo em que a eles é atribuída a responsabilidade por integração, recuperação e aplicação do conhecimento científico (p 241); (...); 5) pesquisadores e profissionais trabalham em diferentes comunidades epistêmicas. Pensam e agem diferentemente por causa de suas respectivas experiências de socialização, organização de trabalho, exigências da carreira e demandas de trabalho. A linguagem da pesquisa - forma e codificada - também não é a linguagem da prática - cotidiana e informal (p. 242); 6) assim como a pesquisa, a prática também é fonte de incerteza e variabilidade. Os profissionais defrontam-se com questões complexas de resolução e formulação de problemas, em contextos instáveis e variáveis. A aplicação do conhecimento científico é limitada e mediada pelas várias fontes de variabilidade das organizações de trabalho - divisão do trabalho, caraterísticas da clientela, sistemas de suporte, sistemas de prestígio e recompensa, organização administrativa, objetivos do programa, entre outros. Com isso, os profissionais constroem sua própria visão de conhecimento útil (p. 242).

Em suma, "a prática precisa tornar-se, cada vez mais, o foco da pesquisa e da preparação profissional" (p. 242).

Baseando-se em LAWSON (1990), considera que:

> (...) Ensinar os estudantes a aprender deve ser uma das principais preocupações do currículo. Isso inclui a aprendizagem de avaliar e corrigir a sua própria ação profissional e a capacidade de acompanhar minimamente a produção de conhecimentos na área (p. 248).

Sobre a questão do Bacharel e do Licenciado, entende que:

> Não se deve associar o bacharel em Educação Física com o especialista e o licenciado com o generalista. Uma leitura, que curiosamente nunca é feita pelos críticos do bacharelado, embora profundamente vinculada à tradição educacional brasileira, é a de que o licenciado é um especialista; um especialista em escolas de 1º e 2º graus. É também da nossa tradição, infelizmente, que a licenciatura seja um curso pro forma, um bacharelado revestido da tintura pedagógica de algumas poucas disciplinas. O problema das áreas que há muito tempo distinguem o bacharel do licenciado está na licenciatura e não no bacharelado. Equivocadamente, alguns de nós julgam que valorizam a licenciatura transformando-a numa imensa coleção de disciplinas ligadas a recreação, dança, esporte etc, de conteúdos necessariamente superficiais em função dos limites da carga horária. As licenciaturas em Educação Física têm fracassado, fundamentalmente, porque seu foco prioritário de estudo não está na pré-escola e nas escolas de 1º e 2º graus, e na utilização das atividades físicas dentro delas, mas em outra parte qualquer onde o aluno possa futuramente encontrar emprego (pp. 249 - 250).

Enfim, fundamentado em GREENDORFER (1987) e LAWSON (1991), conclui:

> O desenvolvimento científico da Educação Física e a formação de seus profissionais não faz sentido fora da perspectiva da interdisciplinaridade (transdisciplinaridade, preferem alguns); caso contrário, ter-se-á apenas crescimento vertical, fragmentado, das sub-disciplinas (GREENDORFER) onde sucumbirá a complexidade do fenômeno que se estuda. Somente na interdisciplinaridade a abordagem dessa complexidade é possível. Não sabemos muito bem como fazer isso; falamos dela amiúde, mas ainda não está presente nas nossas práticas pedagógicas e científicas pessoais, quanto

mais nos currículos como um todo. Todavia, esperamos que os graduandos sejam capazes de lidar com ela desde a primeira semana de aula, e que os graduados a coloquem em prática na sua vida profissional. Sua operacionalização em nível do currículo de formação profissional encontra muitas barreiras, de ordem teórica (ausência de propostas teoricamente fundamentadas e coerentes) e de ordem prática, em nível de implementação, já que, via de regra, nossos currículos são uma justaposição de disciplinas isoladas, constituídas a partir dos interesses pessoais dos docentes, pouco dispostos a se expor e trabalhar integradamente. Lawson (1991) propôs um currículo temático para tornar possível a interdisciplinaridade. É um ponto desafiador para o final deste e para o próximo século (p. 251).

3. O PROCESSO DO CONHECIMENTO E A PLURALIDADE DE INTERPRETAÇÕES, CARACTERIZANDO O PAPEL DO INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NUMA CONCEPÇÃO GRAMSCIANA

É evidente a pluralidade de interpretações no transcorrer da história da Educação Física, não apenas porque os pensamentos selecionados e considerados importantes diferem de um intelectual para outro, ou porque, embasando-se em diferentes teorias, estabelecem relações diversas. Mas essas divergências e similitudes ocorrem principalmente, porque o intelectual não pode libertar-se de suas características sociais. Pois, segundo nos afirma SCHAFF (1987):

> (...) não é capaz de pensar sem as categorias de uma língua determinada, possui uma personalidade socialmente condicionada no quadro de uma realidade histórica concreta, pertence a uma nação, a uma classe, a um meio, a um grupo profissional, etc. Se juntando a isto os fatores biológicos e psicossomáticos que constituem um poderoso agente de diferenciação individual (p. 104),

obtemos uma grande quantidade de pensamentos divergentes.

E ainda, SCHAFF (1987) fundamentado na proposição de BECKER (1932), chega à seguinte conclusão:

> (...) nos períodos de crise e de oposição, quando a estabilidade é abalada, os homens descontentes com o presente são inclinados a estar também descontentes com o passado; a história é então submetida a uma reinterpretação na perspetiva dos problemas e as dificuldades do presente (pp. 272-273).

Neste sentido, assumiremos que o conhecimento é sempre um processo, em transformação, e não um dado pronto, acabado e definitivo. Desta forma podemos reconhecer a educação física como uma área de conhecimento socialmente produzida e historicamente cumulativa.

No mundo moderno, as atividades práticas (ramos profissionais desenvolvidos a partir da base industrial, burocrática e agrícola) se tornaram complexas paralelamente ao avanço das ciências e da escola (GRAMSCI, 1985).

Segundo MARX (1989), do período manufatureiro desenvolveram-se os primeiros elementos científicos e técnicos da indústria moderna.

> O instrumental de trabalho, ao converter-se em maquinaria, exige a substituição da força humana por forças naturais e da rotina empírica pela aplicação consciente da ciência (p. 439).

A indústria moderna passaria a aumentar extraordinariamente a produtividade do trabalho, ao incorporar as imensas forças naturais e a ciência ao processo de produção (Marx, 1989).

Às custas do que se deu essa elevada produtividade?

> Tornando supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria, foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, a maquinaria transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção de sexo e de idade, sob o domínio

direto do capital. O trabalho obrigatório para o capital tomou o lugar dos folguedos infantis e do trabalho livre realizado, em casa para a própria família, dentro de limites estabelecidos pelos costumes (MARX, 1989, pp. 449-450).

O que gerou essa massificação do trabalho assalariado?

Já aludimos à ruína física das crianças, dos jovens, das mulheres, submetidos diretamente pela máquina à exploração do capital. Nas fábricas mecanizadas e, depois, indiretamente em todos os demais ramos de atividade (MARX, p. 453)

MARX (1989) cita depoimentos que constatam a relação entre produção de trabalho e educação:

Apesar da aparência mesquinha que apresentam em seu conjunto, as disposições da lei fabril relativas à educação fizeram da instrução primária condição indispensável para o emprego de crianças. Seu sucesso demonstrou, antes de tudo, a possibilidade de conjugar educação e ginástica com trabalho manual, e conseqüentemente o trabalho manual com educação e ginástica (há resultados excelentes obtidos da conjugação da ginástica - para os jovens também exercícios militares- com o ensino obrigatório). Os inspetores de fábrica logo descobriam, através dos depoimentos dos mestres-escolas, que as crianças empregadas nas fábricas, embora só tivessem meia frequência escolar, aprendiam tanto e muitas vezes mais que os alunos regulares que tinham a freqüência diária integral (p. 553).

E ainda,

Um fabricante de seda declara ingenuamente aos comissários da Child. Empl. Comm.: Estou inteiramente convencido de que o verdadeiro segredo de obterem-se trabalhadores capazes reside na conjugação do trabalho com a educação, a partir da infância. Naturalmente, o trabalho não deve ser demasiadamente fatigante nem fastidioso, nem prejudicial à saúde. Gostaria que meus próprios filhos alternassem a escola com trabalho e jogos (p. 554).

A educação passa a ser caracterizada como o único método útil de elevar a produção social e o desenvolvimento integral do ser humano.

Podemos concluir, também, que a origem da produção do conhecimento da Educação Física "utilitarista" está subjugada aos meios de produção do trabalho.

Segundo GRAMSCI (1985):

> (...) as ciências se mesclaram de tal modo à vida, que toda atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível mais elevado que ensinam nestas escolas (p. 40).

Cada atividade prática passou a criar, para si, uma escola especializada própria, conjuntamente com a atividade intelectual, a fim de aprofundar e ampliar a "intelectualidade" de cada indivíduo, bem como multiplicar e aperfeiçoar as especializações. Como resultado, houve o surgimento de instituições escolares de diversos graus, com ampliação da categoria de intelectuais, elaboradas pelo sistema social democrático-burguês e justificadas, tanto pelas necessidades sociais da produção, como pelas necessidades políticas do grupo fundamental dominante (GRAMSCI, 1985).

Nesse sentido, grupos sociais foram surgindo na história - (da aristocracia, dos cientistas, dos filósofos, etc.), - a partir da estrutura econômica anterior e de categorias intelectuais pré-existentes

ao desenvolvimento dessa estrutura e como representantes de uma continuidade histórica, promovendo o avanço das ciências e das técnicas (GRAMSCI, 1985).

Categorias intelectuais que, a fim de se manterem a par dos progressos que ocorrem no ramo científico próprio, diferenciam-se em relação à direção na qual incide o peso maior da atividade profissional específica: se no esforço muscular-nervoso ou se no esforço cérebro-intelectual (GRAMSCI, 1985).

Nem sempre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso são iguais. Conseqüentemente, existem graus diversos de atividade específica intelectual, que nos momentos de extrema oposição, apresentam diferenças qualitativas que vão desde os criadores das várias ciências aos profissionais de ordem prática, passando pelos divulgadores da riqueza intelectual já existente (tradicional e acumulada) (GRAMSCI, 1985).

Assim sendo, a Educação Física, como campo específico de uma atividade teórica-prática, surge com diferentes e novas camadas de intelectuais, quando elabora criticamente a atividade intelectual que existe em determinado grau de desenvolvimento:

> (...) modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e conseguindo-se que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torna-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo (p. 45).

GRAMSCI (1985) define o intelectual pela função que desempenha na estrutura social. Como organizadores dos pensamentos relacionados aos problemas da área do grupo social ao qual está organicamente ligado, serão responsáveis pelo campo econômico, social e político, atendendo aos interesses do grupo que representam. Considera, como intelectual orgânico, o que reflete conscientemente os pontos de vista do grupo social ao qual está vinculado. Ao intelectual tradicional, enquanto categoria social cristalizada e relacionada a uma categoria intelectual precedente, está reservada a função de ajudar a construir a hegemonia da classe dominante. Diferencia, ainda, o intelectual orgânico no exercício da hegemonia que compete conscientizar sua própria classe no sentido de manter a todo custo o *status quo*, usando para isso de todos os meios coercitivos e persuasivos, do intelectual orgânico subalterno (no caso específico) que compete, por sua vez também conscientizar sua própria classe, por uma atuação constante nas diferentes organizações (partido, escola, jornais) com o objetivo de chegar a uma concepção de mundo homogênea e autônoma. Esse trabalho de conscientização exige um trabalho pedagógico entre massa e intelectual.

Uma grande parte da produção intelectual com respeito aos problemas específicos do campo teórico-prático da Educação Física está situada hoje nas universidades. Por isso, uma grande parte dos que produzem academicamente, ensinam e/ou pesquisam e/ou atendem à comunidade e/ou estudam nessas e por meio dessas universidades, como intelectuais acadêmicos submetidos, em particular, às determinações

sociais que introduzem, no conhecimento, seja no ato de ensinar ou pesquisar, uma visão da realidade socialmente transmitida.

Nesse sentido, considerando a concepção de GRAMSCI (1985) sobre "intelectual orgânico" e sobre "intelectual tradicional", qual papel tem sido desempenhado pelos intelectuais de Educação Física? E, ainda, poderemos considerar profissionais da Educação Física como pertencentes a uma categoria hegemônica? Ou melhor, profissionais de Educação Física, constituem-se como uma categoria hegemônica?

Na busca dos recursos para dissimular sua hegemonia e ocultar suas contradições, o Estado desenvolve, na sociedade civil, um aparato ideológico, no qual a educação ocupa o lugar principal. Assim, a educação se impõe e é requisitada como um instrumento ambivalente de discriminação e equalização, de ocultação da realidade (hegemonia) e desocultação da mesma realidade (contra-hegemonia) (Cf. JESUS, 1989).

> O papel que a educação desempenha tanto na hegemonia, como na contra-hegemonia, visa as relações sociais, que incluem o homem, cujo objetivo é modificar ou manter uma estrutura social (JESUS, 1989, p. 43).

Estarão os intelectuais de Educação Física sob o perigo do senso comum, possibilitando a continuidade de uma consciência acrítica, útil à hegemonia dominante?

Como podemos observar através dos estudos de TANI (1988), GEBARA (1992) e, principalmente GHIRALDELLI (1988), a "linguagem" utilizada pelos profissionais de Educação Física retratava um

"intelectual tradicional", que não pertencia a uma classe dominante, ou seja, não se firmaram enquanto categoria hegemônica e, ideologicamente foi "seguro" por esta classe dominante e passou a "discursar" por esta.

Os estudos mais recentes na área de Educação Física (década de 70 aos dias atuais), principalmente com a reformulação curricular em 87, resultando no Parecer CFE Nº215/87, como evidenciamos anteriormente, procuram enfatizar a necessidade de caracterizar a formação do professor de Educação Física, levando-se em consideração a análise do contexto histórico-político-econômico-social, a fim de atender às necessidades da sociedade brasileira.

Entendendo desta forma, fica uma dúvida "pairada no ar", no que diz respeito ao papel desempenhado pelos intelectuais da educação física. Estará constituindo-se enquanto categoria hegemônica, como um intelectual orgânico, ou mais uma vez, estará servindo ao arcabouço ideológico, ao "discurso" veiculado por intelectuais orgânicos de outras esferas políticas, sociais e acadêmicas?

Procuraremos responder a esta questão através das entrevistas estruturadas, realizadas com os docentes dos cursos superiores de Educação Física em estudos.

A entrevista estruturada, entendida como aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estalecido, de acordo com um formulário elaborado, permitirá obter dos entrevistados, respostas às

mesmas perguntas, permitindo que sejam comparadas com o mesmo conjunto de questões.

Esta técnica está sendo utilizada, no sentido de tratar da problemática objetivamente e, por ser esta um instrumento que pode auxiliar na qualidade das informações (Cf. BRUYNE, 1977) obtidas junto aos docentes no que diz respeito ao entendimento das seguintes questões:

1) A concepção de Educação Física e Formação Profissional do seu curso de graduação;
2) A concepção de Educação Física e Formação Profissional da qual vem sendo responsável;
3) As Reestruturações Curriculares em sua unidade;
4) O termo Motricidade Humana;
5) A Educação Física enquanto Ciência;
6) O Parecer do Conselho Federal da Educação Nº215\87;
7) A Formação Profissional e as Exigências Estatutárias;
8) A produção do conhecimento sobre Formação Profissional e;
9) A Avaliação do Docente.

4. OS CONCEITOS DE HEGEMONIA, IDEOLOGIA, UTOPIA E O PENSAMENTO INTELECTUAL ACADÊMICO

O conceito da hegemonia, apresentado por GRAMSCI, segundo GRUPPI (1978), refere-se à construção de uma nova sociedade, estrutura econômica, organização política e conseqüentemente de uma nova orientação ideológica e cultural. Como algo que opera não apenas no nível material (estrutura econômica) ou no nível da política (organização política da sociedade), mas, em toda a amplitude social, no nível da moral, do conhecimento e no modo de pensar sobre as orientações ideológicas. Portanto, uma reforma intelectual e moral, ligada a uma orientação político-cultural.

O Estado, quando cria um novo terreno ideológico, está determinando reformas nas consciências. Portanto, novos métodos de conhecimento. Cria-se um aparato hegemônico - um aparato de direção - um aparato do Estado. A escola, a igreja e a imprensa constituem-se nas agências ou aparatos dirigentes da vida social. Isso seria um evento filosófico (Cf. GRUPPI, 1978).

GRAMSCI, citado por GRUPPI (1978), parte do princípio de que todo homem é filósofo, pelo simples fato de que fala, tem sua concepção do mundo, ainda que acrítica. O problema é tornar explícito qual filosofia está implícita na ação de cada um e na ação dos grupos sociais.

Uma nova concepção de mundo é construída na medida que se estabelece a unidade entre a teoria e a prática, entre a política e a filosofia. Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante, quando através de sua ação política, ideológica, consegue manter articulado um grupo de forças antes heterogêneos, disformes.

A filosofia da praxis, antitética à posição católica, não tende a manter os indivíduos em sua filosofia do senso comum. Ao contrário, preocupa-se com a construção de um bloco intelectual e moral, possibilitando politicamente um progresso intelectual de massas.

A observação de GRAMSCI, citado por GRUPPI (1978) é que:

> (...) a filosofia de uma época não é caracterizada por um grande filósofo ou pensador, ou por um grupo de intelectuais, ou por uma parte das massas, mas sim por todo o conjunto social. É aquela filosofia que culmina numa determinada direção, na qual essa culminação torna-se norma de ação coletiva, isto é, torna-se história concreta e completa, integral (p. 78).

A conquista da hegemonia deve ser entendida como um processo, enquanto se traduz numa reforma intelectual e moral, quando assumida uma função dirigente, resultando na construção, não somente de novas relações políticas e estatais, mas também uma nova cultura.

A hegemonia tende a construir um novo bloco histórico, na medida em que submete à crítica a cultura que se formou anteriormente, passando a realizar uma unidade de forças sociais e políticas, através

da nova concepção de mundo traçada e difundida. É a capacidade de direção, de conquista de alianças.

O intelectual, numa relação orgânica com as massas, passa a ser o quadro da sociedade, o quadro de um aparato hegemônico, na medida em que é um dirigente, educador e organizador de massa. Portanto, a relação de hegemonia é também uma relação pedagógica, quando está sendo realizada uma obra política, organizadora e pedagógica de difusão das novas conquistas culturais entre as massas.

Segundo MANNHEIM (1950), em toda sociedade, existem grupos especiais, cuja função é fornecer-lhe uma interpretação do mundo. Denomina-os de camada intelectual (intelligentsia).

A concepção escolástica do mundo quase unanimemente aceita desintegrou-se, permitindo, assim, que os intelectuais se libertassem da igreja, favorecendo, no mundo moderno, crescentes maneiras de interpretar o mundo. Desaparece, assim, a ilusão de que existe um só modo de pensamento intelectual.

Cada novo conceito construído encerra uma cristalização das experiências de um determinado grupo, definindo uma tal situação quando definida de igual maneira para todos os membros.

Aparecem subgrupos que pensam e agem coletivamente em função de seus interesses, ora em concurso, ora em oposição, em conseqüência

das origens sociais divergentes dos diferentes membros da sociedade em questão.

Segundo MANNHEIM (1950), a sociologia do conhecimento, como teoria, procura analisar as relações entre conhecimento e sua existência e, enquanto pesquisa histórico-sociológica, busca a origem das formas que essas relações têm assumido no desenvolvimento da atividade intelectual da humanidade. Portanto, implica no estudo de escolas, universidades, sociedades científicas, museus, entre outros, a fim de entender como e por quem são mantidas essas instituições, suas atividades desenvolvidas e a posição que ocupam na sociedade.

O estudo da história do pensamento intelectual deverá ser empreendido na perspectiva de diagnosticar a cultura de uma época. A realidade a ser compreendida, porém, só se revela, quando identificadas as duas principais categorias de idéias que transcendem a situação: as ideologias e as utopias.

O conceito de ideologia para MANNHEIM (1950) refere-se à ideologia de uma época, de um grupo histórico-social concreto - por exemplo, de uma classe - quando queremos falar das características e da estrutura total do espírito dessa época ou desse grupo.

> As ideologias são as idéias que transcendem a situação e nunca logram, de fato, realizar o conteúdo projetado. Embora muitas vezes se tornem motivos bem intencionados da conduta individual, seus significados são geralmente desvirtuados quando postos em prática. A idéia cristã do amor fraterno, por exemplo, permanece, numa sociedade baseada na servidão, uma idéia irrealizável e portanto ideológica, mesmo quando o significado intencional age como

> motivo na conduta individual. É impossível viver coerentemente à luz do amor ao próximo em uma sociedade que não está organizada de acordo com esse princípio cristão. Em sua conduta pessoal, o indivíduo se vê sempre compelido - enquanto não se propuser subverter a ordem social vigente - a renunciar os seus mais nobres princípios (p. 203).

As utopias também transcendem a situação social. Diferenciam-se, porém, das ideologias, na medida que, por meio de uma contra-atividade, conseguem transformar a realidade histórica existente em algo que esteja mais próximo de suas próprias concepções.

> Desse ponto de vista, qualquer evento histórico é o incessantemente renovado libertar-se de uma topia (ordem existente), graças a uma utopia que dela surgiu. Somente na utopia e na revolução reside a verdadeira vida e a ordem institucional é, em qualquer época, apenas o resíduo maléfico depositado pelo refluxo das utopias e revoluções. Portanto, o roteiro da história conduz de uma topia através de uma utopia à próxima topia, etc (p. 185).

O que se torna extremamente difícil, como afirma MANNHEIM (1950), é determinar, num caso dado, o que seja ideológico e o que seja utópico.

A orientação utópica tende a romper os limites da ordem existente. Os representantes de uma determinada ordem estabelecida, porém, sempre procuram controlar para que não seja afetado o status quo.

> Somente num mundo em crise, em que se criam novos valores fundamentais sobre as ruínas dos velhos, pode o conflito intelectual intensificar-se a ponto de os antagonistas procurarem aniquilar, não só as crenças e atitudes específicas de seus antagonistas, mas os alicerces intelectuais em que se baseiam essas crenças e atitudes (p. 89).

Em vista do exposto, podemos formular o seguinte problema: em que circunstâncias o pensamento intelectual no campo da Educação Física de um grupo se alterou tão fundamentalmente que se torna óbvia uma discrepância entre o modo de pensamento tradicional e os novos objetos de experiência a serem compreendidos por esse novo modo de pensamento e que também apresentam divergências? E, ainda, em que plano se apresentam: ideológico ou utópico? Qual sua posição no processo social, segundo o conceito de hegemonia? Qual é a exigência do momento histórico social?

Convidamos, primeiramente o leitor a identificar as possíveis similitudes e divergências no pensamento dos profissionais da Educação Física, obtido através da realização das entrevistas estruturadas, já explicitadas no item 3 desse capítulo. Pois, apresentaremos, na íntegra, os depoimentos (Anexo), no sentido de possibilitar diversidade de interpretações em relação à nossa análise realizada no quarto capítulo. Pois, segundo MANNHEIM (1950):

> Em conseqüência, o nosso conhecimento da realidade se tornará mais completo à medida que for assimilando essas perspetivas divergentes. O que a princípio parecia apenas uma margem ininteligível, incapaz de ser incluída num dado conceito, dá hoje origem a um conceito suplementar, se não oposto, com o qual se pode obter um conhecimento mais amplo do objeto (p. 57).

IV - OS DEPOIMENTOS

Primeiramente, retratamos a Formação Profissional pautada na Legislação Básica da Educação Física: os Pareceres do CFE: Nº894/69 e mais especificamente Nº215/87 (I Capítulo).

Posteriormente, registramos a concepção de Formação Profissional, formulada em documentos curriculares, pelos docentes dos Cursos Superiores de Educação Física da USP, UNESP e UNICAMP (II Capítulo).

Realizamos, também, um amplo levantamento bibliográfico para registrar como vem sendo reescrita a produção acadêmica sobre a Formação Profissional (III Capítulo).

Com essas três fontes de informação (Legislação, Documentos Curriculares e Produção Acadêmica) sobre a problemática em questão, partimos para a realização das entrevistas estruturadas.

Foram entrevistados e gravados os depoimentos de 21 docentes, sendo 7 de cada Instituição em estudo.

Formulamos as seguintes questões aos docentes:

1) A concepção de Educação Física e Formação Profissional do seu Curso de Graduação;

2) A concepção de Educação Física e Formação Profissional da qual vem sendo responsável;

3) As Reestruturações Curriculares em sua unidade;

4) O termo Motricidade Humana;

5) A Educação Física enquanto Ciência;

6) O Parecer do Conselho Federal da Educação (CFE) Nº215/87;

7) A Formação Profissional e as Exigências Estatutárias;

8) A Avaliação Docente e

9) O Intelectual da Educação Física.

Após transcrição de todos os depoimentos, deparamo-nos com um material riquíssimo em que, certamente, nossa análise correrá riscos de "parcialidade" de interpretação. Por isso, após nossa análise dos depoimentos, apresentaremos estes em sua íntegra, principalmente por ser mais uma fonte de documento histórico e por nos permitir refletir sobre as seguintes questões já levantadas no decorrer deste estudo:

1) O que estaria subjacente às reformulações curriculares, formação profissional, atuação docente e produção acadêmica na área da Educação Física?

2) Avaliações sistemáticas sobre a atuação do corpo docente nos Cursos Superiores de Educação Física, enquanto responsáveis pelo ensino, pesquisa e extensão à comunidade, estariam correspondendo de que forma ao que foi relatado pelos documentos sobre Avaliação da USP, UNESP e UNICAMP (Introdução: pp. 3-4).

3) Se a Formação do Profissional de Educação Física deve ser pensada, não somente a partir de reestruturações curriculares, mais ainda em relação à atuação do corpo docente nos Cursos Superiores desta área de conhecimento, no que diz respeito às atividades-fins da Universidade, como atua este docente?

4) Como o docente está correspondendo aos objetivos traçados nos Documentos Curriculares (II Capítulo) no que diz respeito à Formação Profissional?

Devemos deixar claro que não temos a intenção de comparar as Instituições em estudo e sim, termos um entendimento global por parte de todas as fontes pesquisadas.

Por questões de ética, não estamos identificando o nome de cada docente entrevistado, respeitando aqueles que pediram para que não fossem identificados. E, mesmo porque, não importa quem disse o que, mas sim, como a Educação Física está sendo pensada atualmente de acordo com os questionamentos levantados.

A análise estará fundamentada nos conceitos de "Intelectual Orgânico", "Intelectual Tradicional" e "Hegemonia", segundo GRAMSCI e "Ideologia e Utopia", segundo MANNHEIM, já explicitados no capítulo anterior.

Os depoimentos apresenta-nos um quadro bastante interessante e, principalmente, vem nos mostrar a complexidade do pensamento intelectual produzido em nossa área.

Fica evidenciado uma pluralidade de interpretações de acordo com a compreensão de cada docente entrevistado no que diz respeito as questões formuladas, a ponto de tornar extremamente complexa nossa análise segundo o referencial teórico proposto. Não obstante, ainda assim, estaremos assumindo os possíveis riscos, apesar de constatada a dificuldade.

O leitor comprovará que não temos ilusões sobre as limitações de nossos estudos. Receberemos críticas, mas, provavelmente o saldo que nos honrará perante os demais estudos na área é de natureza empírica. Ou seja, o fato de conseguirmos, em 1993, face à reestruturações curriculares e em meio a um processo polêmico de avaliação das funções universitárias, focalizar pensamentos de líderes da Educação Física.

É importante ressaltar que as questões registradas, resultam de docentes que vivenciaram uma "Educação Física Tradicional" e procuram uma transformação, até rápida, que rompam suas ligações com o passado, a fim de dar nova feição à organização da formação profissional. Não podemos nos esquecer que o estado de São Paulo e, principalmente a cidade de São Paulo sofre transformações constantes e rápidas, rompendo suas ligações com a "Cultura Tradicional" e dando novas feições a "Cultura Civilizada" em expansão.

Ao invés de ficarmos aguardando tempo para adquirirmos melhores orientações metodológicas a fim de realizarmos uma análise mais acurada, optamos pôr de lado as antigas ambições de realizar um estudo

global, como ele poderia ser focalizado através de análises comparativas e históricas, e ser mais consciente. Assim, não retardamos ainda mais a publicação das entrevistas coligidas e não estaremos privando outros estudiosos do acesso a dados que poderão ser proveitosos às suas investigações e em condições mais propícias ao "rigor" científico.

A primeira questão realizada teve como objetivo constatar como a Educação Física era pensada e a própria formação profissional do docente entrevistado.

Verifica-se, num curto período histórico (60 a 90), novas camadas de intelectuais criticando a atividade intelectual que existia em determinado grau de desenvolvimento da área e paralelamente o surgimento de novas propostas de Educação Física. Fica caracterizado uma evolução histórica da área, na medida que é bastante visível variadas concepções de Educação Física.

A Formação Profissional dos docentes entrevistados voltou-se, principalmente, para uma Educação Física: "arte", "saúde", "educativa", "técnica-educativa", "técnica", "prática", "prática-fundamentada cientificamente".

Atualmente, esses docentes com diferentes formações profissionais, atuam, gerando novas formações, em consonância ou não, com os princípios adquiridos em suas graduações.

Docentes formados na década de 60 (USP), afirmam a existência de uma Educação Física "Arte". O movimento praticado e ensinado era visto como uma "arte".

"Cursava-se por idealismo"

"Naquela época havia muito de arte no que era feito e as pessoas tinham paixão pelo que faziam"

"Era uma Educação Física arte, o que a gente aprendia era fazer a arte do movimento"

Em contrapartida, um docente formado pela Escola de Educação Física da Polícia Militar, praticamente na mesma época, já apresenta uma formação profissional voltada para a aprendizagem técnica das modalidades esportivas.

"Não era um curso assim de dar processos pedagógicos. Eles ensinavam a técnica de cada uma das modalidades esportivas. Era quase que mais um cursinho de técnicas desportivas do que um curso para formação de professores"

Tinham como principal campo de trabalho, a Escola de 1º e 2º graus. Eram formados, eminentemente com a preocupação de desenvolver os aspectos higiênicos e morais dos alunos. O aspecto higiênico é resultante da influência dos médicos, uma vez que as disciplinas biológicas eram lecionadas por estes.

"Nas escolas, a Educação Física era muito saudável, era orientado no sentido que tudo fazia bem para a saúde"

"Não se discutia como a gente discute hoje. Não se discutia qual era a concepção de Educação Física. A Educação Física era uma coisa saudável que se fazia e o professor de Educação Física era responsável por, de garantir isso em escolas, porque a Educação Física só existia nas escolas"

"A Educação Física, era essa concepção, ela tinha um aspecto de higiene"

"Em matéria de influência a que nós mais tínhamos na Escola, eram praticamente duas grandes influências: uma da parte médica, porque todas as disciplinas biológicas que nós tínhamos eram lecionadas por médicos, então a influência da medicina era grande nessa época. E, na parte prática, a grande influência que nós tínhamos era do professor de ginástica"

"Mas, aqueles professores antigos, eles tinham alguma coisa na cabeça, principalmente nessa parte pedagógica. Pelo menos formavam moralmente bem o futuro professor"

"Havia uma preocupação com o ensinar todas as disciplinas práticas, transmitiam como que deveria ser ensinado"

Colocam que em sua época não havia interesse em discutir teórica, academicamente a área. Enfim, a Educação Física não era pensada cientificamente. Os cursos estavam preocupados com uma Educação Física enquanto profissão.

"A preocupação era em formar e adquirir conhecimentos para atuar na parte profissional, não existia crítica, não existia reflexão"

"Nós não tínhamos na época nenhum colega da área da Educação Física que tivesse a oportunidade de ter saído e voltado com novas idéias, novos ramos, novas possibilidades profissionais. Então, não tinha nenhum pensamento crítico a respeito da área. Raramente nós pensávamos na parte acadêmica"

"Na época da minha formação em Licenciatura, a Educação Física tinha uma preocupação mais diretamente ligada a parte de docência, ouvia-se falar muito raramente em pesquisa"

"O problema é que a preparação destes profissionais a nível para atuar no 1º e 2º graus não tinham o componente acadêmico. O componente era meramente o profissional"

"Nós tínhamos esse conjunto de atividades que resumia em formar um professor que fosse exclusivamente dar aula no ensino formal"

As disciplinas teóricas de cunho psicológico, biológico e pedagógico, eram desenvolvidas de forma completamente dissociadas da

Educação Física. A relação teoria e prática inexistia. Os conhecimentos eram transmitidos segundo uma pedagogia tradicional. Ou seja, os conteúdos não eram direcionados para uma perspectiva crítico-social.

Neste sentido, é possível constatar que, nesta época a formação e atuação profissional estava mais voltada para o conceito de "Intelectual Tradicional".

"As críticas voltavam-se para uma Educação Física que não era discutida teoricamente e que não havia uma relação entre a prática e a teoria"

"Agora, dentro da parte científica era bastante falho, porque não se estudava cientificamente quase nada"

"As disciplinas não eram direcionadas à Filosofia da Educação Física, à Psicologia da Educação Física, não, nada disso, ela tinha uma visão abrangente"

"As disciplinas teóricas que nós tínhamos eram muito mais ligadas a área médica, biomédica e sociologia e pedagogia, mas que não tinha, o pessoal que dava essas aulas eram completamente dissociados do conhecimento da Educação Física"

"As nossas aulas não eram discutido conosco, a razão das nossas aulas não eram discutido conosco. O porque das aulas serem assim ou assado nunca foram discutido conosco. Simplesmente eram passadas sob formas descritivas e as aulas práticas eram feitas em torno da voz de comando da seqüência pedagógica. Totalmente dirigidas. Não existia, os teóricos eram totalmente teóricos e os práticos eram realmente práticos"

Num primeiro momento, temos docentes atuando que realizaram o Curso de Educação Física numa perspectiva idealista, para lecionar em Escolas e já começavam a criticar a relação teoria e prática. Passaremos agora a identificar aqueles que procuraram o Curso em função de suas experiências com esportes e paralelamente passaram a criticar

uma formação de cunho mais técnico, a relação teoria e prática e conseqüentemente iniciaram um movimento para uma "nova" Educação Física.

A maioria dos docentes entrevistados tiveram sua formação na década de 70 e procuraram o curso, principalmente em função de suas experiências esportivas.

Entretanto, hoje, criticam que sua formação era voltada para o esporte-rendimento, à técnicas simplesmente. Os recursos humanos deixam de serem preparados segundo os conceitos de "arte", "saúde" e "moral" para voltarem-se à "prática-desportiva".

"A ida para a Escola de Educação Física foi eminentemente em função do esporte"

"Eu ingressei em 1967, a minha vinda para a Escola de Educação Física foi eminentemente em função do esporte. Eu tinha claro que a visão profissional da Educação Física estava voltada para o esporte e a minha passagem pela Escola durante 3 anos de Educação Física no Estado de São Paulo, ela foi totalmente direcionada para o esporte"

"A minha formação de Educação Física, ela vinha de uma história da minha participação. Então, eu tinha uma participação na vida esportiva"

"Eu acho que na concepção e a concepção provavelmente que deve ter norteado toda essa nossa geração (década de 70) na questão curricular está baseada na questão do esporte, auto-rendimento"

A Educação Física passa a ser caracterizada como uma atividade de formação de atletas. As grades curriculares eram tomadas por excessiva carga horária de disciplinas esportivas.

"Uma concepção absolutamente técnica, por exemplo, eu tirava a nota melhor ou pior no basquete se eu arremessasse melhor ou pior"

"Quanto a concepção acho que a concepção seria até uma concepção tradicional de aplicação de recursos humanos para prática desportiva mesmo"

"A Educação Física até então, não era, não tinha uma perspectiva nenhuma de ser vista como uma ciência, mas, sim, apenas como uma atividade de uma formação de atleta, de prática esportiva essencialmente"

"Como toda Educação Física da década de 70, era um curso que tinha grande parte de sua carga horária tomada por disciplinas de caráter técnico-esportivo"

Há a afirmação de um docente que vai contra as colocações de uma Educação Física "tecnicista":

"A Educação Física era educativa. A minha motivação para fazer Educação Física foi que eu tive um excelente professor. O professor que me motivou a seguir essa profissão e como eu, mais 10 colegas meu seguiu a mesma coisa. Não tinha nada dessa parte só competição ou então como alguns dizem tecnicista, a formação era educativa. A gente foi ensinado a educar através dessas atividades"

Críticas à ausência de uma fundamentação teórica é acentuada.

Criticam, hoje, que as disciplinas práticas não eram compreendidas segundo um aparato teórico. Se existia uma fundamentação teórica, era marcada pelas disciplinas biológicas e as pedagógicas obrigatórias da licenciatura. E, ainda eram desenvolvidas de forma bastante dissociada do cotidiano da Educação Física.

Os problemas sociais nunca eram discutidos num curso de Educação Física.

"Em nenhum momento abria-se espaço para buscar, pensar, teorizar aquela prática, entender, compreender o seu significado, sentido, sua razão de ser"

"Nós não tínhamos nenhum contato com o pessoal da sociologia, ciências sociais, da educação, com nada. E, esse mundinho isolado nosso só estava questões ligadas as técnicas"

"Em termos de formação, o currículo tinha deficiência sem dúvida nenhuma em termos de principalmente de uma fundamentação mais teórica"

"A crítica que a gente tinha era que os cursos eram tremendamente práticos e que não havia nenhuma discussão própria"

"Não existia, não existia pesquisa nenhuma. Era puro ensino livresco, baseado nos livros, o que mais a gente tinha, anatomia, fisiologia, era só fisiologia geral, você via todos os sistemas como se fosse talvez um pouco avançado além do colegial, nada além disso"

"A fundamentação teórica basicamente, principalmente, na área biológica e a formação humana, basicamente se restringia as disciplinas obrigatórias da licenciatura. Era basicamente uma formação voltada para a aprendizagem de técnicas, com pouca reflexão teórica, sem nenhuma visão crítica de nada"

Começavam a exigir uma Educação Física que deveria ensinar a ensinar e não ensinar a fazer, ou seja, aprendiam a fazer os movimentos e não a ensinar os movimentos.

"E, as críticas naquela época giravam em torno do que um curso de formação de professores de Educação Física deveria fazer, era ensinar a ensinar e não ensinar a fazer, como aconteciam em grande parte de disciplinas. A gente aprendia a fazer os movimentos, mas, não de ensinar os movimentos para as outras pessoas"

"O curso de Educação Física nunca se discutia problemas sociais, a formação era única e exclusivamente, ali você discutia e até tinha um conteúdo razoável em termos de educação de 1º e 2º Graus, em termos de metodologia, agora, o porque da educação do 1º Grau, a ideologia do sistema educacional, nunca ninguém falou isso para a gente"

Parece-nos, que apesar das críticas, o conceito de "Intelectual Tradicional" ainda persisti, segundo o que acabamos de relatar acima. Pois, para atuar como "Intelectual Orgânico", no mínimo

deveria ter acesso a discussões de cunho sócio-político. Entretanto, discutir e questionar os problemas sociais não era uma preocupação desses cursos.

Por fim, temos o depoimento de um docente, formado na década de 80 e que apresenta uma formação gerada por essas críticas relatadas anteriormente.

Relata que foi formado por professores que estavam voltando do exterior com uma "nova" concepção de Educação Física. Ou seja, uma Educação Física a procura da necessária identidade científica.

"O meu curso de Licenciatura, ele tinha uma visão de Educação Física relacionado com um conceito de saúde, mas, saúde no sentido biológico, e na época já existia uma tendência por parte dos alunos, de propor, de uma mudança de visão do enfoque estritamente biológico para um enfoque mais informação, era um deslocamento dessa idéia de fazer para a idéia do compreender. Mas, no compreender você tinha também uma gama de possibilidades: num sentido de formar o cidadão, era preciso compreender a Educação Física para entender os benefícios na verdade, para buscar uma autonomia; era necessário compreender que na verdade o mais importante não era o sistema biológico que sustentava, mas sim esse sistema cognitivo que controlava esse sistema biológico. Eu fui formado nessa dinâmica, surgindo essas pessoas que estavam voltando do exterior, tinham feito doutorado no exterior. Eles vinham do exterior com essa concepção, Educação Física é Ciência, Educação Física precisa de fundamentos científico"

Atualmente, temos um corpo docente bastante diversificado, não só no que diz respeito a formação de origem de cada entrevistado, seja em Educação Física, Fisioterapia, Medicina, Psicologia, História, Biologia, Sociologia e etc. Mas, principalmente, àqueles que tiveram uma formação em Educação Física apresentam perspectivas variáveis, seja

de uma formação profissional voltada para uma Educação Física "arte", "educacional", "técnica" ou "científica".

Vejamos agora como esses docentes em que realizaram o Curso de Educação Física de forma "atípica", por serem atletas, por idealismo ou porque foram convidados dado a sua formação em áreas afins para fundamentar a Educação Física e compor o quadro docente visualizam a Formação Profissional da qual vem sendo responsável.

Como as críticas levantadas estão sendo superadas?

A principal crítica levantada é de uma Educação Física eminentemente prática e que esta precisaria de uma fundamentação científica, ela precisaria se tornar uma disciplina acadêmica. O que estaria subjacente e quais as conseqüências desse pensamento?

A ausência de fundamentação teórica veementemente criticada pelas gerações anteriores parece estar sendo suprida.

O que ocorre é que os docentes dessas Universidades começaram a sentir pressões da estrutura universitária que advoga o docente-pesquisador de uma área científica. Tais profissionais sentiram-se obrigados a conquistar status acadêmico, para que, inclusive, não corressem o risco de perderem seu campo de trabalho.

A Ciência como mito da época moderna, como solucionadora de problemas, parece que realmente seria a solução de uma Educação Física

acrítica. As pesquisas forneceriam subsídios suficientes para definir o seu objeto de estudo. Assim, também, estaria definida sua função social.

Assim sendo, numa corrida desenfreada, docentes procuram se titular, seja no exterior ou aqui mesmo. Procuram áreas afins, como Psicologia, Fisiologia, Educação, para fundamentar a tão criticada Educação Física - Prática. Sociólogos, Historiadores, Psicólogos começam a compor o quadro docente. Nas grades curriculares surgem novas disciplinas como Fisiologia do Esforço, Biomecânica, Aprendizagem Motora, Dimensões Filosóficas da Educação Física e etc.

"Os professores de Educação Física do departamento de Educação Física na Universidade começaram a sentir pressões de outros departamentos, porque os outros departamentos eram acadêmicos, os outros departamentos faziam pesquisa, tinham este compromisso e os de Educação Física não tinham bem claro isto, os de Educação Física "davam" uma aulinha que não eram comparadas com as aulas de outros institutos e aí os outros professores passaram a questionar o que faz a Educação Física na Universidade, porque ela não volta como era antes, fora da universidade, preparar professores pode não ser a função principal do curso de Educação Física na Universidade. E o que aconteceu então? A pressão externa é clara e o que acontece com os professores do departamento de Educação Física: eles são obrigados a ter, a ganhar status acadêmico tal qual os dos outros departamentos"

"O discurso de acadêmico é forte pela própria sobrevivência na USP desta Educação Física"

"A UNICAMP é como diz assim: vocês não podem ser ruins, porque se vocês forem ruins, vocês não cabem aqui dentro da UNICAMP. Então, a gente está aí numa corrida desenfreada pelo doutorado"

Quais as conseqüências disto?

"Começou a ter subdisciplina de biomecânica, fisiologia do esforço, aprendizagem motora e nós caímos neste engano, porque foi em 1964 e no Brasil em 77 se instala a pós-graduação e em 77 no Brasil saem pessoas para fazer pós-graduação no exterior, sai a Ana Maria Pellegrini

e vai fazer aprendizagem motora, sai o Kadu e vai fazer fisiologia, sai o Amadio e vai fazer biomecânica, sai o Go Tani e vai fazer aprendizagem motora e assim por diante. Então, por exemplo: o professor Edson de Jesus Manoel desta Escola termina o mestrado aqui e vai fazer doutorado na Inglaterra, só que o Edson tem dificuldade de localizar o seu estudo na Inglaterra de uma unidade administrativa e ele vai para o Instituto de Psicologia. Então, que raio de Educação Física é esta, se é que ela existe do ponto de vista acadêmico?"

Na busca de um entendimento teórico da Educação Física em áreas afins, pensam que em vez de conseguir definir seu objeto de estudo, cada vez mais se distanciam da sua essência, ou, parecem não mais entendê-la.

"Após o mestrado e doutorado, os nossos professores foram buscar status acadêmico, o que acontece na USP hoje é isso, o Professor Negrão coloca que ele não entende de Educação Física, mas entende de fisiologia. Ninguém mais estuda Educação Física. O movimento passa a ser um complemento para se estudar diabetes, hipertensão, etc"

"Os nossos professores de Educação Física para ganhar status acadêmico estão se distanciando das questões da Educação Física e responde questões da fisiologia, questões da biomecânica, da aprendizagem motora e etc"

Anteriormente, era criticado o caráter prático da Educação Física. Hoje, preocupam-se com seu excesso teórico. As próprias aulas práticas-desportivas passam a ser desenvolvidas de forma a enfatizar mais os seus aspectos teóricos.

O corpo docente passa a ser composto por dois grupos distintos: os práticos e os teóricos. Não está existindo ainda um equilíbrio.

"Não nego que você possa ter as cabeças intelectuais que possam colaborar com você, trabalhando em laboratório, fazendo pesquisa. Eu acho, inclusive, hoje, nós temos um pessoal muito ligado a parte de pesquisa, na prática, praticamente não faz nada. E, nós temos um

pessoal que é muito prático e na base intelectual da pesquisa científica nunca tiveram a oportunidade de fazerem nada"

"Numa transformação, numa busca de um reconhecimento enquanto ciência. Porque até então, a Educação Física até os anos 80, a Educação Física era vista como apenas uma prática desportiva. E, com a vinda desse pessoal todo que foi para fora se especializar, se titular, na verdade, veio com uma concepção teórica da Educação Física"

"Durante o período que eu estava dando aula, eu tinha muita preocupação em transmitir algo além do que seria a prática. Eu tinha muita preocupação em dar teoria, eu achava que a Educação Física carecia disso. Dava aula de natação, mas 70% das aulas eram teóricas, em sala de aula. Deu muito problema com os velhos da casa por causa disso, mas, eu acreditava piamente que era isso que eu tinha que fazer, eu distribuía meu conteúdo em fisiologia, biomecânica, aprendizagem motora, teoria do treinamento. Dava numa disciplina dita prática, eu colocava praticamente todo o curso de Educação Física. Isto é um aspecto interessante, porque a forma que eu estou pensando é bastante diferente desse período. Eu acho que a Educação Física acabou entrando na teoria porque a prática era pouco fundamentada. A partir do momento em que isto foi colocada claramente muita gente começou indo para a teoria, porque era uma brecha para poder trabalhar. São duas razões para isso, profissão muito mau reconhecida, o status acadêmico, não só o status acadêmico e a própria sociedade não reconhece, esta é a razão principal, eu falei duas, mas, é esta a razão principal. Isto abriu muita brecha para a gente trabalhar com a teoria. Mas, no momento em que essa discussão foi feita, convém lembrar que a prática era mau fundamentada. Hoje o que todo mundo percebe é que está todo mundo preocupado com a teoria"

Se antes a Educação Física era criticada por ser caracterizada somente enquanto profissão e passou-se a preocupar com seu status acadêmico, hoje, passa a ser questionada enquanto ciência e disciplina acadêmica.

Hoje, pensam em assumir o seu tradicional caráter profissional. A Educação Física, não mais necessariamente precisará ser uma disciplina acadêmica. Deverá ser uma área profissional, discutida academicamente.

Portanto, vejamos algumas considerações sobre isso e que conseqüentemente é possível entender como a Educação Física e Formação Profissional está sendo pensada pelos docentes entrevistados:

"Hoje, tem falado e escrito e assim debatido que, não necessariamente a Educação Física seja uma disciplina acadêmica, hoje já se tem falado que a Educação Física é uma área profissional, enfim, uma profissão que pode ser discutida e deve ser discutida academicamente e por isso deve estar lá na Universidade"

"Sobre a Formação Profissional em Educação Física, primeiro, eu acho que a gente tem que tirar esse caráter de que é Ciência. Tem que encarar como profissão mesmo. Que trabalha de um lado com valores e de outro lado com estratégias para se atingir esses valores"

"Então, a Educação Física é uma área acadêmica e ela pode ser discutida basicamente em 4 dimensões. Pode ser discutida enquanto disciplina acadêmica, pode ser discutida enquanto profissão, pode ser discutida enquanto formação profissional e pode ser discutida enquanto componente curricular"

O mercado de trabalho em Educação Física é ampliado. Por isso, a responsabilidade do profissional é ainda maior. é mostrar para a sociedade a importância do Movimento Humano, nas mais variadas situações, no trabalho, no lazer e não só mais na escola.

"Eu vejo que profissionalmente e pedagogicamente a minha responsabilidade profissional é mostrar para a sociedade a importância do movimento humano, sejam as mais variadas situações, no trabalho, no lazer, etc"

O curso de Bacharelado é criado, não só na tentativa de caracterizar a Educação Física enquanto área de conhecimento. Mas, principalmente numa cidade como de São Paulo, o esporte passa a ser considerado um fenômeno distinto da Educação Física e que por isso merece uma formação diferenciada. O Lazer parece tomar as mesmas dimensões.

é gerado controvérsias, com relação aos termos de Educação Física, Esporte, Lazer e Motricidade Humana. Porém, parecem ser fruto muito mais do desconhecimento dos próprios intelectuais com relação as teorias existentes sobre cada termo.

"Hoje, o profissional é formado no bacharelado tanto em Educação Física como em Esporte, considerando que Esporte é um fenômeno distinto do fenômeno Educação Física"

"E a gente sabe que existe uma interface entre o Esporte e a Educação Física, mas a gente sabe que hoje uma cidade como de São Paulo, dado um nível de especialização dos profissionais merecia, já estava merecendo uma formação diferenciada, ou seja, quem vai trabalhar com fenômeno em Esporte, estava precisando de uma formação especializada e quem ia trabalhar com fenômeno Educação Física que, apesar da interface no esporte não tem nada haver uma coisa com a outra, merecia uma formação diferenciada"

Ainda existe confusão com relação aos termos de Educação Física e Esporte:

"Eu acho que quem quer atuar no Esporte e eu particularmente, penso que deve ter uma formação voltada para esta área da mesma forma que quem quer atuar na Educação Física tem que ter uma formação voltada para a área de Educação Física. Porque, para mim, Educação Física não tem nada haver com esporte"

"Eu não vejo uma separação entre Educação Física e Esporte, eu acho que esta separação que contribui até para desagregar o povo na área"

Os profissionais da Educação Física precisam encontrar o equilíbrio da relação teoria e prática:

"Einstein deu uma resposta dentro da Teoria da Relatividade dele, quatro palavrinhas que cabe bem aqui, também na nossa Educação Física: perfeição de meios, confusão de fins. Eu acho que em nossa Educação Física tem havido isto, cada vez mais meios mais perfeitos. Hoje, os colégios tem boas instalações, tem piscina, tem isso, tem aquilo, bola a vontade. Cada vez está se fazendo mais confusão com os objetivos da Educação Física. Qual é o objetivo da Educação Física em última análise? Não é contribuir para a educação integral do indivíduo? Fugir disso é errado. Não importa se você está na academia, no colégio,

no educandário, no orfanato. O teu objetivo é fazer com que aquela pessoa seja integralmente mais preparada para a vida"

A parte pedagógica e moral do futuro professor em detrimento da pesquisa científica:

"Agora, hoje, eu vejo isso, a despeito de você estar estudando cientificamente quase tudo, muita pesquisa por aí, todo mundo pesquisando. Mas, o pessoal tem esquecido muito da parte pedagógica, a parte psicológica, a parte moral do futuro professor. Quer dizer, eu acho, hoje, que a turma está se formando muito intelectualmente. Tem a cabeça muito boa para entender tudo teoricamente. Mas, na hora da prática, de ver a coordenação do movimento, eu acho que eles não tem as mesmas coisas. Eu acho que existe duas coisas bem diferentes aí. O intelectual de Educação Física hoje e aquele mestre que fazia a parte prática"

O excesso de teoria:

"Acredito que muitas vezes há uma outra crítica a fazer que é o excesso de teorização em algumas disciplinas em detrimento da aplicação dessas disciplinas. E o conjunto dessas teorizações acabam dando ao aluno uma dificuldade, porque ele teoriza demais e depois tem dificuldade de fazer a ponte com a sua aplicação"

"A gente deveria estar preocupado com a prática e buscar respostas para os problemas que encontramos na teoria e não o inverso. Eu acho que a gente tem que encontrar problemas na prática"

Enquanto advoga-se uma atuação docente eclética em termos práticos-teóricos, questiona-se a atividade física na Formação Profissional:

"Então, eu acho que a nossa formação profissional é muito dirigida demais, falta uma formação cultural mais ampla na minha opinião, ela tem que ter uma fundamentação teórica específica e eu não sei hoje como eu colocaria a questão da atividade física no curso de formação, porque eu passei por duas experiências nos EUA. Os alunos não fazem nenhuma disciplina prática no curso de formação"

"Eu acho que o docente de Educação Física tem que fazer uma parte prática também e deve quanto melhor ele for de prática melhor para poder mostrar aos seus alunos através de uma demonstração como é o exercício que ele está querendo de qualquer modalidade esportiva, eu acho também que o professor deve ser eclético. Ele tem que entender um pouco de tudo. Ele pode ser um especialista na sua área de basquete, de vôlei, de natação, mas, ele tem que entender de biomecânica, nutrição, fisiologia do esforço, de pedagogia, de psicologia"

Uma crítica aos teóricos:

"Eu gostaria muito de ver o pessoal do desenvolvimento motor, a habilidade motora, motricidade humana dizer que teoricamente a coisa é assim e depois me mostrar na prática que realmente se confirme o que ele diz"

A ênfase na teoria surge não só como necessidade de "status acadêmico" mas também de "status social":

"Uma das formas é essa, desenvolver um corpo de conhecimento teórico e que isso possibilite a formação de profissionais mais competentes para atuar na sociedade"

"Eu acho que o médico resolve o problema de saúde, nós temos que resolver o problema de convivência, desenvolvimento do indivíduo atuante nessa sociedade, que eu acho que era esse o papel da Educação Física"

Afinal, o que é Educação Física? Ainda é feita essa questão pelos próprios docentes, que se contradiz no seu próprio depoimento tendo convicção da certeza da resposta e logo em seguida cai no "achismo":

"Eu acho que a gente tem que ter um referencial, os nossos alunos precisam de um referencial, por exemplo, é preciso responder para eles a pergunta: o que é Educação Física? E, o que faz a Educação Física? Eu responde para eles, eu estou convicto do que é e o que faz a Educação Física. Eu acho que deve ser a disciplina que ensina as pessoas a se conhecerem como corpo, a saberem o corpo. Então, a Educação Física educa para isso, para as pessoas conhecerem a sua corporeidade e para serem livres, livres para se expressar"

A Educação Física e a transformação social:

"A gente sempre acha como compromisso profissional deve passar não pela titulação acadêmica simplesmente, mas, deve passar exatamente porque essa área de conhecimento pode prover no sentido da transformação, na transformação social, de uma forma mais ampla, sem ser ingênua, achando que você mudando a formação profissional, você vai mudar a sociedade, não é isso que a gente está dizendo, mas, que a gente tem um espaço de ação e neste espaço de ação não tem três opções, tem duas opções, ou você se forma como um profissional para manter o estado ou você tem na sua formação profissional vertentes que indicam que o importante é a transformação inclusive da sua profissão e a possibilidade da transformação das relações sociais"

"Nós temos que preparar os nossos alunos para que eles consigam reverter as expectativas, que por ser Gramsciano, eu acredito sim na cultura popular, mas vejo a cultura popular cheia de impurezas, de traços a serem burilados, então, nosso aluno precisa ser preparado inclusive para reverter esta expectativa do público em que ele vai atuar. O outro ponto seria que qualquer educação, em qualquer nível deve contribuir para a formação do cidadão. O que eu sinto é a aproximação com a sociedade através da extensão. Isto realmente é muito falho aqui no nosso curso"

Principalmente, com a transcrição do último parágrafo, o docente parece ter dificuldades para atender as atividades-fins da Universidade.

Na ânsia de possibilitar ao graduando o entendimento científico do corpo em movimento, criou-se o "trabalho de formatura" e precocemente forma-se "pesquisadores entendedores de movimento", perdendo-se de vista a formação profissional:

"Houve nessas primeiras propostas nossas, você veja bem, inovação, foi o primeiro curso a colocar metodologia da pesquisa no currículo, foi o primeiro curso a colocar trabalho de formatura, por que? Porque era uma reação a essa situação de coisa, a gente achava que você tinha que fazer uma formação científica do professor. No meu ponto de vista, isso ultrapassou um pouquinho a proposta, foi além do que a

gente queria e se confundiu e ainda se confunde hoje muito do aspecto de iniciação científica com formação profissional. Eu insisto com os alunos, a nossa preocupação é a formação profissional, não é uma formação acadêmica"

O profissional tem a teoria, mas, não sabe como utilizá-la:

"Então, ele tem que ter, mais importante do que o conhecimento, as ferramentas capazes de, por esse conhecimento ele poder atuar de maneira diferente no mercado"

Estamos arriscados a comprovar que o mesmo profissional é formado há vinte anos, ou seja:

"Não vamos entender o seguinte, com todas as propostas, quando você começar a acompanhar o desenvolvimento desse aluno no mercado você vai ver que é o mesmo que a gente fazia há vinte anos atrás. Por que nós não conseguimos avançar com ferramentas para ele"

Os profissionais não estão sendo preparados para identificar os problemas no cotidiano da Educação Física:

"A forma como que a gente tem dado à formação profissional, a gente começa dando um monte de partes e espera fazer a síntese num determinado momento. Acho que isso é um problema, os cursos deveriam começar com colocação de problemas, na verdade os profissionais deveriam estar preparados para identificar problemas práticos do dia-a-dia e buscar soluções. A forma como nós temos dado o curso, os cursos são elaborados, você começa pelo inverso, o aluno de 1º e 2º ano recebendo um monte de informações deixa-se sempre o "filé mignom" para o fim. Isso dá vários conflitos, primeiro para o aluno é extremamente complicado, porque ele recebe uma carga de informação, ele recebe uma cobrança em cima de coisas que ele não sabe realmente para que interessa"

A preocupação com a parte terminológica da nossa área:

"Me preocupa a parte terminológica. Porque se não tivermos uma terminologia, nós não podemos nem ser uma Ciência, sem uma terminologia própria da nossa área. De repente, cada um fala uma coisa.

Quer dizer, se eu chamar de Educação Física e você chamar de Motricidade, nós estamos falando a mesma coisa com nomes diferentes. Confunde a cabeça dos outros. Então, você tem que ser muito hábil para explicar para as pessoas o que você quer dizer com aquilo e nossa área carece de uma terminologia correta. E não tem. Cada um, as vezes, falam a mesma coisa, com nomes diferentes, conceitos diferentes. é uma confusão danada"

Se há uma "confusão danada" em nossa área, e os próprios depoimentos nos mostra isso, ainda a hegemonia não foi estabelecida, não se consolidou um novo bloco histórico, não se conseguiu organizar as massas no sentido de uma nova cultura, não se conseguiu romper com a ordem estabelecida, o status quo. Enfim, encontra-se mais para um estado ideológico do que utópico.

A idéia de que com a vinda de outros profissionais de áreas afins ou a procura de uma fundamentação teórica dos próprios docentes de Educação Física em áreas afins pudessem solucionar os problemas de uma Educação Física acadêmica apresenta divergências entre os entrevistados:

"Então, a vinda de outros profissionais de Educação Física, eles são importantes, eu vejo, porque criam uma massa crítica de outros discursos, de formulações, de conteúdos diferenciados, de visão diferente de ver o mesmo fenômeno, fazendo outras leituras"

"Lamentavelmente, o que aconteceu com a Educação Física é que a nossa formação foi muito diversificada. Colegas nossos foram fazer doutorado em Educação, em Economia, em Psicologia, em Comunicação, em várias áreas e a formação deles, então, é totalmente fora da realidade da nossa área. E aí, o pessoal vem com o discurso dessas áreas que eles fizeram o doutorado, trazendo para dentro da nossa área. Isso é perigoso, porque acabou desvirtuando o corpo de conhecimento da nossa própria área. Então, a Educação Física hoje, resolve todos os problemas. Desde alfabetização na Escola, que é a tal da psicomotricidade até o problema político do país. E, daqui a pouco vão querer até acabar com a inflação. Eu tenho dúvida que a Educação Física pode resolver todos os problemas que esses "intelectuais" acham que ela resolve, eu duvido. Para mim, a Educação Física só deveria cuidar de uma coisa: Movimento Humano"

"Nós temos hoje, por exemplo, profissionais que se utilizam de referenciais teóricos da sociologia, da antropologia, da filosofia, para se especializar num estudo da questão específica do movimento humano, da questão do lazer, da questão do lúdico, da questão do corpo, que é aquilo que de certa forma motiva e a partir da qual se origina aí a formação do profissional de Educação Física. Aqueles cursos mais gerais, nós tínhamos professores de sociologia, sociólogos extremamente competentes, eles eram conhecedores profundos de tudo aquilo que girasse em torno dessa especificidade. Isso realmente não era interessante. Eu vejo, se hoje a Educação Física, se você analisar o que nós temos de mais progressista na Educação Física, você vai perceber que o que há demais progressista só foi produzido por pessoas que construíram a sua formação acadêmica fora da Educação Física. Então, nós temos profissionais de Educação Física que foram para a Educação, que foram para a Sociologia, que foram para a Psicologia, para a Antropologia, para outras áreas, se instrumentalizaram teoricamente nessas áreas e retornaram com esse instrumental para dentro da Educação Física contribuindo para saltos qualitativos, extremamente ricos no interior dela"

"O que complica um pouco em interagir com outras áreas profissionais, sociólogos, psicólogos ou até biólogos, anatomistas, seja o que for, o problema é que a gente não tem caracterizado qual é a nossa. Enquanto que você não tem claro o que você é, por exemplo, o que seria esse profissional de Educação Física, fica difícil até de você conseguir fazer uma análise, bom, esse cara pode se relacionar com as outras áreas de conhecimento, assim, assim, assado. Então, o problema, eu não vejo problema nenhum nós termos sociólogos, psicólogos que não são formados originariamente em Educação Física para trabalharem no curso de graduação, não vejo problema nisso, agora, vejo problema a gente não conseguir clarear, não conseguir identificar qual é a nossa área específica de ação"

"Na Educação Física é mais sério ainda, porque a gente não tem, a Educação Física não tem papel muito bem definido, o aluno de medicina tem poucas dúvidas, porque o papel dele vai ser de cura"

Isso explica o fato de que quando questionamos ao docente sobre sua concepção de Educação Física e Formação Profissional, suas respostas apontam mais para problemas da estrutura curricular, do que propriamente o seu entendimento sobre a questão. Acentuam que não está claro o perfil profissional de nossa área.

Ainda é encontrado dificuldades na contratação de docentes para trabalhar com áreas afins no Curso de Educação Física:

"Uma das críticas que a gente tem, é a dificuldade na contratação, ainda é essa uma dificuldade que nós temos de contratação de professores das disciplinas tipo psicologia, sociologia, filosofia, estrutura e funcionamento de ensino, didática, que não são professores de Educação Física e então tem que fazer assim, vamos dizer, um processo de adaptação ao nosso currículo para eles não trabalharem somente a sociologia geral, mas trabalharem as dimensões sociológicas da Motricidade Humana, que eles trabalhem somente com a Psicologia Geral, mas com as dimensões psicológicas da Motricidade Humana e assim por diante. A mesma dificuldade nós temos com os professores de anatomia, que não trabalhem apenas o comprimento, a origem, a inserção, os músculos, mas que trabalhem a anatomia aplicada ao aparelho locomotor em função dos desportos, da dança, da ginástica, da vida cotidiana, do lazer, da arte"

"O fato de você ter um departamento que não está comprometido diretamente com a Educação Física dificulta também a compreensão, quer dizer, nós falamos linguagens diferentes"

O problema das disciplinas pedagógicas:

"Todo professor da Licenciatura tem um contato com o curso que ele dá aula de uma maneira limitada, exterior. Ele vem de um departamento, dá aula, e depois retorna ao seu departamento. Por mais que ele participe de reunião, ele não vai se engajar no curso"

"Se você cai para dar cálculo I na Engenharia fica fácil. Por que o acúmulo de conteúdo sobre o cálculo é tão grande, e de certo modo já estável, que o muito que você vai poder decidir é se você vai usar dois livros didáticos ou um. Mas, se você cair para dar Filosofia da Educação Física, por exemplo, o que vai acontecer? Vai acontecer que você vai ter que montar um curso. Por que você não vai encontrar esse curso na especificidade que ele pede em lugar nenhum. Você vai acabar montando um curso que fatalmente vai fugir das possibilidades básicas do aluno que está na sua frente. Você vai montar um curso para além da possibilidade de seu aluno. Por que você vai montar um curso que talvez está muito mais próximo das suas condições de mestrando ou doutorando"

A criação do Curso de Bacharelado justifica-se pela necessidade da caracterização da Educação Física enquanto uma área do conhecimento.

Os objetivos com relação aos cursos de Bacharelado são perdidos e as reestruturações curriculares são traumáticas, principalmente porque as mudanças ocorrem com prazos definidos e não se chegou a discutir profundamente o perfil profissional.

Afirmam que o curso está fragmentado, que é preciso rever urgentemente o currículo. Há mudanças de títulos, de disciplinas, de ementas, mas, o conteúdo da aula continua o mesmo.

Não há um trabalho interdisciplinar, pois, o perfil do profissional não foi caracterizado.

Acreditam terem errado em criar um curso novo, sem estarem suficientemente claros e estruturados na Licenciatura. Acreditam até mesmo que do jeito que está não pode continuar com os dois cursos.

"Mas, essa questão da Educação Física, enquanto uma área do conhecimento, quer dizer, a caracterização da Educação Física enquanto uma área do conhecimento específico, que é diferente nas outras, foi um norteador. A criação do bacharelado, a posição a favor do bacharelado, teve nesse argumento um respaldo, embora se você for ver o produto disso, o nosso bacharelado não é um curso voltado para a formação de pesquisadores"

"Eu vi e estou vendo como um processo até meio traumático, em muitas situações, ele foi introduzido com muita resistência e porque muita resistência a gente poderia analisar sob vários aspectos: desde uma simples resistência a mudança, traumático pela forma como aconteceu, num momento com prazo definido, prazos rígidos, aconteceu num momento de

decisões por voto e que leva aquela situação de confronto e que sobretudo a matéria no meu entender não é uma matéria para ser votada, é uma matéria que exige um amadurecimento sobretudo"

"Bom, tem uma dinâmica interessante, toda mudança ela é traumática, ela encontra resistências. Mas, lá na USP, a gente encontrou uma resistência muito interessante. Primeiro assim tinha uma resistência daquelas pessoas que estavam acomodadas por ter tido uma formação muito antiga. Mas, tinha outra resistência que, por exemplo, ela partia de um entendimento errado da nova proposta e acho que essa resistência está hoje lá, afirmações erradas, completamente falsas, por exemplo, a afirmação de que o curso de bacharelado só é teórico, não tem prática"

Em contrapartida:

"Agora, foram aprovados dois currículos e aí eu faço uma crítica, porque nós discutimos muito na Universidade, embora tem dois, o Bacharel em Educação Física com um currículo totalmente teórico. Eu acho que o professor de Educação Física deve ter uma orientação prática também"

O Bacharelado como gerador de dúvidas:

"E, pela inclusão da palavra Bacharelado acabou gerando uma série de dúvidas"

Novamente a relação teoria e prática:

"Eu entendo também que toda e qualquer reforma curricular, ela passa por um período de dificuldade até para aceitação. Então, esse currículo, por exemplo, está até agora encontrando resistência, ele encontra resistência por que ele foi concebido teoricamente de uma forma muito correta e na prática teria muita dificuldade em como ele foi concebido"

"Com a implementação do currículo (...), eu via uma série de problemas (...), a concepção do próprio currículo na formação do pessoal que estaria voltada para a área educacional do docente, posso citar um exemplo, que o professor que estava formando através desse currículo, talvez ele não precisasse nem saber nadar para exercer a profissão,

talvez nunca tivesse entrado em uma piscina, até que ponto isso tem importância ou não, era para se discutir se realmente havia necessidade disso"

A efetivação daquilo que foi proposto via documentos curriculares (II Capitulo), os próprios docentes afirmam que não está ocorrendo.

"Eu acho que não está bom. Eu acho que a gente se equivocou um pouco, sabe. Por que a gente aqui tem um Bacharelado e uma Licenciatura e eu acho que a gente não sabia direito o que era Bacharelado"

"Aqui o curso está fragmentado. A gente precisa mudar o nosso currículo, revê-lo urgentemente. Está completamente fragmentado o conhecimento aqui, muito, muito!"

"Esse é o grande problema que eu sinto aqui na nova estrutura curricular, é que as modalidades estão estanques"

"Parece que como são quatro departamentos, são três modalidades, parece que as pessoas estão nadando em barcos diferentes, não estão todos no mesmo barco"

"Então, na verdade, o que eu sinto é que não ocorreram mudanças significativas de peso, as vezes há uma mudança de título, de disciplina, até da ementa, mas, talvez, não sei, se fosse comparar o conteúdo da aula, talvez tivesse muito próximo da aula anterior"

"Ainda não há um trabalho interdisciplinar"

"Eu acho que em termos de integração de conteúdo, integração de disciplina, integração de proposta, por exemplo, definição do perfil do profissional não foi conseguido"

"Ou a gente assume que a Licenciatura é Licenciatura e o Bacharelado é Bacharelado, ou a gente acaba com a Licenciatura ou acaba com o bacharelado, por que do jeito que está não pode continuar"

"Na verdade, nós talvez tivéssemos cometidos, acho que nós cometemos sim, um erro, que foi de formar um curso novo, via o

Bacharelado, sem estarmos suficiente, adequadamente estruturados na Licenciatura. Então, nós fizemos uma coisa nova sem definir exatamente o que nós queríamos da coisa antiga"

"Na verdade, o Bacharelado trouxe muita confusão para dentro da Educação Física, os vários cursos não conseguiram entender o propósito do Bacharelado"

"Por que hoje, infelizmente a gente facilmente constata que a proposta do currículo não está sendo implementada como foi feito"

"Na verdade, a elaboração dessa estrutura curricular, ela não saiu da forma ideal"

"Acho que está muito no papel ainda"

No que diz respeito ao termo "Motricidade Humana", apesar de ser amplamente utilizado pelas três Instituições, é pouco compreendido pelos docentes entrevistados.

Alguns o considera sinônimo de Movimento Humano. Visualizam mais como um rótulo. Um conceito radical, que tem uma expressão limitada para explicar a complexidade do Movimento Humano.

Acreditam que a discussão é muito mais semântica. Utilizam por este termo ser mais simpático à comunidade científica.

Em contrapartida, outros consideram que sem dúvida é o que justifica a existência da Educação Física, do Esporte como uma área acadêmica ou profissional. Permitiu que os docentes acordassem para uma visão filosófica.

A própria comunidade da FEF - UNICAMP, que teve a oportunidade de conviver dois anos consecutivos com o Profº Manuel Sérgio, e que são os grandes responsáveis pela massificação do termo, não apreenderam sua tese. Os próprios alunos da graduação não têm conhecimento do porque da existência da sigla M.H. diante das ementas.

"Me irrita um pouco o termo Motricidade Humana. Vamos definir o que significa isso. É difícil. Se a gente tentasse ser mais coerente, é movimento. Então, eu vejo assim, é mais um rótulo, para mim não significa muito. A Motricidade, eu partiria de um conceito, é o Movimento Humano, eu acho que essa expressão já é complicada o suficiente para ser entendida, que o meu modo de ver a Motricidade, ela não acrescenta nada. Eu acho que entender o Movimento Humano é uma coisa que vai mais de encontro a um conceito integrativo, interdisciplinar do que essa expressão Motricidade. Quer dizer, isso é um conceito bastante radical no meu ponto de vista, que tem uma expressão limitada para explicar a estrutura do movimento"

"Então, a minha compreensão ainda é uma discussão semântica, é uma discussão só de nome"

"Talvez, o termo Motricidade Humana tenha menos resistência na Universidade. Então, aí eu estaria trocando seis por meia dúzia"

"Hoje, o assunto é Motricidade Humana. Nós vamos cair no que? Naquilo que sempre se pensou, aquela célebre frase: Vida é Movimento!"

"Uso o termo, talvez, porque ele seja mais simpático à comunidade científica"

"Eu estou usando sinônimo de Movimento Humano, a Motricidade Humana. Por que eu não uso Motricidade Humana compartilhando com o modismo do Manuel Sérgio. Eu, hoje, vejo com restrição as pessoas, assim como o americano embarcou na questão da disciplina acadêmica, eu vejo que muitos colegas brasileiros embarcaram na Motricidade Humana. Acha visto que o Manuel Sérgio é obrigado até definir o que é Motricidade Humana, defini em dois, três parágrafos. Eu, hoje, saiu disso, deixo o mais simples ainda e quero estudar o Movimento Humano em todas as suas dimensões"

"A gente até agora não tem muito claro que objeto de estudo que seria a Motricidade Humana"

"O termo Motricidade Humana é discutido aí por todo mundo, quer dizer, o pessoal fala em habilidade motora, fala em desenvolvimento motor, fala em Motricidade Humana, quer dizer, é uma maneira do ser humano se movimentar através do seu motor que é o coração. No fundo, eu acho que todo mundo entende a mesma coisa, só muda o nome"

"Eu, particularmente não gosto do nome, não acho correto e nem uso Motricidade Humana, por que eu não vejo que nós estudamos a Motricidade Humana, nós estudamos o Movimento Humano, apenas uma categoria de movimento. Por que falar que a Educação Física estuda o movimento, isso não é verdade. Nós não estudamos o movimento de um pedreiro assentando tijolo, nós estudamos o movimento em termos de atividade física regular, sistemática, programada, de exercício, esporte, recreação, jogos ativos. A Motricidade Humana, o Movimento Humano, é um termo muito genérico e a nossa profissão não estuda tudo isso"

"Nós chegamos a conclusão que não existe uma Ciência da Motricidade Humana, sim, existe Ciências da Motricidade Humana na análise das questões do movimento e da intencionalidade do movimento"

"Embora tenhamos tido a oportunidade de convivermos dois anos consecutivos com o Professor Manuel Sérgio, a comunidade da FEF-UNICAMP, não deu conta de apreender, substantivamente, estruturalmente a tese por ele defendida dando margem a uma incorporação mecânica, automática, por conseguinte acrítica da tese, vinculado a configuração, ao longo de sua estadia entre nós de fortes laços afetivos. Nós tivemos, também, no segundo ponto, uma rejeição mecânica, automática, vinculado a ausência da vontade política direcionada a qualquer intenção de alteração da prática profissional. Os sinais de apropriação crítica de sua teoria se deu por fora da FEF, explicitando-se na refutação da compreensão da Motricidade Humana enquanto Ciência. Quanto a FEF, a mudança mais significativa, prendeu-se a alteração na sigla de suas disciplinas de E.F. para M.H."

Em contrapartida:

"Quanto a Motricidade Humana, sem dúvida nenhuma é o que justifica talvez a existência de Educação Física, de Esporte como uma atividade, até uma área acadêmica ou profissional"

"Justificar esse conceito de que haveria uma disciplina acadêmica, um corpo de conhecimento, tratava de um assunto que seria a

Motricidade Humana, o Bacharelado foi criado com esses dois propósitos, um a caracterização profissional e o outro a consolidação como área de conhecimento"

A introdução da Motricidade Humana como modismo:

"Eu não conheço movimento de incorporação crítica que tenha existido nesse país da tese de Manuel Sérgio. Você pega na Bahia, tem uma Faculdade de Motricidade Humana e fui lá e os caras não sabe o que é isso. Então, foi um modismo, uma perspectiva do novo muito superficial, muito adjetivo, muito pouco substantivo"

Um aspecto positivo sobre a Motricidade Humana:

"A minha conceituação sobre a importância da Motricidade Humana, na definição curricular é que foi uma atuação importante, permitiu que os docentes acordassem para uma visão filosófica, mais ampla, de amplo espectro"

A relação teoria e prática da Motricidade Humana:

"A mudança das siglas de Educação Física que é E.F. para M.H. que é Motricidade Humana, não representou muito, quando nós pegamos o currículo novo e analisamos desde as siglas até os nomes e o ementário, a gente percebe que ela se fracionou. O pessoal da teoria tentou buscar novas saídas, novos caminhos, mas esqueceu que essa teoria tem que ser operacionalizada na prática depois. Então, realmente nós ficamos com uma dicotomia teoria e prática. A prática só ficou com o M.H. como sigla e as disciplinas continuaram as mesmas"

"Primeiro, nós temos que saber o que fazer com todos os conceitos da Motricidade Humana, com esse desenvolvimento motor, com essa nova perspectiva de relação entre o social e o prático, que nós não temos isso. Nós não conseguimos entender ainda essa Motricidade Humana"

A Motricidade Humana entendida como liberdade de expressão:

"A qualidade do movimento, a qualidade da Motricidade tem muito haver com a liberdade de expressão. A Motricidade Humana

basicamente significa essa expressão de que eu te falei, que você deve ser livre para se expressar, quando você expressa a vida e a vida vem tingida de emoções"

Os alunos da graduação não tem conhecimento do termo Motricidade Humana:

"Eu fiz umas perguntas para nossos alunos outro dia e eles não sabiam porque tinha o M.H. na frente"

"A Motricidade Humana seria essa área da qual eu retiro o conhecimento que sustenta a atividade profissional em Educação Física, do profissional em Esporte, do profissional em Fisioterapia, do profissional em Terapia Ocupacional, inclusive fornece também algum tipo de conhecimento ou possibilita o desenvolvimento de algum conhecimento aplicado na medicina, na engenharia, na arquitetura. Seria como uma área da biologia, uma área de conhecimento de ciências, que fornece conhecimento para diversas atividades, para diversos profissionais que prestam serviço à sociedade em diversas áreas"

"Eu diria mais o termo aí de Motricidade Humana, por que era preciso dar um nome para esse objeto de estudos, que seria o ser humano em movimento no contexto de uma atividade física, do tipo jogo, esporte, dança. Enfim, para caracterizar essa abordagem interdisciplinar, você tem o homem praticando, envolvido numa prática corporal com determinantes, fisiológicos, psicológicos, filosóficos. Então, esse complexo nós chamamos de Motricidade Humana"

"A diferença entre Motricidade Humana e Movimento Humano é que a Motricidade diria mais respeito ao potencial motor e não necessariamente ao produto motor. Então, a gente queria sair do movimento, enquanto resultado da ação motora, mas pensar em Motricidade enquanto um ser com um potencial de movimento. E não está difícil passar esse termo"

O termo Motricidade Humana como alternativa:

"Ele é forte e inclusive há uma tentativa de nós nos descartarmos do Instituto de Biociências e montarmos um Instituto de Motricidade Humana. É um nome forte para poder juntar o Departamento de Educação Física, com o Departamento de Biomecânica e com o Departamento de Educação. O termo Motricidade Humana surge em função da sempre dita inadequação do nome da Educação Física"

"A nossa área de estudo deve ser denominada realmente de Ciências de Motricidade, então, se você conseguir fazer um Instituto de Motricidade"

Educação Física: Profissão ou Ciência (s)?

A Educação Física enquanto Ciência é uma incógnita.

Alguns a consideram como uma Ciência em desenvolvimento. Pois ela, não apresenta ainda um domínio interdisciplinar que defina claramente seus paradigmas. Vive as crises de uma Ciência em desenvolvimento.

Outros têm dúvidas se ela é uma Ciência ou uma área profissional que precisa de conhecimento científico.

Agora, não há dúvidas, por alguns, que ela seja uma profissão e precisa ser investigada academicamente. E ainda, talvez o mais interessante seja criar uma unidade administrativa que oriente todos os estudos possíveis sobre o Movimento Humano.

Há aqueles que a consideram Ciência sim. Mas, parecem não terem claro os critérios de uma Ciência.

Outros, já a consideram como oriunda de várias Ciências.

Temos um depoimento que chega a caracterizar a Educação Física num estágio pré-científico. Exemplifica, colocando que quem dava as disciplinas da área de Ciências Naturais eram os médicos e hoje, por

exemplo, quem dá Fisiologia do Esforço são intelectuais da Educação Física. Afirma que o corporativismo venceu a Ciência!

Entendem também que ela pode ser vista tanto como uma Ciência, como uma prática profissional. Pois, presta serviço à sociedade e produz conhecimentos.

"Ela é uma Ciência em desenvolvimento, eu diria, ela está buscando, apesar dela não ter ainda, vamos dizer, essa fase madura de um domínio interdisciplinar que defina claramente seus paradigmas, isso não vejo claro ainda, ela vive as crises de uma Ciência em desenvolvimento"

"Olha, hoje eu tenho dúvida se ela é uma Ciência na verdade ou se ela é uma área profissional que precisa de conhecimento científico para sustentar a profissão"

"Agora, o que eu não tenho dúvida é que é uma área profissional, é uma área que está sendo investigada academicamente e que precisa de uma investigação com critérios científico"

"Educação Física é uma profissão, só que é uma profissão tão importante quanto do ponto de vista acadêmico, a Engenharia e a Medicina. Medicina é uma profissão, não é Ciência, Engenharia é uma profissão, não é Ciência. Só que estando na Universidade, estas profissões tem que ter uma fundamentação científica, uma fundamentação acadêmica. E a Educação Física caminha por aí"

"Aí passa por uma definição, Educação Física é um tema, é uma profissão e decididamente uma profissão pedagógica, só que pedagógica não no sentido da escolarização, também pedagógica fora da escolarização"

"Os nossos profissionais de Educação Física para ganhar status acadêmico estão se distanciando das questões da Educação Física e responde questões da fisiologia, questões da biomecânica, da aprendizagem motora e etc. Então, novamente fica claro essa dificuldade em se entender Educação Física como Ciência. Eu diria, ela não é Ciência e nem a Motricidade Humana vai se tornar a nova Ciência do Homem. Eu fico numa situação mais simples. Nós precisamos sim ter uma unidade talvez administrativa que coordene os estudos sobre o Movimento Humano e que nós profissionalmente continuemos com a imagem do profissional de Educação Física, chame Educação Física ou não, mas no sentido profissional pedagógico"

"Eu considero a Educação Física uma Ciência"

"Então, eu acho isso muito positivo, do aspecto da Educação Física enquanto Ciência"

A Educação Física oriunda de várias Ciências:

"Existe uma discussão acadêmica muito grande, muitos colegas da nossa área não acredita que a Educação Física seja uma Ciência. Na verdade, ela é oriunda de várias outras Ciências"

"A Educação Física enquanto Ciência, eu já nem saberia mais talvez sistematizar isso agora, por que foi algo que a gente abandonou. Mas, basicamente, é a compreensão da Educação Física enquanto uma prática social, que para ser compreendida precisaria se apropriar de referenciais teóricas das Ciências que estão presentes, mas estão configuradas enquanto Ciências numa classificação que nós refutamos. Por que essa coisa de Ciências Sociais, Ciências Humanas e coisa e tal é oriunda de uma classificação que se apóia numa visão positivista de Ciência. Quando você se apóia numa perspectiva marxista de Ciência, você só vê uma Ciência: que é a Ciência da História. E a Educação Física se situaria dentro da Ciência da História do homem e não da Ciência da História da Natureza e na perspectiva da Ciência da História do homem, a Educação Física enquanto prática social se vale de um instrumental teórico vinculado a esse campo da Ciência, para poder entender, compreender, explicar, coisas desse tipo"

"Ciências da Educação Física, eu acho uma imbecilidade. Você me desculpe os adeptos, mas eu acho uma "topeirice", porque falar Ciências da Educação Física, não, não é nem falar Ciências, eu já ouvi falar assim: que Educação Física é Ciência. Educação Física pelo nome é um ramo pedagógico, não é uma Ciência. é um ramo de aplicação de um conhecimento"

A Educação Física em retrocesso:

"Hoje, eu acho que as pessoas que lidam com a Educação Física estão num estágio pré-científico. Jamais vou falar para você que a Educação Física vai se tornar Ciência, agora, que existe uma série de disciplinas no curso de Educação Física que são científicas, existe, agora, o problema é: como é que elas são ministradas? Você garante para mim que elas são científicas? Houve um retrocesso na Educação Física. Quer vê como houve um retrocesso? Quem dava as disciplinas chamadas da

área de Ciências naturais para quem fizesse o curso de Educação Física? Eram os médicos. Todos os meus professores das áreas ditas biológicas eram médicos da cidade. Ora, quem dá Fisiologia do Esforço hoje em boa parte das Universidades Públicas no Brasil? São pessoas da Educação Física. O que aconteceu? O corporativismo venceu a Ciência!"

"Eu acho que ela pode ser vista tanto como uma Ciência, como uma prática profissional. No sentido de que uma prática profissional que presta serviço à sociedade. Enquanto Ciência, ela produz conhecimento sobre esse objeto. De um lado ela procura explicar e compreender. Eu acho que é muito difícil você dizer que é só uma coisa, e só outra. Eu acho, que o desafio que eu me coloco é como lançar pontes entre dois pontos"

O Parecer do Conselho Federal da Educação Nº 215/87: uma orientação utópica que não conseguiu romper com a ordem existente. Teoricamente está até bem estruturado. Porém, se está sendo respondido praticamente é uma outra incógnita.

Destacam que o próprio corpo docente está em formação e que ainda não têm competência suficiente para corresponder a um Parecer dessa natureza.

Os cursos de Bacharelados são criados, sem uma definição clara do perfil profissional e sem uma discussão mais acurada do próprio Parecer.

Consideram, sim, como também um avanço para área. O fato de não ter disciplinas obrigatórias, favorece uma UNESP, UNICAMP e USP, que têm massa crítica, desenvolver suas próprias propostas, relevando as necessidades regionais. Abriu, também, a possibilidade de superarmos o conceito hegemônico da aptidão física.

Entretanto, desconhecem uma avaliação séria sobre as reestruturações.

Consideram o Parecer como um discurso muito desarticulado, pontuado por frases de impactos e que reflete ainda mais a crise de identidade da Educação Física.

Está no campo do ideal. Os objetivos são questionáveis. O que seria formar um profissional com uma atitude crítica? Questionam.

"Eu vejo tudo isso assim extremamente teorizado, tudo bem você partir de um pré-requisito que a formação do professor traga isso, é um fato, agora, se esse fato está sendo respondido praticamente dessa forma, se o preparo da sociedade é adequado a responder nesse sentido, são questões nem sempre reais, você se acaba se colocando diante de situações paradoxais, esses pareceres sem uma evolução conceitual por fatos sociais da própria área muitas vezes levam a equivocos paradoxais"

"Tudo muito descrito, mas sem uma definição mais clara que desse um perfil profissional com base no domínio do conhecimento"

"A semana passada, eu recebi um telefonema de uma conhecida lá do Acre, eles acabaram de criar mais um curso, acabaram de criar o bacharelado, o licenciado, mas eles não sabem bem o que fazer, quer dizer, por onde ir e o egresso? A sociedade está esperando que o egresso responda seus problemas, atue em todos seus seguimentos"

"O nosso currículo, ele foi elaborado considerando esse Parecer. óbvio que isso é a esperança, mas na prática, eu acho que muitos poucos centros que estão discutindo Educação Física tem condições de esperar isso. Para que você tenha esse Parecer levado em consideração é preciso que você tenha, por exemplo, um corpo docente que seja, que tenha competência técnica, ou seja, um corpo docente que tenha e a gente sabe que o corpo docente está ainda em formação, precisaria primeiro se formar para depois formar o aluno. Eu diria que em termos numéricos de realidades brasileiras, eu não vejo que isso vai acontecer tão fácil assim, eu acho isso um pouco utópico. Sei, inclusive, de algumas possibilidades de burlar esse Parecer, por exemplo, o professor que dava handebol, ele agora vai dar psicologia do esporte, só que ele continua dando o mesmo curso de handebol, então, eu sei que essas coisas estão ocorrendo"

"Alguns Pareceres dados pelo CFE parecem que formam trabalhos muitos filosóficos, muito transcendental, sem a realidade"

"Em Julho na Resolução está contemplado o bacharelado e sem discussão entre nós da Educação Física o que seria profundamente o bacharelado"

"Eu acho que o Parecer sobre o ponto de vista de avanço, ele realmente avançou. Vamos por parte, as reais necessidades da sociedade brasileira, eu diria o seguinte: esse currículo está muito avançado no tempo, então a expectativa desse currículo está muito avançado no tempo, então, a expectativa desse currículo é trabalhar numa sociedade brasileira no ano 2020"

"Eu acho que a gente coloca muita coisa no papel, muita teoria que deve ser seguida, mas no fundo, você vai ter um pessoal que você tem na mão e você vai ter que fazer uma adaptação com esse pessoal que você tem na mão. Então, eu acho que a teoria é muito bacana para você colocar no papel"

O Parecer visto como um avanço:

"Um currículo que não tem disciplinas especificas, obrigatórias, foi uma grande novidade. Para mim foi um grande avanço, pelo menos do ponto de vista de uma Universidade como a UNESP e, certamente como a USP, como a UNICAMP, que tem massa crítica para desenvolver sua própria proposta e essas regulamentações federais, elas sempre atuaram, pelo menos para Universidades, vamos dizer assim, de maior seriedade, atuaram como freios. Agora, não sei se essa proposta de liberdade foi boa para os Cursos Isolados da área privada. Também desconheço uma avaliação séria que tenha sido feita sobre isso"

"Eu acho que esse Parecer, essa reforma curricular, ela abre a possibilidade, ela abriu a possibilidade de nós superarmos aquele eixo paradigmático da aptidão física. Ele abre a possibilidade, mas como tudo se dá no campo das Ciências Humanas, é uma possibilidade histórica que pode acontecer ou não"

"Agora, nada nos garante que isto que está aqui efetivamente se apresente no dia a dia, se torne prática, se efetive de fato. Vai depender da correlação de forças, da vontade politica de um docente mudar sua prática pedagógica a partir da mudança de currículo, de uma proposta curricular. Na configuração de um projeto, de uma faculdade, de um projeto de curso de graduação, de pós-graduação que incorpore e encontre mecanismos de implementação de mudanças, de reciclagem do seu

corpo docente, mas numa determinada direção, por que não basta oferecer reciclagem sobre técnica de voleibol"

"Mas, esse 215/87 aí, ele, como todo documento, papel é a coisa mais democrática do mundo, você pode pôr aquilo que você quiser, mas isso não vai ser aplicado nunca, pelo menos tão cedo não vai ser aplicado"

"Vou ler: se os nossos alunos possuem destacada capacidade de análise e síntese, visão da realidade e atitude crítica diante dela; está muito difícil para a gente conseguir fazer isso aqui"

"As pessoas brincam de colocar coisas no papel. Pois é, o interessante é que se tornou lei, né?! E virou lei. Então, eu vou te dizer o que aconteceu: eu pego um aluno e pergunto se ele tem consciência das reais necessidades, possibilidades do cidadão e ele diz que não. Bom, então teu professor contrariou a lei. O que é que a gente faz com ele? Manda prender? Nós, infratores da lei, porque nós colocamos uma coisa de lei que a gente não dá conta"

"O que esses Pareceres revelam a não ser uma abstração?"

"Na verdade, o Parecer, a lógica, o discurso não mudou na essência ao longo de vários anos. O único elemento novo que é introduzido nesse último é a figura do bacharelado. A análise que a gente fez do Parecer é que ele é muito desconexo, um discurso muito desarticulado, ele é muito pontuado por, digamos assim, frases de impactos. Então, na verdade, ele reflete essa crise de identidade que a Educação Física vem percorrendo e a gente está patinando sempre no mesmo ponto. A gente precisa de profissionais melhores, mais comprometidos com a realidade, são algumas partes que aparecem no discurso. Eles são muito macroscópicos, é um discurso simples, fácil. Mas, nós mesmos tivemos muito pouco tempo para debruçar sobre os problemas e tentar resolvê-los nesse dia-a-dia"

"Eu acho que todas as vezes que se busca um alinhamento novo de uma filosofia, fica muito bonito a nível de papel. Agora, enquanto à aplicação, e se isso está sendo colocado de uma forma clara, fica muito difícil a gente, fazer uma análise muito simplista, porque nós não temos o retorno desse aluno quando ele vai para fora, quando ele termina, quando está fora no mercado"

"Isso são discursos no meu modo de ver, grande parte desses parágrafos não dizem nada. Alguns deles são ideais, alguns desses objetivos são questionáveis. Quem não quer formar o profissional com uma atitude crítica. Pois é essa é que é a questão: o que seria e como conseguir isso? Aqui, esse Parecer, está no campo do ideal. Nós

queremos isso, nós queremos aquilo. Eu acho que na maior parte dessas páginas não dizem nada. São até dispensáveis um Parecer desse tipo no meu modo de ver. Só é uma maneira de as pessoas que estão escrevendo colocarem o seu ponto de vista. Mas, a Educação Física e o Desporto que atendam as todos seres humanos sem discriminações. Bom, quem que não concorda com isso? Eu acho, por exemplo, que os instrumentos para atingir esses objetivos não estão na mão das Instituições Superiores, estão na mão da Política Educacional da Educação Física e do Esporte, está na mão muito mais dos políticos do que das Instituições"

A cada pergunta realizada parece haver um abismo ainda maior entre atuação docente e formação profissional. Principalmente quando adentramos para a questão da Formação Profissional e as Exigências Estatutárias.

Entendem que todas as Universidades são baseadas no tripé: ensino, pesquisa e extensão universitária. Mas, o princípio de indissociabilidade é um mero discurso, não é operacionalizado.

As três funções são desenvolvidas de forma bastante estanques. Alguns se preocupam só com o ensino, outros só com a pesquisa e a extensão é confundida como assistencialismo social.

Consideram que não existe uma relação direta entre eficiência como pesquisador e eficiência como professor na graduação. Ainda mais numa área como a Educação Física, que não têm tradição em termos científicos.

As próprias funções burocráticas, acabam assumindo mais tempo do que as questões acadêmicas.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

O planejamento de aulas, orientações e o desenvolvimento de pesquisas são ainda mais prejudicados.

E, ainda existe proporções diferentes na atuação de cada docente perante seu grau de titulação.

Como a maioria do corpo docente está em formação, por própria exigência estatutária com relação a titulação, a pesquisa passa a ser priorizada em detrimento do ensino.

O Estatuto da Universidade coloca em pé de igualdade o ensino, a pesquisa e a extensão. Mas, na prática cotidiana do docente há na verdade uma hierarquia: 1) a pesquisa, 2) o ensino e 3) a extensão.

Entretanto, há aqueles que entendem que ensino e pesquisa não sobrevivem isoladamente.

"Não tem como não ser. Eu não vejo condição de a gente separar isso, ensino e pesquisa. Eu acho que isso é um outro erro a separação entre ensino, extensão e docência. Por exemplo, eu estou dando aula, a minha aula, ela tem que ter uma embasamento acadêmico e de pesquisa e isso eu tenho que colocar em contato direto com a comunidade"

"Não tem como você separar a pesquisa e ensino. é uma questão de princípio. é importante eu acho que, como é que isso se dá na realidade? é lógico, evidente, que as pesquisas que eu faço, eu não dou em aula. Eu acho que é mais a atitude e o fato de você estar constantemente investigando que muda a tua atitude enquanto professor na sala de aula"

"Agora, quanto a docência e ensino, isso não tem que discutir, eles não sobrevivem separados na carreira universitária. Se separar morre. Os professores são pesquisadores e os pesquisadores são

professores. E, ocorre até pela negativa disso aí. A maioria dos professores são tão pesquisadores que os cursos que eles dão é o mestrado deles"

Em contrapartida:

"Não pode ter essa coisa aí que é indissociável. Por que, tem colegas nossos que não tem formação para a pesquisa. A Educação Física é uma área que não tem formação para pesquisa. Ninguém fazendo um mestrado é pesquisador. Eu não acredito que a pessoa tenha que saber fazer pesquisa. Eu acho que na Universidade você tem que saber interpretar o resultado de pesquisa. Eu acho que é uma farsa querer falar que tem que ser indissociável, ensino e pesquisa tem que andar junto. Tem que haver nada. A pessoa pode ser ótimo professor para ensinar conhecimentos que ele adquiriu. Que ele adquiri com leituras de outras áreas e ser um excelente no ensino e não fazer pesquisa. Como ele pode, como em muitas áreas hoje que estão tão especializada que o indivíduo só sabe fazer aquele tipo de coisa e não sabe ensinar, não sabe fazer mais nada que, eu acho que a administração é a pior de todas, por que toma um tempo muito grande, é altamente burocrático o nosso ensino e quem tem função burocrática perde muito com isso daí, a parte de extensão eu acho ótimo, por que além de prestar alguma coisa para a sociedade, pode reverter num excelente meio de pesquisa nossa, de conhecer a criança, de conhecer o homem, de conhecer a sociedade de uma maneira geral, trazendo para dentro da Universidade, oferendo algum serviço de extensão"

"Acho que professor da Universidade tem que realmente desenvolver pesquisa, mas não existe uma relação direta entre eficiência como pesquisador e eficiência como professor na graduação"

"é um mero discurso, a indissociabilidade ensino-pesquisa. Aí que está, é um discurso fácil você dizer que elas são indissociáveis, o problema começa a surgir quando a gente tenta ver como fazer"

"Todas as Universidades são baseadas no tripé: ensino, pesquisa e atendimento à comunidade. Mas, nem sempre se faz isso com uma base mais sólida"

"Esse famoso tripé que a Universidade tem, a questão do ensino, de pesquisa e extensão é um discurso consagrado, mas é um discurso que não se operacionaliza nas Universidades brasileiras, na maioria delas. A razão é que a maioria das Universidades brasileiras, sejam elas até estatais, seja particulares, acabam ou por um motivo ou por outro, continuando trabalhando essas três funções como coisas bem estanques, por exemplo: algumas se preocupam apenas com o lado chamado aí de ensino e o pior que isso, caracterizar o ensino, simplesmente como

transmissão de conhecimento já pronto, já acabado e acham que estão fazendo ensino. Outros, por exemplo, se preocupam só com a pesquisa e a pesquisa justifica tudo, resultado: os próprios cursos de graduação são desprezados, só se preocupa com pós-graduação, só se preocupam com pesquisas, com laboratórios e a graduação fica assim relegada a um enésimo plano, outros se preocupam só com a tal da extensão, só que está extensão é muito mais confundida com o assistencialismo social do que com a prática de um ensino transformador que deveria ser um ensino universitário, um ensino criativo, a prática de uma pesquisa que deveria ser uma pesquisa aplicada efetivamente na comunidade, acaba transformando isso num mero assistencialismo à comunidade, chama isso de extensão"

"Eu diria que ela se valoriza na pesquisa, só que a pesquisa também ainda dissociada desta questão da extensão"

"Eu acho que o docente não dá conta desse tripé por funções algumas burocráticos que acabam assumindo mais tempo do que as questões acadêmicas de uma certa forma"

As questões administrativas como empecilho para o desenvolvimento das funções docente:

"E, na verdade, o departamento e as ações que são privilegiadas, elas acabam tendo uma maior ênfase naquilo que deveria ser meio para que o fim que seria a questão acadêmica, a produção acadêmica, o crescimento acadêmico, a produção do conhecimento se desse. As ações burocráticos, administrativas acabam sendo fins em si mesma e ocupando a maior parte do nosso tempo, de trabalho, de modo que, a gente passa a maior parte do tempo cuidando de questões vinculadas as ações burocráticas internas do que propriamente cuidando de ações ligadas à produção do conhecimento, á pesquisa, á extensão e ao ensino. Tudo o que se relaciona a ensino e tratado administrativamente"

"Nós temos a chamada obrigatoriedade de fazermos pesquisa, lecionarmos e atendermos à comunidade e falta uma parte que é muito grande para a gente que são as funções administrativas. Então, além de pesquisar, ensinar e atender à comunidade, ainda tem que desenvolver, por exemplo, de acordo com a titulação de cada professor, estar preparado para ser chefe de departamento, coordenador de curso, vice-chefe de departamento, vice-coordenador de curso, membro do conselho de pesquisa, membro do conselho de extensão e membro do conselho de ensino, presidente desses três conselhos, diretor da faculdade, vice-diretor da faculdade, membro da comissão de administração, membro do proex, supervisor da prática desportiva no 3º grau e assim por diante. A Faculdade exige muito, se a gente não tomar cuidado é afogado pela dinâmica da própria vida acadêmica"

"Eu acho que há uma desproporção muito grande. Alguns professores mais voltados para a docência, não tem se preocupado tanto com as pesquisas. Alguns professores voltados para a pesquisa, gostariam até de não dar aula, fazer somente suas pesquisas e tem aqueles que morrem e dão a vida pelo projetos de extensão. Mas, na verdade existe proporções diferentes na atuação de cada profissional e a titulação, por exemplo, exige que as vezes que você faça tudo isso e mais a parte administrativa"

A Formação Profissional em segundo plano:

"Depois que nós começamos a trabalhar com a pesquisa em Educação Física, ou que a Educação Física se deu conta de que era necessário fazer pesquisa, a pesquisa passou a ser a prioridade. Tanto é que se diz muito se faz a pesquisa e a conseqüência é o ensino. Então, o nosso sistema universitário, o nosso em particular, as três estaduais de São Paulo, priorizam muito a pesquisa e coloca em segundo plano o ensino, embora o que a sociedade percebe da gente seja o ensino. E, em terceiro, ainda, a extensão. Nós vivemos numa redoma de vidro"

"O Estatuto da Universidade tem uma série de contradições, por que ele discursa num sentido, mas a prática cotidiana vai num sentido um pouco diferente. Coloca-se em pé de igualdade, supostamente, a extensão de serviço, ensino e a pesquisa. Mas, na nossa prática cotidiana há na verdade uma hierarquia, que é primeiro a pesquisa, segundo o ensino e terceiro a extensão. Eu acho que ele é um bom princípio, mas não tenho encontrado um instrumental de operacionalização adequado. Primeiro, nós somos, a nossa ascensão na carreira se dá em cima do título, que na realidade reflete produção de pesquisa. Então, aí, as outras duas dançam. E, a extensão de serviço muitas vezes acaba também vinculado aos próprios interesses de pesquisas do professor e não interesse de prestar serviço no sentido de fazer uma experimentação pedagógica"

"Então, quando eu estou pensando nesse trinômio que sustenta a Universidade, eu estou pensando que a pesquisa deve sustentar a formação que eu ofereço. Essa formação deve vir para atender a necessidade da comunidade, que é a minha extensão. Eu vou buscar as necessidades, trago para a Universidade, elabora um conhecimento, repasso na formação e ponho um profissional atuando no mercado. Isso devia ser a norma da Universidade. Infelizmente, a gente percebe que na maioria das unidades que compõem uma Universidade, o conhecimento mais importante é o que o docente tem e aquilo que ele quer desenvolver"

"Ninguém pode ser o bom em pesquisa e ensino e extensão. Ninguém pode ser bom, o bom em tudo ao mesmo tempo. Você é bom numa

coisa, você é bom em outra coisa, quer dizer, como que eu poderia ser um excepcional professor e ao mesmo tempo fazer belíssimos trabalhos de extensão? E, ao mesmo tempo ser um grande pesquisador? Eu não conheço quem faça isso, é preciso entender que quem é excepcional professor tem que ser valorizado como excepcional professor, se fizer pesquisa vai ser muito pouco. Tem pessoas que eu conheço, aqui na FEF mesmo, que fazem ótimos trabalhos de extensão, mas não vão fazer grandes pesquisas, não tem jeito, o cara não tem jeito para a coisa, ele podia consumir o tempo melhor. E pior: querem que a gente faça também a administração ao mesmo tempo, eu aqui sou pago para fazer administração, pesquisa e ensino e extensão. Aí, eu faço administração, eu faço pesquisa e ensino e extensão. Eu tenho dúvida se eu faço alguma bem, por que eu estou todo dividido"

Se há dificuldades para desenvolver as atividades - fins da Universidade, como está sendo visto por estes docentes a questão da Avaliação Docente, ou como esta está se processando?

A avaliação é vista como um tema polêmico, um processo complexo e que ainda vai levar algum tempo para definir critérios que definam e correspondam a uma avaliação qualitativa.

A avaliação é realizada de acordo com a produção científica de cada docente, em termos quantitativos: quantos artigos ele publica, em quanto tempo defendeu sua dissertação de mestrado ou tese de doutorado.

"Eu acho que é um processo que ainda vai levar alguma tempo, eu acho que para você decidir uma boa avaliação, não é um negócio que você faz em um mês"

"Avaliação é um processo demorado, é um processo abrangente, um processo complexo, um processo que mexe não só com as funções administrativas, mas, também, a nível da individualidade de cada professor, inicialmente foi vista e ainda é vista como uma grande dificuldade para poder ser levada em conta, efetivada"

"O processo de avaliação, não existe nada. Única avaliação que existe formal, é o Regime de Trabalho, que na minha opinião é bastante flexível"

"Como avaliar o que é um bom professor e o que não é? Você teria que ter indicadores objetivos disso. Mas, enquanto isso não for solucionado, eu acho que isso vai é acabar prejudicando o ensino, porque o professor acaba dispendendo muito tempo na área de pesquisa, na área de pós-graduação, ele não tem muito tempo para planejar uma aula. Isso exige uma dedicação que acaba sendo consumida pela pesquisa e pelas atividades administrativas que são bastante massacrantes. E, avaliação do corpo docente precisa ser feita, agora, como, eu não sei"

"São muitos dados para a gente analisar, nós não conseguimos ainda encontrar um processo de avaliação que pudesse, vamos dizer, transitar com mais regularidade, com mais freqüência, com mais tranqüilidade. A Avaliação é um processo muito difícil"

"Não há critérios para avaliar. Qual é o critério? O critério seria relevância social? Agora, a avaliação poderia ser feita, seria uma avaliação de rigor técnico do trabalho. É a única avaliação que pode ser feita. Agora, essa avaliação vai ser feita como? Na situação do corporativismo que a gente vive não há como"

"Eu vejo que esse tipo de avaliação qualitativa, por que a quantitativa é fácil fazer, fica tranqüilo, você faz aquele monte de gráficos e você tem uma idéia da avaliação. Agora, a questão qualitativa, é uma questão que vai demorar alguns anos para ser respondida"

"Eu imagino que o Projeto Qualidade, especificamente na nossa unidade, ele esta exercendo pressões talvez excessivas. Levando os docentes não necessariamente e eu não falo de uma maneira global, mas, eu imagino que alguns docentes devam estar sofrendo pressões que não necessariamente vão resultar na produção de trabalhos com excelente qualidade. Eu imagino que isso deve ter um, seguramente vai ter um reflexo positivo no que se refere aos aspectos quantitativos, nº de teses vai aumentar, nº de doutores vai aumentar. Em relação a qualidade, eu imagino que só o tempo vai poder permitir esse tipo de avaliação"

"Vou dar um exemplo concreto disso aí: nós temos um curso de graduação que é novo, que foi modificado seu currículo e nós não podemos dedicar muito tempo na avaliação desse currículo, por que nós temos que fazer as coisas que cobram da avaliação docente pelo critério da Universidade, então se você mencionar que participou de uma Comissão de Reformulação Curricular, o peso disso é mínimo. Então, isto é desconsiderado, então, não vale a pena pelos critérios da Universidade,

você se dedicar a participar de todo um processo que demanda tempo, demanda teu empenho, para reformulação do curso de graduação, é muito mais importante você escrever dois ou três artigos e publicar, que isso depois na análise da tua avaliação docente é muito mais importante"

"Este tema avaliação está ligado, o tal do Projeto Qualidade, nos relatórios dos docentes a que são medidos, vamos dizer assim: quantos artigos ele publica, se ele no prazo determinado defendeu sua dissertação de mestrado, defendeu sua tese de doutorado, quer dizer, são critérios acadêmicos, eu diria rígidos, que necessariamente apesar de ter o nome de Projeto Qualidade é muito mais avaliado no Projeto Quantidade, quer dizer, das coisas que ele faz e a qualidade efetivamente no trabalho, as vezes passa meio despercebido"

"A avaliação é um tema polêmico, acho super polêmica, eu acho super complicado, lá na USP a gente tem uma avaliação dos departamentos que é feita pela Reitoria, uma avaliação que contém alguns erros, ela é muito mais quantitativa do que qualitativa"

"Hoje, a avaliação praticamente é pela produção científica. Então, se você fez pesquisa, se você publicou artigo, você é produtivo. Mas, as 15 aulas que você dá por semana, cursos de extensão à comunidade, praticamente só entram numa folhinha a parte sem considerar como produção universitária"

O ensino mais uma vez é prejudicado:

"Pesquisa está sendo o cargo chefe no meu departamento"

"Nós temos um Projeto Qualidade aqui na UNICAMP que tem como meta a titulação do corpo docente. Então, hoje você pega relatórios da FEF, da direção, da administração superior da FEF e também da administração superior da UNICAMP, você vai constatar os rasgados elogios ao aumento percentual de mestres e doutores dentro do quadro docente da unidade ou da universidade como um todo. Mas, em nenhum momento você consegue encontrar um elemento que faça uma avaliação de mérito, de qualidade dos trabalhos que vem sendo produzido neste processo de titulação. Veja bem, hoje, o sistema de avaliação adotado é por quilo, eles avaliam quantos quilos de artigos você publicou, quantos quilos de orientados você teve, a quantidade é que prevalece, a questão da busca do título a qualquer preço, estabelecendo unicamente o título como elemento definidor de qualidade é extremamente equivocada"

Diante de toda essa problemática, para piorar ainda mais o quadro, os próprios intelectuais da Educação Física afirmam não existir

diálogos entre si. Cada um defende uma posição de acordo com o seu referencial teórico. E, não é de estranhar, dada a pluralidade de intelectuais atuando na área e querendo definir (o seu) objeto de estudo, como sendo o mais verdadeiro.

"Uma coisa que me estranha um pouco é os intelectuais da Educação Física, eles parecem que não conseguem pensar juntos, quero dizer, parece assim, para o pensamento, para que as idéias de um acabem aparecendo, enfim, ambos juntos com a Educação Física é preciso destruir o outro. Então, eu diria assim, que a competição, é uma competição não saudável, é uma competição meio egocêntrica, quer dizer, eu acho que uma crítica que eu tenho, que eu faço e tenho percebido nos Congressos, é que os Congressos são muito mais, é combate, quero dizer, um contra o outro, do que, eles não aprendem a pensar juntos, então quero dizer, eu vejo, por exemplo, na reestruturação curricular das três Universidades Paulista, USP, UNESP e UNICAMP, essas pessoas que fizeram as reestruturações curriculares pensaram separados, quer dizer, alguns erros que a USP cometeu, talvez a UNICAMP tivesse a solução, alguns erros que a UNICAMP cometeu, talvez a USP tivesse uma boa solução e o mesmo vale para Rio Claro. Então, eu acho assim, que os intelectuais brasileiros eles deveriam, quero dizer, isso alguns, não acho que todos, quase, mas eu acho que eles deveriam parar de competir um pouco e pensar não como outro e sim com o outro"

"Mas, deveria haver unidade das Escolas de Educação Física, claro que os currículos mudam, mas, os objetivos tem que manter"

"Então, o que acontece, a nossa área tem tido isso. Nós temos tido mais desacertos do que acertos. Por que cada um fala para um lado, cada um quer valorizar as suas coisas e negando as outras e não pode"

"Mas, na nossa área isso também acontece, problemas das pessoas acharem que as suas concepções são as únicas verdadeiras. Eu acho que isso aí em vez de fazer com que você possa progredir as vezes impede o progresso, por exemplo, se a gente começa a contrastar algumas coisas na área Educação Física, vamos dar exemplos, a gente já vê isso mais ou menos caracterizado, a UNICAMP trabalha em cima da motricidade, então está tudo errado, ou a UNESP trabalha em cima da questão desenvolvimentista e está tudo errado. Coisas desse tipo, eu acho que complicam muito mais do que ajudam a possibilidade de você desenvolver uma formação profissional de qualidade. Existe uma crítica e ela não é pessoal, é muito mais nesse sentido, de a gente tentar formar feudos e esses feudos complicam o desenvolvimento, por que você joga muito mais na retaguarda em vez de estar aberto a discutir as possibilidades de avanço"

"O dogmatismo que as vezes toma conta de determinadas correntes ou determinados pensadores e que fazem com que esses pensadores ou dessas correntes não se comuniquem com outros pensadores e outras correntes e de uma certa forma ficam até se degladiando um pouco"

"Agora, nitidamente, eu acho que tivemos e temos uma Educação Física só de fazer, temos uma Educação Física só de falar, e, precisamos de uma Educação Física de fazer e falar, que eu acho que é a menor de todas, é a mais incipiente ainda, é muito frágil ainda. Mas, me irrita profundamente uma pessoa ficar na tocaia esperando a última produção para ir juntando um monte de pedra. E, assim que aquela produção sai, todo mundo cai matando em cima"

"Mas, o que as pessoas fazem? Jamais usaram, jamais leram o livro de fulano ou de ciclano, por que não tem haver com a ideologia deles"

"O pessoal da psicomotricidade reivindica que é eles, é a psicomotricidade que deve ser o eixo, o sujeito que tem uma formação em Ciências Humanas, acha que o curso deve ser centrado em Filosofia e História da Educação Física, o outro vem, não, não é nada disso, na verdade, a Educação Física é uma Ciência, é a Ciência da Motricidade Humana"

"Uma outra coisa que me lembrei agora, também, uma das dificuldades desse entendimento, justamente a medida que cada um defende a sua posição, não tem sido muito aceita a posição do outro. A medida que um grupo defende uma posição, também, não tem sido muita aceita a validade do outro grupo. Então, na verdade, os movimentos continuam sendo um pouco sectários. Existem, as próprias instituições constituem assim e dentro de cada instituição existe essas ilhas de pesquisa, onde praticamente não há compartilhamento. O grupo da fisiologia resume-se em suas pesquisas em fisiologia, a turma da aprendizagem motora não quer nem saber de sociologia, a turma da sociologia renega a fisiologia. Então, na verdade, eu acho que faz parte de uma competição, cada um tenta fazer o melhor que pode, mas as vezes em detrimento do que o outro pesquisa também"

"Nós estabelecemos duas castas dentro da Educação Física: as teóricas e as profissionais, cada um tenta se endeusar. O profissional é aquele que dá duro, que trabalha, que realmente faz a Educação Física, é assim que eles se véem. Mas, é nós que estamos na Universidade, achamos que fazemos reflexiva, e critico, segue determinado criterios e por isso é melhor, mas, falta realmente a gente debruçar no problema. Por exemplo, nesse simpósio nosso, a relação prática e teoria. Esse foi um simpósio teórico sobre essa relação. Então, nós estamos vendo o

problema de fora. Eu acho que a gente não parou mesmo para operacionalizar o como fazer"

Os depoimentos nos dizem que o perfil profissional planejado em documentos curriculares, na legislação não corresponde à atuação docente exigida pelos estatutos universitários. Não se sabe ao certo se a Educação Física é uma Ciência, uma Ciência em desenvolvimento, uma profissão ou essa questão já é ultrapassada, nem vale mais a pena ser discutida. O Parecer do Conselho Federal da Educação Nº215/87 é reconhecido como um avanço na área, mas, muitos dizem que está causando mais problemas e que não passou do plano teórico. As exigências estatutárias deveriam ser repensadas, dificilmente é cumprido as funções exigidas pelo estatuto no que diz respeito ao princípio de indissociabilidade entre ensino e pesquisa, principalmente pelo acúmulo de responsabilidades administrativas. A questão da extensão universitária é sempre deixado para última instância. A avaliação docente praticamente inexiste e quando existe está norteada por princípios quantitativos. De um "Projeto Qualidade" surge um "Projeto Quantitativo". Não existe diálogo entre os pensadores da Educação Física, cada um defende uma posição, um status acadêmico. A Educação Física de uma vocação eminentemente prática perdeu-se na dinâmica das exigências universitárias e hoje preocupa-se com sua tendência teórica.

A hegemonia, segundo GRAMSCI, representa modificações que resultam na construção de uma nova cultura. Apesar dos docentes afirmarem em artigos, um profissional compromissado com a transformação social, nos respondem em depoimentos que têm dúvidas da efetivação desse

objetivo. Ou seja, Educação Física e Hegemonia é um processo, que está entre a ideologia e a utopia.

Devemos nos alertar para a definição de seu estado. Corremos sérios riscos de continuarmos atuando enquanto "intelectual tradicional".

Diante das afirmações, é possível compreender, segundo o referencial teórico deste estudo que, os intelectuais da Educação Física procuram uma orientação utópica que tende a romper com os limites da ordem existente, estabelecida por estatutos, legislação. Porém, ainda não foi conseguido a construção de um novo bloco histórico, porque não existe hegemonia de pensamento, ou seja, não existe clareza de entendimento sobre a área. Assim sendo, não pode ocorrer uma contra-hegemonia. O intelectual não se encontra numa relação orgânica no próprio meio universitário, quanto mais, com as massas.

CONCLUSÃO

Sabemos que o desenvolvimento do conhecimento na área de Ciências Humanas encontrou obstáculos durante o período da ditadura militar, o que levou muitos professores (obrigatoriamente) a desconsiderarem a importância desse campo de estudos. A Educação Física não foi uma exceção à regra. Se reportarmos às épocas passadas, mais especificamente no que diz respeito às grades curriculares, disciplinas de história, filosofia e sociologia da Educação Física praticamente deixam de existir. Em nossa própria formação profissional (84 à 88), por exemplo, não tivemos tais conteúdos. A "abertura política" possibilitou uma análise mais crítica dos conteúdos da área de Educação Física, culminando em reestruturações curriculares e conseqüentemente numa pluralidade de interpretações no que diz respeito ao cumprimento dos vários objetivos deste campo de estudos.

No caso particular do nosso estudo, o pensamento histórico da atuação docente e formação profissional é contudo muito mais complicado do que o referencial geral mencionado acima e também mais complexo do que procurarmos reduzir as causas aos depoimentos das questões formuladas aos docentes. O conhecimento dessas causas é um processo ainda inacabado. Pois, segundo RICOEUR (1961), citado por LE GOFF (1992):

> A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na

> medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado (...). A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente événementielle e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexacto. Esta descoberta não é inútil, justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexacto (...). A história quer ser objetiva e não pode sê-la. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica (...). Estas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados (p. 21).

Não nos propomos estabelecer, de forma maniqueísta, quem tem razão nesta discussão latente entre os docentes das unidades em estudo. Foi desenvolvido, neste estudo, o registro histórico da diversidade dos pontos de vista, obtidos através dos depoimentos. Potencialmente todos eles dispõem, praticamente, das mesmas fontes. As questões são as mesmas, mas, subjetivamente, aspiram à "verdade", crendo mesmo tê-la encontrado. Aí, sim, na busca dessa "verdade", o maniqueísmo é um componente não desprezível.

O pensamento intelectual, produzido em nossa área, através da legislação, de documentos curriculares, livros, artigos e depoimentos, impõe-se estar profundamente interessado na superação de uma Educação Física caracterizada como acrítica, alienante, competitivista, reducionista de uma dada condição social que, freqüentemente remetem a contradições em sua própria formulação:

> sem sabê-lo, percebem apenas aqueles elementos da situação que tendem a negá-la. Seu pensamento é incapaz de diagnosticar corretamente uma situação real da sociedade. Não lhes interessa o que realmente existe, ao contrário, o seu pensamento gira em torno da mudança da situação existente. Mostra aversão a tudo quanto seja capaz de debilitar sua crença de mudar as coisas (MANNHEIM, 1950, p. 127).

Como vemos, tal postura pode ser considerada exemplo de um pensamento utópico.

A crise da Educação Física é mais do que sua relação com uma determinada posição intelectual, quer no campo acadêmico, quer no profissional; está envolta em uma crise que atingiu certo estágio que envolve o entendimento do "homem" e da "ciência".

A Universidade rediscute seu papel, na perspectiva de avaliar o cumprimento de seus objetivos de produção, difusão e aquisição de conhecimentos, enquanto instituição que tem função cultural, educacional e científico-tecnológica.

O autoritarismo exacerbado pelos governos militares, a caótica e gigantesca expansão da rede universitária de ensino particular, a crise econômica, a complexa indústria cultural, repercutiram intensamente na Universidade (Cf. NOGUEIRA, 1989). Os cursos superiores de Educação Física não estiveram isolados deste contexto.

O dilema da Universidade, no que diz respeito à dupla função de ensino e pesquisa, ainda não está resolvido e não vemos perspectivas de solução, quando principalmente nos voltamos para o tema da indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Para os docentes entrevistados, isto foi considerado mito para alguns e, por outros, forma de sobrevivência da universidade.

A Educação Física, na tentativa de firmar seu status acadêmico perante as outras áreas tradicionais, cumprindo as exigências estatutárias, acabou forçosamente por transformar seus docentes em professores-pesquisadores. Constitui-se, então, o conflito, refletindo na carreira acadêmica, quanto à responsabilidade com o curso de graduação, e à formação do futuro profissional de Educação Física, bem como, quanto à sua própria formação em cursos de pós-graduação e sua produção científica.

Se hoje nos perguntarem, como será realmente a formação futura do profissional de Educação Física, responderemos como MANNHEIM (1950), posto que a pergunta não é dialética, perante a diversidade de idéias averiguadas, o futuro só poderá ser decidido no processo do desenvolvimento. Não podemos calcular, a priori, como deve ser o futuro, podemos apenas influenciar a direção geral do processo de desenvolvimento.

Teremos que responder a duas perguntas básicas que ainda não estão claras no nosso campo de atuação:

1º) Qual a nossa posição atual quanto ao processo social? e

2º) Quais as exigências do momento histórico-social vivido?

Para que a formação e atuação do profissional de Educação Física se torne eficaz em todos os níveis, é preciso assegurar uma certa

articulação conceitual. O que é Educação Física? O que é Motricidade Humana? Educação Física é Ciência? Educação Física é Esporte? Educação Física é Lazer? O docente de Educação Física é professor e/ou pesquisador?

A questão é a seguinte: será possível, a diferentes pensamentos, fundir-se numa única síntese? Somente o curso do desenvolvimento histórico poderá mostrar a possibilidade dessa síntese.

A construção do pensamento hegemônico, por parte dos profissionais da Educação Física, somente poderá ser entendida como um processo, traduzido também na reforma intelectual da sociedade, posto que só assim será possível assumir uma função que resulte na construção, não somente de novos discursos políticos, mas também numa nova cultura, resultando na construção de um novo bloco histórico, na medida em que submete à crítica a cultura construída anteriormente, realizando uma unidade de forças sociais e políticas, traçando e difundindo uma nova concepção de mundo.

A Escola, na sociedade moderna, passou a ser a forma dominante de educação e, nesse sentido, cumprindo o papel hegemônico, articulando a sociedade em torno dos interesses dominantes. Como superar a teoria cristalizada em livros? Interrompendo com o processo dialético entre ela e a vontade coletiva interessada numa outra forma de convivência, afinal estamos dentro de universidades públicas estaduais que, entre outras coisas, são uma forma do aparato hegemônico dominante?

Primeiramente, é necessário que os intelectuais se apercebam da posição social que ocupam e da sua missão. Uma vez obtida tal percepção, os intelectuais da Educação Física terão consciência dentro da sociedade, da posição social que ocupam e dos problemas e oportunidades que ela envolve.

O pensamento intelectual na área da Educação Física, especificamente, com respeito aos entrevistados e à revisão de literatura realizada, apresenta-se utópico, procurando a superação do estado ideológico. Ele é incongruente com a realidade dentro da qual o discurso ocorre; suas formulações procuram transcender a realidade e, se postas em prática, tenderiam a destruir, parcial ou completamente, a ordem das coisas existentes que não se pode confundir com uma ordem natural inexistente.

Vejamos o que MANNHEIM (1950) nos explica:

> Enquanto a ordem medieval, clerical e feudalmente organizada, pode colocar o paraíso fora da sociedade, numa esfera situada em outro mundo, transcendente à história e avessa a ímpetos revolucionários, a idéia do paraíso continuo como parte integrante da sociedade medieval. Só no momento em que certos grupos sociais incorporaram essas imagens desiderativas na sua conduta real, tencionando pô-las em prática, essas ideologias se transformaram em utopias (MANNHEIM, 1950, p. 233).

Entretanto, é preciso ter consciência que esses pensamentos históricos só permanecem, enquanto as classes que os observam ainda esperam algo deles. Só através dessas expectativas é que se originam as

utopias. Caso contrário, o elemento utópico é relegado e isolado, transformando-se num simples mito.

O pensamento intelectual, em nossa área, deixará de ser ideologia e, tornando-se utópico, na medida em que transformar a realidade histórica existente em algo que esteja mais de acordo com suas próprias concepções. Isso só ocorre, quando um grupo hegemonicamente constituído converte, em ação, uma nova ordem social para desafiar a ordem vigente.

O que notamos na Educação Física, são grupos de intelectuais em constante competição que, de acordo com sua interpretação do mundo e do seu entendimento específico da área, revelam-se como expressões intelectuais de grupos em luta pelo poder, sem contudo permitir a observação, ainda que remota, das formas possíveis para a superação deste poder.

Enfim, considerando o tempo como uma rede de intencionalidades, entendemos que o homem não está apenas na história, mas traz em si já uma história e faz história. Assim sendo, o leitor pode ter uma participação muito efetiva e intensa na medida que vai reinterpretar a história aqui registrada. Como? Levantando as interpretações aqui presentes, suas contradições, selecionando e ordenando as informações, chegando até as fontes, analisando o tipo de linguagem, a ideologia, o que está subjacente no texto, detectando as origens que culminaram nessa reinterpretação histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando de. Da educação física: o que ela é, que tem sido e o que deveria ser. 3ªed. São Paulo: Melhoramentos. Vol.1, 1960.

BARROS, José Maria de Camargo. Filosofia e perfil do profissional de educação física. Palestra no Fórum de debates sobre Educação Física. Universidade Federal de São Carlos, 1993.

BASTOS, João Pereira. A missão das universidades na investigação científica. Salvador: Universidade da Bahia, 1957. (Publicações da Universidade da Bahia, v. I)

BECKER, Carl. Everyman his own historian, in the american historical review, Vol.37, Nº2, 1932.

BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, Wagner Wey (organizador). Educação física & esportes - perspectivas para o século XXI. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 239-254, 1992.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer Nº 894/69. In: SÃO PAULO (estado), Secretaria de Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Educação Física: legislação básica. São Paulo, 1985.

_____. Parecer Nº 215/87, 1987.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SHOUTHEETE, Marc de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. 3ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

CANFIELD, Jefferson. Pesquisa e pós-graduação. Texto apresentado na disciplina de História da Educação Física - Pós - Graduação - Faculdade de Educação Física - UNICAMP (1991), 1984.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

CARMO, Apolônio Abadio do. Licenciado e/ou bacharelado - alguns entendimentos possíveis. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

CASTELLANI, Lino. Projeto F.E.F./UNICAMP - proposta curricular. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. Pesquisação no planejamento curricular. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

CHAUí, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COSTA, Lamartine Pereira da. Diagnóstico da educação física. Rio de Janeiro, MEC, Fundação Nacional de Material Escolar, 1971.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes. A formação universitária do profissional de educação física. In: PASSOS, Solange de Cássia Elias (organizadora). Educação física e esporte na universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, p. 207-224, 1988.

DEWEY, John. Logies, the theory of inquiry. Nova Iorque, 1949.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Reformulação dos currículos de formação em educação física. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. Pesquisa em educação física no brasil: por um compromisso com a evolução. In: Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, p.. 34-68, 1992.

FIGUEIREDO, José de L. A educação física e o exército.In: Revista de Educação Física, 50: 3-5, 1941.

FOUCAULT, M. L' archéologie du savoir. Gallimard, Paris, 1969.

GALEMBECK, Fernando. Ciência e cultura. In: Revista Brasileira para o progresso da ciência, 42(9): 627-628, set. 1990.

GEBARA, Ademir. Educação física e esportes no Brasil: perspectivas (nahistória) para o século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (organizador). Educação física & esportes - perspectivas para o século XXI. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 13- 32, 1992.

GHIRALDELLI, Paulo. Educação física progressista, São Paulo: Loyola, 1988.

_____. Educação física e pedagogia: a questão dos conteúdos. Texto produzido a partir de aula na UFSM - Rio Grande do Sul, 1990.

_____. Biomecânica: uma necessidade. Informativo APEF de São Paulo, nº 07, 1983.

GOBBI, Sebastião. A pesquisa no esporte: do fragmentado ao holístico. In: Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, p. 92-104, 1992.

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura, 5ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.

GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

JESUS, Antonio Tavares de. Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

KOURGANOFF, Wladimir. A face oculta da universidade. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

LABORINHA, Léa. A produção científica em educação física: positivismo e humanismo, a firmação e busca da superação de uma influência. IN: Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, p. 69-91, 1992.

LANDIM, Paulo Milton Barbosa. Avaliação da Universidade, Jornal da UNESP, São Paulo, ano VII, nº61, março de 1992.

LE GOFF, Jacques. História e memória, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LOBO, Roberto Leal. Avaliação da Universidade. Jornal da USP, São Paulo, ano VI, nº208, março de 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Prática docente e avaliação. Rio de Janeiro:ABT, 1990.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

MARINHO, Inezil Pena. Educação física, recreação e jogos. São Paulo: Editora Brasil, 1971.

MARX, Karl. O capital - crítica da economia política - o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1989.

MOREIRA, Wagner Wey. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In: MOREIRA, Wagner Wey (organizador). Educação física & esportes - perspectivas para o século XXI. Campinas, São Paulo: Papirus, p. 199- 210, 1992.

_____. Repensar a formação profissional. In: PASSOS, Solange de Cássia Elias (organizadora). Educação física e esporte na universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, p. 261-276, 1988.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Universidade, crise e produção do saber. In: BERNARDO, Maristela Veloso Campos (organizadora). Pensando a educação: ensaios sobre a formação do professor e a política educacional. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1989.

OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. Documentos referentes às reestruturações curriculares da Escola de Educação Física, USP, 1990-1991.

_____. Preparação profissional em educação física. In: PASSOS, Solange de Cássia Elias (organizadora). Educação física e esporte na universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, p. 255-246, 1988.

PARLEBAS, Pierre. Perspectivas para una educación física moderna. Andalucia, Junta de Andalucia, 1987.

PELLEGRINI, Ana Maria. A formação profissional em educação física. In: PASSOS, Solange de Cássia Elias (organizadora). Educação física e esporte na universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, p. 247-261, 1988.

PEREIRA, Flávio Medeiros. Dialética da cultura física. São Paulo: Editora Ícone, 1988.

RAMA, L.M.J.S. & SANTOS, J.A.P. Educação física: legislação básica. São Paulo, SE/CENP, VOL.1, 1985.

SAVIANI, Dermeval. Ensino público e algumas falas sobre universidade, São Paulo, Cortez, 1985.

SÉRGIO, Manoel. A prática e a educação física. Lisboa, Compendium, 1978.

SCHAFF, Adam. História e verdade. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke & SILVA, Rossana V. de Souza e. Reestruturação dos cursos de graduação em educação física: elementos para uma avaliação do processo. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

TANI, Go. Pesquisa e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, Solange de Cássia Elias (organizadora). Educação física e esporte na universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, p. 379-394, 1988.

TELES, Rosa Maria Barros. Currículo. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

TOJAL, João Batista A. Gomes. Currículo de graduação em educação física: a busca de um modelo. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

UNESP. Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico Desportivo - Rio Claro. Documentos referentes à criação, 1983.

_____. Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física - Rio Claro. Documentos referentes à reestruturação curricular, 1989.

UNICAMP. Faculdade de Educação Física - Documentos referentes aos cursos de graduação, pós-graduação e sua auto-avaliação, 1984-1992.

USP. Escola de Educação Física - Documentos referentes aos cursos de graduação e pós-graduação, 1982-1992.

VARGAS, Getúlio. A nova política no Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, v. 07, 1947.

VOGT, Carlos. Projeto qualidade graduação - elementos para um diagnóstico da graduação da UNICAMP. Campinas, outubro de 1992.

WIGGERS, Ingrid Diettrich. Currículo e ideologia. In: Revista Motrivivência. Sergipe. UFS. Ano I, nº 01, dez. de 1988.

ANEXO

OS DEPOIMENTOS NA ÍNTEGRA

DEPOIMENTO Nº 01

"É, eu diria assim, não foi absolutamente nada por orientação vocacional e aterrizei na Educação Física de uma forma, eu não digo inconsequentemente, mas não foi assim totalmente planejada, eu vim a fazer uma escola de Educação Física, acredito, como teria feito uma outra qualquer por uma questão assim de ambiente, onde eu vivia, oportunidade de estudo, oportunidade de vida e necessidades até de uma definição profissional, não tive nenhuma orientação profissional nesse sentido. Bom, eu fiz a minha, o meu curso de Educação Física em Tatuí, na Escola de Educação Física, um curso que estava se formando na época, eu sai da primeira turma da escola, depois a escola funcionou mais uns 3 ou 4 anos e deixou de existir, quer dizer, e como eu vivia lá e tinha o recém ingresso de um curso secundário e tinha frustrado uma tentativa anterior de ingresso no curso de Engenharia Aeronáutica, que foi uma vontade manifesta mas não concretizada, a oportunidade que surgiu foi fazer o curso de Educação Física e isso aconteceu em minha vida, diria de uma forma circunstancial e era um curso que me habilitava a uma formação profissional rápida, que era um curso de 3 anos e a única similitude, em se a gente pudesse resgatar alguma coisa, seria em função além de ter feito científico fiz o curso normal da época, então tinha uma orientação pedagógica e fui para a escola de Educação Física em função disso, quer dizer, na opção dessas circunstâncias de vida que acabam até direcionando, aquilo foi opção e como casava relativamente com a minha informação pedagógica, então eu fui para Escola de Educação Física , foi por ai, lógico que na escola era uma escola em formação, era o primeiro ano de formação da escola, a gente passou por n dificuldades, mas ao mesmo tempo uma coisa bonita, que era a formação de um grupo, a gente estava participando muito ativo disso, a gente era colocado em situações assim que, talvez num plano ideal nem era a situação que hoje eu aconselharia, mas era a situação, então, por exemplo, começar a discutir o que era importante para nossa formação, quer dizer, não tinha nenhum preparo para isso, a gente era meio que resgatado a discutir esse tipo de coisa dentro daquela escola. Então, o que a gente discutia era mais ou menos assim, a gente tinha um volume de professores onde na sua grande orientação a preocupação era uma só, era direcionar para ensino de primeiro e segundo graus, quer dizer, essa era a preocupação. Preocupação assim, bem clara com a licenciatura até certo ponto, e então a gente era chamado a discutir isso, o que era importante, o perfil das escolas e coisas desse tipo, então a gente tinha mais ou menos disciplinas em função dessas coisas, desde estrutura de funcionamento das escolas até algumas informações pedagógicas. Elas levavam nem tanto tecnicismo, a gente era muito deficitário, nas condições onde a gente se instalava e ela, a escola, veio atender uma população local e a grande maioria tinha a mesma formação minha, quer dizer, recém ingressos de um curso científico ou de um curso normal, orientação pedagógica bem direcionada, então o espaço para um

tecnicismo, assim, digo, de aprender o esporte pelo esporte não era tão relevante assim, quer dizer, nós tínhamos todas as disciplinas desportivas, como futebol, handebol, atletismo, natação, não tínhamos ginástica, quer dizer, nossa ginástica era uma ginástica mais voltada para o movimento, mas a gente não tinha um salão de ginástica, a gente não tinha aparelhos, enfim a gente vivia numa condição muito precária nessa situação, então a gente era mais despertado a coisas, assim, que a gente movimentava muito na cidade, como ruas de recreio, que na época a gente fazia muito é cross, que na época era uma coisa muito em voga isso, quer dizer, a gente participava de uma comunidade local dentro de uma cidade de 40 mil habitantes, não mais do que isso, o grupo que ingressou na escola foi um grupo grande, nós ingressamos em 150 pessoas, então aquilo por si já era um problema imenso, então a gente tinha que achar os caminhos próprios e eu acho que no desenvolvimento do curso o rumo foi tomando, então a princípio para mim foi uma conseqüência de vida ter ingresso lá, mas minha opção era no ano seguinte retomar o meu curso de Engenharia Aeronáutica, era esse o meu propósito, mas isso não aconteceu, porque há uma transformação e comecei primeiro trabalhando com esse lado mais pedagógico mesmo, voltado para o escolar e de saída nos envolvemos muito com as escolas usando de atividades físicas, então a gente fazia um movimento muito grande pela cidade, ruas de recreio, coisas que até hoje existem na cidade, um movimento muito grande de futebol na época que nós chamávamos pé-no-chão, onde a gente queria colocar as crianças a jogar futebol com outros conceitos e criança pé-no-chão existe até hoje na cidade, coisa meio que até durou, então a gente começou a se envolver nestas questões, então fiquei lá mesmo. É, foi por aí mesmo e foi assim com toda tranqüilidade, nunca foi meu pensamento, eu tive um professor de Educação Física, se a gente pode lembrar assim, as grandes imagens que marcavam, que ele era um grande incentivador na escola e aquela figura do amigo, uma pessoa que nos levava a coisas comuns que na época no interior você sabe que isso acontece, nós éramos assim fervorosos a campeonatos colegial de esportes e o sucesso era tão grande que um campeonato colegial de esportes que a gente representava a cidade em jogos regionais, aquela coisa toda mais aí era muito mais o lado dele do que o lado nosso, por que ao mesmo tempo que isso me marcou uma certa relação com o esporte, me traz muitas frustrações nessa de representar pela equipe nossa do colégio que ganha um campeonato regional de esportes e representando a cidade a gente tem situações assim de jogos de vôlei de se deparar com meio seleção brasileira em quadra, um desastre total, assim, a gente tinha São Caetano na época na nossa região e ia a caipirada lá jogar com São Caetano, a gente se ralava porque tinha Negreli, Macaco, quer dizer, aquela gente toda que era de seleção brasileira, na época isso foram experiências bem negativas ligadas nesse setor, mas foi assim realmente a eu ingressar na Escola de Educação Física foi um acaso, se aquela escola fosse uma escola de música, eu com todos os meus dons de ouvinte, talvez tivesse ingressado, porque diante da minha situação e dentro dos meus recursos, era a única opção que eu tinha pela frente naquele momento. Eu ingressei em 69 e sai em 73, foi bem na época da repressão, não sentíamos muito isso, o fato real é que como entidade isolada não era uma coisa tão presente no nosso meio, quer dizer, foi naquele momento que a gente começou efetivamente a ter conhecimento disso tudo e entender um pouco o significado disso, mas foi assim um processo dentro daquilo lá, porque o entendimento era muito pouco daquilo tudo, quer

dizer, a escola, ela saiu assim, ela não tinha uma característica tanto acadêmica, ela era muito mais assim prestadora de serviços para formação de pessoas e apresentar uma opção profissional para uma sociedade pobre como a nossa lá em Tatuí, aquilo não deixava de ser uma opção, quer dizer, então, não era uma questão de até de um certo distanciamento de toda aquela temática da época, que você bem colocou, na época estava tudo ebuluindo, estava fervendo a situação, mas não era tão significativo no nosso meio, porque a gente tinha outras preocupações e não era o meio acadêmico tradicionalmente, não era um meio que entendia bem estes problemas, quer dizer, o grande problema nosso era a sobrevida nossa na faculdade, quer dizer, como pagar a mensalidade que era o problema genérico do grupo, então, a gente tinha que tratar de aproveitar ao máximo aquele momento para buscar e isso foi uma descoberta durante aqueles 3 anos, quer dizer, que aquilo estava significando como marca de formação profissional e nada mais, não dava tempo de ter uma vida universitária, o ambiente não era acadêmico, quer dizer, foi muito atípico, eu não sei, hoje, analisando e voltando um pouquinho ali, estava, era por um lado, assim, eu diria até por popularidade, assim, em primeiro plano, como que poderia dizer para você, uma certa inocência mesmo, desconhecimento de causa, era o estado que a gente vivia e que aquela sociedade estava inserida, essa era uma situação, era próprio, mas por outro lado, nós éramos mantido por um clube e esse clube, quer dizer, a gente não era obra de manipulação dessa gente, porque a gente conhecia a origem dessas pessoas e coisa e tal e eles estavam até com o intuito de colaborar mesmo, mas para eles, significado daquilo tudo era muito pouco, tanto é que a sobrevivência foi mínima, quer dizer, a escola foi fundada em 69, começou funcionar em 70 e acho que em 76 ou 77 ela deixou de existir, como escola isolada não era bom negócio e aquele grupo, aqueles que idealizavam projeto de vida ou como dar subsistência, dar um serviço quase de assistência social, aquilo tudo, foi tudo se transformando, foi mudando as pessoas, eram outras e nesse curto espaço de tempo, ela deixou de existir e com o envolvimento ali, as coisas foram principiando, tal, a primeira grande opção que me surgiu foi no esporte, fui trabalhar com atletismo, mesmo porque nesse envolvimento de jogos colegiais, foi por onde eu me envolvi e dali me aconteceu, eu te digo, foi uma outra oportunidade circunstancial da vida, que um dos professores da escola, ele era técnico do Pinheiros, que na época tinha uma grande equipe e aquela coisa toda, então, a gente já tinha feito toda aquela coisa que pessoal do interior vem fazendo, vem visitar o clube, um passear e aquela coisa toda e isso dentro da disciplina, eles fazem em forma de estágio e eu me envolvi com o atletismo, então, quando terminei a escola, eu recebi um convite para trabalhar como auxiliar dele no Pinheiros, bom, eu preciso dizer tudo isso, que a minha escola eu fiz no noturno, tinha uma outra série de coisa que você precisava garantir sobrevida e uma série de tendências, bom, daí, surgiu isso, realmente foi uma oportunidade profissional que eu peguei, peguei essa oportunidade e vinha trabalhar. Trabalhei no Pinheiros de 74 a 77, nesse ano de 77, no final desse ano de 77 teve um curso lá e no último ano da escola, por causa da história da engenharia, eu recebi convite para ser monitor de Cinesiologia, que a gente tinha lá na escola, quer dizer, não sabia nada e já estava tendo as primeiras informações, quem estava trazendo para gente era o professor Pimenta, só que o professor Pimenta como ortopedista que ele é, ele trazia uma informação muito mais da área médica, função muscular

e por aí e daí eu comecei a trabalhar junto com ele, só que a única coisa que eu fazia era assim, eu dava umas aulas mais de mecânica aplicada que não tinha nada haver com que ele desenvolvia, daí então, eu estava no terceiro ano, é aí que você começa a se envolver efetivamente com o problema, como dizendo os gregos "ensinando é que se aprende", daí que efetivamente eu comecei me envolver, mas a oportunidade que surgiu, foi numa outra área, foi trabalhar com atletismo, como treinador e essa coisa toda que também me agradava, porque eu tinha um envolvimento anterior, isso aqui, em São Paulo e a Cinesio, lá em Tatuí e daí eu continuei viajando mais 2 anos seguidos, estando em São Paulo, mas indo para Tatuí, mexendo com a cinesio naquela situação toda e daí eu parei e continuei só aqui e tive alguns 2 anos que só trabalhava mesmo com atletismo e até ocorrer que em 76 tive um curso de especialização em Biomecânica aqui na USP, foi quando eu vim a conhecer a USP e esse curso foi dado por um alemão que fazia parte da preparação de um curso de especialização, que fazia parte da preparação para o mestrado que devia iniciar em 77 e esse curso foi quase uma preparação e eu não vim pensando tanto no mestrado, eu vim para esse curso pensando em Biomecânica, que era o professor Hiler, mais tarde ele estava num programa no Brasil e ficou morando uns 3 anos no Brasil e desenvolveu esse curso, atividades em Belo Horizonte, Porto Alegre, enfim, ele teve muito tempo aqui e o Hiler, ele era doutorado em Colônia em Biomecânica na Alemanha, foi nesse curso que eu tomei primeiro contato efetivo, assim, de uma forma estruturada, de forma de curso, isso foi em 76. Bom, daí, nesse curso que eu conheci os professores da escola, conheci o pessoal que trabalhava com cinesio, que era o professor Grabia, enfim, esse curso durou um semestre e com 3 vezes por semana a tarde e noite e nesse curso conheci o pessoal e comecei a me envolver, acabou esse curso, o professor Grabia me convidou para continuar ajudando ele no programa, aí fiquei, só que naquele ano, daí fiquei um ano ali trabalhando com ele e na época tinha uma tradição que, na escola você tinha que trabalhar como assistente voluntário, eu fiquei dois anos trabalhando como assistente voluntário, daí no terceiro ano surgiu uma oportunidade de contratação, não em cinesio, foi em atletismo, aí, eu fui contratado em atletismo, trabalhei também com atletismo. Aqui eu fiz o programa de mestrado, aqui, bom, daí, eu comecei a me envolver com escola, daí, fiz também a seleção do mestrado naquele ano, assim que comecei a ter contato, não fui admitido, fiz no ano seguinte, daí ingressei, isso foi em 78, daí eu comecei o mestrado e trabalhava fundamentalmente com 2 disciplinas, que seria atletismo e cinesio. Então, quer dizer, naquele momento aquilo me despertou muito, mas eu percebi que tinha muita coisa pela frente para fazer, não só pelo meu despreparo, por que uma coisa era eu ser assistente de cinesio lá em Tatuí e dando aula a noite, outra coisa era eu pensar em fazer carreira universitária, mas não deixou de ser uma baita de uma meta, eu queria mesmo era isso, daí a primeira coisa que eu percebi, o seguinte, até para eu fazer o mestrado eu teria muita dificuldade, até para fazer o mestrado dentro daquilo que eu queria seria extremamente complicado, eu falei, bom, então eu preciso me preparar, quer dizer, não sabia nenhuma palavra de nenhum idioma, preparação só lá do colégio, um pouco de francês e inglês, mas estava percebendo pelas informações que eu estava recebendo que se eu quisesse alguma coisa em Biomecânica, eu tinha que ir para a Alemanha, eu não sabia nada, aí começa toda aquela preparação, isso aconteceu a partir de 76, quando eu tomei ciência da coisa, daí

comecei a me envolver, comecei a me preparar, aí entre 78 e 80 eu fiz o meu mestrado, em 81 eu fui para Alemanha, isso pensando numa preparação acadêmica em definição de uma área que em discussão que estava me atraindo e muito. Então, isso tudo já estava me envolvendo, é lógico que isso tudo trouxe um cabedal novo, um despertar novo, uma motivação nova, primeiro foi o próprio mestrado, quer dizer, eu tinha consciência que foi uma coisa muito pequeninhinha que eu fiz e a gente conseguiu fazer um programa assim misto entre escola, Instituto de Física, um pouco de contatos que tenho até hoje com a Biomecânica, pessoas que se envolvem nos meus programas hoje no pós são pessoas dessa época ainda, então a gente começou alguns ensaios ali e a coisa se firmou mesmo comigo, digo, assim, no campo do conhecimento a partir desse momento que eu tive essa oportunidade fabulosa de ficar 5 anos num centro, não pelo equipamento, pela riqueza do centro, não só isso, mas principalmente por aquilo que está acontecendo naquele momento da tua vida e você está com uma coisa bem definida, você sabe o que você quer, então para mim significou muito esse período, esses 5 anos aí, a volta sempre um desafio, eu voltei fim de 86-87, um mundo novo, uma motivação nova e mais, aquilo era um crescer eu tenho tudo isso muito vivo, desde como foi o início do meu mestrado, do tanto que a gente passa e o que tem para resolver hoje, assim nas diretas para reitor, coisas desse tipo, a gente tem coisa muito viva e é um processo muito contínuo, eu diria que esse é um dos grandes aspectos que me atrai pela universidade, quer dizer, seguramente é uma coisa que é uma roda viva e que você tem um espaço pra uma coisa que dificilmente aí fora a gente teria, que seria pensar assim em coisas mais criadouras, você tentar contribuir com coisas desse tipo e isso é uma coisa que me atrai, quer dizer, lógico que o mestrado aconteceu, o doutorado aconteceu, mas são etapas e nesse meio termo tem coisas que aconteceram, eu não sei se mais importante, mas tão importante quanto e que isso acaba acontecendo, quer dizer, no meu caso foram, lógico que você prepara, você tenta responder objetivos, mas as coisas são oportunidades, são conseqüências na vida, na nossa época, nessa época quando me candidatei uma bolsa no exterior era uma coisa muito diferente de hoje, as vagas eram extremamente disputadas, no meu caso nem tanto, não tive tanta disputa, mas era disputa, quer dizer, tirava, saia gente, entrava gente, essas coisas todas, então isso foi muito bom, isso exigiu uma definição de tua parte e foi isso que aconteceu como formação, quer dizer, apesar de estar aí mais de 20 anos atrás e foram coisas que aconteceram tão importantes quanto muitos fatos que ocorrem hoje, quer dizer, a gente sempre se depara diante de situação nova. Eu acho que a gente está vivendo num, no momento da Educação Física, onde as coisas estão acontecendo nesse contexto acadêmico universitário, mas estreitamente hoje, coisa que no passado pelos próprios nossos antecedentes, pelos nossos antecessores a coisa nunca foi tão vinculada à academia, à universidade, quer dizer, um curso que veio a acontecer dentro da universidade, talvez não seguramente por imposições, titulações, exigências, coisas regulamentares exatamente, agora o mundo científico não acontece por decreto e esse é um caminho que eu entendo a gente estar passando por ele, porque a gente esta dentro de um domínio de conhecimento extremamente integrado, extremamente associado, extremamente dependente, nós não estamos estudando nenhum fenômeno natural e o estudo desse fenômeno exige alguns preceitos científicos, aí que em muitos casos a gente vê claramente etapas queimadas, eu digo assim claramente na evolução de paradigmas,

que leve a fundamentar aquilo que você faz, isso não está tão claro no nosso meio. Eu creio que sim, ela está lutando exatamente para isso, ela é uma ciência em desenvolvimento, eu diria, ela está buscando, apesar dela não ter ainda, vamos dizer, essa fase matura, de um domínio interdisciplinar que defina claramente seus paradigmas, isso não vejo claro ainda, ela vive as crises de uma ciência em desenvolvimento, respondendo o meio aonde ela está inserida, esses mesmos problemas que a gente vive e essa é a particularidade, eu acho, eu vou dizer de um meio aonde eu estava um tempo atrás, na Alemanha não existe este problema, eles passaram por crises fabulosas que hoje são crises vivenciadas e interpretadas assim como fenômenos riquíssimos para a época, terríveis na época, mas riquíssimos para os dias atuais, definiram uma linha evolutiva e estiveram associados a uma coisa que falta no nosso meio, quer dizer, eles foram impulsionados a reestruturar, a reorganizar por uma crise social, quer dizer, isso eu não sinto aqui; na Alemanha, o nacional socialismo, ele abalou estruturas, a Educação Física, ela foi usada como recurso de formação do artilheiro que ia para guerra e a Escola de Educação Física de Berlim, ela foi tomada pelos nazistas naquele momento, aquele momento, aquele fato conturbou e eles continuaram lá, quer dizer, chamava-se Escola de Educação Física de Berlim, aí ela foi tomada pelo Nacional e ela passou a chamar-se a Escola do 3º Reich para formação de soldado, restrita a soldados, etc, não só começaram a perseguir como baniram todos que ali estavam, como já médicos das universidades de Berlim, já físicos da universidade de Berlim, então o que aconteceu àquelas pessoas e à sociedade nesse período aí de 39 a 45? Ela sofreu uma crise conceitual pesada, tanto é que o mesmo grupo voltou a reestruturar a escola em Colônia, só que com outros conceitos, esse foi o momento de riqueza, eles passaram com o término do Nacional Socialismo, praticamente as custas próprias por puro idealismo, reestruturando a escola durante uns 2 anos e ela foi inaugurada em 47 e daí ela começa a evoluir com outro conceito, assim, com coisas que, com definições que eu vejo que em muitos momentos a gente não teve, porque, lógico, a gente não teve aquele momento, então eles não tem muitos problemas de conceito que muitas vezes a gente tem aqui para que, que serve ou justifique a coisa ou esta questão Educação Física e Esporte, quer dizer, não existe esse problema lá, Educação Física e Lazer são coisas muito claras, mas que eles tiveram um momento de transformação substancial, gerado por uma necessidade, eu vejo que as nossas tentativas, eu acho que a reestruturação da nossa Educação Física é uma coisa necessária, agora, ela acontece numa velocidade muito lenta ao meu entender por falta de motivos, quer dizer, a busca de um modelo exterior nem sempre é um bom modelo e é o que a gente tem no momento como referência, a gente, ah!..., mas, nós vivemos numa universidade em crise, está bom, mas aí não afeta só a Educação Física, é uma coisa muito de ciência, é uma coisa muito ampla, que fica muito embutida, a gente fica muito enrustido ali, sem coisas claras, agora o que aconteceu com o 3º Reich, voltar a Educação Física, foi uma coisa muito direta e realmente foi uma coisa que revolucionou, foi uma coisa terrível, mas importantíssima para evolução não só de conceitos mas de estruturação, tanto é que a organização posterior da Educação Física, hoje, na Alemanha tem uma estabilidade conceitual muito grande e dessa época mesmo pra você ver que o problema conceitual existe, esse aqui não é o mais atual, de dois em dois anos, os grupos que atuam nas diferentes áreas que mexem com Educação Física eles tratam de conceituá-la, não foi

ninguém que tinha necessidade de publicar alguma coisa dizendo agora vai soltar no mercado isso daqui, não, isso aqui foi resultado de um grupo que desde 47 vem discutindo, um trazendo, tanto é que a versão atual ela está mais incorporada e eles começam a se exteriorizar um pouco mais porque essa foi a última edição que aparece exclusivamente em alemão, a partir daqui as edições, os mesmos esporte, acho que você deve conhecer, ele traz alemão, francês, inglês, grupo de pessoas que se envolvem é muito grande, eu me envolvi uma única ocasião com isso aqui, que foi por causa do Professor Balmam. O Professor Balmam coordenou o grupo da Biomecânica, então, ele tem que trazer a discussão, assim, por exemplo: o que significa sobrecarga mecânica para o aparelho locomotor?, então, tem lá um termo que se discute isso aqui, é lógico que ele não faz sozinho, então esse grupo de pessoas aqui, cada um quase que representa um grupo, daí, naturalmente chega num ponto aí aquele volume, então nós aqui devemos fazer um grupo de uma determinada área e naquele grupo discutíamos outras características que precisam ser incorporadas, conceituamos, definimos, tem toda uma estrutura lingüística, tem toda uma estrutura de conteúdo, uma estrutura de evolução científica disso e nós mandamos e daí o grupo vai discutir sobre isto tudo, então o mais rico disso tudo que eu acho é o seguinte: isso mostra uma preocupação renovada de um grupo para com o desenvolvimento científico da área e que fica registrado e que realmente isso daqui é tido assim como um trabalho permanente deles, isso aqui não é coisa de editora, não é coisa de uma pessoa que queira sobressair, mostrar produção, não é realmente mostrar a evolução da coisa e isso surge num momento muito importante, que surge no pós Nacional Socialismo e isso daqui é uma das únicas coisas que perpetuou de lá para cá, inclusive, neste momento, há uma grande, uma mudança conceitual gerada por fatos e fenômenos sócios culturais. Educação do corpo e que com a revolução foi usada durante o 3º Reich, aquilo ficou para aquela sociedade como a coisa mais pejorativa que podia se ter, então, tratou de evoluir cientificamente em cima de um outro termo que negasse a cultura do nazismo, então, daí, nesse momento que surge o vocábulo esporte e que absolutamente não tem nenhuma conotação com o esporte futebol, esporte voleibol, esporte handebol e tem uma conotação, a mais ampla possível e que tem um fato social que gerou essa mudança e a única mudança que eles acrescentam como vocábulo esporte pegado no radical não germânico, mas no radical inglês, é, eles acrescentam a palavra ciência do esporte, então, é nessa linha que a coisa evolui. É bem por aí, tudo bem, eu acho que o conhecimento é difuso, é ramificado, não vamos negar isso e que faz parte, falta uma coisa direcional, o que eu acho ainda sim é que tudo isso no meu entender é mais ou menos motivado pela falta de fatos suficientes que exijam a mudança. Fato social sobretudo, daí você vai ter uma coisa que substância a necessidade da mudança, que dê sentido de legitimidade para aquilo que está acontecendo, porque, acha, como que surgiram os institutos de pesquisas nesse país? Eles surgiram da pura necessidade de semelhança do que ocorria lá fora, mas, já surgiram com algumas características, se você pega Manguinhas no Rio, você pega Butantã em São Paulo. Foram institutos já com características altamente orientada, foram momentos iluminados que trouxeram aquilo, quer dizer, a vocação do Instituo Butantã desde o princípio foi uma só, extremamente bem definida, eles não estavam naturalmente trabalhando com nada novo do conhecimento, mas, assim com uma orientação muito direcionada, muito bem definida, então a coisa se implantou e ficou Manguinhos no Rio da mesma

forma assim trabalhando para a saúde pública, de uma forma muito definida, quer dizer, foi um momento altamente iluminado que trouxe a esses dois grandes Institutos uma característica introdutória de ciência no país e isso evoluiu de uma coisa clara, quer dizer, não se falava em bioquímica ou química de novos materiais, nem se podia imaginar hoje está metido nestes institutos coisa desse tipo, mas, até hoje, eles não perderam a orientação, porque existiu uma, sei lá, acho que foi uma iluminação de cima para baixo que nesse momento trouxe a isso e a coisa se substanciou, eu acho que o que falta para a gente é um fato sobretudo social que traga ou que mostre a necessidade de seguirmos aquele caminho, senão, eu vejo assim, que essa pluralidade que você coloca, ela tende a continuar diversificando, se isso vai ser bom ou ruim, eu não sei, eu acha que sempre vai surgir novas tendências, novas perspectivas, novos anseios, novas motivações, isso sempre vai existir, é inevitável isso, mas, tem que ter no bojo alguma característica, principalmente, quando a gente fala de profissão, estrutura que defini, que de amparo àquilo que está acontecendo, eu não digo coisa cartorial, assim do tipo legislação 215-94, sei lá, não é isso, quer dizer, uma coisa de legitimidade prática, legitimidade funcional, porque até aquela coisa, quer dizer, o papel catalisador, que era uma coisa que parecia tão importante do professor de Educação Física nas escolas, hoje está deixando de existir, hoje já não se questiona, isso não é a coisa mais importante, então por onde que esse profissional vai se atuar na escola?, é uma coisa a ser pensada, quer dizer, é um desafio, então, é nesse contexto que eu vejo assim as reformulações, assim, grade curricular, currículos mais abertos, bacharelados, licenciado, quer dizer, isso tudo, escola de verão, sei que isso tudo é pura conseqüência de uma coisa que está faltando, eu estou vendo que a gente, eu não vejo a princípio nisso a solução. E o que também as vezes nos levam a pensar se esse é o caminho primeiro a ser seguido, por que também não sei se esses cursos atendem diretamente as vocações nesse amparo social que a gente tem pela frente, quer dizer, pensando em profissões, porque essa, eu colocaria assim, a primeira responsabilidade social da universidade é trazer profissionais capacitados para o mercado, como resposta não só a sociedade, mas para próprio anseio pessoal, quer dizer, na minha santa inocência, quando eu fui procurar Educação Física, eu também pensava em me definir profissionalmente e eu acho que pouco mais - pouco menos, todos nós queremos uma coisa, assim, num dado momento da vida, quer dizer, faz parte da natureza humana, quer dizer, é uma responsabilidade da universidade, quer dizer, não só responder à sociedade, levando lá o profissional, atendendo às necessidades, como também dar uma resposta pessoal, pessoais, do cidadão, do jovem, tal. Agora, o que se questiona, assim, diante desse domínio que a Educação Física aborda, é exatamente por onde seguir, é exatamente que caminho de formação seguir, porque eu vejo claramente quando se pega uma estrutura de bacharel-licenciado, você tem um concepção de orientação profissional bem diferente e bem definida pensando nos dois em separado, mas, por si, eles não resolvem o problema de que resposta vai dar o bacharel ou o licenciado. Essa é a questão, eu vejo que o problema é um pouco mais supremo no sentido de domínio de conhecimento, que levem a essas necessidades diferenciais. Ok, partimos de dois ramos, duas carreiras bem definidas no sentido de definições profissionais, perfeito, está correto, agora por si, isso não está resolvido ainda, a semana passada eu recebi um telefonema de uma conhecida lá do Acre, eles acabaram de

criar mais um curso, acabaram de criar o bacharelado, o licenciado, mas, eles não sabem bem o que fazer, quer dizer, por onde ir, e o egresso? A sociedade está esperando que o egresso responda seus problemas, atue em todos seus seguimentos, etc, então, eu acho que tem uma questão superior ainda a ser tratada sabe, não simplesmente é na reestruturação, essa definição quase de rótulo, o problema é um pouco superior, eu acho. Eu acho que os grupos tem que achar suas próprias vocações, porque tem um outro problema, que essa história de licenciatura-bacharelado, fora toda uma conceituação que está bastante clara, que também é migrada de outras conotações que define bem a coisa, mas em muitas situações, quando você não tem o problema do domínio mais amplo definido, os rótulos, eles levam simplesmente a confrontos e esses confrontos nem sempre são bons, então, essa é uma questão que tem que ser pensada. Eu vejo tudo isso assim extremamente teorizado, tudo bem você partir de um pré-suposto que a formação do professor traga isso, é um fato, agora, se esse fato está sendo respondido praticamente dessa forma, se o preparo da sociedade é adequado a responder nesse sentido, etc, são questões nem sempre reais, você se acaba se colocando diante de situações paradoxais, que fala, se são assim porque é assim, se é assim porque que não se arranjaria mais recursos, por exemplo: pode ser uma bobagem o que eu estou falando, mas essas definições a priori, esses pareceres sem uma evolução conceitual por fatos sociais da própria área, muitas vezes levam a equívocos paradoxais e que são situações que tenho a impressão que se a gente continuar essa análise, por exemplo, a universalidade do conhecimento da Educação Física dentro da universidade Brasileira não é uma realidade, você mesmo está se deparando com situações diversas aí que você deve estar com dúvidas, isso pode levar a uma situação paradoxal de confronto se simplesmente evoluímos no conceito de teorizado, ele tem alguns vícios da perspectivas do legislador, ele não tem um fato teórico da própria evolução. Eu tenho sempre meio aversão quanto a legislação por princípio, assim, é meio aversão, pode ser que eu esteja totalmente enganando, eu não conheço os princípios que orientaram essas redações, tal, mas, eu me sinto a princípio, bem percepção, minha vista, que são textos sob uma perspectiva e que na maioria das vezes nos levam a situações paradoxais, senão um confronto, até como encarar isso, teria que ser um instrumento um pouco mais dinâmico, mais integrativo, documento que não gerasse assim tanto e que gerasse resistência da mudança, um meio para onde ele vai servir. Olha, eu vi e estou vendo como um processo até meio traumático, em muitas situações ele foi introduzido com muita resistência e por que muita resistência? A gente poderia analisar sob vários aspectos: desde uma simples resistência a mudança ou talvez teria um perfil meio negativo do nosso profissional, traumático pela forma como aconteceu, num momento com prazo definido, prazos rígidos, aconteceu num momento de decisões por voto e que leva aquela situação de confronto e que sobretudo a matéria no meu entender não é uma matéria para ser votada, é uma matéria que exige um amadurecimento sobretudo, então, por essas situações e pelo desenrolar do processo, ele foi um processo traumático e está sendo um processo traumático na minha perspectiva, agora, uma coisa é interessante, que no meu modo de ver suaviza tudo isso, são algumas conquistas nesse clima, era um clima, digamos assim, de terror, elas se manifestam hoje, hoje, por exemplo, daquela primeira resistência perniciosa, resistência simplesmente a mudança, hoje, a gente já vê reconhecimento quase que unânime da necessidade da mudança. Olha, precisava mudar mesmo, tem um

foco de resistências aqui, amadurecimento de conceito ali. Por não ter, assim, um fato forte, suficiente para gerar efetiva mudança que a gente espera e ainda é um processo lento, então, ele está acontecendo a meio curso no desenrolar da coisa e não tem assim um domínio conclusivo, é isso, eu estaria antecipando qualquer avaliação agora, mas, eu vejo que uma avaliação daquele momento, dois anos atrás, que levou a decisão de implantar o programa, já houve evoluções, nem tão relacionadas com os programas em si, mas muito relacionadas, hoje ou aquilo foi o motivo para modificar o comportamento, o próprio entendimento sobre a área, pelo menos uma preocupação maior em relação a isso e isso já é um espaço importante que não se garante com nenhuma portaria de diretor, de reitor, é uma coisa que tem que acontecer naturalmente e isso seria uma primeira conseqüência positiva de todo esse processo, isso está acontecendo com maior fluência, com naturalidade, coisa que é muito simples, mas, é verdade no nosso meio, coisa que muito pouco tempo atrás, no momento daquele processo não existia e se efetivamente a gente for analisar por um processo é otimizado de grande perda. Outro rótulo, não? Eu acho que está evoluindo agora. Eu acho que está crescendo muito, mas, eu acho que o princípio foi mais ou menos por aí. Acho que foi dá nomes para coisas, tal. Tudo muito descrito, mas sem uma definição mais clara que desse um, eu não digo suporte de legislação não, eu digo um perfil profissional com base no domínio do conhecimento, que levasse a isso tudo. Eu não sei se no futuro a gente não vai se caracterizar mais ou menos como é o direito. Não faz sentido no direito se formar licenciado. Eles são fundamentalmente bacharéis por característica de atuação profissional e eu não sei exatamente que perfil que a gente vai ter que assumir, mas eu acho o seguinte, quer dizer, o perfil do Bacharel é claro, independente, quer dizer, a Educação Física nem precisaria existir para ter o perfil do Bacharel. Se você olhar também a terminologia francesa, você se confunde um pouco. Eles tem outros conceitos do que seria o tal Bacharel. Mas, tudo bem, eu acho que pelo menos isso já se firmou no nosso meio. O que é o Bacharel. O que se pretende de um Licenciado. Mas, eu acho que a nossa questão é superior. A nossa questão é do domínio do conhecimento e de área de atuação, ou seja, em que segmento da sociedade que a gente atua e como que a gente atua? Coisa que se você olhar em muitas áreas do conhecimento, elas se estabelecem, porque elas tem estas coisas claras. Essas relações elas tem claras por mais abstrato que seja ela tem definido. Olha, nós abstraímos o conhecimento a partir da numerologia em matemática pura. Basta, isso serve para isso ou não serve para nada. Mas, eles tem uma definição clara disso, quer dizer, não serve para nada, é bobagem minha. Mas, eu digo assim, eles tem grande parte do domínio do conhecimento, ela se estabiliza exatamente por isso. Principalmente isso vindo da universidade. A universidade tem esse compromisso, eu vejo assim, eu acho que a grande vocação da universidade é o Ensino e Pesquisa, mas pesquisa criadora. Essas são as duas grandes vocações. Eu não coloco a extensão, o atendimento à comunidade como coisa terciária ou como conseqüência disso. Ela está no mesmo nível, sem sombra de dúvida, mas, na prática, na prática, a universidade está primeiramente equipada, instruída para o ensino e pesquisa de qualidade, eu acho que primeiramente, é inevitável isso, quer dizer, a extensão, ela não pode ser vista como conseqüência, como uma coisa deduzida, naturalmente, não, porque se não você negaria n estruturas da universidade, n funções da universidade, que só atuam nesse segmento,

mas, mesmo essas instituições, elas continuam trabalhando com o ensino e pesquisa, elas não negam essa situação. Então, eu vejo uma coisa assim tão associada, tão importante. Quer dizer, ensino e pesquisa, criadoras, coisas criadoras e extensão é vocação primeira da universidade. Agora, não resta a menor dúvida, eu vejo assim, a universidade se manifesta em crises, em vários momentos, crise estrutural. Crise que muitas vezes ela se depara simplesmente quando você tenta relacionar a evolução conceitual entre tecnologia e ciência. Como é que se depara uma universidade nessa situação, com que proporções que ela trabalha? Com que compromisso ela tem que continuar atuando? Como que outras instituições desenvolve isso? Quer dizer, isso não deixa de ser crises e situações que está no contexto da própria evolução da ciência, da tecnologia e como encarar essas coisas? Isso, a gente tem fato novo a todo momento na história da universidade, na sociedade, enfim, quer dizer, esse contexto, ele passa por diferenciar assim na universidade e aonde a gente atua, uma coisa fundamental que é essa questão do serviço público, do serviço privado, particular, quer dizer, no nosso meio é característico, é típico, quer dizer, a universidade privada, ela não faz pesquisa, ela não atua nesse segmento, quer dizer, ela acaba tendo outro compromisso, acaba tendo outra vocação, que também leva ela a outras crises e não as nossas. Nós temos essa primeira vocação. Eu acho que preservar essa vocação, é fator primordial para continuar a garantir nosso espaço na ciência, não por uma questão corporativa. Mas por um próprio, uma própria garantia do conhecimento, quer dizer, não dá para conceber que em curto espaço de tempo, essa universidade privada mude esse perfil. Ela não está estruturada. Nós já temos essa estrutura montada. Tudo se volta para nós. Então, essa primeira responsabilidade nossa, que eu acho que está embutida no nosso trabalho, é que tem que ter conseqüência imediata no nosso trabalho. Agora, eu vejo que outro aspecto assim que muitas vezes, um aspecto que não nos atingiu assim tão diretamente ainda, mas eu acho que não vai demorar, é uma crise, até institucional, que a universidade vive hoje. Quando você vê, por exemplo, e eu me assustei muito recentemente quando eu peguei relatos de uma firma como a IBM, hoje, não só formam o seu quadro de profissionais técnicos, como forma seus doutores. Elas tem um curso de doutores, quer dizer, está bom, mas o que é isso? é um afronto à universidade? Não é responsabilidade dela? Ela está insatisfeita com os profissionais que saem no mercado, ou ela está em busca de novo incentivos? Enfim, para que ela está fazendo isso? E elas estão fazendo isso em larguíssimas escalas. Em muitos países, de uma forma assim bruta, de uma forma maciça e sem se preocupar com os aspectos, se o governo reconhece ou não reconhece, não é essa a questão que ela tem pelo próprio princípio que a gente luta tanto, a autonomia, elas seguem uma autonomia dela e, quer dizer, se dá mais atenção ou menos atenção a isso, não é bem a questão. O fato é que isso pode ser um elemento de geração de, se nessa perspectiva, de geração de novos conflitos na universidade. Por causa dessas questões aí da internalização do conhecimento, da universalidade disciplinar, essa coisa toda. Então como é que se mede isso? Quer dizer, eu vejo que nesse ambiente de crise mesmo, que não é crise, é mais crise institucional que a gente está metido e que leva a conceitos, desafios, então, eu penso assim. Mas, quando essas firmas começam a investir em doutores, elas também estão investindo na universalidade do conhecimento, elas também transferem tecnologia. Elas desenvolvem com componentes, não só para garantir o seu mercado, quer dizer, não é só

pesquisa estratégica. Ela desenvolve também, novos materiais. Então aí, nesse momento, o que é essa instituição? Você quer ver uma coisa, por exemplo: o pessoal da odonto, eles desenvolve, eu estou falando isso, porque foi uma situação bem recente comigo em família. Um primo meu lá, ele teve notícia, ele é dentista, ele recebeu uma técnica de implante de jaqueta baseado num princípio totalmente diferente. Então, ele resolveu entrar naquilo. Ele resolveu começar a praticar. Então ele escreveu lá para a firma - odonto, só sei que ele recebeu uma fita com todas as instruções, e um quite e já um material de aplicação. Se você for querer entender, ele entrou no espaço, no domínio de algum profissional, que devia ensinar aquilo de alguma forma e tal. Mas, olha, eu vejo sob dois aspectos: se a gente quer preservar esse mercado, então a gente tem que ser competente suficiente para ser pelo menos pensado, se isso é um espaço interessante. Agora, se isso é uma instrução que não é a questão central do domínio de conhecimento, de que quanto mais divulgado, um tanto melhor, então a gente tem uma outra forma de enfocar o problema, quer dizer, a questão, não é divulgar aquela forma de manipular tal conhecimento, quer dizer, isso não é reserva de ninguém, quer dizer, vamos deixar que isso ocorra da forma mais ampla possível. Porque, atrás daquilo tudo, tem um domínio de conhecimento que deve ser sociabilizado e transferido. Essa é uma responsabilidade primeira nossa. Como fazer isso? Eu acho, é muito limitado, se o nosso propósito nesse sentido mesmo fosse simplesmente ensinar movimento novo de ginástica, quer dizer, com uma fita, você resolve esse problema, quer dizer, estaria trabalhando com um propósito muito simplista. É a mesma coisa o computador. A grande dúvida do computador, houve um momento que se questionava isso, mas ele vai colocar em rotina as minhas funções. E como é que fica isso? Não, muito pelo contrário. Você vai otimizar o seu tempo e vai ter o seu tempo orientado por uma inteligência superior, ou um pouco mais vocacionada. O que era uma função altamente complexa, estrutural, organizacional, você orienta junto com ele. Ele te ajuda nesse sentido. Agora, e na medida que você começa estruturar isso, você passa a reservar o seu tempo por funções mais nobres até. Eu acho que é mais ou menos por aí que a gente está na Educação Física, quer dizer, como que o profissional da Educação Física se coloca, é como um legítimo repetidor de fatos, ou ele tem uma instrução a mais para desenvolver, ou ele tem um conhecimento novo para desenvolver? Essa, eu acho que é uma questão também para ser superada. Os modelos comuns, eles se apóiam, muito assim, em estrutura repetidora, quer dizer, a gente mesmo já fez muito isso. Eu acho que é assim, cada, eu acho mais ou menos justo que cada universidade tenha o seu sistema, cada uma anda, quer dizer, é, história de vida, ela tem que buscar o seu caminho, a única coisa que eu queria acrescentar é assim, a história da avaliação, pelas experiências que a gente está passando. A avaliação do corpo docente aqui na USP, um por aspecto estatutário, a gente passou por duas grandes fases. Uma primeira fase, é a avaliação pessoal, e agora, isso é uma experiência muito nova, isso começou a quatro anos e meio atrás, não mais que isso. Quer dizer, começou ontem isso. Isso é super novo na universidade brasileira e pouquíssima se avaliam, quer dizer, é então, uma coisa assim, bem, se baseia em modelos que não são tão adequados, como os modelos americanos que são muitos rígidos quanto ao sistema avaliação, baseado em distribuição de verba, por isso, aquilo, só, que há de que se observar diferenças. É aquela velha comparação entre a jabuticabeira e

a macieira. A jabuticaba ela produz 3/4 vezes no ano e num galho, ela dá pelo menos uns quarenta frutos. A macieira ela produz uma vez cada dois anos e só dá um fruto. Se você for distribuir a proporção de adubo ao número de frutos produzidos, só vai ganhar adubo a jabuticabeira e nunca mais você vai ter maça no seu mercado. Quer dizer, uma coisa assim, que você tem que respeitar a diferença individual. Como que acontece cada uma na natureza do trabalho e é essa situação que a universidade não sabe fazer direito ainda. Então, aí começa experiências, as mais variáveis possíveis. Achar um coeficiente Y, traduz um indicador que fala se você está na linha de corte, se você está fora, se você passou. É problema isso, né? Tem quinhentas experiências nesse sentido, vários ensaios. Se tentou colocar em prática muitas dessas experiências. Mas, nem sempre com coisa positiva. Ou então, como fez o Professor Goldemberg. Aí, quem não tem pelo menos um trabalho publicado no ano vai sair na lista negra da USP. E está lá, esses são os improdutivos, quer dizer, é até uma atitude. Enfim, com todas as conseqüências negativas que trouxe para a universidade, começou a colocar em cheques o próprio processo da avaliação. Eu acho que esse ano a gente começou desenvolver aqui na USP, um sistema de avaliação com o qual eu concordo. Eu acho que tem que haver avaliação interna. Quer dizer, tem que haver auto-avaliação. Tem que haver avaliação interna. Mas, nenhuma das duas, deve excluir uma avaliação externa. Eu acho que uma das garantias do sucesso do nosso sistema de pós-graduação, é o sistema de avaliação externa que eles colocaram. Foi uma coisa muito boa. Agora, o que muitos cursos deixam de fazer, e aí aquele referencial não é tão bom. Por que aquele referencial aparece sem uma avaliação interna, e muito menos sem uma auto-avaliação. Então, a coisa mais importante como um todo no sistema, é você garantir uma avaliação externa, sem excluir a avaliação interna e muito menos uma auto-avaliação. E nessa auto-avaliação pelas partes, aluno do professor, professor do aluno, tudo isso daí. Hoje, nós estamos vendo depois de nós passarmos por esses coeficientes y da vida que tomaram vários percentis, para cima, para baixo. Hoje, a gente chegou numa avaliação que tem essa característica. Avaliação interna, mais avaliação externa, mas, por departamento. Por departamento, tem trazido assim uma certa, um certo referencial nas coisas. Por exemplo, esse programa chamado de Bolsa, ele se baseia nisso, qual é o tamanho de nossa cota? Quanto foi distribuído, micros de pesquisa aqui na Universidade? Eles compraram institucional, um monte. Mas quanto que vocês merecem? Foi outra vez na relação da avaliação departamental. Vai por aí outra vez. Sabe, o que eu sinto é muito na circunstância. É, assim, a UNICAMP é uma universidade que pelo menos numa avaliação minha, posso estar enganado nisso, ela sempre mostrou uma necessidade de projeção muito forte. Eu não sei, se ela não se sente bem como filha USP, a mesma coisa é a UNESP, a característica é a mesma. Quer dizer, nem a UNICAMP, nem a UNESP se sente bem como filha USP, nesse sentido que eu quero dizer. Quer dizer, esta independência eles não aceitam. Então, eles acabam assumindo uma coisa assim, por exemplo, não só traduzir em números, mas colocar o docente na parede. Olha, você tem cinco anos, então, você se retira da casa. Isso claramente imposto é colocado. Isso muitas vezes, é motivado por uma própria necessidade de projeção e tirar o pé do lodo. O que é uma coisa, se na essência você for discutir o princípio, o que levou aquilo, é altamente questionado sim. Mas, aí que está outra vez a questão do legislador, do administrador universitário. Eles assumiram

aquilo, num dado momento, querendo o melhor para a universidade, querendo assim, nossa senhora, com isso nós vamos ter essa, mais essa, aquela vantagem, tudo projetado assim numa linha fabulosa com as tais referências. E uma pressão nesta característica. Nós precisamos superar tal necessidade, nós precisamos ganhar tal espaço. Isso eu vejo, eu entendo como coisas circunstanciais. Assim, como por exemplo, aqui na USP, em algumas áreas, a gente não dá nem para pensar os indicadores, quanto custa uma tese na USP? Quanto que custa por ano um aluno na USP? Tudo em dólar! Qual é a relação docente-aluno, que são todas experiências? Daí, eles falam em seguida, em tal universidade americana é assim. Ou, na média das cinco universidades americanas é assim. Sabe, olha, coisa circunstancial, é dado comparativo. É a comparação, é a busca do referencial. O que as vezes motiva as pessoas a tomarem iniciativas desse tipo. E muitas vezes se você olhar o princípio da decisão, é uma decisão equivocada. Em muitas vezes nessas expressões numéricas, seria fabuloso se a gente tivesse coeficiente que expressassem com muita clareza a qualidade. Então, entender os números, é uma coisa muitas vezes, traiçoeira, difícil, não acontece vapt-vupt. Tem que buscar o indicador certo. Eu estou me lembrando agora dessa nova categoria de bolsa que foram instituídas, é, e que começaram com as agências dos países estrangeiros, que tem dado muitos resultados. O doutorado sanduíche, na medida que você pensar na expressão numérica, foi uma medida muito desvantajosa, que significa, promover um alemão, promover um francês, ele financiar uma bolsa sanduíche. Eles se basearam num dado muito simples, é o seguinte: as únicas pessoas que iam para França, ia para Alemanha ou ia para os EUA, para fazer um programa de doutorado e por lá ficavam, sem produzir uma tese. Estava dando muito desistência no meio do caminho. Então alguma coisa tem que ser feita. Então mexeram no vínculo, criaram essa tal sanduíche. A pessoa é daqui, mas vai buscar recursos lá. Mas continua aqui, quer dizer, aqui está dando certo e com muito sucesso. Quer dizer, o volume de desistência, o volume de, quer dizer, uma medida muito inteligente, quer dizer, mas desmistificou um pouquinho a FB (?) dizer: nós temos o maior número de bolsas. Ou o DAD (?) dizer: não há um número de bolsa daquele. Ou, uma outra fundação francesa qualquer dizer, por que, hoje acabou isso, ninguém é dono mais dessa bolsa e está respondendo em qualidade de uma forma excelente. Quer dizer, exige várias coisas que a gente acredita no processo científico, que é o vínculo entre instituições, a interação entre pesquisadores. Só que desmistificou um pouquinho aquelas estatísticas da fundação, falar, olha nós temas 326 bolsas por ano. O outro dizer, não nós somos melhores, porque nós temos 780. Acabou isso, quer dizer, essa foi uma medida inteligente e que se você for ver, é uma medida supra institucional. E o que falta e eu digo, no caso USP/UNICAMP/UNESP, faltam medidas supra institucionais. É um caso assim que leva hoje, as universidades elas estão, no meu modo de ver muito envolvidas em questão partidárias, político-partidárias. Muitas vezes assim como afronto, com o protesto veemente dos reitores, todos eles, existem grupos. O reitor não consegue muitas vezes expressar a vontade da universidade. Então, a universidade em muitos casos se presta a tantos casos políticos partidários, terríveis, terríveis. E o caso mais claro, hoje, é essa estadualização do Ensino Superior no Estado de São Paulo. Olha, está acontecendo tanta barbaridade que a gente não se apercebe o volume de escolas, institutos isolados hoje para se estadualizarem é tão grande, que a gente não faz

idéia. Hoje, na assembléia legislativa tem nada mais, nada menos que 63 escolas superiores, faculdades isoladas, com lopes, com processos em andamento para se estadualizarem. Com altos e veementes apelos de grupos políticos-partidários. Porque é a projeção do deputado que veio de tal região, então a minha escola vai ser gratuita, e assim por diante. São 63 que vai sobrar na mão da USP, UNESP E UNICAMP. Agora, como, com que conseqüência? Falta no meu modo de ver um plano superior a isso tudo. Falta, que na verdade é, em que contexto a gente está metido? é duro tudo isto. Eu não sei se eu vou ter (...). Eu não conheço assim tudo, todos eles, eu não sei dizer. Eu não conheço a obra de cada um, eu seria muito desonesto se criticasse alguma coisa nesse sentido. O que eu vejo, mas é muito esparsa essa análise que eu vou fazer: é essas reformas baseadas em alguns modelos, sem se ater a uma reforma, seja está curricular, seja ela estrutural, seja ela desta mesma , esta questão de integralizar o sistema universitário paulista, que origine no próprio meio, que se origine dela. Essa é uma crítica que muitas vezes eu vejo que dá para identificar isso. Falta adequação a realidade social, quer dizer, a falta de ter adequação social, muitas vezes é o que gera discórdia, o que gera confronto. Falava que era administrar ou gerar crise. Então, talvez, precisássemos provocar crises para pegar essa revolução da sociedade, ter fato social suficiente. Agora, como gerar fato social, eu não sei lhe dizer. Eu não sei lhe dizer. Mas, eu acho que é só por aí que a gente vai conseguir. Quando tivermos esses fatos, a gente tem alguma coisa de significado, normal é você ter essa resposta, essa relação de dependência, se essa chamada realidade social, o que aquele meio espera você estar respondendo. Isso é uma leitura difícil. Vamos admitir que você estenda, esse seu questionário ou essa sua entrevista a 1% da população brasileira, quer dizer, naturalmente adequada a classes, etc. Então você teria que ter entrevistas, assim, um número de 1 bi e lá vai pedrada de pessoas, não dá mais. Quer dizer, como estratificar amostras populacionais, como ter expectativa disso tudo? Não é só uma questão de azar e sorte assim como a gente está colocando. Quer dizer, tem muito de azar e sorte, você tem que ter, quer dizer, a sorte de ter tido aquele conflito que gerou aquela coisa. Quer dizer, sorte, em termos, aquilo é uma coisa fabulosa, é uma coisa que gerou mudanças de uma forma natural. O que não dá para você rotular as coisas assim tão simples. Isso foi importação de um modelo do Nacional-Socialismo. Nada mais rompeu, mas não foi ainda um fato forte suficiente que gerasse tanta mudança como gerou lá. Lá sim, lá, aquilo estava no bojo, era uma questão social, era uma questão de vida populacional. Esse negócio da nossa Educação Física ter sido militarizada, é uma cópia suja daquilo que fazia no Nacional-Socialismo, numa dada época e que rompeu totalmente lá e a que a pessoas querem que rompa-se, mas ainda o papel, esse papel do soldado é muito forte na nossa sociedade. Eu não acredito que tenha tido rompimento nenhum, a coisa continua tal qual. Tanto é que os militares continuam formando os seus profissionais, etc e coisa e tal, o mesmo jeitinho. E a comunidade não repudia isso não. Taí a Escola de Educação Física do Exército para dar provas disso. As Escolas Policiais Militares espalhadas por todo país para dar prova disso. Não existe nenhuma repudia da sociedade disso daí. E a gente fica falando que não pode ter uma Educação Física Militar. Como? Se a gente está formando essa gente. Houve um rompimento em alguma sociedade dessa realidade militar, tal, mas não forte o suficiente para gerar mudanças,

quer dizer, os militares, nem que pense lá na Alemanha, por exemplo: em querer formar qualquer coisa da Educação Física. Mas, nem pense isso, é uma coisa já ultrapassada, quer dizer, eles evoluíram tanto no conceito, que eles chegam para outras questões sociais ligadas a formação militares que hoje é, quer dizer, não é por menos, que é o país que mais se desarmou em todo o mundo. Quer dizer, ele rompeu, ele destruiu os seus mísseis, quer dizer, foi uma coisa que veio bem mais tarde, se você comparar a formação corporal do militar com o desarmamento militar. A mais de 15 anos que não cresce a porcentagem de investimento militar na Alemanha, muito pelo contrário, e agora, já, há cinco anos, está havendo uma redução de pessoal. A questão é social, não é militar. Quer dizer, o respeito, aquilo naquela função restrita, mas não é exacerbando o direito sobre a sociedade. Mas, não dá para comparar. São questões assim sociais. É a mesma coisa, se você for vê a destruição do ocidente, oriente, quer dizer, a queda do muro. A queda do muro, se você for ver economicamente foi um desastre, mas politicamente era uma coisa inevitável, tinha que acontecer por princípio e que só tinha que acontecer naquele contexto que aconteceu. Então, são coisas que não tem retorno mais, tem um significado muito mais expressivo para aquela comunidade do que para a nossa. Para nossa é mais ou menos um valor simbólico e tal. É mais ou menos como a gente vive na Educação Física, a imagem e semelhança do que tem lá. É nesse sentindo que eu digo que, como que a gente vai ter que provocar isso na sociedade? De que jeito? Me irrita um pouco, o termo motricidade humana, é assim: Vamos definir o que significa isso. É difícil, é difícil. Se a gente tentasse ser mais coerente, é movimento. Então, eu vejo assim, olha, é mais um rótulo, para mim não significa muita coisa. A motricidade, eu partiria de um conceito - é o movimento humano - eu acho que essa expressão já é complicada o suficiente para ser entendida, que o meu modo de ver a motricidade, ela não acrescenta nada. O que é a motricidade? É o ato de mover-se, mas que informações nova que ela tem, além da expressão movimento. Eu acho que entender o movimento humano é uma coisa que vai mais de encontro a um conceito integrativo, interdisciplinar do que essa expressão motricidade. Eu nem conheço o material do Manuel Sérgio. Eu sou um pouco mais simplista nessa expressão. Eu acho que antes da gente evoluir para essa expressão, eu até admito que possa ser um conceito muito mais elaborado, muito mais evoluído, mas eu tenho coisa mais simples para tentar entender, que seria o movimento. E o que não é nada simples. É isso o que eu quero dizer. Qual é a expressão do movimento? Com que indicadores? Com que expressões? Qual o elemento qualitativo? Qual o elemento integrativo? Qual é o elemento estrutural? Qual é o elemento quantitativo, qualitativo, expressivo, cognitivo? O que está dentro do movimento, a interdisciplinaridade que ele aborda? O que significa migrar isso para cá? O que significa? Essa é uma razão assim bem simples. Porque eu ainda não consegui entender. A mim parece uma expressão adjetivada disso daqui, nada mais, eu não consegui entender nada além disso, e tenho uma outra coisa que eu não sou lingüista, eu nunca vou entender isso daí. Mas, o termo motricidade me traz assim um pouco da expressão, particularmente a motricidade humana, que é do alemão oriental, é do Russo e uma outra coisa derivado disso aqui que fala corpo cultura, que é uma coisa assim: "O corpo cultura motor, quer deu o corpo cultura", seria, vamos dizer assim, uma tradução de motricidade humana, "que deu o corpo cultura". Quer dizer, isso é um conceito bastante radical no meu ponto de vista, que tem uma expressão

limitada para explicar a estrutura do movimento, porque, quando a gente fala, na estrutura do movimento, a gente tem um aspecto, eu diria em primeiro plano multidisciplinar aqui riquíssimo, vasto para ser compreendido uma coisa mais comportamental, um coisa mais observável, mais estruturada. Agora a hora que você entra aqui, como os alemães orientais entende, é motricidade, que é "corpo - cultura". Eles querem falar uma coisa que está num bojo até político-partidário e que não é bem aceito. Ele não traz nenhuma, ele só quer fazer uma expressão da cultura corporal que é uma valorização de n coisas que não tem nada haver com que a gente está pensando aqui, um pouco dessa motricidade é isso. Eu, pelo menos visualizo motricidade, eu digo assim em temas evolutivos, de uma ciência, se esta proposta estivesse numa outra situação, não adentraria a discussão por essa questão. É uma questão assim de domínio, superado, isso daqui estava embutido. Essa questão estava embutido no Nacional Socialismo e sobrou para a Alemanha Oriental. Tanto é que o Instituto lá chamava-se "Corpo - Cultura", destruído. É um conceito, quer dizer, não acompanhou a evolução. E ele, no meu entendimento, ele trás assim uma similitude muito próxima a "Motricidade Humana - Corpo - Cultura". Isso trás, faz a gente pensar em muita coisa. Vocês pensam nessas questões assim mais, até mais metodicamente, mais sistematicamente. O meu interesse nessas coisas aí é muito mais de ouvido, é lógico, é uma coisa apaixonante, você está envolvida nisso tudo, é uma questão bonita de se ver. Acho que tem haver".

DEPOIMENTO Nº 02

"Bom, eu fiz escola de Educação Física, o curso, na Escola de Educação Física da USP o curso era o curso de licenciatura, só, licenciatura em Educação Física. Depois de terminar a licenciatura eu fiz um curso de especialização em Educação Física, em Rio Claro, e depois fiz um curso de mestrado em Educação Física na escola de Educação Física da USP também. Bom, o meu curso de licenciatura ele tinha uma visão de Educação Física relacionado com um conceito de saúde, mas saúde no sentido biológico. Então aperfeiçoamento das capacidades físicas, e na época já existiam uma tendência por parte dos alunos e de propor, de muitos poucos dessa mudança que fará, de uma mudança de visão do enfoque estritamente biológico para um enfoque mais informação, então no sentido assim, era um deslocamento dessa idéia, do fazer para a idéia do compreender. E, na época essa, um grupo de pessoas tinha essa visão da idéia do compreender, mas essa idéia do compreender não era, não era muito claro, quero dizer, não era que não era muito claro, diferentes pessoas faziam parte desse grupo de oposição, à essa idéia do fazer, para a idéia do compreender, mas no compreender você tinha também uma gama de possibilidades. Você tinha alguns professores, ou alguns alunos no caso, já que eram muito poucos, pensando nesse compreender num sentido de formar o cidadão. Outros tinham a idéia do compreender, no sentido que é assim, era preciso compreender a Educação Física para entender os benefícios na verdade, para buscar uma autonomia, ou seja a educação, o fazer dava serviço do compreender porque compreender já teria autonomia para gerenciar nossa própria Educação Física. E tinha também um outro grupo que pensava, dava um envolvimento com motivo desse fazer, por isso era necessário compreender, que na verdade o mais importante não era o sistema biológico que suportava, mas sim esse sistema cognitivo, que controlava esse sistema biológico, então a minha graduação ela teve um pouco dessa, dessa crítica assim tinha já estava nascendo na USP pessoas que estava questionando essa, essa essência biológica, não que eles negavam essa essência, mas achavam que isso era um pedaço, e um pedaço muito pequeno dado assim as suas argumentações. Isso seria, em termos de dessa prosa. Eu fui formado nessa dinâmica, surgindo essas pessoas estavam voltando do exterior tinham feito doutorado no exterior, estava voltando com essas idéias, então assim, começou ali. É basicamente isso, na escola da Educação Física, eu acho que da USP, esse era o fator determinado, então por exemplo você tinha, é, José Guilmar, você tinha Go Tani. Você tinha Amadio, que tinha, que eles vinham do exterior com essa concepção, sei lá, então Educação Física é uma ciência, Educação Física precisa de fundamento científico, Educação Física precisa dessa dimensão do compreender, certo? Olha, hoje eu tenho dúvida se ela é uma ciência, na verdade ou se ela é uma área profissional que precisa de conhecimento científico para sustentar a profissão, quero dizer, eu não tenho muito claro se, se o fato dela ter, quero dizer, se o movimento humano, ou a motricidade humana, ou condutas motoras, eu não tenho muito claro se isso caracteriza uma área científica, quer dizer, o fato dela ter um objeto de estudo próprio, está desenvolvendo uma metodologia de investigação própria é, assim, o palco que ela empresta a metodologia das ciências básicas, mas ela modifica um pouquinho. Hoje você tem uma metodologia para análises de movimento para análises de condutas motoras, ou para análises da

motricidade humanas, que é assim, que ela está, está ficando particular, ficando própria Educação Física, mas eu não sei se isso justifica a gente dizer que Educação Física é um ramo para ciência, eu não tenho isso claro, hoje eu, assim, eu tendo a aceitar as duas argumentações, agora o que eu não tenho dúvida é que é uma área profissional, é uma área que está sendo investigada academicamente e que precisa de uma investigação com critérios científico, isso eu não tendo dúvida. Eu vejo assim, que eu não consigo ver muitas diferenças, quer dizer, eu vejo que as pessoas chamam de nomes diferentes são pessoas que tem concepções diferentes, mas nessa questão da definição, da delimitação eu ainda não consegui ver, diferença, então por exemplo é óbvio que movimento humano é algo que é culturalmente é determinado, tal fato por exemplo, de autores como Go Tani, Amadio, José Guilmar, conceitua movimento humano, não significa que a gente desconsidere que isso é algo culturalmente determinado, então por exemplo, quando as pessoas dizem não, eu prefiro motricidade humana porque motricidade garante que movimento humano é culturalmente determinado mas eu não vi a exclusão do culturalmente propriamente determinado por parte daquele que chamam movimento humano, objeto de estudo. Então eu por mim, quero dizer, a minha compreensão ainda é uma discussão semântica, quer dizer, é uma discussão só de nome, quero dizer, eu não consigo ver essas coisas, eu nunca vi o Go Tani afirmar que o movimento humano não é culturalmente determinado, então, eu confesso que eu não entendo essa, quero dizer, não é uma questão de, teoricamente seja forte para, então, enfim, eu não compreendo, por isso para mim é só uma questão de nome. Agora, é óbvio que eu vejo uma certa ênfase, eu acho assim, quem fala de motricidade humana acentua mais a questão do culturalmente determinado, que fala movimento humano tem falado um pouco mais desse movimento "neutro", eu acho assim, tem uma ênfase, mas não uma exclusão, eu acho assim que tem predominância, e o Guilmar tem falado muito em conduta motora, porque o termo conduta implica numa, num sujeito historicamente determinado etc..., eu acho isso interessante. Eu estou mais para isso, para esse tipo de organização do pensamento, mas nós não temos visto aqui, por exemplo, o pessoal do movimento humano exclui, eu conheço bastante eles e sei bastante do que eles pensam, então assim, para mim ainda é uma análise um pouco superficial eu diria. Então, esse termo ele, quer dizer, não é o Manuel Sérgio que inventou a motricidade humana, apesar de a gente começar a falar disso a partir dele, mas é, eu acho assim o Guilmar por exemplo, que é uma pessoa que tem um nível de análise mais próximo dele é, ele não desconsidera as questões que Manuel Sérgio coloca e ele tem usado por exemplo, essa idéia: olha é preciso investigar esse ser humano envolvido, em atividades motoras com uma finalidade de desenvolvimento, quer dizer, é essa concepção de Educação Física a qual eu partilho. Eu acho que a Educação Física é isso, o ser humano envolvido em atividades motoras predominantemente motora com uma função de desenvolvimento e isso implica em analisar esse ser humano dentro de uma sociedade, dentro de uma cultura como história, enfim com todas relações sociais que estão em vista aí, então eu tenho pensado, eu tenho partilhado mais nesse pensamento, que eu acho que hoje na USP, essa é a tônica, eu acho que esse é o pensamento, eu diria hegemônico, porque eu acho tanto o Guilmar, como o Go Tani, como o Amadio, eles partilham dessa idéia, agora existe algumas diferenças. Por exemplo, Go Tani acha que não tem dúvida que é uma ciência, e os argumentos deles são muito interessantes, porque o que caracterizam um ramo da ciência?

tem objeto de estudo próprio que só a Educação Física investiga? tem, ele responde como o movimento humano, e tem uma metodologia própria? tem, então está saindo em meio por aí essa argumentação, mais por outro lado, hoje tem se levando, quero dizer, eu acho que isso está muito forte lá por um tempo essas, pessoas que dirigem a Escola de Educação Física da USP estavam em harmonia desse pensamento, tanto é que o currículo, a reestruturação curricular ela foi pensada com base nessa visão, então Educação Física é uma área acadêmica, e ela pode ser discutida basicamente em 4 dimensões. Pode ser discutida enquanto disciplina acadêmica, pode ser discutida enquanto profissão, pode ser discutida enquanto formação profissional e pode ser discutida enquanto componente curricular, e é basicamente eu estou mais envolvido nessa última, Educação Física enquanto componente curricular, ou seja, Educação Física enquanto algo que está dentro da escola, e tem sido o meu maior interesse e o meu maior envolvimento de estudo e de formação profissional. Eu estou mais vinculado a licenciatura do que ao bacharelado, então eu acho assim, hoje que na Escola de Educação Física essa é a visão embora hoje já tenha um certo questionamento, Guilmar, hoje, tem falado e escrito e assim, debatido, que não necessariamente a Educação Física seja uma disciplina acadêmica, hoje ele já tem falado que a Educação Física é uma área profissional enfim uma profissão que pode ser discutida, e deve ser discutida academicamente e por isso deve estar lá na universidade, mas que não necessariamente caracteriza uma disciplina acadêmica, então ele, para ele coloca algo como a odonto, por exemplo, está na universidade, tem uma investigação acadêmica, mas não é uma disciplina acadêmica, eu teria pouco conhecimento para contrapor as duas concepções aí. Eu acho que estou aprendendo um pouco para depois me posicionar mais então eu acho que a formação hoje está sendo nessa direção. Então hoje lá se forma o profissional em Educação Física, que precisa de um conhecimento científico, esse conhecimento científico está sendo desenvolvido, e veicular é divulgado no bacharelado, então hoje o profissional é formado no bacharelado tanto em Educação Física como em esporte é considerando que esporte é um fenômeno distinto do fenômeno Educação Física, esse nome Educação Física é um nome muito ruim, porque, implica na questão da licenciatura é que não é verdade, em São Paulo você tem um mercado, aliás o maior mercado que tem uma relação profissional-cliente e não uma relação de professor, no sentido daquele cara que está, que foi formado para trabalhar na escola, então hoje a pessoa trabalha com a educação, sem dúvida, porque o profissional ele trabalha numa dimensão educacional mas não escolarizada, então eu acho assim que faz sentido o bacharel, o profissional em Educação Física. Na minha formação ocorreu um paradoxo interessante, aliás foi isso que motivou a mudança curricular, a qual eu apoiei porque existia mesmo uma coisa paradoxal, quer dizer, o curso era de licenciatura mas 80% dos alunos que estavam fazendo Educação Física não iam trabalhar nas escolas. Então eu vejo, que coisa interessante, se falava que o curso era de licenciatura mas não se dava a formação adequada a esse profissional que ia trabalhar na escola, porque ele não entendia de escola. Ele não queria trabalhar em escola ele queria trabalhar como profissional em Educação Física, enfim em todo esse outro mercado. Em academia, clubes, etc. Então assim, parece muito coerente mesmo, acabara com aquele curso, e aí qual era o opção? A opção seria realmente se adequar a uma questão, uma legislação e a legislação é clara, bacharel e depois a licenciatura, então a idéia foi, então vamos adequar a uma lei,

por enquanto nós estamos fora da lei, na verdade era um absurdo também. Era paradoxal no sentido do interesses dos alunos e também era ilegal porque formava licenciado sem formar o bacharel antes, e isso era ilegal, então assim eu achei muito interessante, agora, já que ia, a gente ia dar esse passo, era interessante também buscar essa questão do esporte e Educação Física. E a gente sabe que existe uma interface entre o do esporte e Educação Física, mas a gente sabe que hoje uma cidade como de São Paulo dado um nível de especialização dos profissionais merecia, já estava merecendo uma formação diferenciada, ou seja, quem vai trabalhar com fenômeno em esporte, estava precisando de uma formação especializada e quem ia trabalhar com fenômeno Educação Física que, apesar da interface no esporte não tem nada a ver uma coisa com a outra, merecia uma formação diferenciada, daí a gente fez essa opção e, quem ia trabalhar com escola, portanto com escolarização, e que ai deveria entender de escola, e aí como é que a Educação Física se insere na escola e como é que o esporte se insere na escola, deveria a partir do entendimento do que é instituição chamada escola com suas funções, aí sem tem uma formação diferenciada, mas que necessariamente passava pelo bacharelado em Educação Física. Eu acho assim, quero dizer, o curso começou a gente estava podendo ter essa avaliação, mesmo que esse profissional sair para o mercado, é óbvio que a gente tem uma idéia e a gente acredita que esse profissional está mais bem informado, agora vê, é importante deixar isso claro, isso só vale para São Paulo, isso só vale para o centro onde você sai da escola da Educação Física e vai trabalhar com cardíacos só, você não vai fazer outra coisa, você sai da escola da Educação Física e vai trabalhar com formação de esportes, formação de criança para esportes, ou seja, escolinhas pré-esportivas, você só vai fazer isso, ou então você sai da Educação Física e vai trabalhar com ginástica em academia, você não vai fazer outra coisa e lá em São Paulo era isso o que acontecia, os nossos alunos saiam para atividades profissionais especializadas, eles não queriam ouvir nem falar de escolas, ou quem ia para escola não queria nem ouvir de atividades para diabéticos, que é um segmento super especializado, então eu acho assim é importante deixar claro que a USP tomou esse passo e no caso eu apoiei essa posição, porque aquilo valia para o mercado de trabalho de São Paulo, a cidade de São Paulo, jamais eu seria louco de apoiar isso em Pernambuco, Rio Claro, sabe, Recife, ou sei lá em outras, na Bahia, não tem sentido. Nesses outros lugares, eu imagino que um generalista seria a formação mais adequada, mais não em São Paulo. Bom, tem um dinâmica interessante, toda mudança ela é traumática, ela encontra resistências e as resistências são das mais diversas possíveis então eu vou falar de uma das resistências lá da Escola de Educação Física e como é que eu acho, e como o que é que eu vejo dessas resistências, quer dizer, eu entendo a resistência, acho que mudar, é difícil mesmo, mas lá na USP a gente encontrou uma resistência muito interessante, primeiro assim, tinha uma resistência daquelas pessoas que estavam acomodadas por ter tido uma formação muito antiga e, você sabe que muitas vezes as estruturas, cognitivas, sociais elas se cristalizam, e elas não querem mudar não, porque elas não concordam com a mudança, elas não querem mudar a princípio, então tinha isso lá na escola, os profissionais estavam acomodados estavam dando seus cursos já à 20 anos, o mesmo curso, tanto é que eu passei por aulas clássicas, aulas históricas, o professor tinha aquela transparência a 15 anos, isso numa universidade é inconcebível, porque uma universidade é um lugar de

debate, da mudança, do dinamismo, então lá a gente tinha esse tipo de resistência. Esse tipo de resistência a gente não considerou muito dada obviedade da não adequação desse profissional dentro da universidade, mas tinha outra resistência que, por exemplo, ela partia de um entendimento errado da nova proposta e acho que essa resistência está hoje lá, porque esses aposentaram, esses primeiros que eu citei já aposentaram e assim não dá para, enfim aposentaram fatalmente assim não dava para, quer dizer, as limitações biológicas acabaram botando eles para fora mesmo, 70 anos, eles acabam saindo por uma questão até legal, porque não davam para ficar mais 70 anos e outros saíram porque queriam sair mais quem ficou lá, então eu acho assim, não são esses primeiros que tiveram uma função histórica na Educação Física muito importante, tiveram seu momento. Mas quem ficou lá, não quer entender a nova proposta porque, por exemplo, parte de concepções, e de afirmações erradas, completamente falsas, por exemplo, a afirmação de que o curso de bacharelado só é teórico não tem prática. Isso não é uma verdade tanto do ponto de vista do bacharelado em esporte, como no bacharelado em Educação Física, por exemplo, eles dizem: olha não tem prática o curso novo, isso não é verdade porque no bacharelado em Educação Física, a qual dou uma disciplina que inclusive é chamada disciplina de síntese, disciplina prática, de aplicação veja, se antes você tinha Educação Física infantil, sendo Educação Física na primeira infância, um semestre, e Educação Física na segunda infância também um semestre, no currículo novo você tem Educação Física na primeira infância um ano, e Educação física na segunda infância um ano, portanto a gente dobrou a carga horária das disciplinas chamadas "sínteses". Agora veja, o que é diferente é o seguinte, se antes a gente fazia uma prática por fazer, agora a gente faz uma prática para compreender essa prática. Então isso eu acho diferente, então se antes passei por uma série de disciplinas práticas onde eu aprendi coisas do tipo, o jogador chutou, basicamente eram regras das modalidades esportivas, mas não se falava como se ensinavam, quer dizer, mas não faziam uma análise de o que era aquela atividade, quais eram as características daquela atividade, quer dizer, como é que o aluno aprendia, como é que desenvolvimento se dava, através da utilização dessas práticas, isso não se falava, se falava muito de técnica e de regras. Então as minhas aulas eram assim igual chute de goleiro, o que é isso né? E se o sujeito ou então se o sujeito chuta a bola, a bola bate num passarinho aí cai na metade da linha isso é gol ou não é gol, quer dizer, a gente passava o tempo todo com esse tipo de prática, e eu digo que isso não é prática, isso é limitado, isso, quer dizer, isso não leva a uma compreensão da real prática. Eu acho que hoje se faz uma, quer dizer, hoje se tem uma concepção que eu acho adequada, por exemplo, se estuda a dimensão psicológica, a dimensão filosófica, a dimensão sociológica, a dimensão da aprendizagem motora de uma prática, hoje por exemplo, se adotou lá na escola por uma divisão em faixas etárias, então, o que é que é criança de primeira infância fazendo atividade motora com uma finalidade de desenvolvimento do ponto de vista psicológico, sociológico, administrativo, etc, etc, etc, então se tem hoje, assim os níveis de análise desses fenômenos, movimento humano, ser humano em atividade motora com finalidade em desenvolvimento do ponto de vista dessas dimensões, desses diferentes níveis de análises, e se reservou uma série de disciplina que sã chamadas de disciplinas de sínese, que são essas: Educação Física na primeira infância, na segunda infância, na adolescência, na idade adulta e no

idoso, quer dizer, então com essa divisão em desenvolvimento, ou seja, unidades, se pensa é que a compreensão vai ficar mais adequada, e por exemplo é muito importante se você trabalha com idoso envolvidos em atividades motoras, saber quais são as reais razões que ele poderia estar lá, então por exemplo, a análise sociológica é muito importante, quer dizer o sujeito vai lá isso vai, isso já é, já são frutos do trabalho científico, então já sabe que o idoso vai lá, não para melhorar suas capacidades físicas mas ele vai lá principalmente por questões sociais, aí ele vai lá para encontrar gente da mesma idade dele para conversar, etc, etc, também pelas razões do benefício da atividade física, mas muito mais pelo componente social, afetivo. Afetivo diferente da primeira infância, na primeira infâncias as razões são outras, então eu achei que ficou interessante porque hoje é uma prática que realmente está sendo compreendida quer dizer o porque dessa prática, o que é mais importante, o que é determinante, então eu acho hoje está podendo ter uma compreensão real dessa prática, eu acho que em função disso na verdade a quantidade de prática, eu acho que triplicou, diferente do que eles afirmam, então assim os opositores, normalmente das pessoas vinculadas ao esporte, eu acho que eles fazem essa crítica porque eles gostariam de estar dando regras certas que a gente acha que não leva a nada, isso não é Educação Física e também, não é esporte, porque esporte não é isso decorar manual de regras e saber apitar jogo, esporte é saber discutir porque há violência, enfim saber falar por mais de três minutos, coisas que eu não vi eles falando, sobre, bom, vamos discutir porque é que a violência está muito forte, quais, o que é que são as torcidas, quais são as implicações sociais psicológicas dessas organizações que de uma certa forma até repetem, uma estrutura um pouco maior, então eu assim, hoje está sendo discutido essas coisas, não é que se tenham as respostas mais hoje se faz, hoje são feitas perguntas nas escolas, hoje os problemas são levantados, antes os problemas que tínhamos eram isso é gol, não é gol, é cesta, não é cesta, qual é o índice do sujeito, qual que é o recorde, quer dizer, eu não acho que isso seja esporte. Bom e, com relação a, dou duas experiências interessantes da USP eu acho que já falei um pouco mais que eu sinto na USP é assim, é a USP optou por uma reformulação curricular e por uma formação profissional, a qual eu já falei da essência dela, mas ela é uma formação profissional assim muito bem é estruturado até excessivamente estruturada, assim, as coisas são super pensadas, e antecipadas, então você pode ver que é assim, está tudo no seu devido lugar, e tudo é super quadradinho. Por exemplo, é assim, pensa assim então, nos níveis de análises, nos diferentes níveis de análises, depois desses níveis de análise é a síntese, depois dessas sínteses o profissional, e em seguida vai para o entendimento da escola, a escola é, em diferentes níveis de análise depois a síntese, e aí a junção de Educação Física, motricidade dentro da escola, motricidade fora da escola, aí as faixas etárias, aí então a primeira infância, depois a segunda infância, depois adulto e vai então eu acho que assim tem a vantagem de ser um curriculum muito bem organizado numa, realidade de mercado, também especializada de São Paulo, quer dizer, as coisas são muito encaixadas, muito organizada, Rio Claro optou por uma reformulação um pouco mais audaciosa eu acho, eu acho que foi um pouco mais corajosa, a reformulação de Rio Claro, porque assim dividiu entre bacharel, e professor não pensou nessa questão esporte, Educação Física que também é uma forma interessante de pensar, não sei, hoje eu, quer dizer, eu diria

assim para uma realidade brasileira o currículo de Rio Claro é melhor do que o da USP, e da USP é muito particular para São Paulo. Em Rio Claro, eu acho assim, que as coisas foram, são mais flexível, que eu acho assim, que pessoas que pensaram no currículo de Rio Claro, tem uma certa razão de pensar, bom o sujeito que vai trabalhar na escola e o sujeito que vai trabalhar fora da escola, sem ter questão do esporte e Educação Física como uma questão que diferencia mais sim a questão escola, e a questão não escola, eu acho assim mais adequada para uma questão brasileira, e eu acho assim, que Rio Claro em optar por essa estrutura permitiu por um maior dinamismo nas disciplinas, na liberdade do aluno escolher, por exemplo, na USP você não tem disciplina optativa, porque o currículo é tão amarrado que é assim, você não tem que fazer aquilo, e aquilo mesmo, e esse é o caminho e Rio Claro não, Rio Claro deu para o, por escolher então essa outra estrutura, ela deu maior autonomia ao aluno, então o aluno por exemplo escolhe tantas modalidades, quero dizer, valorizando o que já é feito você escolhe tantas modalidades, daquele universo, tanto da modalidade coletiva, tantas modalidade individual, você tem assim um pouco mais de flexibilidade na formação, eu acho isso interessante, quer dizer, não que o outro não seja interessante, você tem as vantagens e as desvantagens disso, é preciso um certo cuidado com o aluno para que você possas dar elementos para que o aluno possa partir deles e que possa fazer a opção, quero dizer, não dá para, não dá para sair, não dá para garantir que o aluno entra com maturidade para fazer isso, para isso e preciso um certo cuidado. Então eu acho assim, que tem essas 2 vantagens e desvantagens. Bom eu estaria sendo até incoerente se eu tivesse apoiado essa iniciativa da USP e não concordasse com ela portanto, eu acho bastante razoável pensar por uma ação profissional nesse sentido, você tem um objeto de estudo que é Educação Física, ou motricidade ou conduta motoras, mas enfim é ser humano envolvido em atividades motoras que são culturalmente influenciadas, determinadas que tem uma base biológica, que tem um, enfim ser humano envolvido em atividades motoras com uma finalidade de desenvolvimento, não é o fazer por fazer, quer dizer tem uma função. Eu acho razoável partindo dessa definição, de seres humanos envolvidos em condutas motoras pensar então na análise desses fenômenos nos diversos, nas diversas possibilidades, nos diversos níveis de análises, então é assim eu concordo bastante com a estrutura que hoje a USP está fazendo, se ela faz bem ou não isso é uma outra questão, porque isso depende de outros fatores, por exemplo, profissionais com formação adequada, isso não é verdade, isso não ocorre, um, quero dizer, um salário decente, condições de trabalho decente, quero dizer, você tem uma série de fatores que limita essa proposta dar certo ou vou dar certo ou não sei, essa é uma questão que a gente vai ter que brigar para acontecer, mais eu acho razoável essa idéia de analisar esse fenômeno sobre diversos pontos de vista, e que além disso algumas pessoas estejam pensando na síntese, então assim me parece que é uma boa tentativa, é uma boa proposta, eu acredito nesse currículo da USP como acredito no currículo de Rio Claro, né? Agora, se eles vão dar certo ou não, agora nós ter que, são conclusões, e questões agora de processos, o que era possível ser feito que eram uma questão do planejamento foi feito uma, seriamente, o que precisava ser feito agora é, está em constante discussão e observação para fazer os ajustes e as modificações necessárias e aí sim, se esse profissional que saiu no mercado realmente foi um profissional competente e eu acredito que ele vai ser, porque o

bacharel em esporte vai saber pensar em fazer o esporte como a gente acredita que é a forma mais adequada, o bacharel em Educação Física a mesma coisa e o licenciado a mesma coisa é eu não tenho a menor dúvida que o licenciado desse currículo novo vai ser extremamente melhor do que o licenciado antigo, que entendia de muita coisa mas no final que não entendiam profundamente de nada, hoje o nosso licenciado vai entender de Educação Física na escola, e hoje o nosso profissional vai entender eu acho, muito melhor do que Educação Física nessa relação profissional cliente do que aquele que entendia um pouco de tudo e não entendia nada, precisava depois aprender trabalhando, eu acho que hoje o nosso profissional ele vai sair da formação lá, já com possibilidade de atuar profissionalmente coisa que antes eu sabia que não, o sujeito tinha que fazer três anos de estagio para depois poder dizer que era profissional ou professor, hoje não, porque hoje o currículo prevê até o estágio, você tem um ano e meio de atuação em forma de estágio com orientação do professor, quero dizer, veja bem, como é que esse profissional não vai ser melhor, ele tem uma formação intelectual acadêmica ele depois aplica com orientação do professor no sentido da síntese, depois ele vai para o mercado para o real mercado e faz um estágio, ele vai atuar nesse estágio ele não vai observar, ele vai atuar com a orientação do professor e do profissional que está lá atuando, quer dizer, é óbvio que esse profissional tem, esse aluno vai ter, tem a chance de ser um melhor currículo que o antigo, que não tinha nada disso, o antigo não tinha nada disso, a gente jogava a gente fazia e não compreendia o ponto de vista do entendimento ficava limitado e longe do preço a prazo já era errado, então assim, eu diria que a prática antigamente para esses que fazem criticas que hoje não tem prática, ao contrário os meus músculos eram bem praticados mas a minha compreensão do que era prática completamente zero, então eu estou apostando nesse currículo. Bom, esse, eu acho assim que o nosso currículo ele está, ele foi elaborado considerando esse parecer. óbvio que isso é a esperança, o que a gente espera, esperança do que a gente espera, mas na prática eu acho assim que muitos poucos centros que estão discutindo Educação Física tem condições de esperar isso, por pelas características desses centros, quero dizer, para que você tem esse parecer levado em consideração é preciso que você tenha por exemplo, um corpo docente que seja, que tenha competência técnica, ou seja, um corpo docente que tenha e a gente sabe que o corpo docente está lá ainda em formação la, precisaria aprender isso, precisaria primeiro se formar para depois formar o aluno, eu diria que em termos numéricos de realidades brasileiras, eu não vejo que isso vai acontecer tão fácil assim, para uns acho possível, eu acho bastante interessante esperar isso e se isso não acontecer é preciso que a gente cobre e veja onde que não deu certo, agora para os grandes centros, eu acho que isso é uma realidade, acho que UNICAMP, UNESP, tem todas as condições e devem fazer isso se é que já não estão fazendo, agora para uma realidade brasileira eu acho isso um pouco utópico, sei inclusive de algumas possibilidades de burlar esse parecer, então por exemplo, o professor que dava handebol, ele agora vai dar psicologia do esporte, só que ele continua dando o mesmo curso de handebol, então eu sei que essas coisas estão ocorrendo eu acho que essas coisas são umas coisas natural até, quer dizer, não natural que eu acho correto, mas assim era esperado, essas possibilidades de burlar o meio, esse parecer, então eu acho isso um pouco complicado, agora, se os grandes centros não fizerem isso, eu acho que é um crime, não é, eu acho assim, que os currículos

precisavam mesmo ser repensados, então vamos ver, essa é uma questão, o corpo docente com formação adequada e uma outra característica eu acho assim muito interessante é professor universitário precisa ser uma pessoa erudita, no sentido assim, tem que ser uma pessoas que lê, que estuda, coisa que eu também não vejo acontecendo na realidade brasileira, o professor universitário ele não é um erudito, uma pessoa atualizada, que lê que está acompanhando as grandes lições, quer dizer, o professor universitário para mim é aquele que sabe fazer perguntas não necessariamente que tenha as respostas, mas que seja uma pessoa dinâmica na formulação das questões, e não que o professor fica dando respostas, respostas, respostas, porque ciência é perguntar, não é responder, quero dizer, antes de mais nada perguntar é obviamente que deve ter possível hipóteses, explicações então eu diria assim que para esses parecer seja uma coisa verdadeira é preciso mudar as mentalidades do professor até ficar aos dos grandes centros, que é preciso que ele incorpore esse espírito investigativo e não tão esse espírito explicativo que é uma coisa que está presente, e que é muito forte, então eu diria que são alguns problemas que esses parecer, vai quero dizer, que a realidade vai encontrar para atender o parecer. Basicamente seria essas duas coisas. Com relação a ensino, pesquisa e extensão, vou falar um pouco da USP, até agora esses últimos 6 anos, a gente tentou fazer as 3 coisas. Então aquela ansiedade e aquela vontade de atender tanto de ensino pesquisa como extensão, então o que a gente fazia a gente elaborava e organizava um seminário de Educação Física Escolar, a gente montava um curso de extensão para comunidade, pensando em asmáticos, pensando em formação de escolinha de esporte, pensando em síndrome na natação, quer dizer, com todas as vantagens que isso traz, tentando vincular esses cursos de extensão à pesquisa, e ao ensino, os nossos alunos faziam estágio, a gente desenvolvia projeto de pesquisa e coisa, então a gente fazia tudo desde organizar congresso até esses estão fazendo pesquisas extensão e ensino. Hoje a gente percebendo que não dá para fazer tudo isso com essa velocidade, com essa amplitude, então hoje, por exemplo, a gente está discutindo lá no departamento se é realmente nossa função dada a nossa estrutura um departamento com 13 professores, que onde desses 13 professores, 11 estão fazendo doutorado, quero dizer, estão fazendo pós-graduação, 9 estão fazendo doutorado e 2 estão fazendo mestrado, quer dizer, não dá para fazer tudo isso, quer dizer, nós não temos condição de organizar um congresso de Educação Física Escolar, porque quem tem que fazer isso hoje e eu acho que são as associações, é o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, é o SBPC, quer dizer, a gente começou a perceber que não dá para fazer tudo, que hoje a gente está seriamente discutindo essa questão e dizendo assim, olha nós precisamos ter sim predominantemente como uma essência é grupo de estudos, laboratórios em andamento, produzindo pesquisa, com linha de pesquisa clara, fazendo de extensão curso de extensão a comunidade é realmente vinculada a esses projetos de pesquisas e não fazendo curso de extensão como para suprir, por exemplo, uma carência que o mercado não oferece um curso, um trabalho de nível, nós não vamos oferecer, não, quero dizer, isso é um problema, quer dizer, a idéia é fazer ensino, extensão e pesquisa realmente vinculado, para isso nós estamos para agora tomando algumas decisões corajosas, mais importante, quer dizer, a partir de agora eu e alguns professores nós não vamos mais organizar congresso, porque é um trabalho braçal tão intenso que nos impede, na verdade de ir para congresso e levar conhecimento que é o que na verdade o que tem que

fazer. Então agora a gente está mudando o enfoque, nós não vamos mais ver congressos por um tem óbvio, até que tenha estrutura para isso, e a gente vai sim produzir conhecimento nos laboratórios, nos cursos de extensão, nas aulas, para que a gente possa ir para o congresso e levar conhecimento que isso sim é a nossa obrigação. Os cursos de extensão ao invés de terem essa, esses cursos de extensão grandes, atendendo maior números de pessoas não, eles são menores, mas realmente vai se fazer pesquisas dentro dos cursos de extensão e realmente vai se fazer formação profissional, quero dizer, é um curso de extensão para nosso aluno realmente fazer estágio e aí discutir as teorias, as propostas profissionais que a gente elabora tanto nas salas de aulas, eu acho que isso está sendo muito interessante porque essa vai aliviar os docentes de uma carga de trabalho tão improdutiva que, quero dizer, não que não é bom, mas é bom, mas não dá para ele fazer tudo, eu acho assim que vai aliviar a gente de uma série de obrigações burocráticas, essas coisas, porque para fazer um congresso de Educação Física Escolar, um professor tem que estar na comissão de aparelho, outro na comissão de divulgação, outro na comissão financeira, outro na comissão de, quero dizer, é um trabalho enorme e eu não sei se isso é prioridade hoje, eu acho que hoje a prioridade é os professores estarem produzindo ensinando e fazendo curso extensão, mas realmente vinculados a pesquisa e ensino. Olha, então por exemplo, a questão da extensão, algumas coisas que a gente encontrou nesses últimos 3 anos que me leva a pensar essas coisas, por exemplo, a gente tem um curso de extensão de natação, um curso muito forte historicamente super tradicional na escola, o problema que as condições que a gente tem na escola são completamente diferente da realidade, quer dizer, a nossa piscina tem uma característica, há certos materiais e etc, tempo para preparar a aula, quero dizer, tem uma série de situações que não tem a ver com a realidade, então o nosso curso de extensão ele não serve, ele não está servindo como um parâmetro para melhorar, por exemplo para melhorar algumas possibilidades, para o mercado. Então vê que interessante, quando a última administração da prefeitura foi eleita eles procuraram universidade para as respostas, olha, nós temos tantos centros esportivos e a gente gostaria de fazer uma coisa interessante, boa e vieram procurar academia para a academia para a universidade e a universidade dar as respostas e a gente percebia que a, quero dizer, quando a gente foi procurar, e eu participava das duas coisas, tanto da universidade como da administração a gente percebeu que as universidades tinham poucas respostas, para um problema profissional que estava lá o que fazer com os centros esportivos, basicamente eu estava envolvido com programas para crianças pequenas até dez anos, então veja que interessante as universidades não tinham respostas para isso, então foi muito interessante porque invés de desenvolver esses programas de extensão lá dentro da universidade, foi muito mais produtivo sair para os centros e aí sim, lá tentar investigar, e propor programas de recreação educacional, então eu tive envolvido com essa última administração, por conta de um professor nosso, que estava trabalhando com a secretaria, ele estava nos dois lugares e a gente fez um trabalho, e foi muito interessante porque eu realmente aliviei um trabalho produtivo, porque ele partida da realidade desse centro educacional, e eu lembro assim que a gente trabalhou com os professores que estavam nesses centros e a gente fez vários módulos onde a gente discutia projetos nossos e projetos deles e a gente contrapunha discutia e enfim propunham soluções e pesquisava junto ali com os

professores. Então, na época era eu e o Professor Prado da escola que estava vinculado na secretaria municipal, na gestão Erundina, eu lá pela USP, João pela UNICAMP, eu fiquei com os programas de criação infantil para crianças até dez anos e o João ficou com os programas para adolescentes porque já tinha um envolvimento esportivo um pouco maior. Eu achei que foi um bom trabalho, porque a gente pegou nesses cursos dos professores dessas conversas o número de projetos apresentados pelos professores a partir da realidade que eles tinham de um centro é quadriplicou. Se antes os professores não estavam nenhum projeto para crianças até dez anos eram só projetos esportivos, eles começaram, começou a surgir vários projetos para crianças até dez anos de acordo com a nova concepção de Educação Física de entendimento de criança, a mesma coisa aconteceu com os programas esportivos, então quer dizer, eu penso assim que essa seria um trabalho de extensão à comunidade, interessante, quero dizer, não é uma comunidade que vai para a universidade, é a universidade que vai para a comunidade, e aí sim, junto com esses profissionais dá para ter, enfim, pensar num projeto assim interessante. Então a que os intelectuais da Educação Física pensam tem dito sobre isso a formação profissional, quer dizer, uma coisa que me assim, que me estranha um pouco é as pessoas, os intelectuais da Educação Física, eles parecem que eles não conseguem pensar juntos, quero dizer, parece assim, para o pensamento, para que as idéias de um acabem aparecendo, enfim, ambos juntos com a Educação Física é preciso, destruir o outro. Então eu diria assim que a competição, é uma competição não saudável, é uma competição meio egocêntrica, quer dizer, eu acho que uma crítica que eu tenho, que eu faço e tenho percebido nos congressos é que os congressos são muito mais, é combate, quero dizer, um contra o outro, do que eles não aprendem a pensar juntos, então quero dizer, eu vejo por exemplo, na reestruturação curricular das 3 universidades paulista, USP, UNESP e UNICAMP, essas pessoas que fizeram as reestruturação curriculares pensaram separados, quer dizer, alguns erros que a USP cometeu talvez a UNICAMP tivesse a solução, alguns erros que a UNICAMP cometeu, talvez a USP tivesse uma boa solução e o mesmo vale para Rio Claro. Então eu acho assim, que os intelectuais brasileiros eles deveriam, quero dizer isso alguns, não acho que todos, quase tá, mas eu acho que eles deveriam parar de competir um pouco e pensar não como outro, e sim com o outro, então quero dizer uma coisa que eu aprendi, é não pensar com os grandes intelectuais, não pensar como os grandes intelectuais, mais pensar com eles, quero dizer. É, eu não penso como Piaget mas eu penso com Piaget, porque o Piaget tem muitos muitas coisas que interessa para Educação Física, quero dizer eu não penso como Guiraldelli, mas eu acho que Guiraldelli tem muitas coisas que me ajuda a pensar em Educação Física. Eu não penso como Go Tani, mas ele tem algumas coisas que realmente são boas para Educação Física, eu acho assim, que alguns intelectuais brasileiros, não perceberam isso, e eu acho assim, tem uma turma que a gente chama assim o braço armado da Educação Física e a gente tem brincado com esse nome assim, que eu acho assim, principalmente eles não perceberam isso, que seria interessante pensar com as pessoas, quero dizer, o que eu não sei, talvez o outro saiba um pouco. Então essa é uma crítica que eu tenho feito. Então assim os últimos congressos que eu tenho ido, tanto do colégio brasileiro de ciências de esportes como na SBPC, organizados pelos colégios, eu acho que tem muito patrulhamento, então para mim é inadmissível que um autor como João Freire, lançar um

livro que hoje é o livro mais vendido de Educação Física no Brasil e no ano em que ele lança esse livro tinha um congresso organizado pelo colégio brasileiro da ciência do esporte, eu acho que seria inadmissível não convidar o João para lançar o livro dele nesse congresso, mas por um patrulhamento ideológico, ele não foi convidado nem para falar então eu acho isso um absurdo, independente de eu gostar ou não do João, eu gostava muito das coisas que ele fala, então eu acho assim que na Educação Física ainda se tem um patrulhamento quero dizer, essas pessoas não consegue pensar com o outro, elas acham que o, precisa excluir o outro para que os pensamentos delas sejam hegemônicos ou coisas assim, eu acho isso uma pobreza. Eu acho com relação a esses, eu concordo, se você analisar a produção Educação Física, você vai ver essa experiência, mesmo, um discurso médico e depois um discurso mais educacional e agora de um discurso mais político e ideológico mesmo. Eu acho que hoje na USP está se tentando fazer um equilíbrio dessas coisas, não negar essas bases ideológicas, não negar esse envolvimento educacional, e acompanhar essa necessidade de contextualizar esse fazer, esse compreender dentro de uma discussão política, eu acho que hoje na USP, pelo menos é o meu desejo e o desejo das pessoas que convivo mais próxima de manter o equilíbrio entre essas coisas, de ter realmente essa dimensões contemplada eu acho que as pessoas que hoje está dirigindo a USP, o Guilmar, Go Tani, o Amadio, eu, o pessoal mais novo, tem a idéia de equilíbrio. Então, eu vejo assim que esse equilíbrio é necessário, mas necessariamente tem uma hierarquia, eu acho que tem hierarquia, não hierarquia no sentido eclesiástica, no sentido militar, essa hierarquia ocidental, mas hierarquia no sentido oriental, quero dizer, tem uma hierarquia porque vê o macro sistema ele está acima da hierarquia, quer dizer, é óbvio que as discussões biológicas elas são a base, mas vai subindo na hierarquia, hierarquia no sentido oriental, quero dizer, não, não tem o sentido valorativo está nesses lugares, mas eu, eu acho assim a USP precisa melhorar um pouco essa discussão do, todo dessa hierarquia, política, filosófica, hoje nós temos poucos profissionais investigando essa dimensão política, social, filosófica da Educação Física lá na USP, eu acho que é preciso que mais pessoas se envolva nessa discussão, e particularmente como a minha formação, foi uma formação da USP, eu tenho muita carência nessa dimensão, por isso venho para UNICAMP tentar pensar como as pessoas da UNICAMP e não como elas, mas para pensar com elas, mas pensando nesse equilíbrio, e pensando nessa "hierarquia oriental", e eu tenho, eu tenho pensado que esse é o caminho. A avaliação é um tema polêmico, acho super polêmica, eu acho super complicado, lá na USP a gente tem uma avaliação dos departamentos que é feita pela Reitoria, uma avaliação que contém alguns erros, ela é muito mais quantitativa do que qualitativa, depois com a gestão do Lobo a a coisa ficou meio perdida, se falavam que tinha avaliação mas não tinham na verdade, agora está se tentando um equilíbrio entre qualidade e quantidade, está sendo feito uma avaliação dos departamentos, e no início está se fazendo uma avaliação por amostragem, alguns departamentos para depois essa avaliação vai ser feita em todos. No meu departamento nós resolvemos ter uma avaliação interna, por exemplo nós temos alguns critérios, vinculado a esse trinômio da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Então, no meu departamento, professor que não publicar é mandado embora, então a gente faz uma avaliação de dois em dois anos, para alguns professores de ano em ano, para alguns professores de três em três anos, isso em função do nível da carreira

universitária, e na carreira acadêmica, se o sujeito está, se ele é auxiliar de ensino não dá para esperar que ele publique um artigo a cada 6 meses, um artigo a cada ano, então assim em função considerando a carreira universitária a carreira, digo a carreira acadêmica do professor a gente tem avaliado, ensino, pesquisa e extensão. No meu departamento foram mandados 3 professores embora porque esses professores não publicaram, eu concordo com isso, eu acho que é isso mesmo. Professores universitários tem que escrever, óbvio que você não vai ter o critério quantitativo, e dizer, ah tem que escrever um por ano, senão o sujeito escreve qualquer coisa um por ano, mas assim é inconcebível que um professor fique 10 anos na universidade e não escreva um artigo. É inconcebível, que um professor hoje, na formação já mais moderna e adequada, fique 6 anos no número do departamento sem publicar nada e esses professores foram mandados embora, e eu concordo com isso, então hoje eu acho assim, pesquisa está sendo o cargo chefe no meu departamento, óbvio que você tem que dar boas aulas e nós temos uma boa avaliação dos alunos, então veja, os alunos respondem um questionário que foi elaborado por uma comissão, por um departamento, um questionário bem amplo que foi validado inclusive ele, e os alunos respondem, e os professores que estão tendo problemas na avaliação com os alunos, esses professores formam um grupo e esse coordenador didático, no caso tem um coordenador didático, que por uma coincidência sou eu no meu departamento e a gente senta com os professores e discute o resultado desse questionário da avaliação dos alunos, então tem uma avaliação no meu departamento tem uma avaliação da universidade, tem uma avaliação do aluno e tem uma avaliação do próprio departamento, eu acho assim nós estamos caminhando para um rigor, por excelência eu acho que o fato de 3 professores serem mandados embora numa universidade onde ninguém é mandado embora historicamente e ninguém era mandado embora na Escola de Educação Física os últimos 30 anos ninguém foi mandado embora por essa razão, eram mandados embora por razões políticas e não por competência, então eu acho que no departamento que se proponha a fazer isso e que faz isso, eu acho que ele não para porque está no caminho certo, e que precisa aperfeiçoar esses instrumentos".

DEPOIMENTO Nº 03

"A idéia minha sobre a preparação profissional em Educação Física é, infelizmente eu ainda vejo essa idéia na fala dos 50 ingressantes de 93. Eu ingressei em 1967 a minha vinda para a Escola de Educação Física foi eminentemente em função do esporte. Eu tinha claro que a visão profissional da Educação Física estava voltada para o esporte, e a minha passagem pela Escola durante 3 anos de Educação Física no estado de São Paulo, ela foi totalmente direcionada para o esporte e infelizmente eu não tenho lembrança de que alguém dos meus professores tinham outra visão desta e em nenhum momento, alguém quis passar uma outra visão, uma outra idéia da Educação Física que não fosse direcionada para o esporte, desde a parte do ingresso, as provas práticas, até a avaliação das disciplinas durante os 3 anos de curso, era desempenho esportivo mesmo e as avaliações teóricas pouco diziam respeito a outra coisa que não fosse o esporte, inclusive a questão da licenciatura e eu não lembro durante o curso de 3 anos alguém ter enfatizado especificamente o que seria a atuação de um professor na escola a não ser a prática pela prática de atividades, e nem motoras eu diria, atividades esportivas ou de ginástica. Olha, os motivos é, eu, não é que eu queira entrar nos motivos, eu acredito que isto já esta bem claro e você encontra colegas tentando ir por aí, tentando dar uma justificativa e uma razão, agora, não quero ser ingênuo e também demagogo, mas a nossa Escola de Educação Física era ao lado do exército, do Ibirapuera, da sala a gente via a guarita dos guardas do quartel, eu lembro de algumas investidas do pessoal do quartel da nossa escola, do nosso centro acadêmico, mas eu, não me vi em nenhum momento cerceado da fala, talvez só que naquele momento eu não tinha uma visão de mundo político diferente daquela que meus professores passavam. Talvez não tive dificuldades por causa disto, por que eu podia falar e o meu discurso fosse de acordo com o sistema e eu não ia contra o sistema, e eu duvido que alguém da escola, poucas pessoas tinham uma formação que contestavam alguma coisa que se passava na escola, nós não tínhamos mesmo uma formação ou nem liderança política naquela época, se isto vem de uma forma planejada externamente, eu naquele momento nem desconfiava. Então se a Educação Física era assim e tem este componente eu diria, eu, que ver por outro lado e aí eu comparo com alguma coisa próxima de nós. O artigo de um professor, mostra isto claramente numa situação de Estados Unidos da América do Norte, e aí é que eu falo com meus alunos constantemente ou colegas que eu não quero inventar a roda outra vez, talvez você não descartando num contexto social e político da época, o americano passou por tudo o que nós estamos passando em relação à parte técnica da Educação Física. Então, por exemplo, a Educação Física veio para universidade, não na idéia para a preparação profissional. A EDUCAÇÃO FÍSICA. veio para a universidade, por que a universidade americana entendeu que os alunos de medicina, veterinária, direito, etc, deveriam estar fazendo Educação Física e este é o termo fazer (entre aspas), estar fazendo Educação Física. e aí veio a questão da instrução básica, todos esses alunos deveriam ter instrução básica de Educação Física e para nós não, para nós foi ao contrário, Educação Física entrou na universidade em função de um sistema político, e a idéia foi trazer o aluno para fazer alguma coisa e tirá-lo de encontros de outras discussões, isto é claro em 1969, 1970 e 1971, na mesma época que veio o

EPB. Tudo certo, a gente entende, só que a Educação Física veio para a universidade, mas só que quando a Educação Física veio para a universidade brasileira, já existia cursos de preparação profissional no Ensino Superior, então esta é a grande diferença do sistema americano. A questão é que, mesmo estando a Educação Física no ensino superior no sistema americano como instrução básica, já existia aula de Educação Física no ensino de 1º e 2º graus, e que é que dava aulas no 1º e 2º graus?, não era alguém preparado em universidades, eram professores preparados fora da universidade. E aí é a relação idêntica ao Brasil. Alguém veio dar aula de Educação Física no 1º e 2º grau sem ter uma formação universitária. Isto aconteceu nos EUA e no Brasil. Eu me lembro claramente que os meus professores de Educação Física no 1º e 2º graus não eram formados em universidades. O problema é que a preparação destes profissionais a nível para atuar no 1º e 2º graus não tinham o componente acadêmico. O componente era meramente o profissional e hoje como em 1969 quando eu me formei o componente acadêmico na universidade não foi nem sequer discutido, continuou no ensino superior, mas sem o componente acadêmico, era só o componente profissional que prevalecia, e infelizmente hoje, 1993, eu diria com quase certeza, com quase convicção que na maioria dos institutos que formam profissionais de Educação Física no ensino superior, no mínimo uns 10% se preocupam com o componente acadêmico, todos os outros só se preocupam com o componente profissional e aí eu situo todo o caos da discussão acadêmica da Educação Física e profissional também. Isto aconteceu com o sistema americano também. Agora a preparação profissional em Educação Física veio para dentro da universidade e qual foi o problema maior?, foi que antes mesmo de vir a preparação profissional de Educação Física para a universidade americana, já existia o problema do esporte na universidade, então os alunos da universidade x jogavam com os alunos da universidade y, e o esporte tem isto bem claro, quando da disputa esportiva, vários problemas afloram e independentemente também, afloram os problemas entre as universidades x e y e o que acontecia: quem treinava as equipes esportivas da universidade, não eram alguém da universidade, quem treinava as equipes esportivas, era alguém de fora da universidade e logicamente os conflitos começaram a aparecer e infelizmente não dava para dizer: olha o conflito não foi entre as universidades x e y, foi entre os alunos da x e da y, só que isto não dava para ser entendido. A universidade passou a ter a responsabilidade, por que as brigas, as confusões e as badernas, as bagunças, isto se quiser ver claramente, acontece hoje no Brasil. O pseudo esporte universitário traz isto. Então o que aconteceu, no momento, a universidade americana foi obrigada a que, a trazer para dentro dela, a controlar o esporte universitário e ao controlar o esporte universitário, ela trouxe para ela uma grande responsabilidade de que até hoje ela é questionada, por que hoje, ela tem alunos semi-analfabetos, que por jogarem pela universidade tem certas regalias e mordomias, então isto aí hoje é altamente questionável. Ao trazer o esporte universitário para dentro da universidade, ter o controle do esporte entre universitários e com a vinda do curso de preparação profissional para a universidade, criou-se um problema que nós estamos vendo aqui no Brasil, só que aqui no Brasil não foi questionado. Então, existe agora na universidade, num departamento de Educação Física e existe a competição esportiva neste departamento de Educação Física, existe outra preocupação: além da instrução básica, este departamento

tem que preparar profissionais para a Educação Física, e estes profissionais até pouco tempo até 1957 eram uma tendência só, atuar no 1º e 2º grau e no Brasil isto se repete só que no Brasil foi até 1987, até entrar no Brasil, era só preparar recursos humanos, para atuarem no 1º e 2º graus. Dê direito, de fato não. Mas, a lei e esta que você cita, as sua questões aí. Então o que acontece com o americano: ele tem que preparar academicamente profissionais e isto não foi claramente definido em princípio. E eu quando fiz o curso, não tinha claramente definido, era só profissional mesmo. E o que acontece com a vinda dos técnicos de equipes esportivas, esses técnicos são alocados aonde, em princípio nos departamentos de Educação Física esses técnicos passam a ter uma missão, além de treinar suas equipes esportivas, tem que dar aula também, e entre dar aula para um futuro profissional e dar o seu treino, a coisa era idêntica, este profissional não tinha o discernimento para dizer: olha o meu treino lá da minha equipe de atletismo teve que ser diferente da minha preparação para profissionais para darem aula no 1º e 2º graus, mas como o acadêmico não existia, a prática profissional é o que prevalecia e isto eu tenho claro que isto acontece no Brasil ainda hoje, mesmo ainda aqui na USP com uma tendência menor, por que o discurso é outro, o discurso do acadêmico é forte, o discurso do acadêmico é forte pela própria sobrevivência na USP, desta Educação Física. Então para você ter uma idéia, eu saia da minha aula de atletismo no ensino superior e ia dar aula no ensino de 1º e 2º graus e dava a mesma aula, dava o mesmo exercício, a mesma seqüência pedagógica que era ensinado aqui e quanto eu fiz de mau, eu chegava em Osasco e dava a mesma aula e os alunos estavam desmaiando e eu não sabia por que, por que eu queria que aquele aluno de 1º e 2º graus fizesse a mesma aula que eu fiz aqui, só que isto que eu estou mostrando, na América do Norte, foi a mesma coisa, e pior ainda, estes técnicos esportivos, tinha que atuar das duas vezes, nos dois momentos. Bom, e teve outro componente, agora aí, os professores de Educação Física do Departamento de Educação Física na universidade começaram a sentir pressões de outros departamentos, por que os outros departamentos eram acadêmicos, os outros departamentos faziam pesquisa, tinham este compromisso e os de Educação Física, não tinham bem claro isto, os de Educação Física davam (entre aspas), uma aulinha, que não eram comparadas com as aulas de outros institutos, e aí, os outros professores passaram a questionar o que faz a Educação Física na Universidade, por que ela não volta como era antes, fora da universidade, preparar professores pode não ser a função principal do curso de Educação Física na universidade. E o que acontece então, a pressão externa é clara e o que acontece com os professores do departamento de Educação Física: eles são obrigados a ter, a ganhar status acadêmico tal qual os dos outros departamentos. E isto no Brasil está acontecendo, então eu não quero inventar a roda outra vez, eu cito para você a questão de algumas universidades brasileiras que estão questionando o que fazem os professores de Educação Física que dão aula de instrução básica, eu usei instrução básica, por que eu usei nos EUA, instrução básica em 1985, quer dizer, a instrução básica já acontecia, e aqui hoje os professores de Educação Física que dão instrução básica, estão sendo questionados, por que eles ganham a mesma coisa que ganham um professor de carreira docente, só que a qualidade de aula é apitar jogo, e orientar 6x6 no voleibol, e isto os outros professores estão vendo que não é acadêmico, então, sai fora daqui ou não tem o nosso

status vem como sendo um mero instrutor ou contratado para fazer isso. Então, a pressão externa já começa a acontecer, eu diria felizmente, mais felizmente ainda, eu já comentei com você que o Sr. Isais Hall coloca na página amarela da veja e ele coloca textualmente, ele não sabe por que a USP e a UNICAMP preparam professores de Educação Física e acho que aí já é critica dele, ele vê se é meramente instrumental e técnico, não tem nada de acadêmico, isto pode sair daqui. Então veja que os passos são idênticos. Logicamente na Universidade com pressão externa, o curso que ia formar somente graduados ele teve que conviver na universidade americana em formar pós-graduados. Então se uma unidade universitária tem graduação numa demonstração de academicismo, tem que ter pós-graduação, então vai a Educação Física americana saindo da graduação para a pós-graduação. Então ao se formar a pós-graduação, o que acontece, os professores do departamento de Educação Física, tem que novamente demonstrar status e se demonstrar status é se comparar com outros professores e dar aulas não só de Educação Física, mas, aulas de cinesiologia, biomecânica, fisiologia, aprendizagem motora, etc. Então, este pessoal é obrigado a subir no patamar acadêmico para se igualar com os outros. E aí, começa o distanciamento acadêmico da Educação Física. Então, o que era meramente profissionalizante tem que tornar acadêmico e o que aconteceu, aconteceu que num determinado momento, a pressão externa outra vez é forte, o presidente da Universidade de Harvard faz um trabalho sobre ensino superior nos EUA e ele fala textualmente: senhores da Educação Física, o seu trabalho de pós-graduação não serve, isto não é acadêmico, isto foi em 1964, por aí, 62, 63. Novamente a pressão externa, então o pessoal da Educação Física se vê acuado e tem que mostrar o que é acadêmico. Então começa novamente a questão de subdisciplinas, sem dizer o que é a disciplina Educação Física. Então se o Henry fala Educação Física é disciplina acadêmica, ele diz e nós acreditamos, e aí começou a ter subdisciplina de biomecânica, fisiologia do esforço, aprendizagem motora, etc e nós caímos neste engano, por que isto foi em 1964 e no Brasil em 77 se instala a pós-graduação e em 77 no Brasil saem pessoas para fazer pós-graduação no exterior, sai a Ana Maria Pellegrini e vai fazer aprendizagem motora, sai o Kadu e vai fazer fisiologia, saiu o Amadio e vai fazer biomecânica, sai o Go Tani e vai fazer aprendizagem motora e assim por diante. Sai o Guilmar e vai fazer Administração. Agora e a essência da área acadêmica de Educação Física. Então, os mesmos erros nós estamos cometendo. O mesmo erro que o americano cometeu e o americano chega hoje em 1993 com 114 diferentes nomes para designar a área acadêmica da Educação Físicas. Superar este erro é ter claro hoje, nós do Brasil e da América do Norte e eu diria que felizmente, eu não digo toda a comunidade da Educação Física . Então, a superação deste erro, eu diria que o próprio americano hoje não superou e eu não vi nenhum movimento na Europa, por exemplo, em tentar definir isto, no entanto, eu vejo algumas dificuldades com relação a essas subdisciplinas ainda. Então, por exemplo: o professor Edson de Jesus Manoel desta Escola, termina o mestrado aqui e vai fazer doutorado na Inglaterra, só que o Edson tem dificuldade de localizar o seu estudo na Inglaterra dentro de uma unidade administrativa e ele vai para o instituto de Psicologia, ele não vai para a Faculdade de Educação Física . O Profº Go Tani, fazendo hoje o pós-doutorado na Inglaterra, não está numa faculdade de Educação Física., ele está num instituto de Psicologia, então que raio de Educação Física é esta, se é que ela existe do ponto de vista acadêmico. Então, hoje, a gente tem claro em

alguns artigos e aí a questão que a nossa comunidade acadêmica vai ter que ler muito e ela não está lendo muito, talvez para alguma antipatia a leitura americana, quer dizer, isto é um problema, é um viés muito forte, agora só que a roda tá inventada, eu não queria perder tempo mais. Então, hoje tem alguns doutores que diriam: olha, a Educação Física é felizmente ou infelizmente para alguns, é meramente e este meramente não é pejorativo não, é uma profissão. Educação Física não existe. Educação Física é uma profissão só que é uma profissão tão importante quanto do ponto de vista acadêmico, a engenharia e a medicina. Medicina é uma profissão, não é ciência, engenharia é uma profissão, não é ciência. Só que estando na Universidade, estas profissões tem que ter uma fundamentação científica, uma fundamentação acadêmica. E a Educação Física caminha por aí, e não existe subdisciplinas da Educação Física., a aprendizagem motora não é subdisciplina, a aprendizagem motora é da psicologia, a biomecânica não é da Educação Física., a fisiologia idem. Aí passa por uma definição, Educação Física é um tema, é uma profissão e decididamente uma profissão pedagógica, só que pedagógica não no sentido da escolarização, também pedagógica fora da escolarização. é uma profissão que vai lançar mão de um tema e o tema dessa profissão é que nós trazemos a questão do movimento humano ou da motricidade humana. Esse é o tema da profissão, agora esse tema, ele não entra em curativo, por que curativo é questão da medicina, ele não entra em questão de fisioterapia, por que é questão de uma outra profissão, então o que cabe pedagogicamente a esta profissão Educação Física . Cabe a parte pedagógica e que vai em algum momento interferir com a parte preventiva da medicina e aí é outra situação para a gente definir, quer dizer: o que faz a medicina para prevenir, quer dizer: tem saúde pública e tem Educação Física antes da medicina. Então, está profissão aqui na Universidade, ela trás uma concepção de filosofia de ciência, que não é mais esta de dividir a ciência em humanas, naturais da terra do homem, etc. Quer dizer, isto talvez tenha alguma conveniência, tem alguma conveniência em se didaticamente arrumar essas coisas, mas a ciência hoje, para muitos filósofos da ciência é que não existe barreiras entre essas ciências mais, entre as ciências no caso. Isto encaixa muito bem aí a posição do filósofo Boaventura Santos, português, quando ele fala em temas integrativos de pesquisa. Eu vou fugir dos chavões intra-disciplinar, do multidisciplinar, do cross-disciplinar, do trans-disciplinar que só confundem as coisas, as coisas são mais simples, então movimento humano e motricidade humana é um tema integrativo de pesquisa. Eu hoje teria mais facilidade para entender que movimento humano é um tema integrativo de pesquisa, só que na USP hoje, por questões circunstanciais, o Conselho Universitário da USP, por falta de atualização do ponto de vista acadêmico e científico, tem dificuldade em entender que o movimento humano é um tema integrativo de pesquisa, ou que no passado, seria um tema que seria pertinente a Educação Física e só a Educação Física então o movimento humano é muito mais amplo do que nós entendemos e por isso mesmo o Conselho Universitário não estaria vendo que é o foco principal de estudo da Educação Física e não passou. Quando nós tentamos rotular nosso departamento aonde existia movimento humano houve uma certa intransigência do Conselho Universitária e vai entender que movimento humano estaria afeto aqui. E aí até ficou pior a emenda que o soneto, movimento do corpo humano. Então ficou pior. Agora eu vejo que numa segunda tentativa talvez, o termo Motricidade Humana tenha menos

resistência na Universidade Então aí eu estaria trocando seis por meia dúzia. Estou trocando movimento Humano. Agora só que eu estou montando um dossiê e ai é questão, um desafio para nós da Educação Física, porque se eles não sabem que existem movimentos em todo mundo, sobre movimento humano é porque nós não dissemos que existe. Eles estão lá preocupados com a sua química, com a sua física, com a sua medicina e não estão preocupados com o nosso problema. Eu estou tratando um dossiê que mostra à quanto tempo em que lugar do mundo se faz movimento humano. Eu vejo que profissionalmente e pedagogicamente a minha responsabilidade profissional é mostrar para a sociedade a importância do movimento humano sejam as mais variadas situações no trabalho, no lazer, etc. Então não tem como fugir de passar para a sociedade pedagogicamente a importância do movimento humano. Eu simplifico essa discussão de disciplina acadêmica e profissão é profissão, sim. Agora enquanto profissão ela não é disciplina acadêmica. Porque disciplina acadêmica, você vai buscar em diversos autores, existem certos pré-requisitos. Nós não temos esses pré-requisitos e nem alcançaríamos. Então, ao estudar o movimento humano, ao estudar, agora a minha responsabilidade é acadêmica, eu estou na universidade. Tem que estudar e produzir conhecimento. Então aqui que eu vou estudar o movimento humano com diferentes metodologias e que não são próprias da Educação Física, eu empresto da sociologia, eu empresto da antropologia, eu empresto da psicologia e não é nenhum desmerecimento. Eu estou estudando tematicamente o movimento humano com outras metodologias. Eu não vou criar a minha própria Eu vou trazer o estudo da fisiologia e movimento humano com a experiência da própria fisiologia. Então essa questão para mim está muito clara Educação Física na universidade tem que estar localizada em algum lugar e eu vejo que em função de diferentes estruturas, aqui na USP, a Educação Física hoje, ela pode tornar-se um instituto, um instituto, uma unidade administrativa e que ela vai coordenar os estudos sobre movimento humano. Agora, ela vai coordenar. Nós temos num Instituto de Psicologia um laboratório de movimento. Quer dizer o movimento não é só apropriação da Educação Física., essa unidade continua existindo, do ponto de vista administrativo e ela tem como tema principal para ser estudado o movimento humano e ela se associa a antropologia, a física, a sociologia, a fisiologia, a medicina ao direito, a física nuclear, quer dizer, para entender o movimento humano. Agora profissionalmente é uma vertente. Nós preparamos profissionalmente que vão atuar junto a sociedade pedagogicamente e colocando em prática tudo o que a ciência nos disse. Do ponto de vista da biodinâmica, da sociodinâmica e da psicodinâmica. Que é uma forma que a gente está vendo aqui que didaticamente manter a nossa estrutura administrativa. Os 3 departamentos aqui com essa visão. Só que até agora a gente não falou em esporte. Nós só falamos em movimento humano só que o esporte para nós, na minha visão mais específica, o esporte não é só Motricidade Humana ou só movimento humano. O Esporte é muito mais do que isso. É muito questionado isso hoje se esporte é movimento. Aí significa estudar essa manifestação cultural chamada esporte e hoje para nós na USP, o nosso curso de Bacharelado em Esporte está estudando. E quando você falou no lazer, eu vejo que existe uma ligação muito clara entre Lazer e Esporte no sentido não mais de o atleta estar participando de lazer, mas eu, no meu momento de lazer indo assistir um espetáculo esportivo, assim como vou assistir a um espetáculo de ópera. vou ao cinema, etc. Aí eu vejo a ligação do esporte com o lazer. Agora o esporte é tão forte que as

crianças brincam de esporte, mas não estão esportiando, os adultos brincam de esporte, eles jogam voleibol, mas não estão participando do esporte voleibol. Aí que entra outra discussão conceitual entre brincar, jogar e esportiar. Eu vi poucas pessoas trabalhando nisso. Eu acho que a Heloisa na UNICAMP, tenta trabalhar assim, o livro que é sociologia do Esporte . É responsabilidade hoje do Curso de Bacharelado de Esporte estar discutindo isso, coisa que não se discutiu no passado. Quer dizer não discutia de forma institucional, no curso que fiz. Então eu vejo a questão novamente; Nós estamos querendo descobrir a roda novamente. Após o Mestrado e Doutorado, os nossos professores, foram buscar status acadêmicos, o que acontece na USP hoje é isso Prof. Negrão coloca que ele não entende de Educação Física., mas entende de Fisiologia o Amadio pode estar estudando biomecânica, o grupo do Go Tani estudando aprendizagem motora e controle motor, o grupo do Lancha Júnior estudando nutrição mas ninguém mais estuda Educação Física O movimento passa a ser um complemento para se estudar diabetes, hipertensão, etc. Essa questão do corporativismo é muito complicada. Mas eu não vejo que vai ser dessa forma resolvida. Quer dizer, com profissionais da área dando anatomia. Eu acho que quem vai ter que discorrer sobre anatomia do ponto de vista científico é quem tem competência. Agora, só que do ponto de vista profissional, essas coisas não são tão claras assim. Então, por exemplo, o Lancha Jr. escreve um artigo sobre esporte e nutrição numa revista popular e acho que o jornalista coloca lá no texto que o Lancha Jr, faz curso de doutorado em Nutrição na Escola de Educação Física., no dia seguinte tem uma carta aqui do Conselho regional de Nutrição, perguntando que curso de nutrição é esse na Escola de Educação Física.? Da mesma forma que eu não posso agir hoje profissionalmente numa esquina e ir receitando medicamentos para os outros. Então, existe um certo corporativismo que, isso profissionalmente, academicamente eu vejo que isso não tem barreiras. Quer dizer, não tem como a gente perder tempo em discutir na universidade a competência de alguém em ministrar cursos. Ora, o problema que eu vejo é que também já está escrito nos livros que para alguém ter competência, em falar sobre fisiologia, vai ter que demostrar competência, e se não é aceito nos círculos de quem entende de fisiologia, eu não vou sair por aí dizendo que eu entendo de movimento e psicologia e se eu não tenho competência, porque senão eu vou sempre ser visto como psicólogo de 2ª categoria, porque eu não tenho teoricamente o curso de psicologia também. Ora se esse curso não é importante, então nem deve existir. Agora eu devo buscar conhecimento na área de fisiologia ou de psicologia ou de anatomia. Logicamente aqui no nosso ICB hoje eu tenho certeza que quem dá anatomia não precisa ser médico. é conhecer anatomia. Agora, profissionalmente é um outro problema. Mas, os livros, os artigos já preconizavam isso. Os nosso profissionais de Educação Física para ganhar status acadêmico estão se distanciando das questões da Educação Física e responde questões da fisiologia, questões da biomecânica, da aprendizagem motora e etc. Então, novamente fica claro essa dificuldade em se entender Educação Física como ciência. Eu diria, ela não é ciência e nem a Motricidade Humana vai se tornar a nova ciência do homem. Eu fico numa situação muito mais simplista ou mais simples. Nós não precisamos disso. Nós precisamos sim ter uma unidade talvez administrativa que coordene os estudos sobre o movimento humano e que nós profissionalmente, continuemos com a imagem do profissional de Educação Física., chame Educação Física ou não, mas no sentido profissional pedagógico. Até

chegar a essas questões na comunidade de Educação Física hoje, nas 100 escolas, eu acho isso um desafio muito grande. Eu não consigo aqui na USP, conversar isso talvez dessa forma com 36 docentes, quem dera sair pelo Brasil a fora que não tem nem acesso a essa literatura. Ou, é até difícil falar, olha o texto é em inglês, sinto muito, eu não vou ler porque eu não domino inglês. Então para se chegar a uma situação dessa, não digo que idêntica a essa, eu estou chegando a essa não por cópia do americano Não. Eu estou até entendendo que nós estamos antecipando a americano, E as nossas decisões hoje aqui, desse grupo aqui na USP, de 3/4 pessoas, estão a frente até do próprio EUA. Quando o prof. americano esteve aqui no Brasil e depara com o curso de introdução a Educação Física., para calouro, lendo muito mais que alunos de pós-graduação. Então, eu acho que esse é o caminho, mas só que esse caminho, é difícil, porque as coisas estão andando aí fora. Não param. E, as vezes, pessoas com má fé Pessoas desonestas que faz um trabalho totalmente contrário a esse. Isso dificulta porque esse entendimento, eu sinto muito, não dá para comprar uma pílula na farmácia e tomar, vai ter que ler, vai ter que entender, vai ter que interpretar todas essas coisas. Então, agora, fica difícil uma tomada de decisão como essa. Porque hoje, a minha posição acadêmica e profissional está clara. Só que eu não consigo sustentar uma discussão acadêmica com colegas de outras áreas e dizer que biomecânica é Educação Física, que fisiologia é Educação Física e que aprendizagem motora é Educação Física.. Eu não consigo convencer eles e nem quero convencê-los, porque isso não é verdade. Então hoje, a própria sobrevivência dessa unidade aqui na USP, eu vejo, se alguém questionar como o prof. Berard questionou, eu vejo que não há lugar para biomecânica, fisiologia, esforço, aprendizagem motora e nutrição. Esses grupos de pesquisa dessa Escola, vão ter que estar alocados nessas áreas de competência e não na escola de Educação Física se mantivermos essa visão só profissional da Pedagogia. Então, o Go Tani já está na Inglaterra num instituto de Psicologia. O Negrão está muito bem no INCOR e no ICB, que tem laboratórios de Fisiologia, O Amadio vai parar na Bioengenharia, ou na faculdade de medicina, Lancha Jr junto a Nutrição. Agora para tentar manter esses quatros grupos que vieram da Educação Física, a solução que eu vejo é a criação, a transformação desta Escola de Educação Física num Instituto de Motricidade Humana ou Instituto do Movimento Humano. Aonde esses colegas ficariam aqui, mas continuariam agora com algo muito bem definido, o seu trabalho com os outros institutos da Universidade de SP. Eu estou usando sinônimo de Movimento Humano, a Motricidade Humana. Porque eu não uso M.H. compartilhando com o modismo do Manuel Sérgio. Eu hoje vejo com restrição as pessoas, assim como o americano embarcou na questão da disciplina acadêmica, eu vejo que muitos colegas brasileiros embarcaram na motricidade humana. Acha visto que o Manuel Sérgio é obrigado até definir o que é motricidade humana. Defini em 2/3 parágrafos. Eu hoje saiu disso, deixo o mais simples ainda, e quero estudar o movimento humano em todas as suas dimensões, não só o biológico eu quero entender até o movimento humano, do ponto de vista sociológico ou antropológico e até estudar assim emigração. Só que eu vou estudar a emigração não no sentido antropológico- sociológico, mas o ser humano como capaz de produzir movimento até mover-se para migrar, para procurar melhor qualidade de vida. Eu não vejo Motricidade. Humana como vê o Manuel Sérgio. Uso o termo, talvez porque ele seja mais simpático à comunidade científica. Eu diria que a gente vai ter que conviver num mar, eu não sei se definir é

importante ou não, mas eu tenho aí comportamento motriz, comportamento motor, conduta motriz, conduta motora, ação motriz, quer dizer, aí junta a questão do Parlebas, do Manuel Sérgio. é uma, eu não queria usar uma ou outra corrente, porque ai eu vou ser tendencioso Eu quero entender o que é esse movimento humano, como ele pode ser estudado, das mais variadas formas dentro da ciência. E profissionalmente, eu quero atuar junto a sociedade, no sentido de informar a sociedade sobre a importância do movimento humano. E aí, não é só ir para uma academia fazer aeróbica, eu quero entender o remador, o pescador ou o lixeiro, que ele tenha uma visão de a importância do movimento humano, para a profissão dele. Ele está sendo super dimensionado ou subvalorizado, ele não pode fazer aquela profissão porque já está correndo 8 hora/dia. Sabe, é uma outra visão de importância do movimento para o ser humano. Agora, isso eu não quero que se chame Educação Física., necessariamente. Eu quero que o profissional de Educação Física até então tenha conhecimento disso. O que eu não tive, em 69, em 68, eu só sabia que movimento humano, tinha haver com modalidade esportiva. E acho que isso que é a expansão desse,. a expansão conceitual. Então, eu vejo que a definição acadêmica ficaria situado no entendimento do movimento humano, enquanto um tema integrativo de pesquisa. E que essa unidade aqui universitária continuaria e com esse nome: Instituto de estudo do Movimento Humano ou Motricidade Humana. é essa a visão. E, a USP como tem uma certa facilidade, ela já tem um complexo esportivo que ninguém tem mais, a idéia seria que aquele centro se tornasse um Instituto de Esporte, aonde o tema integrativo de pesquisa seria o esporte e esse esporte seria também analisado do ponto de vista das outras modalidades de ciência, das outras áreas, inclusive com a Motricidade Humana. A questão da reestruturação curricular, acho que dá para ver claramente que, eu acho que posso dizer de 69 para cá, quando eu saio da Escola em 69, apareceu a Resolução do Conselho e então a Escola tem que ser, tem que fazer uma adequação de seu currículo daquilo lá. Aquilo foi muito é, mas era o momento. Era o que se pensava de Educação Física Era aquilo mesmo. Eu não via grupos pensando de forma diferente. Isso vigorou até recentemente quando algum grupo começa a discutir Educação Física e aí eu coloco, é o pessoal mais contemporâneo, então é Alfredo Faria Jr., reunião em Curitiba, reunião em Belo Horizonte e quando é o Laércio Elias Pereira, trazendo uma discussão nesse sentido, aparecem os grupos, um grupo que eu vejo muito mais naquele momento e até hoje não me mostraram o contrário, muito mais ideológico do que científico e ainda vejo isso, vejo ainda a questão do Medina, a questão de Lino, a questão de Apolônio, se lia muito mais no campo ideológico do que teórico, ideológico-político e isso me faz lembrar o atual Ministro do Planejamento e da Economia que fala que: olha, o que eu fiz até foi ideológico, isso é, não é acadêmico, não é científico. Então, esqueçam o que eu fiz na universidade. Quer dizer, como se fosse fácil fazer isso. Então, eu vejo, mais ou menos isso, esse pessoal começa a discutir currículo, preparação profissional e eu vejo alguma coisa madura acontecendo. Mas, não na essência, na forma, então a forma, quando não se tem currículo mínimo, quando na forma se tenta ter um conhecimento filosófico, conhecimento técnico, ainda com algumas falhas, por que a gente não discutiu a essência. Mas, vejo um avanço. E, esse avanço ele implica na Resolução que você cita de 87, como de uma hora para a outra, nós vamos contemplar na Resolução a questão do Bacharelado e da Licenciatura, vejo um grande avanço aí, só que eu tenho claro como

é que isso aconteceu. Então, essas tendências mais modernas, de um currículo de 69, mais modernas do ponto de vista prático, profissional e ideológico, não contemplava a discussão acadêmica do bacharelado e da licenciatura. O que um dava de acadêmico e o outro de profissional? Essas discussões eu não vi, por desconhecimento do grupo dessas questões. Mas, é um avanço. Eu não sei se comentei com você, como é que surgiu o bacharelado no Brasil. Essas coisas aconteciam, 83, 84, 85. Em 84, a nossa Escola faz 50 anos, e a nossa Escola faz um fórum aqui. Agora eu desde o meu doutorado em 78, 79, 80, me preocupa essa questão da preparação profissional, essa questão da essência da Educação Física . Então, em 84, eu representando a Escola de Educação Física., eu apresento uma proposta, não da Escola, uma proposta individual, aonde eu falava em 84, bacharelado em Educação Física e ia adiante, bacharelado em esporte, em dança, que para a minha ignorância já tinha em 71 já tinha na Bahia, e eu avanço um pouco também na idéia do bacharel em lazer e que hoje já é uma tendência. E é uma tendência mundial, nós temos aqui colegas que foram fazer o doutorado em lazer, na Europa, nos EUA e isso não é novo, mas, já estou até vendo para a universidade brasileira um bacharelado em Lazer e parece que tudo sair bem a UNICAMP vai sair com um curso desse, ela já tem hoje uma habilitação na Educação Física para o lazer. Então eu acho que essa habilitação já está sendo planejada e programada. Então, em 84m surgiu mais veementemente, a palavra Bacharelado em Educação Física e que não foi discutida por esses grupos, que eu mencionei anteriormente. Então, a partir de 84, essa proposta, ela aparece, mas, também muito tímida, por que naquela ocasião, em 84, vamos supor que tinha aqui presente 60 diretores de Educação Física., 59 foram contra. Onde já se viu isso, perder mercado de trabalho com dança, com lazer, com esporte, que são da área da Educação Física . Então, eu vejo isso, não digo com tristeza, mas, eu vejo com pesar, por que a gente perdeu de avançar, a gente queria inventar a roda outra vez, ela já estava inventada. Mas, só que, aqueles 59 docentes aqui, talvez nunca tivessem lido um artigo sobre essas coisas, mas, leram muito sobre voleibol, basquetebol, atletismo. é a evolução da área. Quer dizer, tinha que passar por isso. Então, a partir daquele momento, eu começo a divulgar a idéia do bacharelado, mas como muitas restrições. Inclusive até de forma, recebendo agressões que não merecia. Agressões de que bacharelado era modismo. O bacharelado está contemplado desde que se institui a universidade no Brasil, não é nenhum modismo. A questão é que a nossa cópia do sistema superior é americana mau feita. E, licenciado significa ter licença e bacharel significa ter o curso de graduação onde algo academicamente está garantido. E nós não tínhamos essa discussão ainda. Se fosse fazer essa discussão com colegas era perder tempo. A gente era agredido mesmo. Então, aí nessa continuação dessa proposta, eu vou ter uma certa oportunidade de discutir com uma secretária da USP, secretaria da reitoria. E era uma secretaria da reitoria que tratava de assuntos acadêmicos e que no seu dia-a-dia, em ter que conviver com o Conselho Federal da Educação, por questões de USP, ela me coloca: Guilmar, se você quiser discutir, eu coloco você em contato com o funcionário do CFE para você mostrar a sua idéia e ela então me coloca em contato com alguns desses conselheiros, e eu vou para esse conselheiro e por coincidência, a época era da discussão do novo currículo da Educação Física., que estava em tramitação no C.F. e que estava com o relator, que era um conselheiro também. Então, esse conselheiro fala: Guilmar,

olha, a sua idéia tem pertinência, a sua idéia não é nenhuma inovação, a sua idéia é a tramitação normal das coisas, a sua idéia vai valorizar academicamente isso, isso e isso. Se você quiser conversar com o relator da Educação Física., eu te coloco em contato já com ele e eu posso te dar algum suporte, algum respaldo lá no conselho, por que eu sou um, como grupo de conselheiros. Eu falei, aceito sim. Deixei as cópias de minha proposta com ele. Ele me colocou em contato na hora com o conselheiro que estava relatando o processo da Educação Física e eu conversei 10 minutos, por telefone, eu aqui em São Paulo e o conselheiro no Rio Grande do Sul, converso por telefone e aí que eu fico me perguntando o meu poder de persuasão e de convencimento que eu mostro por telefone (entre aspas) para o conselheiro o que seria útil para a Educação Física ter o bacharelado. Isso, morre a conversa no telefone e para minha surpresa é que em julho na Resolução está contemplado o bacharelado e sem discussão entre nós da Educação Física., o que seria profundamente o bacharelado e até que numa reunião na Escola aqui, novamente os diretores de faculdade de Educação Física mostram a sua incompetência, eu diria uma incompetência até entendida, quando pergunta para o Tubino, Tubino, por favor qual é a diferença entre bacharelado e licenciatura, dando um aval, assinando um atestado de incompetência que não sabe o que é. E, estava no ensino superior. E o Tubino, fala muito diplomaticamente, olha, o Guilmar está aqui e ele pode responder muito melhor do que eu. Então mostra a evolução da resolução de 87. Esse parecer hoje, eu disse textualmente num evento que eu participei, eu garantiria desse parecer pouca coisa. Eu, garantiria a questão inovadora, a questão dessa divisão que embora não seja a mais adequada, ela representa um avanço, essa questão da porcentagem aí, a questão do técnico eu ainda vejo com alguma restrição, mas eu rasgaria e jogaria no lixo. Eu garantiria isso, a questão da Licenciatura, do Bacharelado, agora, o que está por dentro dela, não foi um avanço não. Por que ela não contempla a questão da essência. Só isso. Mas, ela é um avanço. Hoje, eu vejo que infelizmente, as federais estão muito atreladas a isso. Elas não mudam uma vírgula em função do que diz o C.E., elas estão totalmente ligadas com o controle central e federal. E, nós, estaduais, temos mais autonomia. O nosso conselho universitário hoje diz, lei ora lei, não segue a lei federal, a criação do bacharelado em esporte foi numa autonomia universitária, o artigo 18 de uma lei que existe por aí, vigorando no ensino superior. Quer dizer, assumir a responsabilidade Federal não cria um curso por que o governo não deixa, fica muito preso a essas coisas. Eu acho que é um triste fim para as nossas federais, que estão longe de um conselho de controle, controle central e estão aí perdidas e abandonadas. A minha percepção hoje se eu tivesse esse poder, eu passaria todas elas a nível estadual. Nenhum mais federal, não ter mais universidade federal no país. Isso aí é um atraso. é um atraso de vida. O próprio docente não está preparado, o docente da universidade hoje, essa nossa USP, eu diria USP e posso dizer com certeza a maioria não está preparado ainda, por que o mestrado não preparou, o doutorado não preparou ou não se prendeu muito tempo nisso. O que significa ser professor universitário? E aí entra uma outra pergunta sobre avaliação docente. Na minha concepção, o professor universitário tem que entender de universidade, tem que entender qual é a função dele ali. E não vir ao quadro negro, verde, discorrer sobre alguma coisa e ponto final. Quer dizer, não é o componente que é o mais importante. E sim até passar para o nosso universitário que ser

universitário é algo diferenciado de ser jornaleiro, ou ser pedreiro ou ser vendedor de loja. Ele, tem que ter uma visão crítica do que ele está fazendo, uma visão da importância de ser universitário. Agora, só que isso não é da Educação Física . Isso reflete no advogado de hoje, no médico de hoje, no engenheiro de hoje. E aí eu concordo plenamente com o Medina quando ele fala do joelho, mais um tornozelo para eu tratar, não é bem assim, essa visão de por que eu construo casa, quer dizer, eu não consigo entender que a gente fica preso ainda hoje num conceito de um terreno de 5 por 25. Isso não é um terreno, isso é uma jaula para quem quer construir uma casa. A visão de espaço, de qualidade de vida é um terreno de no mínimo 25 por 50, aonde alguém vai morar. Mas, eu não vi engenheiro preocupado com isso, arquiteto preocupado com isso, e médico para fazer medicina social, nem existe medicina social, isso aí é uma outra área que o médico está se apoderando, quer dizer, medicina é por si só social. Não tem como não ser. Eu não vejo condição de a gente separar isso, ensino e pesquisa. Eu acho que isso é um outro erro a separação entre ensino, extensão e docência. Isso acontece de uma forma, quer dizer, eu me lembro muito bem, quando eu fui conversar co o presidente da FAPESP uma vez, e eu ingenuamente querendo dizer, Guilmar, mas isso é uma ignorância separar 20 horas de pesquisa, 6 de aula e 12 de extensão, quer dizer, não dá para dissociar essas coisas. Essas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo. Atender eu atendo sem separar-los, por exemplo, eu estou dando aula, a minha aula, ela tem que ter um embasamento acadêmico e de pesquisa e isso eu tenho que colocar em contato direto com a comunidade. Então, por exemplo, e aí por questões econômicas também financeiras, a gente tem que fazer isso. Então, hoje, por exemplo, a gente está pensando aí num curso de difusão cultural sobre Educação Física e remar, quer dizer, eu tenho que colocar ou para os já formados em Educação Física ou para a comunidade, vou mostrar para eles que remar é importante, aquele conceito de importância do movimento humano, ou para o seu lazer, ou para o seu cotidiano, vou mostrar para eles os pontos de vista da psicologia do remar, do ponto de vista se é trabalho, a questão da biomecânica no remar, da fisiologia. Eu não sei se você viu no fantástico esses dias aí, eu fiz questão de gravar. A gente está dizendo isso a muito tempo. Quer dizer, dona de casa vai varrer o chão sim, quer dizer, isso não é Educação Física do ponto de vista institucional, isso aí é a importância do movimento. De tudo o que eu digo, é o ponto mais importante é o orçamento, está sendo decidido nestas formas, quer dizer, quanto o docente está dando de aula e até chega a este ponto, se o nosso índice aqui não estiver acima das 6 horas por semana, não se contrata mais docentes. Então, o docente vai ter que mostrar que dá aula não é isto. O profº Lobo está exigindo uma diretriz de reitor e quer ver o Phd dando aula na graduação e é nada mais justo, nada mais claro também, mas isto você viu, eu mostrei naquela, não querendo inventar roda que no momento para o docente de Educação Física na universidade ganhar status é na pós-graduação que ele tem que dar aula, ele tem que dar aula para o pós-graduação é relevante, a questão do orçamento da USP, se você não tiver por aqui professores visitantes, ou não tiver simpósios, se não tiver congressos, ou não tiver palestras, isto é extensão, a escola também não pode ser contemplada com orçamento e se a Escola não publicou os seus docentes não fizeram pesquisa, ela não vai ser contemplada também. Então, a Educação Física da USP passa sempre da menor unidade universitária e logicamente a que menos tem

publicação, por que lógico que ela tem menor corpo docente se não for por aí por um outro índice de proporção ela vai ficar sempre por baixo e o nosso orçamento é último, resta ganhar um pouco de terreno e ser o antipenúltimo, etc. Mas, aí que eu vejo uma questão de liderança, quer dizer: diretor de Escola e chefe de departamento tem que estar em sintonia para alertar o docente disto. Se o docente não for alertado disto no seu curso de mestrado, por que nenhum graduado tinha este compromisso. Esta preocupação, agora no curso de pós-graduação, seja especialização ou latu sensu que muitas federais lançaram mão disso para capacitar seus recursos humanos ainda não existia a lei, metodologia do ensino superior, etc., mesmo no mestrado e eu tinha claro que a nossa Escola por alguma razão ela não contemplou isso os nossos mestres e doutores não estavam tão preocupados com sua atuação na sala de aula não, eles estavam muito mais preocupados com a pesquisa sim, e isto que eu vejo é liderança e ter claro que o mestrado e o doutorado servem também para a capacitação e também para docéncia, então eu queria ver esta minha experiência docente sendo refletida no dia a dia, eu sei como avaliar o rendimento do aluno, e isto hoje a gente não sabe, tem professor que não quer dar aula, por que não consegue enfrentar (entre aspas) um grupo de adolescentes, ele quer ter tudo calmo num mar de rosas, a questão de avaliar o rendimento do aluno passa a ser como o vestibular, é o "x" e acabou, é uma prova de fim de ano e ponto final, se tiro 4,5 ponto final, sendo muito a média é acima de 5, eu acho que um mestre, é um doutor que tivesse tido uma preocupação de atuação na universidade como docência, não fariam isso, só que ele não esta contemplando isto, agora isto é evolução da área outra vez. Então, hoje, para a química na USP abriu um concurso docente, e selecionar um docente para química, eles tem certas exigências, que talvez não contemplam isto que eu estou dizendo, mas, para fazer concurso na química, este que você prestou hoje, tinha que ter um pré-requisito, que era, não ser formado em química, não ser mestre em química, não ser doutor em química, mas, ter pós-doutorado em química no exterior e aparecem 50 para uma vaga, agora a Educação Física., não pode se dar ao luxo, nós aqui temos este concurso que você está prestando, você não terminou o mestrado, a Rita não terminou o mestrado e a Sheila não terminou o doutorado, quer dizer, teoricamente vocês três não estariam tão capacitadas, se é que o mestrado e o doutorado tem alguma validade. Se estes cursos são válidos, vocês deveriam estar capacitadas para isto e assim a gente fez com vários docentes, não por qualquer outra situação. Eu fui o único docente da USP da escola de E.F., a entrar para a universidade com mestrado. Quer dizer, numa época de transição, por que eu fui buscar o mestrado fora do país, mas, te cito exemplos, Edson e Ana, está aí hoje o nosso departamento e foram contratados sem terem o título de mestre, Dalberto Luis dos Santos, Dante de Rose, Andréia, Osvaldo, claro, ninguém, veja só a nossa responsabilidade, quer dizer, a não ser por um alto didatismo, a não ser por uma alta competência, ganha de outras formas, a não o curso de mestrado, nós somos irresponsáveis, nós estamos tratando com universitários sem termos competência para isto. Agora, eu vejo que lei ora lei, eu tenho que fechar o olho agora, por que há uma evolução, eu acho que nos próximos dez anos, nós vamos ter que produzir (entre aspas) doutores em série, agora se produzir sem competência, é melhor não produzir, vai ter que produzir com esta visão, este pessoal vai ter que entender sim de ensino superior e entender de ensino superior significa não saber só de

pesquisa, não só de extensão, não só de docência, tem que ter estas três coisas, nós não podemos dar ao luxo de falar assim: olha, contratação só de um pesquisador, não dá, não dá, então se a Escola tem hoje 36 professores, eu desafio você a encontrar algum no Brasil, que não é também para não vangloriar, que tem 36 professores, tem três cursos na graduação e tem um de mestrado e um de doutorado e os cursos que ela faz de extensão, com 36 docentes, e isto me choca quando vou a Santa Catarina em Florianópolis, um monte de professor dando um curso só na Licenciatura. Mas, isto é uma evolução, isto tem que acontecer, agora a gente queria que o nosso de mestrado e aí fica computado, que a maioria dos nossos docentes esta fazendo doutorado não na Educação Física., e daí eu digo talvez fosse felizmente por que vem de encontro a idéia do tema integrativo da pesquisa, eu vou fazer doutorado sim, na física nuclear, se houver alguma relação com o movimento, ou na sociologia, então, dificilmente, você vai ter um doutorado específico em Educação Física . Eu não sei como a Engenharia, a medicina trabalha com isto. Eu posso até me aprofundar nesta área. Quer dizer: o que é um doutorado em medicina, o que seria um doutorado puro em Educação Física., eu vejo o que é a sua parte pedagógica, como é que eu vou levar para a sociedade a questão da biomecânica, da aprendizagem motora, etc. Então veja, quanto desafio seu, meu, numa UNESP, numa USP. É pela própria Educação, por que a própria universidade de São Paulo, não definiu claramente o que é licenciatura. Existiram vários movimentos, um fórum aqui, um fórum acolá, a Faculdade de Educação, quer dizer: a proposta da Faculdade de Educação tinha sido uma e o conselho não aprovou, então, o que se tem claro é que aquelas disciplinas obrigatórias, essas tem que ser contempladas, não tem como, só que algumas unidades na USP pedem para a Faculdade de Educação outras disciplinas, só que estas disciplinas não são de um curso de licenciatura, são de um curso de pedagogia e aí eu vejo um problema, ser pedagogo, não significa ser professor, então entra História da Educação, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação que não são cursos devidamente estruturados para a preparação de professor. O que a gente pediu nesse nosso conceito de licenciatura no atual curso, após o curso de bacharelado, e aí também foi opção por modelo, por que a própria licenciatura não tem isso claro, então a questão da licenciatura a nossa escola decidiu aqui nós acreditamos que ou não acreditamos que essas 5 disciplinas Psicologia I e II, Estrutura, Didática e Prática de Ensino, não são suficientes para a preparação do professor, a gente quer muito mais do que isto. Como a Faculdade de Educação não tem isso definido, nós pedimos para a Faculdade de Educação, a gente quer ter, a gente quer que o nosso aluno tenha uma visão de outras coisas, então a gente disse: antropologia, sociologia, filosofia e história. E, que nós tínhamos claro que isto aqui não seria contemplado nessas 5 disciplinas obrigatórias, acho que em nenhuma situação isto acontece, o aluno tem uma visão clara e crítica do que é escola, através destas 5 disciplinas, então nós pedimos mais do que isto e ao pedirmos mais do que isto, nós criamos um problema na Faculdade de Educação, por que ela não tinha claro o que é formar o professor, ela tinha uma proposta que o Conselho Universitário não aprovou e nós pedimos para ela, uma disciplina que não era a que ela já tem, História e Escolarização I, II, III e IV, Sociologia II, III, IV, nós pedimos uma disciplina sobre Antropologia da Escolarização para professor, não para pedagogo, não para diretor de escola. Eles não tinham recursos humanos disponíveis e não tinham isso estruturado, então

o Conselho Universitário aprovou a nossa proposta que nós pediríamos para a Educação uma disciplina chamada História da Escolarização e depois num segundo momento, no curso de Licenciatura, eles teriam aqui, História da Educação Física Escolar, como isso não foi possível, houve uma adaptação da nossa disciplina e o nosso docente vai falar sobre História da Educação Física Escolar, mas, num módulo ou num grupo de horas esse docente vai falar sobre História da Escolarização, quer dizer, não é a situação que nós queríamos, mas, é uma situação improvisada que o nosso docente vai ter que falar sobre História da Escolarização, independente de falar sobre Educação Física . Quer dizer, aí eu acho que é um avanço, o nosso docente vai ter que fazer isso, quando não deveria, mas, é um modo que a gente viu. Da mesma forma vai ser com sociologia, da mesma forma vai ser com Filosofia e assim por diante. Agora, eu tenho consciência plena que o nosso programa de licenciatura, como esta estruturado não é passaporte para a garantia da preparação excelente do prof., mas, é melhor do que o que existe. Agora não vamos ter recursos humanos para passar tudo isto para o futuro professor que vai para a escola, pelo menos devendo ter entendido de escola. Eu vejo que este discurso, ele deveria ter atingido pessoas que não foram atingidas, ele não foi um discurso, é talvez ele abriu mais antipatias do que simpatias. Então, as pessoas, a maioria não foi sensibilizada, o pessoal técnico continua técnico, acho que a essência do discurso, ela não atingiu, quer dizer, se não atingiu é por que foi mal feita, foi um discurso mal feito, umas tentativas não tão eficazes, por que não atingiu o que não tinha atingido, ela foi aí populista, ela foi ideológica, sim ela. E aí eu cito o trabalho do Medina e do Lino, é outro, da Celi, é outro, quer dizer, do Valter, nem tanto, mas, são questões que é, vamos dizer assim, está tudo errado o que vocês estão fazendo, não, mas não deram algumas citações ou indicações. é, você analisou que esporte é para todos e esporte tem que ser visto com outros olhos, o povo não pode ser enganado, quer dizer, isto é um discurso, eu sei que o povo não pode ser enganado, mas, e daí, o que eu vou fazer para o povo não ser enganado? E aí eu vejo que não se ganhou, não se avançou muito, eu queria discutir isto, talvez com 11 anos de escolarização, e a proposta não vai mudar nada, vai mostrar que a ideologia do corpo, a corporeidade, e daí, não vai dar informação sobre a importância do movimento outra vez, eu queria ir por essa vertente, passar para quem passou pela escola por 11 anos e perceber qual a importância do movimento, para que não seja enganado não. Talvez esta crítica seja uma crítica muito mais pessoal, mas, eu vejo que ela teve um pouco de importância, este pessoal mexeu um pouco com o pessoal que está aqui dentro, precisavam ser mexidos, mas, ganhou mais antipatias do que simpatias".

DEPOIMENTO Nº 04

"A atual Escola de Educação Física da USP começou após a criação, após de um departamento de Educação Física. Isso foi em 1931 e você tem aí pelas informações que eu estou te dando por escrito as datas exatas, inclusive número de decretos. Criou-se um departamento chamado departamento de Educação Física e nesse Departamento um dos órgãos era Escola Superior de Educação Física. Esta Escola não funcionou logo a seguir por uma razão básica, não existia professores para lecionarem no curso. Aí graças a visão, o descortino, o idealismo de Fernando de Azevedo, ele conseguiu que um grupo de 15, se não me engano, de professores normalistas fossem ao Rio fazer um curso na Escola de Educação Física do Exército. O Departamento foi criado em 31, em 32 houve em São Paulo, aquela Revolução constitucionalista, então não foi dado andamento nenhum a esse trabalho. Em 33 esse professores fizeram o curso no Rio. Depois de 1 ano de curso, vieram para São Paulo e aí pode ser iniciado o curso da Escola de Educação Física na época, chamava-se Escola Superior de Educação Física. E, foram iniciadas as aulas, exatamente no dia 04 de agosto de 1934. Na época o regulamento previa a existência de 2 cursos: um era chamado curso de Instrutor de Ginástica, de um ano, e este como o próprio nome diz, daria o direito apenas de ser um instrutor de ginástica, e não trabalhar com esportes de um modo geral. Nós entramos na Escola de Educação Física em 108 alunos. Apenas 1 ou 2 fizeram o primeiro ano e desistiram, os outros foram desistindo aos poucos. Aí nós passamos para o 2 ano, que era o professor de Educação Física. Nós tínhamos vamos chamar de currículo, não era bem um currículo. Nós tínhamos na época, aulas de ginástica, noções de esporte, e a parte teórica. Inclusive, nós tínhamos aulas práticas no período da manhã e aulas teóricas no período da tarde, mas não existia propriamente um currículo bem definido. Nós aos poucos fomos desistindo, por uma razão ou outra do curso, várias pessoas, nós terminamos o curso em abril de 1936, porque não tivemos períodos regulares de férias e terminamos o curso em 28 professores. Aí, já foi o curso de Professor de Educação Física. A escola funcionou com uma série enorme de problemas e só sobreviveu, você vai ter a oportunidade de ler em alguns trabalhos que estão aí, sobreviveu graças ao idealismo de professores e ao grande interesse dos alunos também. A escola não tinha na época instalações, nós fazíamos aulas, as aulas práticas nós tínhamos em clubes. Foi primeiro na Escola de Educação Física da Polícia Militar, depois na Associação Atlética São Paulo, tietê, em Pinheiros, no Parque da Água Branca e a Escola veio assim peregrinando aí por vários lugares. Mas sempre prevalecendo acima de tudo, e superando a falta de instalações materiais, o grande idealismo de colegas, de professores e alunos. Até que a Escola passou a integrar o sistema estadual do ensino superior, ou grupo dos Institutos Isolados, que na época era os institutos ou faculdades que existiam no interior do Estado, e apenas em São Paulo tinha a Escola de Educação Física e mais uma que eu não me lembro. Isto deu origem posteriormente a Fundação da UNESP, congregando as faculdades do interior separando então da USP. Aí nossa escola continuou pertencendo ao sistema estadual de ensino e em 1969, ela passou a integrar oficialmente a USP. Mas até aquela época ainda um pouco além de 75, ela continuou na casa das outras. Aí a escola á funcionava aqui no Ibirapuera e até que de 75 nós fomos para aquelas instalações, que é a

casa própria nossa. A Escola passou por todo esse período como ficou bem claro, com muita dificuldade, problema de currículo, problema de professor, de instalações. Mas superou a tudo. A integração na USP foi realmente o ponto final que todos nós almejávamos, foi esta sem dúvida, a primeira Escola Civil que criou, que se fundou no Brasil. Provavelmente a primeira na América do Sul também. Agora no Brasil ao que consta um curso de Educação Física autorizado pela Marinha em 1925 e existia, como existe até hoje, uma Escola de Educação Física apenas para militares da antiga força pública - atualmente Escola da Polícia Militar. Essa existe desde 1910, foi a primeira Escola de Educação Física, mas com a possibilidade de preparação apenas de militares. Não era aceito, como não é aceito até hoje civis. Em 1933 foi criada a Escola de Educação Física do Exército. Esta sim, foi criada já para atender o exército e também aceitando a inscrição de civis. Foi lá que os alunos, grupos de professores de São Paulo fez o curso para depois vir lecionar em São Paulo. Então, posteriormente surgiram as demais Escolas de Educação Física, sendo que a primeira que se seguiu a esta nossa São Paulo, foi em 1939, a então chamada Escola Nacional de Educação Física. Hoje é a Universidade do Rio de Janeiro. Posteriormente surgiram as outras. Parece-me que a primeira em seguida a esta foi em São Carlos, e depois Bauru, e assim essa avalanche de escolas que nós temos aqui, anualmente no Estado de São Paulo e no Brasil, você me perguntou alguma coisa sobre currículo do curso que eu fiz. O primeiro ano que foi em 1934, nós tínhamos aulas práticas, que eram praticamente, era ginástica e noções de esporte, além disso nós tínhamos uma parte teórica, as aulas eram de Psicologia, História da Educação Física, Anatomia, Fisiologia, Pedagogia e Higiene. Essas foram as disciplinas que nós tivemos no primeiro ano, e eram aulas de manhã e tarde, prática pela manhã, parte teórica a tarde. E no segundo ano, nós tivemos, já aí, como eram professores de Educação Física, nós tivemos basquete, natação, atletismo, voleibol, ataque-defesa, ginástica em aparelhos e atletismo e judô e depois na parte teórica, pedagogia, socorros de urgência, fisioterapia, biologia, esse foi o currículo da Escola de Educação Física no início das suas atividades. Existia uma ligação entre teoria e prática. O professor, havia muito interesse, e é uma das coisas que eu lamento profundamente nos cursos atuais de um modo geral. A pouca importância que se tem dado a didática. Há uma tendência muito grande, a análise de aspectos filosóficos da Educação Física e deixa, abandonado um pouco aquele interesse pela prática e pelo modo de dar uma aula. Isso infelizmente, eu acho uma falha grande, na maioria das escolas, não conheço todas, mas tenho recebido constantemente pedidos informações olha, eu gostaria de como o senhor orienta a gente dar uma aula, o modo da gente. Nós tínhamos muito disso na segunda parte da pedagogia, uma parte bem correlata com didática e o modo de nós nos colocarmos a frente da turma, como nos dirigir a turma o método não era ainda naquele começinho o método francês, ainda era mais a base de, já era o início do método francês, mas a grande maioria estava ainda mais na base da ginástica sueca, por aqueles antigos professores que trouxeram para o Brasil, mas já era método, já era o início de aprendizagem, a minha base na Escola de Educação Física era o método francês. E olha, sinceramente foi muito útil. Porque, tenho bastante coisas que a gente aprendeu naquela época que até hoje são válidas. Mas o método francês era um método com uma tendência muito grande para o militar. Era, mas não era exagerado. É um método profundamente fisiológico, não nesse

sentido fisiológico da política, profundamente baseado na fisiologia, ótimo. Não era profundamente psicológico ótimo. Mas tinha uma conceituação pedagógica, uma orientação sobre grupamento homogênico, que até hoje é bastante válido. Eu pelo menos me lembro, eu aprendi uma coisa que a gente não esqueceu, gravou-se por uma, vou falar uma bobagenzinha, mas vou falar, aquele jogo de memória, nós aprendemos que a lição da Educação Física, a lição da ginástica devia ser CAGADE - é contínua alternada, graduada, atraente, disciplinada. Até hoje isso é válido, uma aula prática não pode fugir disso. Na época, que começou escola, eu sonhei bastante, porque eu comecei meu interesse pela Educação Física, começou na Associação Cristã de Moços, eu entusiasmei contudo na associação, pretendi até fazer o curso em Montevidéu, quando abriu a escola aqui. Mas não tinha conhecimento da calistenia porque, eu estava habituado com ginástica, com música, completamente diferente. Mas não deixo de reconhecer que o Método Francês prestou um grande serviço a nós da Educação Física sem dúvida. Praticamente seria as Escolas - Ginásios na época, chamado ginásios e eram em número reduzidíssimos. Porque eu sempre comento: eu nasci no interior, meus pais vieram também de lá. Eu vim do interior para São Paulo em 1924, estava com uns 9anos. Meus pais vieram porque no interior não tinha quase ginásios. Só as grandes cidades que tinham ginásios, então para eu estuda mais tarde, vieram para São Paulo por isso. E aqui em São Paulo, na Capital, existia o Ginásio do Estado, então havia interesse pela Educação Física. Não existia cargos oficiais. Havia, mais era Escolas Particulares, normalmente não davam ginástica. Depois aqui começou a ser observado a obrigatoriedade da Educação Física, mas quanto a formação, a criação, o início da Escola de Educação Física, talvez seja isso. Não existia praticamente as academias, existia cursos de ginástica, clubes. aqueles celebres cursos de alemão praticantes, mas era ginástica em aparelhos. Eu fiz a Escola Normal em 1932. Na escola normal nós tínhamos aulas de Educação Física. Eu fiz curso noturno e tinha aula de Educação Física a noite mesmo. Eu comecei, eu fui convidado para lecionar na Escola de Educação Física em 37 e comecei a lecionar, fui convidado para ser funcionários do Departamento e como funcionário do departamento fui designado para dar aula no departamento. Houve logo a seguir uma, começou haver interesse pela Educação Física, mas esse interesse, foi provocado por esse mesmo departamento. O departamento, por intermédio da escola, promoveu umas excursões nossas ao interior. Nessa excursões nós dávamos aulas. Pegávamos 10, 12, 10 alunos, num campo de futebol cada um com 15,20 criança e dávamos uma aula. Aquilo interessava. Desse modo foi divulgado a Educação Física e o pessoal do interior começou a vir freqüentar, fazer os cursos da escola. Havia a necessidade de divulgar os Cursos. A existência de uma escola de Educação Física que era realmente desconhecida. Mas aos poucos começou haver um interesse maior, novos cursos, maior número de ginásios, maior número de escola particulares. E começou haver realmente um mercado maior. E posteriormente ampliou-se com as academias, etc. Hoje, porque antigamente, a uns anos atrás, uns 20, 30 ano, o professor fazia escola de Educação Física com um objetivo definido prestar concurso para entrar no magistério. Era esta os outros, poucos iam para uma outra atividade. O grande interesse era magistério secundário. Atualmente, eu acredito muito que antes você mesmo, deve ter procurado a escola de Educação Física, porque você gostou das suas aulas, você gostou das suas aulas no ginásio, ou da sua professora, ou gostou do basquete e se entusiasmou,

por idealismo, por gostar daquela coisa e depois se interessou e foi, ta indo adiante, como você está indo agora para Mestrado e logo, logo para Doutorado. Agora, nós naquela época também já o interesse era esse mas, hoje infelizmente, eu sinto que a procura não é tanto pelo idealista, é mais um interesse por um título de universitário num período, é mais um título. Mas trabalhar pela Educação Física, lamentavelmente, não, há exceções grandes, mas antigamente a maioria queria isso. Hoje é uma minoria. Nós tivemos durante muito tempo pela antiga divisão da Educação Física - Secretaria de Esportes. A divisão de Educação Física deu orientação muito segura a Educação Física no Brasil. De modo geral, havia um controle rigoroso, uma orientação muito boa. Tivemos professores, Alfredo Colombo, vários que foram diretores da então Divisão da Educação Física. Fizeram um trabalho muito bonito, procurando dar unidade de pensamento, não, ou ditatoriamente seguia tal linha, princípios básicos que fossem bem seguidos. Depois de uns anos, ainda nessa época, que até hoje eu elogio, para a época, não para os dias de hoje, o celebre currículo mínimo. Tudo que o que se pode criticar do currículo mínimo hoje, deveria ser melhor pensado na crítica. Naquela época ele não merecia crítica. Hoje merece, eu sou o primeiro a criticar completamente. Mas, naquela época era necessário, muito necessário, e colaborando de mais, a Escola de Educação Física tinha que atender aquilo no mínimo. Com esse número grande de escolas, se não tivesse havido aquela exigência ficaria difícil inclusive a formação do técnico. Aí vem o aspecto - o curso de especialização a meu ver é o mais importante que existe. Você, por exemplo, está fazendo mestrado, ótimo, por uma razão você com toda certeza. Não trocamos idéia sobre isso. Você com toda certeza quer seguir a carreira universitária, porque se não fosse isso, você não deveria estar fazendo pós-graduação. Eu já desiludi muita gente de fazer mestrado. O que você quer? Ampliar conhecimentos você vai fazer cursos de especialização se é para seguir a carreira universitária, aí é outra coisa. Para só ter cartãozinho de visita, mestre em educação Física, doutor em Educação Física, não nem pensar. Cursos de Especialização, este sim faz falta, deveria haver um número muito maior. Nós podemos aceitar cursos de técnica desportiva como cursos de especialização. Mas independente destes, aquilo que não é técnica desportiva a especialização em didática da Educação Física, especialização em Administração Desportiva, esses cursos fazem falta, esses cursos é que fazem falta. Eu sempre brinco com o pessoal: no Brasil de modo geral, levando a coisa para o futebol, porque vira e mexe vai no futebol mesmo. O que está faltando é o meio de campo você sabe o que é meio de campo? Na europa, nos EUA, existe, não sei exatamente como dizer, para cada 10 engenheiros existe 100 pessoas, que podem trabalhar, são trabalhadores especializados para trabalhar com engenharia. Para 10 médicos, existe, o número é fictício, existem 100 pessoas que pode trabalhar com o médico. Aqui no Brasil é o contrário, aqui está existindo 100 médicos para 10 trabalhadores. Esta faltando o meio campo. Esta faltando aquela pessoa que faz o meio campo aqui tem gente, lá em cima tem gente, aqui em baixo está faltando o meio de campo. Lá em cima e aqui em baixo. Hoje encontrar alguém que saiba, e capaz de trocar alguma idéia com você, um conceito filosófico da história da Educação Física. Se você joga na frente de 20 alunos, não sabe dar uma aula, comete os maiores absurdos. Tanto crítica quando alguns pareceres dados pelo CFE, parecem que foram trabalhadas muitos filósofos, muito transcendental, sem a realidade. Fala-se de realidade

brasileira. Não existe realidade brasileira. A realidade de São Paulo é uma, do Rio Grande do Sul, do Norte é outra e a do Nordeste é outra. Então, é muito difícil uma legislação atender a todas. Eu considero a Educação Física uma ciência. Não sei se você ouviu falar, já leu alguma coisa de Cagigal. Cagigal tem livros extraordinários, eu considero uma pena que um desastre de avião levou o homem cedo. Ele tinha formação da cultura geral. Ele estudou para padre, falava 8/10 idiomas. Ele fez umas publicações fora de sério. Tem um livros dele muito bom - Os princípios da Educação Física - fala muito da integralidade do ser humano. No momento, nós vivemos graças a Deus, uma evolução natural e constante. O que a gente considerava quase que o ideal, a alguns meses atrás hoje já não é mais isto. Hoje já nós pensamos numa maneira diferente felizmente, tudo isso. Ainda que seja essa a tendência, hoje o assunto é motricidade humana. Nós vamos cair no que? Naquilo que sempre se pensou. Aquela celebre frase, vida é movimento. Mudou, agora é motricidade as definições de Educação Física e esporte a meu ver e é aquele teoreminha, eu não considero o xadrez um esporte, pode ser chamado até de esporte intelectual, mas esporte no nosso conceito tem que ter movimento. Oque é o Esporte? é o jogo, a competição e a atividade física. Eu considero que Educação Física engloba: ginástica ou exercícios físicos, danças, recreação, lazer e o esporte. Nesse conceito, isso, Educação Física engloba. Há momentos em que a Educação Física e Esporte é um jogo, é uma dança, é uma atividade física simples, é até fácil. Atividade motora - ginástica, recreação - lazer, dança, esporte. Há momentos em que a recreação e esporte, o esporte é atividade motora, mas tudo, dentro de Educação Física. Agora, esporte o que? Só a palavrinha esporte, não te diz absolutamente nada , profissional, amador, autêntico, não autêntico. Tem uma série de modos que você pode considerar. Eu aqui, eu faço uma classificação, uma distribuição esporte em três categorias. 1º) Esporte - Educação, e aquele da escola, aprende-se a observar as leis, os regulamentos, o que não prevalece no interesse na perfeição de destrezas, mas sim, no sentido ensino ético. O esporte participação, que é isso que a gente vê toda hora por aí, todo mundo fazendo seus rachas, que é muito mais recreação que outra coisa. E o alto nível, lamentavelmente, quando você fala em esporte, a lembrança é sempre alto nível. E, ele, lamentavelmente, é o que dá maus exemplos. Estes aspectos, realmente, muito bem postos. Agora vejo, muita dificuldade de ser levado para prática, então, qualquer um desses assuntos, esses aspectos do parecer desses assuntos, esses aspectos do parecer número 215/87, são fundamentais. Análise e síntese - e a realidade. Então dominar os instrumentos, métodos e técnicas. Método, método é muito relativo, o bom método é a escolha adequada de boas técnicas e a correta distribuição delas num planejamento. Infelizmente é a tal coisa, falta meio campo outra vez, estas coisas não estão sendo levadas para o aluno. Não estão sendo postas em prática. Eu sempre, por exemplo, gostei muito de discutir, no bom sentido, com os meus alunos. Sempre e sempre me dei muito bem com isso. A primeira coisa, você tem direito a pensar de certo modo. E tem que respeitar o meu direito. Agora eu tenho o direito de discutir com você, discordar. E nós brigamos e daqui a pouco, como diz o pessoal aí: vamos comer uma pizza. Tudo acaba em pizza. Muito particularmente, eu não estou muito de acordo, porque eu acredito que um curso deveria preparar o indivíduo ou o aluno para a atividade na academia, no clube, na escola e etc. Um curso só não vejo motivo de separar uma coisa da outra. O que até um certo ponto, é específico do

esporte. O esporte se confunde com as outras coisas também. É só o esporte de alto nível, pelo jeito é o bacharelado vai preparar o indivíduo para o esporte que nós chamamos de educação, esporte participação. Vai preparar para o esporte de alto nível. Eu acredito, um bom curso, um curso de 4 anos, quer fazer 5, mas que dê ao indivíduo que começa o curso, e quando ele terminar, ele vai escolher o jeito que ele quer . Eu quero ir ser técnico de basquete, terminou o se curso, vou estudar mais o basquete e vou ser técnico de basquete. O outro prefere não, eu quero trabalhar com crianças, eu quero aprender a trabalhar com débeis mentais. O que é o curso de medicina. Ele não faz o curso para ser genecologias ou pediatria, não, ele faz o curso, escolhe. Aí vem os cursos de especialização, termina o curso regular e durante o próprio curso é natural que você vai caindo por aquilo que você gosta mais. Uma das razões, o Guilmar foi meu aluno, foi meu jogador, etc. E eu sempre discordei disso. Uma das razões que até eu deixei de freqüentar a escola, praticamente é esse aspecto. Eu tenho o meu ponto de vista. São questões dele, respeito, não concordo. A Educação Física não deixou de progredir no Brasil. E progrediu como com aquele trabalho que venha sendo feito, curso regulares, que com 2 anos, passou para 3, passou para 4 e se quiser vai para 5. A especialização é outa coisa. Aí, você tem o bacharelado e só esporte, você quer ir dar aula no colégio, não pode. Qual é a diferença em você dar uma aula de basquete numa academia, de uma aula de basquete do colégio? Aula você quer dá, treino é outra coisa. A sua aula, quando você vai ensinar a jogar, tanto faz o local não importa. é na academia, é no colégio, é no clube. Você dando uma aula objetiva, depende inicialmente da idade, com quem você está trabalhando. Nós já estamos cansados de saber você já deve ter ouvido isso milhares de vezes. A especialização prematura é totalmente contra indicado. Você tem que dar a criança a oportunidade dela conhecer basquete, vôlei, natação, mais adiante, ele escolhe o que ele gosta mais. São aqueles princípios básicos que a gente ouviu e não esquece nunca mais, e continuam sendo verdades puras. Hoje você está falando em esporte de alto nível, tudo bem, eu trabalhei, fui técnico da seleção brasileira, campeonato mundial. Eu vejo um problema sério: quais as outras escolas que estão seguindo esta lei, só a de São Paulo vai obedecer a isso. Então o que se forma lá não serve para aqui. Aqui não serve para lá criticamos, elogiamos e depois criticamos o currículo mínimo, Mas, deveria haver unidade das Escolas de Educação Física claro que os currículos mudam, etc. Mas, os objetivos tem que manter. Para o planejamento eu penso, que há a necessidade de você responder a 3 perguntas: você tem pensar, qual os objetivos, você vai dar um curso para quem? Então você sabe os objetivos, você pode escolher os meios, você tem que separar ou escolher para atingir tais objetivos. Finalmente, você tem que fazer uma outra perguntinha: quais as avaliações que você tem que fazer para verificar se os objetivos, os meios estão sendo adequados para atingir aqueles objetivos. é muito simples. é a vequialha que faz a gente ser muito simplista. Você não pode fugir disso. Você vai dar uma aula? muito bem. Qual é o objetivo dela. A aula tem que ter objetivo, a aula de hoje eu vou ensinar bandeja. Então para ensinar bandeja, eu vou usar que exercícios, e depois, não digo hoje, mas amanhã eu vou verificar se o exercício estava certo. A avaliação permite ao professor verificar se os meios, os métodos, adequados são certos. Em primeiro lugar, o mais importante, serve para verificar se ele progrediu ou regrediu. Quando você faz uma

corrida com o teu aluno e ele faz 20 s. Você quer que ele melhore. Daí a daqui 15 dias você vai aplicar o teste e ele fazer em 19 s. Ele já melhorou, o professor fica feliz da vida porque o método deu certo, não deu certo você muda o método. Einstein deu uma resposta dentro da teoria da relatividade dele, 4 palavrinhas: que cabe bem aqui também, na nossa Educação Física. Perfeição de meios, confusão de fins. Eu acho que em nossa Educação Física tem havido isto, cada vez mais meios mais perfeitos. Hoje, os colégios tem boas instalações, tem piscina, tem isso, tem aquilo, bola a vontade. Cada vez está se fazendo mais confusão com os objetivos da Educação Física. Qual é o objetivo de Educação Física em última análise? Não é contribuir para a educação integral do indivíduo? Fugir disso, é errado. Não importa se você está na academia, no colégio, não importa no educandário, no orfanato, não importa. O teu objetivo é fazer com que aquela pessoa seja integralmente mais preparada para a vida. Eu vou me referir, como eu disse a você, a 8, 10 anos atrás que foi o período que eu exerci. Eu acredito que mudou muito de lá para cá. Nós já citamos isso, a evolução graças a Deus, é constante, cada vez, parece que mais rápida então deve haver modificações que eu mesmo praticamente não estou bem a parte. Mas naquela ocasião, a avaliação do trabalho do professor, do docente era fundamentalmente feita pelo aluno que estava no curso. Normalmente não era porque o professor era bonzinho para ele, não, o aluno não gostava daquele meio bravão. Mas com um critério único e igual para todos. Dentro do regulamento horário de aula muito que bem o professor era o exemplo. O horário aula era às 8, é as oito. A avaliação era feita mais pelo aluno do que por processos feitos, vamos dizer de cima para baixo. Não sou contrário a esses processos não, absolutamente, sou muito favorável a eles, mas o principal é aquele que o aluno tem de professor, esse é o mais importante. Nós por exemplo, no momento estamos atravessando aí um problema desagradável, infelizmente, provocada por suas excelências entre os políticos que nós temos por aí. Para não falar coisa bem pior, então você vê a nossa constituição, prevê, se não me engano, artigo 127 ou 227, prevê fala em exercícios formais e não formais. O que é exercício não formal? Jogar palitinho é exercício não formal. Esse detalhe estúpido de exercício formal, não formal. O artigo é 217: é dever do estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um observadas pelo conselho primeiro, porque só espore, porque não atividade físico-desportiva? Não é esporte atividade prático-desportiva formais. Aí já começa uma coisa que não me agrada. Depois o artigo 227: dever da família da sociedade, assegurar a criança e ao adolescente com absoluta prioridade, de direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, do respeito a liberdade, é dever do Estado promover, isto por intermédio sendo que essas mudanças, provocadas pela política, tem sido um aspecto muito negativo na evolução da nossa Educação Física, vai alguém para a Secretaria de Esportes lá em Brasília. Lá o indivíduo começa a fazer um trabalho bom, bonito, o sujeito fica todo entusiasmado. Acompanhei até uns anos atrás, estava lá o Tubino, doutor em Educação Física, em Bruxelas, conhecedor, vive o problema na Gama Filho e vinha fazendo um trabalho espetacular. Agora tem um jogador de voleibol lá, agora tem político. Aí é que a coisa não vai, cai tudo no Conselho Federal. O Conselho Federal é legislativo, não tem nada com o executivo. Eu acho perfeito complementação do curso de graduação. O diploma que ele vai receber, bacharel, professor, não sei o licenciado

em Educação Física cabe bem. Depois disso, ele deve ter alguns títulos de especialização e entre eles o de técnico-desportivo, Bacharelado em Esporte, acaba com curso de técnico desportivo? Especialização é uma outra coisa. Agora aqueles realmente interessados na carreira universitária, tem que fazer mestrado e algum outros mais interessados na pesquisa, aí o Doutorado. Aí puramente é pesquisa, o doutorado é puramente pesquisa, depois de ter passado por todas as categorias inferiores. Todas as universidades são baseadas no tripé: ensino, pesquisa e atendimento à comunidade. Mas nem sempre se faz isso com uma base mais sólida, um artigo da folha do atual Reitor da USP, comentando sobre o serviço à comunidade é importante. Agora precisa dar condição para o indivíduo fazer pesquisa. Na USP, eu pelo menos sofri um processo de leis, que me desagradou muito. Eu consegui com um sacrifício tremendo a dedicação exclusiva consegui porque eu trabalhava em 2/3 lugares, na escola, e em mais ou 2 lugares. Eu via a condição que mais tarde, por idade, por uma série de razões, não teria condições de trabalhar em 2/3 lugares. E nessa época, não daria, então, eu me interessei pela dedicação exclusiva que, quando eu me aposentasse teria um salário que eu imaginava razoável. Abandonei. Naquele tempo estava no auge, como técnico, ganhando tudo, com resultados muito bom, tinha sido campeão mundial, vice-campeão mundial. Tive que largar tudo que a lei não permitia, porque era dedicação exclusiva. Uma legislação estúpida, porque se você apenas dedicação integral a USP, muito bem eu trabalharia o dia todo na USP e a noite trabalharia em outro lugar. Então eu na época, eu senti e muito coisa que eu levava da USP para o clube, ou para as seleções, eu também trazia das seleções, para a USP. E aí parou, eu só fiquei dentro da USP. Fiquei ilhado, erro de lei. A lei me obrigou a ficar isolado do mundo. Hoje, felizmente isso está ultrapassado. A prática a teoria, houve tempo, eu acho que até tem livros meus que eu descrevo sobre isso que se criticava muito os teóricos. Eu muitas vezes fui chamado de teórico, agora, eu reconheci que eu era teórico, mas eu levava a teoria para a prática e a prática para a teoria. Agora nós estamos só na teoria? Ninguém mais faz, ninguém. Eu me lembro, por exemplo, impliquei quando estava começando a ensinar basquete, com aquele que a gente chamava de posição de guarda, posição básica, porque pernas separadas, assim e abaixado, seria uma vastíssima de uma pesquisa. Eu lá pensava em pesquisa. Mas fui descobrir o porque. Eu fui descobrir que tinha o triângulo, teria que cair o centro, perpendicular, porque não perdia o ser as 2 pernas, se não perdia o equilíbrio anterior-posterior, afastado lateralmente. Fui descobrindo isso aos poucos, não tem essas facilidades que tem hoje. Hoje, apertava meia dúzia de botão do computador, estava resolvido o meu problema. Sou a favor, mas continuo botando o meu ponto de vista: a melhor avaliação é a que o aluno faz".

DEPOIMENTO Nº 05

"O curso de Rio Claro, ele foi feito na época, numa possibilidade de realmente se criar uma área de Educação Física. dentro da UNESP, que não existia. Então, a concepção era um curso de licenciatura, inicialmente, um curso de licenciatura com uma capacidade para formar nos profissionais de uma forma abrangente, que pudesse na época, capacitar profissionais de Educação Física. para atuar nos mais diferentes segmentos, tanto escolar, como não escolar. Então era um currículo bem amplo na época, bem abrangente, contemplava estas duas áreas, o aspecto pedagógico e o aspecto da formação profissional, apto para trabalhar também na área esportiva e tinha uma preocupação também de atender os três objetivos da universidade da UNESP e da USP, que era o da docência, da pesquisa de extensão à comunidade. Havia já uma preocupação na parte de pesquisa, com metodologia da pesquisa, já no primeiro semestre. A preocupação também na época de estágios supervisionados para que principalmente em se tratando de UNESP a ligação com a comunidade é muito forte, a aproximidade de diversas instituições existem, são evidente de uma forma mais facilitada. De certa forma eu levei toda a minha experiência na época em que eu fui coordenador do curso de participação de uma reforma de currículo existente aqui na USP, levei esta experiência para lé e sabia que é claro, um currículo não pode ser definitivamente acabado, sofre alterações ao longo do tempo e das próprias tendências da área. Em princípio, nós podemos dizer qual é o corpo, o pessoal docente que estava assim em condições de atender já aquela primeira demanda curricular, se possível gente com experiência, com ensino superior, já com formação de pós-graduação. Eu procurei na época fazer uma indicação para que eles fossem contratados, a grande maioria já eram pessoas do interior da própria USP, aqueles te tivessem inclusive alguma ligação com a própria cidade, pode ser, três ou quatro casos ainda na área específica de Educação Física. Como era um curso novo e o departamento, ele não era nem um departamento e sim era ligado diretamente um instituto de ciências, então as outras disciplinas do currículo, elas eram administradas pelos professores do próprio departamento. Agora é a peça de montagem, de contribuição, de definição, da própria filosofia inicial do curso, mas eu fiquei pouco, um ano, mas eu tive a satisfação de começar, foi um processo muito rápido, havia um momento político favorável, uma intenção da reitoria da Unesp em acelerar a criação do curso. Eu me lembro que nós começamos a programar, a primeira conversa sobre o curso foi em janeiro, meados de janeiro, o curso foi aprovado antes de abril. Nós tivemos todo o ano para preparar, as providências a serem tomadas, porque não existiam instalações, houve um entendimento com a prefeitura de Rio Claro, recebeu as instalações para as aulas práticas, durante algum tempo o curso funcionou no ginásio de esportes. Tivemos que fazer algumas adaptações de local para as aulas teóricas e práticas também, até que o próprio instituto criasse condições para as instalações específicas. Fiz o curso de Licenciatura na antiga Escola de Educação Física que hoje é a USP. Depois eu iniciei o mestrado aqui e fui terminar o meu mestrado nos Estados Unidos. Fiz o meu doutorado nos Estados Unidos, na área de administração e currículo, essa área minha de concentração em Educação Física e aí segui a minha carreira universitária que paralelamente a minha atividade acadêmica, tive a

minha atividade muito ligada com o treinamento esportivo, tempo prestei assistência a seleção brasileira durante 10 anos em basquetebol, cheguei a ser técnico da seleção principal, então tenho uma vastíssima experiência na área de esporte competitivo. Na parte acadêmica, eu tive muita experiência administrativa como chefe do departamento durante 5 anos, em diversos colegiados da própria USP. Fiz parte de um grupo que teve que assumir uma série de responsabilidades, porque a própria Escola de Educação Física estava em período de transição com a capacitação profissional das pessoas com titulação, diversos doutores com curso de pós-graduação. Eu fiz parte de um grupo que retornou logo quando o pessoal que estava para se aposentar, então eu tive que assumir uma série de obrigações, inclusive na parte administrativa, colaborando, participando. Na época da minha formação em Licenciatura, a Educação Física tinha uma preocupação mais diretamente ligada a parte de docência, ouvia se falar muito raramente em pesquisa, havia uma grande preocupação, falava-se muito superficialmente, depois é claro a participação, você começa a ter uma visão totalmente diferente daí das possibilidades de pesquisa e do ensino. Veja bem, eu acho que a Escola de Educação Física, já está muito adiantada, a proposta que está sendo implantada agora, eu vejo o seguinte, nós temos que ter além da preparação profissional do indivíduo como experto na área em que ele estava envolvido a preocupação com o mercado de trabalho e culturalmente entre nós, o mercado de trabalho, ele é regulamentado por legislação, nesse aspecto eu tenho minhas dúvidas, minhas inquietações a respeito ao aproveitamento do pessoal no mercado de trabalho. Eu entendo também que toda e qualquer reforma curricular, ela passa por um período de dificuldades até para aceitação, porque é uma mudança e toda mudança gera uma série de espécie, então esse currículo, por exemplo, está até agora encontrando resistência, ele encontra resistência porque ele foi concebido teoricamente de uma forma muito correta e na prática teria muita dificuldade em como ele foi concebido, sem muita transparência com relação a visão existente de quem consegue o currículo na modalidade esportiva. Então, isto ficou muito claro, acabou gerando uma série ou desconfianças por parte das pessoas que realmente seriam responsáveis pela implementação do currículo, tanto é que os debates sempre foram muito, de uma exaustão na discussão do assunto devidamente político, estabelecer a profissão desse currículo, o próprio Conselho Federal de Educação, quando ele definiu, existiu uma minuta que era cuidando da Educação Física, em seguida a essa minuta, era transformada em Licenciatura e ou Bacharelado e pela inclusão da palavra Bacharelado acabou gerando uma série de dúvidas, aproveitando o momento para poder enfiar o termo bacharelado e que ele possa ser tão, no aspecto legal. Muito bem, eu participei dos debates iniciais, e eu procurei na época demonstrar toda a minha inquietação. Inquietação no sentido de que as coisas estão muito mais claras do que estavam e que nós não poderíamos incorrer num processo de tentativa e erro, porque nós estaríamos pagando talvez ou alguém estaria pagando por isso e nós poderíamos ter algumas vítimas desse processo. Nós, democraticamente, eu na época que chefiava o departamento aceitei, mas alertei, tanto alertei que tenho até hoje registrado em ata na época da elaboração do currículo, uma declaração que eu ficava muito preocupado com a implementação do currículo, principalmente de Educação Física, porque eu via uma série de problemas não só no aspecto administrativo e professores e tal, a concepção do próprio currículo na formação do pessoal que estaria voltada para a área

educacional do docente, posso citar um exemplo, que o professor que estava formando através desse currículo, talvez ele não precisasse nem saber nadar para exercer a profissão, talvez nunca tivesse entrado em uma piscina, até que ponto isso tem importância ou não era para se discutir, se realmente havia necessidade disso. Eu acho que você tem que ser pro-suficiente em no mínimo de movimentos inerentes a sua profissão e o movimento digamos usado em natação ele é inerente. Não precisa também ser pro-suficiente nos gestos básicos de atividades esportivas, eu não estou falando do bacharel em esportes, estou falando do bacharel em Educação Física, entendendo que esse bacharel vai naturalmente complementar a sua formação com a licenciatura. Mas, entenda também que foi uma tentativa que mereceria na época uma discussão muito mais ampla, para que a gente não ficasse tateando na elaboração do currículo de tal maneira que depois tivesse que remendar aquilo que inicialmente poderia se propor. Eu tenho ainda muita dúvida, principalmente em relação a o que existe em Educação Física no Brasil, em Educação Física no Esporte, que é a possibilidade de nós melhor termos em Educação Física uma atividade esportiva mais adiantada nas escolas, sem poderes de bacharel de Educação Física responsável pelas atividades em escola, e que não tem formação ou conhecimento suficiente na área esportiva para poder arcar com a responsabilidade de orientar esporte na escola. Então veja bem, aí é um paradoxo, então a escola vai se valendo de profissional, de bacharel em esporte. Esse bacharel em esportes não tem formação suficiente na área pedagógica para poder entender. Ainda existe conflito nesse aspecto, a própria escola, o próprio corpo docente ainda tem dúvidas a respeito disso aqui. E há uma esperança que com o passar do tempo, essas dúvidas sejam eliminadas o mais rapidamente possível. Confio nisso, essa expectativa que isso possa acontecer para que aqueles problemas inicialmente, não venham a tona, o que seria muito difícil, você entender 2 ou 3 gerações de profissionais, formar, capacitar estes profissionais e eles não terem condições de realmente atender. Eu conheço muito bem o Parecer, eu acho que o Parecer sobre o ponto de vista de avanço, ele realmente avançou. Vamos por parte, as reais necessidades da sociedade brasileira, eu diria o seguinte: como eu disse, esse currículo está muito avançado no tempo, então a expectativa desse currículo é trabalhar numa sociedade brasileira no ano 2020, sei lá. Como o currículo te dá a possibilidade de você montar de acordo com as características regionais, nesse aspecto o Parecer, acho que ele contempla bem. Te dá esta abertura, autonomia aqui como se diz, no código de uma educação permanente, integral. O currículo mínimo, ele possibilita isso, o grande problema que existe é a diferença entre o ideal e o real. Todo currículo ele é ideal, então veja bem: se o conflito todo que existe até que diferenciar, em separar a Educação Física do Esporte, filosófico que existe aí, acho que ele vai acabar tomando muito mais tempo para discussão do que realmente aquilo que o próprio Parecer previa. Eu acho aí, aqui no nosso caso há uma preocupação de ambas as áreas, de mostrar que uma pode viver separadamente da outra. Eu não tenho certeza disso, pelo contrário, eu tenho convicção, embora não comprovada de que as duas áreas devem estar extremamente interligadas em função desses anseios da sociedade brasileira, não há como se afastar do anseio da nossa criança e do nosso próprio praticante esportivo. Ele é muito, ele é muito bombardeado pela mídia, demais, e em função disso eu vejo o currículo de Bacharel em Educação Física totalmente, tendencioso nesse aspecto. E quando eu falo

no currículo, eu estou falando de pessoas que querem complementar esse currículo, não estou falando de estágio puro e simplesmente da disciplina, a forma como esse currículo vai ser implantado estou me reportando aqui a Escola de Educação Física, que historicamente tem sido até de modelo para outras Escolas. Então diante disso eu acho que a gente teria que discutir muito mais, gostaria de ter muito mais retorno das pessoas que saem para a luta da realidade educacional aí fora para que os consertos da prática pudessem ser providenciados. Eu não vejo uma separação entre Educação Física, Esporte, eu acho que esta separação é uma separação que contribui até para se desagregar o povo na área. E quanto a ciência ela não está consolidada ainda, na medida em que o corpo de conhecimento de Educação Física ainda se vai muito de outras áreas afins. Quanto a Motricidade Humana, sem dúvida nenhuma é o que justifica talvez a existência de Educação Física, de esporte como uma atividade até uma área acadêmica ou profissional, pode até, vamos até caminhar para um futuro que a motricidade, para poder ser realmente elemento catalisador, daquilo para que aconteça com a própria Educação Física, Esporte, nós vamos caminhar para isso. Mas, essa separação entre Educação Física, Esporte, eu não tenho uma concepção formada de que ela é necessária, no que ela contribui. A minha responsabilidade no momento, ela está voltada a implementação de um currículo em Bacharel em Esportes, eu pertenço ao departamento, eu tenho a responsabilidade de algumas disciplinas do departamento, e a minha grande preocupação como responsável por estas disciplinas é não me deixar levar pelas minhas convicções, mas aquilo que foi aceito pela maioria. Eu creio que, o próprio Conselho, determina que eu tenho que cumprir, embora eu acho que é importante você estar sempre discutindo isso, colocando para os alunos essa separação. Esta, eu vejo que nós caminhamos muito em relação a isso do que existia a dez anos atrás, há uma preocupação de realmente se procurar moldar o ensino com base em conhecimentos extraídos de pesquisas, de estudos para que não se cometa erros, e para que se possa conduzir melhor, tentar melhor a nossa atividade acadêmica, profissional. Eu vejo que a gente caminhou muito em relação a isso. Na parte de extensão é sem dúvida, a atividade inerente da Educação Física, esporte, ela facilita muito, maior beneficiado. A avaliação ela é necessária, um Feedback importantíssimo para quem avalia e para quem é avaliado, acho que a universidade está caminhando com muita cautela nisso porque há um perigo quanto ao constrangimento pela interpretação de dados, principalmente quando os avaliadores não tem plena consciência da importância da avaliação, nesse aspecto a universidade toma os cuidados necessários e fundamentais quanto a isso, e vejo também que nós ainda não temos ainda instrumentos de avaliação, totalmente fidedignos, é uma área que a gente ainda tem que procurar instrumentos que possa realmente nos dar um retrato daquilo. Nós estamos caminhando para isso, sem dúvida. Olha, a crítica que eu teria é a seguinte, é uma crítica muito lógica, é fundamental que as pessoas que são responsáveis por preparação profissional, tenha uma vivência muito forte, principalmente no mercado de trabalho, e a universidade, na nossa área, ela não oferece facilidade para isso. Não oferece porque a universidade não conta com a infra-estrutura que possa por exemplo, a atividade esportiva, nós não temos nenhuma universidade que possa oferecer um clube escola, para que as pesquisas e as práticas de ensino pudessem ser desenvolvidas exatamente naquilo que a comunidade determina, comparando-se por exemplo com escola de medicina, isso já acontece. O bacharel em medicina, ele

através da sua residência, ele sai talvez com amplos conhecimentos, porque a universidade oferece uma infra-estrutura de hospitais, escola, que ele realmente adquire na prática. A Educação Física existe muita dificuldade nesse sentido, muita dificuldade e para isso é preciso que o profissional esteja atento, muito ligado no que acontece aí fora, o que acontece aí fora dos muros da universidade normalmente o acadêmico não é muito bem aceito, há uma certa resistência a participação do acadêmico, digo isso por experiência própria, tem que ter muita habilidade no momento que entra em contato com pessoas da área de esporte, na área educacional, fora da área de Educação Física, porque realmente não facilita as coisas, então isso até tem contribuído para que pesquisadores e elementos expertos em preparação profissional desconheça essa realidade. O outro perigo, eu vejo, é que o referencial teórico utilizado por pessoas que, profissionalmente é o referencial, valores completamente diferentes dos outros. Sim, o ponto crítico, mesmo porque nós não temos isso, mas isso não pode se servir como referencial, pura e simplesmente para justificar pontos de vista. O que acontece nos Estados Unidos e acontece na Europa em termos de realidade brasileira é uma coisa muito estranha, este é o outro ponto crítico. é preciso tomar muito cuidado ao se definir conceitos puro e simples, porque infelizmente entre nós há uma tendência em que aquilo em que se define, se propaga é totalmente aceito. Eu vejo que realmente existia isso, e que deve continuar existindo, não é porque existia, que nós vamos deixar de atender, ele deve continuar existindo. A formação genérica das outras atividades inerentes a área de Educação Física, que ora contemplada da época, elas deviam existir como estão existindo agora, mas eu não vejo que a fusão, digamos assim, de outros elementos a formação profissional possa vir em detrimento do conhecimento da atividade esportiva porque se pensava nestes anseios reais, necessidades, anseios da sociedade brasileira, o esporte está totalmente estruturado a isso. O esporte no Brasil ele faz parte, a sociedade espera, ele é um fenômeno perfeitamente aceito pela sociedade. Todos reconhecem essa importância, tão importante que se discuti até a possibilidade de troca deste ou daquele técnico de seleção nacional com um ministro de estado que não está cuidando de outra coisa. Vejo que o esporte é saúde na sua grande maioria, mas vejo que o esporte também tem o seu aspecto negativo, a violência no esporte, uso de drogas para tirar vantagem esportiva, mas estes aspectos negativos, comparando-se com os benefícios que o esporte proporciona a quem pratica, eles são muitos pequenos. O esporte bem orientado por profissionais capacitados, só contribui para uma sociedade mais feliz, mais sadia, mais integrada. Estes aspectos negativos que existem no esporte, ele existe em todas as atividades profissionais, atividades do ser humano, estão muito longe de negar os efeitos positivos que o esporte proporciona. Por exemplo,, vou passar para a atividade artística, talvez o pintor necessita de um certo relaxamento para poder pintar melhor, ele usa isso através do cigarro. O próprio cantor talvez use a bebida para poder encontrar o momento de relaxamento de sua tensão, seu stress, aí podemos dizer que ele só vai cantar melhor se ele beber, ingerindo álcool e tal, então parte do princípio que a atividade artística, ela é nefasta, porque obriga o sujeito a ingerir álcool, não tem nada a ver com este aspecto negativo. Agora, o homem pela sua própria formação, ele é um ser competitivo, o esporte bem orientado pode lhe dar essa noção de sensação, de competição, tudo vai talvez transferir para o seu cotidiano, nesse

aspecto, no aspecto de uso do seu próprio corpo em termos de motricidade humana de movimento, a prática do esporte só contribui para as funções vitais do indivíduo".

DEPOIMENTO Nº 06

"Bom, em princípio, eu sempre quis ser professor de educação física e fui ser militar por acidente. Porque quando eu desejei fazer o curso em São Carlos para fazer junto o tiro de guerra, porque eu completei 18 anos. Naquele ano começaram a exigir o clássico científico para prestar o vestibular para a escola. Então eu tive que ir para a Polícia Militar, eu fui para a Escola de Cadetes e depois de 3 anos, eu recebi uma outra carta de São Carlos dizendo que não precisava mais do clássico ou científico, bastava o ginásio. Outra vez, eu comecei a fazer o curso de educação física. Nessa oportunidade, eu descobri na Escola de Cadetes, que a Polícia Militar tinha a primeira Escola de Educação Física do Brasil, que o curso era realizado em nove meses, que era equiparada ao curso civil e que o primeiro colocado ficaria como professor na Escola. E naquela oportunidade, eu era um esportista até razoável, então eu achei que eu poderia fazer o curso de educação física, quando eu me formasse oficial. Eu seria um tenente e seria um professor de Educação Física e aconteceu isso direitinho. Em 59 eu fui fazer o curso, fui o primeiro colocado no curso e fiquei na Escola como instrutor. E o meu curso, eu me saí bem mais por causa das matéria práticas. A gente tinha ginástica geral, tinha ginástica de aparelhos, natação, todas as provas de atletismo, os esportes coletivos. Mas, não era um curso assim de dar processos pedagógicos. Eles ensinavam a técnica de cada uma das modalidades esportivas. Era quase que mais um cursinho de técnicas desportivas do que um curso para formação de professores. E eu depois fui para Escola, fui instrutor de esgrima, sou mestre também. Fui inspetor de metodologia da Educação Física, o antigo regulamento 7, fui instrutor de ginástica de aparelhos e de ginástica geral. Na oportunidade a gente só tinha como ginástica geral o regulamento 7, a calistenia e um ante projeto do método eclético que foi idealizado pela Escola Nacional de Educação Física, mas, que o pessoal da divisão de Educação Física na oportunidade não aprovou porque havia um desentendimento político entre as duas entidades. Então este ante-projeto do método eclético, eu acredito que muita gente não tenha nem conhecimento dele hoje. Mas era um Francês, mas era um método francês melhorado e eu usei muito na oportunidade, porque ele era melhor que o método francês. Mas, para naquela oportunidade, na Escola de Educação Física, baseado naquela 7 famílias do regulamento 7, que é o método francês, a gente tinha umas provas de campo para ingresso na Polícia Militar, 100m rasos, subida em corda, salto em distância, salto em altura, arremesso de peso com os dois braços, levantar um saco de 50kg e correr com ele 50m e uma prova de 1000m. Eram as provas que a gente fazia. Seletiva para entrar na Escola. E dos 720 pontos possíveis nessas provas, eu fiz 670 num ingresso da Escola e dentro do curso ei consegui fazer a pontuação máxima que era os 700 pontos. Eu estou dizendo isso, porque eu acho que o professor de Educação Física tem que fazer uma parte prática também e deve, quanto melhor ele for de prática, melhor para poder mostrar aos seus alunos, através de uma demonstração como é o exercício que ele está querendo de qualquer modalidade esportiva, eu acho também que o professor deve ser eclético. E eu procurei ser eclético e fazer um pouquinho de tudo, embora não fosse especialista de nenhuma disciplina. Hoje eu sou um afeiçoado da ginástica olímpica, gosto, sou apaixonado por ela. Acho que é um dos

desportos mais lindo que tem. Mas eu quando era garoto fazia de tudo e para a minha prática, ainda faço um pouquinho de tudo. Eu acho que em suma, o nosso aluno pode ter a possibilidade de fazer o maior número possível de habilidades motoras diferentes, de gestos diferentes para conseguir uma melhor coordenação. E deve ser apresentado ao nosso aluno a maior quantidade possível de esportes para que ele possa escolher dentro dessa quantidade o esporte que ele melhor se adapta para poder ser um campeão. Muitas vezes ele é um campeão intrínseco e a gente não soube descobrir aquela capacidade dele ser um campeão. Compete a nós professores descobrir os talentos para mandar depois para um clube para um técnico especializado. O teste de aptidão, eu acho que, se você tiver que escolher entre um indivíduo que seja mais, menos apto, embora, esse menos apto possa intelectualmente ser muito bom, não desfaço assim da possibilidade de você ter assim um indivíduo muito inteligente, que passa ser muito útil para a Educação Física, embora não tenha habilidade nenhuma. Mas, se você faz uma prova teórica, uma prova prática. Pode até fazer a prova prática como a gente tem feito hoje na Universidade. O indivíduo é selecionado teoricamente. Então você pega os mais inteligentes, espertos, mais inteligente, você pega os mais aptos também na parte prática. Então eu acredito que a parte prática para quem vai fazer uma atividade que seria prática é bastante útil e o professor pode ter um resultado muito mais satisfatório. Não nego que você possa ter as cabeças intelectuais que possam colaborar com você, trabalhando em laboratório, fazendo pesquisa, etc. Eu acho, inclusive, hoje, nós temos um pessoal muito ligado a parte de pesquisa, na prática, praticamente não faz nada. E nós temos um pessoal que é muito prático e na base intelectual da pesquisa científica nunca tiveram a oportunidade de fazerem nada. Eu sou daquela época que você não pesquisava, então você tinha que procurar descobrir, procurar fazer o melhor para o seu aluno. Mas, eu sinto, que eu mesmo fui bastante prejudicado porque o pessoal não tinha um conhecimento científico. Então não passou conhecimentos. Eu conheci a anatomia simples, cinesiologia praticamente nada, biometria só uma medidinhas, mas o que se fazia era muito pouca coisa. Então o que eu tive que aprender de fisiologia do esforço, nutrição, biomecânica, foi estudando depois de formado. E a gente naquela oportunidade falava: o diploma é para que você tenha o título, agora você vai aprender depois. Porque com um ano, dois anos ou três não dá para uma Escola de Educação Física formar realmente um bom profissional. Então você vai ter que se dedicar depois na sua especialidade. Dá escola é um meio de você obter um diploma, um título. Agora, a sua competência não vai depender só do curso que você fez. Vai depender do que você estudar depois. E hoje eu acredito que ninguém possa ser muito bom se realmente não estiver envolvido com pesquisa também. Na época eu até gostava, porque eles falavam muito que: a concepção de Educação Física seguia o triângulo grego - que o fim era o físico, o intelecto e o moral. Não bastava você ter um físico bonito, você tinha que ter uma cabeça muito boa e ter uma moral muito boa também. Então você fazia esportes coletivo, mas não podia ter chute, ter coisas irregulares acontecendo, quer dizer, falta muito brusca, o professor devia parar, devia chamar a atenção, devia corrigir, a parte moral. Essa parte de união, de sociabilidade tinha que trabalhar em conjunto, que é a união que faz a força e não isoladamente. Tinha indivíduo que era muito egocentrista, que queria aparecer demais. Então eu acho que na época mesmo a gente fazia isso, visava através da atividade física, educar

através do físico. Então você fazia uma atividade física procurando educar também o garoto. Eu sempre trabalhei assim, por isso eu me julgo um pedagogo, através da atividade física procurar colaborar com os pais para a educação do moleque. Não é só tirar o couro, não é só dar condição física para ele. Então você tem que aproveitar as horas que aparecem no esporte coletivo para educar melhor, para orientar melhor o garoto. Mostrando que ele tem que ajudar os outros para também ser ajudado, porque ele tem que colaborar com a coletividade, para a coletividade ajudá-lo também. Eu acho que sim, eu acho que aí eu faria uma crítica. O pessoal que trabalha muito hoje com pesquisa científica, eles estão vendo muito a parte técnica, aqueles mínimos detalhes, a mínima gotinha, o mínimo pesinho para ser direitinho para que o indivíduo consiga o máximo possível da possibilidade dele. Inclusive dentro do mundo, o pessoal está estragando com a saúde do campeão para poder dizer que ganhou mais uma medalha de ouro. Então, eu gosto, por exemplo do trabalho da França que fazem primeiro com que os indivíduos sejam um bom cidadão. Se ele for um esportista de alto nível, é um acidente. Agora você pega um país como a União Soviética, uma BBR que sugam tudo que podem do atleta para que ele ganhe mais uma medalha de ouro para o país. E depois de um ano ou dois você vê o atleta desaparecer do mapa, porque a saúde dele praticamente não existe mais. Então hoje, eu acho que o pessoal ligado muito a pesquisa está procurando conseguir um alto nível a qualquer custo. E esquece então que a grande maioria desses garotos que dão aula hoje, dão aula de esporte coletivo, dão aula de ginástica, mas não pensam quase que nada dessa parte moral e intelectual do garoto. Eu acho que não porque existia só o regulamento 7, a gente tinha esse como o único no mundo, veio da França, através da missão francesa. Tinha os alemães que trouxeram aquele antigo método alemão, mas esse regulamento 7 veio mais mastigado. A missão francesa veio aqui e montou essa Escola, que foi a primeira do Brasil, essa Escola que deu origem a Escola de Educação Física do Exército. Essa Escola preparou os primeiros professores que entrou na própria Universidade de São Paulo. Diziam na própria Escola, os mais antigos, que o próprio currículo da Universidade de São Paulo foi feito inicialmente decorrido da Escola de Educação Física da Polícia Militar. Eu não tenho prova disso ainda. Só por ouvir dizer. Mas, a gente podia ver dentro da própria Universidade, a antiga Escola Superior de Educação Física, que era lá no Ibirapuera, cujos professores treinavam todos no Calhembé, Daiuto, Boaventura, Jarbas Gonçalves, etc no curso, na piscina lá do tietê. Quer dizer, esses professores talvez pudessem adiantar alguma coisa nesse sentido. Os primeiros currículos da Escola Superior de Educação Física também vieram da Escola da Polícia Militar. Eu acho que, eu mesmo me sentia assim, desconhecendo as outras disciplinas. Eu acho que um professor hoje tem que ser mais eclético. Ele tem que entender um pouco de tudo. Ele pode ser um especialista na sua área de basquete, de vôlei, de natação. Mas, ele tem que entender de biomecânica, ele tem que entender de nutrição, ele tem que entender de fisiologia do esforço, ele tem que entender de pedagogia, ele tem que entender de psicologia. E hoje eu procuro me superar nisso. Quer dizer, onde eu acho que estou falho, eu estou procurando me modernizar para acompanhar a evolução e estar sempre colaborando de uma forma melhor para os meus futuros alunos. Eu não participei ativamente dessa reestruturação curricular. Sei que agora nós estamos lá com dois curso: Bacharel em Esportes e Bacharel em Educação Física. Estamos também com

o curso de Licenciatura em Educação Física. Licenciatura agora no próximo ano, é o último ano desse antigo currículo da Licenciatura. Agora, foram aprovados dois currículos e aí eu faço uma crítica, porque nós discutimos muito na Universidade, embora tem dois, o bacharel em Educação Física com um currículo totalmente teórico. Eu acho que o professor de Educação Física deve ter uma orientação prática também. Nem que seja de simples processos pedagógicos e poderem orientar o seu futuro aluno. Mas, na Universidade hoje estão formando um bacharel em Educação Física para dar aula para 1º e 2º graus sem nenhuma orientação prática. Ele vai ter aula de basquete, de natação, de vôlei, tudo teórico. E nós temos um bacharel em esporte que visa mais a parte prática, formando o futuro professor, mais um técnico desportivo, e aí também uma crítica, porque todo o aluno que preste o exame em bacharel do esporte e com esse exame prático, nós estamos recebendo, inclusive, um pessoal melhor que era a antiga Licenciatura. Com efeito prático das disciplinas práticas, mas esse pessoal vem sem orientação nenhuma, sem base nenhuma sobre os processos pedagógicos, sobre a base dos esportes, nos esportes de uma forma geral. Na minha disciplina principalmente, ginástica olímpica, eu não poderia dar para o curso de bacharel, é um curso quase que técnico, técnico desportivo, fazer parte técnica, eles não tem orientação nenhuma básica de solo, ou de barra ou de paralela ou de cavalo. Então eu tenho que me desdobrar, dar inicialmente um curso sobre processos pedagógicos, uma orientação básica em cada aparelho, para depois dar uma orientação técnica desses mesmos aparelhos. O bacharel em Educação Física seria segundo me consta lá, voltado para a Escola de 1º e 2º graus e o bacharel em Esportes seria voltado para clubes, entidades, instituições, para fazer organização, para administrar, para ser técnico. E o lazer, entra onde, no bacharel, eu acho que entraria dentro da Educação Física também. Porque o bacharel em Esporte é mais modalidades esportivas de forma geral, nós temos inclusive no currículo uma disciplina chamada - se não me engano - disciplinas alternativas, que compõem todas as outras modalidades esportivas, como squach, tênis, esgrima, cavalaria, que não tem uma modalidade específica, como basquete, vôlei, natação, atletismo. Então tem lá disciplina alternativas I, alternativas II, onde vai aprender tênis de mesa, esquiar na água. A disciplina basquetebol em bacharelado em Esportes, é trabalhada somente teoricamente. Aí eu acredito que o professor tem uma carga horária pequena inclusive apenas para dar uma parte de psicologia ou pedagógica sobre, mas tudo teórico. Hoje, realmente nós estamos pensando como é que vai sair esses alunos. Os próprios alunos, alguns deles estão querendo mudar de curso porque não é aquilo que eles queriam. Embora nós temos todo ano 50 vagas para a Educação Física e 50 vagas para o Bacharel. Nós vamos ter que esperar terminar o curso para ver como é que isso vai ficar. Mas a tendência, eu acredito, é que o pessoal é capaz querer tudo voltar é para o Bacharel. E a vantagem do Bacharel em Educação Física é que ele pode depois do curso fazer licenciatura em educação física e ser também um licenciado e o bacharel em esportes até agora não tem essa condição. Eu acho em princípio que a gente tem que dançar de acordo com a música, você tem que dar aula de acordo com as possibilidades do seu aluno; não adianta você querer introduzir muita coisa teórica, muita parte intelectual em cima duma cabeça que não tem capacidade para receber esses ensinamentos. Não adianta você querer ensinar uma cesta de basquete para um aleijado que está todo descoordenado. Então um

indivíduo todo descoordenado vai precisar de fazer uns exercícios, bem mais aquém em matéria de dificuldades, para ele melhorar mais gradativamente. Eu acho que a gente coloca muita coisa no papel, muita teoria que deve ser seguido, mas no fundo, você vai ter um pessoal que você tem na mão e você vai ter que fazer uma adaptação com esse pessoal que você tem na mão. O problema que diz de região. Você no Norte pode dar um curso de Educação Física de acordo com as necessidades do norte, dos materiais que você tem na mão. Você não pode dar o mesmo curso que você tem aqui no sul. Você tem uma Universidade de São Paulo, você tem um Rio Grande do Sul, você tem um Paraná que tem capacidade de dar cursos espetaculares. Mas, lá no norte, eles tem dificuldades de corpo docente, dificuldades de material, dificuldade de tudo. Então você não pode dar o mesmo curso. Mas, lá você também forma professores de Educação Física e recebem o mesmo diploma e tem as mesmas condições que todo mundo. O pessoal de lá está vindo para fazer doutorado, mestrado. Sai de lá, vão para EUA. Mas, realmente é uma cabeça diferente é uma maneira de trabalhar diferente, são regiões diferentes e material diferente, equipes diferentes de trabalho. Quer dizer, isso varia muito, esse Brasil com essa extensão de oito milhões de quilômetros quadrado é grande demais para você ter uma uniformidade. A França, por exemplo, você tem um Ministério da Juventude Esporte, você tem os departamentos, você tem a região, num programa único, todo mundo segue aquilo. Então é fácil você trabalhar assim, e até o povo de uma forma geral se beneficia. Mas, no Brasil é difícil você trabalhar com o norte e sul em igualdade de condições. Então eu acho que a teoria é muito bacana para você colocar no papel. E aí eu entro com aquela parte: a prática vale mais que a gramática. Então se você está dando aula no norte, você tem que dar uma determinada aula, um determinado curso. Se você está no sul, você tem que dar um outro curso e trabalhar de uma forma diferente. Estou na USP a partir de 68. Naquele tempo antigo a gente tinha um pessoal que tinha um nome, tinha renome em Educação Física, eu disse aí: Jarbas Gonçalves, Daiuto, Boaventura, Luís Ferreto. Esses professores trouxeram alguns professores de fora: Listello, o Di Jonhson, Schimidt da Austria. Fizeram aqueles cursos internacionais a partir de 51, através do DEF em Santos. A vinda daqueles professores ajudou muito na evolução da nossa Educação Física, mas era uma Educação Física que veio melhorar um pouquinho a nossa, porque a nossa era regulamento 7, eles trouxeram mais uma educação física recreativa e aquilo inclusive fez com que alguns professores começassem a dar brincadeiras em sala de aula, em vez de uma atividade física recreativa, que era diferente. Eu acho diferente a desportiva generalizada pregada por Listello, que era um trabalho recreativo, através da atividade física e fazer aquelas avacalhações que alguns professores achavam que o negócio era brincadeira o tempo todo e não dava nada de objetivo na aula. Mas aqueles professores antigos, eles tinham alguma coisa na cabeça, principalmente nessa parte pedagógica. Pelos menos formavam moralmente bem o futuro professor. Tem muita gente boa hoje por aí, trabalhando dentro daquele esquema. Agora, dentro da parte científica era bastante falho, porque não se estudava cientificamente quase nada. E hoje o que eu vejo é que esses professores antigos, por exemplo, quando a Universidade mudou do Ibirapuera para a cidade universitária, eles não tinham mestrado, não tinham doutorado. Mas para ser professor da Universidade precisava ser doutor e pelo me consta eles foram doutores por decreto. Então eu era o catedrático da Escola Superior de

Educação Física e passei a ser o prof. doutor da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. Esses professores que não fizeram nem mestrado, nem doutorado, faziam parte das bancas que julgaram, inclusive eu, quando fiz o curso de mestrado, fui julgado por professor que não tinha feito mestrado ou doutorado. Eram antigos catedráticos da Escola de Educação Física. Então eu acho que eles tinham muito, parte muito boa, essa parte moral, parte de personalidade, que eles formavam o caráter profissional dos alunos. Mas, falhavam nessa parte científica. Hoje mesmo se for conversar com eles na parte científica, é capaz deles não saberem avaliar a evolução que teve a Educação Física de uma forma geral. Agora hoje, eu vejo isso, a despeito de você estar estudando cientificamente quase tudo, muita pesquisa por aí, todo mundo pesquisando, então tem muita pesquisa, que qualquer um que pesquisa pode dizer que são muito boas, mas sem finalidade nenhuma, mas existem algumas pesquisas bastante interessante que muita gente pode se aproveitar delas. Mas, o pessoal tem esquecido muito da parte pedagógica, a parte psicológica, a parte moral do futuro professor. Quer dizer. Eu acho, hoje, que a turma está se formando muito intelectualmente. Tem a cabeça muito boa para entender tudo teoricamente. A fisiologia do esforço e assim assado. A nutrição e assim, assim, o esforço físico, a biomecânica. Mas, na hora da prática, de ver a coordenação do movimento, eu acho que eles não tem as mesmas condições. Eu acho que existe duas coisas bem diferentes aí. O intelectual de Educação Física hoje e aquele mestre que fazia a parte prática. Eu como me sentia deficiente na parte teórica, eu estou procurando suprir isso. Embora sempre procurasse trabalhar da melhor forma aquilo que a gente tinha na mão. Hoje, eu penso mais na fisiologia do esforço, eu penso mais numa biomecânica. Podendo dessa forma conseguir com que meu aluno possa conseguir o máximo possível do próprio desempenho dele. Não, na realidade, eu li pouco a respeito da Educação Física, eu, quando eu fiz o curso, só tinha a história da Educação Física do Inezil Pena Marinho, tinha o regulamento 7, eu assisti alguns cursos internacionais, quer dizer, li alguma coisa de Piaget no meu mestrado. Gostei de uma frase dele que de tudo que ensinamos a criança estamos a impedindo de aprender. Então eu estou de acordo com que você deve fazer com que a criança tente criar alguma coisa, idealize alguma coisa. Não deve dar tudo de mão beijada. Fazer com que ela pense. Então esse problema da pesquisa eu acho bastante interessante porque nós também estamos pensando, estamos idealizando, estamos procurando fazer alguma coisa em prol da comunidade. Então essa parte eu acho bastante interessante. Antigamente, você demonstrava, você ensinava, mas, não explorava a capacidade do seu aluno, deles se desenvolverem por si só, pensando, usando mais a cabeça, usando mais o seu intelecto. Eu acho que isso é bastante importante, é um ponto bastante positivo, que vem enriquecer assim a nossa área. Eu acho que da discussão sai a luz, quando eu disse que eu fui examinado pelo próprio Go Tani, no concurso para Universidade e ele achou até que eu tivesse treinado a aula que dei, porque ele achou que foi mais um espetáculo feito e não uma aula prática e aí mostra assim o que é o indivíduo que é muito teórico e na parte da prática ele não é capaz de pegar uma classe e dar uma aula prática para demonstrar aquilo ele faz na teoria. Eu gostaria muito de ver o pessoal do desenvolvimento motor, a habilidade motora, motricidade humana dizer que teoricamente a coisa é assim e depois me mostrar na prática que realmente se confirme o que ele

diz. Quer dizer, eu dou muita habilidade motora, desenvolvimento motor, de acordo com a capacidade do aluno faça desenvolver sempre para melhor. Mas, eu acho que a gente tem que ter um olhar clínico para saber aquele que tem condições de fazer um exercício mais difícil e aquele que não tem. Eu não posso dar o mesmo exercício para uma classe toda. Tem exercícios difíceis. Eu tenho que selecionar os alunos mais habilidosos para poder ensinar esse movimento. Agora essa garotada, eu chamo hoje garotada, tipo Guilmar, Go Tani, quer dizer, eles estudaram muito teoricamente. O Guilmar foi jogador de basquetebol. Fazia uma parte prática de basquete, talvez tenha sido até um bom esportista e me admira que um professor que tenha feito tanta parte prática, hoje se apegue muito a essa parte teórica. E outra coisa que eu acredito um pouco desse pessoal mais moderno, principalmente aqueles que fizeram o curso de doutorado lá fora, é que como nos EUA é assim, querem fazer a coisa assim, como na Alemanha é assim, quer fazer aqui assim. Eu acho que tem que fazer uma adaptação; para Alemanha aquilo lá é muito bom, para o EUA, aquilo lá é muito bom, mas, aqui para o Brasil você tem que fazer uma adaptação ao brasileiro. O termo motricidade humana é discutido aí por todo mundo, quer dizer, o pessoal fala em habilidade motora, fala em desenvolvimento motor, fala em motricidade humana, quer dizer, é uma maneira do ser humano se movimentar através do seu motor que é o coração. Quer dizer, o importante aí para a gente seria realmente ver a parte do movimento do corpo humano. Quer dizer, o corpo humano está fazendo um movimento, ele está fazendo uma habilidade motora, capacidade motora, capacidade motora de força. A turma fala em força, mas, existe força física, força motora, então, já estão mudando o termo aí de desenvolvimento motor, força motora, flexibilidade motora. Eu acho que é um termo para se discutir e depois se for o caso, se fazer um conceito, uniformizar um conceito e através do próprio Ministério da Educação e Cultura dizer: nós entendemos por desenvolvimento motor, capacidade motora, motricidade humana isso. No fundo, eu acho que todo mundo entende a mesma coisa, só muda o nome: motricidade humana, desenvolvimento motor, habilidade motora. Eu tive a oportunidade já de falar sobre avaliação na Universidade. Como, por exemplo, eu fiz pesquisa, eu produzi durante o meu mestrado. Eles fizeram uma avaliação logo depois do meu mestrado, uns dois anos que eu tinha feito minhas pesquisas, então não pegaram minhas pesquisas e nem as minhas produções. Então, eu fui taxado como um improdutivo na Universidade. E eu dentro da Escola de Educação Física, eu faço pesquisa, acabei de publicar uma no último exemplar da Revista da Escola de Educação Física, terminei uma outra agora, estou fazendo mais duas pesquisas, dei um curso comunitário, dou um curso comunitário a mais de quatro anos na Escola de Educação Física, através do curso comunitário estou fazendo também alguma pesquisa. Então, eu estou fazendo um trabalho de extensão à comunidade, estou fazendo trabalho de pesquisa e estou dando aula para curso de professores, para curso comunitário, para curso de graduação, para curso de bacharel em Esportes. Então, particularmete assim eu acredito que eu seja um professor da Universidade que esteja produzindo muito. E se eu fosse avaliado, deveria ser avaliado como um bom professor. Mas, na Universidade, hoje, a avaliação praticamente é pela produção científica. Então se você fez pesquisa, se você publicou artigo, você é produtivo. Mas, as 15 aulas que você dá por semana, cursos de extensão à comunidade, praticamente só entram numa folhinha a parte sem considerar como produção universitária. Então, eu me sinto

até ofendido assim, chateado e estou dentro daquele esquema. Tem professor na Universidade em RIDF, contratado na USP, na Escola de Educação Física mesmo, nós estamos com 3 que não dá aula para nenhum curso, pós-graduação, nem mestrado, nem doutorado. Eu acho que não deve ser dissociado realmente o ensino com a pesquisa. Deve trabalhar lada a lado. Mas, eu acredito também que um dos trabalhos da Universidade, como está no estatuto, é o trabalho de extensão à comunidade. Eu acho que todo os professores deveriam dar a sua cota em prol da comunidade. Trabalhar com esse pessoal, que muitas vezes não tem onde fazer Educação Física, não tem onde receber uma orientação e caberia a Universidade de dar essa orientação para o pessoal que é, cobrar dela isso. Lá na Universidade, a gente estava aí com um curso para asmáticos, tinha um sucesso fabuloso durante 15 anos e eu até agora não entendo qual é a justificativa do nosso diretor em ter terminado esse curso. Um curso que durava 15 anos, que tinha uma aceitação fabulosa, era útil a tanta gente que tem problemas de asma e foi retirado do serviço de extensão da Universidade de São Paulo. Eu acho que a Universidade tem que prestar esse serviço. Os professores também tem que prestar. Eu acho que produção não é só pesquisa e publicação de artigo. Eu acho que produção realmente é a que encontra no estatuto. É o ensino principalmente. Eu acho que a coisa mais importante da Universidade é o aluno. Então o professor tem que estar o mais preparado possível para orientar o o aluno que será nosso futuro professor. O mais importante é o aluno. Então o ensino eu considero de uma importância fabulosa. A pesquisa tem que colaborar com o ensino para que ele seja melhorado. E nós temos que dar nossa cota de sacrifício também para a comunidade, para a extensão à comunidade. Eu pelo meu exemplo prático, eu acho que dê. Eu estou pesquisando, estou colaborando com a comunidade e estou dando as minhas aulas. Quer dizer, inclusive em excesso. Estou dando curso para professor, estou dando curso para comunidade, estou dando curso para o bacharel, estou dando curso de graduação. Quer dizer, são aulas, estou fazendo as minhas pesquisas, estou colaborando com a comunidade. Eu acho que se eu faço, os outros também podem fazer. O ruim aí, eu acredito que é um trabalhar feito um louco e um outro se beneficiar porque só está fazendo pesquisa e publicando artigo. Eu fui taxado como improdutivo, porque na oportunidade que fizeram a pesquisa eu não tinha nenhum trabalho publicado, nenhuma pesquisa em realização. E realmente ter terminado no ano que eles não utilizaram. Agora que eu estou fazendo muita pesquisa, eles não estão fazendo avaliação do docente. É o que eu falei para você, eu estou meio fora da jogada assim da parte atual, estou procurando me atualizar também. Eu não sabia como é que eu podia colaborar com você nesse sentido. Eu sou daqueles não tão antigos como o Jarbas, o Daiuto, mas, eu estou no meio termo. Não sou tão moderno como os garotos de hoje. Mas, não sou tão antigo como o Jarbas, o Daiuto, o Boaventura. Eu estou no meio termo. Quer dizer, eu estou procurando de uma forma geral assim colaborar. Eu gosto de ser útil. Então todos me pedem uma colaboração dentro da minha especialidade, eu estou dando, vou fazer palestra, vou dar aula, dou curso, me empenho muito, porque se eu gosto muito dessa modalidade, eu não quero sair dela e ela morrer. Eu realmente quero deixar continuadores. Embora o cemitério esteja cheio de insubstituíveis, eu já deixei a Federação, deixei a Confederação, mas eu acho que tenho que deixar alguém para continuar aquilo que eu gosto de fazer para que aja solução de continuidade".

DEPOIMENTO Nº 07

"Bom, eu, em primeiro lugar, eu acho que eu preciso falar que a minha formação é em Educação Física (EF). Eu não fiz uma outra, outro departamento, uma outra área qualquer e pulei para a EF. Eu sou da EF . Na época em que me formei. Sou formado em 1970, só existia a licenciatura em EF e na época a possibilidade de emprego era quase que exclusivamente na Escola. A escola gozava de um prestígio, ser professor era até um status na época, então todo mundo queria era ser professor. E, eventualmente, eu como venho do esporte, por ter sido atleta, praticante, então, eu eventualmente, pensava também em trabalhar no esporte como técnico. Então, na época a única possibilidade era fazer licenciatura e o curso de técnica desportiva. Mas, a preocupação nossa, era única e exclusivamente formar e adquirir conhecimentos necessário para atuar na parte profissional, não existia crítica, não existia reflexão, nós não tínhamos na época nenhum colega da área da EF. que tivesse a oportunidade de ter saído e voltado com novas idéias, novos ramos, novas possibilidades, profissionais, então, não tinha nenhum pensamento crítico a respeito da área. Simplesmente, o que se pretendia era adquirir o máximo de conhecimento para atuar na parte profissional. Raramente, nós pensávamos na parte acadêmica, porque nem existia, provavelmente na época, tinha 3 escolas ou 4 de EF no Brasil. Depois, exatamente de 70, que começou essa grande multiplicação de faculdade, de escolas de EF e aí sim começou haver um questionamento acadêmico, precisava-se de indivíduos para atuarem nessas faculdades, mas, até então que eu me formei era inexistente. Me formei aqui na USP. Como era inexistente, não existia o pensamento acadêmico, não existia a crítica e também não existiam os indivíduos que foram para fora e outras coisas e trouxeram o conhecimento e trouxeram coisas novas. Então era muito limitado a crítica da parte profissional. Era mais voltada para a Escola e para a atuação junto a outros setores não escolar, mas, era mais clubes, ou centros educacionais, que também já existia na época. Inexistia academias, inexistia escolas de natação, inexistia quantidade, hoje são mais de 95 em todo o país, faculdades e departamentos, tudo misturado de EF, são 35, só no estado de São Paulo. Quer dizer, hoje, o indivíduo ainda tem uma aspiração de falar: não, eu quero fazer carreira acadêmica, porque existe tantas faculdades, escolas, departamentos, que há a possibilidade de o indivíduo ter essa chance, no nosso tempo não. Eu tive a sorte que eu me formei e já fui convidado para ficar aqui e eu fiquei imediatamente. Mas, na época não se pensava em vida acadêmica, nem os professores que davam aula nas escolas existentes tinham uma vida acadêmica e não passaram como um processo que nós passamos, fazer mestrado, doutorado. Então, a formação acadêmica dos nossos professores, também eram, vamos dizer, pela metade. Isso aí é papo de pseudo-intelectual. A EF era educativa. A minha motivação para fazer EF foi que eu tive um excelente professor. O professor que me motivou a seguir essa profissão e como eu, mais 10 colegas meu, seguiu a mesma coisa. Não tinha nada dessa parte só competição ou então como alguns dizem tecnicista, a formação era educativa. A gente foi ensinado a educar através dessas atividades. Agora, é claro que todas essas atividades, ela tem um caráter técnico, no sentido de que a execução requer uma determinada maneira de ser. Requer uma habilidade específica e o movimento tem muitas formas de poder ser realizado e a procura

dentro de todas essas áreas é o movimento correto, é o movimento perfeito. Então, daí, esse papo de competição, de tecnicismo, eu acho que exatamente não existiu. O meu professor, ele era educador, era um cara que utilizava tudo da EF no sentido educativo, e claro, que dentro do aspecto educativo, em certas fases da vida também existe a competição, que é a parte esportiva, que eu acho que está muito certo e colocado, porque é um fenômeno, é fenômeno de atração para a atividade física. Então, é uma forma a mais para ser aproveitado dentro dessa variedade de possibilidades educativos que nós temos dentro da EF. . De destaque no esporte, não houve, o destaque, está tendo agora, na década de 80, quer dizer, então, se essa época realmente tivesse tido isso era para ter tido muito mais. Eu acho que não, eu acho que isso aí é, eu não gosto de falar, mas, dá a impressão que a gente está agindo, falando contra pessoas, mas não é isso, eu acho que esse é o discurso de pessoas que em primeiro lugar tem muito pouco identificação com área e segundo lugar entendem muito pouco mesmo do que a atividade da nossa profissão. Então, logo depois que eu me formei, eu já fiquei na Escola, convidado para ficar aqui, como auxiliar de ensino, eu percebi o seguinte: a Escola, foi encampada na Universidade e aí nós começamos a receber a influência da Universidade, que é a parte acadêmica, que não existia até então. E dentro dessa influência, começou haver espírito crítico, começou haver melhoras. Nós tínhamos muitos professores em final de carreira, quase se aposentando e aí começou a turma nova a tomar lugar dos mais antigos. E eu faço parte dessa turma nova. Porque eu me formei e fiquei e fui substituindo, eu substitui o ex-professor que, logo em seguida veio a se aposentar e a turma mais jovem, claro, nós tivemos a oportunidade de ver outra realidade da EF. Eu sai do país. Mesmo na época que eu era atleta, por ter participado de muitas competições na Europa, eu visitei na Espanha, na Alemanha, na Itália, Institutos de EF, institutos, escolas, qualquer que seja o nome, variam. Eu vi que existiam outras realidades mais profundas, mais ligadas a pesquisa, mais gerando o conhecimento, coisa que aqui ainda não existia. Então, pequenas mudanças já começaram a existir no currículo, pensando em preparar um profissional muito mais competente do que a nossa preparação. Então, desde 70, já houve alguma mudança, pequenas, mas já houve mudanças, que foram, introdução de novas disciplinas, então alguma coisa já começou a ser acelerado. Em 76 já teve o primeiro curso de especialização, de pós-graduação, de lacto-sensu, aqui da Escola, foi uma especialização em biomecânica, com isso vieram 2 professores da Alemanha. Nós tivemos essa oportunidade de receber professores de fora e também de ter visto alguma coisa lá fora diferente. Com isso, houve já tentativas de pequenas alterações no currículo. O currículo nosso vem sofrendo alterações desde essa época. Ele foi melhorando, a Escola era de 3 anos, passamos para 4 e aí novas disciplinas foram acrescentadas, na década de 80 houve uma alteração bastante sugestiva no nosso currículo. Uma mudança bastante grande, que continuou até 1989, onde nós fizemos a última alteração nossa que coincidiu, que culminou com a separação da EF do esporte. Foi criado o Bacharelado, mas, o Bacharelado em EF, o Bacharelado em Esportes e a Licenciatura, sendo que quem faz o Bacharelado em EF, se quiser, pode fazer a Licenciatura em seguida. Eu acho que foi uma coisa muito boa que nós fizemos, porque num estado que nem São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, aqui no Sudeste, o mercado de trabalho para o Esporte é muito grande. O esporte hoje é, um fenômeno que merece ser estudado academicamente. Porque, ele é um

fenômeno grandioso, ele tem conseqüências muito marcantes para a sociedade, pela quantidade de profissionais que reúne, de pessoas que reúne. Então, o esporte, hoje, ele tem que ser discutido de uma forma como deveria ser a EF . Então, nós temos corpo de conhecimento, as chamadas subdisciplinas, na área de sociologia do esporte, psicologia do esporte, filosofia do esporte, economia que é uma coisa muito grande, marketing do esporte, administração do esporte, como o esporte é esse fenômeno muito grande, ele merece ser estudado e vamos dizer, nós poderíamos e é a nossa tentativa aqui, formar profissionais competentes para atuar no esporte. Mas são aqueles profissionais que querem atuar no esporte, não são aqueles que querem atuar, por exemplo, dando aulas de EF. ou qualquer outra atividades no esporte. Eu acho, que quem quer atuar no esporte, e eu particularmente, penso que deve ter uma formação voltada para esta área, da mesma forma que quem quer atuar na EF., tem que ter uma formação voltada para a área de EF. . Porque, para mim, EF. não tem nada a ver com esporte. Eu penso diferente, eu acho que EF. pode ser um monte de coisa, menos esporte. Porque esporte tem outra conotação, pelo menos o esporte na minha concepção. Eu penso assim, acho que toda área, toda subdisciplina tem que desenvolver um corpo de conhecimento independente da aplicação prática, esse corpo de conhecimento é um aspecto teórico, que é o conhecimento por si só, já justifica pelo conhecimento por si só. Agora é claro que para a sociedade, principalmente para a nossa sociedade, fica muito difícil enxergar uma universidade que seja voltada única e exclusivamente para o conhecimento. Porque a sociedade, ela não se beneficia muito disso. É uma universidade pública, como a nossa, e as estaduais aqui no nosso estado, ela depende da sociedade, ela é mantida pela sociedade. Então alguma coisa tem que ser revertido para a sociedade. E nós pensamos que a formação de profissionais competente é uma forma da sociedade receber de volta aquilo que investe na universidade. Uma das formas é essa, desenvolver um corpo de conhecimento teórico e que isso possibilite a formação de profissionais mais competentes para atuar na sociedade. Nós gostaríamos que, todo técnico de futebol, de basquetebol, de voleibol, vou falar em técnico para não entrar em outra área, administradores, preparadores físicos, enfim, quem está envolvido com o aspecto esporte, hoje em dia, fossem pessoas que tivessem tido uma preparação acadêmica, que viessem aqui aprender anatomia, bioquímica, fisiologia, sociologia, psicologia, administração e seguramente com essa formação generalizada, eles seriam muito melhores profissionais, aonde eles estão atuando profissionalmente. E isso não acontece, porque eles são técnicos de futebol, mas nunca vieram a estudar, mas eles, tem conhecimento de futebol, mas eles precisam ter outros conhecimentos além do futebol. Eu acho, vou dar um exemplo: Telê Santana, é um ótimo técnico de futebol, mas ele não entende nada de psicologia, não entende nada de sociologia, não entende nada de treinamento, não entende nada de administração. Ele é um prático, ele é um cara que tem uma vivência fantástica no futebol. Se ele tivesse tido a oportunidade de ter estudado o esporte, ele seria muito melhor técnico. Eu não tenho a mínima dúvida disso. O conhecimento dele seria muito mais generalizado. Ele teria essa formação para depois somar aos conhecimentos específicos da área que ele tem que é o futebol esporte. Então, a nossa crença é essa. Nós podemos preparar o indivíduo aqui para saber organizar o esporte, administrar bem o esporte. O esporte hoje, principalmente, o esporte de alto-nível, ele é um esporte comercial, em outras palavras, a parte econômica dele é

muito grande. Ele precisa ser administrado como uma empresa. Não é uma coisa de amadores, não é uma coisa de presidentes que quando tem tempo disponível passam no clube, deveriam ser o profissional que soubesse das coisas, que tivesse competência para exercer esse cargo. E isso não acontece hoje no esporte nacional. Ainda é um esporte baseado em boa vontade de pessoas, boa vontade para utilizar o esporte como meio para qualquer outra coisa ou boa vontade porque gosta mesmo. Mas não é o esporte profissional como nós gostaríamos de, o administrador competente, o técnico competente, o preparador físico competente, então, por isso que eu acredito que a preparação, a formação de profissionais para atuarem nessa área, nesses estados que eu citei, justifica, porque é um campo muito grande. É uma área muito vasta o esporte hoje, tem muitas pessoas envolvidos no esporte. A grande modificação ela ocorreu na década de 80 no nosso currículo, porque vários colegas nosso retornaram dos estudos lá fora e então com idéias diferentes, vamos dizer, uma parte acadêmica que até então inexistia aqui e então se incorporou no currículo essas idéias, novas subdisciplinas foram acrescentadas e na década de 80, várias modificações foram feitas culminando com essa criação do bacharelado e separando a EF do esporte, que começou em 92. E nós estamos no 2 ano, então ainda é muito cedo para falar. Eu acho que foi uma coisa muito boa que aconteceu, pelo menos vai determinar agora um profissional que seja orientado para aquela área de atuação que ele já decidiu de ante-mão. Eu particularmente, não acho que essa é a melhor situação, eu acho que o nosso jovem aqui é muito inexperiente quando entra na universidade. Particularmente, eu gostaria que ele ficasse 2 anos tendo todas as disciplinas básicas e aí ele faria a opção para aquilo que ele queria. Mas como isso não é permitido, não tem ainda uma possibilidade, então ainda, mas, já para mim essa separação já foi muito boa no sentido de tornar o profissional mais competente para a área que ele vem atuar. Existe uma discussão acadêmica muito grande, muitos colegas da nossa área não acredita que a EF. seja uma ciência. Na verdade, ela é oriunda de várias outras ciências. Então, mas eu não sei. Eu acredito, que ela tem uma particularidade que é diferente das demais áreas e isso talvez pudesse torna-la ciência. Eu digo, talvez, porque, os critérios para ser ciência são vários e provavelmente a EF. não atende todos eles. Eu comentava que existe muita discussão se ela é ou não uma ciência. E é velha também a discussão se essa é a terminologia mais apropriada. Lá fora, realmente, está em desuso esse termo EF. A maioria das universidades mudaram o nome do departamento de EF para outros nomes que reflitam mais aquilo que se faz na universidade hoje em dia. Na época que eu estudei no EUA, o meu departamento chamava departamento de EF, hoje, chama departamento de ciências do exercício. Outros departamentos mudaram o nome para Cineantropologia, outros departamentos para, enfim, vários nomes, caindo fora do tradicional EF. Eu particularmente, não gosto do nome, não acho correto e nem uso Motricidade Humana, porque eu não vejo que nós estudamos a Motricidade Humana, nós estudamos o movimento humano, apenas uma categoria de movimento. Porque falar que a EF estuda o movimento, isso não é verdade. Nós não estudamos o movimento de um pedreiro assentando tijolo, nós estudamos o movimento em termos de atividade física regular, sistemática, programada, de exercício, esporte, recreação, jogos ativos. Então, só dentro dessas atividades é que é o produto do nosso estudo. Nós não estudamos o indivíduo levantando saco de café no porto, aquele movimento não nos

interessa. A Motricidade Humana, o movimento humano, é um termo muito genérico e a nossa profissão não estuda tudo isso. Como você tem a ergonomia, a ergonomia também estuda o movimento. Mas não é o movimento que nós estudamos, o homem fazendo esporte, fazendo atividade física, fazendo exercício, a ergonomia não estuda isso. A ergonomia estuda o homem fazendo o movimento de trabalho manuais. E, nós já não estudamos movimentos de trabalho. Então, eu não sei. Eu vejo Motricidade Humana, um termo muito geral, muito amplo, não reflete o que a nossa área faz. Nossa área só estuda, o movimento em algumas situações. E Motricidade não é tudo isso. A Motricidade é o geral em todos os tipos de movimento. Não. Absolutamente. Eu desconheço pessoas que fala a respeito desse termo. Esse termo, por exemplo, eram muito comum nos paises da cortina de ferro. Eles se originaram lá. Na Alemanha, fala muito isso aí. Mas é uma tradição daqueles países, principalmente dos países da cortina de ferro. Depois eles acabaram irradiando para outros países. Hoje, acho que fala isso em Portugal, na Espanha. Mas vieram dos outros países de lá. Não é um termo originário desses países. Agora nós, estamos assim, naquela situação, o nome ainda é muito difícil, porque, a terminologia da nossa área, não é uma terminologia apropriada. Não existe uma terminologia apropriada. Eu vejo muita dificuldade de um termo novo se estabelecer aqui. Muita dificuldade de mudar o nome, principalmente, de uma área que nem a EF. O nosso pessoal faz muita confusão em que entre o que é esporte e o que é a Educação Física. Não sabe a diferença de um, de outro. Quer dizer, se você ainda substituir o nome da EF vai ser mais uma coisa complexa ainda para ser entendida. Mas nós não usamos, muito poucas pessoas aqui falam nisso. Eu ainda não me convenci que esse é o melhor nome para a EF. Eu acho que isso aí foi feito por burocratas. E por pessoas que talvez tiveram algum assessoramento de alguma pessoa da nossa área. Mas, de alguma pessoa da nossa área. Isso não é produto de uma ampla discussão com todas as pessoas envolvidas nessa parte de preparação profissional e que pudessem dar subsídios para que saísse um documento final. Então, aí, ele apresenta uma coisa muito generalizada, não entra em muitos detalhes. Mas, a princípio, eu gosto porque ele aí, nessa resolução prevê-se que a formação do profissional da nossa área, ele tinha uma formação muito mais geral, do que até existe, até então. Isso me faz assim pensar de uma maneira diferente. Que o profissional que está em algum currículo, que atenda essa resolução, ele tem possibilidades de ser muito melhor formado. Eu acho, por exemplo, conhecimento de cunho humanístico, acho que todo mundo deve de ter, eu acho que toda pessoa independente de profissão, tem que ter algum conhecimento de cunho humanístico. A nossa profissão trabalha com gente. É um aspecto biológico. Eu acho também que nós, estamos com um pé nas humanas. Eu acho que é um aspecto biológico por excelência. Então, a resolução prevê conhecimentos do ser humano. Lógico. Nós temos que conhecer a pessoa que nós vamos trabalhar. Essa área requer isso aí. E contempla também conhecimentos da sociedade. Eu acho que é importante conhecer a situação real da nossa sociedade. Aí, nessa resolução, contempla, essas 3 áreas, que eu acho que é fantástica. Todo mundo tem que ter formação nessas 3 áreas. Essas palavras, elas são muito fortes e dão margem a muitas interpretações. Quer dizer, até hoje ninguém investigou qual é a real necessidade da nossa sociedade. Será que o pessoal precisa mesmo de ensino sofisticado e de aparelho de medir VO2, que custa 100 mil dólares ou precisa dar comida para esse pessoal que metade da população

não sabe comer ainda ou não pode comer. Então, quer dizer, é muito difícil. Mas, pelo menos, a resolução contempla que tem que haver disciplinas que faça o indivíduo ter um entendimento da sociedade. Despertar a consciência que nós vivemos em sociedade. Despertar a consciência de que eu tenho que ter, dentro da profissão, uma indagação do porque das coisas, do aspecto filosófico da nossa área. Então, eu não diria que o fato de por na resolução vai resolver o problema. Mas, o profissional tem mais possibilidades de ter disciplinas que tratem desse assunto. No nosso currículo, nós temos sociologia, nós temos história, nós temos filosofia e isso possibilita ao jovem que está na nossa área ter uma formação muito mais generalizada. Quer dizer, então, eu acredito que o currículo foi feito tentando atender essa resolução. Colocando disciplinas que tivesse esse cunho, além do cunho técnico, que é o tradicional. Quer dizer, o cunho técnico também é importante porque nós trabalhamos com movimento e é preciso saber que movimento é esse. Nós não trabalhamos com qualquer movimento. Nossos movimentos são específicos. Então, as disciplinas de cunho técnico existem, a própria resolução contempla que tem que ter uma porcentagem, se não me engano, 70% com disciplinas de cunho técnico. Mas contempla que além desse cunho técnico, há a necessidade de o indivíduo ter uma formação muito mais geral e eu acho que isso é muito bom. Eu acho o seguinte, eu acho que em nossa área, não tem intelectuais. Eu acho que na nossa área tem assim: indivíduos que se interessam por determinados assuntos. Mas, intelectual, indivíduo pensante, cujo pensamento realmente tem uma irradiação que o pessoal segue, eu acho que não existe. São pessoas que tem interesse em determinada área. Lamentavelmente, o que aconteceu com a EF é que a nossa formação foi muito diversificada. Colegas nosso foram fazer doutorado em Educação, em Economia, em psicologia, em comunicação, em várias áreas e a formação deles, então, é totalmente fora da realidade da nossa área. E aí esse pessoal vem com o discurso dessas áreas que eles fizeram o doutorado, trazendo para dentro da nossa área. Isso é perigoso, porque acabou desvirtuando o corpo de conhecimento da nossa própria área. Então, a EF hoje resolve todos os problemas. Desde alfabetização na escola, que é a tal da psicomotricidade até o problema político do país. E daqui a pouco vão querer até, acabar com a inflação. Eu tenho dúvida que a EF pode resolver todos os problemas que esses "intelectuais" acham que ela resolve, eu duvido. Para mim, a EF só deveria cuidar de uma coisa: movimento humano. Educar através do conhecimento e do movimento e educar o movimento. Em outras palavras, as duas coisas, eu acho que cabe dentro da nossa área. Você usa do movimento para educar uma criança, para fazer a criança ter todo o estímulo para crescimento, para que ela gosta, o adolescente da mesma maneira. Então, você usa o movimento para fins educativos. E ao mesmo tempo na área acadêmica, nós temos é que educar o movimento, quer dizer, em algum tipo de coisa, que nem o esporte, movimento tem que ser executado com uma grande perfeição. E aí você tenta estudar o movimento. E isso é uma tarefa de acadêmicos como o movimento tem que ser realizado, como ele deve ser realizado. Então, se estuda o movimento, em biomecânica, em várias outras subdisciplinas. Só isso que é o objeto de estudos da nossa profissão. De repente, você começa a ver tese em alfabetização de criança, psicomotricidade para criança com defeito, não sei do que. Sabe, eu acho que nós estamos pretendendo que a nossa profissão tem um remédio que serve para todas as doenças e isso não é verdade. Agora isso é um

produto de elementos nossos que fizeram doutorado em outras áreas. Porque nenhuma área trata do movimento como nós tratamos. Fazendo doutorado em Educação, em Psicologia, nessas outras áreas, eles não estudaram nada relacionado a EF. . Então eles não tem, o discurso deles é das outras áreas puxando para dentro da nossa. E isso, eu vejo como uma falta de identificação da nossa área. A nossa área está perdendo identidade. Então você vê discursos radicais, normalmente ideológicos e normalmente extremistas, que é uma coisa que não é da área. Nós não temos que nos preocupar com isso. Quer dizer, não estou querendo que nós não temos que ter consciência política, consciência social, isso todo mundo tem que ter em todas as outras áreas. Eu estou falando que não é objeto de estudos da nossa área. Então começa a falar de capitalismo, começa a falar de sistemas aí políticos - sociais, que não é objeto de estudo da nossa área. Na nossa área deveria se preocupar com o movimento. E isso ela sabe fazer muito pouco. E essas pessoas que vem com esses discursos de outras áreas, normalmente, não sabem nada a respeito do movimento que é o objeto de estudos principal na nossa área. Então, em primeiro lugar, eu não acredito que exista intelectuais na nossa área. Existe algumas pessoas com algum discurso que tem alguma irradiação. E essa irradiação normalmente é muito regional, cada irradiação dessa é, mais a nível, por exemplo, de própria, eu não diria nem de região, mas de própria faculdade, departamento e a área de atuação nossa é muito limitada porque eu não acredito em intelectuais da área. Nós não temos filósofos, nós não temos sociólogos da EF, nós não temos psicólogos da EF. Nós temos indivíduos que de outras áreas pularam para a nossa, mas nossa área precisa ganhar corpo por si próprio. Eu acho que quem tem que dar psicologia do esporte é alguém da EF. que fez doutorado na área de psicologia do esporte. Mas, não no departamento de psicologia, porque eles não tratam disso. É no departamento de Educação Física ou qualquer outro nome que tenha a nossa área. Sociologia do esporte, a mesma coisa. Anatomia, a mesma coisa, fisiologia do exercício, a mesma coisa. Porque que é sempre o médico que tem que dar. Tem que ser gente da nossa área que faça doutorado nessa subdisciplina e não gente de fora em que pule para a nossa área. Como a maioria do pessoal atual são pessoas que por uma questão académica de título foram fazer doutorado em áreas afins, entre aspas, porque, alguém que vai fazer em educação, ah, a educação tem muito haver com a EF, tem em alguma coisa, mas não é o objeto de estudos da educação o movimento, não tem uma disciplina que trata de movimento. E a nossa profissão trata de movimento. Quer dizer, o que alguém pode ter aprendido fazendo doutorado em educação em relação a EF? Nada. Você pode ter aprendido em termos de Educação. Lógico. Porque, doutorado em educação, trata disso. Mas, a nossa área exige o camarada que entenda da Educação na nossa área, da sociologia da nossa área, da psicologia da nossa área. Então, eu não vejo com bons olhos, esses colegas nossos, tendo formações em outras àreas que não a EF e são esses que se dizem intelectuais. Porque, eles trazem discursos que não tem nada haver com a nossa área. Então é discurso social, é discurso político, discursos de coisas que na verdade não tem muito haver com a nossa área. A universidade, ela não pode se dá o luxo de ser, ou de atender aquilo para que ela foi originariamente criada que é a produção do conhecimento. Porque ela é muito cara. Então, ela tem que prestar algum serviço para a sociedade e como eu disse a forma é o ensino, preparar profissionais para atuar, pessoas pensantes para atuar na

sociedade. Não pode ter essa coisa aí que é indissociável. Porque, tem colegas nosso que não tem formação para a pesquisa. A EF é uma área que não tem formação para pesquisa. Ninguém fazendo um mestrado é pesquisador. Isso não existe. Pesquisador é um produto de muitos anos, de muito estudo. E, qualquer pessoa aí, faz um cursinho, qualquer um e já se diz pesquisador pelo centro não sei do que. Isso é uma brincadeira. Isso é brincar de ciência, na minha opinião. Para você fazer pesquisa exige um rigor de estudo que leva aí, bem, 8 - 10 anos de estudos. A pessoa tem que fazer uma pós-graduação, lactu-sensu, em seguida o mestrado, em seguida o doutorado e ainda não é pesquisador. Aí que começa a carreira de pesquisador. Depois de um doutorado. Pois, nós temos indivíduo aí que só fez mestrado e já fala que é pesquisador. O que é isso? Ninguém, o pessoal está brincando de pesquisa na nossa área. Então, tradicionalmente, a nossa área não tem muito haver com a pesquisa. Não é que ela tenha que se manter assim. Eu acho que não, que tem que caminhar. Que fazer uma pesquisa. Mas, a coisa está tão sem conhecimento, um corpo de conhecimento delimitado que as pesquisas são as mais esdrúxulas possíveis. Faz se aqui dosagem de lactato, VO2 máximo com aparelho sofisticado e não se conhece a verdadeira criança brasileira. Quer dizer, então, nós estamos perdido, qual é o rumo que a pesquisa na EF deve de ter. O indivíduo chama de pesquisa qualquer conceito de uma pessoa teórica. Isso não é pesquisa. Quer dizer, existe um complexo muito grande que está totalmente errôneo em termos de pensamento direcionando a pesquisa. Eu não acredito que a pessoa tenha que saber fazer pesquisa. Eu acho que na universidade você tem que saber interpretar o resultado de pesquisas. Porque pesquisas lamentavelmente é de países de 1º mundo. Precisa de dinheiro. Nós não temos. Porque, exige equipamentos caro, exige uma coisa muito cara. O que nós podemos fazer são as pesquisas de cunho muito mais, de realidade brasileira. Eu acho que isso é muito mais importante. Realidade social, realidade real nossa, em termos do que já existem. E essas pesquisas de ponta mesmo, eu duvido que aqui exista alguma ou que traga alguma, vamos dizer, conseqüência para a nossa universidade, para a nossa sociedade de uma maneira geral. Então, eu não acho que tem que ter isso aí em termos de quem atua, não eu acho que tem que haver uma formação de pesquisa para entender aquilo que é feito e tentar traduzir isso como uma maneira de fazer progredir a nossa área. Mas aí achar que o professor tem que ser pesquisador, eu não concordo. Eu acho que, quem tem que ser pesquisador, quem gosta dessa área, pode, nós não temos nenhum instituto que faça pesquisa de EF. . Ela só está dentro mesmo é de universidades. Faculdades particulares que são a maioria, ninguem faz pesquisa nenhuma. As federais contemplam pesquisa, mas ninguém faz, ou faz de conta que faz. Porque muita gente recebe verba e não faz. Não tem produção nenhuma, você percebe que não existe produção. Então, eu não sei. Eu acho que é uma farsa querer falar que tem que ser indissociável, ensino e pesquisa tem que andar junto. Tem que haver nada. A pessoa pode ser ótimo professor para ensinar conhecimentos que ele adquiriu. Que ele adquiri com leituras de outras áreas e ser um excelente no ensino e não fazer pesquisa. Como ele pode, como em muitas áreas hoje que estão tão especializada, que o indivíduo só sabe fazer aquele tipo de coisa e não sabe ensinar, não sabe fazer mais nada que, eu acho que a administração é a pior de todas, porque toma um tempo muito grande, é altamente burocrático o nosso ensino e quem tem função burocrática perde muito com isso daí, a parte de extensão eu acho ótimo,

porque além de prestar alguma coisa para a sociedade, pode reverter num excelente meio de pesquisa nossa, de conhecer a criança, de conhecer o homem, de conhecer a sociedade de uma maneira geral, trazendo para dentro da universidade, oferecendo algum serviço de extensão. Então é uma coisa assim que tem 2 direções. Quer dizer, nós aproveitamos e eles também aproveitam de ter vindo numa universidade. Eu acho que todo mundo poderia fazer. Eu não acredito nessa que tem que ser indissociável. Porque eu acho que você pode ser um excelente professor sem saber pesquisa. Mas, conhecer pesquisa eu acho que é importante, porque o mundo evolui muito rápido, a nossa área tem volume de conhecimentos novos muito grande. Você tendo a idéia do que é pesquisa, conhecendo pesquisa, você pode ler e esses conhecimentos novos incorporar na sua coisa, no sentido de traduzir depois para outras pessoas, você é uma pessoa que irradia conhecimentos e para irradiar conhecimentos você tem que adquirir. Só, que não é só fazendo pesquisa que você adquiri. Você também lendo outras pesquisas você adquiri. Eu acho que é o que nós devemos fazer. Porque o que nós investimos em pesquisa aqui é brincadeira perto dos países de 1º mundo, quer dizer, o recurso lá é muito grande, para qualquer pesquisa tem muita grana e nós aqui temos uma dificuldade tremenda. Agora, você tem que fazer alguma pesquisa. Eu acho que tem. E não precisa ser nada sofisticado e também não quero dizer que quem não pesquisa não sabe ensinar, duvido. Porque, acho que não tem nada haver uma coisa com outra. Eu acho que isso é um atraso muito grande de achar que uma coisa depende da outra. Elas são independentes. A avaliação docente, eu acho que é uma coisa interessante. Toda área, toda profissão, o indivíduo que tem uma certa estabilidade profissional, ele tende a ficar acomodado. E eu acho que uma avaliação, é uma forma de mexer um pouquinho com as pessoas, no sentido de que ela tem que realizar alguma coisa a mais. Em outras palavras, ela tem que sacudir a poeira. E isso é uma coisa boa. Agora, é muito, é altamente complexo fazer uma avaliação de áreas que nem a EF. Porque os serviços que nós realizamos não são serviços que dá para quantificar tudo. Tem uma série de coisas que é muito difícil quantificar. Que a contribuição sua não é em termos quantitativos. Quantas peças você produz, quantas pesquisas você fez, quantos artigos você escreveu, quantos livros você publicou. A nossa avaliação, ela é muito mais ampla, porque envolve muito outros serviços. Ela tem que ter um aspecto qualitativo. Então, isso torna muito complexo. Porque o aspecto qualitativo cai na subjetividade. Então fica extremamente difícil de fazer. Mas independente disso, que é bastante filosófico, eu acho válido existir. Porque eu acredito que é uma das maneiras que faz com que a pessoa se mexa um pouquinho e não fique na morosidade, produza um pouquinho mais. Esteja preocupado em mostrar alguma coisa que está fazendo. Então eu acredito que é uma atitude boa. E não acho que isso deve servir de mérito para alguma coisa, tipo, promoção, prêmio ou qualquer coisa assim, isso é furado. Porque é difícil de medir exatamente o valor daquilo que nós fazemos. Se for por quantidade de artigo publicado, se alguém só se dedicar a isso, ele publica um por semana. E isso daí não quer dizer que tem valor para a nossa área. Porque o ensino tem muito valor para a nossa área. Quantas pessoas você já estimulou a desenvolver dentro de alguma área da nossa profissão. Isso é muito valioso. Alguém vai avaliar, por exemplo, que você formou tantos mestres, tantos doutores, isso significa a sua influência que foi passada para outros que vão passar para outros e isso não é

quantitativo. Isso daí é uma coisa qualitativo. Qualidade das coisas. Então, a avaliação é uma coisa complexa, difícil, mas eu acho válida. Porque se não tem avaliação, nós temos colegas na profissão que fazem anos e anos que não produzem nada. Não justifica essa pessoa estar numa universidade, não fazendo uma pesquisa, não produzindo um artigo, repetindo as aulas de 20 anos atrás. A avaliação é uma forma de todo mundo ver que essa pessoa não trabalha, não produz, não está ao nível dos outros colegas da própria universidade. Então, eu vejo como valioso ter avaliação. Escolha dos critérios, eu acho tremendamente complexo. Ainda assim, sou favorável que exista. Nós não tivemos nenhuma ainda, o nosso departamento de esporte é o primeiro que vai ser, era para ter ocorrido e houve uma necessidade de adiar, por causa que tem que ter a vinda de uma pessoa de fora da universidade. Vinha um professor americano, esse professor não pode vir e então teve que ser adiado e nós estamos esperando. E é como eu falei, eu percebi que as pessoas envolvidas, o departamento nosso mexeu com um monte de gente. Agora procurou de tratar de fazer alguma coisa, tentar contribuir fazendo, não simplesmente ficar naquela coisa sem fazer nada, do jeito que estava. Porque toda a profissão, uma das coisas ruim no Brasil que existe, é a estabilidade profissional. Isso eu acho que é a pior coisa que existe. Ah, ninguém me tira mais daqui, se eu ficar aqui o dia inteiro de braço cruzado, você não ia fazer nada para mim, porque eu sou estável. Aí é a profissão nossa que paga, porque eu deixo de produzir, eu deixo de colaborar. Eu gostaria que não tivesse estabilidade nenhuma. Eu gostaria o seguinte. Você só vai ter estabilidade quando você produzir. Se amanhã, você não produzir, nós podemos rescindir o seu contrato. Então você trata de trabalhar. Eu, gostaria que fosse assim. Porque tem pessoas aí que depois que ficaram estáveis nunca mais produziram nada. Enquanto não era estável fazia pesquisa, depois, estabilizou, daqui ninguém me tira. Não faço. Quero ver o que acontece. E não acontece nada. Então é muito ruim que, o nosso sistema aqui é esse sistema de protecionismo danado, que é o protecionismo da nossa constituição. Uma constituição miserável, realmente, que tem que ser revida por isso mesmo. Para acabar com essas coisas. O nosso corpo de conhecimento está diluído por causa da influência de pessoas cuja formação foi em áreas muito distante da nossa. Então, o discurso derrotista, o discurso pessimista que, eu vejo. Eu não vejo nenhuma área que tem tanto profissionais que metem o pau na própria área, que nem a EF. . É incrível. Por causa da formação em outras áreas. Eu acho, que nós como profissionais da área, temos que avaliar o que há de negativo na área, combater, tudo bem. Sabe, nós temos obrigação, necessidade de ser otimistas na nossa profissão, não podemos carregar conosco derrotismo. Só ficar olhando para o lado negativo. E o lado negativo é enxergado por essas pessoas cuja formação foi fora da nossa área. Porque quem teve formação na nossa área, as pessoas tem que ter consciência do lado negativo, das coisas erradas. Mas, não fazer disso o principal da área. Isso é uma coisa que nós temos que atacar para corrigir. Entendeu? E isso não está existindo. Normalmente essa parte negativa, esse discurso negativista e derrotista, eu acho, ele parte de pessoas cuja formação foram em áreas distintas da nossa. Então, eu lamento muito que isso ocorra, que a nossa profissão, ela está indo no descrédito. A EF caiu no descrédito. A minha universidade, a USP votou contra a EF no 3º grau. Gente, é uma perda de espaço tremenda para nós a não obrigatoriedade para os acadêmicos. Sabe. Daqui a pouco vão

falar assim, escuta, qual o valor que tem, vamos tirar a disciplina do 2º grau também. Caramba. Não está servindo para nada. Entende. Isso é lamentável. Porque o nosso jovem precisa dessa atividade, a criança precisa. Entende. Então, eu lamento, eu acho que nós precisamos chamar a atenção para quem realmente é da área, tem que se fortalecer com a área e não trazer coisas de fora e despedaçar o corpo de conhecimentos que nós temos. Claro que dentro da área, cada um vai ter suas predileções. Eu gosto do esporte, você vai gostar da recreação, outro gosta de exercícios, outro vai gostar de outro tipo de atividade, isso claro, a área é muito ampla. Nós tratamos com uma variedade muito grande de atividades dentro da EF. . Mas, que todas essas atividades tenham o seu valor. E, parece que a coisa que existe é assim, daí a razão de eu falar para você que eu não acredito que exista intelectuais na nossa área. Cada um aqui que quis colocar a sua idéia, o fez pensando em cima das idéias dos outros. E isso, é sinônimo de pseudo-intelectualidade. Eu tenho que valorizar aquilo que eu faço, tentando mostrar o lado positivo, eu não preciso passar em cima da sua, eu não preciso querer negar o valor do esporte para dizer que é bom o que eu faço. Não, espera aí. Eu não preciso negar o valor da EF, para valorizar o valor daquilo que eu faço. Eu tenho é que valorizar aquilo que eu faço. Mostrar o aspecto positivo. Contribuir para essa área. Agora, eu não preciso fazer desaparecer as outras coisas. Então, de repente, começou um discurso que hoje está em moda que é falar do esporte. Falar mau do esporte, virou moda. Por quê? Para querer valorizar outra coisa. Gente. O esporte, como as outras coisas, tem aspectos positivos e negativos. Não precisa falar mau do esporte. Fala bem daquilo que você está fazendo, tenta mostrar o valor daquilo lá. Porque quer queira quer não, o esporte é um fenômeno social. Está aí. Não adianta a gente virar a costa para ele. Esse espaço que nós queremos pegar, que tem muito leigo atuando. Nós temos que colocar a mão nesse espaço. Hoje, você conta no dedo quantos técnicos de futebol que são professores formados. Eu acredito que o cara formado é muito melhor que o leigo. Por pior que seja a formação dele, que ele teve. É melhor que a do leigo, que não sabe nada. Se a gente acredita nisso, vamos fazer o possível para ganhar esse espaço. Então, o que acontece, a nossa área tem tido isso. Nós temos tidos mais desacertos do que acertos. Porque cada um fala para um lado, cada um quer valorizar as suas coisas e negando as outras e não pode. Toda área tem seu valor, toda área tem que subsistir, com cada um trabalhando na sua área, sem perder o corpo de conhecimento que é o movimento humano. E, eu não entendo o movimento humano como tudo. Nossa área não trata de tudo. Fisiologia do exercício trata de exercício, atividade física, esporte, jogos ativos e é importante falar jogos ativos, porque senão vai pensar que baralho está nessa e não é, porque nós não tratamos de baralho, nós não tratamos de dominó, nós tratamos de jogos ativos, grandes jogos, baralho para mim não é objeto da EF, isso quem interessa é o pessoal da matemática que quer ver probabilidade de cair uma carta. Nós não estudamos isso. Eu brinco muito, porque eu estou muito preocupado com o aspecto terminológico da nossa área, eu estou trabalhando já há alguns anos e agora estou terminando um dicionário da EF e do Esporte. Eu começo pela letra A e todas as palavras da nossa sub-área, fisiologia, sociologia, medidas e avaliações, tuoo e já está grande o negócio. Eu estou corrigindo. Então, o cara quer saber o que é agonista, ele vai e tem uma breve explicação do que e agonista. Eu tenho uma preocupação

com a terminologia da nossa área. Aqui está a parte educacional, a parte de aprendizagem motora. Quer dizer, não é só a parte biológica. A parte geral de a à z. Me preocupa a parte terminológica. Porque se nós não tivermos uma terminologia, nós não podemos nem ser uma ciência, sem uma terminologia própria da nossa área. De repente, cada um fala uma coisa. Quer dizer, se eu chamar de EF e você chamar de Motricidade, nós estamos falando a mesma coisa com nomes diferentes. Confunde a cabeça dos outros. Então, você tem que ser muito hábil para explicar para as pessoas o que você quer dizer com aquilo e nossa área carece de uma terminologia correta. E não tem. Cada um as vezes, falam a mesma coisa, com nomes diferentes, conceitos diferentes. É uma confusão danada!"

DEPOIMENTO Nº 08

"A minha formação de Educação Física, ela vinha de uma história da minha participação. Então, eu tinha uma participação na vida esportiva, na cidade de Piracicaba eu praticava esporte num clube de regata, que também tinha a visão esportiva que era da época muito forte que eram as equipes de basquetebol na cidade de Piracicaba, que eu não sou piracicabano, eu mudei para lá, ainda fazendo o grupo escolar. Então essa concepção da vida esportiva numa cidade grande foi a primeira coisa que me influenciou, porque eu vim de uma cidade pequena, porque naquela cidade não tinha esporte, única coisa que o jovem, que a criança tinha era uma atividade escolar que fazia parte do complemento pedagógico e as atividades nos campos onde ia caçar ou a gente ia trabalhar mesmo, quando a gente veio para cidade então essa, não sei se foi ociosidade que era da infância, me levou a praticar esporte num clube, aí essa, essa trajetória me levou a me interessar a ser uma pessoa que orientasse nessa direção esportiva e entrei na Faculdade de Educação Física, na época da UNIMEP, que na oportunidade era escolas, institutos, escolas isoladas, uma coisa assim. E lá foi que nós começamos a ter as experiências profissionais na formação escolar de outros profissionais, mas era na realidade uma visão de cada um dentro da sua, a forma de entender o que estava sendo mostrado, não sei, nós tínhamos uma psicologia voltada à formação da escolas psicológicas, os filósofos, tivemos uma sociologia voltada ao papel do indivíduo da sociedade, para o período em que vivíamos na época na década de 70 por aí e que demos as formações específicas voltadas especificamente as modalidades que cada um dominava na época, cada professor tinha seu domínio de conhecimento naquela época. Então nós tínhamos esse conjunto de atividades que resumia em formar um professor que fosse exclusivamente dar aula no ensino formal, obrigado em dar aula especificamente em colégio; então essa era a informação que nós tínhamos. Então os professores chegavam na frente da gente dava toda informação pedagógica, processo pedagógico, as iniciações com todos os limites que a gente ia achar nas crianças, que eles colocava todos os parâmetros para gente, e elas especificamente para lecionar ali e nós não tínhamos outra competência a não ser essa, ministrar ali as aulas de Educação Física para o ensino escolar. Mais tarde, um pouquinho antes de a gente sair do colégio, da escola, é que surgiu alguns movimentos da Educação Física, algumas transformações, algumas orientações no sentido da preparação física, porque veio a copa de 70 também, aonde a copa de 70 foi a primeira vez que um profissional foi o caso do Cláudio Coutinho, assumiu uma direção baseado em dados, considerados científicos, baseados no ser humano enquanto aspecto biológico, enquanto cultura, ele teve essa preocupação, ele teve essa preocupação, a partir dele surgiu no Brasil uma estrutura chamada de teste de Cooper, porque ele fez o teste na seleção brasileira e que a sociedade brasileira assumiu teste de cooper como programa de exercício e não como teste de avaliação, com esse uso do teste como programa muitos problemas ocorreram nas pessoas, porque uns não aguentavam fazer aquela tabela, e a televisão, os médicos começavam a perceber mais malefícios do que benefícios, então começou uma estrutura de conversar, que o profissional de Educação Física deveria dar algumas orientações, aí foi o que surgiu, mais basicamente na minha formação era para lecionar nas escolas,

especificamente em escolas. Não os conteúdos eles eram basicamente os esportes, nós tínhamos educação, nós tínhamos recreação, tínhamos socorros de urgências, disciplinas básicas, consideradas clássicas aí da nossa área. E nós não tínhamos nada específico, por exemplo, uma disciplina que tratasse das características das pessoas que iam receber aquilo que íamos aplicar. Alguns professores procuravam dar essa informação, então eles procuravam dar, Olha para jovens você deve fazer isso, para meninas devem fazer assim. Mas como vocês vão dar aulas para meninas na fase inicial você procura desenvolver as grandes funções que eram trabalhar especificamente através dos gestos dos métodos, eram métodos franceses, métodos suecos, métodos austríacos, então cada método trazia características em que a gente tinha que observar na hora de ministrar as nossas aulas. Um avanço que teve em relação a isso, mas isso dependia muito do professor que sabia fazer a leitura daquilo que estava escrito nas intenções a que se escreveu foi o método de esportivo generalizada de algum suíço do exterior, porque ele separava as atividades esportivas como de sociais, de revigoramento, de habilidades esportivas, ainda muito assim não tão bem acentuado, mas tinha professor que conseguia fazer uma leitura diferenciada dele, foi o que deu um pouquinho de avanço através dos métodos que a gente estudava muito na época. Não, não tinha porque na verdade a Educação Física foi a primeira universidade, a faculdade lá, a UNIMEP a faculdades integradas foi o primeiro ensino da reformulação curricular do nível universitário aonde eles procuravam dizer que existia uma filosofia, uma sociologia, uma psicologia, todos os alunos deveriam ter a mesma coisa que era o tal básico, então foi o embrião do básico, então eu estava numa classe onde tinha 80 alunos e todos ali, tinham características diferentes de escolhas, então eu era da Educação Física, eu estava junto com uma pessoa que tinha escolhido ciências sociais, outro escolheu letras, então o primeiro ano foi o básico, então nós tínhamos uma psicologia, uma filosofia e uma sociologia mais ou menos embasado dentro do processo cultural daquela época, daquele sistema que foi empregado. Depois nós íamos para as nossas disciplinas consideradas básicas, embora nesse, considerada de formação, embora nesse básico já existiam disciplinas que eram específicas, então nós já tínhamos professores, filosofia, sociologia, juntos, né, todos os cursos juntos, mas em alguns momentos nós víamos para cada atividade separadas, para no segundo ano em diante, então nós temos as atividades específicas, mas não eram, não eram essas disciplinas não eram direcionadas à filosofia da Educação Física, a psicologia da Educação Física, não nada disso, ela tinha uma visão abrangente, né. Bom, acontece o seguinte, na minha formação, como eu já praticava esporte antes de fazer Educação Física, eu não tive muita dificuldade em pegar aqueles conteúdos que tinham na Educação Física, que foi dado na Educação Física, e que está em contato com as pessoas, porque eu tinha aquela vivência ali, então a minha formação foi diretamente ser escolhida antes de eu me formar para ser um técnico de atletismo da cidade de Piracicaba, quando eu cheguei lá eu tinha um conhecimento vendo uma escola que basicamente do que existia, então eu percebi que não existia nada planejado e como começava a ter alguma coisa de planejamento eu comecei a fazer projetos na área do esporte visando aquilo que eu trabalhava. Então que eu comecei a fazer a esse projeto, entreguei na prefeitura de Piracicaba, e projeto um pouquinho mais abrangente daquilo que eu era do técnico do atletismo, então eu fiz uma proposta onde haveria um esporte e o atletismo seria básico, aqueles

que quisesse o atletismo iria para o atletismo, e os que não gostasse do atletismo poderia escolher uma outra modalidade esportiva, baseado naquela experiência esportiva que eles tiveram ali junto comigo, então os alunos viriam para dentro da escola, da pista de atletismo da prefeitura aonde daria toda essa visão básica para eles, o esporte em relação ao seu movimento como um todo o pessoal tinha o atletismo para fazer, e as outras modalidades ficariam a espera daquelas crianças que gostassem disso, porque nós não tínhamos essas outras modalidades nesse sentido, bem, aí eu fui fazer esse trabalho, fui formando as equipes, masculino, feminino, infantil, juvenil aquelas coisas todas, e aí eu senti a necessidade de que se precisava de ter uma estrutura melhor na prefeitura e eu elaborei o projeto para a criação do cargo do Professor de Educação Física na Prefeitura, só que como a formação daquela época não era de professor de esportes, mas sim de licenciatura, então eu fiz um projeto que voltasse especificamente à conjuntos esportivos e centros comunitários na cidade onde eles iriam trabalhar com aquela visão de ensino formal, mas na prefeitura que não tinha as diretrizes daquela educação, então eu fiz o projeto e foi aceito, foi criado o cargo, ali onde foi criado o cargo foi surgindo professores de diferentes modalidades esportivas. Bem, nesse período surgiu então o concurso do estado para o preenchimento da vaga de professor, e eu fiz o concurso do estado, e passei e assumi minha cadeira de Educação Física na cidade de São Paulo, então eu me deparei com uma outra realidade, a realidade do ensino formal daquela que eu fui formado. Quando eu cheguei lá dentro comecei encontrar as crianças ansiosas pelo esporte, e eu comecei então a aplicar tudo aquilo que eu havia feito como experiência na prefeitura que eu tinha uma abrangência melhor, maior, eu consegui aplicar algumas coisas dentro do colégio e comecei a perceber que não era tão fácil assim, porque na verdade os alunos vinham com uma experiência do esporte e que eu tinha que transformar aquela experiência numa visão que eu acreditava aonde ele tinha que ter um conhecimento da área da atividade, aonde que ele tinha que fazer porque isso era o meu trabalho na minha equipe, então quando eu fazia algum trabalho com a equipe de atletismo, com as crianças que iam para fazer lá, fazer aquela parte básica eu ensinava. Olha nós vamos fazer isso porque melhora a sua força e foi dando numa concepção de corpo para ele, no colégio eu não conseguia isso, porque era criança, era muita criança no mesmo horário e o tempo reduzido de 50 minutos, que eu tinha que fazer todo esse processo, então que eu fiz, eu tentei organizar o colégio, baseado num colégio que era bem periférico de São Paulo, isso foi em 75, então era um colégio periferia aonde eu percebi que eles não tinham outra vida, fora da escola na vivência corporal, então abri o colégio, como se o colégio fosse um clube deles, então eles tinham hora para fazer Educação Física e não para vir e ir da Educação Física, então se um aluno tinha aulas às 8:00 horas da manhã, ele viria as 8:00 e se quisesse ficar até as 12:00 horas ele podia ficar, os das 11:00 poderiam vir as 8:00 e ficar, só que na quadra ali, estaria as pessoas que estaria dando a aula, então o que eu fazia, envolta da quadra onde eu fiz os desenhos de tabelas, de quadras, de corrida, eles ficavam se interagindo ali, para que quando eles viessem para dentro da quadra eu conseguisse ensinar, porque toda atividade aquela atividade extra que eles gostam de fazer, que eram bota 4 tijolos e fazer um joguinho, eu dava para eles dentro da escola, então eu consegui melhorar um pouquinho isso. Muito bem, mas nesse mesmo período eu entrei de dar aula aqui na UNICAMP em 75. Para dar aula, foi

o seguinte: eu participei de uma, de um concurso que eles estavam precisando fazer uma pista de atletismo aqui que, aqui nessa região, e com eu era de atletismo eu fiz o projeto de como gerenciar a construção dela, e a minha, e eu fui aceito, fui aceito para dar aula, mas na verdade tudo foi bloqueado, não houve mais verba, parou tudo aqui na universidade, então fui dando aula prática, a mesma preocupação que eu tive ao entrar na escola eu tive com os universitários aqui. Então eu percebia que os universitários aqui tinham uma outra visão, ou seja, ele tinha uma visão crítica da Educação Física, então ele tinha, quando ele vinha conosco ali, o Tojal, o grupo que dava aulas na época, nós sentíamos que era o último momento da formação dele que ele podia ter contato com algumas coisas diferentes da Educação Física. Eles achavam ruim para a Educação Física que era obrigatório, que era isso, que era, que tinha, entendeu? E que eles gostavam de tal de tal esporte e a gente não ensinava o esporte para eles, porque na verdade ensinava mesmo, dava um aquecimento, e era essa visão, então o que nós começamos a fazer, achamos que a Educação Física aqui podia ser diferenciada, bom, e começamos então a aplicar uma aula de Educação Física aonde eu ficava responsável na minha turma de ensinar alguns conceitos e dar uma atividade para eles ali, mas era muito experiência, mas nesse período todo a minha formação até 75, 77, ia minha formação esportiva, aonde eu tive uma vivência na área de esporte até considerada de alto nível para o nosso universo de cultura, nossos atletas de Piracicaba estavam entre os primeiros lugares da América do Sul, então eu tive um contato da ciência do movimento, aonde eu fui obrigado a estudar muito movimento corporal naquelas dimensões esportivas, porque que ela faz aquilo, porque que não faz. E foi agregando outros conhecimentos, que eram conhecimentos daquela pessoa enquanto inserido naquela cultura, o esporte. Então essa preocupação nossa aqui na prática surgiu da gente fazer uma Educação Física, aonde o aluno aprendesse, aonde ele aprendesse alguma coisa mesmo com aquilo que ele estava tendo contato. Só que faltava uma coisa, nós não tínhamos aqui uma força política para alguma mudança que nós queríamos, mas tínhamos uma força técnica, porque todos tinham currículo muito forte nessa área esportiva na área da Educação Escolar também que todo mundo.... todos os professores davam aulas na escola formal. E aí o que aconteceu, essa força política começou a ter um estreitamento, né, ela começou a ter um pouquinho de ressonância lá encima, por causa de alguns momentos desses ensinamentos que nós passávamos para os alunos, é nós tivemos alguns alunos que chegaram a estar na câmara curricular que chamava antigamente ou chama assim, não sei como chama. Assim, então nós chamávamos de câmara curricular, então alguns alunos que tinham aula com a gente eles chegaram a fazer parte de representante de aluno e começaram a falar alguma coisa dessa proposta aqui, mas era muito, muito incipiente bom, isso nós fomos trabalhando esse processo, de ensinamento dentro de uma visão aonde a gente achavam que o aluno no último momento da sua escolaridade deveria ter uma autonomia do seu corpo, através daquilo que a gente podia ensinar, e nós fizemos algumas análises, perguntando do que eles gostavam do que eles não gostavam, e que tem até hoje tem na Educação Física, o que eles gostariam de aprender, o que eles gostariam de fazer para saúde o que eles gostariam de fazer para o esportes, aí surgiu então a eleição do Professor Doutor Pinotti. E o Doutor Pinotti tinha uma relação muito forte com o Tojal, que o Tojal dava aulas na época. Então o Tojal levou essa proposta a ele, que nós queríamos fazer

uma Educação Física diferenciada, que até então o aluno calouro fazia aula de Educação Física com um aluno que já estava no outro semestre, nós tínhamos quatro semestres aqui de Educação Física, 2 anos. Então o aluno que entrava hoje era calouro, aquele que deixou de fazer Educação Física, mas que não era obrigatório, resolvia se inscrever. Então nós tínhamos uma turma de 50 alunos onde 30 calouros e 20 por exemplo, que eram alunos de eram veteranos. Como dar aulas para eles? Para um aluno que está chegando e veteranos que já tinha todas a sua formação acadêmica, a suas, os seus caminhos mais abertos, tendo em vista a sua maior habilidade em tratar com as questões acadêmicas e o outro coitadinho que era o tal do "bicho", que tinha sua participação reprimida, porque sempre o veterano que comandava. Então nós levamos uma proposta ao, o Tojal levou essa proposta que nós queríamos fazer uma Educação Física diferenciada para cada semestre só poderia estar ali o aluno daquele semestre, e dentro desse semestre nós íamos passar, fazer alguns ensinamentos de algumas propostas em que ele levaria para o resto da vida, bom para o resto da vida eu não sei, que seria algum objetivo nosso. É que pelo menos soubesse o que se estavam fazendo, então nós, depois de tantas conversas e discussões, posições contrárias, favoráveis e tal, chegamos a conclusão que as pessoas desenvolvem qualidades físicas básicas, não depende se faço ou não Educação Física, mas se fizer Educação Física terá algumas respostas tanto filosófica como sociais para sua vida, então nós fizemos essa proposta aonde ele levaria todo conhecimento das capacitações, energéticas, aeróbicas e como fazer isso, então nós tínhamos uma aula de fundamentação filosófica, nós, fundamentação fisiológica e as aulas consideradas práticas que eram aulas exemplos, não eram aulas que era dadas para alunos. O professor chegava: - Hoje vocês vão ter essa aula comigo 1,2,3, não, ele levava, olha pessoal daquelas aulas que vocês tiveram lá, nós temos este exemplo, então vocês vão fazer, ele começava a ministrar aquela aula, ensinando o que estava acontecendo e dando a ele oportunidade de modificarem, agora vocês tem isso nas suas mãos, e vocês façam do jeito que vocês quiserem no segundo semestre nós temos a capacidade de aeróbica e tal e resistência muscular localizada, o terceiro velocidade e coordenação e o semestre e o último semestre era como trabalhar com característica muscular que nós chamávamos de força e alongamento e flexibilidade. Para cada semestre desse eles tinham um encarte, não sei se você chegou a ver na época que nós fizemos, você fez a inscrição no terceiro grau, você chegou a ver, chegou a ver? Então nós tínhamos aqueles encartes e aqueles encartes era encartes que eles levavam para casa, e para cada semestre nós tínhamos um questionário que nós temos guardado ali em cima mais de quatro mil para que eles nos dessem uma resposta, o que deveria ser modificado, o que eles mais gostavam, o que eles não gostava e que eles estavam tirando de aproveitamento desses encartes. Então nós fomos remodelando nessa proposta, e isto daqui criou na universidade a partir desses esportes uma expectativa que se era tão bem dada uma aula de Educação Física assim, quero dizer, bem dado na visão dele, na nossa visão ainda era pequena a nossa contribuição, mas era o que nós podíamos dar, mas para eles que chegavam e nunca tiveram nada era uma contribuição grande de acordo com os questionários que estão lá, né, fazendo o levantamento dos questionários é que nós chegamos a uma conclusão de que eles tinham uma grande aceitação pelo nosso trabalho. Surtiu o efeito, embora era um projeto ainda pequeno, que a gente poderia dar muito mais contribuição. Quando

isso começou a ter repercussão é que surgiu a idéia da Educação Física. Em questão superior, só que ela surgiu com a idéia de ser um departamento da biologia, porque a biologia era um instituto forte dentro da universidade. De qualquer universidade o instituto de biologia sempre leva uma certa, um certo conceito de espaço pela tradição e a física também, os dois. Então nós fomos na tentativa de ser um departamento, mas um departamento de Educação Física como tal ainda, surgiu-se um certo preconceito. E quando a gente foi falar com eles, reunir com a cúpula, a gente percebeu que a visão da maioria da Educação Física era levar a prática esportiva, não era o conhecimento de todo esse conceito que leva a essa prática, somente í pessoa na hora que foi falar da dificuldade em aceitar o departamento lá, por incrível que pareça, tinha alguma visão de uma Educação Física levada ao gesto, ao movimento que foi a professora que hoje é a coordenadora, ou chefe do departamento que foi a professora de anatomia que foi a Doutora Vilma. É for, eu não tenho condições, de abrigar o Departamento de Educação Física, porque eu não tenho professores que consigam entender as transformações do aparelho locomotor, enquanto ao aspecto atômica, eu achei que ela teve uma visão dentro da, muito interessante, porque na verdade ela sabia que tem que preparar um profissional diferenciado. Essa foi a discussão que foi surgir, nós queríamos uma Educação Física onde o profissional fosse alguém que conhecesse as pessoas que em desenvolvimentos em todos os seus aspectos que necessariamente nós não estamos preocupados em formar um professor que dê aulas indicativas, mas que dê aulas explicativa, que construa o conhecimento da pessoa que se movimenta, que quando ele olha por dentro dele, ele sabe o que está acontecendo, quando ele olhar o outro corpo que se movimenta ele sabe porque se movimenta. Não, o esporte é que fazia parte da estratégia, porque o esporte, o esporte na minha concepção na época, o esporte não faz nada mais que o gesto que a pessoa possui, ninguém inventa nada, nós não desparafusamos o braço de uma pessoa para fazer m movimento diferente, só que aqueles gestos que o corpo consegue fazer o organismo tem sua resposta e tem suas ações enquanto pratica. Essa era a minha discussão no meio do grupo, que ele vai ter que ser, o professor que vais sair daqui, vai ter que ter condições de ensinar isso. As estratégias que ele vai usar para mexer com o corpo em movimento, pode ser o esporte pode ser com música, pode ser com ritmado, pode ser correndo, pode ser saltando, e as ações que levam ele a fazer isso eram uma nossas primeiras discussões, eram exatamente que ele tivesse um corpo de conhecimento que num conjunto de atividades que ele passasse aos alunos na escola transformasse isso como cultura, e como cultura ele estava inserindo numa sociedade que sabe fazer aquele gestos e conhece como tudo essa era a minha discussão contra a Educação Física. E as outras contribuições que estão sendo feita e como o espaço era muito curto nós acabamos colocando coisas novas que a gente achava no transcorrer de toda nossa experiência e outras que foram colocadas pelas nossas tradições, né, tradições que nós tínhamos e que achavam que podia estar ali e outras que deram certo, em algum, em algum momento da Educação Física, que é o caso, método de Educação Física e de Treinamento, método sueco, método francês, método aeróbico, anaeróbico, e tal, então tudo aquilo que eram as discussões da época, que eram os avanços que estavam acontecendo, então nós agregamos ao projeto inicial nosso essa coisa pela força da tradição porque nós não podíamos simplesmente fazer um corte naquilo quando nós não tínhamos nenhuma

experiência, né, quando falamos, não vamos colocar essa disciplina, não vou falar de métodos porque métodos tantos iguais, porque ele tanto falam nós não sabemos, nós nã utilizamos talvez nas aulas no sentido que ele foi ensinado, mas em algum momento ele está presente na nossa, na nossa ação, de outro, com outro nome mas ele está na nossa, na nossa ação, de outro, com outro nome mas ele está. Então agregamos essa fora de tradição no currículo que tentamos encontrar. E foi colocado, a medida que foi colocado esse currículo em funcionamento, nós começamos sentir necessidade. Bom, nós não vamos dar todas essas aulas, essas aulas, nós temos que buscar, então o que aconteceu, nós começamos recordar nas nossas cabeças as pessoas que nós discutimos de Educação Física no período que foi algum grupo que se reuniu em Piracicaba na UNIMEP, para discutir o que é Educação Física, quando começou a surgir essas perguntas. E nós conhecemos o Medina, o Lino, o Bosco, o Marinho, lá de, o Guilmar, nós conhecemos uma gama de professor que discutia Educação Física em diferentes ramos ideológicos, né, e eu conhecia pessoas que também no meu convívio esportivo tinham visões de Educação Física e nossa concepções da formação, então começamos a procurar esses nomes, começamos a trazer para a, para dentro da escola, foi um, um certo momento nós tivemos dentro da nossa escola as pessoas que mais discutia Educação Física da época, né, então nós, começou essa associação o João, o Lino, o Medina, o Paulinho que hoje está aqui era de Londrina, quem mais está aqui, o Pedro que dava aula em outro lugar. A Toninha não, a Toninha veio e para dar anatomia, pensando exatamente nessa, visão que a professora de anatomia tinha, precisava trazer professor da Educação Física que entenda. Não, os professores que também estavam aqui e que já foram se reciclando, os professores foram se discutindo, começaram a discutir currículo, eram currículos que foram lançados e na discussão de 3 pessoas, né, e elas precisavam de alguns de alguns discussões, alguns professores assumindo disciplinas que a sua emenda não era aquilo que se pensava da emenda oficial, então eles vieram conversar aqui com a gente que foi o, de alguma forma participou dessas emendas, então a gente dava a liberdade para que mudasse, que ele explicasse o que aconteceu tanto é que o Lino entrou para dar metodologia. E quando eu entrei para participei da metodologia para escrever da metodologia eu peguei da força a tradição, daquele professor dos clássicos. E os métodos francês, suecos que eu tinha generalizados. E ele disse que achava que deveria ser essa linha dos métodos, mas que ele achava que dura ser como se tratava a Educação Física não muda então tudo bem, a medida que o aluno tinha contato com emenda, com a emenda do professor, começou a surgir algumas perguntas, mas porque você está dando isso se no catálogo está falando isso. Aí precisou desencadear uma discussão para uma renovação do currículo, reformulação dos currículos, porque em Brasília também desencadeou uma discussão sobre o currículo, aquelas linha que era o conhecimento dos homens, da sociedade, da técnica, então nós aproveitamos essa discussão de Brasília e começamos a discutir aqui a Educação Física nessa direção mas você sabe as discussões que vão muito longe começam a se esvaziar, então precisou num certo momento assumir as rédeas, outra vez desse grupo pequeno de professor, esse grupo pequeno de professores organizou aquelas discussões que foram de contribuições dos professores da nossa, da nossa faculdade, sistematizou currículo e passou nas mãos de 3 novamente e 3 novamente se sistematizou e saiu o currículo de hoje. Bom, esse acho que isso foi o nosso avanço criar o currículo de especialmente de

licenciatura e bacharelado, que esse bacharelado nós fazemos alguma coisa e que a gente achava que seria bom, e que a gente poderia experiência ele que foi a questão do bacharelado no treinamento esportivo onde o aluno teria o programa, o planejamento de treinamento, ele teria a aplicação do treinamento e aí o professor nessa idéia que, que nós tínhamos e que eu tinha particularmente e, porque o professor é aquele que passa a ciência do conhecimento, que a pessoa adquire como cultura, a nível que tem a cultura nós transformamos em consenso, então nós criamos o PD e PT que era o planejamento esportivo e prática de treinamento aonde nós criamos uma coisa que se chamada técnico especializado, e o que era o técnico especializado? Era aquilo que tinha diretamente contato com aluno, que junto com o professor construíram os projetos que iam ser aplicados e cada aluno era responsável em atuar diretamente, ou com a equipe que ele gostasse que é basquete, vôlei, o atletismo, u com a equipe escolar, aqui dentro aonde ele aplicaria a pedagogia do esporte que está bem caracterizado se você pegar o departamento que eu fiquei responsável de organizar que foi técnico desportivo, se você vê o que nós temos no departamento todos os objetivos desse departamento que queria nessa visão da proposta e, pedagógica, educacional e do esporte como um todo, né? Esta aqui, então eu procurei descrever a visão desse departamento que iria responsabilizar para o bacharelado. Então nós fizemos isso porque achamos importante e ele funcionou muito bem até o primeiro currículo, até a mudança dele, então nós fomos eu acho a primeira escola do Brasil a formar o Bacharel, Bacharel, não tenho certeza, parece que tem alguma coisa em Santa Maria, mas não sei se é na mesma época, mas de qualquer forma nós fomos os pioneiros a ter essas duas características. Características, essas duas habilitações né? Essas duas habilitações. E aonde tinha essa PD e PT onde o aluno fazia sua opção - Eu quero ser formado em Bacharelado em Atletismo, então tinha um professor com técnicas especializadas que ia fazer o projeto para cada aluno e cada aluno iria para suas, com seus alunos aplicar aqueles projetos que eram feitos, discutidos entre professores, técnico, aluno e o futuro bacharel, então era como se fosse uma residência, nós podemos chamar, né, e nos colocaria com aquilo que ele ia trabalhar, porque que nós pensamos nisso? porque na época eu falei para ele que por mais que nós tivéssemos contato com um clube, um clube não i dar na mão de um recém formado uma orientação, uma direção para tomar conta da sua equipe, eu disse como exemplo, por exemplo, a ponte preta, nós vamos querer um cara que vai querer ser técnico, ser preparador físico ou de futebol ele, os dirigentes da Ponte Preta não vai dar o time que disputa o campeonato paulista na mão dele, então nós teríamos que ter uma vivência aqui aonde ele iria lá com o projeto, junto com o projeto da equipe, teria uma vivência ali dentro e juntamente com essa vivência ele teria uma equipe aqui, que iria ser de orientação do professor, do técnico do especializado, que tem que ser um professor de Educação Física, um profissional de Educação Física e ele aplicando ali, então ele teria 2 vivência, aonde ele iria trabalhar num alto nível e aonde ele teria o pedagógico sobre a responsabilidade do professor. Então ele teria 2 universos. Então essa que foi a proposta do primeiro currículo. Depois na transformação do currículo acabou esse PD e PT, então hoje tem estágio supervisionado que tem algumas característica, mas não é tão específica quanto o primeiro. Então essa foi a trajetória das discussões na graduação, eu não sei se tem alguma coisa que você gostaria de saber

mais particularizado, eu fiz mais no geral mesmo. Teria, então aconteceu o seguinte, quando nós formamos a escola eu fiquei responsável em reestruturar um departamento e eu chamei de departamento técnico esportivo, técnico esportivo pela característica, os professores eram técnicos esportivos, ou seja, eles tinham uma visão muito técnica da modalidade esportiva, porque eles já, eles estavam no nosso departamento, embora tivesse a tal pedagogia do esporte né, o processo pedagógico, eles tinham, e, as graduações eram muito mais pelas dificuldades que os alunos apresentavam principalmente pela proposta de formação, então nós fizemos o departamento técnico esportivo tendo em vista que nós não tínhamos ainda as formações acadêmicas necessárias para a vida universitária, então nós fomos tendo, departamentos técnicos, as formações, os professores foram se titulando, nós fomos ampliando as nossas discussões dentro do departamento, fomos percebendo as distâncias que tinham de um departamento para outro, a visão de um departamento em relação ao nosso, o nosso em relação aos outros e fomos aí crescendo. A medida que nós entramos na discussão curricular na transformação do primeiro currículo para o segundo, a visão deles foi muito enriquecida com essa proposta e quando nós aplicamos o currículo é que começou a haver um novo currículo, a formação acadêmica deles, que eles começaram a estudar especialização, é, mestrado, outros já entrando em doutorado e nós percebemos a força da discussões e as transformações no currículo, nós partimos então para a reformulação dos departamentos a medida que nós percebemos que cada professor, hoje, assumiu um corpo de conhecimento que contribuiu nessa formação do profissional na área do bacharelado é que nós discutimos então, o departamento de ciências dos esportes. Ciências do esporte 1, 2, 2 momentos, porque ela pode agregar dentro da sua concepção tanto quanto forem nos profissionais que trabalharem e essa visão do esporte. E a psicologia do esporte e a sociologia do esporte, a filosofia do esporte, a psicomotricidade do esporte, e, quero dizer então nós sabemos em ciência, então nós não queríamos fechar, para não ter essa visão da modalidade então a modalidade é uma conseqüência, porque nenhuma, nenhuma escola de Educação Física poderá hoje ter em seu interior, professores de todas as modalidades esportivas, e nós teríamos que ter aqui mais de 90 professores só para modalidades esportivas. Então nós chamamos de ciências do esporte que poderemos ter aqui alunos que por exemplo de Tai-Ken-Do que vem estudar o movimento aqui e ele pode ir para TAI-KEN-DO com conhecimento muito mais abalizado dentro das concepções científicas, filosóficas e sociais da sua atuação enquanto profissional daquela modalidade. Então o bacharelado nosso ele tem essa visão das ciências do esportes que nós podemos aí atuar na formação diferenciada dele. Então a ciência do esporte também no departamento foi criado para a ciência do esporte tendo em vista o crescimento profissional e de conhecimento de cada professor entre o seu, por isso que ele passou a ciência do esporte, antes nós não tínhamos, não podíamos ter a pretensão de falar em ciência nem de grandes pesquisas porque nós não tínhamos uma consistência acadêmica para isso. Depois com a vinda do curso de especialização, da criação da pós-graduação, com a luta do Professor Ademir Gebara na formação acadêmica do profissional, tirar um pouquinho a formação técnica para formação acadêmica esse deu o Gebara crescimento para que a gente pudesse hoje ter uma visão dessa ciência que a gente quer passar. Então você diz assim: eu vejo as ciências do esporte para aquelas pessoas que vão fazer ciência nos esportes mesmo, as ciências do

esporte, então ela vai chamar ciências do esporte porque, nós podemos ter uma psicologia do esporte e que e eu que fui técnico muito tempo e vivia todos esses e sabe que existe, essa psicologia, então essa psicologia que hoje trata do ser humano em todas as suas dimensões, no esporte ela tem também como característica muito bem definidas, então eu, então nós temos ciência do esporte é uma, e nós podemos amanhã é, ter uma formação dentro de uma escola de psicologia que estude exatamente a ciência psicológica do homem que pratica esportes ou do ser humano que pratica esportes como já tem dentro da medicina esporte quando tem dentro fisioterapia, como tem dentro da sociologia, então acho que essa é a visão que eu tenho de ciência que trabalha em nome da ciência do esporte, né, que nós já temos pessoas..., psicólogos escrevendo ciências do esporte, ciências psicológicas do esporte, tá, por isso que eu deixei ciências no plural, porque eu estou, porque eu tenho sonho de que essas pessoas venha para dentro dela, do esporte, para que o esporte tenha sua identidade mesmo com ciências que são tratadas diferentes. A Ciência e a Educação Física, eu vejo o seguinte, na seguinte perspectiva, vai acabar qualquer conversa de reducionismo e mecanicismo do professor de Educação Física quando ele passar a ensinar ciência, porque reducionismo ou progressismo está na pessoa, não na ciência, então a ciência eu não quero dizer que a ciência avança para melhoria ou para piorar a vida das pessoas, mas a ciência é na Educação Física ela vai libertar o profissional, Educação Física é enquanto ele ensina alguma coisa que seja consenso. O consenso significa que se eu me movimento, se eu faço um exercício, o que esse exercício tem haver comigo, né porque que eu faço exercícios. Eu faço exercícios para 3 dimensões a dimensão científica que é o conhecimento, a dimensão psicológica porque faz parte do meu temperamento e do meu comportamento e cultural porque eu vou representar na sociedade alguma coisa com aquilo que faço. A medida que eu faço esses 3 complexos como fonte de uma área de conhecimento chamado Educação Física, as pessoas vão trabalhar com o corpo nessas 3 dimensões. Se ele quer ser um trabalhador do esporte, ou seja, aquele que vai fazer o esporte com arte, com performance, porque está muito dentro dele isso, sem que ele perca qual é a função dele na sociedade. Eu sou um ser humano que pratica esporte porque psicologicamente eu preciso desses valores e socialmente e culturalmente eu represento este papel, eu tenho essa função dentro da sociedade, então a medida que nós conseguimos colocar isso nós nosso profissional, ele vai para escola, para ensinar esta arte, então quando uma criança vai para um estádio ele vai assistir aquilo como espetáculo, espetáculo que a ele diz alguma coisa dentro da sua sensibilidade psicológica, humana e cultural e quando ele pratica ele também pratica por um conhecimento adquirido por um alguém esse alguém é um profissional que estudou durante 4 anos o corpo todas essas dimensões. A medida que isso foi levado para escola acaba aquela visão do professor autoritário, reducionista, essas coisas todas, porque ele não pode ser autoritário reducionista se ele não ensinar nada, aí a sociedade não lhe quer. - Eu não quero você na linha de frente para ensinar uma coisa que você não me dá. A Educação Física é esporte? Eu vejo que a Educação Física tem que ensinar alguma coisa ela tem que ensinar alguma coisa. Está só no conteúdo, e final do conteúdo aprendido é alguma coisa que as pessoas se utilizam dele, ele tem que se utilizar disso e uma das formas que ele se utiliza é o movimento corporal, é o gesto do seu corpo em movimento, ele usa aonde ele quiser, se ele quiser usar o esporte,

ele vai usar o esporte, se ele quer usar o exercício em área de lazer, ele vai em área de lazer, se ele quiser usar para, não sei para quantos, nem sei para, ou para formar um grupo, onde ele queira formar um time de um grupo de atividades físicas no condomínio deles, e pode, desde que ele tenha conhecimento disto do que ele aprendeu na escola ele pode fazer isso, né, então, mas o esporte, é eu acredito que o esporte deva ser um carro chefe para a Educação Física, porque é a forma em que o indivíduo pode estar em contato com outros grupos, ele pode também entrar em contato com outros grupos de com outras formas, mas o esporte para Educação Física é os gestos corporais o mais libertador, porque eu não represento, eu executo, porque alguém que escolha vamos dizer que uma pessoa escolha ser bailarino clássico ele não pode ir para um espaço público e ficar fazendo isso, ele tem que estar sempre num espaço onde aquela cultura lhe permite, o esporte já lhe, já propicia maior liberdade porque eu por exemplo, não tenho nenhuma relação de performance, com por aí 4 amigos meus que jogasse na seleção brasileira de vôlei, por exemplo, não tem de performance, mas quando esses 4 amigos vierem para minha cidade eu posso entrar numa quadra e jogar com eles, eu posso me relacionar com eles, se eu não quero ser atleta de alto nível, eu assisto o jogo de basquete, e eu posso pegar numa bola e ir na quadra e jogar 20 vezes na cesta por tentativas e erros eu consigo fazer o mesmo movimento que fez o campeão mundial de bola no cesto, então ele está no ao alcance, me liberta mais para o meu gesto corporal, o que eu não posso chamar na minha casa e ficar representando com eles na novela. E também isso não me permite essa arte, não me permite relacionar com meu amigo que faz essa arte, porque eu o universo, então eu vejo que o gesto corporal da Educação Física, e esporte pode ser um princípio muito, muito carregado de conteúdo, porque permite as pessoas executarem exatamente o que o campeão olímpico pode fazer claro que não com aquela performance. Se uma pessoa da a volta no campo aqui em alguns segundos, qualquer pessoa pode ir lá tendo do seu conhecimento, do corpo do seu movimento da sua intencionalidade daquilo que eu quero fazer eu dou a volta né a pessoa e isso está ao meu alcance, como não está ao meu alcance como ficar na frente da câmera que é um gesto corporal importante, é uma arte importante, mas eu estou muito mais para assistência do que para participação, e o expoente, o esporte ele já possibilita que eu participe com outro, com outra, como posso dizer, com outro, não e principio mais com outro oportunidade, é que as pessoas que fazem esportes não precisam estar dentro da escola né, então eu posso formar uma turma para desenvolver a consciência cultural, intelectual das pessoas mesmo que eles não estejam na escola com esporte é só as prefeituras abrir seus campos esportivos e por um professor ali, todos os alunos analfabetos; ou não poderão estar ali convivendo naquele esporte ou dando valor a essa sociedade para, e que as outras ciências que mexem com o corpo não podem fazer isso, as pessoas não podem subir num palco e dançar, a não ser essas danças populares que exatamente as danças populares propicia a isso, mas para ter para dançar a dança popular precisa ter o clima, a música e o local, o esporte já é um pouco mais livre, de todos os gestos corporais, eu acho que o conteúdo da Educação Física no esporte é mais libertador. Bom aí que eu volto outra vez na questão da libertação do esporte, a Educação Física ela é, ela comporta qualquer tipo de profissional, não é, qualquer tipo de profissional, porque tipo de profissional no sentido de professores, de formação, um sociólogo ele faz uma sociologia do ser humano e ele não

cria sociologia ele, ele vê uma sociologia, vê uma cultura dentro daquilo, quero dizer, você não, você estuda aquilo dentro do padrão social que se estabeleça por ideologia política, ideologia de cultura e dessas coisas todas é que as pessoas estudam aqueles fenômeno, então a vinda de outros profissionais de Educação Física eles são importantes eu vejo como, porque criam uma massa crítica de outros discursos, de formulações de conteúdos diferenciados de visão diferentes de ver o mesmo fenômeno fazendo outras leituras, né fazendo uma leitura de diferentes forma então a Educação Física apenas ela possibilita que você com outros profissionais façam leituras diferentes do corpo e possibilita também a interações dessas pessoas que é diferente, por exemplo, um sociólogo na medicina. Por mais que você possa socializar a medicina, tem que existir a doença na Educação Física é só existir o ser humano. Cabe qualquer profissional, não existindo a doença, não existe a sociologia da medicina como você vai socializar o que a saúde? Então eu vejo algumas dificuldades, então enquanto existir a doença a participação do sociólogo ali, é importante como levar essa ciências para todos, não é Educação Física, é uma ciência que está com todos e como transformá-las numa melhor maneira possível, enquanto numa outra área quanto física, o sociólogo na física, é como essa física estar a serviço de um padrão social igualitário, porque se deixar na mão do poder, o poder usa da forma que quiser, a Educação Física não tem muito esse jeito, não tem porque eu não crio um potencial atlético, vamos dizer que a Educação Física é um potencial atlético que eu, que é bobagem o técnico faz isso, se ele tem um potencial atlético ele vai ser, é só ele ter persistência, faz-se um profissional, num, esse profissional não serve porque ele não ensina então ele, como é o caso da música né, a música também teve seu potencial ele vai ser um grande músico só que ele precisa de um grande músico para lhe ensinar, a única coisa que eu vejo na Educação Física é essa, você quer ensinar determinados padrões se é esportiva, a pessoa só vai ser um grande esportista se tiver uma pessoa cientificamente, psicologicamente e socialmente ajustada, vai ensinar aquela ciência, para aquela pessoa senão ela também não vai ser, não vai ser não por culpa dele, por culpa da mediocridade de que não sabe trabalhar com aquele que tem aquela qualidade. Então eu vejo outros profissionais chegando para dar essa competência profissional e olha, e é claro que eles deveriam estar muito aberto para aprender coisas que a Educação Física tem, senão fica só jogo de um lado só a gente tirando aproveitando deles das coisas boas que a gente tem não dando nada que poderia enriquecer. Bom, eu vejo o seguinte, eu, eu não tenho muito contato assim quase, falar para você para garantir isso, mas o que a gente pode sentir em algumas conversas né, é claro que a Educação Física tem uma visão cultural de outros, de outros professores ou de outras pessoas que é a prática esportiva que não precisa muito, era assim, agora deve ter mudado, que não precisava muito daqueles conteúdos tanto assim, tão profundos então a participação deles no início era uma participação mais de levar aquela informações que eles tinham independente de fazer as relações, as relações. Daí para frente então a disciplina nenhuma ensinava aquilo que tinha para ensinar e com aquela visão que o aluno tinha que saber aquela disciplina, então quando chegava a hora da, de bioestatística, a bioestatística tinha em cima para saber bioestatística com toda suas características, tá, então havia muito conflito com isso no início, hoje parece me que esse conflito está diminuindo, mas eu vejo que a cultura das pessoas em

relação à Educação Física mudou, mudou por causa acho que ao meio de comunicação, as pessoas já estão chegando na universidade com uma vivência diferenciada do movimento corporal, então nós estamos sentindo uma relação mais estreita com isso, mais ainda com algumas distâncias em relação a essa falta de identidade mesmo de uma coisa com outra, né, eu sinto assim, mas eu não muito profundo, não tenho muita segurança em falar que existe uma diferença muito grande, né, mas eu vejo, a minha forma de entender é isso, eu vejo que ainda a cultura sobre a Educação Física, o que deve ser aprendido ela esta mais estreita, mas ainda não é aquilo que a gente queria que fosse. É, isso né, é difícil você chegar numa análise e dizer que tudo isso acontece, não acontece, uma forte formação humanística quero dizer, essa palavra humanística também tem levado à morte do humano, né, quero dizer, a arrogância do humanismo tem, em nome dele tem construído outras coisas, então a gente fica meio preocupado você fala alguma coisa e você cria excesso nas pessoas, mas eu posso dizer pela minha participação no curso que eu dou. Eu levo essa formação que eu disse que ele tem que levar no conhecimento que esse conhecimento que ele vai atuar nas pessoas. A medida que ele conhece, ele gradua, ele relaciona com as pessoas, sabe que ele deve construir para aquela pessoa e tem uma visão da sociedade que ele quer, a gente procura não reforçar só através daquilo que a gente possa, mas através da convivência que eles vão tendo aqui dentro, não é? Essa é a diretriz que é a, que tem que ser aplicada, agora não sei até que ponto isso lá fora se reflete, como reflete isso, como que vai, porque é essa relação dá muito no momento que a pessoa está atuando, a hora que ele está atuando ele expressa isso daqui, tudo isso. E a medida que ele expressa tudo isso está muito dentro dele, de captar isso na escola, passado isso agora a gente não sabe se isso está se refletindo lá fora, tendo em vista a forma de atuações que eles escolhem, né, então quando você vai lá, você vê pouco as pessoas dentro da escola, então o que a gente vê é o seguinte, um curso médio particular inserindo na universidade pública, e numa escola pública de classe média, inserindo as pessoas nas universidades particulares, por sua vez as pessoas da universidade particular vai dar aula no ensino médio público, e as pessoas que são formadas nas universidades públicas vão dar aula no curso médio particular. Bem, baseado nessas características, eles que sabem o que estão levando daqui, o que é que eles escolheram, porque é que eles fizeram essa inversão? Porque é que nossa sociedade inverte assim. Quando nós passamos aqui nós não damos essa informação, mas eles não saem para escola pública eles saem para os clubes de altos níveis para tentar ser técnico de algumas, principalmente os nossos que sã do bacharelado. Eles estão na licenciatura, porque que na verdade a outra que dava aula na outra escola é aquela que se não arrumava aula ele queria num clube, ele vai para a escola. Só que os que eu tenho notado nos alunos que eu pude conviver com eles, é que aqueles que trabalham mesmo nessa situação que eu acabei de dizer, ele sai da pública e vão dar aula no curso médio particular, ou saem da pública e vão para os esportes, então os clubes onde pode pagar mais eles tem essa visão, nessa direção eles tem respeito com as crianças, eles não se preocupam em formar crianças como peneira, eles atuam na formação cultural esportiva, naquela visão que eles, da ciência que é o conhecimento, da cultura que todo mundo pratica esporte e na sociedade que ele convive com aquilo que ele aprendeu, então eu vejo isso exatamente nos professores que são formados aqui, que não é difícil, que não é preciso

ir longe porque tem, porque eles estão aqui dentro da universidade fazendo trabalho e estão fazendo especialização, e outros que a gente tem contatos percebendo que eles tem escrito por aí, na hora que eles trazem a proposta de trabalho deles na hora que eles elaboram o projeto de, ou o projeto para ser contratado, essas características são relacionados nos referencial teóricos deles, alguns que eu pude acompanhar até, até agora a pouco tempo, um aluno ele foi escolhido para ser, para dar uma atividade de esporte numa assembléia dele e ele veio aqui buscar e fez esse referencial, dos que eu tenho alguns contatos eu tenho visto isso pelo menos no papel, né, eu tenho visto. Agora se lá fora isso acontece eu não, isso me foge do controle da gente, como foge exatamente a própria preferências nas aulas, que eles não vão para escolas públicas, que isso não é iraizar, ninguém fala nada disso para eles nós falamos que eles vão ser educadores, que eles tem como estratégia o esporte, que é o fenômeno mundial, cultural mundial. Mas na verdade eles tem suas opções que não foram orientados, talvez seja econômica, como todo mundo. Como todo mundo eles querem ser professores universitários, não quer saber do curso médio, isso também é, foi uma opção que não foi colocados na cabeça deles, mais eles querem voltar e fazer o mestrado, o doutorado e tal. Eu vejo o seguinte a formação do profissional deve ser sempre uma formação continuada, porque quem escolheu a vida de professor se condenou a ser um eterno estudante. Então o que eu vejo, é que as pesquisas nas universidades, veja você, fontes de conhecimentos para aqueles que estão na aplicada, e a eles, na verdade eu não acredito em interdisciplinaridade, em universidade no curso. Então é o seguinte, eu vejo isso, a função de ensino é uma função que você pode tranqüilamente trabalhar com as questões das pesquisas que você trabalha, que você gera com pesquisas de outros profissionais, só que quando você começa a dar aula, mesmo que seja uma pesquisa que você, se fulano mudou na hora do ensino aquela pesquisa ela não pode ser a estrela da usa aula, ela tem que ser um complemento do projeto de conhecimento a ser passado para o aluno, então onde ela vai atuar, qual é a função dela em relação ao aluno que vai receber aquele ensinamento fora do, quando ele for profissional, como que aqueles ensinos podem ser traduzido de uma forma de socialização desse conhecimento com a pessoa que nós temos a relação direta que seria os alunos dele, né, Então eu não posso entrar para minha aula ensinar pesquisa, porque na verdade eu não estou dando aula eu estou fazendo propaganda do que eu fiz, e aula em cima não é propaganda das pesquisas, é socializar conhecimento dentro de uma visão abrangente das coisas, então se eu vou ensinar, por exemplo, as capacidades e habilidades e eu vou falar aqui uma habilidade geral possibilita melhor os repertórios motoras, então quando eu falar, Olha a pesquisa que nós realizamos sobre a habilidade geral das crianças, possibilitou o reconhecimentos motores mais cedo pra tal esporte, esse esporte, por sua vez tem seus processos pedagógicos, então ele vem como um complemento ali, então eu vejo essa forma de ensinar, então é como eu vejo a relação de uma pesquisa ali, como as pesquisas de outros como colega que nós pegamos, formamos um corpo de conhecimento daquele capítulo que vamos ministrar. A pesquisa em si, a pesquisa é uma área de conhecimento específico que o profissional faz pra 2 momentos. Um que eu disse pra você, na hora que você ensina que você socializa e outra quando você publica em revistas específicas para que os profissionais da área que estão lá fora e não estão tendo aulas comigo, leiam estas disciplinas e auxiliam, e ao se

relacionar com o seu aluno, façam exatamente quando eu dei a minha pesquisa para meu aluno que era formado, que era futuro professor. Então eu não posso chegar com estrelismos da minha pesquisa, aí, então na hora que o aluno lê olha eu to lendo aqui, o professor João Freire ele fez um trabalho pedagógico aonde uma atividade geral de n. de atividades motoras possibilita melhor esse reconhecimento motores em determinadas modalidades esportivas. Então essa situação ele leva pra quadra e na medida que ele aplica visão a professor João Freire que é uma pesquisa dele específica dele aqui, ele possa relacionar com essa amplitude não chegar ao ponto de colocar o aluno dele sentadinho ali todo dia ele fala da pesquisa do professor Freire. Então eu vejo essa forma, nós aqui dentro e a nossa pesquisa começa a se transformar específica para que o professor possa fazer essa socialização. Não, eu vejo assim. Eu entro na aula pra dar esse tipo de forma de formação, eu não sei se é certo ou errado. Bom, a questão da extensão, a extensão, eu já vejo mais ainda nessa parte, então quando eu der um curso de extensão eu tenho que no mais quero dizer no limite da minha força fazer isso que os profissionais que vem de fora quando eu for, eu possa falar da minha pesquisa que eu fiz e que eu começo a relacionar onde ela pode, ela pode atuar eu tenho que fazer um elo de ligação muito forte com uma outra disciplina que não está na minha pesquisa, mas que vai fazer parte dele, do profissional que vai ter uma extensão, então ele vai ter uma extensão comigo, por exemplo em capacidade e habilidade como conteúdos da 1a. a 4a. série. Então a medida que eu ponho a capacidade, habilidade, eu ponho as características das pessoas enquanto trabalho com isso, mas características não é um trabalho que eu faço, característica quem faz é a psicomotricidade, a psicologia, mas eu tenho que na hora de fazer a extensão, ler isso. Então a hora que eu falar que vamos colocar a capacidade de equilíbrio das crianças nessa faixa etária, segundo fulano de tal, psicologia, está nessa faixa etária, são barulhentas, são isso, eu dou essa característica a nível, eu caminho na continuidade da minha, da minha capacidade e equilíbrio, nós precisamos entender que as crianças estão desenvolvida no seu sistema nervoso mais ou menos tantos % que se tiver uma faixa etária, então eu entro numa pesquisa que for dada por um outro colega, que é uma pessoa que estuda o desenvolvimento motor, então eu tenho que esse o que é que eu quero com essa capacidade e habilidade, eu quero fazer uma leitura do relacionamento das crianças enquanto brincam de equilíbrio para a construção de uma sociabilidade, de uma socialização deles nesse ambiente, assim que eu vejo a extensão eu não posso fazer a extensão de fora das minhas pesquisas isso ele lê, isso ele compra meu livro ou ele assina revistas de ciências do esporte, quando eu publicar ele lê, agora, a minha extensão é quando eu for falar da minha pesquisa eu tenho que empregá-la como que ela pode estar na sociedade. No que concede as atividades pra esse fim, sim, não sei se ele tá chegando lá, depende muito das pessoas que tem o contato com a gente, a gente precisa, porque eu tenho muita, muita preocupação às vezes com respostas que alguns alunos dão e no que tange a extensão principalmente em cursos de especialização, em curso de extensão que a gente dá pra ele. Porque na verdade a gente vê algumas respostas mais no sentido até q. , como poderia saber, não de simpatia, de afinidade, então eu não gosto de respostas de afinidade, eu gosto de respostas, de propostas então eu, como é que faz uma avaliação de um curso de especialização, então eu, a gente procura ler de uma forma mais abrangente, mas a gente procura um pouquinho, a gente percebe um

pouquinho da afinidade, ou o cara quer fazer outra especialização, ou quer entrar pro mestrado, você entendeu?. Ou quer ficar naquela linha mas não quer dar aula no colégio. ele quer ficar naquela linha de pesquisa. Então isso a gente não consegue ter um parâmetro muito forte sobre isso, mas as propostas aqui dentro é isso tanto é que nós temos esses cursos de especialização que a gente tá tentando reformular a cada dia que passa, então nós temos as pessoas pesquisando, nós temos as pessoas dando aula, temos pessoas ministrando cursos de especialização, e essas especialização mais abrangente possível, tentando colocar, quanto mais prof. dando a suas informações, e aquele que tá lá que vai pegar essa informação e que vai pro seu mundo, né, onde ele vai socializar toda essa ciência, esse conhecimento ele usa essa extensão como alguma coisa que agregou a sua proposta de trabalho numa afinidade comigo e aí, essa é uma preocupação que a gente tem nas avaliações. Então eu vejo assim, a universidade ela tem essa proposta de avaliação do projeto qualidade e eu acho válido, eu acho muito importante isso, só não acho válido as avaliações os analisadores e, tentarem se penetrar nos valores intrínsecos daquilo que eu faço, porque aquilo que eu faço é uma coisa que eu acredito pra pessoas que precisam deles, porque ninguém sai vendendo aí coisas que ninguém compra. Se você tentar vender sua máquina de escrever hoje, você vai ter muita dificuldade, você vai encontrar talvez alguém que queira do que você possa vender, porque mesmo pra você colocar em algum lugar ninguém quer, as pessoas querem computadores hoje, então se eu faço um tipo de trabalho é porque eu estou encontrando ressonância pra esse tipo de conhecimento, né então os valores intrínsecos do meu conhecimento de uma avaliação mais da unidade, eu tenho que ser respeitado, esse é um ponto alto, mas acho que ela é primordial, se eu resolvi fazer cones de cartolina roxo e eu sei fazer muito bem toda essas caracteristicas, e está tendo aceitação no processo pedagógico, eu tenho que ser respeitado, porque eu não sei fazer computador, o que eu sei fazer é cone, cone de cartolina roxo, o dia que isso não mais interessar. deixa-se de fazer. Então eu acho que tem que ser cobrado quando você sabe fazer, eu sei fazer, então você vai ter que fazer muito bem, tem pessoas que querem isso, e as pessoas que estão querendo isso estão aqui disso que você faz, elas precisam de conhecimentos então leve conhecimento, então eu acho que a proposta de qualidade, e aqui dentro também, eu acho que toda iniciativa de forçar as pessoas a terem uma formação profissional de pós graduação eu acho importante, só que eu acho que tem que ter um pouquinho mais de uma visão crítica de tudo que eu possa fazer, porque eu não posso também entrar nos valores intrinseco das pessoas aqui dentro, porque o que aquela pessoa sabe fazer, ela tem que saber bem feito, ela não é porque faz aquilo que não é da minha competência não é do meu círculo ele não tem valor, eu acho que a unidade tem que ter um pouquinho de cuidado quanto a isso, senão vai acabar tendo o que a gente pode observar em alguns setores da universidade pessoas que tem uma formação de doutor mas não faz nada naquela direção, eles orientam, dão aulas, fazem pesquisas, publicam mas na hora que você vai a formação dele, tem pouco a ver com aquilo que ele faz, e só é como ele faz parte de um círculo que a gente pode chamar de aceitação, então ele talvez podia ser aceito, e outro que não está naquele círculo mas faz aquilo que é formado e aquilo que ele tem competência não tem muita ascendência, isso é um cuidado que precisamos tomar pra nas horas da cobrança, da formação as pessoas procuram formação naquilo que tem afinidade e com aquilo que tem

afinidade tem conhecimento a ser transmitido, então eu acho que ele tem que ser orientado e valorizado por aquilo que sabe fazer. Estando nessa direção eu acho válido e obrigatório as exigências da formação da pessoa, só não posso achar que a pessoa deve ser formada naquilo que eu sei fazer, e na verdade as vezes eu exijo que as pessoas tenha qualidade igual a minha enquanto eu não sei fazer aquilo que ele sabe. Eu, fora.. não entrando essa visão eu acho necessário. Eu não sinto, quantitativo a gente sente bem é, por qualitativo eu não sei se tá, eu nem sei se alguém tem condições de fazer uma análise qualitativa do que pessoas faz, eu não sei se tem condições porque quando você vai pra sociedade você percebe que é totalmente diferente a visão de necessidade né, as vezes você faz uma coisa monstruosa porém bem de qualidade bem, bem apurada, você chega lá não era, era aquilo que eles queriam então não sei se essa qualidade do que a gente faz tem jeito de ser analisado. Bom, eu vou responder mais ou menos quase que recordando do que eu falei na capacitação. A questão da motricidade humana na teoria do professor Manuel Sérgio, é uma coisa que a gente acredita , quando a gente começou com a escola de Educação Física aqui, embora tivéssemos pensando mais ou menos nisso, mas que não tínhamos embasamento, esse que o professor Manuel Sérgio trouxe, o que o professor Manuel Sérgio trouxe foi a filosofia a isso, vocês professores; de Educação Física vocês tem pegar essa ciência, mas isso que a gente quer, então que acontece não é que acontece muito, foi que algumas pessoas se envolveram perfeitamente nessa proposta dessa ciência desse movimentos outros com o objetivo de fazer a ciência à motricidade humana se destacou dentro da ciência humana, motricidade humana, mas eu acho que ele se particularizou muito, em fazer discussões críticas sobre o movimento humano e não sobre a ciência do movimento, embora eles, alguns professores tente fazer essa relação da ciência com a motricidade humana, mas ele faz questão, do movimento porque tem que ser feito, exatamente para as pessoas não a questão, e tem outros que continuam dando a mesma coisa pensando que está fazendo ciência da motricidade humana, mas não acrescenta novos ingredientes, novos conhecimentos para que aquela motricidade ganhe um corpo de nome, que eu possa identificar, então eu acho que está muito mesclado, e alguns tentando, indo para frente com elas fechados na ciência do movimento com elas, outros, em nome da ciência movimento faz críticas e que as vezes não se retornam para o movimento e outros que não fazem a motricidade e pensam que fazem. Eu vejo mais ou menos assim. Todos ouvem palestras e estas coisas todas. E eu vejo o seguinte, todos tem alguns que relacionam as teorias da Educação Física no sentido de colocar assim, qual seria o referencial da Educação Física. Na verdade eu acho que todo mundo tem uma contribuição muito forte a dar, só que nós temos uma sociedade que avança em relação a sua tendência corporal independente da Educação Física, porque as pessoas serão profissionais se não fizerem Educação Física, mas não serão profissionais se não fizerem determinadas modalidades e disciplinas do curso médio, então a pessoa que não fizer comunicação e expressão, ou seja, só ouvir e nunca ler e escrever ele jamais poderá assumir qualquer tipo de função profissional, isso é para, mas Educação Física sim, se ele nunca fizer Educação Física ele vai ser médico, advogado, dentista, vai ser o que ele quiser na vida faça ou não Educação Física. E pode até nunca fazer Educação Física na escola e acabar sendo um grande esportista e médico e ser advogado, é o que for, então às vezes algumas discussões da Educação Física, algumas críticas foi exatamente para destruir esse valor da

Educação Física enquanto cultura porque falava de um mecanismo que era verdadeiro, que só vinha a parte esportiva que era verdadeiro que a competitividade era verdadeira, mas isso não se tira dele, você não se tira das pessoas, porque isso não é Educação Física que se dá, a Educação Física pode trabalhar com estas questões, então alguns pensadores se enveredaram por discussões que não traziam nada para eles então as vezes acabavam dizendo no seu final que não tinham propostas, que não tinham receitas que realmente não tinham, porque talvez se tivessem receitas iam ficar presas no seu próprio anzol, né, então algumas discussões eu via nesse nível, hoje eu já vejo bem diferente, eu estou vendo aquela que discutiam em linhas diferenciadas, hoje tem uma discussão mais forte para Educação Física, então o que temos que fazer é, não, o que essas pessoas tem que discutir é discutir a Educação Física como um corpo do conhecimento e quando esse corpo de conhecimento começar a sair dos eixos que são pensados para um ser humano que se integra numa sociedade deve vir as críticas sobre aquele procedimento e não sobre a Educação Física. Eu acho que esse foi o grande caminho que foi tomado em discutir a Educação Física e não a direção que ela tomava e que acabou se destruindo a Educação Física, porque hoje não tem Educação Física nas escolas a criança paga 80.000 para fazer uma aula, de uma escolinha, de uma academia, mas não vai na Educação Física, porque a Educação Física eles acham que não traduzem nada, isto eu estou dizendo tendo em vista todas as monografias que eu orientei no curso de especialização e foi nessa direção, buscar qual é a visão do aluno que tem aula de Educação Física, então é a pior possível, porque, não é que o aluno não receba, é porque o profissional de Educação Física sendo só objeto das pesquisas recebeu todas as responsabilidades de uma Educação Física que eles queriam criar diferente, eles não levaram propostas para o profissional da área, que estavam na prática que tiveram aquela formação até errada. Eles fizeram críticas à aquele profissional que ele se recuou, só não vou ficar servindo de trampolim para pesquisas, o cara vem aí fazer uma pesquisa em cima de mim e quando eu vou ler alguma coisa ele toma um aqui, porque eu sou mecanicista, um revolucionista e quando eu quero construir um cidadão digno ele estava fazendo alguma coisa até certo ponto errado mas ele estava pensando diferente, ele fazia errado, mas pensava certo, né, mas o que os pensadores fizeram, criticaram aquela forma errada sem identificar o que pensava e não levou propostas para que eles pudessem pesar na balança. Com isso eles recuaram da Educação Física e a Educação Física errada que embora segurasse os alunos que eles tinham aquela imagem do esporte, mas para mim deu para sentir esse recuo, e acabaram não indo mais na Educação Física, então Educação Física hoje é alguma coisa que está no colégio porque é obrigado porque se baixar uma lei, quem vai ficar esportes em clubes, é nivel de Educação Física não sobra um para contar a história. Então quem é que foi responsável por isso, se ela era alguma coisa aceita e fazia parte da vida do aluno dentro da escola porque hoje ela não é mais, porque alguma coisa mudou, quem mudou foram os profissionais e quem mudou os profissionais, os pensadores, eles não mudaram por conta própria, eles mudaram porque leram, eles mudaram porque foram ouvir conversa, eles foram lá porque ouviram crítica, então se houve uma mudança na aceitação da Educação Física é porque mudou profissional. Se mudou profissional quem influenciou foram os pensadores, né, é isso que a gente vê, quando você vê, por exemplo, uma sociedade violenta no campo esportivo, não é o esporte culpado, o esporte é Educação Física, porque

Educação Física tem que ensinar o que é cultura esportiva porque cultura esportiva faz parte de um ser que está na sociedade e nós da Educação Física mexemos com o corpo que corre, dança e faz recreação. Se eu mexo com um corpo que corre, dança e faz recreação eu tenho que ensinar a cultura disso, se ele chega num campo tem atitudes anti-sociais no corpo que se movimenta ele não ensinou ele não aprendeu na escola, então vejo, eu vejo essa crítica aos pensadores que eles criticaram uma atitude mas levaram propostas. Vejo que aquelas pessoas hoje que querem uma Educação Física diferenciada com propostas, ora, eu acho que o que nós, não, vejo temos que fazer, acho que nós temos que ensinar isto, acho que isso pode ser ensinado e que outras ciências que estão chegando no mundo universitário, estão fazendo as mesmas críticas e que vai voltar outra vez corres atrás do rabo, né, então o que aconteceu muito com a Educação Física foi isso o aluno entrava e encontrava um pensador crítico, o pensador crítico influenciava esse aluno e ele saia e fazia a crítica lá, só que quando ele chega lá ele encontra uma outra realidade, uma outra coisa que o aluno queria, então, ele voltava para dentro da escola, quando ele voltava para escola ele vinha fazer especialização e mestrado só que ele vinha com que, ele vinha com discurso daquele pensador, então estava mais em cima, vinha outro aluno novo com o mesmo discurso em cima dele, esse trazia, então foi criando o bloco, das mesmas críticas em cima dos mesmos profissionais e nenhum foi lá mudar, eles tiveram que voltar para continuar as mesmas críticas, então hoje o que tem que ser feito? é levar propostas diferenciadas que parece que começou a ter. Esse encaminhamento, que eu já assisti palestras e vi coisas escritas por pessoas que pareciam que tem o mesmo nome, mas pareciam que foram outros que escreveram, né, eu acho que esse é um bom caminho".

DEPOIMENTO Nº 09

"Eu acho que na concepção e a concepção provavelmente que deve ter norteado toda essa nossa geração na questão curricular, está baseada na questão do esporte, do esporte, auto-rendimento. Tem três grandes modos onde assim, o esporte, o esporte auto-rendimento, a parte biologizante aí em que você aprendia as anatomias, fisiologias da vida, em uma perspetiva bem mecânica, toda separada, músculo por músculo, função por função e você não ligava isso de uma forma geral com a pessoa que afinal de contas, praticava esta atividade. E também, a parte pedagógica que você tinha, depois que você conhecia esse cara que praticava esporte, que praticava atividade física, esse cara que tinha funções fisiológicas ou anatômicas, você ia aprender também essas disciplinas, para ver como que podia ser o ensinar desta área. Então, três grandes compartimentos assim na formação profissional, todos eles não integrados necessariamente e que você saia afinal de contas com o título de licenciado teoricamente, deveria saber ensinar atividades físicas e práticas esportivas, minha formação profissional foi isso aí. Acho que a gente pode dividir aqui a história da UNICAMP apesar de ser muito recente de 85-84 para cá, você pode dividir em dois grandes momentos. O primeiro momento, que foi a criação do curso em 84-85, onde basicamente três pessoas participarão na montagem desse curso, foi o Tojal, o ídico e fui eu. E que esse curso foi criado num momento político e não num momento pedagógico, o que significa isso, significa que na época houve a possibilidade, graças a ele, inclusive a influência do Tojal com a então reitoria, houve a possibilidade da gente criar a Faculdade de Educação Física, porque desde 82, a prática da Educação Física que estava sendo feita de uma forma diferente, eu diria um pouco mais consistente e que graças ao reflexo disso e a essa amizade do Tojal com então a atual reitoria, nós tivemos a possibilidade da criação do curso. Esse curso foi criado no primeiro momento de uma forma a toque de caixa, porque estas três pessoas que mencionei, o Tojal, eu e o ídico, nós aí fizemos ementas de tudo quanto era disciplinas, compusemos currículos e eu lembro que na composição dos currículos, não foi uma questão refletida, não houve uma reflexão, houve mesmo uma montagem de disciplinas. Era a própria idéia que nós tínhamos ainda da própria formação profissional nossa, só para você ter uma idéia, acho que passava por algumas forças corporativistas também, só para você ter uma idéia, a gente criou o Bacharelado, antes do Parecer 3-87, mas o Bacharelado na realidade nesta primeira fase era o antigo técnico desportivo, e que praticamente nós transformamos aqui em bacharelado, o curso já tinha sido criado em quatro anos, e nesses quatro anos, o cara podia sair bacharel em treinamento esportivo ou licenciado. Como não existia ainda legalmente a figura do bacharel, a gente recomendava aos alunos e até organizava toda a recomendação no sentido de fazerem a licenciatura como ponto básico e complementar o treinamento esportivo com o bacharelado. Agora a concepção que estava por trás das nossas cabeças nesse momento, era uma concepção acrítica, uma concepção muito mais de intuitiva do que refletida mesmo, era uma concepção que a gente queria criar um curso que tivesse uma consistência mais adequada daquelas que a gente teve ou da nossa formação profissional, mais foi feito nesse sentido, muito mais nesse momento político que eu disse a você. Então, a gente tinha mesmo a soma de disciplinas, a soma, não

tivemos nem uma vez discussão nesse momento de teorias curriculares para montar currículos, nada disso. Montamos basicamente em cima dos professores que a gente tinha aqui, nós éramos em 17 professores, dos quais só um tinha mestrado, que era eu. Os outros todos não tinham nem o mestrado inclusive. Sim, porque todos nós até 1981 trabalhamos aqui a prática esportiva, a prática da Educação Física para os outros cursos de graduação, nós trabalhávamos por modalidades, quer dizer, a gente tinha uma parte inicial de aula e tal e depois os alunos escolhiam as modalidades e trabalhavam as modalidades. Nós mudamos isso a partir de 82, que a gente começou a fazer uma trabalho mais sério de informação efetivamente, de ensino efetivamente na prática da Educação Física nos outros cursos. E foi graças a essa mudança e a esse reflexo que a gente conseguiu inclusive num momento político, a aceitação da universidade de uma certa forma para a abertura do curso de Educação Física. Agora, acho que o que é importante para você, a montagem desse primeiro momento, foi um momento político, foi um momento em que nós não refletimos sobre teorias curriculares e também foi uma montagem, que eu diria que o grande mérito dela foi propiciar um segundo momento que graças ao curso que a partir de 86-87 a gente trouxe para cá uma série de colegas na montagem desse curso, conseguiu contratar muitos professores, para você ter uma idéia, nós éramos em 16 em 87 e em 88 nós já éramos em 51 professores, dos quais a gente trouxe massa pensante, vamos dizer assim, para poder daí sim, refletir com a gente a montagem de um currículo adequado que fosse diferente daquela tradição nossa de modelo mecanicista aí mesmo. Surgiu exatamente porque mesmo na montagem do primeiro currículo a gente sabia e a gente gostava, a proposta nossa é formar não mais um curso de Educação Física, mais sim, oficializar um curso que tivesse méritos próprios, desde o início a gente tinha isso muito claro, mesmo no primeiro momento não sendo isso cumprido, mais isso foi cumprido nesse segundo momento, ou seja, como a gente estava querendo montar esse curso, que fosse um curso de característica própria, que afinal de conta transcendesse aos outros cursos normais de Educação Física, inclusive que a gente tinha se formado, a gente sentiu a necessidade de trazer pessoas que pudessem entrar nessa empreitada com a gente, a gente tinha perfeita consciência de que só naquele grupo de 17 iniciais, nós não teríamos condição de chegar a esse objetivo, era um curso que se fosse um curso efetivamente, eu digo diferente, não no sentido de valor, no sentido daquela formação profissional que a gente já tinha vivenciado e para isso era fundamental que a gente mudasse, que a gente trouxesse pessoas que pudessem colaborar com a gente nessa empreitada, tanto é que a gente foi buscar pessoas no Brasil inteiro, pessoas que estavam se destacando na Educação Física, trouxemos desde lá da Paraíba, o Joãozinho, mexendo no estado de São Paulo todinho e fomos buscar muitas pessoas que só para você ter uma idéia, esse foi o grande mérito dessa fase, fomos buscar pessoas que não eram amigas, quer dizer, não era um problema de QI, eram um problema independente do que pensavam da corrente até ideológica que possuíam e trouxemos para cá, para compor esse grupo, esse grupo altamente plural, mas um grupo que tivesse um respaldo já de publicação, de escritos em Educação Física, fomos buscar, estava dizendo a você, o João, o Marcellino, o Bramante, o Lino, dentre série de outras pessoas para dizer a você que o que a gente queria aqui, não era formar um curso hegemônico, mas era formar um curso que na pluralidade dessas pessoas que estavam se destacando em Educação Física, a gente pudesse daí sim ter um curso consistente. Com a vinda dessas

pessoas, a partir de 86-87 daí sim desencadeamos o segundo momento que era aquela idéia original de formar um curso consistente, um curso que pudesse transcender aquilo que se tinha na Educação Física Brasileira, e nesse segundo momento realmente de 87 a 90 foi um momento muito importante da FEF em que as reflexões sobre então o currículo que hoje está vigorando foram muito intensas, quer dizer, foi um processo muito, eu diria muito gostoso de participar com brigas muito boas, com posicionamentos muitos bons, onde se discutiu efetivamente argumentações básicas para a gente ter uma proposta curricular, inclusive nessa época a gente teve como professor convidado dois anos o Manoel Sérgio que veio discutir inclusive a possibilidade da implantação da ciência da Motricidade Humana, então foi um segundo grande momento, este sim muito significativo em termos eu diria pedagógico, os acadêmicos onde o vigor existiu na discussão de tudo isso não significa que o modelo nosso hoje e o nosso modelo curricular seja um modelo que esteja acabado que esteja muito bom, tem muitos problemas que terão que ser redimensionados. Alguns dos problemas, bom, primeiro, definir melhor algumas das próprias aplicações do bacharelado, o que significa isso: significa que vai ter que ter mais clareza ainda se essas áreas serão áreas de concentração mesmo para pesquisa, se elas vão estar amarradas na possibilidade que a gente até agora não tem muito claro de objeto de estudo que seria Motricidade Humana, quer dizer, na semana passada nosso departamento de Educação Motora teve uma reunião muito interessante, três dias a gente ficou discutindo, que por exemplo, para você ter uma idéia como essas coisas estão agora fervilhando, nós chegamos a conclusão que não existe uma ciência da motricidade humana, sim existe ciências da motricidade humana e que provavelmente nós deveremos fazer parte dessa ciências da motricidade humana, na análise das questões do movimento e da intencionalidade do movimento é, mas, então durante todo esse momento a gente está rediscutindo toda a distribuição da própria FEF, problemas tipo numa Instituição departamental você tentar fazer um curso que tem uma visão um pouco mais abrangente que se busca primeiro a caracterização da área profissional para depois chegar a especialidade, numa organização departamental universitária, é meio contraditório, porque cada departamento tenta gerar seus próprios destinos, e você está tentando discutir primeiro uma questão mais geral para depois ir para os específicos. Então, tem uma série de problemas não só conceituais como administrativos que a gente esta tentando vencer numa medida do possível, um exemplo dessa tentativa de vencer, a FEF mudou a sua estrutura departamental em função da discussão curricular da graduação, isto que eu acho que é o outro ponto positivo, antes a gente tinha três departamentos que em função das discussões que geraram novo currículo da graduação, foi se mudada a estrutura administrativa da FEF, ou seja, com os departamentos agora eu diria mais autênticos, trabalhando as suas áreas específicas de habilitação de pesquisa, mais são coisas que não estão terminadas, são problemas entre outros estes dois que eu citei a você, são problemas que a gente vai ter ainda que discutir por muito tempo. Primeiro, a vinda desses outros professores onde a gente tinha o grupo inicial, tinha idéia muito clara, o que aquilo que tinha sido montado, como disse a você, foi muito mais num momento político do que num momento pedagógico e epistemológico, agora com a vinda dos novos professores a gente tentou transformar aquele momento político, num momento epistemológico para a tentativa de caracterizar esse curso com a identidade própria. Então, por exemplo, um dos motivos foi esse, foi a

constatação que estava muito clara para nós desde o início com a vinda desses novos colegas participando dessa empreitada nossa, a gente tinha necessariamente que qualificar melhor esse curso de graduação, esse é um dos motivos da mudança, não foi necessariamente uma análise de turmas que já haviam saído, porque, tinham saído poucos, poucas turmas, 85 foi a primeira turma que entrou, então você vê essa primeira turma saiu em 88, final de 88, de 87, final de 86 a 89, agente discutiu a reformulação do currículo e em 90 a gente implantou e também não dava para analisar muito a questão da formação discente, porque os nossos cursos, isto é um problema que a gente ainda não resolveu, como a UNICAMP tem nota mínima, as vezes a turma que entra é muito pequena, então fica muito, eu diria, complicado a você analisar com um número pequeno de alunos profissionais egressos, alguma coisa em relação a formação curricular ainda, ainda não é muito representativa. Nós somos turmas de 50, mas o últimos três ou quatro anos, a turma média tem sido de 22 alunos que entram por ano, quer dizer, com uma certa evasão que tem até o final do ano, você vê quantos alunos a gente tem de formação para poder fazer essa análise. Quando a gente está falando de motricidade humana, a base, o documento inicial das questões da motricidade humana, na FEF foi o pensamento e a própria tese do doutorado do Manoel Sérgio, só que eu diria aí, que as discussões desse grupo maior, ampliado, professores a partir de 87 em relação a teoria do Manoel Sérgio, tem algumas posições por exemplo; alguns simplesmente não aceitam essa teoria, advogo muito mais, por exemplo, a tentativa de se institucionalização de Parlebás, na perspectiva, ação motriz, outros também não advogam, mas nem conhecem a teoria que eu acho que é um pouco complicado, alguns adotaram, que eu acho que é uma posição bem forte na FEF, como ponto de partida na teoria do Manoel Sérgio, só que a própria FEF, diria que já transcendeu um pouco as questões que o Manoel Sérgio coloca, inclusive em função das discussões da teoria do Parlebás do Cagigal, eu diria que a FEF hoje discute o conceito da motricidade humana que de uma certa forma condiz ou compõe vários autores, eu diria já mais, não vou dizer o termo evoluído, porque o negócio é meio complicado, é juiz de valor, mas esta diferente da teoria original do Manoel Sérgio. Então, hoje o conceito da Motricidade Humana nossa advogada aqui pela FEF, por isso que eu estava dizendo aqui para você que é ciências da motricidade humana, tem um aspecto maior do que aquela defendida originalmente pelo próprio Manoel Sérgio, então, não é teoria do Manoel Sérgio, eu diria que já está caracterizado um pouco uma teoria da FEF sobre Motricidade Humana. Aí, a gente tem que colocar dois pontos que eu acho que são básicos, quando a gente diz, por exemplo, eu que de 85 a 89 fui coordenador de graduação nesses escritos inclusive, nesse que você menciona a gente sempre acha como compromisso profissional deve passar não pela titulação acadêmica simplesmente, mas, deve passar exatamente porque essa área de conhecimento pode prover no sentido da transformação, na transformação social, de uma forma mais ampla, sem ser ingênua, achando que você mudando a formação profissional, você vai mudar a sociedade, não é isso que a gente está dizendo, mas que a gente tem um espaço de ação e neste espaço de ação não tem três opções, tem duas opções, ou você se forma como um profissional para manter o estado, ou você tem na sua formação profissional, vertentes que indicam que o importante é a transformação inclusive da sua profissão e a possibilidade da transformação das relações sociais. Então, quando a gente defende que na Educação Física a gente deve tentar trabalhar ou formar esse profissional para que ele

possa ter uma consciência crítica e nessa consciência crítica transformar a sociedade, por exemplo, para que nas suas ações profissionais não se volta só para o individualismo, se acene mais as questões de corporativismo e tal, essa idéia está muito clara em algumas pessoas da FEF, essa também a gente não pode ser ingênuo, também não é uma posição hegemônica na FEF, porque os próprios professores eles tem visões diferentes sobre isso, então há professores que no seu dia a dia, no seu trabalhar com o corpo discente, tranqüilamente advogam essa posição, e trabalham em função disso aí. Há outros professores que discursam isso, mas no dia a dia não fazem isso e há também um terceiro grupo de professores que está presente aqui na FEF, que não advoga esse conceito, acha que a questão dever ser a pesquisa, a pesquisa justifica tudo independente desta pesquisa trabalhar necessariamente numa transformação social, não, independente dessa pesquisa trabalhar necessariamente no sentido mais coletivo ou não. Então, tudo o que é pesquisa, tudo o que é, vamos colocar entre aspas, o que é de ponta justifica os fins de uma formação profissional. Então, quando a gente diz que a gente trabalha, que a intenção nossa, eu diria que nenhum grupo, acho que até bem significativo da FEF é transformar, é refletir sobre as nossas ações profissionais para que essas reflexões possa transcender um mero individualismo, possa transcender um mero rendimento, acho que tem muitos professores aqui, que compõem essa idéia e vão atrás disso aí nos seus escritos, nas suas ações, nas suas práticas. Por isso que a gente coloca isso como função principal da formação profissional, que essa formação profissional não se esgote nela própria, mas, que se esgote na relação dessa profissão, sociedade e na visão que estes profissionais tem da sua profissão, a hora que estão no dia a dia. Quando se institucionalizou essa possibilidade, a partir desse Parecer, quando se institucionalizou que uma formação profissional fosse mais abrangente de uma formação profissional de que não limitasse as disciplinas de um currículo mínimo, em tese toda essa idéia é altamente, eu diria progressista. Agora, se ela é progressista não significa necessariamente que a implantação dela seja também progressista, isto significa dizer o seguinte: neste grupo que trabalhou na possibilidade dessas transformações e que está escrito no Parecer, foi um grupo em que a clara consciéncia das transformações que seriam necessárias, mas que a implantação dos próprios currículos de graduação, mesmo se utilizando dos cursos legal que é o Parecer, podem e fizeram nas suas implantações ou nas suas reformulações curriculares, eu diria que coisas que não estão nada no que está escrito no Parecer, nem por isso deixam de ser legais. Vou dar alguns exemplos que a gente conhece, alguns cursos quando foram fazer as suas reformulações curriculares em função, inclusive dessa questões legais, na passagem para quatro anos e tentar esse compromisso mais amplo, eu lembro que algumas faculdades vieram aqui na UNICAMP, me lembro uma delas veio o diretor da Faculdade e o secretário da Faculdade, veio conversar com a aqui, como que a gente estava fazendo as reformulações curriculares, uma Faculdade isolada aqui do interior do estado de São Paulo, Faculdade de Educação Física e eles passaram o dia aqui com a gente conversando sobre a reformulação curricular, terminou o dia, eles foram embora contentes e tal, agradeceram as discussões que eles tiveram com a gente e eu me lembro que não demorou um mês depois eu recebi um novo currículo da Faculdade de Educação Física desse local, em que tinha sido feito toda a modificação curricular, em menos de um mês fizeram a modificação

curricular, já estava todo o programa, carga horária, docentes responsáveis, que eu me lembro como na época a gente estava discutindo sobre a questão da motricidade humana que tem um conceito mais amplo, no currículo dessa Faculdade aparecia a disciplina Motricidade Humana, só que era dada pelo mesmo professor que dava ginástica, handebol e futebol, quer dizer, esse cara devia ser muito bom para dar essas disciplinas todas e agora mais Motricidade Humana. Então o que eu estou querendo dizer com isso que o Parecer no meu ponto de vista, ele é progressista, vamos dizer assim, usar um termo não tão radical, mas, a implantação na prática das reformulações curriculares, mesmo utilizando desses cursos progressistas, a atitude de muitos professores não se mudou. Isso significa dizer que eu possa até ter um discurso progressista, agora no meu dia a dia eu posso ser tão autoritário, como eu sempre fui. Eu acredito que no Parecer é progressista, quer dizer, se você comparar o discurso que existe no Parecer 215/87 com os anteriores que trabalham sobre as reformulações ou a caracterização profissional da Educação Física, não tem dúvida que ele tem essa característica progressista. Agora, a implantação efetiva não é um problema legal, é um problema, é um problema legítimo e que depende da atitude do professor, isso não é no Parecer que a gente consegue mudar não. Esse famoso tripé que a Universidade tem e que passa por todos os cursos de graduação não só em Educação Física, a questão do ensino de pesquisa e extensão é um dos cursos consagrados, mas é um discurso dos cursos que não se operacionaliza nas universidades brasileiras na maioria delas e não só na Educação Física aí no caso. A razão é que a maioria das universidades brasileiras sejam elas até estatais, seja particulares, acabam ou por um motivo ou por outro, continuando trabalhando essas três funções como coisas bem estanques, por exemplo: algumas se preocupam apenas com o lado chamado aí de ensino e o pior que isso, caracteriza o ensino, simplesmente como transmissão de conhecimento já pronto, já acabado e acham que estão fazendo ensino. Outros, por exemplo, se preocupam só com a pesquisa e a pesquisa justifica tudo, resultado: os próprios cursos de graduação são desprezados, só se preocupa com pós-graduação, só se preocupam com pesquisas, com laboratórios e a graduação fica assim relegada a um enésimo plano, outros se preocupam só com a tal da extensão, só que esta extensão é muito mais confundida com o assistencialismo social do que com a prática de um ensino transformador que deveria ser um ensino universitário, um ensino criativo, a prática de uma pesquisa, que deveria ser uma pesquisa aplicada efetivamente na comunidade, acaba transformando isso num mero assistencialíssimo a comunidade, chama isso de extensão, então e que não tem nada de novo nesse ensino que se leva para a comunidade na chamada extensão, é um assistencialismo de coisas que já foram feitas aí a décadas e continuam sendo feitas nesse sentido. A FEF, de uma certa forma, ela tem dois problemas em relação a isso, eu acho que em termos de ensino, ela está conseguindo, eu diria que numa porcentagem muito boa, é inovar ou ser criativo na perspectiva, na reflexão das coisas que são importantes, eu diria que ela falta hoje exatamente por uma não valorização não da FEF, nas da própria UNICAMP, falta hoje uma perspectiva mais consciente de extensão ou seja de reverter efetivamente para a comunidade de uma forma mais concreta, eu diria de uma forma mais ampliada as questões, inclusive que são discutidas aqui dentro nessa nova visão de se tentar ver esse campo profissional, eu diria que ela se valoriza na pesquisa, só que a

pesquisa também ainda dissociada desta questão da extensão, como eu estava dizendo a você, então eu diria que a FEF também tem esse problema e eu diria que não é a FEF que tem esse problema, eu duvido que alguma universidade, algum curso profissional, de graduação em qualquer área de conhecimento, tenha conseguido superar isso, mesmo porque depois a gente vê que a própria estrutura departamental das universidades brasileiras que surge aí a partir da década de 60, complica efetivamente você conseguir unir essas coisas, até é um problema estrutural em que as vezes você vê departamentos se degladiando para tentar fazer isso ou aquilo e você não tem a consistência de um trabalho mais abrangente. Bom aí a gente vai falar especificamente da FEF, eu acho que o docente não dá conta desse tripé por funções algumas burocráticas que acabam assumindo mais tempo do que as questões acadêmicas de uma certa forma, vou colocar exemplo claro para você, na UNICAMP existe de um tempo para cá um tal projeto chamado qualidade em que todos os docentes tem que passar pela titulação acadêmica independente até do trabalho qualitativo que esteja fazendo. Ele tem que produzir necessariamente durante determinados períodos de anos a sua tese de mestrado, a sua tese de doutorado, senão ocorre o risco de ser diminuído aulas horas, coisas desse tipo. Isso quando exacerbado dessa forma, acaba sendo um problema muito mais administrativo do que um problema acadêmico. Porque, por que o cara pode até estar fazendo um trabalho muito bom de extensão, por exemplo, mas se ele não transforma numa tese de mestrado, numa tese de doutorado ou não vai atrás das coisas que são valorizadas por possíveis orientadores, ele acaba sendo menosprezado, ele acaba sendo colocado no segundo plano, você vê é um problema burocrático, é um problema até de política acadêmica, de política universitária da própria UNICAMP, que se tem seu sentido positivo de uma certa forma, fazer com que as pessoas se atualizem e até tenham novas visões sobre ciência, sobre o mundo e tal de uma outra forma, é uma camisa de força, que o cara se vê também necessariamente ter que largar coisas que estava fazendo para se enquadrar nessa nova camisa de força. Então, na FEF, existem coisas desse tipo complicando o desenvolvimento disso. Também na FEF as vezes isso se complica porque na Licenciatura, por exemplo, e aí talvez não seja um problema também só da FEF, mas, na FEF existe, na licenciatura, por exemplo, você tem que contar, com um entrosamento adequado com a Faculdade de Educação na questão do estágio, na supervisão disso e tal, e nem sempre isso é fácil, nem sempre essa ligação, o departamento de Educação ou a Faculdade de Educação com a Faculdade de Educação Física ou qualquer outro curso de licenciatura é muito fácil, as coisas são complicadas, é difícil você conseguir fazer programas conjuntos, discussão de programas conjuntos, discussão de atividades desse perfil do licenciado conjunto, isso é muito complicado em todo lugar, inclusive aqui na FEF. Isso acaba se resumindo nisso, acaba se resumindo a unidade dando toda a sua parte profissionalizante aí e tal e depois acaba sendo as disciplinas pedagógicas sendo dadas de uma forma que não há um grande entrosamento com a própria parte profissional da FEF no caso. Nós aqui temos as práticas, a gente até consegue um bom entrosamento por a Carmem ser uma professora de Educação Física e estar muito ligada com a gente o tempo todo nas discussões. Tanto é que foi uma das professoras que mais participou nas nossas discussões curriculares naqueles três anos que eu mencionei a você de 87 praticamente a 90. Agora tem outras disciplinas que esse contato fica muito difícil e são disciplinas também importantes, então esses são

alguns problemas que se caracterizam essas dificuldades no caso da FEF, tanto na parte pessoal como na parte estrutural. Eu acho que a questão de postura, acho que críticas no sentido de falhas, eu acho que todas as correntes de uma certa forma ou todos nós de uma certa forma temos as vezes a falta, eu diria, não sei se o termo melhor é esse, a falta de unidade necessária para saber que as vezes a gente faz análise enviesada, o que eu estou querendo dizer com isso, que eu vejo muito não só na nossa área, mas, na nossa área isso também acontece problemas das pessoas acharem que as suas concepções são as únicas verdadeiras. Eu acho que isso aí em vez de fazer com que você possa progredir as vezes impede o progresso, por exemplo, se a gente começa a contrastar algumas coisas na área Educação Física, vamos dar exemplo, a gente já vê isso mais ou menos caracterizado a UNICAMP trabalha em cima da motricidade, então está tudo errado, ou a UNESP trabalha em cima da questão desenvolvimentista e está tudo errado, coisas desse tipo, eu acho que complicam muito mais do que ajudam a possibilidade de você desenvolver uma formação profissional de qualidade. Existe uma crítica e ela não é pessoal, é muito mais nesse sentido, de a gente tentar formar feudos e esses feudos complicam o desenvolvimento, porque você joga muito mais retaguarda em vez de estar aberto a discutir as possibilidades de avanço. Então, eu diria que a crítica é muito mais nesse sentido, o dogmatismo que as vezes toma conta de determinadas correntes ou determinados pensadores e que fazem com que esses pensadores ou dessas correntes não se comuniquem com outros pensadores e outras correntes, e de uma certa forma ficam até se degladiando um pouco. Vou um pouco mais longe, eu acho que a Educação Física no estado de São Paulo poderia estar muito mais consistente, eu diria muito mais crítica, muito mais desenvolvida nas questões epistemológicas e na sua formação acadêmica, se por exemplo, a gente tivesse muito mais facilidade das três universidades Paulista conversarem na área de Educação Física e a gente sabe disso por uma série de motivos, não é muito fácil, diria que o dia em que a gente conseguir superar isso, a gente teria uma qualidade de Educação Física ou de Motricidade Humana muito mais adequada aos próprios, a qualidade dos pensadores que existe nessa área no estado de São Paulo. Nessa parte, o problema não é na formação desses profissionais, eu diria que nessa parte o que complica um pouco em interagir com outras áreas profissionais, sociólogos, psicólogos ou até biólogos, anatomistas, seja o que for, o problema é que a gente não tem caracterizado qual é a nossa. Enquanto que você não tem claro o que você é, por exemplo, o que seria se o professor de Educação Física ou esse profissional de Educação Física, fica difícil até de você conseguir fazer uma análise, bom esse cara pode se relacionar com as outras áreas de conhecimento, assim, assim, assado. Então, o problema, eu não vejo problema nenhum de nós termos sociólogos, psicólogos que não são formados originariamente em Educação Física para trabalharem no curso de graduação, não vejo problema nisso, agora vejo problema a gente não conseguir clarear, não conseguir identificar qual é a nossa área específica de ação, isso eu vejo problema, e vejo problema quando a gente tem profissionais que dizem que isso não é importante, que normalmente esses profissionais não são da área de Educação Física, daí eu vejo que é uma situação cómoda para esses profissionais, porque afinal de contas eu sou um historiador, eu já tenho um objeto próprio de estudo, eu posso até achar que para o outro aquilo não é muito importante caracterizar, mas eu acho que para a própria interlocução

adequada entre essa Motricidade Humana, entre a Educação Física com as demais áreas já estabelecidas, ela precisaria também se caracterizar, isso é uma questão de princípio senão a gente não tem imagino eu, a gente não tem necessidade de existir, se a gente simplesmente for adaptar coisas que é o discurso que se diz a miúdo, não a Educação Física interdisciplinar, mas, como ela pode ser interdisciplinar se ela não se revela com uma disciplina, se ela não tem objeto próprio, se ela não se caracteriza, que interdisciplinar é esse? Conceito de interdisciplinaridade só pode existir quando existia a reciprocidade entre as várias áreas, se a gente não tem uma área que nos caracterize, que reciprocidade que é essa? Então, eu não vejo problema que os profissionais de outras áreas trabalhem, pelo contrário, muito saudável, muito importante que esses profissionais trabalhem na área de Educação Física, mas acho fundamental que as pessoas que se formaram nessa área, tenham competência suficiente para estabelecer a sua área e para dialogar com essas outras áreas, porque senão de uma certa forma acontece que historicamente nós somos sempre meio submissos as outras áreas porque a gente não se caracteriza com a área. A gente na realidade não tem o diálogo com essas outras áreas, a gente tem uma aceitação de adaptação das coisas das outras áreas aplicadas a nossa área, a nossa possível área. Então, eu acho que é aí que está o grande problema, o problema não são de profissionais de outras áreas que aqui estão, acho até muito interessante que o cara formado em Educação Física que faça o seu mestrado, doutorado fora da área da Educação Física. Isso amplia a sua visão, isso deixa com que ele tenha uma consistência mais adequada, talvez até definir sua própria área. Eu acho que a definição da área de Educação Física, não vai se dar dentro da própria área de Educação Física, ela vai se dar inclusive a hora que você confronta com essas outras áreas. Eu acho que a FEF nesse ponto ela é privilegiada, ela é privilegiada, porque ela não tem por ser nova, e sendo nova houve um momento de contratação de vários profissionais então ela chegou aqui, essa equipe com toda as suas diferenças de matriz teórica seja lá o que for, ela chegou aqui para tentar compor um quadro e na composição desse quadro, eu acho que a FEF tem um privilégio muito grande, que é contar com essa pessoas todas de várias áreas, inclusive da área de Educação Física, tentando compor ou pintar esse quadro da forma mais adequada ou seja tentando criar a identidade dessa Educação Física ou dessa Motricidade Humana. Então a FEF nesse momento está muito bem porque os profissionais que trouxe de outras áreas são profissionais que sempre tiveram grande interesse por essa área de Educação Física também, nós citamos sociólogos como Marcellino, historiador, como Gebara, eu cito outros que vieram inclusive da área biológica, que teoricamente também sempre foram muito distante, o próprio Edson, o próprio Ademir de Marco, Aguinaldo que vieram de outras áreas e que estão com o objetivo básico de tentar estruturar essa área, então eu acho que nesse ponto a FEF é privilegiada. Hoje eu não poderia dizer que ela é ciência efetivamente, está faltando todos esses pontos básicos e eu não estou aqui dizendo quais são os critérios para se dizer o que é ciência e o que não é ciência, se estão adequados ou se precisam ser reformulados, estou dizendo que critérios mínimos para se identificar uma área científica realmente nós não somos ainda. Creio que a Educação Física ou essa ciência da Motricidade Humana, poderão vir a ser essa ciência que a gente está procurando, olhe que a gente tem como objeto de estudo, esse homem aí que se movimenta aí e que através

do movimento ele explicita uma História, através do movimento ele explicita intenções através do movimento ele revela sua carência com as coisas e para os outros, através do movimento ele mostra que necessariamente a característica humana é de um ser que comete ações todos os dias, acho que se a gente começar nesse universo de pesquisa, de ação e de reflexão, acho que a gente começa a identificar efetivamente a nossa área de conhecimento, a nossa área científica, acho que existe grandes probabilidades disso acontecer e é isto que eu quero dizer, agora vou me referir aquela questão de dogmatismo em que eu falei anteriormente como crítica. Eu acho que a gente só vai identificar essas coisas, a hora em que a gente sair que isso a gente faz ou através da motricidade ou faz através de uma linha crítica social dos conteúdos, ou faz através de uma linha desenvolvimentista, eu acho que não é ou eu acho que sem ser eclético, a gente está numa época que tem que ser pluralista mesmo, quer dizer, ver as várias concepções para tentar nessas várias formas de você enfocar determinado fenômeno que é a descoberta desse possível código corte epistemológico da nova ciência, a gente tem que ver em todas essas áreas o que a gente pode efetivamente pensar de importante para caracterizar a área, aí estou me referindo a crítica que eu fiz, eu acho que hoje a gente está até patinando em pouco, que as pessoas estão tratando bem em cima de suas concepções determinadas, eu acho que por aí a gente não vai, por aí a gente não caminha, insisto, não estou sugerindo ecletismo, que no ecletismo você conhece um pouco de tudo e não faz nada, eu estou sugerindo é que a gente abandone o dogmatismo e tenha uma visão pluralista para tentar organizar ou caracterizar essa nossa área de ciência, pois ela realmente ainda não se caracteriza. Este tema avaliação, é o conceito de avaliação universitária, eu vou falar da UNICAMP, está ligado aquilo que eu já disse agora pouco para você, o tal do projeto qualidade, nos relatórios dos docentes a que são medidos, vamos dizer assim, por quantos artigos ele publica, se ele no prazo determinado, ele defendeu sua dissertação de mestrado, defendeu sua tese de doutorado, quer dizer, são critérios acadêmicos, eu diria rígidos, que necessariamente apesar de ter o nome de projeto qualidade é muito mais avaliado no projeto quantidade, quer dizer, das coisas que ele faz e a qualidade efetivamente no trabalho, as vezes passa meio despercebido. Isso ligado a Educação Física é um pouco mais problemático, aqui no caso a UNICAMP, porque uma unidade nova tem maiores problemas que não entram nesta avaliação ou nos critérios dessa avaliação docente que é a própria necessidade de inclusive na sua estrutura física, tomar pé das coisas, organizar seu currículo, avaliar o currículo, avaliar o processo de desenvolvimento curricular, toma ainda questões mais complicadas na FEF, UNICAMP, que ao mesmo tempo se implanta a graduação, se implanta o mestrado e agora começa um doutorado, quer dizer, são muitas coisas ao mesmo tempo que faz com que a avaliação docente restrita a um conceito acadêmico na UNICAMP, já de unidades bem institucionalizadas, eu diria antigas, que já tem uma tradição, como Física, Instituto de Biologia aplicados a Educação Física revela que nós ainda temos muito chão para nos institucionalizarmos para daí sofremos um processo de avaliação desse tipo, mas, como não existe dois pesos e duas medidas, você tem que acabar entrando nisso que é cobrado pela universidade, resultado eu acho que muitas das coisas que poderia ser feita com mais rigor e com mais presença para a Educação Física e para a FEF no caso, acabam sendo desprezadas em função do critério geral da universidade. Vou dar um

exemplo concreto disso aí: nós temos um curso de graduação que é novo, que foi modificado seu currículo e nós não podemos dedicar muito tempo na avaliação desse currículo porque nós temos que fazer as coisas que cobram da avaliação docente pelo critério da universidade, então se você mencionar que participou de uma comissão de reformulação curricular, dar reflexões sobre a reformulação curricular do curso de graduação o peso disso é mínimo. Então isto é desconsiderado, então não vale a pena pelos critérios da universidade, você se dedicar a participar de todo um processo que demanda tempo, demanda teu empenho, para reformulação do curso de graduação, é muito mais importante você escrever dois ou três artigos e publicar, que isso depois na análise da tua avaliação docente para os órgãos institucionalizados é muito mais importante. Então, é isso aí, estes problemas acontecem e essa avaliação acaba privilegiando essas questões mais institucionalizadas, do que as características específicas da identidade de cada unidade. Não significa que eu ache que os caras não tem que fazer o mestrado, doutorado e publicar, acho que tem que fazer isso, é óbvio. Mas, teria que ser dado também uma forma de dar valor a participação em comissões mais diretamente a comissões de graduação em resolver os problemas de graduação, em discussão de avaliação discente, por exemplo, isso também nunca ninguém toca e como que os discentes podem participar da avaliação docente, isso também ainda é um tabu nas universidades, essas coisas é relegada a um segundo plano".

DEPOIMENTO Nº 10

"Bem, eu acredito que a minha formação era muito atípica, eu não sei, eu acredito que não seja o tipo comum das pessoas que procuram o curso de E.F.., não porque eu não tivesse afinidade com o esporte, isso é comum, não por que eu não tivesse tido uma vida, uma juventude, adolescência ligada a atividade corporal esportiva, tive muito e evidentemente isso me levou também para a E.F. . Mas, o atípico tem a ver com a minha formação académica anterior, com o meu processo de escolarização, eu sou do tempo do curso clássico, eu fiz curso clássico, na época eu tinha amigos indo fazer o científico e aí se apropriando do instrumental teórico das ciências biológicas, coisa e tal, na época eu tive amigos indo para o curso normal, tem toda essa questão mais ligada a formação, o magistério, eu fui para o curso clássico e tive filosofia, tive literatura brasileira, inglesa, francesa, portuguesa, latim, pois é, e isso então sem dúvida alguma marcou muito a continuação do meu processo, de minha formação educacional, no sentido formal do termo. Depois do curso clássico e antes de fazer E.F.., eu fiz direito, fiz curso de direito, entrei na PUC - em São Paulo, nos anos 70, fiz até o 3º ano, quando então decepcionado com o curso de direito, fiz opção pela E.F... Fiz a seleção na USP, passei e continuei levando por mais um ano os 2 cursos, direito e E.F... Primeiro foi a frustração com o curso de direito extremamente conservador, embora, talvez, não seja isso, não fosse desse jeito que eu olhasse naquela época, quer dizer, não tinha os conceitos definidos, claros, limpos, mas uma formação muito verbalizada, muito burocratizada, uma formação livresca, destituída de toda uma preocupação de compreensão do significado de reflexão crítica, eu tive dentro de uma PUC, eu tive cursos que me deram uma base interessante, tive direito romano, cuja base latina é muito rico, tive introdução à ciência de direito com Franco Montoro, foi um curso muito bom, tive direito civil com Barros Monteiro, uma das referências de direito civil no país até hoje, maioria dos cursos se utilizam dele, livros, eu tive contato direto com ele, mas, não é uma visão de direito, muito positivista, e uma postura política que mais tarde eu me dei conta, mas que na época intuitivamente eu não me afinava, extremamente reacionária mesmo, depois eu percebi, fiquei sabendo da relação que muitos docentes daquele curso, então tinham com os integralistas a sintonia que o curso de direito tinha com o movimento militar de 64, um dos cursos menos questionados, menos criticados, pelo contrário, curso que de certa forma dava amparo legal, institucional ao modelo militar e isso tudo de alguma forma me incomodava muito e essa frustração me levou para o outro lado, um lado que eu tinha em mim também, na minha adolescência que era essa coisa ligada ao esporte, as atividades físicas, a prática esportiva. Mas, eu já cheguei lá tentando aproveitar os anos de direito, sempre tive uma coisa voltada para o direito esportivo, legislação, organização, eu sempre tive atento a isso por conta desse curso clássico, por conta um pouco dessa história toda, por isso que eu me considero atípico, a maioria dos alunos que entram na E.F. vem de cursos já ligados na área biológica, e o colegial hoje muito mais voltado para uma expectativa técnica e eu tive toda uma formação ligada a ciências humanas no curso clássico e cheguei na E.F.., depois eu cheguei mais velho que os meus colegas, até por ter tido uma outra experiência, quer dizer, eu cheguei com 20 e poucos anos, quando a maioria dos meus

colegas tinham 17 a 18 anos, cheguei na E.F. com 20 e poucos anos, enquanto esses meus colegas tinham 17 - 18 anos, isso fez com que eu me relacionasse diferentemente, tanto com eles, quanto com o próprio curso, já sabendo um pouco mais do que me apropriar, do que prestar mais atenção, daquilo que eu sabia que não ia me valer ao longo da minha vida profissional, sempre estive muito presente, sempre me envolvi aqueles anos com o diretório acadêmico, com a associação atlética. Eu fiz o curso de E.F. de 72 a 74, o direito, eu fiz de 70 a 72, aí tranquei, depois que eu me formei em E.F. e fui trabalhar em Ribeirão Preto, meu primeiro trabalho, pós-formado em E.F.., eu voltei a fazer direito na UNAERP, em Ribeirão Preto, mais aí eu tive que fazer o básico, já tinha mudado o currículo, aí fui para o Maranhão, retomei o curso de direito no Maranhão, mas aí eu nunca consegui terminar, por que já não tinha nada, até a graduação extremamente burocratizada, sem nada que motivasse a gente a continuar. Eu queria fazer o curso de direito civil todo, por que o curso de direito civil, me propiciou fazer uma disciplina de direito esportivo em Pernambuco, na Faculdade de Direito de Pernambuco, e participei do congresso de direito esportivo, e isso fez, então, com que eu estabelecesse um gancho entre um curso e outro, mas não conclui o curso de direito, mas eu não posso negar que hoje o meu interesse por políticas públicas, políticas governamentais, uma visão, o tratamento que eu dou a questão legal, não incorrendo na visão legalista, de certa forma, tem como base, como pressuposto, essa minha relação com o curso de direito, com o curso clássico, com isso tudo, por isso que eu me considero não o padrão, não o normal, não o comum daqueles que procuram a E.F. . Por outro lado, eu era atleta, todo o meu curso fui da seleção de futebol do meu curso, da minha universidade, da USP, fiz parte da FUC da seleção do estado nos jogos universitários, eu gostava disso e sempre estive dentro do futebol, principalmente, em posição de destaque. Eu também tinha esse lado de atleta presente. Mas, até por aí, eu queria saber como é que as coisas se davam, se organizavam, se processavam, além do jogar e gostar disso. Olha, eu tinha algo muito mais intuitivo, muito mais a nível de senso comum, uma visão, do que propriamente algo que eu tinha toda a consciência do que eu estava vivendo, vivenciando e analisando através dessa prática. Eu percebia uma formação toda voltada para um profissional que se tornasse apto para responder os objetivos então presentes na E.F.., que estão presentes até hoje, que é uma questão relacionada até com o aprimoramento da aptidão física da população brasileira. Então, é todo um instrumental teórico que me colocava cada vez mais sintonizado com a E.F. voltada para alcançar esse objetivo. Melhoria da aptidão física, aprimoramento da aptidão, do homem, da população brasileira. Isso que hoje eu tenho bastante claro como sendo o eixo paradigmático da E.F. desde o século XIX, naquela época, intuitivamente, eu percebia essa relação, pelo tipo de curso, pelo tipo de conteúdo que me passavam. Nos anos 70, depois do sucesso da preparação da seleção brasileira para a copa do México, onde o capitão Coutinho se utilizou de toda a metodologia que Cooper havia sistematizado, nós vivemos no curso de E.F. o apogeu daquilo tudo e todo o nosso processo avaliativo se dava em torno da nossa performance corporal, nosso rendimento físico-desportivo, no atletismo para passar de ano, eu tinha que fazer o decatlo, no basquetebol, eu tinha que fazer tantas cestas, tantas bandejas, tantos não sei o que, no vôlei, tinha que saber dominar todos os fundamentos do jogo, no futebol, deve ter até hoje na USP, um vídeo, que era a avaliação final do curso, conduzir a

bola sem deixar cair, controlar na cabeça, com o pé e quem fez isso, uma certa ocasião, quem serviu, como exemplo, fui eu, eu tinha habilidade, o professor me convidou, foi eu que fiz. Mas, era só isso que prevalecia. Em nenhum momento abria-se espaço para buscar, pensar, teorizar aquela prática, entender, compreender o seu significado, sentido, sua razão de ser. Nunca, nunca me abriram espaço para isso. Não havia críticas de forma alguma, mesmo por que a gente se percebia muito pouco como corpo discente, por que nós não tínhamos espaços, onde pudéssemos nos reunir para discutir questões que hoje estão tão presentes na vida do aluno inclusive, currículo, organização da categoria, políticas, governamentais, políticas públicas, organizações partidárias e políticas sociais, mobilização social, isso tudo na época era mais do que proibido, era uma coisa que era totalmente realmente vetada, 2 pessoas conversando por muito tempo, já era motivo para se saber o que estava acontecendo. Poderia ser considerado ato subversivo, coisas daquele tipo. Nós não tínhamos E.F.., até porque o meu curso não foi feito dentro da USP, eu fui a última turma que fez todo o curso no Ibirapuera, 72, 73 e 74. Em 75, a E.F. começou nas dependência da cidade universitária. Então, nós tínhamos uma relação muito pequena com os demais cursos universitários e tínhamos relação com os cursos da área biológica, fisiologia, medicina que eram pessoas, eram alunos que não tinham assim, sensibilidade, para as questões sociais, políticas presentes na época. Nós não tínhamos nenhum contato com o pessoal da sociologia, ciências sociais, da educação, com nada. E, esse mundinho, isolado nosso, só estava presente questões ligadas as técnicas, fundamento técnico, tático, preparação técnica, rendimento físico, rendimento desportivo, por que era isso que tinha em mente, na perspectiva do que deveria ser um profissional. Então nós não tínhamos essa consciência política. Eu fui para o Projeto Rondom em 73, campos avançado Marabá, em pleno Araguaia, em plena época da guerrilha e eu fui, irmãos de colegas, amigos sendo presos, fugindo, aquelas coisas todas, eu não tinha consciência ainda do que estava acontecendo no país. Eu já fiz parte de uma geração que de certa forma teve impedido acesso a essas coisas todas. Uma formação muito acrítica, mesmo com essa, esse caminhar via ciências humanas, curso clássico e tal. Mas, fui para o Araguaia e fui treinar alunos de escolas para desfilarem o 7 de setembro, fiquei 40 dias lá, fazendo isso, treinando ginástica de solo, com eles e só me dei conta do lugar onde eu estive, o que estava acontecendo lá, alguns anos depois de ter saído de lá. Olha, eu não sei, de positivo, o que o curso me mostrou, o que aqueles anos de curso de E.F. me mostrou é, capacidade enorme que as práticas sociais, chamadas E.F., esporte, possuíam, na direção da integração, da socialização, a percepção de que, embora fossem manipuladas por setores de direita para desviar a atenção, desses setores da sociedade, das questões de natureza política, canalizando para questões de natureza lúdica, desportivas, poderia se utilizar do esporte, no sentido inverso, no sentido de ser um polo de organização popular, de mobilização popular, percebia, isso a medida que, era muito fácil você se aproximar das pessoas através do fenômeno esportivo, do fenômeno corporal, das práticas corporais e isso começou a me chamar a atenção, eu percebi um certo, com o passar do tempo, um preconceito muito grande nos setores progressistas, na esquerda do Brasil, à ele esporte, à ela E.F.., por que vinculavam, o esporte à direita, como se ele em si fosse alienado, alienante, na verdade tinha sido instrumentalizado para o processo de

alienação, então, eu consegui ainda, intuitivamente, sempre intuitivamente, nunca sinteticamente, criticamente, perceber esse potencial presente, a possibilidade de você estabelecer uma relação de políticas governamentais que apontassem para uma outra organização do esporte no país, fazer analogias entre a estrutura esportiva, estrutura sindical, percebendo o quanto a estrutura sindical tinha dado conta de superar, uma estrutura que tinha tido a mesmo origem que a esportiva, enquanto a esportiva não tinha superado e a possibilidade de superar, desde que o trabalho se desse em cima disso, mas, evidentemente, não que são aspectos negativos. Eu acredito, que o que era hegemonicamente que estava presente na minha formação. E, hegemonicamente, estava presente sim e se eu não fiquei nisso é por que a possibilidade de ter outras experiências me levaram a outros caminhos. A minha história de vida me levou a outros caminhos e aí em volta, tem importância toda essa base que o meu processo de escolarização me deu, que quem veio das ciências biológicas por não ter, acabou mergulhando de cabeça nisso que o curso reforçou, consolidou, sedimentou. Eu, minimamente, tinha uma base que me levasse a problematizar certas questões, mas, assim, eu não concordava, não estava satisfeito, mas não sabia bem o por que. Só fui descobrir, o todo, bem lá para frente. Olha, veja bem, a formação que se dava nos anos 70 em E.F.., ela foi reforçada por uma proposta curricular para a E.F. sistematizada em 69, 69, período de golpe do golpe, período de repressão violenta, há setores organizados da sociedade, dentre eles, o setor universitário, o setor estudantil. Nesse sentido, nós vínhamos de uma reforma universitária, onde o que se colocou mais em evidência, ainda foi a relação do ensino universitário de todo o sistema educacional com a questão da produtividade, eficiência, eficácia e a E.F. assumindo a responsabilidade pela capacitação física da mão-de-obra brasileira, da força de trabalho brasileira. Então estava claro para mim, quer dizer, está claro para mim hoje, o quanto, a perspectiva de formação profissional presente, estabelecia o Parecer, eu não me lembro, se é Parecer ou Resolução 69. Resolução 69 de 69 do Conselho Federal de Educação, consolida uma perspectiva de formação profissional contida na primeira proposta de formação profissional para civis em E.F. no Brasil, que está prevista no Decreto Lei 1212 de 39, que criou a Escola Nacional de E.F. junto ao Ministério. Lá, junto a esse, processo de criação, há todos os indicativos de como esse profissional deveria ser formado e como a grade curricular deveria ser configurada. Isso dentro de uma perspectiva também de governo forte de Estado Novo, de uma E.F. voltada para aquilo que eu chamo construção do corpo produtivo, numa constituição em 37 que vinculando a obrigatoriedade da E.F.., ao adestramento físico da população brasileira. Então, isso tudo que estava presente lá, continua presente em 69 e ainda com a agravante da questão da despolitização, da construção do corpo apolítico, do corpo acrítico, do corpo alienado. Se, o profissional da Escola de E.F. tinha consciência disso ou não, eu tive a possibilidade de entrevistar alguns deles. Alguns me passaram uma ingenuidade muito grande, o que me pode levar a crer que não deram conta desse movimento todo, dessa contextualização toda e foram usados, nesse sentido. Outros, demonstraram sim, que tinham consciência do quadro político e do jogo político e que conscientemente assumiram uma posição nesse jogo. E acreditam mesmo que o profissional de E.F. deva ter essa função e para isso, que está aí. Me lembro da Maria Lenk, dizendo que em 68, era coordenadora do curso de E.F. na UNRJ, acho que

na época nem era UNRJ, ainda era Escola Nacional de E.F.., não sei, e ela recebeu a incumbência de coordenar o fechamento dos diretórios acadêmicos. E ela toda contente, dizendo que o único departamento que tinha recebido a autorização para permanecer aberto, era o departamento de esportes. E que tinha que fechar mesmo, por aquilo era comunista. Ela se valeu disso tudo, por mais que ela queira passar uma visão que, eu não posso acreditar nessa ingenuidade. A reforma que se deu em 69, na verdade, sedimentou, consolidou e atualizou uma perspectiva de profissional já presente em 39. A perspectiva da construção do corpo produtivo foi reforçada em 69, com os princípios da produtividade, eficiência, eficácia, que eram princípios oriundos da doutrina Nacional, construída pela Escola Superior de Guerra. Você, pega os manuais, está tudo isso lá, você pega os convênios MEC-USAID, percebe como essas coisas foram costuradas a partir de 64, 65, quando os convênios começaram a se dar. Então, a E.F. teve esse papel claro, tem hoje um professor de E.F.., que foi o meu professor na época, hoje é doutor em E.F.., técnico da seleção brasileira de basquetebol, que muito recentemente defendia a volta dos militares ao poder, dizendo que para a E.F. seria maravilhoso, porque um estudo histórico, constataria que um dos momentos que a E.F. esteve mais importante, esteve mais em evidência, foi no momento em que os militares estavam no poder. E, nesse sentido, então, ele defendia a E.F.., e queria a volta dos militares ao poder, porque isso refortaleceria a importância da E.F. no cenário social. é o professor Medalha, defende isso, defendeu isso publicamente em curso de pós-graduação, mestrado em E.F. . Então, eu acredito que alguns foram formadores coadjuvantes inconscientes, inocentes e muitos serviram ao poder, quer dizer, eu não acredito que um Inezil Pena Marinho, que fez parte da Polícia Especial de Getúlio Vargas, fosse inocente. Um advogado famoso, com filiais de escritório espalhada por várias capitais do país. Não, não dá para acreditar nessa inocência. Eu fui convidado em 86, quando eu estava retornando ao Maranhão, depois de terminado o meu período de afastamento, retornando a Universidade Federal do Maranhão, eu tinha vivido de 83 a 86, anos ricos de envolvimento, em eventos, que na área, pipocavam a todo canto, cheguei a fazer um levantamento até 88, só eu, tinha participado mais de 20 primeiros encontros, sem contar os segundos e os terceiros. Os primeiros encontros tinha em tudo que é canto. E isso, me tornou conhecido na área, por algumas publicações, por estar envolvido nos movimentos que se dava no interior da E.F. . Basicamente, 3 movimentos. Os estudantes, eu participava já na condição de professor, mas, acompanhando os ENEEFS, os Encontros Nacionais dos Estudantes da E.F., que hoje está na 14ª versão. Um campo riquíssimo de estudos também, participando da reorganização das APEFS, da Federação Brasileira das APEFS e me colocando na época como oposição àqueles que ficaram a frente da direção dessas entidades, ou da Entidade Nacional da Federação, a partir de 84, ligados ao Walter Jordano de SãO PAULO., o próprio Inezil que não quis assumir a Presidência e o Walter assumiu, um grupo mais conservador e nós desde 84 nos configuramos como oposição e só fomos tomar a diretoria da APEF em 89, em Santa Catarina. E no CBCE, a partir de 83, começou a se configurar no interior do CBCE um grupo que se opunha a hegemonia dos médicos dentro da entidade e a partir dessa hegemonia de uma determinada concepção de ciência, de pesquisa, de esporte, de E.F.., por tabela. Então, tudo isso me fez viajar por esse país a fora, participando em muitos eventos, minhas posições, minha

forma de proceder, começaram a me tornar conhecido, até porque não éramos muitos e isso fez com que me convidassem em 86 a fazer parte do corpo docente de um curso que tinha iniciado aqui em 85 e que estava tendo a possibilidade de compor o seu corpo docente. Eu ainda relutei, voltei ao Maranhão, fiquei um semestre letivo lá, mas aí, percebi que seria interessante, eu teria mais espaço profissional aqui, Maranhão, já estava pequeno nessa altura, para aquilo que eu tinha como projeto profissional e vim. Vim, eu peguei um ano rico, de constituição de um quadro docente, de um corpo docente. A composição desse corpo docente já começou a trazer problemas internos, de discussões internas, onde se explicitava visões diferentes de universidade, de cursos, o que deveria ou não ser priorizado. Nós tivemos alguns concursos, onde o que acabou prevalecendo, a possibilidade de titulação mais rápida dos candidatos, ou, se já eram titulados, ganhavam vantagens aqueles que estavam distante de uma titulação maior a nível de doutorado e teve fase onde nós tínhamos candidatos que tinham demonstrado, no processo seletivo, serem mais competente até, mas por não terem uma titulação ou estarem distante de uma titulação, que implicaria num investimento maior por parte da Instituição, acabaram sendo secundarizados por outros que já estavam mais próximo da titulação, embora com uma visão crítica da área muito menor, muito inferior. Não houve, no meu entender, um procedimento consciente na formação desse corpo docente, no sentido de contar com representante das diversas áreas, de formar um quadro plural, não foi por aí. Na verdade, o que acabou configurando, e eu me senti de certa forma inferiorizado nessa disputa, nessa correlação de forças internas, com a idéia de se buscar os que tinham mais título ou que estavam próximo do título. Porque o projeto que acabou prevalecendo aqui dentro era para que a E.F. na UNICAMP fosse respeitada, ela tinha que rapidamente se aproximar daquilo que as outras unidades, os outros institutos, tinham um elo, que era a pesquisa, que era a pós-graduação, que era o mestrado, que era o doutorado. E não mediram esforços para que isso fosse alcançado, e o processo foi atropelado. No meu entender, aquilo que me trouxe para a UNICAMP, de certa maneira se perdeu. A possibilidade de ver na UNICAMP um curso diferente qualitativamente falando daquilo que eu conhecia a nível desse país, mesmo a nível de SÃO PAULO., como USP. Um quadro mais homogêneo, numa perspectiva teórica, numa perspectiva de referência teórica, filosófica, científica que pudesse estabelecer uma relação mais direta a nível de um determinado perfil de profissional, direção de curso a ser seguida. A pluralidade que acabou se seguindo, era, na verdade ela foi construída muito mais a partir da necessidade de se ter o quanto antes um quadro de doutores aqui dentro. Que pudesse garantir o caminhar da E.F. na direção de ter a sua pós-graduação solidificada, segmentada e a partir daí, dentro da ótica que prevaleceu ter o mesmo respeito das outras áreas dentro da UNICAMP. Então, por exemplo, se a profª Beatriz, por exemplo, que é da área de biometria, veio, veio porque estava acabando de se doutorar, era uma doutora, chegando, sem nenhum vínculo ainda e vamos trazer para cá. Bramante, era um doutor, chegando dos ESTADOS UNIDOS, doutor fresquinho, chegando dos Estados Unidos, ainda, sendo cogitado por Rio Grande do Sul. Também, vamos trazer para cá. Marcellino, alguém que tinha uma vinculação com a PUC, aqui de Campinas e que também já tinha trabalhos ligados a essa interface da área de lazer e recebeu um convite e veio para cá. A profª Toninha, da área da biomecânica, a mesma coisa. Não que houvesse a intenção de ter representantes das mais. Não, eram

pessoas que já eram doutores que comporiam um corpo docente titulado, que poderia garantir um projeto de E.F. nunca explicitado, abertamente, mais defendido por aqueles que tinham interesses, que tinham vinculação aqui dentro. O próprio Gebara, da história, se aproximou, porque era amigo do Tojal. E porque teve momentos remotos na sua formação, pela E.F., Tojal, desenvolveu aí, não com questões acadêmicas, também, mas também, colocando com outras interfaces a idéia da construção do curso aqui e precisava ter pessoas tituladas, pessoas que pudessem compor o corpo docente, que pudesse solidificar uma estrutura acadêmica aqui dentro. E aí foi buscar o Gebara, porque eram amigos de estudo dele, que já fazia parte do ciclo de amizade dele. Então, não existiu um projeto e a partir do projeto fosse buscar pessoas que. E eu acabei sendo convidado, porque estava me destacando, embora, não fosse titulado, mas estava em vias de defender o mestrado e o doutorado, seria uma questão de tempo, como tem sido, definir prioridades e tudo mais. Não era o fato de vir das Ciências Sociais ou vir da Biologia, um elemento essencial para definição de um determinado eixo, parâmetro de um curso. Mas, basicamente depende da concepção teórica, filosófica dessa pessoa, que venha da biologia, venha da sociologia, que venha da antropologia, que venha da onde vier, da visão que ele tenha de universidade, de educação, de E.F. . Nós temos pessoas aqui que assumiram cargos de direção e que até bem pouco antes de assumir esse cargo, estavam pré-dispostos a fazer o curso de graduação de E.F.., porque assumiram que desconheciam a E.F.., embora fossem docentes de E.F. e muito competentes naquilo que eles eram especialistas. Mas, é uma especialidade construída de tal maneira que não requeria na concepção presente, o conhecimento da totalidade da qual eles faziam parte. Ou seja, ser docente de um curso de E.F.., sem conhecer a E.F. . E nós temos muitos exemplos desse tipo de docente aqui dentro. E isso para mim, é que afastou o curso de E.F. da UNICAMP daquilo que potencialmente, ela poderia ser. Me diga qual curso, na segunda metade dos anos 80, a possibilidade de formar um quadro de docentes, praticamente escolhendo docentes desse país. Quando a maioria é obrigada já a contar com um corpo docente, já presente, já todo armado, de modo a descaracterizar uma unidade, descaracterizar uma direção, um curso definido. E, na verdade, nós temos um corpo docente plural, e eu não sou contra a pluralidade, mas eu acho que dessa pluralidade, nós temos que buscar uma unidade. E na verdade, não se conseguiu isso, com receio dos conflitos que surgem a medida que as diferenças começam a ser debatidas, discutidas. Houve todo um projeto de abafar as possibilidades, de evitar, de construir caminhos, atalhos, que impedissem que se aflorassem as diferenças, por falta de amadurecimento da área, falta de maturidade interna de trabalhar as diferenças, porque tudo que se explicitava, diferente era, canalizado na perspectiva de conflito pessoal, no conflito direto, por questões de poder. E não colocado no campo das idéias, das teorias, no campo filosófico da E.F. . Criou-se, na época até, um clima bastante ruim de trabalho, por conta do mau tratamento dado a essas diferenças. E, elas ao invés de serem trabalhadas, foram camufladas, mascaradas, abafadas, por artifícios burocráticos, administrativos. Eu lembro perfeitamente nos anos 70, eu fazia fisiologia junto com estudantes de medicina, odontologia, enfermagem, de farmácia que compunham a área biológica e eu me lembro que eu tive, por exemplo, 2 meses de fisiologia, trabalhando a questão da fisiologia do ouvido e tive 15 dias para trabalhar fisiologia do

exercício. Quer dizer, esses cursos generalistas, eles não atendiam a especificidade da área que eu estava sendo formado. A maioria dos profissionais que hoje trabalham com fisiologia são pessoas ligadas a fisiologia, mas que tiveram um respeito pela E.F. e, buscaram saber do que se trata e como a questão da atividade física deve ser privilegiada numa abordagem fisiológica dentro de um curso de E.F.., isso o trouxe vantagem, no meu modo de ver, para o curso de E.F. . Não significa dizer que também não temos a experiência, onde profissionais de E.F. que hoje dão aula de fisiologia, sejam menos competentes do que profissionais da própria fisiologia que poderiam estar trabalhando. Mas, eu acho que há profissionais que tem a interface, que buscaram conhecer o universo da E.F. e que dominam elementos de fisiologia e que hoje contribuem muito mais do que aquela fisiologia não diretamente direcionada, ou nem só diretamente, mas nem nada preocupada com a especificidade da E.F. . Não acho que a ciência perdeu espaço face ao corporativismo. A mesma coisa se dá na perspectiva sociológica, antropológica. Nós temos hoje, por exemplo, profissionais que se utilizam de referenciais teóricos da sociologia, da antropologia, da filosofia, para se especializar num estudo da questão específico do movimento humano, da questão do lazer, da questão do lúdico, da questão do corpo, que é aquilo que de certa forma motiva e a partir da qual se origina aí a formação do profissional de E.F. . Aqueles cursos mais gerais, nós tínhamos professores de sociologia, sociólogos extremamente competentes, eles eram conhecedores profundos de tudo aquilo que girasse em torno dessa especificidade. Isso realmente não era interessante. Eu vejo, se hoje a E.F., se você analisar, o que nós temos de mais progressista na E.F., você vai perceber que o que há demais progressista só foi produzido por pessoas, como ele, construíram a sua formação acadêmica fora da E.F. . Contribuíram para a E.F., na medida que se aproximaram dela e respeitaram-na, buscando entendê-la, compreendê-la por dentro. Então, nós temos profissionais de E.F. que foram para a Educação, que foram para a Sociologia, que foram para a Psicologia, para a Antropologia, para outras áreas, se instrumentalizaram teoricamente nessas áreas e retornaram com esse instrumental para dentro da E.F., contribuindo para saltos qualitativos, extremamente ricos no interior dela. As críticas que vem do interior da E.F. são feitas por profissionais ligados as áreas conservadoras, criticam justamente esta interferência, de referencial de fora para dentro, alegando que a vinda desse outro referencial, vem contribuindo para a perda de identidade da E.F. . Ora, que identidade? Só se eu reconhecer como identidade essa perspectiva técnica que prevaleceu deste 39. Neste sentido, essa identidade vem sendo questionada. Essa interferência dos valores da instituição médica, da instituição militar, da instituição esportiva, voltada para a questão da aptidão física, que aprisionou a E.F. por mais de um século, que impediu que ela tivesse condição de buscar a sua autonomia pedagógica, isso vem se perdendo, ela vem se libertando dessas cadeias a partir de estudos feitos por pessoas que saíram dela e depois retornaram a ela, dando conta de compreendê-la também, por dentro, mas a partir de um referencial que a contextualizasse historicamente, socialmente; isso foi rico. Enquanto, os profissionais de E.F., buscaram compreender E.F. somente pela E.F. não tiveram competência para isso. O que está muito claro para mim, por conta da minha vivência profissional de vida mesmo e também por conta dos estudos é que você não encontra nenhuma instituição que seja monolítica, quer dizer, você vai

encontrar no interior de todas as instituições, posicionamentos contrários e até mesmo antagônicos. E é a correlação de forças presentes no interior dessas instituições, que vai nos dar elementos para saber qual posição acaba prevalecendo diante de outra. A correlação de forças presente no interior da Faculdade de E.F. da UNICAMP, não vem contribuindo para essa perspectiva que eu coloco aqui, quer dizer, eu não sou maioria, não detenho o poder aqui dentro, as pessoas com as quais eu tenho afinidade acadêmica, teórica, compõe um grupo minoritário e o que acaba prevalecendo não consegue explicitar uma diretriz política, pedagógica que explicitamente, definitivamente, que solidamente aponte para aquilo que eu escrevi naquele momento. A configuração de um corpo docente, com uma formação extremamente diversificada, com bases teóricas, referenciais teóricos, bastante diversificada que, não foi aproveitado sua riqueza de diversificação e não conseguiu ser canalizada para a definição de um projeto diretor, plano diretor, de um projeto político-filosófico para uma instituição, para um curso. Então não há curso, no sentido de uma direção, não há direção. Há um movimento de acomodação de todas as visões dentro de um curso. Então para não contrariar você, eu tento incorporar a sua visão, veicular a tua à todas as demais, para que todas tenham espaços e ao fato de todas terem espaço, sem serem explicitadas, sem serem trabalhadas, analisadas, refletidas, acaba se tendo uma perspectiva eclética, de ecletismo que, para mim é essencialmente negativo, e o ecletismo negativo para mim é aquele que acredita que possa se pegar o que de melhor possa existir em cada uma das perspectivas filosóficas que você encontre, possa colocar tudo isso num liquidificador de bom, joga tudo o que é de ruim no lixo, põe-se no liquidificador, bate-se e saísse com um produto gostoso, maravilhoso, de ótima qualidade ao final. Essa perspectiva eclética está presente aqui. O que faz com que ainda não se tenha uma direção muito clara do que se quer. Nós temos uma estrutura departamental que cada vez mais fragmenta a unidade FEF em várias FEFS, de tal modo que, em alguns momentos, dá a impressão que nós estamos vivendo dentro de um, de quatro faculdades diferentes. Quer dizer, cada departamento desenvolve ações políticas, projetos, em nenhum momento sintonizados com a unidade, com o conjunto, com a totalidade, chamada FEF. A idéia de departamentalização é confundida com fragmentação, com compartimentalização do conhecimento, da pesquisa, do ensino e da extensão. E na verdade, o departamento e as ações que são privilegiadas, elas acabam tendo uma maior ênfase naquilo que deveria ser meio para que o fim que seria a questão acadêmica, a produção acadêmica, o crescimento acadêmico, a produção do conhecimento se desse. As ações burocráticas, administrativas, acabam sendo fins em si mesma e ocupando a maior parte do nosso tempo, de trabalho, de modo que, a gente passa a maior parte do tempo cuidando de questões vinculadas as ações burocráticas internas do que propriamente cuidando de ações ligadas à produção do conhecimento, a pesquisa, a extensão e ao ensino. Tudo o que se relaciona a ensino é tratado administrativamente e isso é reflexo do que acontece na UNICAMP como um todo. Nós temos um projeto qualidade aqui na UNICAMP que tem como meta a titulação do corpo docente. Então, hoje, você pega relatórios da FEF, da direção, da administração superior da FEF e também da administração superior da UNICAMP, você vai constatar os rasgados elogios ao aumento percentual de mestres e doutores dentro do quadro docente da unidade ou da universidade como um todo. Mas, em nenhum momento você consegue encontrar um elemento que faça uma

avaliação de mérito, de qualidade dos trabalhos que vem sendo produzido neste processo de titulação. Veja bem, hoje, o sistema de avaliação anotado é por quilo, eles avaliam quantos quilos de artigos você publicou, quantos quilos de orientandos você teve, a quantidade é que prevalece, a questão da busca do título a qualquer preço, estabelecendo unicamente o título como elemento definidor de qualidade é extremamente equivocada. Nós temos que encontrar mecanismos que consigam diminuir o caráter subjetivo de uma avaliação qualitativa, mas consiga dar conta da avaliação dessa qualidade. Nós temos mecanismos, por exemplo: das teses publicadas, quantas hoje são citadas em outros trabalhos, utilizando como fontes, quantas fazem parte de concursos públicos, espalhado nesse país todo, interferem na contratação de docentes para as redes públicas de ensino, de pesquisa, instituto de pesquisa, coisa e tal. Número de consultas, sabe, coisas que de certa forma possam mostrar o quanto aquele trabalho ganhou relevância social, foi incorporado pela comunidade acadêmica no sentido de ser consultado, ser analisado, ser debatido, ser criticado, não simplesmente aceito automaticamente. Nós temos teses de mestrado aqui dentro, que se você tirar agradecimentos, referências bibliográficas e apresentação não dá 30 páginas e por mais que eu acredito que uma pessoa possa ter capacidade de síntese, resumir uma dissertação de mestrado em 30 é uma competência que eu tenho dificuldades de admitir que possa existir. Isso não é levado em conta. Essas teses se quer são debatidas internamente. Pelo contrário, parece que se institui um pacto onde está presente o seguinte: olhe, não questione o meu trabalho, não fale do meu trabalho, não faça críticas ao meu trabalho, que eu não faço críticas ao seu e nós vivemos bem harmoniosamente, o tempo todo, e nesse sentido, você não avança academicamente. De uma forma extremamente artificial, a FEF não está, por exemplo, levando em conta o fato de ter aqui profissionais que chegaram na UNICAMP a mais de 15 anos, visando atender a comunidade universitária, seja de alunos, seja de funcionários, seja de professores no que diz respeito a prática esportiva e por conta da constituição de uma unidade acadêmica, chamada Faculdade de E.F.., passou-se a exigir desses profissionais uma ação profissional para a qual eles não estão aptos, qualificados a trabalhar, desenvolver, que é a vida acadêmica, a produção, a pesquisa. Certo? Porque eles não tiveram essa formação, não foram contratados para dar conta disso, mas porque se tem que na marra, se enquadrar ou enquadrar a faculdade dentro dos padrões que existe na UNICAMP de um modo geral, desconsidera-se essas peculiaridades. De que forma isso se torna possível? Fazendo de conta. Ele vira mestre, mas um trabalho mediocre, ele escreve, mas coisas que não tem sentido nenhum, ele vai para congresso, não porque acredita no congresso e encontre no congresso espaço de discussão, vai para apresentar um tema livre, porque o tema livre vai constar no relatório de produção dele. Os relatórios são aprovados administrativamente. Se quer saber se o relatório que foi produzido se enquadra no perfil de relatório que a UNICAMP estabeleceu, mas não há uma análise de mérito do que foi produzido. Fica se sabendo que o professor deu 30h/a ou 60 ou 90, mas não há nenhum mecanismo instituído que estabeleça uma relação da qualidade dessa aula dada. E essa relação trinômio, eu acredito que também deveria ser repensada. Por exemplo, eu posso perfeitamente ser um bom docente e não necessariamente fazer pesquisa, mas ele como docente tem que estar habilitado, apropriado do conhecimento produzido, apropriado da pesquisa produzida, portanto. Por que isso, vai alimentar

a minha ação docente. Mas, não necessariamente, eu entendo que, para garantir esse trinômio, tripé, eu preciso fazer pesquisa. Eu não preciso fazer extensão, mas eu preciso estabelecer no meu ato de pesquisa ou no meu ato de docência, na minha ação docente, uma relação íntima, com a realidade social a partir da qual eu estaria formando o profissional ou produzindo conhecimento. Uma relação, e não é assim que se vê, quer dizer, eu tenho que fazer extensão, fazer pesquisa e dar aula. Para mim, eu acho isso equivocado. Para ter coragem, a UNICAMP, a Faculdade, definir dois quadros de carreira, mas é, preferiu-se optar-se pelo caminho, pelo atalho, quer dizer, ao fazer de conta que, escrevendo qualquer coisa e defendendo qualquer coisa e sendo aprovado porque as bancas estão aí, como rituais, para legitimar seja lá o que venha para ser legitimado, nós estaríamos construindo um espaço de competência e nós não estamos construindo. Neste sentido, a UNICAMP me frustrou, porque eu tinha a expectativa de vê-la diferente, de outras universidades ou de outras experiências vividas por institutos dessa mesma universidade. Nós somos novos e não necessariamente temos que pagar os mesmos erros das mais antigas. Poderíamos ter aprendido com os erros dos outros e não precisamos errar os mesmos erros para aprender, posso aprender com os erros dos outros, e nós não estamos tendo esse procedimento. Nós estamos vivendo um processo de endogenia muito grande aqui dentro, eu acho muito complicado, montamos um curso de doutorado, abrimos sete vagas, cinco delas foram ocupadas por docentes da casa e eu desafio que me prove que seus projetos, seus trabalhos são na maioria os mais qualificados que se tinha no processo seletivo. Houve sim, determinados arranjos, pois que se explicite isso então, vamos fazer um curso e vamos dar prioridade ao pessoal da casa. Mas não, a coisa é feita sempre meio mascaradamente, camufladamente. Isso repercute mau na Instituição toda, na Universidade toda e não sei no que isso contribui. Acho que foi o Apolônio que colocou bem num texto que ele escreveu sobre a proposta de reforma curricular, ele chama a atenção logo de cara para o próprio sentido do que está sendo proposto pelo Conselho Federal: é uma reforma, não é uma revolução. Uma reforma implica em você trabalhar a partir de uma estrutura que aparentemente não seria questionada, alterada. Eu vou alterar alguma coisa a partir de uma estrutura já dada, já estruturada, como o próprio nome diz, os alicerces já prontos. Eu acho que esse Parecer, essa reforma curricular, ela abre a possibilidade, ela abriu a possibilidade de nós superarmos aquele eixo paradigmático da aptidão física que desde o século XIX e mais exatamente, desde 39 orienta a formação do profissional em E.F. . Ele abre a possibilidade, mas como tudo que se dá no campo das ciências humanas, é uma possibilidade histórica que pode acontecer ou não. E vai acontecer ou não dependendo das condições concretas, objetiva, presentes nos determinados momentos históricos de determinadas conjunturas próprias. Esse Parecer, ele traz coisas interessantes. Ele reflete, por exemplo, ele demonstra, por exemplo, o descaso, a desimportância que ele dá à licenciatura. Eu lembro, que o relator: Fernando R. da Fonseca, que não por acaso, era secretário geral do MEC, em 69. Ele, num encontro feito aqui pelo professor em março de 88, eu acho, em 89, já não me lembro bem, ele chegou a dizer o seguinte: explicando a diferença entre licenciatura e bacharelado, palavras dele: de que as boas universidades, as boas faculdades de E.F. teriam condições de forma o bacharel, que seria formado para a pesquisa e que aquelas que não tivessem qualificação deveriam se contentar com a licenciatura. Quer

dizer, a licenciatura como coisa menor. Entendendo a licenciatura como "dador" de aula, formar para a licenciatura é formar para alguém que vai dar aula e não formar o pesquisador, da instituição educacional do país, o especialista em metodologia do ensino, política pública para a Educação, E.F. . Não. Ele vai dar aula. Mas, embora ele tivesse dito isso, isso acabou se tornando letra morta em muitas instituições. E, a nossa fez letra morta disso. Por que nós temos, por exemplo, uma proposta de licenciatura, de bacharelado, que não atribui somente ao bacharelado a responsabilidade pela formação do pesquisador. E, a licenciatura, pelo menos, nas suas ementas, do que é divulgado pelo caderno do vestibular, que é o que anuncia os cursos aos candidatos, mostra que a opção pela licenciatura formaria o especialista que daria conta de compreender a instituição educacional no todo e a E.F. dentro dela. Podendo se envolver não só com a docência, mas também com a administração educacional, com projetos de pesquisa na área de Educação, tendo a E.F. como objeto primeiro a ser trabalhado. Mas, dentro desse contexto. Nesse sentido, é que nós vemos hoje, são cursos que por esta constituição, ela serve como uma constituição para a E.F., defini diretrizes, estabelece balizamento a partir do qual a E.F. deve-se locomover, deve-se mexer, deve-se construir. É como a constituição da República. São normas. E nós temos, por exemplo, elementos para poder justificar um concurso público que busque encontrar um profissional que atenda a esse tipo de requisito, que a constituição estabelece. Nesse sentido, é lei. Agora, nada nos garante que isto que está aqui efetivamente se apresente no dia a dia, se torne prática, se efetive de fato. Vai depender do que? Da correlação de forças, da vontade política de um docente mudar sua prática pedagógica a partir da mudança de currículo, de uma proposta curricular. Na configuração de um projeto, de uma faculdade, de um projeto de curso de graduação, de pós-graduação que incorpore e encontre mecanismos de implementação de mudanças, de reciclagem do seu corpo docente, mas numa determinada direção, por que não basta oferecer reciclagem sobre técnica de voleibol, que está reproduzindo aquilo que 100 anos fazemos. Então, é uma série de coisas a serem feitas, que esse documento amplia. Por exemplo, aqui, retira de nós aquilo que nos amarrava, que era a idéia de ser responsabilidade nossa o aprimoramento físico da aptidão física da população brasileira. Isso está presente em todos os documentos legais da E.F. . Isso justificou, inclusive, a definição de padrões de referência para a aula de E.F. . Aquele papo de 3 sessões semanais, de 50 mim, intercalados foram construídos a partir de critérios oriundos da fisiologia que tinham como referência ser objetivo da E.F. a melhoria da aptidão física. No momento que eu retiro esse objetivo de cena, coloco um outro paradigma que não esse, eu não preciso mais de 3 sessões semanais, não precisam ser intercaladas, as turmas podem voltar a serem mistas, a duração da aula pode ser outra, porque não está mais vinculado ao efeito do exercício físico do corpo da criança, do educando, muda, está aberta a possibilidade. Agora, se vai mudar ou não, é a correlação de forças, é a capacidade de luta, é a vontade política, é a competência que vai dar conta. Então, o que nós estamos vivenciando é isso, é algumas faculdades com mais vontade e com determinada competência para mudar na direção de uma formação mais crítica do profissional, o Manuel Sérgio, tinha uma expressão que eu sempre uso e coloco aspas, que é dele, mas que cada vez mais é minha: "Formação de homens com consciência do tempo em que vivem" Formação de profissionais que consigam apreender

a E.F. . O apreender E.F. tendo a conotação de ser a capacidade de constatar, demonstrar, compreender para poder explicá-la e a partir daí poder intervir nessa realidade social. A compreensão da E.F.., do Esporte, da Dança, enquanto prática sociais, entendendo como prática sociais, concebendo-as como produto da atividade do trabalho humano, produzidas pelo homem e se produzidas pelo homem, produzidas para atender as necessidades sociais desse homem, porque o homem não produz gratuitamente, produz para responder alguma necessidade dele. Buscar saber quais necessidades sociais a E.F.., o Esporte, enquanto práticas sociais foram construídas, saber respostas a essas questões, saber compreender, explicar, intervir na construção dessas práticas, é o papel fundamental do especialista em E.F. e Esporte. Nós temos que ter um curso que caminhe em direção da formação desse profissional. Vou tentar situar para você. Eu entendo o seguinte. Quer dizer, esse movimento que hoje nós estamos vivendo, ele teve de certa forma um início, se é que se possa falar em início, coloque aspas aí, a partir do processo de "redemocratização", da sociedade brasileira final dos anos 70 e nos 80. Nós tivemos os primeiros anos de muita denúncia, de todo um processo de reorganização da sociedade civil e a E.F. e seus profissionais como parte da sociedade civil, também, fizeram parte desse processo de reorganização, de mobilização, de rearticulação, de seus esforços coletivos, mas ainda numa perspectiva de denunciar, de fazer leituras que eram proibidas de determinadas situações, fatos, momentos históricos, onde a E.F. esteve presente. Em meados dos anos 80 para cá, a partir de 85, começou a se vincular ao discurso da denuncia, o discurso do anunciar novas práticas, novas posturas, novos encaminhamentos no interior da E.F. . Quer dizer, a denuncia por si só já não bastou mais, já não bastava mais. Precisou vir acompanhada com a busca do anunciar de alguma coisa nova, do anunciar o novo. O novo surgido pela superação do velho. Muito bem. Eu me coloco dentro de um grupo, de uma corrente que situa essa perspectiva no novo, na direção de sermos nós os responsáveis pela garantia da apreensão de uma dimensão da realidade social do aluno que nós situamos dentro do universo da cultura corporal. Então, apreender, ou seja, constatar, demonstrar, compreender, explicar para poder entender a cultura corporal, como ela é na dimensão da cultura do homem brasileiro no geral, é responsabilidade nossa. É o que nos dá especificidade. Nesse sentido, a cultura corporal, é uma totalidade que tem na E.F.., no esporte, na dança, nos jogos, no exercício físico, na ginástica, práticas sociais, que ao interagirem entre si constitui essa totalidade, chamada, cultura corporal. Essas práticas sociais se materializam, que tem concretude para nós através das práticas corporais, esportivas ou não esportivas. A compreensão do significado, do sentido, dessas práticas corporais, enquanto objetivações dessas práticas sociais que compõem em última instância a cultura corporal nossa é o que dá sentido a formação crítica desse profissional em E.F. . E é o que justifica a presença dessa E.F. na instituição educacional do 1º e 2º graus. Garantir a apreensão da cultura corporal por parte do aluno, obedecendo evidentemente o processo de escolarização. Eu sempre costumo dizer brincando: eu fiz 3 anos de E.F.., curso técnico, o diabo a quatro, e nunca consegui resposta para a seguinte pergunta: por que é o futebol que dá identidade esportiva ao brasileiro, por que, quando nasce o menino é a chuteirinha que está na maternidade e não é um pé de pato? Por respostas a essas questões é que implicam numa tomada de convivência, na formação crítica do cidadão na

perspectiva dele se apropriar criticamente da sua cultura corporal, como uma dimensão da cultura geral dele. E isso extrapola esse discurso político generalizado, que esteve presente sim uma época até por que essa sistematização na época não era possível de ser feita. Nós não tínhamos elementos para isso. Isso aqui é muito recente. Em 88, eu lembro, que um determinado documento foi sistematizado e que serviu de base para que em 92 um outro surgisse, como uma síntese provisória dessa visão. Discute a E.F. em cima da idéia do, dessa coisa política geral, que não consegue dar conta da especificidade dela. Tranqüilamente. Também, eu discordo que nós estamos regredindo. Eu vejo hoje na E.F. Escolar quatro concepções sistematizadas na minha frente: nós temos uma perspectiva construtivista para a E.F. escolar brasileira, que tem o João Batista como referência, nós temos uma perspectiva desenvolvimentista, que tem o Go Tani, uma perspectiva sistêmica, que tem o Mauro Betti, uma perspectiva crítico-superadora, que tem a mim, o Walter Bracht, Micheli. Tudo isso aqui em livro já. Dez anos atrás tínhamos isso? Cinco anos atrás, tínhamos isso? Posso discordar, lógico, há diferenças, há. Há necessidade de detalhar metodologias de ensino, evidente, esse é o desafio dos anos 90 nosso. Isso é rico. Se isso é retrocesso, então eu não sei, não sei. A ludomotricidade, isso já foi alterado, ela voltou a ter um outro nome. Por que na verdade, a idéia da ludomotricidade é o estudo do homem em movimento, em situações lúdicas. O Manuel Sérgio, ele chegou aqui em 86, no momento em que por questões internas, o Reitor deu um puxão de orelhas na FEF, dizendo: olha, enquanto vocês não definirem o projeto FEF, plano diretor para a Faculdade, nenhuma contratação mais vai ser feita aqui dentro. Por que tinha tido briga, atritos aqui dentro, na questão da contratação, porque o departamento queria um tipo de profissional, pessoas do próprio departamento não aceitavam e se rebelaram e as coisas extrapolaram e até que chegaram aos ouvidos do Reitor. Em 86, foi oficializado o convite do Manuel Sérgio para vir para cá. Ele chegou aqui, diferentemente do Manuel Sérgio de 83, com o firme propósito de abrir espaço para a tese, para o grande filho dele, que era a Nova Ciência do Homem - A Motricidade Humana. Muito bem. Nesse sentido, nós tivemos de lá para cá, eu vou ler uma coisinha que eu já escrevi, depois eu te explico por que eu escrevo isso: "Primeiramente, devo explicitar que embora tenhamos tido a oportunidade de convivermos por 2 anos consecutivos com o Profº Manuel Sérgio, a comunidade da FEF - UNICAMP, não deu conta de apreender, no sentido que eu já coloquei para você, substantivamente, estruturalmente, a tese por ele defendida, dando margem a : 1) uma incorporação mecânica, automática que, por conseguinte acrítica da tese do professor Manuel Sérgio, movida pela total ausência de fundamentação teórica, de cunho filosófico, epistemológico, vinculado a configuração, ao longo de sua estadia entre nós de fortes laços afetivos. Então prevaleceu o carinhoso, a amizade e ele é simpático, é brincalhão, sabe contar piada, é carismático, tudo isso. E eu acabei incorporando automaticamente, mecanicamente, acriticamente, por que eu gostei do Manuel Sérgio. E o que ele falava, eu assumia como correto, não por que tivesse consciência disso, foi aí que deu no caso, a incorporação mecânica. Nós tivemos também, no segundo ponto, uma rejeição mecânica, automática e por conseguinte também acrítica da tese do Profº Manuel Sérgio, envolvido pela total ausência de fundamentação teórica, de cunho filosófico, epistemológico, vinculado a ausência da vontade política direcionada a qualquer intenção de alteração da prática profissional.

Eu não quero mudar, eu não tenho vontade política para mudar, não vou questionar, vou rejeitar tudo o que vem como novo, qualquer coisa que surja como novo, implica em mudar uma prática que eu não quero. Então, não me interessa. Eu sou contra antes de você vir falar. Nós tivemos isso aqui dentro. Então, veja bem. Nós tivemos uma incorporação mecânica, por que eu gostei do Manuel Sérgio. E de uma rejeição também mecânica, por que o discurso do novo para mim não interessava, eu não queria mudar nada, por que era mais trabalho para mim. Outra questão, os sinais de apropriação crítica de sua teoria se deve por fora da FEF - UNICAMP, explicitando-se na refutação da compreensão da Motricidade enquanto Ciência. Houve sinais de apropriação crítica, sim, mas no sentido de ser contrário a tese por ele defendida, da Motricidade Humana enquanto Ciência. Só que esse movimento não se deu aqui dentro, se deu por fora da FEF. Quanto a FEF, a mudança mais significativa, prendeu-se a alteração na sigla de suas disciplinas de E.F.., de E.F. para M.H. - de Motricidade Humana, ou seja, não houve uma discussão crítica. Não houve uma incorporação crítica, fundamentada do que era o trabalho dele, não houve. Eu tive que responder e fazer isso aqui para a tese de doutorado do Tojal, só que Tojal, faz uma defesa disso aqui, historia isso aqui na perspectiva oficial, não sei se ele aproveitou, ele me pediu para responder e eu respondi e acho que muitos daqui fizeram isso, talvez até todos. Não sei como ele trabalhou as informações, por que não vi o trabalho final. Motricidade Humana enquanto ciência, a E.F. enquanto ciência, eu já nem saberia mais talvez sistematizar isso agora, por que foi algo que a gente abandonou. Mas, basicamente, é a compreensão da E.F. enquanto uma prática social, que para ser compreendida precisaria se apropriar de referências teóricas das ciências que estão presentes, mas estão configuradas enquanto ciências numa classificação que nós refutamos. Por que essa coisa de ciências sociais, ciências humanas, ciências, antropologia, sociologia, filosofia e coisa e tal é oriunda de uma classificação que se apóia numa visão positivista de ciência. Quando você se apóia numa perspectiva marxista de ciência, você só vê uma ciência: que é a ciência da história. E a E.F. se situaria dentro da ciência da história do homem e não da ciência da história da natureza e na perspectiva da ciência da história do homem, a E.F. enquanto prática social se vale de um instrumental teórico vinculado a esse campo da ciência, para poder entender, compreender, explicar coisas desse tipo. Então, eu não consigo entender a E.F. sem me valer dos conhecimentos, das matrizes teóricas, que estão localizadas, mesmo na perspectiva positivista, na sociologia, na antropologia, na filosofia. Eu não consegui entender isso tudo, da atividade física, sem me valer dos conhecimentos presentes nas ciências biológicas, na fisiologia, na cinesiologia, na biomecânica. Não é como configurar uma ciência, como referencial teórico próprio, desvinculado disso tudo, como uma idéia que ele tinha como a comunidade que estaria se originando a partir da configuração dessa nova ciência, o que dá mostra do novo conhecimento da E.F. e da comunidade que existe ao redor dela enquanto algo que justificaria, especialistas dela. Não entendo que exista uma ruptura no sentido que ele dá na questão do corte epistemológico da E.F. para ser Motricidade. Há uma perspectiva de busca de alteração do eixo paradigmático. Só que para nós a busca de superação do eixo paradigmático se dá através de salto qualitativo e não de ruptura. Aí é uma concepção diferenciada. Então tudo isso estava presente na nossa base de discussão com ele. Essa coisa da linguagem,

ele pega os padrões presentes em Kuhn, que daria margem a construção de uma nova ciência, comunidade, linguagem, ruptura, corte epistemológico, nós não entendemos o corte epistemológico na perspectiva da ruptura, mas sim na perspectiva do salto qualitativo, que são das categorias do materialismo histórico-dialético, nós entendemos que a história da E.F. não começa com a Motricidade Humana. É nós do grupo que eu faço parte, e aí eu coloco numa mão talvez, um grupo que se configura enquanto grupo é minoria aqui dentro, nem passa aqui por dentro. Uma Celi Taffarel, Walter Bracht, Micheli Escobar, Carmem Lúcia, que está na Educação. Na FEF, a incorporação ou a rejeição foi acrítica. A incorporação foi acrítica na medida em que se deu por simpatia ao Manuel Sérgio e a rejeição foi acrítica porque não queria nada que me suscitasse possibilidade de mudança. E o que houve de incorporação crítica se deu por fora da FEF e na direção da refutação. Não na direção da incorporação. Eu não conheço movimento de incorporação crítica que tenha existido nesse país da tese de Manuel Sérgio. Você pega na Bahia, tem uma Faculdade de Motricidade Humana e fui lá e os caras não sabe o que é isso. Tem academia de ginástica aí, que é academia de Motricidade Humana. Fala-se de Motricidade humana, como se fala. Então, foi um modismo, uma perspectiva do novo muito superficial, muito adjetivo, muito pouco substantivo. Eu tenho claro isso. E nós que poderíamos aprofundar as críticas, nós, por questões outras abandonamos essa discussão aqui. A medida que ele voltou, nós percebemos que as questões estavam sendo problematizadas no dia a dia por outros canais, de outras maneiras e acabamos buscando as respostas em outras direções. Já estava configurado na época da reforma curricular na FEF, por conta dos profissionais já presentes aqui, grupos de interesses, em áreas de concentração, em áreas de estudos, havia um grupo que já se localizava na área da E.F. escolar, um grupo que se encaminhava para a questão da recreação e lazer, tinha um grupo que se situava no ciclo básico daquelas disciplinas da área biológica e naquela época era mais isso. Não se tinha ainda em mente, naquela época a E.F. adaptada, não se configurava enquanto grupo. Naquela época as pessoas que hoje compõem o grupo, não tinham ainda se configurado enquanto grupo, não estavam próximos ainda buscando essa configuração. Na verdade o que se fez aqui, foi uma tentativa já de estabelecer blocos de disciplinas que já tivessem uma relação íntima com as modalidades que seriam oferecidas a nível de licenciatura e a nível de bacharelado. Então, há um bloco de disciplinas que atendem o bacharelado em treinamento desportivo, há um bloco de disciplinas que atendem ao bacharelado em recreação e lazer, um bloco de disciplinas que atendem a licenciatura em E.F. e que depois ganhou o nome de educação motora, se valendo do conceito do Manuel Sérgio, que atribui ao termo Educação Motora ao ramo pedagógico da Motricidade Humana, mas que foi muito confusão, porque educação motora acabou sendo confundida com toda aquele ranço que nós temos que vem da aprendizagem motora, psicomotricidade e aprendizagem e desenvolvimento motor e tudo mais. Até, por que há pessoas dentro desse departamento com forte tendência nessa direção, da psicomotricidade e coisa e tal. Então, foi por aí que se fez essa configuração. E, aquelas disciplinas ligadas a área biológica acabaram se constituindo em bloco e acabou predominando no ciclo básico. E, a configuração que nós demos, ela desconsidera um pouco a própria Resolução nº215, por que ela dá margem a constituição de um ciclo básico de 2 anos, onde praticamente se desenvolveria os estudos do objeto de estudo da E.F.., independentemente

da sua opção para o bacharelado ou licenciatura, que seria feita a partir do 5º Sem. somente lá, no 3º ano, 5º Sem, o aluno optaria ou pelo bacharelado, com essas 2 modalidades ou pela licenciatura. Nesse meio tempo já bem mais para cá, com isso consolidado é que se passou a discutir a redepartamentalização, na época nós tínhamos 3 departamentos: departamento de metodologia e ciências biológicas aplicadas a E.F.., e era uma loucura, tinha metodologia de pesquisa, de biologia, tudo junto. Nós tínhamos um departamento de fundamentos psico-sociais da E.F. e departamento da área esportiva. As discussões evoluiram para 4 departamentos: departamento de educação motora, que se você pegar a ementa que justifica o departamento, ela tem uma perspectiva de metodologia de ensino da educação física, da E.F. escolar, também para não escolar, mas, predominantemente escolar, um departamento técnico-esportivo, que se quer de ciências do esporte, mas que no fundo, mas que por mais que busque dar um tratamento ao esporte enquanto prática-social, enquanto fenômeno sócio-cultural, continua vinculando seu estudo ao rendimento esportivo, técnico, tático-físico, preparação técnica-física, um departamento do estudos do lazer, consolidando essa área do lazer em várias linhas e surgiu daí uma configuração do pessoal ligado as ciências biológicas, o departamento, que recebeu o nome de departamento de estudos da Atividade física adaptada. Se conseguiu convencer que eles não estudam a E.F.., estudam a atividade física que é algo que tem haver com essa prática social chamada E.F.., mas que não pode ser confundida com ela na sua totalidade. E aí com o passar do tempo ganhou sentido essa área da atividade física adaptada, que também houve resistência, por que eu defendia a tese de que isso não é nada mais, nada menos que uma metodologia do ensino, deveria estar dentro do departamento de Educação motora, uma metodologia de ensino para pessoas portadoras de deficiências. Mas, no sentido político do termo, se isso se tornasse vitorioso, esse grupo teria menos força do que tendo um departamento girando em torno disso. E há uma discussão, há quem defenda aqui a existência de um, quer dizer, já há uma área de concentração nisso, na configuração cada vez maior disso, como uma área isolada, como uma área autônoma. Então, a construção dessas disciplinas se deu dentro desses blocos já voltados para as áreas que já voltados para as áreas que já se configuravam ao redor dos profissionais que já estavam presentes aqui dentro. Bem, a grosso modo, a nível da Unicamp, nós temos uma, na perspectiva da E.F. escolar, nós temos a hegemonia de uma filosofia eclética, de um ecletismo filosófico, que significa esse amalgama de influência da fenomenologia misturado com as psicomotricidades de Le Bouch, de um construtivismo misturado com sócio-interacionismo, que sofre influência de um Piaget que se mistura com um W, de uma visão de metodologia de ensino de E.F. que se pauta no sentido da formulação de modelos de aulas, em nenhum momento é analisado na perspectiva do sistema educacional, na dinâmica curricular, da instituição escolar. Não é estudada a escola, não é estudada a dinâmica curricular, é estudada a E.F. vista em si mesma, nessa perspectiva mais de modelos de aula, como dá uma aula de ginástica, como dá uma aula, sabe? Nós temos um departamento de atividade física adaptada que também é muito para essa perspectiva prática. Como trabalhar praticamente com o deficiente, como ensinar basquetebol ao deficiente, como ensinar voleibol, como fazer o cara correr, saltar, como trabalhar a questão afetiva desses alunos, mas não numa perspectiva que reflita a questão da pessoa portadora de deficiência - políticas governamentais para a

questão do deficiente, nada disso, isso não é levado em conta. Os aspectos filosóficos são desconsiderados nesse sentido. Prevalece a questão neuro-motora, neuro-comportamental, dentro desse quadro, até por influências de profissionais que tem hegemonia na área, que tem mais influência - Edson Duarte - é um dos cabeças do pessoal da Atividade Física Adaptada e o Técnico Desportivo continua se configurando como, hegemonicamente, como aqueles que olham para o esporte na perspectiva técnica e o ensino no sentido da apropriação da técnica e dos fundamentos técnicos e da preparação física nas várias modalidades. E os Estudos do lazer que meio como patinho feio busca estudar lazer na perspectiva da sua relação com o trabalho, tempo livre, tempo disponível, políticas governamentais, história, quer dizer, aqueles com uma formação mais teórica acabaram: o Gebara está lá, o Marcellino está lá, Bramante está lá, a Heloisa, eu, foi o espaço que nós encontramos até para nos consolidarmos como uma das opções políticas, mas, é a força menos forte, nessa estrutura toda. Então, nesse sentido, o que é hegemônico aqui dentro é isso, essa visão. Esse ecletismo filosófico. Na USP, eu não vejo tanto ecletismo, eu vejo a hegemonia na perspectiva da fisiologia do exercício, nessa área fisiológica-biomecânica, forte e de um equívoco enorme, nessa diferenciação numa graduação de E.F.., de um esporte, que o Guilmar defende, que para ele, essa cultura corporal é constituída não pela interação das práticas sociais, mas pela soma e se é pela soma eu posso estudar uma separada da outra, então, ele separou desde o vestibular e o estudo que se faz continua sendo, mais voluntariamente, o técnico desportivo, pelos profissionais que estão lá dentro, embora acha um esforço, pelo menos aparente de se mudar isso. Vai fazer um congresso aí, no fim do ano, que se discute, a relação sócio-política do esporte, coisa e tal. A impressão que eu tenho da UNESP de Rio Claro é que a hegemonia está na mão da Ana Maria Pellegrini e ainda na USP, você vê, por exemplo, uma das forças que se configuram ainda com um certo poder é o grupo da educação motora, da aprendizagem motora do Go Tani. Eu vejo, por exemplo, a influência de um Go Tani, daquilo que se consolida enquanto direção a ser dada a um projeto pedagógico de formação profissional, por que, por mais que o Go Tani, por exemplo, não trabalhe com a disciplina futebol, o que acaba sendo importante no futebol, é o ato motor dos gestos esportivos no futebol, é a questão da biomecânica enquanto alavanca, é a questão da fisiologia do exercício. Não é o futebol enquanto prática social. Quero dizer com isso que a impressão que eu tenho que na UNESP, na USP é hegemônico o referencial teórico oriundos das ciências biológicas, como aqueles utilizados para estudar o esporte, a E.F. . Na UNICAMP, ainda é predominante esse referencial de natureza das ciências biológicas para estudar o corpo humano, as práticas sociais de E.F.., esporte e dança. Só que uma hegemonia menos forte, com uma correlação de forças mais forte do que aquela existente na USP, a USP não tem quem peite. Na UNESP, já sinto alguns setores peitando, talvez o Mauro Betti e na UNICAMP, você percebe a hegemonia do referencial teórico das ciências humanas, mas dentro do que eu chamo ecletismo filosófico e que para mim não avança muito não. O que a garotada fala por aí tem uma lógica: lá na USP é mais o esporte, o treinamento, o jogo, tem mais aula prática, é evidente isso e aqui não aqui é mais aula teórica, é, mas, uma teórica a partir de um referencial das ciências sociais, para dentro disso que eu chamo de ecletismo filosófico, que é complicadíssimo. Se eu pegar um aluno que está saindo daqui hoje e eu tive uma orientanda que já

DEPOIMENTO Nº 11

"Minha formação profissional: bacharel em fisioterapia. Fui graduado em 1983 na Universidade Federal de São Carlos e desde essa época já me interessei pela questão da pesquisa. A pesquisa básica e a pesquisa aplicada. Notadamente num primeiro momento voltada para os interesses da Fisioterapia. Em 84, eu iniciei o mestrado aqui na Unicamp, isso já responde aquela outra questão: como veio parar aqui. Em 84, eu iniciei o mestrado em uma área biológica básica e esse mestrado permitiu que eu encontrasse respostas para aquelas dúvidas que me acometiam desde a minha época de graduação. Aí talvez já tenha algum subsídio para a tua área de interesse. A formação na área de fisioterapia e educação física é parecida. Difere apenas nos conceitos clínicos que são discutidos e na aplicação clínica de recursos fisioterápicos. Essa é a única diferença. A fisioterapia tem também essa visão inter-multidisciplinar com a educação física. A fisioterapia ela se preocupa em discutir inclusive aspectos biológicas, aspectos patológicos, aspectos até psicológicos; entrando em alguns casos até na questão social e a educação física faz isso de uma maneira até eficiente. No mestrado eu consegui responder algumas questões que me afligiam na época de graduando em Fisioterapia. Que eu imagino que hoje o que se refere a nossa atuação aqui no ensino é papel do docente amenizar essa aflição. O aluno de fisioterapia, de educação física tem num primeiro momento uma visão interdisciplinar, uma visão multifacetada do campo de trabalho ao qual ele vai se engajar. Isso num primeiro momento assusta. A minha postura em relação ao ensino é de que você tem que tentar diminuir as tensões já com o aluno de graduação, principalmente o aluno do primeiro ano, para que ele não se sinta perdido. A disciplina não pode ser dada de uma maneira fragmentada. Você tem que dar sua disciplina, principalmente no meu caso, uma disciplina básica, você tem que dar a disciplina, o conteúdo tem que estar sempre vinculado a questão mais geral. A questão da atuação profissional, a aplicação daquele conhecimento. Então foi isso que eu aprendi. Agora já, adiantando até um pouquinho, foi isso que eu aprendi, como lidar com a questão do ensino, não circunscrever apenas uma questão de julgar um conhecimento básico, que eu sei que por conhecer o currículo, participar da formação desse currículo, discutir esse currículo, eu sei que essa integração vai ocorrer nos semestres subseqüentes, cada vez mais intensamente. Principalmente a área da qual eu faço parte. Então eu imagino que isso possa ser feito desde o primeiro momento no qual você entra em contato com os alunos do primeiro semestre. Os alunos, eles tem uma visão ainda bastante "inocente", eles não tem muita certeza, porque escolhem a educação física e cabe ao, imagino, professor da área básica dar já permitir que eles tenham uma visão mais integrada. Já no primeiro momento. Por que para o professor da área básica é muito cômodo ele ficar restrito apenas aquele conhecimento que já esta sacramentado naqueles livros clássico. Então, essa é a minha visão em relação a ensino, em relação a educação física e a igualdade entre educação física e fisioterapia. O mestrado, por sua vez, permitiu que as dúvidas do campo tornassem, ficassem um tanto mais claras. Foi com um certo alivio que nos dois anos que eu fiz mestrado aqui na Unicamp, numa área básica, eu consegui já ter essa visão integrada. Apesar de estar desenvolvendo o mestrado numa área básica,

sempre havia aquele interesse por estar relacionando a questão básica com a questão aplicada. Ainda com a fisioterapia. Num terceiro momento, já no final do mestrado, havia necessidade aqui na educação física de uma pessoa que pudesse veicular conhecimentos básicos na área biológica, na área de morfologia, que tivesse interesse de também desenvolver pesquisa voltada para interesses da educação física. Então, isto que motivou a minha contratação na época. Eu desconhecia o pessoal daqui. Sabia que havia a implantação de uma faculdade de educação física. Na realidade, a disciplina já havia sido oferecido uma vez e os alunos "odiaram" a disciplina. Os alunos não gostaram muito da disciplina por que ela era dada bem fragmentada, por vários professores. Acho que aproximadamente uns quinze professores deram a primeira vez Bases Biológicas. E então pela postura do chefe de departamento na época, a professora Antônia, formada em educação física e pós-graduada em área básica, em função dessa visão surgiu o convite. Apesar da gente de se conhecer e tal. Mas, essa necessidade de vincular o conhecimento básico já a uma visão integrada foi o que determinou provavelmente a minha contratação. Essa experiência em fisioterapia. Essa experiência, essa titulação na área básica-biológica, favorecia o momento dos alunos reivindicando uma pessoa que veiculasse isso de uma forma mais integrada foi o que motivou a minha contratação. A partir daí, quando eu entrei a concepção que eu tinha da educação física é que era uma área profissional voltada praticamente, totalmente para o estudo do exercício, ao estudo do exercício físico mesmo. Era uma visão muito mais como o pessoal gosta de utilizar - reducionista - adoro esse termo. Era uma visão reducionista. De que o profissional de educação física pode atuar no corpo do indivíduo apenas modificando ou atuando nas questões biológicas, nas questões cardíacas, a nível de atrofia muscular, no condicionamento físico, na postura e tal. Era uma visão, isso em relação a educação física. No entanto, face as experiências profissionais ainda na época da graduação-fisioterapia, eu já tinha uma visão de que pelo menos na fisioterapia teria essa abrangência muito maior que não estivesse apenas restrita ao campo biológico. Fisioterapia também atua na questão da Psicomotricidade, a educação motora, da educação do movimento, aspectos psicológicos. E eu entendia que uma vertente de progresso na educação física seria algo muito parecido com a questão que já vinha sendo discutido durante muitos anos - a fisioterapia. Essa era a minha visão inicial. Depois, um contato com o pessoal que estava sendo contratado na época da formação da universidade, eu fui contratado no segundo ano - foi em 1986. Ela começou em 85 a oferecer o curso. Eu vi praticamente a contratação de todas as pessoas que estão, eu fui conhecendo a contratação de todo mundo. Depois disso, a minha visão sobre a educação física, ela se alterou bastante, eu noto que o caminho, a vertente pela qual a educação física está trafegando, o caminho pelo, o caminho que está se delineando pela educação física passa pela questão biológica. Mas, não restrita a ela, ela aborda também uma questão social, deve abordar também uma questão social, abordar uma questão filosófica, uma questão psicológica. Então hoje a minha visão é muito mais aberta, não está restrita a questão biológica. A educação física para mim, hoje em dia ela é, eu já perdi algumas horas de sono e já me interessei bastante por esse assunto - Educação Física é uma Ciência. A questão de tentar descobrir um corpo de conhecimento, tentar descobrir qual é o corpo de conhecimento próprio da educação física, eu imagino que ele ainda não o tem definido, mas, eu

imagino que ele está caminhando para a delimitação de um corpo de conhecimento próprio. Se não tiver um corpo de conhecimento próprio, pelo menos um campo de atuação profissional que é outra coisa. Um campo de atuação profissional já bem definido eu imagino. No entanto, em função da ausência desse corpo de conhecimento, ou pelo menos, em função do pouco envolvimento do profissional de Educação Física com as questões teóricas, ele tem perdido espaço profissional, ele não consegue se manter em alguns campos profissionais, nos quais ele inicia. E se ele não abrir o olho, já estão lhe tomando a questão mais corriqueira, a questão da psicomotricidade. O terapeuta que trabalha com Psicomotricidade poderia ser um profissional da educação física e pode ser o profissional da educação física - lida com o corpo, entende do corpo. Tem conhecimento necessário. No entanto, vários profissionais, por exemplo: os psicólogos, psicoterapeutas estão entrando nessa área - nessa área de psicomotricidade. E eu vi isso acontecer. Porque eu lembro na época, quando eu fiz a minha graduação a questão da psicomotricidade era bastante discutida. Principalmente pelos psicoterapeutas, terapeutas ocupacionais. Era uma questão nascente. Outro campo, talvez, é o campo da prevenção de problemas posturais, vamos falar de uma maneira genérica. Prevenção é um campo de atuação nato da educação física. O qual não vem tendo, nunca teve, praticamente, um interesse maior por essa atividade, a questão da prevenção. A questão de tratamento, é uma questão polêmica. Aí entram as várias vertentes de tratamento, as vários modismos, os vários métodos de atuação sobre a postura. Na minha opinião, áreas que podem ou campos de atuação os quais o educador físico pode estar atuando sem dúvida. No entanto, eu noto que ele não está dando o devido valor. A questão da recreação e lazer - a educação física trabalhando a questão do lazer e o campo de atuação bastante - até antigo dos terapeutas ocupacionais. E até dos fisioterapeutas. Esse é outro exemplo de campos de atuação não muito bem definidos. Não conheço muito bem a questão de recreação e lazer. Eu conheço o que eu ouço falar aqui. Mas, eu imagino que existem perfazes. Existem pontos aí de contatos que devem estar fazendo parte de uma atuação conjunta. Imagino. No primeiro momento, o primeiro currículo foi herança de uma visão ainda tradicional da educação física e foi técnico desportivo, uma definição adequada as condições política, as condições de recursos que existam na época da reestruturação curricular. Eu me refiro ao primeiro ano de definição do currículo. Tem que se considerar esse aspecto quando for fazer essa análise. Já a medida que foram ocorrendo as contratações, a medida que foi se discutindo a questão do currículo, a adequação das disciplinas e a adequação dos conteúdos e o tipo de profissional que se teria interesse de se formar, nos primeiros anos, e eu estou me referindo ao segundo e terceiro ano (86, 87) - nesse momento já se discutia bastante na FEF a necessidade de uma reestruturação curricular. A qual acabou ocorrendo e imagino que, acho que foi em 88/89 e nesse momento, esse segundo currículo, eu acredito que houve uma evolução daquela visão possível, em que nós tínhamos em 84/85, houve uma evolução para aquela visão dos professores que estavam aqui em 89 já tentando adequar uma visão mais voltada para discussão e até caracterização de um campo de conhecimento, de uma motricidade humana. Eu imagino que houve uma evolução. Não considero que ela foi positiva em todos os aspectos. Eu imagino que deva ocorrer, poderia já nesse momento ocorrer uma reestruturação, a terceira reestruturação curricular. No entanto é uma

questão que a gente está discutindo e eu imagino que deve acontecer aí durante um ou dois anos, deve ter uma reestruturação curricular. Já como fruto do amadurecimento dos professores terem experimentado esse currículo e já serem detectados algumas falhas. Algumas falhas já, algumas disciplinas estão sendo eliminadas, substituídas por outras. Exemplos: eu detecto na questão biológica, eu detecto falhas na parte final da formação dos alunos, por volta aí do final do segundo, terceiro ano - final do segundo ano, quando passaram pelos dois anos de formação e vão então optar para os bacharelados. Eu noto que a questão da fisiologia, é uma questão que não está bem resolvida, principalmente a questão de fisiologia do exercício. Precisava ser discutido o currículo das fisiologias I e II. São disciplinas básicas. São disciplinas que estão adequadas. Mas precisaria ver uma disciplina que discutisse os aspectos de específicos da fisiologia do exercício. E que não fosse uma disciplina apenas - seria uma terceira disciplina de fisiologia que fosse oferecida como básica ainda. Fosse oferecida para todos. Eu vejo que a questão do lazer, da educação motora, da educação física adaptada e do esporte, todos eles discutem no seu campo de atuação , precisam de um conteúdo de fisiologia do exercício. E não necessariamente, eles estão tendo esses conteúdos. Há uma disparidade aí de uma disciplina estar num departamento e ser oferecida por outro. Mas eu imagino que a questão da fisiologia em resumo, a questão da fisiologia do exercício é uma disciplina que precisaria ser cursada por todos os profissionais da nossa faculdade. Não é minha disciplina. Não tem nada a ver. Mas, é uma coisa que eu acho que é uma falha no currículo. Outros pontos já foram modificados. Tinha uma disciplina que chamava ludomotricidade III e que pela visão biológica era uma disciplina que poderia ser, teria, na qual, poderia ser divulgado um conhecimento mais específico da terceira idade. Isso já foi feito. Essa disciplina já está alterada. Neste segundo semestre, ela vai ser mudada, eu não me lembro o nome da disciplina - mas alguma da terceira idade. Eu vou participar das duas primeiras aulas de aspectos morfológicos - Modificações morfológicas na terceira idade. É uma disciplina que dá uma visão bem integrada. É importante - terceira idade. Provavelmente muita gente irá trabalhar. Então eu imagino que esse é um aspecto. Outro que me preocupo um pouco, eu noto, é, mas aí está relacionado com a questão da estruturação departamental. Foi criado um departamento de estudos do lazer. Ele é responsável por um bacharelado. A pergunta que eu faço é: se é o momento de ter esse bacharelado em recreação e lazer e se isto está adequado a demanda. Porque parece que está havendo uma demanda mínima de alunos para, tem disciplinas aí com poucos inscritos. Não vou te dizer que é um. Mas, eu imagino que tem disciplina aí com um, dois, três, quatro inscritos. Eu não sei qual é a relação. Eu acho que precisaria ser rediscutido essa questão - que é o custo - benefício. Um docente dando aula para duas pessoa. É um negócio que pode até parecer ridículo na nossa sociedade. Sociedade carente. Eu estou acostumado a dar aula para 30, 40, 50 as vezes. De manhã e a noite. Estou acostumado aí a dar aula para 100 alunos da graduação no primeiro ano. Ocorre desistências, repetências. Mas, eu fico achando que esta questão precisaria ser rediscutida. A necessidade, ou a adequação, ou o real impacto da questão da recreação e lazer no - Isso relativo ao currículo de graduação. Eu vejo nessa questão de disciplinas de cunho biológico com conteúdo não apenas biológico, eu vejo que isso é um reflexo da tentativa de definição de um corpo de conhecimento próprio da

educação física. No entanto, essa tentativa, ela esbarra na questão conceitual e do que é o movimento, as determinantes desse movimento, as variáveis que influenciam esse movimento. Isso é fruto também da vontade, da boa vontade dos docentes em estarem adequando o conteúdo da sua disciplina, apenar, no caso aí, de docente com formação puramente biológica, docentes com formação biológica estarem tentando se adequar a esta questão conceitual, a questão dos determinantes, a questão das variáveis, a questão da integração. Isso tem também, essa adequação, esse imbricamento de corpos de conhecimento de áreas biológicas-sociais, por exemplo, ou psicológica, passa também pela questão política, por uma questão de linguagem própria de um departamento ou de todos os departamentos fazem isso. O conhecimento, ele está dividido aí em compartimentos, bastante separados. Quando você tenta fazer esse tipo de fusão conceitual, você tem o perigo de estar barrando, fazendo sobreposições. Talvez, as vezes, não desejadas. Mas, isso eu acredito que faz parte do processo de crescimento. Faz parte do processo de se chegar a esse corpo de conhecimento próprio da educação física. É um pouco que tentativa e acerto, tentativa e erro. No entanto, eu noto que isso mostra uma pré-disposição, uma boa disposição dos docentes em estar tentando achar esse caminho. Mas, isso é uma coisa bastante difícil. É bem difícil. Eu imagino. Não é fácil não. A minha conceituação sobre motricidade humana, ela é mais, a questão da motricidade, ela foi bastante discutida na época da reestruturação curricular. Nessa época, talvez, muito influenciado pela presença do Manoel Sérgio, pelo envolvimento de alguns docentes no estudo do que era motricidade humana e pela atuação - nas discussões do currículo, participações importantes, eu, a faculdade vestiu a camisa da motricidade humana e tentou se adequar a essa linguagem. No entanto, eu vejo que essa visão integralizada da motricidade humana, ela esbarrou em questões diversas, as quais estavam envolvidos os docentes. A questão da sua própria titulação, nem todos utilizaram o estudo da motricidade como ponto de, os conceitos de motricidade humana como ponto de partida ou ponto de chegada para discutir a atuação do profissional, a atuação em educação física. Isso dá até para entender porque o conceito de motricidade relativamente recente no nosso meio, é um conceito que não foi necessariamente divulgado a ponto de orientadores e programas que permitiram a titulação de nossos docentes a se abrirem para esse tipo de conceituação, por exemplo: você sabe que titulação, ela não depende apenas da pessoa que vai se titular, não depende apenas do mestrando, do doutorando. Depende de todo um sistema que passa pelas condições profissionais que ele tem na sua unidade de origem, pelas condições acadêmicas que ele tem na unidade da qual ele está fazendo pós-graduação. Passa pela cabeça do orientador, pela visão do orientador, pela rigidez conceitual do orientador. Isso, estou me referindo a questão da educação física. Quando os mestrados e doutorados são realizados na área da educação física. Em outras áreas então isto nem existe. A questão da motricidade humana, esse conceito mais amplo de educação e movimento. Essas questões não passam pelo pessoal. O pessoal tem a visão muito mais compartamentalizada. Tanto na área psicológica, como na área biológica. Então as dificuldades que envolveram a definição curricular, são dificuldades que, a definição curricular voltada aí para a questão da motricidade humana. Essas dificuldades, são, hoje dá para entender. 3/4 anos depois dá para entender. Bom, provavelmente nós exageramos as nossas expectativas em imaginar que o

problema estava resolvido. Eu imagino que não está. Que hoje em dia pouco se fala aqui em nossa unidade sobre motricidade humana. Hoje em dia se discute muito mais a questão da definição de conteúdos em disciplinas do ensino da graduação, se discute a definição das áreas de conhecimento, definição das áreas de pesquisa, que é um problema também emergente na nossa faculdade. Que por muito tempo, a gente ficou embaixo de um grande guarda-chuva. Hoje em dia, já se definem 3/4 guardas-chuva menores e eu imagino que daqui a algum tempo que esses 4 guardas-chuva vão se transformar em 5/6. Eu imagino que cada vez mais vai haver essa definição. A minha conceituação sobre a importância da motricidade humana, na definição curricular é que foi uma atuação importante. Permitiu que os docentes acordassem para uma visão filosófica, mais ampla de amplo espectro. No entanto, o discurso inicial não vem sendo cumprido a risca. Eu imagino que isso vai passar primeiro pela discussão da definição das áreas de ensino, pesquisa dos departamentos. Depois acredito que esta questão da motricidade humana pode ser mais também uma questão a ser definida ou pode ser uma questão utilizada como guarda-chuva. No entanto, eu imagino que a coisa ainda tem espaço para evoluir. Eu vejo que há boa vontade por parte da maioria dos docentes em formar profissionais que tenham capacidade para atuarem no mercado de trabalho de uma maneira eficiente, crítica, de uma maneira correta do ponto de vista ético. Há boa vontade. No entanto, a estrutura acadêmica, a estrutura universitária - não é a estrutura da faculdade - mas, a estrutura institucional - a estrutura de todo o sistema acadêmico dificulta a formação desse tipo de profissional que aí está descriminado no Parecer. Por que. Eu noto que apesar da boa vontade dos docentes, eles não tem as vezes condições de se dedicar, uma boa condição de dedicação. Apesar da boa vontade, eu vejo, vejo que poucos docentes tem condições de se dedicar integralmente a questão do ensino e da viabilização desse tipo de proposta do ponto de vista teórico, do ponto de vista de formação final, maravilhoso. No entanto, eu vejo que nem todos os docentes tem esse tipo de possibilidade. Não me incluo. Porque eu já atingi esse nível de dedicação integral, apenas a esse tipo de problema, esse tipo de proposta. Aí é uma questão do - Quais os problemas: 1º) a questão do envolvimento do docente apenas nas atividades de ensino, pesquisa, uma das questões que atrapalha bastante este tipo de envolvimento, é a questão administrativa. Então a questão burocrática. Essas questões atrapalham bastante, 2º) nem todos os docentes tem um ideal de vida, e aí a gente pode falar de uma maneira genérica. Nem todos os docentes tem ideal de vida de trabalhar junto a alunos de graduação. Eu estou falando especificamente em relação a alunos de graduação. Que tem docente que se dedica só a aluno de mestrado. Então não há, imagino, interesse de todos os docentes em atuar junto ao aluno de graduação. Porque. Em função das cobranças que o sistema acadêmico te impõe. Se você se dedicar de mais a aluno de graduação, o retorno acadêmico vai ser pequeno, você só vai ter as aulas. As aulas para justificar esse teu envolvimento. E isso não era, nunca foi, agora está sendo um pouquinho mais valorizado. A questão da titulação do docente, é uma questão que também atrapalha bastante para que esse Parecer consiga atingir o seu objetivo. A questão da titulação leva muito anos da vida de uma docente. Isso está para lá de discutido. Eu não preciso dar exemplos. Chega a levar até 10 anos, 12 anos. Então quem já passou por esse tipo de titulação. Esse tipo de passo na carreira acadêmica já pode se dedicar muito mais tranqüilamente ao

ensino. As questões administrativas eu já falei. A questão da titulação. A questão do próprio interesse dos docentes em atuar junto aos alunos de graduação. é um trabalho bastante ardo, se você for analisar do ponto de vista da iniciação científica. Eu acredito que a questão da iniciação científica é importante. Mas, estaria bastante relacionada a questão da pesquisa. Aluno de graduação e pesquisa, eu tenho uma visão e com experiência de 6 anos. A questão da iniciação científica ela é importantíssima para o docente, mesmo quando está em face de titulação. Porque o contato com alunos de graduação é um contato que te dá bastante trabalho e, no entanto, ele te dá um retorno muito lento. No entanto, em termos de evolução do sistema acadêmico é o sistema que tem mostrado os melhores resultados. Um aluno de graduação que passou por uma iniciação científica, ele entra no mestrado quase que independente do seu orientador. Ele pode desenvolver suas atividades de uma maneira bastante diferente. Eu tenho essa experiência com pelo menos uns 3 alunos aí de mestrado e tem mais outros aí de aperfeiçoamento também. Mas, o aperfeiçoamento é outro nível. Do ponto de vista particular, eu acho que é possível. Você pode atuar no ensino tanto a nível de graduação como pós e especialização, é o que a gente tem feito. Você pode atuar a nível da pesquisa na fase de formação, na fase final de, se a gente pode chamar de final - na fase de construção de um pesquisador. Eu acho que isso é possível. Minha experiência pessoal é de pegar aluno de graduação, 2º ano, dar bolsa de monitoria para esse aluno ou então dá bolsa de iniciação científica e depois bolsas de aperfeiçoamento e permitir que esse aluno chegue ao mestrado, não perdendo, inclusive, não perdendo a continuidade da evolução desse aluno ao longo desses anos, dessas bolsas, que ele vem recebendo, chegando no mestrado quase que com a tese já delineada e nos primeiros meses, começar a escrever, que é o caso das minhas duas aí, já estão escrevendo tese e tal. E extensão eu vejo que é uma maneira de você voltar, de você sair dessa redoma e você voltar os olhos para a comunidade. Ver quais são os anseios da comunidade. A extensão é uma maneira também importante de você envolver os seus alunos, colocar os seus alunos em contato, seus alunos de mestrado, de aperfeiçoamento e até de graduação. Colocar esses alunos em contato com os anseios, as necessidades e os desejos da comunidade. Essa, talvez, a extensão fosse o objetivo final. No entanto, ele é pouco valorizado, as atividades de extensão são pouco valorizadas. No entanto, na FEF como um todo, as atividades de extensão, elas tem um bom efeito sobre a comunidade. A comunidade procura bastante o recinto da faculdade é bastante visitado nos finais de semana. Final de tarde. No horário de almoço. Então eu vejo que a FEF tem essa atuação em extensão e é seguramente uma das unidades que mais atua no nível da extensão. Isso deveria ser mais, eu acredito que deveria ser mais valorizado frente a atuação docente. é pouco valorizado. Motivo, são os conceitos retrógrados de uma atuação acadêmica voltada apenas, não retrógrada, mas clássica, uma visão clássica de atuação do docente ou pesquisador, apenas na publicação de livros, apenas nas aulas, fechado ali na sua classe de mestrado ou de graduação e isso é uma visão clássica. Eu imagino que está pouco a pouco se desfazendo. No entanto, ela é muito forte na Unicamp. Os relatores tem essa visão. Quem emite parecer sobre relatórios são pessoas que ainda possuem essa visão. Então é uma visão que eu imagino que está sendo cada vez mais diluída, sendo substituída por uma visão aonde o docente deve atuar de uma maneira ampla, de uma maneira que

aborda não só a questão aí da pesquisa ou a questão da publicação. A pergunta é a seguinte: qual o impacto de uma publicação na vida da comunidade que nos rodeia. Existem estudos que mostram que para se produzir um artigo publicado numa revista científica internacional gasta se aqui na Unicamp, no sul, a USP por exemplo, gasta em torno de 12 mil dólares e lá no nordeste já se faz a mesma coisa, parecida, gasta se 300 mil dólares, eu vi isso aí em um jornal - no Sabatino, no correio, 5ª ou 6ª feira da semana passada. Então qual é o impacto. Eu te digo, o impacto duma atividade de extensão desenvolvida em conjunto entre o Roberto e uma orientanda, num curso de viva bem com a postura que você tem ou com a coluna que você tem, algo coisa do gênero - tem se um curso de extensão - eu nunca dei, mas vou dar agora. Eu vou pegar todo mundo. Qual o impacto disso? O impacto é importante. Nós tivemos, no ano passado, atividades de extensão para pessoas de 20 a 30 anos e de 30 a 40 anos, o pessoal chama de bioenergética. A minha orientanda que faz - a Cristina - psicóloga - bom. A Cristina fez isso aí e aproveitou os dados para a pesquisa dela e deu um retorno importante para grupos de 10-20 pessoas, dependendo do semestre do qual ela atuou. Isso é uma coisa importantíssima. E a comunidade é carente desse tipo de informação. O impacto da atuação de professores do meu departamento, por exemplo, junto a grupo de deficientes é uma coisa importantíssima. Agora a gente não pode só ficar na extensão. A minha visão é que você não pode só ficar fazendo extensão. E a extensão, ela tem que ser respaldada por trabalhos de laboratórios, trabalhos de pesquisa, pesquisa experimental também, não só pesquisa teórica, mas também pesquisa experimental. Para que você saiba aquilo que exatamente você está fazendo, como você está atuando, como você pode atuar de uma maneira diferenciada para prover uma melhora na condição de vida daquele grupo ao qual você está atuando na extensão. Pesquisa e extensão tem, vai ter um reflexo imediato em cima do ensino. Porque, no ensino, você pode, tendo, falando essas experiências de pesquisa e extensão. Você pode adequar o conhecimento que você está veiculando na classe de 1º ano, você pode adequar isso e falar, olha: na nossa comunidade, no nosso país, na nossa cidade, ocorre dessa maneira. A população é essa. Se você bobear, você pode fazer um curso baseado num livro que foi escrito lá nos EUA, não sei o que. E não é essa a realidade. A nossa realidade é outra. Então, por isso que eu vejo tem que ser feito de uma maneira integrada, você tem que fazer os dois. Agora você não pode ficar neurótico também. Porque, se não você pira, pira e morre. Esta conseguindo, no entanto, a questão da cobrança do projeto qualidade, da titulação, essa questão, ela não está permitindo que as coisas se façam de uma maneira suave, tranqüila, sem neuras, sem stress. A questão do projeto qualidade ocorreu imagino no momento importante da construção da nossa faculdade. O projeto qualidade tem os seus méritos. Estimulou docentes a se preocuparem em evoluirem na carreira acadêmica, chegando até o nível de doutor. No entanto, no caso da nossa faculdade deve se considerar alguns aspectos: 1º) você tem poucos cursos que permitem que você faça essa titulação sem que ocorra uma dificuldade muito grande em termos de deslocamento de docente, verbas para esse deslocamento, bolsa do tipo sanduíche ou então bolsa de PICD nas unidades as quais esses docentes podem se deslocar. Esses são problemas intrínsecos à área de educação física. Existem poucos cursos. Eu imagino que o projeto qualidade especificamente na nossa unidade ele está exercendo pressões talvez excessivas. Levando os docentes não necessariamente e eu não

falo de uma maneira global, mas eu imagino que alguns docentes devam estar sofrendo pressões que não necessariamente vão resultar na produção de trabalhos com excelente qualidade. Não trabalhos que, a produção não necessariamente vai ser aquela na qual o docente havia idealizado, em função dessas pressões eu imagino que isso deve ter um, seguramente vai ter um reflexo positivo no que se refere aos aspectos quantitativos, nº de teses vai aumentar, nº de doutores vai aumentar. Em relação a qualidade, eu imagino que só o tempo vai poder permitir esse tipo de avaliação, dizer se uma tese saiu com excelente qualidade e tal. Não é necessariamente na banca que vai poder dizer isso, ali se foi com louvor, sem louvor, 10, acho que não é nesse momento que vai se definir a qualidade dos trabalhos que vão ser e estão sendo produzidos neste período. No entanto, eu imagino que essa avaliação pode, ela vai se configurar nos, ela vai ter os seus efeitos, melhores avaliados depois de alguns anos, daqui a alguns anos, quando a gente puder notar qual foi o envolvimento desse docente com o ensino, qual foi o progresso desse docente naquela área de conhecimento ou linha de pesquisa, a qual ele abraçou, qual o impacto do trabalho dessa tese, ou da linha de pesquisa gerada por essa tese nos trabalhos de extensão, nas disciplinas. Isso teria que ser feito de uma maneira bastante desprovida de cores, desprovidas de aspectos políticos e tal. Isso cada docente vai acabar fazendo a sua próprio auto-avaliação, eu imagino. Ele vai acabar fazendo. Se isso não for feito de uma maneira organizada pela comunidade, imagino que cada docente vai falar: olha, eu provavelmente, eu construi uma excelente linha de pesquisa, eu estou conseguindo encaixar todos os meus orientandos com bolsas junto a FAPESP, junto a CNPQ, os meus alunos estão defendendo suas teses em períodos adequados as propostas, eu estou conseguindo reunir alunos de graduação para se envolver nesses projetos desde o 2º/3º ano. Então eu imagino que esse é o impacto. E nós estamos conseguindo em grupo fazer um trabalho de extensão, aonde a comunidade compareça e tem interesse e tal. Eu vejo que isso, esse tipo de avaliação qualitativa, porque a quantitativa é fácil fazer, fica tranqüilo, você faz aquele monte de gráficos e você tem uma idéia da avaliação daquilo. Agora a questão qualitativa, é uma questão que vai demorar alguns anos para ser respondida. E considerando o empenho de grande parte dos docentes da nossa faculdade, eu imagino que isso vai acontecer. Eu vejo que um pessoal que está em início de carreira, é o pessoal que está afim de agitar, o pessoal está a fim de crescer, a fim de fazer que com a sua linha de pesquisa ou a sua área de atuação progrida, evolua. Eu noto isso. É claro, precisa considerar também que nem todos os docentes estão nesse nível de envolvimento. Mas, isso é próprio de u processo que se instalou no meio acadêmico aproveitando a experiência de pessoas que já tinham mais atuação na área de educação física e que não tiveram a oportunidade de não se titularem. Hoje em dia a gente entende isso. No passado existiam críticas valadas, ou então críticas direta da atuação de alguns docentes. Hoje em dia minha visão é de que a presença de todos os docentes foi e é importante para que ocorra essa visão multifacetada, essa visão múltipla do, essa visão múltipla acadêmica".

DEPOIMENTO Nº 12

"Em relação a minha formação, eu fui formado na primeira turma da PUC, era uma Escola Isolada, com enormes problemas tanto de conteúdo quanto de docentes, o corpo docente, a formação do corpo-docente, e a legalização da Escola, nós conseguimos passar esse curso para a PUC, apesar que nos primeiros 3 anos, tivemos que a primeira turma inteira, nós tivemos grandes dificuldades de local, de docente, de material e de desenvolvimento da própria profissão. A única vantagem é que na época, não existia quase cursos de educação física e a gente tinha a capacidade ou a possibilidade de atuar diretamente no mercado de trabalho enquanto aluno a gente já estava trabalhando. Aprendia-se muito mais no mercado do que na escola. A Escola era simplesmente para dar o certificado. Porque a visão que se tinha daquela formação era a visão que vem até hoje na maioria das Escolas Particulares do Estado, que é através do Esporte, uma visão mecanicista, uma visão de prática desportiva. O restante do conteúdo pedagógico praticamente inexistiu nessa época. É, eu fui formado em 70, entramos em 68 e saímos em 70. Foi a primeira turma da PUC, com muita dificuldade de local de aula, principalmente para as aulas práticas. Nós tivemos, acho que o primeiro ano inteiro de natação na sala de aula. Então virava brincadeira. Tivemos professores que davam atletismo, faziam a gente correr 80 metros e dizia que o tempo nos 80 e para ele, para o professor era 100 m, que o tempo era muito fraco, era 9.2, 9.3. Quer dizer, o cara não tinha a menor noção do que era 100m, qual o tempo ou como é que se media, saia da curva, saia da reta. Algumas dificuldades nessa maneira. Mas, eu acho que foi um grupo bom, que conseguiu, graças, a já estar atuando no mercado, a grande maioria deles começou a dar aula assim que fez a matricula na Escola. Agora, a visão, era muito pobre. A visão na Educação Física, não é que era pobre, era uma visão da época, que veio de uma EF militarizada, tentando a liberdade, para um método que a gente poderia chamar, método desportivo brasileiro. Só desporto e mais nada. Então a EF. era baseada em aulas desportivas, através de conteúdos e nessa época nós tivemos um professor muito bom, o Clodoaldo Mesquita que deu ginástica, o único que deu alguns conceitos melhores sobre aquele tipo de EF., mas o restante foi um passar pela Escola. As disciplinas teóricas que nós tínhamos eram muito mais ligadas a área médica, biomédica e sociologia, pedagogia, mas que não tinha. O pessoal que dava essas aulas eram completamente dissociados do conhecimento da EF.. Por exemplo, o professor de Sociologia era ótimo, o Prof. Rosalvo Madeira, só que a relação do seu conhecimento com as necessidades na EF. não existiam. Ele, era muito bom professor, conseguia nos convencer em alguma coisa, mas não conseguia trabalhar um conhecimento próximo da EF., que era o que interessava na época. Então, nós conseguimos nos formar, foi uma luta, mas conseguimos. E a EF. permaneceu dessa maneira por muito tempo. Então ela vem com essa formação ainda através de Esportes que nós estamos vendo até hoje. Em relação a crítica que se fazia, tanto ao corpo docente como ao conteúdo, que vinha sendo desenvolvido, muitas vezes não tinha eco porque também não se tinha com quem discutir. A USP passava pelos mesmos problemas. A USP tinha a mesma EF desportiva. E a nossa visão é de que a EF. era algo mais daquilo que estava sendo feito. E se você comparar o primeiro currículo da EF. da UNICAMP, já era a nossa preocupação na época, de que a EF. não

podia viver de desportos e de livros. Ela tinha que viver das suas próprias experiências em cada compartimento da população. E a gente não conseguia fazer isso naquela época, talvez por falta de experiência e também por falta de interesse do corpo docente. Eu não diria falta de capacidade, porque nós nunca testamos. Mas, era falta de interesse do corpo docente de avançar em outro sentido. As críticas iniciais foram levantadas devido as atividades que os alunos já possuíam como profissionais de EF. Por exemplo, o meu caso, eu comecei dando aula da cidade de Paulínia. Primeiro professor na cidade, na primeira Escola criada, ainda uma Escola em criação. A comunidade aceitando a Escola e aceitando a EF. e eu com enormes dificuldades de proceder um desenvolvimento diferente daquele só na área esportiva. Por quê? Por que a Escola não me fornecia outros conhecimentos. Por mais que eu tentasse, eu tinha, dificuldades de ter outros conhecimentos. Agora, apesar da minha experiência como atleta. Então sempre na área desportiva. E a tentativa que nós fizemos na Escola e as críticas que nós tínhamos era nesse sentido. A gente sentia uma crítica de organização para qualquer evento. Precisava ter uma organização, precisava conhecer legislação, conhecer organização desportiva, eu precisava saber alguma coisa a mais na área de recreação e essas coisas nós não tínhamos lá. Então, a dificuldade que nós fomos sentir, nós fomos trazendo para dentro da Escola e éramos muito mau vistos. Éramos os combatentes daquele status quo. A situação estabelecida de uma maneira legalizada, por que acompanhava-se a legislação vigente no caso que se não me engano a 69/69 em que o pessoal acompanhava e tinha que ter x disciplinas e essas disciplinas eram dadas com a carga horária. Isso era o máximo que a Escola entendia, a Escola não avançava. Então a crítica que se podia fazer na época e a gente não fazia em base de crítica, mas fazia em base de tentativa de tirar alguma coisa a mais para nós. Nunca pensamos que nós viéssemos a utilizar ou a administrar uma Faculdade. Então, a tentativa o que era, a gente queria mais conteúdo. E na realidade os professores davam conteúdo de acordo com a lei. Como em toda Escola ocorria isso. A insatisfação que nós tínhamos era pela dificuldade de atuar atendendo a necessidade de mercado. Se fosse na área desportiva até que a gente conseguiria alguma coisa. Se fosse na área educacional, enormes dificuldades e se fosse numa área mais comunitária, trabalhar em prefeituras, auxiliar projetos em desenvolvimento de alguma indústria. Coisa que até já existia algumas pessoas interessadas e que a gente não tinha capacidade para atender. Pela primeira resposta, você percebe que desde a época de aluno a gente combatia alguma coisa, buscando uma melhoria da formação do profissional. Eu ainda não estou muito certo se acho pelo menos hoje entendo que não é assim, hoje, pode ser que mude, que a universidade é que abre o mercado, a formação do profissional é que abre o mercado, o que abre o mercado, o que eu entendo, é o profissional ter a capacidade de atender as necessidades da comunidade. Se, dessa maneira, a nossa tentativa na UNICAMP sempre foi essa. Modificar a formação através de experiências, através de uma pesquisa, mesmo que ela fosse uma pesquisa embrionária, que tivesse começando, tivesse procurando de alguma maneira transferir aos alunos aquilo que a comunidade sente. Se a comunidade precisa de um determinado tipo de lazer, nós temos que trazer para a universidade essa preocupação, desenvolver uma tecnologia, um conhecimento, passar para o nosso aluno ir ver o que é que é a comunidade, como é que a comunidade responde. Essa foi a primeira

tentativa na formação da Faculdade de EF. . Que era através da pesquisa inicialmente, através do desporto que a gente não crítica, mas critica a formação só através dele. Mas, era o nosso conhecimento na época. Então o primeiro Bacharelado que nós criamos foi o Bacharel de Técnico Desportivo. Procurando dessa maneira estudar o desporto e daí partir para outras vertentes. A tentativa acho que foi válida, essa formação, se ela não foi diferente das outras, ela foi melhor. Pelo menos, nós estamos entendendo, pelo desenvolvimento profissional daqueles ex-alunos nossos. A gente tem acompanhado alguns. Não todos, mas alguns. Então, nós não tivemos capacidade de oferecer novas propostas, pelo menos, na área do lazer, na área de ergonomia. Mas, a gente procurou demonstrar, a existência dessa possibilidade. Agora nós não tínhamos o conhecimento suficiente, elaborado, definido para que fosse repassado ao aluno.. Então nós entramos na mesma luta que eles para tentar formar um profissional diferente. Nós conhecemos alguma potencialidade diferente de mercado, diferente daquela da área desportiva diferente da área educacional. Nós entendemos hoje, uma academia como uma grande potencialidade de mercado. E os modismos todos. Nós temos que ter profissionais suficientemente instruído, formado para atender modismos. Que através do modismo é que nós vamos modificando os conceitos da profissão. Agora, nós não temos capacidade, não temos tido capacidade de estudar o modismo. Nós temos colocado de lado. E outro mercado que nós não tivemos a capacidade de estudar, capacidade que eu digo, não que a gente não seja profissional suficiente. Não tivemos capacidade de disponibilidade, de boa vontade ou de mentalização necessária para estudar o futebol, por exemplo, nós deixamos que no futebol atuem profissionais que talvez sejam até melhores que a gente mas não são formados. E a gente percebe que aqueles que tem a graduação e se empenharam em estudar um pouco além e que foram estudar sociologia, um pouco de psicologia e que foram estudar o que é esse movimento do futebol, tem tido mais sucesso do que os não formado. Quer dizer, esse era o começo, mas há riscos. Os riscos a gente não assumiu. Nós fizemos tentativas, mas o nosso conhecimento era embasado naquele anterior. Na bagagem que nós trazíamos. Então a dificuldade que a gente tinha no momento era de fazer propostas, de alguma coisa que fosse muito no espaço, para a gente poder justificar, caso fosse questionado num conselho universitário, na época da criação. Então, nós procuramos falar nessa época através desse ofício encaminhado ao reitor, as possibilidades que a gente tinha e as vantagens que nós tivemos de obter essas medalhas, com um trabalho sério. O que se pretendia, na realidade, nós pretendíamos ter a oportunidade de abrir espaço para o desenvolvimento de pesquisa, para transformar o conhecimento que aonde a EF como uma forma preventiva para a concepção de boa saúde através da obtenção de hábitos salutares era a base. A partir daí eu não podia falar nada, não podia falar que a gente ia oportunizar o bem estar, a recreação, o desenvolvimento de uma população, a melhoria do rendimento em serviço ou qualquer outra coisa, porque nós não tínhamos como provar. Como dizer, porque ninguém fazia também. Era uma proposta nova da EF., de um grupo formado, eu não vou chamar mau formado, mas formado de acordo com o conceito que se possuia de EF na época. Só que a gente estava tentando sair daquilo, tentando ir adiante. Agora, ir adiante, você tem que ter outras sistemáticas de estudo e não pode ser mais livresco. O livresco vai nos trazer experiências no mesmo sentido. Então, o que nós estávamos querendo, uma universidade como a UNICAMP,

ter espaço para poder vir a pesquisar. Em vez de ter o espaço para ficar formando o aluno. Por isso é que nós abrimos o curso com 50 vagas somente, um curso de período integral. Porque, por que a capacidade de contratação nos daria tempo para além de dar aula, poder pesquisar. E formar uma carreira não de pesquisadores, mas uma área mais científica. Tentando ligar a pesquisa com o ensino. O mudar um pouquinho, o aluno teria que estar recebendo aquilo que nós pesquisamos em comparação com aquilo que a gente aprendeu. Para que ele pudesse fazer o seu próprio senso profissional. Ele conseguisse entender, ver que existe essa experiência na área desportiva, existe uma outra experiência que está se desenvolvendo. Eu tenho essas opções de atuação, eu tenho esse conhecimento. Porque não dá para você dar mais nada para o aluno, a não ser ferramenta. Não pode garantir para ele que no mercado, ele vai encontrar reprodução daquelas histórias, daquelas circunstâncias que você encontrou. Então ele tem que ter mais importante do que o conhecimento, as ferramentas capazes de, por esse conhecimento ele poder atuar de maneira diferente no mercado. Essa era a primeira tentativa. E isso você só consegue se você for fazer experiência. Agora, eu posso dizer que a EF. que a gente vem desenvolvendo não é tão pobre como aquela que nós propusemos nesse ofício de 84. Então, você veja, já são 9 anos de diferença e a mudança foi muito grande. E essa mudança é graças ao que a essas dificuldades que a faculdade passa hoje, primeiro dentro da diversidades de conhecimentos dos professores contratados. Posso garantir para você que eu tive muita crítica, recebi muita crítica por contratar gente com formações tão diferenciadas, de grupos tão diferentes, grupos combatentes, grupos interessado em outras coisas. Mas essa diversidade é que vai dar a capacidade da gente entender o conhecimento que está na EF. Poderia fazer como todos os outros fizeram, como a PUC ou qualquer outra faculdade, contratar os meus amigos e conviver as mil maravilhas. Só que a faculdade não cresceria, não cumpriria o objetivo. Não que os professores não tivessem capacidade, é que ficaria tudo no desporto. E, hoje, a única crítica que nós podemos falar disso tudo é que nós abandonamos o desporto. Nós fomos ver todo o resto e abandonamos o desporto. Então algumas coisas a gente precisa voltar a prestar atenção. Não estou fazendo crítica, não a nada. Eu só estou achando que nós quisemos cumprir tanto com essa expectativa, com esse ofício de 84 e de propor uma nova EF. e nós esquecemos as coisas boas da velha. Essas coisas que já existiam, e que nos dava uma base, sedimentada até, para fazer novas pesquisas e nós esquecemos. Nós partimos para outro campo, campo do movimento, campo da ciência, campo da filosofia e da sociologia e esquecemos do maior evento que tem sociológico que é o desporto. Mas a gente vai voltar. A EF., eu comento até no meu trabalho, a EF. da UNICAMP, quando nós fizemos o curso, foi organizado um currículo. Uma grade curricular com uma carga horária aumentada daquele mínimo. Então as críticas que nós fizemos enquanto aluno, enquanto atuantes como personagem do processo de formação, nós tentamos recuperar quando da criação do primeiro currículo. E fomos em 3 pessoas, os organizadores. Eu tenho a impressão que aquele currículo apesar dele ser baseado a maioria do seu conhecimento na área desportiva que era o que nós possuíamos de bagagem, ele expressava muito mais a idéia da formação de um profissional para atuar no mercado existente. As propostas de mudança de mercado eram difíceis de serem feitas, mas ele conseguia em algum momento relacionar a teoria que nós dávamos com a prática que a gente teria que vivenciar.

No primeiro momento em que nós tivemos a oportunidade de ter docentes diferentes, um grupo mais interessado em modificar, em abrir áreas de recreação e lazer, trabalhar com as diferentes deficiências, trabalhar com o desporto de uma outra maneira, trabalhar um pouco mais com o corpo, foi feito uma discussão e procedemos essa discussão na Faculdade, trazendo inclusive o Manuel Sérgio para discutir um pouquinho sobre Motricidade Humana, que era a pessoa, eu acho que no momento ideal para isso. Nós conhecíamos alguma outra coisa, mas o Manuel Sérgio era o que mais representava vantagens para nós. Vantagens, porque ele era professor de uma Escola de EF. em Portugual, porque ele tinha a teoria da Motricidade Humana, ele tinha batalhado filosoficamente os conceitos e porque ele conseguia juntar o que de bom tinha nos outros autores, como: Cagigal, Parlebas. Então, ele conseguia juntar e dá um conhecimento mais ou menos incorporado em direção aquilo que nos interessava que era uma mudança no aspecto constitucional da EF. . Não mais, nem a nomenclatura reducionista da EF., nem o conhecimento específico na área do desporto. Ele abria a possibilidade de mudanças em ergonomia, em recreação, em trabalhos diferenciados. Se a idéia era essa, que a gente abrisse a nossa visão da EF., os horizontes, nós passamos a discutir, algumas coisas se modificaram por essa nova reestruturação curricular. Primeiro que o pessoal passou a elaborar documentos, isso é fortalecer na área de EF. e o pessoal elaborar em função da EF. enquanto conhecimento genérico e depois a mudança das siglas de EF. que é Educação Física, para M.H. que é Motricidade Humana. O que não representou muito, mas representou o passo de aceitação de que aquilo seria a discussão na Faculdade. Quando nós pegamos o currículo novo e analisamos desde as siglas até os nomes e o ementário, a gente percebe que ela se fracionou. Tem um conhecimento embutido numa área, vamos dizer assim, que o pessoal não gosta muito, que é a área dos teóricos e dos práticos, mas lá na Faculdade de EF. da UNICAMP, ela se dividiu em teoria e prática. O pessoal da teoria tentou buscar novas saídas, novos caminhos, mas esqueceu que essa teoria tem que ser operacionalizada na prática depois. Então realmente nós ficamos com uma dicotomia teoria e prática. A prática só ficou com o M.H. como sigla e as disciplinas continuaram as mesmas. A teoria mudou um pouco, o discurso talvez nem tanto, apesar de o conteúdo ter avançado alguma coisa, mas esqueceu de lhe dar uma prática. Então, o que nós fizemos? Nós transferimos a responsabilidade de juntar tudo para o aluno. E é muito difícil hoje o aluno em uma Faculdade que nem a nossa que tem disciplinas aos monte, uma carga horária alta, o aluno ainda ter tempo de depois juntar a teoria com uma prática que ele vivenciou tão pouco. Estamos criando professores de EF. altamente conhecedores da teoria, sem nenhuma experimentação de aplicar esses conceitos elaborados, eu estou falando de uma crítica de fora, eu tenho atuado pouco lá, mas essa impossibilidade de atuar, por exemplo, pegar essa motricidade humana que está sendo discutida e por na prática e falar, isso aqui, é esse resultado, aquilo é aquilo. Então, as ferramentas talvez, eles não saibam usar. Eles vão ter alicate, chave de fenda e outras coisas na mão, serrote, mas não sabe que hora que ele usa um, e que hora que ele usa outro. Então, as vezes, eles vão estar apertando parafuso com serrote. E é muito difícil você passar essa responsabilidade para o aluno. Eu não estou fazendo crítica, eu acho que agora, depois de vivenciado um tempo onde nós não prejudicamos o aluno, porque ele vai ter conhecimento, a gente tem que voltar a reestudar esse currículo e

sem fazer reforma curricular, nós temos, que fazer uma discussão interna e adequar esses conhecimentos. E transformar o que tem muita hora, por exemplo, na área de História, EF. não é História, ela vem de uma visão histórica, mas ela é uma aplicação prática. Então nós temos que diminuir um pouco disso e transformar isso numa prática que use essa história e transforma numa prática, história praticada, qualquer coisa para poder ver se a gente sai da onde nós estamos. A dificuldade é muito grande principalmente que agora, as pessoas tem outro conhecimento que não querem mais abrir mão. Então essa dificuldade nós vamos ter, mas, nós vamos ter que lutar. Essa questão da Motricidade Humana é uma coisa que a gente, para ficar claro, nós vamos ter que levar aí, mais ou menos, uns 20 anos, apresentando resultados de pesquisa na área. Enquanto filosofia para Manuel Sérgio, ela é clara e ao mesmo tempo confusa. Porque ele como filósofo, ele consegue entender com certa clareza alguns conceitos, mas ela é totalmente obscura, quando ele pega esses conceitos e quer transformar isso em EF. . Porque? Por que ainda não existiu nenhum grupo, vamos chamar dos práticos, o pessoal dessa aplicação que aceitasse a Motricidade Humana como Manuel Sérgio a concebe e tentar aplicar, tentar trocar com ele essas informações. Então, na Faculdade de EF., nós temos um laboratório de Motricidade Humana, o responsável é o João Freire, aonde eles fazem as experiências daquilo que ele entende por Motricidade Humana. Agora, e os demais professores. Será que eles entendem a mesma Motricidade Humana? No conceito que o João Freire está entendendo? Que eles conseguiriam aplicar o que João está entendendo ou a gente precisaria a cada momento estar trocando essas informações, testando, por exemplo, no basquetebol, porque a Motricidade Humana não pode se utilizar do basquetebol? Ou o basquetebol não pode se utilizar da Motricidade Humana? Porque é um esporte coletivo. Porque tem uma bola, porque tem uma disputa. Agora, então, tudo bem aí é mais difícil, o coletivo. Mas e o atletismo? Agora operacionalizar todos aqueles conceitos que existe de Motricidade Humana, é muito difícil. Então, uma proposta que até faço, porque nós não podemos começar isso com a área de recreação e lazer, que ela, eu tenho impressão, que essa Motricidade Humana, ela oferece muito mais perspectivas para essa área, ainda sem busca de uma performance atlética. A performance que estaria por trás na Motricidade Humana é uma performance individualizada de bem estar, de colocação social, de desenvolvimento das suas próprias potencialidades e de superar e superar-se. é uma proposta do Manuel Sérgio. Se eu não sei , eu posso chegar a uma questão de superar e a cada vez eu conseguir superar-me mais. Então eu acho que na área de recreação e lazer, nos esportes individuais, na ergonomia, que a gente poderia estar tentando dentro da indústria, fazer através da recreação o superar, a transcendência, buscar essa transcendência do próprio indivíduo e então eu acho que essa é uma riqueza que nós estamos perdendo. Agora, transformar as modalidades dos diferentes desportos, utilizando a Motricidade Humana é um passo longo, é um passo que vai levar muito tempo, porque primeiro nós temos que saber o que fazer com todos os conceitos da Motricidade Humana, com esse desenvolvimento motor, com essa nova perspectiva de relação entre o social e o prático, que nós não temos isso. Nós não conseguimos entender ainda essa Motricidade Humana. Apesar da gente ver aí ementas que falam com uma certa facilidade. Eu tenho visto aí, eu sempre fiz uma crítica. Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte. Qual a ciência do desporto, quais as ciências do desporto? Eu entendo que o

desporto, o indivíduo para praticar algum desporto ou o desporto para se desenvolver ele se utiliza de alguma ciência. Mas, ela não é do desporto, então eu acho que tem toda uma ciência biológica elaborada aí do rendimento do homem, mas que não é o rendimento que se propõe na Motricidade Humana, segundo o Manuel Sérgio. Ele até faz uma diferenciação. A biologia, a medicina, estudam o homem posto e a Motricidade Humana estuda aquele mesmo indivíduo atuante, em desenvolvimento, buscando se superar a cada momento, quer dizer, ele está com todas as perspectivas de vida em desenvolvimento. É diferente do indivíduo que só está buscando o seu bem estar físico, quando ele está mau, quando está deitado. E é muito difícil a gente falar a ciência e a Educação Física, ciência e a Motricidade Humana, é primeiro importante que a gente entenda até onde vai a capacidade de desenvolvimento da Educação Física e o que é a proposta desenvolvimento da Motricidade Humana para falar: será que a Motricidade Humana vai chegar a ser ciência? Segundo o Manuel Sérgio, sim. Mas, eu não consigo entender que ela seja tão diferente da Educação Física e que ela se torne ciência, porque enquanto o homem se relaciona, várias outras ciências vão estar envolvidas nesse relacionamento do homem nesse desenvolvimento. Então eu não sei se seria Ciência da Motricidade, não saberia te responder hoje. Agora, enquanto ciência é um negócio diferente de se falar que a física é uma ciência, de que a biologia é uma ciência. A mesma coisa que você falar que a arte é uma ciência. Eu acho que a EF. em desenvolvimento, aonde o homem se utiliza de vários campos do conhecimento e que pode lá no fim dar uma junção do conhecimento que fique uma área da Ciência, mas não que é uma ciência da motricidade humana. Não saberia te dizer. No mesmo sentido que nós fizemos aquele ofício em 84 para criar a Faculdade. Toda vez que você discute alguma coisa, você propõe alguma coisa, você tem que ter justificativas condizentes com aquilo que você está propondo. Quando o conselheiro Mauro vez as justificativas desse Parecer e nós tínhamos conversado bastante, tínhamos feito uma reunião em Brasília, lá na SEED MEC, na época da SEED MEC, a discussão era de que a EF. não podia ficar fechada e restrita para um único mercado. E aquele único tipo de formação, quando o indivíduo formado tinha que receber das faculdades ou tinha que ter a possibilidade de receber todas as ferramentas necessárias para que ele pudesse atuar em outros mercados. Enquanto ele fosse simplesmente um professor pela licenciatura, o mercado garantido a ele, seria somente na escola. Então a nossa proposta era de que ele pudesse ser assim como todos os outros profissionais, antes um bacharel. Um bacharel que tivesse condição em correr os riscos também de se formar sem ter a capacidade de poder dar aula. Nós entendíamos e continuamos a entender que só o profissional que tiver grande conhecimento para atender a comunidade é que depois ele poderá ser professor. Ele tem que correr os riscos de não ter mercado garantido. Mas, ao mesmo tempo, quer dizer, não ter o mercado que só para ele. Mas, ao mesmo tempo, ele tem um mercado que pela capacidade, é só para ele. Então a formação que nós temos que dar para o profissional atuar com ergonomia, atuar com recreação, tem que ser tão boa, que o mercado seja garantido a ele pela qualidade não pela lei. A licenciatura, talvez, desse a mesma formação e não precisaríamos chamar bacharel, mas o bacharelado, abriria a porta para que nós fossemos estudar outros mercados. E que pudesse não mais chamar profissional de EF., porque é a mesma coisa que eu vender Omo para você e o Omo estar com a marca queimada. Então, eu posso até mudar

a qualidade dele, mas ele vai ser Omo, não estou dizendo que o Omo esteja queimado, mas estou usando com exemplo, coca-cola, chevrolet, seja lá o que for, eu vender com uma marca já queimada. Então a EF. é uma marca queimada, que todo mundo conhece, que é o cara que dá um apito para o mais velho e uma bola para a molecada jogar. Que não resolve os problemas da sociedade. Que o único problema que resolve é que os alunos passam um determinado tempo na escola com ele. Mas ele não é chamado para resolver os problemas da sociedade. Então, o que nós queríamos, formar profissional bacharel e um outro nome qualquer que viesse a resolver o problema da sociedade. Como é que resolve o problema da sociedade? Eu preciso saber quais são os problemas, quando eu sei, eu preciso ter ferramentas para resolver aquilo, eu preciso ter conhecimento, preciso entender como é que se desenvolve o processo social do indivíduo e como é que eu posso ajudar essa sociedade resolver os seus problemas sociais, seus problema de convivência, que eu acho que o médico resolve o problema de saúde, nós temos que resolver o problema de convivência, desenvolvimento do indivíduo atuante nessa sociedade, que eu acho que era esse o papel da EF. . No parecer, algumas coisas ficaram assim, como solamento para isso, mas o parecer não pode dizer também. Como é que se resolve isso? Ele deve dizer que a necessidade é de um indivíduo para isso. Agora, como é que se resolve, é problema das escolas. Então, o parecer usa e usou o meu trabalho em alguns momentos para justificar a ocorrência do bacharelado, para justificar a ocorrência de 4 anos de formação no lugar de 3. Para justificar a possibilidade de atuação em outros mercados e ele não diz quais são, porque esse é um problema que a comunidade da EF. , da ainda chamada de EF. é que vai ter que resolver. Então, eu acho que o parecer foi benéfico nesse ponto. Apesar de que, fica mais ou menos se você ler o documento como um todo, fica explicitado que aquilo é o mínimo, mas ninguém deve-se ater ao mínimo. A gente deve-se ater as necessidades regionais. Então ele estabelece que por um mínimo e no Brasil é assim. Mas, o mínimo não é suficiente, não é bem isso. E, a Faculdade de EF. hoje, não faz o mínimo, ela faz além do mínimo. Ela segue o parecer naqueles 4 princípios básicos, mas nós conseguimos tirar dessa resolução, o elenco de disciplinas. Tem que dar a, b, c, nada. Tem que dar o conhecimento. E cada um dá o seu conhecimento na sua quantidade de disciplinas possíveis. Mas, ele tem uma distribuição em mínimos de conhecimento em cada área. Por exemplo, conhecimento da sociedade, ele tem que dar x de conhecimento. Porque não dá para dar o conhecimento da sociedade numa disciplina de 30h. Ele tem que ser revertido em x do conteúdo total. Agora, garante? Não garante nada. Abri possibilidades. Então, nós estamos entendendo, que a EF. por esse parecer, a formação por esse parecer em EF deixa de ser simplesmente aquela obrigação da escola. Passa a ser o direito do aluno, de exigir que ele tenha o conhecimento da sociedade, conhecimento do indivíduo que está ali embutido, conhecimento da área específica, que ele acaba tendo esse direito. É a proposta. Em relação a pergunta de críticas ou aceitação, de como outros profissionais, outras pessoas interessadas na formação, tem visto essa formação. O que eu tenho a dizer, é o seguinte, nós conseguimos um passo adiante, eu acho que isso é uma verdade, até para as Escolas que não fizeram mudança nenhuma Porque, elas não fizeram mudança, porque elas conseguiram entender que a sua capacidade de formação era exatamente aquela. Que o corpo docente que elas possuem é exatamente para formar aqueles alunos que eles querem

formar. Apesar de eles não entenderem muito bem do perfil porque o perfil do prof. a ser formado, é a coisa mais difícil que se tem de organizar. Porque eu posso estabelecer por um encadeamento de disciplinas, que eu quero um determinado perfil, mas esse desenvolvimento de cada disciplina não me garante que o perfil vai sair aquele. Eu posso ter intencionalidade, mas eu não posso garantir resultado daquela intencionalidade. Então algumas propostas existem, tanto no país, como fora. Por exemplo, na Alemanha, quando se fala de Escola de Desportos, ela não se realiza simplesmente pelo Desporto, tem todo um outro conhecimento embutido. Em Portugal, tem 2 tipos de Escola, em Porto é mais ligado ao Desporto e Lisboa é mais ligada a uma área de Motricidade Humana. Isso pela capacidade de seus docentes. Pelo envolvimento de cada grupo que discute o currículo de formação. No Brasil, nós temos diferenças entre UNICAMP, USP e UNESP. Diferenças de conceitos da EF. A USP, por exemplo, tem uma proposta do profissional em Desporto, mas ela vai trabalhar, administração desportiva, ele não vai ser um Técnico desportivo, que é diferente daquela primeira visão que nós tínhamos aqui, do que iria ser um Técnico desportivo com alguma especialização em cada modalidade esportiva. Hoje, com a criação do Bacharelado em áreas diferentes, por exemplo, em Recreação e Lazer e agora uma proposta de EF adaptada ou atividade motora adaptada qualquer coisa assim, eu acho que as formações serão diferenciadas, se tivermos professor para atuar. E, eu vejo como ruim, que cada um tente modificar um pouquinho, é um momento de experimentação. Eu não posso dizer que a formação que é feita na FEF da UNICAMP, seja diferente da Formação em outro nome que é feita na USP, ou que seja melhor ou pior. Eu acho que nós temos que entender por onde caminha a proposta de cada um. A proposta na FEF, UNICAMP, na qual eu tive bastante interferência, na primeira pelo menos. Eu acho que buscava atender a capacidade que nós tínhamos, sem correr o risco de fazer a proposta de formar A e só consegui formar só C. Então a proposta era nesse sentido, era até meio medrosa de abrir horizontes, no primeiro momento, mas depois, ela foi se modificando. E hoje nós podemos dizer, que as tentativas de formação de uma proposta da FEF da UNICAMP, estão sendo elaboradas na sua Pós-Graduação. Elas vão ter algum conhecimento diferenciado. Mas ninguém pode garantir que ele seja certa ou errada. Eu não faço qualquer crítica a outro que pense diferente. Nem aqueles que só pensam no Desporto se a formação oferecida for de melhor nível. Eu faço críticas a qualidade da formação oferecida. Eu acho que tem espaço para o Desporto, para a Dança, tem espaço para as adaptações, tem espaço para a ergonomia, tem espaço para o que quiser, desde que seja bem formado. E é o que eu não estou vendo. Há briga por posicionamento, aqui tem que ser isso, lá pode ser aquilo, a minha crítica é não Não vamos fazer crítica, vamos procurar trabalhar a melhor qualidade como é que faz para ter a melhor qualidade Pesquisa Estuda Forma o profissional Acompanha o desenvolvimento profissional desse aluno por que não vamos entender o seguinte, com todas as propostas, quando você começar a acompanhar o desenvolvimento desse aluno no mercado você vai ver que é o mesmo que a gente fazia a 20 anos atrás. Porque nós não conseguimos avançar com ferramentas para ele. Nós não conseguimos dar para ele o mais importante que é a função diagnóstica. Ele tem que chegar numa comunidade, antes de oferecer uma proposta, ou numa escola, ou num clube. ele tem que fazer um levantamento de tudo. O que nós vemos lá, o cara chega lá com um planinho, que ele foi conversar com o professor na Escola, olha, o plano

eu vou desenvolver. Ora, mas será que isso é o que tenha a capacidade daquele clube, daquela Escola. Não é o que vem de dentro para fora. Vem do profissional para o mercado. Nós temos que entender o contrário Isso a Escola não aceita. E nós temos que entender, que nós vamos trabalhar com a comunidade não é a comunidade que vai trabalhar à nosso serviço. Nós estamos a serviço da comunidade. E então o que não mudou como proposta nenhuma foi isso. A gente pensa na Escola, a USP pensou Administrador Desportivo. Será que o Brasil tem essa necessidade? A gente endente que sim. Eu tenho visto para desenvolvimento de São Paulo, o Palmeiras, que pegaram alguma coisa estruturada de organização administrativa do desporto e conseguiram ter resultado. Será que o Presidente do clube quer isso a torcida de uma maneira geral. Temos que investigar isso. Eu acho que todo mundo tem uma proposta, mesmo aqueles que não oferecem, eles tem uma proposta. Mas eles tem medo de cair na discussão. Em relação as exigências de Estatuto, de Legislação, de Carreira, de desenvolvimento de curso, que a Universidade ela está assentada em cima de um trinômio ensino, pesquisa e extensão Isso tem uma razão de ser nas diferentes áreas do conhecimento. É uma situação muito viva, porque a Universidade está aqui é claro que não só para servir a comunidade ou se servir da comunidade. Então ela está aqui para formar o prof. mas que prof.? O profissional que vai atuar junto a um mercado que é definido pela própria sociedade, pela comunidade. Bom, se eu vou atuar lá, não adianta eu formar um profissional na estratosfera. E depois falar: agora cai de pára-quedas e vai atuar lá Eu tenho que entender o que a comunidade precisa que eu forme. Esse negócio de eu formar, eu vou montar uma faculdade Universidade onde eu ajunto Direto, Engenharia, Medicina Não Essas coisas precisam ser analisadas. Então, quando eu estou pensando nesse trinômio que sustenta a Universidade, eu estou pensando que a pesquisa deve sustentar a formação que eu ofereço Essa formação deve vir para atender a necessidade da comunidade, que é a minha extensão. Eu vou buscar as necessidades, trago para a Universidade, elabora um conhecimento, repasso na formação e ponho um profissional atuando no mercado. Isso devia ser a norma da Universidade. Infelizmente, a gente percebe que na maioria das unidades que compõem uma Universidade, o conhecimento mais importante é o que o docente tem e aquilo que ele quer desenvolver. Em algumas aonde a relação é com a empresa, eu só desenvolvo aquilo que eu só consigo vender para a empresa. Em outras, aonde a relação é, por exemplo, educacional, eu formo um profissional dou o diploma, sem ele entender o que é o sistema educacional. Então há uma desvinculação da Universidade com a Sociedade nesse sentido. Agora, no caso da EF, a maior necessidade nossa seria estar atendendo a comunidade diretamente com a satisfação da sociedade. Eu não consigo comprovar de outra maneira, a não ser na área desportiva, com a obtenção de marcas, a minha capacidade. A minha capacidade está diretamente relacionada a necessidade que a comunidade tem de satisfação própria, satisfação de seus anseios e que ela teria que estar formando na Universidade aquilo que vai atender a necessidade da comunidade. Bom, nós estamos entendendo na unicamp, A formação, como uma formação diferenciada. Nós queremos resolver nossos problemas existenciais, formar diferente. Se o mercado vai absorver ou não é outro problema. Nós estamos pesquisando coisas que nos interessa, não coisas que vieram de preocupações da comunidade e aqui não é bem crítica, mas estou falando mais ou menos o que tem acontecido na nossa Universidade. E a nossa extensão não está preocupada com a sociedade. A nossa

extensão, é quando um professor quer fazer um curso, ele monta um curso, e é única e exclusivamente pelos cursos. Tanto é assim que a gente não tem trabalhado em nada para a comunidade. A gente não tem feito nem estágios. Os outros tem muita extensão, tem muita unidade que tem extensão, tem muita unidade que tem extensão até assistêncialista, que não é a nossa perspectiva. Então o que está acontecendo. Nós estamos formando dissociado da comunidade. Quando chega no momento da avaliação, o que acontece. A gente se acha o máximo, a gente acha que a nossa produção foi boa e foi, porque a gente consegui trabalhar, a gente consegui desenvolver alguma coisa dentro da faculdade a pós-graduação está indo bem, a graduação, está indo bem, a graduação, de qualquer maneira, está formando, o aluno, apesar da crítica, mas nós estamos esquecendo de ver para que mercado nós estamos formando. Então nós estamos trabalhando dissociado. A avaliação interna acaba sendo boa porque a gente pega parâmetro da própria Universidade. Quantos mestres tem, quantos doutores tem, quanto alunos na pós tem, quantas bolsas nós temos, a nossa biblioteca cresceu. Quer dizer, nesse sentido, a avaliação tem sido boa. Se a gente quiser uma avaliação coerente, apesar de ser pouco tempo de formação da Faculdade de Organização da Faculdade o mercado talvez não soubesse responder que é o nosso prof. em relação aos outros, por causa da quantidade pequena, mas eu tenho impressão que a gente deixou de fazer essa avaliação para fora. Nós fizemos interna. E a avaliação interna provavelmente tem sido boa. Agora eu não sei dizer uma avaliação mais fina, feita em questão de sala de aula, em questão de disciplina, em questão de participação de cada um dos docentes. Eu sei que no todo a Faculdade teve um crescimento vertiginoso como deveria ser natural nos primeiros anos. Os primeiros anos são dessa maneira mesmo. Daqui a pouco nós vamos ter que fazer uma avaliação do que tudo que nós conseguimos, prédio, local, material, equipamento, contratação de docente, graduação de docente, ascensão à carreira, o que isto está trazendo. Avaliação que vai ter que demorar um pouquinho para se saber. Em questão, mesmo se a gente for ver hoje, quantitativamente e qualitativamente, nós damos uma crescida certa. Mas nisso que eu falei em relação a carreira docente, corpo docente, a quantidade de bolsas, a capacitação da biblioteca, a organização dos laboratórios. Mas o restante, ainda é muito pouco tempo para que se avalie. Mas, eu tenho a impressão que e essa avaliação que nós vamos seguir. Nem pensar em avaliação de satisfação do aluno. Porque, a satisfação do aluno de graduação eu acho que não se mede pelo que o aluno está dizendo para mim, se ele gostou da aula, se a disciplina que tinha que ser dado era essa, se ele foi mais para a biblioteca ou não. Por exemplo, na minha disciplina, ele pode ir à biblioteca da maneira que ele quiser. Tudo o que eu estou querendo discutir eu entrego pronto para ele, eu xerox e entrego. Ele vai a biblioteca se ele tiver necessidade de outras coisas para complementar. Agora, se você analisar a avaliação que tem que ser feita, ela é feita na satisfação das necessidades, na minha opinião, na minha visão de Faculdade, na satisfação dos desejos da comunidade. E há muito pouco tempo para isso. Eu tentei fazer uma pesquisa sobre isso, fiz alguns levantamentos e cheguei a conclusão que os alunos nossos que estão atuando no mercado, eles tem alguma capacidade a mais do que os outros, enquanto formação direta. Mas, que os outros obtém pelo desenvolvimento no mercado e pela composição com o curso de especialização, o curso de extensão. O nosso sai um pouco adiante. Mas, como ele sai adiante, ele para. Eu não

posso garantir que isso seja a verdade, porque os alunos que eu peguei tem 2 anos de formado, podem ser que amanhã eles voltem para outras coisas. Então é muito difícil dizer da avaliação. Agora, o que eu acho que a avaliação interna, é boa, da nossa Faculdade, pelo menos. Agora que o sistema não merece isso, não merece. O sistema merece uma avaliação total. Essa parte é importante, mas, a satisfação também é importante. Eu acho que a gente teria que estar fazendo não da nossa Faculdade, mas no desenvolvimento da profissão como um todo".

DEPOIMENTO Nº 13

"Vou falar primeiro dessa trajetória da formação profissional; eu comecei a trabalhar com Educação Física, no dia em que eu comecei a estudar Educação Física. Eu entrei na faculdade e na verdade eu não tinha nada haver com Educação Física. Por ser uma pessoa que gostava de esportes, eu tinha uma "quedinha" pela Educação Física, mas eu trabalhava com fábrica, com comércio, bancário - fui bancário, fui um "monte de coisa", mas eu tive um problema, uma vez, trabalhando na fábrica, e me senti muito mal naquilo ali, e achei que eu e, olhando para frente, falei: Puxa! Vou trabalhar mais trinta anos aqui nesse negócio de, nessa poeira! Eu fiquei muito desesperado com aquilo, né?! E, fui na Faculdade de Educação Física de Santo André e me matriculei lá, para fazer o tal vestibular deles, mas tinha que ser de Santo André, por ser uma faculdade que não me ocupava o dia inteiro, porque eu tinha que trabalhar. Mas, eu fiquei também sem trabalho, porque eu sai da fábrica, né?! E aí, eu fui procurar emprego na prefeitura de São Bernardo, não consegui arrumar. Aí, uma pessoa, um senhor chamada José Rossi, me arrumou emprego num clube, era para dar aula para adultos, funcionários da fábrica, e para fazer uma equipe de atletismo, ensinar atletismo para as crianças independentemente de ter resultado ou não, ele me convenceu lá, e eu fui o primeiro profissional de Educação Física, contratado em toda a história desse povo. E aí, eu entrei na faculdade, só que entrei com um problema muito sério: 1) Eu entrei meio assim achando que aquilo era um "clubão", que podia bater bola a vontade e, aquelas coisas; 2) Eu tinha que trabalhar muito, eu assumi os trabalhos com a criançada e me envolvi muito; então eu não sabia que eu ia ter esse envolvimento tão grande com as crianças, e aquilo ia me tomar um tempo voluntário muito grande, porque o tempo profissional, o tempo pago era muito pouco, mas, o tempo voluntário, o tempo de dedicação, de amor pela coisa, que eu fui adquirindo foi muito grande, inclusive, me tomava o tempo que eu tinha que ir para escola, porque eu resolvi que eu tinha que planejar bem as coisas, eu comecei a fazer um trabalho com muita criança e depois também com equipes infantis, mirins, tal e bom, resultado: primeiro ano eu ainda fui um pouco na escola - faculdade de Educação Física de Santo André - segundo ano para frente eu quase já não ia na escola, eu logo percebi que aquilo ali era uma enganação, que ali não tinha o que aprender. Os professores eram completamente desatualizados. A matéria que você recebia na faculdade, não era uma matéria que você podia utilizar lá fora, também não eram conceitos teóricos de utilidade, tipo assim não eram conceitos sólidos. Teoricamente e praticamente essa faculdade não me dizia absolutamente nada; eu não conseguia por exemplo ter respeito por quase nenhum professor; eu olhava o cara falando aquelas coisas, e eu já trabalhava vendo a criançada, lendo algumas coisas, eu falei: "Ah, não! Isso aí não está certo, isso aí não vai funcionar nunca; para o meu trabalho, isso aí não serve". Porque quem está trabalhando e estudando tem muito essa coisa de ficar juntando, né?! Teoria e prática - e eu falei: "Sabe de uma coisa? Se eu pagar esse negócio aqui eu tenho certeza que eu vou passar - eu não venho mais nisso aqui não!" Então, eu ia muito pouco à faculdade e, de fato eu passava. Agora, não tinha uma crítica sobre a faculdade - você perguntou. Não, não tinha, pois nós não tínhamos presidentes de Centro Acadêmico, tínhamos interventores de Centro

Acadêmico, porque era a época mais negra da Ditadura. Eu comecei estudar Educação Física, a trabalhar no período mais brilhante da Ditadura, foi um dos motivos porque eu fui trabalhar muito com criança. Nós tínhamos, todos sufocados, eu tinha que participar de sindicato, no tempo em que eu trabalhava em outras coisas. Eu tinha uma formação política razoável, na minha cidade de Santos e, de repente, me vi inexpressivo, não podia falar absolutamente nada! E aí, o que eu fiz foi trabalhar muito, investi a minha energia toda e, eu tive mais de cinco mil alunos em sete anos! Então assim, sobre a concepção de Educação Física passada na Universidade? Uma concepção absolutamente técnica, por exemplo, eu tirava a nota melhor ou pior no Basquete, se eu arremessasse melhor ou pior. No voléi, a mesma coisa; todas as disciplinas que eu fazia dependia do meu rendimento atlético. Uma das únicas disciplinas que não dependia disso, é a disciplina que o Paulinho que hoje dá aula aqui de Atletismo, dava em Santo André. Uma disciplina que eu respeitava era a dele; era um excelente professor. Mas, o conceito era: "Se você conhece tecnicismo, você multiplica algumas vezes isso que você conhece" - era Santo André, certo?! Anatomia a gente aprendia no "slide". Cinesiologia era pessimamente dado; prática de ensino você não tinha, você tinha só no papel, você não tinha na prática. Então, eu diria assim, tirando o atletismo, que fazia parte da minha atuação profissional, eu era técnico de atletismo na época, tirando o atletismo que eu aprendi na faculdade, eu diria que do resto eu não aprendi nada, nada, não aprendi absolutamente nada, eu tenho certeza do que estou falando, aliás o pouco que ficou eu fiz questão de esquecer; eu apaguei tudo o que eu aprendi lá, tudo que pode ter ficado eu apaguei de propósito, eu comecei tudo de novo por minha conta. Sózinho, eu aprendi porque eu dei aula, sete anos, dia e noite para criança. Eu dei aula para milhares de crianças e, isso é uma coisa difícil de fazer e para fazer isso, eu fiz a minha faculdade paralela. Essas coisas eu nunca esqueci, elas são muito claras para mim. Quando eu comecei, eu era absolutamente técnico. Eu comecei a trabalhar, primeiro, no clube, depois logo em seguida eu já entrei na prefeitura de São Bernardo, foi na prefeitura que tive esse montante de trabalho todo, e eu tinha absoluta certeza de que meu objetivo era técnico, eu queria resultado desportivo. Eu queria pôr o maior número possível de crianças para achar os mais talentosos, para fazer deles campeões brasileiro olímpicos, e tal. Na prática isso funcionava assim para você ter uma idéia: tecnicamente, nós fomos campeões mesmo, quer dizer, como nós éramos uma equipe só com gente muito pobre, mexia muito com favela, tal, a gente não passava de um certo ponto, porque eles iam trabalhar e, naquele tempo não tinha profissionalismo no esporte, principalmente no, atletismo, então nós tínhamos campeões até juvenis em tudo, campeões de nível mundial assim, uma coisa impressionante. Então esses objetivo a gente atingiu sem dúvida, só que nós fomos surpreendidos por uma coisa: a criançada ia para o Centro Esportivo da prefeitura e não iam embora, eles ficavam lá, eles ficavam meio dia, ficavam das duas da tarde, até as oito da noite. E aí, o que a gente faz com essa criançada? Aí, a gente começou a entender que tinha que fazer um outro trabalho com eles, foi aí que eu despertei para as questões pedagógicas, que não podia só dar treino, tinha que orientá-los para a vida mesmo, tinha que educá-los para outras coisas da vida. E aí, nós começamos a integrar ao trabalho de aprendizado esportivo, e então, mexendo um pouco, nós fomos ficando tecnicamente melhores na parte de ensinar esporte, eu diria assim mais consideração pelas pessoas, menos tecnicista e, segundo, nós começamos a

integrar ao trabalho de formação esportiva os trabalhos de formação artística, por exemplo, formação artística, higiênica, intelectual. Então, a gente começou ensinar à tomar banho, ensinar a cantar para fazer um coral e, fizemos o coral, ensinar à representar, fazer teatro, e fizemos o teatro, montar uma biblioteca e dávamos aula para eles e, festejo de datas brasileiras e, passeios enormes, excursões, conversa, quer dizer, virou uma coisa fantástica, eu acho que na ocasião São Bernardo teve nesses sete anos e, teve acho que um dos maiores trabalhos de esporte aqui no Brasil. Tudo o que eu faço na vida foi por causa desse trabalho. Se eu escrevo uma linha hoje, qualquer coisa que eu faça tem haver com esse trabalho. Minha faculdade foi ali, naquela pista, daquele Centro Esportivo.

Ah, porque depois quando esse trabalho de São Bernardo estava acabando, eu fui chamado para trabalhar na Paraíba, na Universidade Federal da Paraíba, aí eu fique quase nove anos lá e no meio desses nove anos eu fiz um mestrado; meu currículo foi aumentando, aumentando, mas eu era coordenador de lá e, o coordenador lá tinha muito problema, eu era cúmplice de malandragens, então o sujeito ganhava por quarenta horas, mas ele não ia na faculdade, então basicamente, eu nem discutia muito a qualidade, não dava para discutir muito a qualidade do trabalho, eu discutia que tinha que ir trabalhar, e, eu tive conflitos terríveis, porque os alunos ficavam comigo e com a Silvana, trabalhando com mais alguns poucos professores e do outro lado os outros professores da faculdade e eu fui denunciado, teve uma série de problemas gravíssimos; eu tive que largar tudo e pedir demissão. No que eu estava pedindo demissão, o Vagner, eu vim aqui conversar com ele - pedir emprego na verdade - porque eu precisava arrumar emprego, não podia ficar e, casado e tudo, cumprindo aviso. Então, eu saí pedindo emprego e aí surgiu a oportunidade de trabalhar em Rio Claro e aqui, e aí apareceu a oportunidade de eu e Silvana virmos para cá e a faculdade tava começando, tava precisando montar o quadro e eu vim trabalhar aqui por causa disso, porque eu fui corrido lá da Paraíba. Olha, eu estou na universidade desde 76 e a estas alturas eu já ando muito desconfiado de universidades, sabe? Não acho que seja o ambiente que eu escolheria para, não acho que é o ambiente mais saudável para gente trabalhar, acho que é um ambiente ruim, muita mesquinharia. É um ambiente muito disfarçado, mas é um ambiente que para quem vive como você está vivendo agora, vai descobrindo que há muito mais podre que se possa imaginar, as pessoas não são muito éticas, parece. Mas, é o que eu sei fazer, quer dizer, estou aqui porque acho que esta é a faculdade que me mostra melhores perspectivas de fazer uma boa Educação Física no Brasil. Eu acho que a FEF não tem nenhuma garantia de que vai daqui tirar alguma coisa nova e boa, mas é uma boa possibilidade, porque a gente está na UNICAMP e a UNICAMP cobra isso todos os dias da gente. A UNICAMP é como que diz assim: "Vocês não podem ser ruins, porque se vocês forem ruins, vocês não cabem aqui dentro da UNICAMP". Então, a gente está aí numa corrida desenfreada pelo doutoramento; está todo mundo se doutorando e montando seus grupos de estudo, seus grupos de pesquisa. Eu acredito, eu estou assim bastante convicto que, primeiro, a nível de Brasil, a melhor educação no que diz respeito as questões pedagógicas, dar aula de Educação Física, eu acho que o que tem de melhor no Brasil, é o melhor do mundo hoje, e o que tem de pior no Brasil é o pior do mundo. E, o que tem de melhor no Brasil, de dar aulas para pessoas, estar pensando, escrevendo, fazendo isso, muito possivelmente está aqui na FEF, como

algo efetivado parcialmente e como algo potencializado fortemente. Eu acredito que daqui sairão talvez os melhores escritos, as melhores idéias, sobre Educação Física, sobre como ensinar, dar aula de Educação Física. Muito possivelmente vai sair daqui a idéia de tirar esse nome FEF (Faculdade de Educação Física), mudar o nome da disciplina, tudo isso acho que vai acontecer à partir daqui, porque a faculdade tem algumas coisas muito interessantes, ela tem o mínimo de harmonia para se trabalhar; as pessoas não são tão mesquinhas; ela é heterogênea, trouxe bastante gente de fora. Eu acho que não, desde que a gente não perca o controle da coisa. Eu acho que também já houve tentativa aqui de biologizar esta faculdade. Fazer com que a Biologia assumisse o poder e, nós dissemos que não, eu acho que foi uma das primeiras faculdades que teve força para, diante disso, dizer não e não aconteceu. Mas, a gente continua querendo os biólogos aqui dentro, porque nós não queremos que se faça Biologia na Educação Física, mas que se faça Biologia da Educação Física. Nós queremos servir do pessoal da Biologia para fazer Educação Física, nos servir, por exemplo; Marcelino eu acho um belo exemplo: ele oferece o seu conhecimento para fazer Educação Física. Ele não é um sociológo, um filósofo, que vem fazer Filosofia aqui dentro, usar o espaço só para ele, não, ele fez ao contrário. O Renê está fazendo, usando Física para fazer Educação Física. Então, essas coisas me deixam bastante animado, agora não há quem trabalhe com educação que não desanime, e, eventualmente eu fico triste com isso. Eu dou aula para gente demais, sabe?! Eu tenho muito contato com gente e isso é muito duro. Eu vou só te contar uma passagem que aconteceu recentemente: eu estava dando aula num curso e tinha bastante gente. Tinha um homem e o resto eram todas mulheres. E aí, eu coloquei para elas, falei "olha, vocês mulheres é que dão aula para as crianças no Brasil, até porque , é preciso pagar maus salários e os maus salários são para as crianças e para as mulheres. Agora também pede-se que vocês seja construtivistas; hoje o Brasil, o mundo inteiro quer Construtivismo; é uma coisa irreversível, como o Behaviorismo uma certa época; não é um modismo simplesmente, é uma coisa muito forte que tem haver com o que se faz em Física, em Topologia, que se faz em Matemática, tal. Então, veio para ficar, e o pessoal incorpora aí o Vygotsky, o Piaget, o Frenet, muita gente aí, e querem que as mulheres façam isso, e eu tava contando a eles que alguns pressupostos básicos do construtivismo são liberdade, autonomia, crítica, independência e que o construtivismo não pode ser algo de papel, tem que ser algo de vida; você tem que viver o construtivismo para poder dar aula construtivista. Mas, as mulheres não podem ver o construivismo dentro de suas classes, porque elas vivem de um modo geral numa situação familiar muito contraditória com o que falam para elas quando elas chegam na escola. Tem que ser crítica na escola e tem que ser submissa em casa. Tem que ser autônoma na escola e tem que chegar correndo em casa para fazer o trabalho de casa, ainda. Quer dizer, do outro lado as coisas não são repartidas: é uma prisioneira da casa, não tem liberdade. Então, eu assisto esses dramas muito mais do que eu poderia aguentar, e as vezes quando eu não estou muito bem, eu fico pensando que as vezes é meio insuportável. Eu dei aula para milhares de crianças de favela e eu conheci as maiores misérias que alguem pode conhecer com criança. E a gente fica meio passado as vezes, chateado com isso. Eu acho que a gente tem que ter um referencial; os nossos alunos precisam de um referencial, por exemplo, é preciso responder para eles, a pergunta: O que é Educação Física? E, o que faz a

Educação Física? Eu respondo para eles, eu estou convicto do que é e o que faz a Educação Física. Eu acho que deve ser a disciplina que ensina as pessoas a se conhecerem como corpo, a saberem o corpo. Então, a Educação Física educa para isso, para as pessoas conhecerem a sua corporiedade, e, para serem livres, livres para se expressar. Eu vou explicar o porquê, vou dizer o que eu faço na minha disciplina o que eu tento fazer; não são coisas muito facéis de conseguir; com que muitas pessoas incorporem, por que ninguém é obrigado a pensar que nem a gente, não é?! Mas veja, é dado à você. Você para sobreviver, para se adaptar precisa de movimento, de motricidade, nós não somos plantas, nós não somos pedras. Existem as plantas, existem as pedras e existem os animais. Ás pedras por serem seres de baixa complexidade, por serem produtivas, elas podem durar a vida inteira. Nós poderíamos ser pedras, por exemplo se, a gente podia ter nascido pedra. As plantas, não precisam sair do lugar para se alimentarem, elas podem ficar ali, crescerem, morrerem, porque elas fotossintetizam a energia que vem do sol. Nós nos alimentamos da energia do sol, só que nós temos que buscar esse alimento em outros seres que se alimentaram do sol e, para isso nós temos que nos mover; para nos defender, nós temos que nos mover; para reproduzir, nós temos que nos mover e para nos alimentar, nós temos que nos mover. E aí, a motricidade é algo fundamental na espécie; você precisa ser motor para se adaptar ao mundo. De tal maneira que a única forma de expressão que se conhece é a expressão motora; não existe outra, mexer os olhos, ou o nariz, ou os lábios, ou as mãos, ou o tronco, quer dizer, parece que para se expressar é preciso se mover. Se mover para nós, significa viver. Para a pedra, viver significa ficar parada. Para nós, viver significa se mover; para realizar a vida, é preciso se mover. Suponha que você. Suponha, não quero te convencer de nada. Suponha que você seja uma pessoa. Bom, então suponha que você tenha sido escolhida para manifestar a vida. Imagina aí, que tem alguma coisa muito grande chamada vida, mas que não é uma coisa formal, é conteúdo, mas não é forma e você teria sido escohida para dar forma a isso. Sendo gente, você já é uma forma de vida, mas para expressá-la você precisa realizar o ato que está ao seu alcance que é se mover, e se movendo você expressa a vida. Você tensa, contraída, rígida e tal; você terá "x" de possibilidade de manifestar a vida. Você mais relaxada, mais solta, etc; você terá "x" mais alguma coisa de possibilidades. E aí, me surge a hipótese a Educação Física tem um papel muito importante. A qualdidade do movimento, a qualidade da motricidade tem muito haver com a liberdade de expressão; porque eu acho que a matemática tem que estar fazendo também, tem que estar lidando lá com o raciocínio da criança. No nosso caso específico, eu entendo que a qualidade do movimento está ligada diretamente com a possibilidade de manifestação de vida, de se expressar livremente; e acho que o primeiro artigo de cada constituição deveria ser "Liberdade de Expressão" e o crime contra a liberdade de expressão devia ser o crime mais grave de uma sociedade, mais grave do que matar a mãe. Então, o que nós vamos fazer? Aí, isso me permite um certo retorno em algumas origens da Educação Física. Trabalhar com as habilidades motoras. E aí, eu passo a me convecer de que nós podemos ensinar havilidades motoras; nós podemos ensinar na perspectiva de Vigotsky, por exemplo, eu posso ensinar algumar coisa, eu posso propôr algumas situações que criam um desenvolvimento motor, criam a possibilidade de desenvolver melhor as habilidades motoras - eu te sugir algo adiante de você, te desafiando, uma maneira de pular corda, de

saltar, etc., que fará por uma peagogia que eu acreido que deva ser construtivista - estou investindo em ações, portanto sou construtivista - e a primeira vez que estou falando isto para alguém, que eu sou construtivista - eu julgo que você poderá fazer com que as habilidades para se expressar para se expressar, qualquer ato de adaptação a vida, exige uma habilidade - quer seja raciocinando, quer seja falando, quer seja saltando - tudo, podemos chamar de habilidades. E essas habilidades nós podemos trabalhá-las muito bem, por uma pedagogia. Então, eu tenho que ensinar os meus alunos à ensinarem essas crianças a terem melhor qualidade de habilidades motoras, para que elas sejam mais livres para se expressar quando precisarem se expressar. E ensiná-las de forma boa, gostosa, prazerosa, lúdica, para que elas gostem de se expressar; não basta ser livre para se expressar, para conquistar a liberdade. E eu quero que as pessoas sintam o sabor da liberdade e que sintam na minha aula - eu quero que sua articulação esteja livre, quero que teu salto seja alto, quero que teu chute seja bem direcionado, eu quero que teu passe seja preciso, eu quero que a sua organização social seja bem articulada, quero que a tua noção de espaço seja elevada e assim por diante. Então, eu ensino isso para os meus alunos, eu acho que a Educação Física é isso - pode ser, e isso é só uma hipótese, é só uma suposição, mas eu ensino assim porque eu me convenci nesses últimos vinte e três anos, de que a Educação Física é isso; e a minha metodologia está de acordo com isso - se eu for dar um treino de alto nivel para uma seleção brasileira será assim, e seu eu for dar aula numa creche, também será assim - meu método tem que me servir para todas as ocasiões; eu não posso ter uma método para cada coisa. Eu acho Educação Física um nome completamente inadequado, ultrapassado, um termo imbolorado, de uma época que não se tinha dúvidas de que corpo era uma coisa - físico era uma coisa e espirito era outra coisa. Hoje, no mínimo existe a dúvida, portanto já é um termo inadequado. Existem nomes muito mais apropriados: Educação corporal, Educação motriz, Educação motora, vários nomes mais apropriados. E Ciências da Educação Física, eu acho uma imbecilidade, sabe. Você me desculpe os adeptos, mas eu acho uma "topeirice" porque falar Ciências da Educação Física, não, não e nem falar Ciências; eu já ouvi falar assim: que Educação Física é Ciência. Educação Física pelo nome é um ramo pedagógico, não é uma ciência. É um ramo de aplicação de um conhecimento, quer dizer, eu, como conhecimento, quer dizer, eu como pedagogo me sirvo desse canal para aplicar conhecimentos como a Educação Matemática a Educação Artística e etc.; nunca que poderia ser ciência. Agora, a Educação Física que terá esse nome enquanto não pudermos mudar. A Educação Física terá. Ela tem que passar. Ela tem que trabalhar um conhecimento demais que especifica de conhecimento. Daí, eu julgo que nós estamos constituídos e vamos constituir pouco a pouco uma área científica, que Manuel Sérgio chamou de Ciência da Motricidade Humana. Hoje eu sou mais simpático à idéia de Ciências da Motricidade Humana, porque eu não acho que a gente, pelo menos inicialmente, venhamos a definir claramente um único corpo científico de conhecimento. Eu vejo que algumas análises de movimento, muito precisas, que se fazem hoje, é, as crianças brincam; alguém fala, descreve e mostra como aconteceu aquela organização, um sujeito tem um batimento em repouso de 28 por minuto; isso estrapola a área médica; isso é uma coisa muito específica de quem faz exercício e isso eu acho que caberia a Ciência da Motricidade Humana. É. O Marcellino vai conhecer o motivo pelo qual, pessoas correm todos os dias no Taquaral;

ele tem uma metodologia para isso. Isso é construção de um conhecimento científico. A Silvana estudou o porquê dos aidéticos fazerem Educação Física. Porquê um cara desse procura Educação Física? Ela responde. Então, quer dizer, a Educação Física para eles surge como uma coisa. Isso que eu acho que é fazer Ciências da Motricidade Humana. Não só vem de Manuel Sérgio. Basicamente vem de Arnold Guelli, que é um antropólogo. A Motricidade Humana basicamente significa. Essa expressão de que eu te falei que você deve ser livre para se expressar, quando você expressa a vida, e, a vida vem tingida de emoções, vem tingida de sexo, vem tingida de raciocínio, tal mas, tudo é vida. De uma cultura enorme, tal, quer dizer, quando você gesticula você está expressando tudo isso. E isso é algo tão complexo, mas tão complexo que já não pode mais ser chamado de movimento como a Física chama de movimento. Tem que ter uma denominação. Podia ser qualquer outro, mas tem que ter uma denominação que tenha ao lado dela alguma coisa como: Expressão da Complexidade Humana; Expressão do homem com sua cultura, com seus sentimentos, com seu sexo, com suas ligações sociais e tal. Então, é o homem inteiro se expressando. Quando você anda, você não anda psicológicamente ou socialmente; você anda. é muito mais complexo você dizer: "você anda", do que dizer: "você anda sociologicamente, não é?! é essa complexidade que ninguém entende. Essa complexidade de dizer você só anda e eu quero entender isso que é motricidade humana. Então é em torno disso que nós vamos estar pesquisando. Então, por exemplo: se eu não vejo um homem andando na rua , com muita clareza, porquê é muito difícil, eu talvez veja isso com mais facilidade num homem ciclista que em repouso tenha 28 batimento por minuto, quando para nós seria 70, por exemplo, po minuto, 60, 70 - isso é fantástico! Aquele cara vem me mostrar coisas, como por exemplo, um carro de fórmula 1, mostra o que um carro comum jamais mostraria. Quando eu vejo uma criança brincando, a exaustão em brincadeira de pular corda, de futebol, de pega-pega; talvez aquela criança me mostre coisas muito interessantes. Então, eu acho que essa dinâmica de atividade corporal, quando a pessoa se entrega a certas atividades muito intensas e lúdicas, portanto, livres porque são lúdicas, essas são as que mais me interessam, mas eu acho que mais me interessam, mas eu acho que você poderá pesquisar motricidade numa fábrica, não tem dúvida. Mas, eu sei o meu campo preferido de atuação e eu acho que o campo mais fértil é o campo lúdico, porque veja bem: faça uma análise do jogo Brasil e Rússia, Brasil e Itália no voleibol, quer dizer, aquilo é uma Fórmula 1; aqueles caras estão mostrando as mesmas coisas que nós fazemos todos os dias, só que com uma intensidade absurda; tudo é muito visível ali. E, crianças fazem isso, o jogo te permite fazer isso; no jogo você percebe teus limites. Eu não posso chorar aqui agora, mas vou me controlar. é, mas, o Marcelo Negrão pode chorar lá no campo, quando ele dá uma cortada. Veja, eu tenho mais motivos para chorar agora, talvez do que ele vai chorar agora porque. Batendo uma bola, é para chorar? Agora, falar do drama humano é para chorar? é para chorar, mas eu não choro. E o Marcelo Negrão bate uma bola e chora, porque ele também está vivendo o mesmo drama humano que eu, só que esse drama humano de lá está sendo vivido com intensidade absurdamente alta, não é?! Dificílimo de controlar por ser muito alta, por ser dentro do jogo e o jogo não tem fronteiras. Se você ler o livro "História sem fim", você vai ver que diz lá que fantasia não tem fronteiras; o mundo da fantasia não tem fronteiras e o jogo é um mundo fantástico, um mundo surrealista, mundo da fantasia e, ali aqueles

jogadores vivem a fantasia em grau máximo, por isso que eles choram por nós. Eu amo o esporte, é o campo que eu mais gosto na minha vida. O lugar. O maior prazer da minha vida é um campo de atletismo, de futebol, de voléi, de qualquer coisa. Eu tive minha fase de negar o esporte. Foi na minha fase em que eu era mais imbecil e hoje eu sou menos imbecil. Quanto mais burro eu era, mais eu negava o esporte, porquê é uma evidência o esporte. Eu não sou contra as coisas que são evidentes, por exemplo, eu não sou contra fazer aeróbica e, eu não faço, não gosto e, tenho vários motivos para não fazer e para criticá-la duramente, mas eu não nego as evidência de que milhões de pessoas fazem e, eu tenho que ter um pouquinho de respeito por essas pessoas que não estão indo lá à toa, tem um motivo forte; tem algo lá que nós não temos aqui. Como a competição, tem alguma coisa na competição que é muito importante, porque ela é muito atraente, ela é muito sedutora. Até eu sei, teoricamente, se eu for falar de competição; eu estudei para saber o suficiente para se justificar a competição no esporte, e só sei que ela faz mal, quando é praticada em excesso. Eu acho que não funcionou não. Eu acho que não está bom. Eu acho que a gente se equivocou um pouco, sabe. Porque a gente aqui tem um Bacharelado e uma licenciatura, e, eu acho que a gente não sabia direito o que era Bacharelado. Tenho a impressão de que a gente não considerou o Bacharelado é um curso para ensinar as pessoas o conhecimento que existe na área. E as habilitações, tipo Licenciatura, habilitação nisso, naquilo são coisa especificas em cima do Bacharelado. Então, o que a gente fez? A gente fez um Bacharelado que tem. A gente tem um curso básico e depois tem dois especificos. O curso básico é base para o Bacharelado. Eu hoje, imagino o contrário, eu acho que ele está de cabeça para baixo, eu acho que o Bacharelado tinha que ser a base de uma Licenciatura, uma base de uma habilitação em desporto, uma tendência para prazer, alguma coisa assim. Eu acho que aluno tinha que aprender no Bacharelado uma base, depois é que ele iria especificar, aprofundar nessas coisas. E a gente fez ao contrário, e mais, a gente cometeu muitos equívocos aqui dentro. Nós temos disciplinas demais; não precisa desse monte de disciplina; ninguém tem muito o que ensinar; a gente não tem tanta coisa assim para ensinar. Você poderia ter alguns grandes blocos de conhecimento, dava um nome para isso, trabalhavam juntos, professores integrados, mas fica aquela coisa: a minha disciplina tem que ser tal, a minha tem que ser tal, quer dizer, cada um é dono de uma disciplina. Isso não funciona, e aqui o curso está fragmentado - a FEF tem o terceiro curso com o maior número de créditos por semestre em toda a UNICAMP. Isso é um absurdo. A gente precisa mudar o nosso curriculo, revê-lo urgentemente. Está completamente fragmentado o conhecimento aqui; muito, muito. E tem condições de ficar bom, porque nós temos quatro departamentos razoavelmente organizados que podem estruturar bem seus conjuntos de conhecimento se tiver que parar, se e para falar: "gente está errado isso aqui, vamos voltar atrás!" O meu departamento, por, exemplo, vai propor uma mudança de curriculo, vamos dar, ainda neste ano, uma mudança no curriculo. Nós já fizemos um seminário interno e já concluimos que não está nada bom esse... melhor que o antigo, não tem nem dúvida, mas está muito ruim esse aqui. Isso aqui, esse currículo, essas ementas, elas são sintomáticas de uma ideologia que está por tras de nós e que nitidamente nos encaminha em qualquer que seja a área para dar uma conotação humana na nossa atuação. Eu acho que o sujeito da Neurologia, ele quer tratar do humano, tanto quanto o sujeito, ou da Motricidade, ou

da Natação. Então, aqui olha "Programa de Ensino em Natação para os diversos segmentos da sociedade", quer dizer, é diferente de quando eu estudei, que era simplesmente para treinar - então, você fica grifando aeróbicas aspectos históricos do exercício aí, que é interessante isso daqui, eu acho muito interessante, quer dizer, você parece que pegou no nosso currículo algum elo comum, ou por convicção pessoal, ou para não ser diferente dos outros, para não ser diferente do tempo atual, as pessoas deram um toque de humanidade em cada ementa dessas aí. Então, eu acho que foi bem localizado, acho que você pegou bem uma coisa aí, que parece que as preocupações; eu não tinha percebido; eu nunca pensei nisso! Eu acho que aconteceu basicamente por duas coisas. Primeiro, por que nós tivemos um período de discussão muito longo, de quase um ano e, as pessoas que orientaram as discussões de grupo perceberam que buscava-se isso em todos os discursos. Nehum porfessor, nenhum que eu lembre, chegou defendendo puramente o tecnicismo. E as pessoas que fechavam esse currículo, eram pessoas da área de humanas e quando eles orientavam as ementas, eles orientaram para que as matérias tivessem um toque forte de humanidade, de fundamentação, de reflexão, toques sociais, toques históricos, toques humanos. Isso foi bem nítido, eu acompanhei de perto essa discussão; agora ao dar as aulas, tem todo um esforço para fazer isso, agora se você reparar, bem também, se você for na prática, você vai ver que essas disciplinas não conversam entre si, muito pouco. Agora, que os departamentos estão preocupados em fazer uma discussão sobre isso, mas elas não conversam entre si, elas estão completamente desarticuladas, o que é muito pouco humanas, o que desumaniza a disciplina na medida qme que ela se torna fragmentada. Agora, eu só te digo uma coisa. Tendo um curso mais humano, tendo um curso mais voltado para o homem, para o social, tal, é preciso muito mais do que algumas palavras numa ementa, é preciso uma atitude, é preciso de uma atitude, por exemplo, para mim, o currículo se faz, se melhora não só com esse papel, se melhora assim; quando todos vierem trabalhar as suas quarenta horas, quando todos estiverem estudando, quando todos estiverem pesquisando, quando todos estiverem planejando suas aulas, quando todos estiverem atentos à presença do aluno, quando nós não estivermos massacrando os alunos com conteúdos inúteis, com uma montanha de disciplinas, quer dizer, quando nós tivermos espaço para os alunos terem liberdade de criar também outras coisas, coisas que não estão escritas no currículo. Isso para mim é que é basicamente mexer com o currículo, porque esse do papel a gente faz muito rapidinho. A gente fala: "vamos mudar isso aqui", a gente vai lá, senta, todo mundo está acostumado a mexer com papel; a gente faz isso num instantinho. Essa coisa da conduta, nossa, pessoal, isso é muito difícil de mudar. Os professores não gostam de abrir mão disso, não gostam e não precisam. A universidade ela é muito. Ela trabalha assim tipo um trator de esteiro. Vai passando por cima de você, vai te esmigalhando, e comete um equívoco muito grave. Niguém pode ser o bom em pesquisa e ensino e extensão. Ninguém pode ser bom, o bom em tudo ao mesmo tempo. Você é bom numa coisa, você é bom em outra coisa; quer dizer, como que eu poderia ser um excepcional professor e ao mesmo tempo fazer belíssimos trabalhos de extensão? E ao mesmo tempo ser um grande pesquisador? Eu não conheço quem faça isso, é preciso entender que quem é excepcional professor tem que ser valorizado como excepcional professor, se fizer pesquisa vai ser muito pouco. Tem pessoas que eu conheço, aqui na FEF mesmo, que fazem ótimos trabalhos de extensão, mas não vão fazer grandes pesquisas, não tem jeito, o cara não

tem jeito para a coisa, ele podia consumir o tempo melhor. E pior: querem que a gente faça também a administração ao mesmo tempo, eu aqui sou pago para fazer administração, pesquisa e ensino e extensão. Aí, eu faço administração, eu faço pesquisa e ensino e extensão. Eu tenho dúvida se eu faço alguma bem, porque eu estou todo dividido, por exemplo: o que eu gosto de fazer na vida? Eu gosto de escrever. Eu já teria escrito uns oito livros no mínimo, se eu pudesse escrever. Será que eu não teria sido mais útil ao país? Do que sendo coordenador de pós-graduação. Do que forçando a barra para ser pesquisador, porque eu não sou pesquisador, nitidamente eu não tenho jeito para pesquisador, quer dizer, eu sou um pesquisador burocrático, eu posso até orientar algumas pessoas, mas eu dizer que eu vou para aquilo com prazer, eu não vou nunca! Eu gostaria de estar dando aula, escrevendo - adoro escrever, eu poderia me produzir muito nisso, mas aí, eu sou obrigado a trabalhar mais do que quarenta horas por semana, para dar conta do que me pedem para fazer por dia. Então, eu trabalho o dia inteiro. Eu tenho que trabalhar para a faculdade em casa; tem vários que fazem isso. E, não se entende que, uma faculdade nova, que dizer, estão ganhando por estarem conseguidno construir uma faculdade, mas estão perdendo o talento de algumas pessoas. Eu tenho muito prazer de sentar e fazer um texto, e sai com muita facilidade meu texto, mas sabe, quando eu vou sentar para fazer um texto, já estou tão cansado, é de noite em casa. Então, eu precisaria que se investisse mais em mim, no que eu sou bom; então, a gente não está investindo em que as pessoas são boas, porque é uma divisão burocrática: você tem que fazer, isso, isso e isso! Então: "Você gosta de fazer ensino?" Então, vai dar um monte de aula e fazer só um pouquinho de extensão, por exemplo ou, de pesquisa. "Você gosta de pesquisa?" Se enfia no laboratório e dá algumas poucas aulas. Tem que estar claro isso. É. Tem gente com jeito para administrar, deixa esses caras administrando. Deixa o jogo sossegado, por exemplo, deixa o gavião sossegado. Tem gente que não. Eu não sirvo para administrar. Eu sou um coordenador de pós, por falta absoluta de uma outra pessoa; eu não tenho jeito para aquilo, eu me esforço, eu sou honesto, eu tento fazer a coisa bem feita. Mas, é um equívoco! Não dá. Eu já tentei tocar violão e não consigo tocar violão, quer dizer, eu sei tocar pandeiro, por exemplo, mas não consigo tocar violão. Então, por exemplo, essa menina aqui faz dança. E, eu não consigo dançar, sinceramente, aliás, eu vou fazer dança agora, dança de salão. Mas, a dança que ela faz, eu não sou capaz de dançar, não tenho jeito para dança , não adianta, minha história de vida não me permitiu isso. Você tem uma história que te levou para um lado, e não te levou para o outro. Agora, chega aqui os caras querem fazer uma teoria universal "Você é universitário agora, e é um super professor que faz todas as coisas". Isso é mais uma estupidez, não é?! Eu vou até pôr aí, para você ver o que se faz com alguns professores. Eu de quarenta horas/aulas por semana; eu fui coordenador de pós-graduação; uma pós-graduação que tinha três especializações, um mestrado e um doutorado; eu organizei, eu orientei e dei aula numa escola de futebol para duzentas crianças, que é o trabalho da extensão; eu toquei um projeto de pesquisa do CNPq; eu orientei seis alunos de mestrado e cinco alunos de especialização; eu escrevi uma meia dúzia de artigos; eu toquei dois livros que eu estou escrevendo, e, dirigi dois grupos de estudo; quer dizer, veja se uma pessoa pode trabalhar bem, fazendo essas coisas todas. E aí, como eu ganho muito pouco, entre palestras e cursos, eu dei uns dez ou doze aí por fora. Quando chegou no final do semestre, eu

sentia tontura, eu sentia ânsia de vômito. Eu só não vou ao médico para ele não ter que me dizer que eu tenho estafa, então eu nem vou; se eu se, eu não preciso perguntar para ele. Mas, isso é um equívoco, isso não é um ato heróico porque é um heroísmo para nada. O professor que se submete a isso que nem eu, é bobo, é um sujeito equivocado porque ele não está ajudando o país dele, não está e ajudando o povo dele, não está sendo produtivo, ele tinha que se recusar a fazer isso; e a gente por questões de um falso autruísmo, talvez por uma neessidade de ficar querendo provar para si mesmo que é capaz de se sacrificar pelos outros ou, provavelmente por um sentimento de culpa, a gente vai assumindo tudo o que te propõem. Então, você não faz nada bem; você se cansa terrivelmente; adoece e chega uma hora que as coisas entram em "parafuso"; você não sabe mais para onde que corre. Mas, esse 215/87 aí, ele como todo documento, papel é a coisa mais democrática do mundo, você pode pôr aquilo que você quiser, mas isso não vai ser aplicado nunca, pelo menos tão cedo não vai ser aplicado. Imagina, se você permite que o país tenha cento e dez faculdades de Educação Física e vai achar que. Você acha que professores universitários analfabetos podem fazer isso aí? Não pode; pois tem professor universitário analfabeto. Tem professor universitário que nunca leu um livro, que não lê um jornal sequer e, se ler também não vai conseguir entender nem a manchete do jornal. O nível que tem as nossas faculdades. Quer dizer, isso aí deve ter sido feito para o ano 2.100, alguma cosia assim ; não foi feito para o nosso tempo. Eu acho que é um documento interessante porque rompe com a estrutura curricular anterior, mas e um documento que não aponta com a realidade brasileira de forma alguma. Podia mudar aqui, dessa sociedade brasileira, para uma outra sociedade, porque achar que as pessoas vão praticar isso que está escrito aqui, só quem nunca andou pelo Brasil. Eu não preciso sair de Campinas para saber que isso aqui não se aplica, isso não se aplica na FEF, não se aplica nas quatro faculdades que eu acho que tem um bom futuro: FEF, UNESP-Rio Claro, USP e Gama Filho. Eu acho que não se aplica em nenhuma das quatro. Isso aqui, pode aparecer de vez em quando numa aula, aparece, tem professores preparados aqui. Mas, enquanto faculdade não é isso que se pratica, de jeito nenhum, imagina. Vou ler de novo aqui; veja se é isso aqui, página dezenove, né?! Vou ler: "Se os nossos alunos possuem destacada capacidade de análise e síntese, visão da realidade e atitude crítica diante dela". Esta muito difícil para a gente conseguir fazer isso aqui. Muito difícil! "Ter consciencia das reais necessidades e possibilidades do cidadão e das características apresentadas pela sociedade". Mesmo que fossemos uma excepcional faculdade, a pessoa não aprende só aqui na faculdade, ela tem uma casa, ela tem uma rua, ela tem o bar, ela tem televisão, então, isso não é problema de Faculdade de Educação, aqui, isso é um problema. Olha, eu tenho consciência de uma viável necessidade tal, isso é um problema de uma educação de toda sociedade, não é educação de uma faculdade; não é uma pedagogia desenvolvida aqui dentro que vai fazer isso; isso aí é uma coisa muito mais ampla. Então, nós temos a mania de colocar coisas reais, isso aqui é uma espécie de clube, um clubinho, senta, "olha a gente vai escrever agora aqui? Ah! Vamos escrever isso tal, legal, bonito, o seu está mais bonito, põe lá, aí o outro", sabe, aquela brincadeira, isso é uma brincadeira, as pessoas brincam de colocar coisas no papel. Pois é, o interessante é que se tornou lei, né?! E virou lei. Virou lei, e na época inclusive, eu achei que comparando com uma mais antiga, eu achei que estava incrivelmente

melhor, agora, virou lei. Só que tinha o seguinte. Veja, virou lei, não é isso?! Então, eu vou te dizer o que acontece: "Eu pego um aluno e pergunto se ele tem consciência das reais necessidades possibilidades do cidadão e ele diz que não". Bom, então teu professor contrariou a lei! O que é que a gente faz com ele? Manda prender? Não é? Nós, infratores da lei, porque nós colocamos uma coisa de lei que a gente não dá conta. A gente infringe a lei aqui no Brasil o tempo todo; até por essas bobagens aqui. Mas, você vê; é uma brincadeira, mas é o que a gente faz aqui no Brasil. Bom, então você estava me perguntando de pensadores. Eu ainda não achei ninguem que eu possa chamar de pensador na Educação Física brasileira, nem no mundo. Nós nunca produzimos um pensador. Então, tem algumas pessoas que falam mais do que as outras, são mais ouvidas do que as outras, escrevem mais do que as outras e são publicadas mais do que as outras. Então, juntando tudo isso, a gente acaba tendo que se conformar, achando que esse sujeito é um pensador; não é um pensador, nunca produziu nada, de pensamento original. Nenhum de nós nunca pensou nada que valesse a pena. Eu nunca pensei nada que valesse a pena. O Lino nunca pensou nada que valesse a pena. O Marcellino nunca pesnou nada que valesse a pena. Por enqquanto, estamos devendo. Eu não. O meu trabalho é de produzir; eu tenho que construir uma Educação Física. Eu não posso ficar esperando os outros produzirem, para criticar o que os outros fizeram. Eu não tenho tempo de falar mal dos outros, porque eu tenho que trabalhar muito, eu tenho que produzir muito. Agora, nitidamente eu acho que tivemos e temos uma Educação Física só de fazer, temos uma Educação Física só de falar, e, precisamos de uma Educação Física de fazer e falar, que eu acho que é a menor de todas; é a mais incipiente ainda, é muito frágil ainda. Mas, me irrita profundamente, uma pessoa ficar na tocaia esperando a última produção para ir juntado um monte de pedra. E, assim que aquela produção sai, todo mundo cai matando em cima. Nós temos uma atitude extremamente selvagem que eu não chamo de atitude crítica; eu respeito muito os críticos. Isso que as pessoas não sabem definir, que deve ter saído nas tuas entrevistas, eu acho que é o seguinte: algumas pessoas fazem algumas práticas é, muito difícil fazer práticas; então, prática, teórica, uma física, criam um trabalho. Entre civilizados nós estaríamos aguardando anciosamente, aquele trabalho para usá-lo e em usando-o, aí sim poderíamos criticá-lo e criticá-lo falando aquelas coisas normais da crítica. Poderia ter sido diferente aqui. Aqui pecou por causa disso; aqui não funcionou, por que eu fui lá e vi que não funciona. Mas, o que as pessoas fazem? Jamais usaram, jamais leram o livro de fulano ou de ciclano, porque não tem haver com a ideologia deles. Então, juntou já um monte de pedra. A produção sai do forno, o sujeito já arremesa as suas pedras. Então, especializaram pessoas no Brasil, somente em fazer isso. Eu acho que a gente nem deve talvez, passar muito desse nível de preocupação que estamos tendo aqui agora, porque não ficaram essas pessoas, porque você tem uma platéia de bobos só durante algum tempo; depois os bobos começam a ficar mais espertos, e não vão mais dar bola para isso. Então, ele vê um sujeito metendo o pau, não criticando, mas metendo o pau em todo mundo um ano, dois anos, três anos, dez anos. Ó, meu nego! Dez anos de muita coisa, não é ?! Eu quero saber o que é que você faz. Aí, eu vou dar um exemplo de uma pessoa. O cara até que eu gosto bastante, mas ele chegou, sentou na minha frente, meteu o pau na aeróbica, meteu o pau na aeróbica, porque sabia que eu não gostava da aeróbica. Aí eu perguntei para ele: O que é que eu posso fazer com você ao invés de fazer aeróbica? Ele falou: não, não sei o

que, eu estou assim naquela fase de pensar, refletir, de criticar. Falei: Então o dia que você tiver alguma coisa, você me chama, até lá eu vou continuar fazendo aeróbica. Quer dizer, não adianta meter o pau na aeróbicam você tem que saber fazer alguma coisa melhor que a aeróbica, porque Educação Física é uma coisa que tem que falar com práticas, nós temos que falar à sociedade, não eu para você, mas para a sociedade nós falamos com pratica e, é isso que as pessoas não estando entendendo. Eu falo com a Dagmar, com a Rita, com o Lino, eu posso falar de teorias com eles, mas eu não posso falar com o meu pai de teorias, eu não posso falar com o executivo da ULTRAFERTIL de teorias, eu tenho que falar com eles com prática, porque senão eles não vão nem querer saber de mim, eu não lhes interesso enquanto teorias, a sociedade não quer saber disso, e isso as pessoas demoram para compreender, por isso que eu só estou vinculado a prática, por isso que eu gosto muito de esporte, por isso que eu dou tanta aula, porque não dá para embarcar nessa coisa, porque é muito cômodo, é muito fácil ficar falando em nome dos outros. Então, eu não sei lozalizar exatamente quem são, eu sei dizer que isso acontece no Brasil. Se eu for falar de mim, por exemplo, a minha prática, eu tenho mudado o meu modo de dar aula em todos os anos. Eu me iludi um pouco com a idéia de que eu era realmente um brilhante pesquisador, um brilhante pensador. Eu descobri muito em dar aula; eu só comecei a retomar de uns poucos anos para cá, a preocupação com dar aulas melhor. Então, eu estou me esforçando para tirar o prejuizo. Eu gostaria, agora por exemplo, de ser um bom professor, gostaria de dar uma aula e ensinar. Eu e o Roberto Vilarta estamos dando aula no mestrado na disciplina sobre o Inato e o Adquirido, eu estava comentando com os alunos que a gente está tentando reinaugurar a aula; vamos dizer assim chegar lá e dar aula que nem um professor normal: Bom está aqui a minha matéria, está aqui o quadro negro, está aqui o retroprojetor, o giz e, eu vou ensinar coisas para vocês. Sabe, me cansou essa coisa de professor chegar na aula e dizer: "eu não sei nada, eu vim aqui para aprender com os alunos". Então, vai embora pó! Se não sabe nada vai embora! - "Eu não sei nada , nós vamos nos ensinar, não ensino mais o aluno, o aluno é que aprende". Não eu não penso mais assim. Eu sou professor, eu ensino, o aluno aprende; eu tenho que ter uma matéria para os alunos; eu tenho que falar com meus alunos; eu tenho que assumir a postura de professor. É isso que eu aprendi, que eu estou tentando resgatar. Então, a gente está dando uma disciplina no mestrado que ela é desse jeito que eu falei. Tem trabalho para fazer. Tem prova toda semana. Quer dizer, pode falar o que quiser de mim. Aposto com você; aposto o que você quiser, que os alunos vão gostar, os alunos estão precisando disso também, os alunos estão precisando de um professor, porque tinha uma tal confusão durante um tempo aí, que você chegava numa classe, você não sabia mais quem era professor, quem era aluno. Chegava numa escola aí, 1ª série, você não sabia dizer quem era o garoto, quem era a professora ali, tal confusão que se estabelecia. Eu acho que é por causa de um sentimento de culpa; a gente tem que ficar justificando tudo; a gente começou a confundir democracia, achou que em democracia não cabia a figura da autoridade. Claro que cabe; tem que ter um referencial. Quem que ensina nessa porcaria aqui? Quem é que manda nesse treco aqui? Eu não tenho um professor com quem eu falar, com quem eu aprender? Isso tem que existir. Eu estou defendendo para todo lado, que eu vou ao resgate dessa figura do professor. E eu queria que todos da FEF fossem assim. Eu queria, prego, falo, discuto aqui dentro que os professores tem que ser professores; só que eles tem que conhecer muito

a sua matéria, não dá para ser professor, para ser essa confusão que eu falei, pode ser um mesquinho qualquer, pode ser um incompetente, porque ele se dilui no meio da multidão e ninguém o vê. Agora, ser professor não; só um cara muito bom pode ser professor. Eu acho que a medida que a mediocridade foi tomando conta da nossa profissão, nós fomos nos diluindo, nos escondendo no grupo de alunos, que é para ninguém nos enxergar e estabelecemos aquele acordo hipócrita: "eu fingo que ensino, você finge que aprende" e te dou o diploma no final do ano. E a gente tem que acabar com isso; eu sou contra reprovar aluno; acho que aluno tem que ser aprovado. Você tem que fazer tudo para ensinar o cara até as últimas conseqüências você vai, mas você não pode fazer esse acordo com o aluno, se o aluno não souber, você tem que ensinar; não estou dizendo que você não deve reprová-lo, mas se ele não sabe você tem que ensiná-lo. Mas, só um professor ensina um cara qualquer não, porque uma das coisas mais difíceis dentro das várias formas de praticar artes é a prática pedagógica. Dar aula é muito difícil, não é para qualquer um dar aula, só que qualquer um dá aula, qualquer um dá aula, mas não é para qualquer um. Então, tem que virar essa bagunça mesmo, todo mundo faz qualquer coisa e, diz que está ensinando, mentira, não está ensinando nada. Quando você não sabe o que está ensinando, por exemplo, você chega numa aula de Educação Física, a maior discussão é sobre avaliação hoje. Só que a gente pergunta assim: "O que é que você ensina?" Ele não sabe dizer; então, como é que você avalia? O dia em que você souber o que ensina, você saberá o que é avaliar. Então, primeiro defina o que você tem que ensinar; aqui dentro é a mesma coisa, quando você tiver certeza de que está ensinando, você saberá o que é avaliar".

DEPOIMENTO Nº 14

"Embora minha formação tenha sido em ciências sociais, logo que terminei minha graduação, eu não fui desenvolver minhas atividades na academia; eu trabalhei durante oito anos e meio no Serviço Social do Comércio (SESC) e dentro do SESC na ocasião, nós tínhamos a opção de trabalhar em duas grandes frentes: educação sanitária ou lazer. Nas equipes que eu trabalhava eram equipes de unidade móvel, ou seja, as unidades moveis atendiam a população não atendida pelo SESC em cidades onde não havia um centro cultural do SESC. Iniciado o trabalho, eu percebi que a autonomia de trabalho com educação sanitária era muito pouca porque o trabalho estava todo centralizado na figura dos médicos, e os recursos para o desenvolvimento do trabalho advinha na maioria do setor público e havia até um desconforto-de parte de quem trabalhava em toda uma campanha de educação sanitária, e a população não contar com uma série de exigências básicas para viver àquelas condições de educação sanitária. Aí eu optei por trabalhar com lazer, e comecei a me informar a esse respeito. Foi uma "barra violenta", isso a 18 anos atrás, porque nós estávamos vivendo um período de repressão e era muito difícil você juntar pessoas para qualquer coisa, nós conseguíamos juntar gente para fazer lazer, mas conseguíamos. Na época a concepção de lazer era bem a concepção mesmo do Serviço Social do Comércio baseada no Renato, sociólogo que difere lazer de ócio, coloca lazer como atividade numa perspectiva funcionalista de atenuação dos conflitos sociais de válvula de escape de amenização da relação capital trabalho. Eu desenvolvi este trabalho em cidades do interior do estado de São Paulo, com outros orientadores sociais, no caso minha função era orientador social que hoje é chamado de animador sócio cultural, e esses animadores sociais eram de diferentes profissões, aí então eu comecei a exercer o meu exercício de multidiciplinalidade deve-se ressaltar que eu vivia uma série de preconceitos, preconceitos da minha área originária, área de ciências sociais que torciam o nariz porque nós éramos incrivelmente politizados; então trabalhar com lazer, coisa de sobremesa a 18 anos atrás onde a palavra laser, o raio laser era mais conhecida do que lazer, eu podia perceber já na época o preconceito contra a Educação Física. Eram raros os profissionais de Educação Física que trabalhavam como orientador social. A entidade, no caso o SESC, contratava o profissional de Educação Física para trabalhar só como monitores de atividade. Partia desde o ingresso, era muito rigoroso, e o profissional de Educação Física estava mais ligado, desculpe a expressão, na verdade ele estava mais preparado para ser um tarefeiro ou um tarefista de atividades esportivas, então como o ingresso já era; como ocorre nos vestibulares dos cursos de Educação Física nas universidades estaduais, já no ingresso você tinha que dominar um universo cultural muito mais amplo do que um só dos interesses; então tinha este preconceito e existia um preconceito de mercado de trabalho, mesmo profissional de Educação Física era visto como um instrutor monitor de atividades físico-esportivas; e isso permanece até hoje. Observe até pelos anúncios de jornal que o SESC publica. Porque para animador sócio cultural ele procura um profissional jovem para ser formado dentro dos quadros da área de humanas. Interessante que no mesmo jornal, um pouquinho mais abaixo, sai o instrutor de atividades físicas ou o monitor de atividades físicas e aí sim ele procura um

profissional de Educação Física. Nós estamos tentando mudar isso agora. Inclusive nossos alunos de especialização no ano passado se posicionaram com relação a isto. Bom, eu estou dando uma volta muito grande, mais foi aí que eu comecei de um lado a verificar a Educação Física e do outro lado a participar de grupos multi-profissionais. Eram grupos multi-profissionais mesmo, não eram interdisciplinares. Nós trabalhávamos com uma metodologia chamada ação comunitária, que facilitava muito as coisas do ponto de vista de abordagem comunitária, e eu não me envergonho muito, pelo contrário, me orgulho de todos os trabalhos que fiz no SESC. Eram trabalhos que a instituição tinha pouco controle, foi nessa época que o SESC começou com a acessoria do sociólogo francês Dumazedier, que vinha ao Brasil duas vezes por ano para dar acessoria. O Renato enquanto diretor regional não negava a sua formação como sociólogo, eles investiam muito na formação de recursos humanos, para eles formação de quadros, para nós então eram altos treinamentos, se você fazia um trabalho interessante, você ia para a sede e junto com o grupo que fez o trabalho ficava refletindo sobre este trabalho. Tinha um grupo de pessoas que questionava você sobre este trabalho, ao final do trabalho você redigia um documento ao final deste período. Tinha cursos no exterior, eu mesmo ganhei bolsa várias vezes no exterior e nunca quis ir, eu não tinha ambições dentro da instituição, mas ganhei as bolsas, e todas as dificuldades que eu colocava eles procuravam sanar: está difícil porque eu não domino a língua, então vá fazer um curso e eles custeavam o curso. Se você tinha um trabalho interessante, eles pediam para você registrar onde você se sentisse melhor fazendo o trabalho, no caso eu me sentia melhor na minha casa, então vá para a casa e volte com o trabalho escrito. E foi aí então que eu comecei a refletir, a pesquisa sobre a questão do lazer. O primeiro trabalho que eu fiz sobre lazer foi sobre lazer e família, eu apresentei no SESC para o Dumazedier. Tinha muito pouca coisa, eu recorri aos estudos de comunidade que eram feitos no início da Ciências Sociais da USP e o Dumazedier gostou, aí numa destas ingerências do SESC para que eu fosse para o exterior de qualquer forma, eu coloquei mais um empecilho, que eu não gostaria de ir para o exterior para fazer o mestrado, eu não gostaria de ir para o exterior nunca, eu gostaria de fazer o mestrado aqui e eles concordaram e começaram a me pagar uma bolsa no caso, um curso particular na PUC de Campinas, eu fui fazer Filosofia, eu estava desencantado com as Ciências Sociais, mesmo porque minha formação foi toda ela positivista e aí eu entrei e tomei contato com o materialismo histórico na filosofia da educação, tive professores muito bons como Severino, Rubens Alves, Régis, Jeferson, vou esquecer nomes, professor Pinheiro Machado, gente assim importantíssima na minha formação. A orientação do Severino foi fundamental para o meu trabalho e eu me matriculei, veja que interessante, em Filosofia Social que eu achava que o meu trabalho como eu tinha feito Ciências Sociais estava mais ligado à Filosofia Social. Aí cursando a disciplina, eu vi que o meu trabalho tinha tudo com educação, e mudei a área de concentração para Filosofia da Educação e analisei as relações entre o lazer e a escola e o processo educativo mais amplo. Tinha preconceito; eu tinha um preconceito pessoal, quando eu era aluno do curso, o antigo ginasial no caso seria a partir da 5a série do 1o grau hoje, eu tive aula aqui em Campinas exatamente na 5a série, no Taquaral e a gente ia ter aula de Educação Física num campinho de terra onde é hoje um grande condomínio, e o professor de Educação Física era bem daquele nível de deixar a bola

ir embora, sabe, no Ateneu Paulista não, onde eu estudava antes, o Ateneu Paulista era um grande colégio aqui de Campinas. Mais aí no Taquaral era daqueles professores de deixar a bola e, um dia sem nenhum equipamento ele nos obrigou a jogar o futebol americano num campo de terra e num daqueles ajuntamentos eu acabei caindo em cima do braço, quebrei o rádio e começou a doer muito depois que esfriou e eu fui me queixar à ele, e ele disse que era frescura, que eu não estava querendo participar da aula e me fez uma massagem no braço quebrado. Eu tive que ser internado, hospitalizado para engessar o braço, tomei anestesia porque ele fez a massagem no braço quebrado. E quando eu entrei no SESC no primeiro momento este preconceito se reafirmou e depois eu fui convivendo com pessoas que viam a Educação Física muito mais numa perspectiva de cultura e aí eu fui entendendo que a Educação Física era um componente cultural, que as atividades de Educação Física tinham um componente cultural, trabalhando com lazer especificamente, a gente via muito isto. No começo as atividades eram divididas, inclusive para você ver o preconceito, tinha atividades recreativas, esportivas e culturais; só depois que o cultural se alastrou por tudo e a partir daí as atividades físicas, esportivas integram o todo cultural; mas eu ainda não respondi à sua primeira pergunta: como é que eu cheguei aqui? Bom, então eu comecei a fazer filosofia, estudar esta relação, comecei a criticar o próprio conceito do SESC. Trabalhei pela primeira vez aqui no Brasil a crítica à isso, não gosto de falar sobre a primeira vez, dá a impressão que a gente está se auto-elogiando, está se achando auto-pioneiro, não é isso, mas que eu saiba, pela primeira vez a gente fez uma crítica de todas as concepções de lazer vendo as nuances desta visão funcionalista de lazer e por problemas pessoais, por problemas profissionais porque o trabalho que a gente fazia era muito bem visto, mas corria o risco de ser incorporado à campanha eleitoral do José Papa Júnior, na época pela Arena, enfim iria haver uma utilização eleitoreira do trabalho, por problemas pessoais meus e pela filosofia que representou uma contribuição importantíssima na minha visão de mundo, que eu não tinha essa visão de mundo na graduação porque eu fiz a graduação durante o período de repressão, eu entrei em 68 onde estava fervilhando isso aí e saí em 72, eu acabei saindo do SESC, ainda fui trabalhar dois meses em Sorocaba, mas eu estava mal mesmo, me dediquei só ao meu mestrado. Terminei o mestrado e na mesma semana que eu defendi, a PUC de Campinas me convidou para dar aula no curso de Turismo, curso de Sociologia do Lazer, duas aulas, no ano seguinte eu já estava na carreira docente, para você ter uma idéia, naquela época eram 5% dos professores da PUC que estavam na carreira docente, hoje são 4% dos professores, ou seja, eu não ganhava por hora aula, eu era contratado por um regime de dedicação exclusiva e na PUC eu fazia parte primeiro do departamento de Ciências Sociais, mas eu nunca trabalhei no curso de Ciências Sociais, eu sempre trabalhei fora; então eu trabalhei com terapia ocupacional com lazer, trabalhei com turismo com lazer e trabalhei com economia contábil e administrativa com introdução às ciências sociais o que me obrigou à rever todas as bases espistemológicas das ciências humanas de uma maneira geral que você dava um apanhado e aí os meus trabalhos começaram a serem publicados: primeiro "Lazer e humanização" que se originou com o trabalho de uma disciplina do Régis de Moraes que me convidou para escrever o livro na coleção, na mesma época em que o Medina foi convidado para escrever "Educação Física cuida do corpo e mente", então os dois livros foram

escritos na mesma época por dois colegas de mestrado, e nós trocávamos os originais, eu dava os meus capítulos para o Medina ler e o Medina dava os capítulos dele para eu ler. Aí já começou o contato com a Educação Física numa outra visão, certo? Mas eu ainda nunca sonhava trabalhar com Educação Física. O Medina sempre me dizia que eu tinha contribuições à dar. Não, essa visão da crise pela qual a Educação Física passava, que realmente era problemática, a enquete que o Medina coloca no livro e a tipologia que ele coloca no livro também, a situação é problemática, mas tinha profissionais críticos dentro da área, eu sabia que tinha no SESC, mas para mim era só no SESC, eu não sabia que dentro da academia também tinha. Foi publicado o meu primeiro trabalho, depois a defesa da dissertação do mestrado foi interessante, mas eu fiquei receoso de publicar, coisa natural, engavetei, aí a Secretaria de Educação do estado na época do governo Montoro solicitou ao Régis de Moraes, que fizesse um levantamento das teses defendidas na PUC que poderiam ser aplicadas na rede e o Régis fez o levantamento e indicou a tese da Aurea Maria Guimarães sobre Escolar e a minha sobre Lazer e Educação. Evidentemente não foi aplicado na rede porque saiu o governo Montoro e veio outro governo, mas para mim foi interessante porque o Régis que ainda não tinha lido o meu trabalho, leu e achou uma judiação o trabalho ficar engavetado, aí eu acabei publicando este trabalho, e ao mesmo tempo ingressei no doutorado em Educação da UNICAMP com a orientação dos estudos primeiro do Augusto Novasqui, com orientação de tese depois com o professos Rubens Alves que eu já conhecia bastante. Foi um trabalho que deu continuidade ao meu trabalho de mestrado, só que aí eu analisava o impacto da obrigação na criança no início da escolaridade, que foi publicado como "Lazer e Escola", mas foi publicado depois como Pedagogia da Animação, e o Rubens Alves ofereceu um curso chamado, que aliás é o concurso que eu vou prestar aqui na UNICAMP é Lúdico e Educação, e como eu era orientando dele me convidou para ajudá-lo no curso quando ele viajava, o curso foi dado inclusive por sugestão da professora Heloisa Brunhs que também fazia o seu mestrado na época na Educação, e esse curso era freqüentado pelo professor Tojal, pelo professor Braulio, pela professora Silvana, pelo professor Lorenzetto, e o professor Gebara conhecia o meu trabalho publicado. É, mais ou menos acho que já tinha uns dois e meio aqui e disse à professora Eloisa que gostaria de me conhecer, me convidou para uma entrevista e para dar uma aula para os alunos aqui. Aí eu vim, dei a aula, conheci o Gebara e ele disse: olha só que nós não podemos lhe oferecer nenhum tipo de convite porque nós só estamos contratando, eu estou na pós-graduação, só estamos contratando pessoas com o doutorado, mais aí na reformulação curricular, eu deixei aqui o meu curriculum e o pessoal da Educação Motora Wagner, Joãozinho, João Batista Freire era o diretor do Departamento de Fundamentos Psíquicos Sociais de Educação Física, acabaram me convidando para que eu viesse dar outra aula e fosse sabatinado pelo Departamento, eu vim, dei outra aula, fui sabatinado e fui contratado especificamente para desenvolver essa área de estudos no lazer. Na mesma época foi contratado o professor Bramanti que eu já conhecia do SESC da prefeitura de Sorocaba, a professora Eloisa veio em seguida e agora está vindo o professor Paulo de Salles Oliveira. Outros professores daqui se interessaram pela área e estão se especializando. Então foi essa minha ligação com a Educação Física embora formado em Ciências Sociais e depois em Filosofia, eu nunca trabalhei em ciências sociais, trabalhei em filosofia porque eu disse que meu primeiro departamento na PUC foi

Ciências Sociais, mas o meu segundo departamento foi o Instituto de Filosofia, aí eu trabalhava na pós-graduação e não em Instituto de Filosofia e nunca deixando aquelas aulas de sociologia do lazer que foram as minhas iniciais. Desde que saiu o meu contrato na UNICAMP e eu pedi a minha demissão na PUC, eu me dedico integralmente aqui à Faculdade de Educação Física da UNICAMP. O início foi difícil, porque a área para qual eu havia sido contratado, ainda não estava estruturada, eram só uma ou duas disciplinas que eram ministradas pelo professor Jorge Peres, que continuaram a serem ministradas por ele. Isso, na época e eu passei a trabalhar então uma disciplina chamada Filosofia da Educação Física na graduação, o que me obrigou a estudar muito, estudei mesmo, bastante: toda a epistemologia da Educação física e trabalhei também em alguns cursos de especialização de Educação Motora, que me obrigaram a estudar bastante também e o que mais me obrigou a estudar foi o trabalho com o mestrado, no caso o Ademir me jogou numa fogueira mas foi bom porque eu trabalhei alguns elementos de teoria da Educação Física, então tinha que estudar muito para poder discutir com as pessoas, e trabalhei duas disciplinas em conjunto com a professora Bramanti, que foram seminários de projetos e seminários de tese, então eu tomei contato com toda a produção da Faculdade em termos de pesquisa, foi muito rico. Quando o currículo foi mudado eu aí já podia trabalhar dentro da área em estudos do lazer, eu já tinha uma base interessante de conhecimentos de Educação Física. Logo no primeiro ano ou ano e meio que eu estava aqui teve um congresso do Colégio e eu fui convidado a participar de uma das mesas, foi em Brasília. Então, foi em Brasília o meu primeiro contato com a comunidade da Educação Física. Foi muito gratificante esse primeiro contato e a partir daí começaram a surgir novos convites e não parou mais. Quando eu trabalhava no SESC, a minha Educação Física era ativismo, era técnica, era o que eu via e o contato que eu tinha também, quando eu comecei a discutir com o Medina na pós-graduação, eu percebi que existiam pessoas interessadas numa fundamentação da ação, portanto, pessoas não ativistas. Quando eu vim para a Faculdade eu percebi que as pessoas interessadas numa fundamentação conviviam com pessoas ativistas e eram matizadas, quer dizer, não existia uma só orientação em termos dessa fundamentação e eu pude perceber várias tendências aqui me informando nos livros que tentavam fazer uma leitura da Educação Física baseada nas leituras das tendências e correntes da Educação, eu pude perceber essas tendências todas aqui, e a minha linha de trabalho até porque ela é fundamentada no pensamento de Antonio Gramsci, de uma perspectiva geral não em valores setoriais, na escola unitária do Gramsci, no meu ponto de vista foi um horror, mas foi a época que ele viveu. A época que ele viveu, a necessidade que se tinha de curvar à vara. Por eu ter a filosofia do Antonio Gramsci como a base do meu trabalho digamos assim, enfim a meta do meu trabalho com lazer eu enxergo a Educação Física da mesma forma que eu enxergo o lazer e de forma que forma eu enxergo a Educação e o Lazer; eu enxergo como a perspectiva de se trabalhar no plano cultural tentando antecipar ou construir mudanças significativas de ordem estrutural, e a educação que se chama de Educação Física, em qualquer das áreas que você pegue ela faz parte desses conteúdos culturais do lazer, como atividade lazer, mesmo a prática de lazer, ou você pode pegar uma coisa que aparentemente não tenha nada a ver com lazer, alto rendimento, certo? Esporte de alto rendimento, essa área de alto rendimento, essa equipe de alto rendimento, ela vai jogar, ele vai

desenvolver as suas atividades, e isso pode ser visto também da perspectiva do espetáculo esportivo. Então da perspectiva de quem assiste, ela vê. O espectador ela vê, não dá para separar as coisas, esse é o grande problema que eu sinto aqui na nova estrutura curricular, é que as modalidades estão estanques, elas não são modalidades, elas são instantes, o básico que deveria cumprir a função, digamos assim de dar a visão geral até por nós termos poucos alunos e por ter a questão da opção no terceiro ano, acaba havendo quase que uma especialização precoce. Se você for ver nós temos mais alunos, mais professores atuando na graduação do que na especialização e mestrado e doutorado, mais professores em condição de orientarem trabalhos de pesquisa e menos alunos, então fica uma situação de especialização precoce se nós não tomarmos cuidado. Eu creio que o nosso curriculo vai ser revisto em breve, eu não entendo um curriculo que não esteja sendo constantemente avaliado e certamente essa vai ser uma das questões que vão ser colocadas. As coisas estão incrivelmente imbricadas, do meu ponto de vista então, eu gosto muito de um artigo do Walter Bracht no qual ele analisa a Educação Fisica em sentido restrito e em sentido amplo, eu estava falando artigo do Walter Bracht, que ele vê a Educação Fisica em sentido restrito e em sentido amplo: em sentido restrito ele coloca a Educação Fisica que seria a escolar e, num sentido amplo todas as outras atividades inclusive as de lazer, são chamadas de Educação Fisica, segundo ele, inapropriadamente, inadequadamente, então você tem, se você pega outros autores, por exemplo, Manuel Sérgio por exemplo, consideram a Educação Fisica escolar ou a educação motora no ponto de vista deles como um ramo pedagógico de uma ciência maior, não é; eu vou tentar simplificar aqui o meu entendimento, para mim a Educação Fisica ou as atividades fisico esportivas trabalhadas pela Educação Fisica são ou compõem um interesse cultural do lazer, exatamente o interesse esportivo segundo a classificação do Dumazedier. Então só desta perspectiva já dá para você imbricar as duas áreas sem contar os aspectos do lazer que estão diretamente relacionados à Educação Fisica numa determinada concepção de ludicidade, de desenvolvimento da personalidade, estão vinculados ao lazer, aliás se você pensar a Educação Fisica não ligada ao trabalho, toda ela ficava lazer, por isso que a história da Educação Fisica é confundida com a história do tempo livre. Você acabou de fazer a disciplina no semestre passado. Se não for ergonomia voltada ao trabalho, e lazer, eu acabei de dar o exemplo para você do esporte de alto rendimento, ele pode não ser lazer para o atleta, mas certamente é para o espectador e a gente trabalha esta questão da vinculação pelo conteúdo cultural, que no caso e o fisico esportivo da Educação Fisica segundo a classificação do Dumazedier que ainda é a mais aceita internacionalmente, e ai você trabalha tanto no gênero da prática, fazer a atividade, quanto no gênero do assistir, tanto no gênero do conhecimento. Eu posso ter conhecimento sobre uma cultura fisica esportiva sem praticar e sem assistir, isto estaria fazendo lazer da mesma forma. Será que deu para entender? Perfeito, olha o profissional que trabalha com lazer, do meu ponto de vista, não deve ser um profissional único, ou seja, até porque o lazer tem até agora conhecidos seis conteúdos culturais, não é possivel um único profissional dar conta da atuação com todos os conteúdos, só que para trabalhar com lazer você precisa de diferentes formações, você tem de acordo com os especialistas um trabalho com voluntários, que é fundamental para assegurar até o próprio conceito de lazer, de consultas às bases e esses voluntários,

têm que serem preparados. E tem o trabalho profissional, esse trabalho profissional pode ser de competência específica e pode ser de competência geral. Eu entendo que o nosso básico que os dois anos, o pessoal não gosta que chame de básico, mas é, os dois primeiros anos deveriam preparar a competência específica do professor de Educação Física. Também para trabalhar com lazer, e nesse sentido o nosso currículo é falho, é aquilo que eu disse para você antes, parece que, como são quatro departamentos, são três modalidades, parece que as pessoas estão nadando em barcos diferentes, não estão todos no mesmo barco e aí os dois últimos anos da graduação, já seria para preparar a competência geral do profissional, dar uma competência específica inicial nos dois primeiros anos, aprofundar a especificidade nos dois últimos anos, e ao mesmo tempo ampliar a visão, o que eu digo, dar uma formação geral, entrar na questão da relação do lazer e sociedade, e entrar na relação da liderança, entrar com planejamento, entrar com marketing, são especificidades que dão em geral para se trabalhar na área. O que ocorre é que essa é minha leitura, como a educação motora é uma licenciatura e no mercado a regulamentação é da licenciatura, quem faz a licenciatura no mercado, vai poder trabalhar com treinamento esportivo e vai poder trabalhar com recreação e lazer, e quem faz recreação e lazer e treinamento esportivo não pode trabalhar com escola. Então a relação fica desigual. A minha sugestão era que a licenciatura fosse nos primeiros anos independentemente de modalidades. Então nós teríamos uma licenciatura básica e três modalidades ou quatro que estão aí agora, a educação motora que passaria a ser uma modalidade, e não mais a licenciatura , a recreação e lazer poderia ter adaptada, ciências do esporte como tem o treinamento esportivo. A situação como está é injusta, mesmo porque a tradição é um dado importante na opção e o mercado de trabalho não dava importante opção, só que nossos alunos vão mais pela garantia do mercado de trabalho. Há um número de aulas grandes a serem distribuído anualmente, e as vezes não se consegue perceber novas perspectivas de trabalho; posso dizer, por exemplo, da área de recreação e lazer que estão abrindo cada vez mais oportunidades de trabalho; só que elas não são assim compulsório, porque você terminou a faculdade, você apresenta o diploma você vai realizar, você tem que mostrar serviço, você vai competir no mercado de trabalho. Eu não visualizo isto mecanicamente, agora nossos jovens alunos, estou dizendo isto porque nosso aluno está aqui sofrendo pressões da família e da sociedade para que se defina profissionalmente; ele fica aqui quatro, ou as vezes cinco anos porque eles estão optando por fazer mais de uma modalidade e eles pensam ainda aqui o que vão fazer ao sairem daqui. Então esta preocupação tem que estar presente quando se faz o currículo, eu diria mais na atual pesquisa; na atual pesquisa não, na pesquisa que eu terminei agora em março financiada pelo CNPq. Interesses físicos no lazer, querer e fazer eu descobri coisas muito interessantes ligadas à formação de nosso profissional, que já foram discutidas aqui, como nosso corpo docente, com o corpo docente e a coordenação de graduação, e depois vou encaminhar por escrito ao departamento e à comissão de graduação, só para dar um exemplo à você, nós estamos aqui com modalidades diferenciadas no currículo. Duas dessas modalidades são o treinamento esportivo e a recreação e lazer. É óbvio que a minha pesquisa era sobre lazer e ouvindo a população de bairros, porque foi na linha de pesquisa participante, ouvindo a população, seminários que nós realizamos nos bairros quando a população manifesta a vontade de contar

com um profissional de Educação Física nessa área, era o professor de Educação Física tradicional, na área esportiva é o profissional que detém o conhecimento de iniciação na modalidade e, pasme, é dentro de uma concepção militarista de Educação Física, uma vez que a questão da violência está muito marcante nos bairros. Então eles querem um profissional que ao mesmo tempo que inicie o conteúdo esportivo mais tradicional sirva como uma espécie de, eu estou com receio de usar a expressão, mais quase que uma espécie de educador policial. É esse o perfil. Então veja bem, é válido ter a preocupação com o mercado de trabalho. É válido ter a preocupação até por isso, nós temos que preparar os nossos alunos para que eles consigam reverter as expectativas que apesar de se gramsciniano ou por ser gramsciniano, eu acredito sim na cultura popular, mas vejo a cultura popular cheia de impurezas de traços a serem burilados, então nosso aluno precisa ser preparado inclusive para reverter esta expectativa do público em que ele vai atuar. O outro ponto seria qualquer educação, em qualquer nível deve contribuir para a formação do cidadão em um nível de terceiro grau. Também e sendo uma universidade deve estar preocupado também com a produção de conhecimento e isto que estamos tentando fazer. O que eu sinto como um outro problema sério nosso aqui, até pelo número exíguo de alunos é a aproximação com a sociedade através da extensão. Isto realmente é muito falho aqui no nosso curso de uma maneira geral e na modalidade recreação e lazer nossa inexiste. Resumindo, então seria a formação profissional, continuidade da formação do cidadão e formação do pesquisador, seria basicamente isto. Será que eu esqueci alguma coisa? Olha, eu vim da PUC onde nós éramos na maioria horistas e vim de uma reformulação curricular nas ciências sociais. Eu chegando na UNICAMP, onde na época só dois professores não eram RDIDP, eu fiquei impressionado negativamente, que querendo ou não você estabelece comparações devido ao grau de engajamento dos docentes na discussão da reforma de currículo, mas tem um dado de quando aqui cheguei, esse currículo já vinha sendo discutido há dois anos, e também ninguém resiste à uma discussão por tanto tempo, a grande diferença que achei nas duas mudanças curriculares que eu vivi na PUC nas ciências sociais e aqui na Educação Física, é que na Educação Física a reestruturação curricular ficou restrita aos professores, aos alunos que estavam cursando a faculdade e à algumas pessoas que estavam estudando epistemologia, como é o caso do professor Manoel Sérgio. Na PUC o processo foi muito mais abrangente, o processo foi discutido por consultores, pelo corpo docente, pelo corpo discente e pelos ex-alunos, então nós tivemos um retorno do mercado do mercado de trabalho, como este profissional estava sentindo o mercado de trabalho, nós tivemos este retorno, aqui talvez nem pudesse ter porque estava se formando a primeira turma e o nível de envolvimento era muito grande, e as coisas aconteciam até porque as pessoas eram horistas e tinham muito pouco tempo para se reunir, mas quando se reuniam se reunião de fato e se fazia seminários e se chegava à conclusão, quer dizer, uma coisa discutida não era retomada, então dois anos eu disse que já tinha de discussão quando eu cheguei, chegou a um nível de saturação tal, segundo as pessoas que viveram esses dois anos, que eu não vivi esses dois anos então, se montou um grupo reduzido para dar a redação final no currículo, e aí é que acaba no meu ponto de vista ocorrendo o grande problema da implantação do novo currículo, porque esse grupo era formado pelos professores Tojal, que era o diretor, pelo professor Wagner, que

era o coordenador de graduação, e pelo professor Bramanti, que estava chegando, nós chegamos juntos, só que ele em especialidade em currículo. É lógico que eles estudaram a partir de todas as discussões anteriores e depois isso foi a plenária, mas veja, logo em seguida na implantação o que ocorreu; ocorreu uma mudança de administração e então mudou o diretor, mudou o coordenador de graduação e professor Bramanti foi trabalhar com pós-graduação, então veja bem, por mais que as pessoas estivessem envolvidas, a cúpula todinha que estava envolvida com a graduação mudou, então coisas como orientador de semestre que era uma coisa que estava prevista não funcionou, não sei porque, nós não fomos informados, e a partir da implantação eu senti falta de uma maior discussão, porque já logo em seguida já veio a reforma departamental e a montagem da linha de pesquisa da pó-graduação, as coisas começaram a acontecer muito rapidamente, não houve e não está havendo, agora um pouquinho mais de tempo, para o amadurecimento num currículo onde isso era fundamental, porque a proposta era exatamente de trabalhar numa perspectiva, veja bem, perspectiva de interdiciplinalidade, mais interdiciplinalidade dentro das aulas, não é somatória das disciplinas; então na verdade, o que eu sinto é que não ocorreram mudanças significativas de peso, as vezes há uma mudança de título de disciplina, até da ementa, mas talvez, não sei, se fosse comparar o conteúdo da aula, talvez tivesse muito próximo da aula anterior, com um agravante no meu ponto de vista, foram tiradas as disciplinas, digamos assim, básicas gerais, como Filosofia da Educação Física, não tenho certeza mais psicologia, não foi incluída nenhuma disciplina de sociologia e a justificativa para isso é que esse conteúdo estaria diluído nas vivências, estaria diluido na pedagogia em movimento, nas pedagogias de movimento, estaria diluído em ludo-motricidade I, II, III. A I aspecto psicológico, a II aspectos sociais, não, a I aspecto filosófico, a II aspectos psicológicos e a III aspectos sociais, mas não sei se isso realmente ocorreu, devido ao fato que as aulas parecem continuarem sendo trabalhadas naquela perspectiva individual do professor. O currículo teve, aí está um outro problema do currículo, originalmente teve a inspiração da Teoria do professor Manuel Sérgio. Daí o MH na frente da disciplinada o MH de motricidade humana, tanto é que foram publicados artigos até em revistas internacionais sobre isso; o professor Tojal parece que vai defender uma tese agora em Lisboa sobre isso. Por isso tem lá o MH na frente, eu fiz umas preguntas para nossos alunos outro dia e eles não sabiam porque tinha o MH na frente. Essa ludo motricidade I, II, III porque a ciência da Motricidade Humana é dividida em quatro blocos: ludo motricidade, ludo ergomotricidade, ergomotricidade e educação motora. Só que foi discutido longamente, mas no fechamento ficou só ludo motricidade, as outras foram contempladas com outros nomes, então se você for analisar esses termos como comportamento motor típico das atividades lúdicas estão lá no glossário do professor Manuel Sérgio. Esta disciplina ludo motricidade originalmente era para se chamar jogos, festas e danças, que se enquadra onde dentro da teoria do professor Manoel Sérgio, na ludo motricidade. E aí as pessoas que trabalhavam com ludo I, II, III começam a sentir dificuldades, eu sei da ludo 3 que estava no nosso departamento, acho que continuam ainda com a professora Bárbara, os aspectos psicológicos que ela sentia dificuldade, como eu vou trabalhar os aspectos psicológicos das atividades ludo motoras se os alunos não têm nenhum conhecimento de psicologia, a mesma coisa o Wagner, como eu vou

trabalhar os aspectos filosóficos do jogo, da festa, da dança se os alunos não conhecem filosofia, filosofia da educação. Era essa a perspectiva de trabalho que norteou. Você vê que algumas emendas agora já estão sendo modificadas, mas algumas emendas incorporavam isso, as disciplinas não eram para serem trabalhadas por um único professor, entendeu? Só que agora estas emendas estão sendo modificadas na antiga comissão de ensino, que é a atual comissão de graduação, onde há representação do departamento mas não é a mesma coisa que uma assembléia de discussão. Então eu temo que o nosso currículo possa ser, ao invés de um processo, de sofrer um processo de avaliação e transformação constante, eu temo, não quer dizer que isso vá ocorrer, que ele possa ser mutilado porque quando se vai fazer a discussão de operações, é importante saber o que está acontecendo agora, mas é importante saber também o que justificou aquele estado de coisas, senão você corre o risco de dizer que uma entrada não deu certo, não é que a proposta não deu certo, pode ser que ela nunca tenha sido imprementada. Uma confusão, para dizer uma verdade para você, para falar o que eu senti quando cheguei na área, eu fiquei até certo ponto chocado, que eu vi que as pessoas estavam ainda discutindo pedaços, quando nas ciências sociais há algum tempo sobre o termo Motricidade já as pessoas não discutem mais até onde vai uma, onde começa outra, e aí eu fiquei calado evidentemente, ouvindo, eu estava chegando e é extremamente delicada a posição de quem não é da área, e eu já estava de certa forma escolado porque nunca trabalhei na minha área de formação mesmo, então já vim para cá sabendo tudo direitinho, eu ouvi e cheguei à conclusão que as pessoas deveriam mesmo passar por esse estágio. Ninguém queima etapas, é um processo que tem que passar, tanto que se ouve falar muito menos agora na parte epistemológica da Educação Física; Motricidade Humana. Talvez as pessoas tenham se conscientizado de que pode-se trabalhar com o que está aí e que discussões como aquelas que estavam sendo feitas e nos moldes que estavam sendo feitas, talvez fosse uma forma de se desviar a atenção para não se avançar. Mas eu, até por um dever do ofício, tomei contato com a teoria do professor Manoel Sérgio, tomei contato com a teoria Parlebas, o professor Manoel Sérgio esteve aqui presente numa das grandes dificuldades para eu entender a ciência da motricidade humana, tal qual ele propõe é que um dos conceitos básicos, ou o conceito fundamental, seria o de cultura motora; eu várias vezes tentei conversar com ele para verificar o que diferenciava cultura de cultura motora, porque toda cultura implica em movimento. Mas eu não consegui estabelecer um aprofundamento maior desta questão, porque nos moldes que está colocado pelo professor Manoel Sérgio, modestamente eu estou dizendo aqui, a ciência proposta de motricidade humana já existe há algum tempo com a denominação de antropologia. Olha, esta não é uma questão que me preocupa; se você vai na educação você pergunta educação é ciência? ninguém está preocupado com isso, tanto é que na faculdade de ciências da educação, se você vai na Faculdade de Medicina e pergunta medicina é uma ciência? o pessoal não está preocupado, é uma faculdade de ciências médicas. Então acho que cumpriu uma finalidade neste momento da Educação Física, mas acho que pouco a pouco a própria comunidade da Educação Física está se superando e está chegando à conclusão fundamental de ter uma comunidade que fale uma mesma linguagem, e aí o que vai dizer qual é a área da Educação Física em termos de conhecimento, vai ser o conhecimento produzido pelas pessoas interessadas na temática. Não, porque no meu ponto de vista, isto aí é

uma coisa extremamente grave, enquanto não se começar com o trabalho mesmo, eu acho que o curso da UNICAMP, eu não conheço outras experiencias a fundo, mas das que eu conheço, o grande mérito do curso da Faculdade de Educação Fisica da UNICAMP é esse, é trazer profissionais de várias áreas, vejo ai, portanto, que o curso da Faculdade de Educação Física da UNICAMP por isso é um dos méritos de estarem integrando profissionais de diferentes áreas. No começo é assim mesmo, cada um fica dentro da sua área e desenvolve muita pouca troca, mas esta troca já está ocorrendo e ela deve ocorrer tendo por base a Educação Física nas atividades ligadas à pesquisa em Educação Física e isso já está ocorrendo, eu senti esta dificuldade maior na Educação Física, se você pega ciência numa perspectiva positivista, ela tem três níveis de conhecimento conhecidos: o nível orgânico estudado pelas ciências biológicas, o nível inorgânico estudado pelas ciências físicas e o nível super orgânico segundo o ponto de vista da ciência positivista estudado pelas ciências humanas, estudos sociais; ora a Educação Física abrange estes três níveis, então a dificuldade de se falar uma linguagem comum é muito difícil. Aqui mesmo na faculdade, nós temos pesquisas em áreas mais marcantemente humanas, em áreas mais marcantemente biológicas e em áreas mais marcantemente físicas, então é difícil, mais isso só vai ocorrer a partir da convivência de área, a partir do estabelecimento de projetos comuns para que se consiga caminhar rumo à interdiciplinalidade. Ainda não há um trabalho interdisciplinar, então você me perguntava anteriormente se eu via algum problema em profissionais de outras áreas estarem trabalhando, não eu não vejo nenhum problema desde que o profissional das outras áreas saiba que a partir do momento que ele veio trabalhar aqui, a sua área de origem deve estar à serviço da Faculdade. Então, por exemplo, eu trabalho com estudo do lazer, a minha primeira pesquisa aqui na Faculdade foi sobre "Interesses físicos com o lazer, o querer e o fazer". A segunda pesquisa que eu iniciei agora em abril continua com os interesses físico esportivos ligados ao associativismo. Então, não dá para eu fazer, sei lá, anatomia, e querer vir dar aula de anatomia aqui como davam aula no curso de anatomia, não dá para eu fazer sociologia e querer vir dar aula de sociologia aqui. Aconteceu um caso outro dia interessantíssimo numa aula de mestrado, em que eu citei um autor e disse que tinha lido esse autor na minha graduação e uma das alunas, porque existe uma auto-imagem muito depreciativa dos alunos de Educação Física, uma auto-imagem pelo que eu pude perceber, até nos níveis de pós-graduação, ela ficou abismada porque ela não tinha lido aquele livro na sua graduação, e eu falei: mas você não poderia ter lido o livro mesmo, nós fizemos graduações diferentes e não é nenhum demérito você não ter lido esse livro na sua graduação, você está tomando contato com este livro só agora porque nós fizemos a graduação em áreas diferentes. E era um clássico, ela não se conformava que era um clássico e ela não tinha tido acesso antes ao clássico. Mas veja, eu concordo com o trabalho de outros profissionais, desde que os profissionais passem à vivenciar a área, e ai não dá nem problema com colega, nem com produção de conhecimento, e fundamentalmente não dá problema com aluno porque o aluno só consegue aprender aquilo que faz sentido para ele. Nesse sentido, a minha história de vida me ensinou bastante, porque eu cheguei a trabalhar introdução às ciências sociais na economia e não teve problema porque a economia é uma ciência social, apesar dos economistas não reconhecerem. Mas eu cheguei a trabalhar em introdução às ciências

sociais para a administração e para contábeis, então para um futuro contabilista. Você dá sentido à uma aula de introdução às ciências sociais, fica fácil depois você dar sentido à lazer e sociologia à quem está fazendo Educação Física numa modalidade de bacharelado de lazer e recreação. Agora, é fundamental que se dê sentido, e não deixar que o aluno se vire, como alguns professores colocam, para fazer esta vinculação de maneira que a minha história de vida, ela me colocou contra essas barreiras acadêmicas. A minha escola de vida me colocou contra, isso não tem nada a ver contra a vinda de outros profissionais, desde que eles saibam para onde estejam vindo. Pode ser que os estudos de lazer não fiquem definitivamente na Faculdade de Educação Física dentro da UNICAMP. Portanto, enquanto eles estiverem, eles devem priorizar os estudos ligados à Educação Física. Veja bem, a mesma linguagem não significa que todo mundo deva popularizar pela mesma cartilha, é lógico, vão ter várias correntes mas por exemplo, desde que um pesquisador da área consiga entender as pesquisas que estão feitas na área. Por Exemplo, eu vim de uma àrea de humanas, sempre cito esse exemplo, a professora Roseli veio de uma área de biológicas e o professor Renê veio de uma área de física, que nós conseguirmos trocar as nossas especificidades e entender estas especificidades, a partir de um núcleo comum que são as atividades físico esportivas. Porque, quando naquela disciplina que eu me referi anteriormente de "Seminário de Projetos", quando eu e o professor Bramanti começamos á trabalhar, os alunos da primeira turma de mestrado se mostraram bastante reticentes em termos emocionais para colocarem os seus projetos, então nós começamos a disciplina com os professores da casa expondo seus projetos, eu expus o meu projeto, o Bramanti expos o projeto dele, vários professores expuseram e era aberta, bonita a experiência que nós tivemos aqui, isso foi fundamental para que eu conhecesse a área durante um ano todo e aí a professora Roseli foi a primeira que expos uma pesquisa mais ligada à área de biológicas, ela parece que, sob músculo cardíaco em ratos, uma coisa assim na pesquisa dela, é isso mesmo, acho que era, faz muito tempo e eu me lembro que eu saí dali me sentindo assim o maior dos ignorantes e eu fui falar com ela: Roseli eu achei muito interessante o trabalho, só que eu me senti assim muito ignorante, e aí ela falou: como que você pensa que eu me sinto quando você usa termos como hegemonia e outros tais: então ali para mim foi aliás essa disciplina foi fundamental para verificar que o mais importante não é ser ciência ou não ser ciência, se bem que uma das característica da ciência é ter essa comunidade falando uma linguagem comum. Mas era buscar isso em torno de um objeto de estudo e de trabalho no caso. Será que eu respondi? Eu também não tenho prontinho não, eu também estou procurando, apesar de todos os problemas que nós enfrentamos e que eu disse alguns para você aqui. O nosso aluno, pelo retorno que eu tenho, ele sabe lidar muito bem com situações novas que se apresentam no desempenho de suas atividades, às vezes ele é até recusado, veja só, em algumas organizações porque fica com o estigma de crítico: eu acredito que nessa parte de formação geral nós estamos bem. Na parte de domínio de instrumento, de instrumental de trabalho, é que talvez a gente ainda tenha um caminho à ser percorrido: quanto ao instrumental de trabalho nós estamos numa fase de transição com a implantação de um novo currículo e parece-me que esta formação geral foi priorizada com relação à este instrumental: do meu ponto de vista, as duas coisas têm que andar juntas. Ás disciplinas técnicas, vamos dizer assim, reclamam, inclusive

você vai ter oportunidade de entrevistar professores desta área, de um período reduzido em termos de carga horária, instrumental de pesquisa, quando eu digo instrumental, eu digo todo o instrumental, o nosso aluno não se preocupa muito em se instrumentalizar, da pesquisa ele começa perceber a importância disso, quando ele começa fazer monografia, e aí ele vai ter que fazer em um ano e meio a formação dele, que deveria ter sido iniciada logo no primeiro ano. Ás vezes nós levamos os alunos à visitar a biblioteca no primeiro dia de aula e você ouve brincadeiras, mas isso é significativo: pô agora que eu pensei que eu fosse jogar, estão me mostrando a biblioteca, instrumentalizar é neste sentido. Instrumental de trabalho nesse sentido, não só instrumental de trabalho de tecnica nas tecnicas de ação, mas técnica de pesquisa. Agora em termos de formação geral, parece-me que os alunos estão conseguindo superar inclusive alguma deficiência técnica através desta formação geral, pela capacidade de lidar com situações novas, é esse o retorno que eu tenho obtido. O curso de especialização, e esse já não entra só graduação. Não, como ela é pensada não, porque inclusive seria uma forma de censura. A única coisa é que às vezes as pessoas, quando eu digo, aí os intelectuais, não percebem que as varias correntes convivem, gosto muito de uma frase do Demerval Saviani, que se referindo à educação coloca que as nossas escolas ainda têm uma mentalidade escolanovista, mas o nosso professor recém formado dentro dessa mentalidade de escolanovista, vai atuar na escola e encontra condições de escola tradicional, é cobrado pelo discurso progressista, então sabe, estamos com uma carência de teoria de longo alcance, carência de utopias, e os nossos alunos deveriam pelo menos receber uma informação bastante múltipla para que eles pudessem conviver com a multiplicidade que eles vão encontrar fora da universidade, conviver bem com a pluralidade dentro da universidade, que às vezes isso não ocorre. Havia, ficam guetos, certos patrulhamentos para saber conviver lá fora com as diversidades, aquilo que eu disse para você: reverter expectativas à nossa universidade está sempre em contato com a população; eu não sabia que a expectativa da população com relação ao profissional de lazer era essa, eu vim saber agora; como então eu estou trabalhando sem saber isto, com profissionais que vão atuar lá; então é fundamental isso. Sem isso não dá, mas agora quanto à maneira de pensar não, eu só tenho à louvar as pessoas que pensam e têm coragem de comunicar o seu pensamento verbalmente ou por escrito; pior são aquelas que se calam e ficam só numa posição defensiva de crítica, não publicam, não participam de congressos e, no entanto, está tudo ruim. Tenho acompanhado, olha eu não tenho nada contra, até a matriz deste trabalho que seria uma visão crítica baseada no materialismo histórico dialético, condiz com a minha visão gramsciniana de mundo, sociedade e educação de homem, agora ela só não pode ser paralizante, ela só não pode parar no discurso, e chamar esse discurso de teoria e aí vai aprofundar ainda mais o preconceito que a área tem da teoria. Deve estar em constante, até se quiser ser coerente mesmo com a dialética, constante processo de retorno com a realidade, volta e repensa novamente, mas eu não tenho, como eu disse para você, nada contra as varias maneiras de pensar desde que elas sejam expressadas e possam ser debatidas, porque é assim que se constrói o conhecimento. Aí sim, sem dúvida o que eu vejo são intelectuais tradicionais mais e intelectuais tentando ser organicamente vinculados, porque no pensamento de Gramsci você tem os tradicionais, você tem os orgânicos que vêem de uma determinada classe não hegemônica e os

organicamente ligados que vêem da classe que é hegemônica e fazem opção pela classe que não é hegemônica. Eu estou vendo isso, falta só que estes intelectuais, estão atuando dentro de uma ação quase que individualizada, estão faltando organismos que congreguem estes intelectuais e que atuem de uma maneira mais organizada, nós temos o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte que luta com dificuldades incríveis para sobreviver e que faz um bom trabalho nesse sentido, mas que é pouco num país de dimensões continentais como o Brasil. Nós temos uma experiência lá no A.B.C. também com o professor Victor Matsudo que, também tem uma organização nesse sentido, mas são poucas as iniciativas, as universidades poderiam ser os grandes centros, nós temos aqui só no estado de São Paulo cinco faculdades públicas de Educação Física, uma na USP, uma na UNICAMP e três na UNESP, mas a gente não percebe uma troca muito constante entre estas cinco faculdades. Então veja, um intelectual orgânico, organicamente ligado atuando fora de uma perspectiva de conjunto, tem o seu trabalho muito descaracterizado e acaba quase se aproximando mesmo ao trabalho do intelectual tradicional. Não, a categoria hegemônica existe sempre, e existe uma luta contra a hegemonica, isto em qualquer setor, na Educação Física não é diferente, eu não saberia dizer para você inclusive, porque o meu contato é muito de umbigo da UNICAMP; eu vou explicar para você, são tantos os problemas que nós temos, ir atrás de recursos, um pouco das minhas característica individuais é não gostar de sair muito também, eu posso dizer que a amostragem que eu tenho, não é muito significativa para eu te dizer qual é o pensamento hegemônico na Educação Física. Eu imagino que, dadas as dimensões numéricas, o número de faculdades de Educação Física que existe no Brasil ou o pensamento hegemônico é o tradicional, e veja bem, é um pensamento hegemônico tradicional que condiz com a necessidade que a própria população busca da Educação Física. Você vê, não é para de espantar que o morador do bairro de Campinas quer um mero instrutor de atividades que funcione quase como um policial na figura da Educação Física. Agora, dentro da UNICAMP, a gente percebe esta luta contra a hegemonia, eu acredito que na USP, na UNESP isso deva ocorrer também, não tenho conhecimento assim mais detalhado, mas na UNICAMP você percebe isto claramente. Eu acho que você tem toda razão dessa sua preocupação, mas veja aqui mesmo na Faculdade, nessa área de saúde estão sendo feitas teses contestando esse tipo de pensamento só para ficar nesse exemplo. Como já foram feitas na área de lazer e na área de educação motora teses contestando, e dá para você perceber esta luta contra a hegemonia na visão de Gramsci, mas só desarticulada de um projeto nacional que na perspectiva de Gramsci era fundamental. Olha, eu não tenho de uma maneira quase que espontânea, porque uma coisa está mesmo ligada à outra, eu não tenho nenhum problema em cumprir exigências estatutárias, pelo contrário, outro dia eu fui fazer a soma, até eu falei para você, fui somar os pontos para ver se eu poderia pedir a aposentadoria e está sobrando pontos. Mas sobra mesmo e lá está bem balanceado pesquisa, ensino e extensão. A grande dificuldade, como eu já disse, anteriormente, na área que eu trabalho aqui na Faculdade, de estudos do lazer, e com a extensão, nós deveríamos já ter iniciado um trabalho sério de extensão vinculado ao ensino e pesquisa, e que não se restringisse só à escola de extensão ou só à palestra de acessoria, mas um trabalho mesmo junto à população, sem com caráter assistencialista, sem que a população sirva de cobaia às pesquisas também, mas um trabalho onde pudesse integrar esse tripé ensino, pesquisa e extensão. Acredito

que a dificuldade maior aí esteja no número de alunos, o departamento vem discutindo e isso aliás é o tema da próxima reunião de departamento, mas na última reunião eu me posicionava sem que haja um paralelismo entre a discussão da graduação e da extensão, nós não vamos chegar à conclusão nenhuma, porque o trabalho de extensão é baseado fundamentalmente na graduação porque os alunos da pós-graduação estão muito envolvidos com a pesquisa e você pode vincular pesquisa com extensão. Também, mas em menor grau, do que você vincular pesquisa, ensino e extensão. Então, a grande dificuldade que eu vejo aqui no meu trabalho é essa; a gente procura amenizar enquanto não se tem um projeto comum, através de projetos individuais como esse de a própria pesquisa já ser uma extensão, a pesquisa que eu acabei de relatar para você agora, só nesta pesquisa foram feitos sete seminários nos bairros, na prefeitura, na UNICAMP. Mas é muito pouco. Eu não diria a Faculdade de Educação Física da UNICAMP, eu não sei como as outras modalidades estão dentro especificamente da vinculação desse tripé. Eu diria que em estudos do lazer, sem dúvida encontra bastante dificuldade e, do meu ponto de vista, a maior dificuldade é a quase que especialização precoce dos nossos alunos de graduação. Olha, eu acredito que dá para driblar o sistema universitário da forma como ele é em sala de aula, em trabalho de extensão, em pesquisa basta ter competência, vontade política e material humano; competência e vontade política parece que existe na área, onde eu trabalho o que está faltando é gente, nós temos muito pouca gente na graduação com estudos do lazer. Por uma série de fatores que eu já tinha colocado para você anteriormente do novo currículo, é uma área nova, para que você tivesse trinta alunos em cada modalidade, digamos assim, no terceiro ano; seria necessário que entrasse mais de cem alunos no primeiro ano porque você tem uma quebra de 20% mais e quando chega-se no terceiro ano, você teria aí noventa alunos, trinta em cada modalidade. Acontece que entram menos de cinqüenta geralmente na casa de trinta, então este ano pelos cálculos que eu estou informando, nós vamos ter no final do ano de seis a sete formandos. Está é a primeira turma do novo currículo, seis - sete formados na Faculdade do novo currículo, vai ter mais do antigo, pessoas que deixam créditos para cumprir. Seis - sete formados divididos por três modalidades, aquelas que têm menos tradição, como é o caso de Recreação e Lazer nós vamos ter um aluno formado. A minha orientanda, a Patrícia, está fazendo uma tese muito bonita, muito antes de ter virado moda, deu uma sorte incrível; agora eu me trai, está fazendo uma tese muito bonita, olha a especialização precoce, ela esta fazendo um trabalho em iniciação científica e eu já chamei de tese, mas é que eu posso dar tanta atenção para ela, praticamente eu dou aula particular para a Patrícia. É o que eu disse antes, os nossos alunos de graduação são em menor quantidade e têm mais professores disponíveis para orientá-los e para orientar para a graduação, você não precisa ter doutorado e então o número de professores fica maior. Se você somar mestrado, especialização e doutorado na Faculdade, eu não tenho certeza do que eu vou afirmar mas, provavelmente vai dar mais alunos do que na graduação. E em trabalho de extensão, pode ser que eu esteja errado, daria ao ensino porque como é que eu vou fazer uma programação para atender a população em geral com um número reduzido de alunos. Mas eu acho que está caminhando, muito devagar, passos de tartaruga mesmo. Eu parto do seguinte princípio, se nós avaliamos, nós temos que estar preparados e aceitar a avaliação. Só que eu tenho algumas idéias sobre a avaliação que eu procuro desenvolver

com os meus alunos, por exemplo. Eu nunca inicio um processo com os meus alunos sem discutir com eles no início o processo de avaliação e, o que ocorreu este semestre na Faculdade Educação Física foi que as discussões de avaliação se estenderam até o final do semestre e o instrumento de avaliação ficou pronto quando o processo de ensino aprendizagem já havia completado o semestre. No meu ponto de vista isto é totalmente anti-pedagógico, porque inclusive pode justificar o fato do docente realizar a avaliação também sem a discussão do processo que é inadimissível. Outra coisa, a avaliação deveria ter além da perspectiva individual da relação docente - discente, para que o docente corrija o seu trabalho, dê novos caminhos, rumos, ela deveria ter uma característica de traçar mais ou menos um mapa geral. Por exemplo, eu não vejo um organismo dentro da Faculdade de Educação Física que dê conta a partir do instrumento de avaliação em vigor, traçar esse mapa geral porque esses dados precisariam ser tabulados, interpretados e retornados; só teria valor se eles retornassem dentro de uma perspectiva geral, porque que a avaliação individual nada melhor do que ela ocorrer dentro da própria sala de aula no tete-a-tete. Nós tivemos uma experiência muito rica no final do ano passado, que foi o primeiro ano que a modalidade extensão e lazer funcionou, que foi o seminário de avaliação. Mas foi a primeira vez que isso ocorreu e algumas pessoas ainda se sentem melindradas, não percebem que o que está sendo avaliado é um profissional e não uma pessoa, e então a gente teve alguns tipos de comportamento não muito aceitáveis, ela foi até surpreendentemente boa enquanto experiência por ser a primeira, nós tivemos poucos problemas, rebarbas, digamos assim. Agora, há muitas dificuldades de encaminhar soluções dos problemas levantados, porque aí extrapola o nível departamental. Posso, posso, posso colocar, problemas de disciplinas, de conteúdos programáticos, problemas de alocação de disciplinas em determinado período do curso, problemas de estágio, há problemas que nem a própria unidade consegue resolver internamente, ela tem que usar a sua força política, porque são problemas de universidade, problemas das eletivas, por exemplo, nosso aluno tem uma carga de eletivas que por nós estarmos preocupados com a formação geral, ele deveria fazer essas eletivas de preferência fora, em outras unidades. Acontece que as vagas primeiras são da unidade, então os nossos alunos só podem fazer se sobram vagas, quando para eles não é uma recomendação da nossa formação ou do perfil que a gente está procurando para nosso profissional, nosso aluno, que ele faça estas disciplinas fora. Então tem problemas muito sérios que não podem ser assim encaminhados. Para você ter uma idéia, a reunião foi no final do ano passado e o departamento ainda está desenvolvendo esforços no sentido de encaminhamento de alguns itens. E tem outra coisa também, o nosso departamento tem problemas como todo departamento tem, o nosso curso tem problemas como todo curso tem, mas tem uma grande vantagem que é muito aberto às colocações que são feitas e isso às vezes se comparados à lugares não muito aberto pode parecer bagunça, entendeu? Mas efetivamente não é, então nós conseguimos a alteração de emendas, nós conseguimos a alteração de programas, a alteração de professores. Chegou sim, por isso que do meu ponto de vista esse tipo de reunião, é muito mais interessante do que preencher um instrumento qualquer avaliação. Olha eu devo ter lá no departamento, na secretaria o programa do seminário, eu posso ter te passar umas inclusive questões que você colocou aqui para mim aqui na entrevista, foram os objetos de debates nossos. Nós discutimos a questão da

extensão, da monografia, do entrosamento com as outras modalidades do currículo, nós discutimos conteúdo programático estratégico, disciplina por disciplina e o nosso corpo docente participou junto com o corpo discente desde a organização dos trabalhos. Se você quiser eu posso ver se tem uma cópia lá. Para mim é muito mais válido este tipo de coisa do que aquele quantitativo, e às vezes tem até algumas coisas qualitativas mas que não vão poder ser trabalhadas quantitativamente e aí elas perdem o sentido; é o que eu falei para você, que eu saiba, nós aqui não temos um organismo que possa trabalhar esses dados para nós, dar uma fotografia geral, de quanto andamos, ao passo que você participando de um seminário como nós fizemos no final do ano passado, você tem a exata medida da sua cara, enquanto grupo, algumas pessoas até podem rejeitar essa cara, mas é a cara enquanto grupo, e aí, vem os pequenos problemas, acredito que tivemos pequeno número de problemas pela primeira vez que isso ocorreu. E o corpo discente encarou o seminário de avaliação com uma seriedade que superou qualquer expectativa que nós tivéssemos; foram dois dias em período integral que nós paramos para analisar o curso, e começando mesmo de manhãzinha indo até o final da tarde, e os alunos e os professores, evidentemente, se prepararam para participar, não chegaram lá simplesmente com as línguas aguçadas, afiadas para falar mal ou então com o coração inervado para fazer laudatória do curso; as pessoas se prepararam tematicamente inclusive e o resultado foi muito bom, só que o encaminhamento das soluções ainda está em processo, ainda não conseguimos incrementar tudo o que foi discutido lá. Posso dar um depoimento final? Foi um prazer, foi muito gostoso. Esse tipo de entrevista é muito interessante porque da para a gente; é o momento da gente parar para sistematizar o que a gente pensa a respeito do que vive no dia a dia. Espero que você faça um bom trabalho".

DEPOIMENTO Nº 15

"A minha entrada para Educação Física foi quase que ao acaso, eu estava fazendo carreira na industria, inclusive fazendo o curso de Administração de Empresa. Aí que meu pai adoeceu eu peguei e deixei tudo em São Paulo. Fiquei lá uns meses com eles antes do falecimento e durante o processo depois do falecimento, processo do inventário, essas coisas. Criaram o curso de Educação Física gratuito, como o ambiente era aquele ambiente mais gostoso do que a gente podia querer principalmente na idade que tinha na ocasião eu acabei entrando no curso, não tinha problema de desenvolvimento motor nenhum, porque também acho o fato de ser criado em fazenda no ambiente bem livre espaço suficiente, toda liberdade de movimento tinha dado essa condição, não tive problema com vestibular prático sem muito treinamento, sem preparação em vencer e no teórico, então a coisa ficou mais fácil, porque realmente era um exame bem simples. Então comecei o curso em Tatuí e não tive nenhuma dificuldade no desenvolvimento do curso, talvez cinesiologia era a coisa que mais me pertubava, mas o restante das disciplinas não houve nenhuma dificuldade, terminei muito bem o curso e logo em seguida que eu terminei o curso, terminei no final de 73, no começo de 74 fiz o concurso no Rio e fui aprovado, e ingressei no magistério no Estado da Guanabara. Depois mais a formação e a motivação, a sensação de realização, a sensação de crescimento pessoal aconteceu durante o curso de Educação Física, eu acho que o corpo docente da Faculdade de Educação Física de Tatuí, era alguma coisa também bastante especial. Naquela ocasião o Professor Nelson de Barros, Pedro Toledo, Medalha o Maurício Machado o Edison ou professor de ginástica Professor Nelson Sanches, excelente pessoa, excelente professor, profissional. A professora Mara Barros, eu sei a parte da Educação era uma das pessoas excelentes, em termos de formação a Professora Neide Orsi, lá de Tatuí, pedagoga formada na Faculdade de Educação de Sorocaba, então era um grupo realmente muito bom. A prática de ensino, a parte de estágio a escola realizou durante esses 3 anos, diversos cursos, inclusive internacionais. Esteve em Tatuí o Professor, aquele francês, então foi ambiente assim de motivação. Muitos programas extras curriculares na escola e tal. Eu acredito que em termos de formação específica Educação Física, foi muito bom. O Professor que dava Fisiologia do Exercício, nossa um conteúdo super atualizado, naquela ocasião aulas de Anatomia e Fisiologia, realmente, era médico de formação, mas acho que talvez um dos primeiros que fez fisiologistas a trabalhar com fisiologia de exercício. Nem sei hoje onde é que ele está. Nunca mais ouvi falar dele, não sei se ele deixou a área ou mudou de profissão. Alguma coisa, mas ele na ocasião ele trabalhava próximo com que, cooper, método cooper e Cláudio Coutinho. Com essa turma então realmente foi bom o curso em turmas de formação que aliás no conteúdo de certa maneira em todo meu trabalho profissional em Educação Física, utilizei, tive esses conceitos de aeróbica, anaeróbico, ciclo de Krebs, até isso eu fazia de referências para as crianças nas escolas de primeiro e segundo graus. No outro período, mais diretamente inclusive elaborei textos para distribuir para os alunos, práticas desportivas que eu trabalhei em São Carlos e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Então acho que esse conteúdo, em termos de conteúdo, essa parte de fisiologia em termos de metodologia, muito do Medalha na disciplina de basquete e a de ginástica

do Nelson Sanches, na cadeira de atividade ginástica, numa maneira geral, então em termos de formação, ela foi uma formação competente. Em termos de te dar uma bagagem teórica para você desenvolver motivadora ela no processo de formação, valorizava demais o profissional de Educação Física. Ela mostrava a importância da atividade no meio social, então, ela eu acho que foi realmente uma. Eu saí da escola a todo vapor com a maior disposição de trabalhar, de enfrentar certo da importância do trabalho, que estava fazendo tal. Isto dá para perceber na vida particular, eu estava desenvolvimento atividades bem remuneradas na Ford do Brasil, Ford Motor do Brasil, mas psicologicamente inseguro, porque poxa, não cabia na minha cabeça passar o resto da vida fazendo aquele tipo de trabalho que eu estava fazendo. Então casamento, qualquer compromisso mais definitivo não tinha espaço na minha vida. E quando comecei na Educação Física, essa perspectiva de ter que fazer no futuro ela realmente suavisou muito e eu me equilibrei psicologicamente e me desenvolvi muito, porque essa limitação, de certa maneira esse medo do que fazer no futuro, de ter que continuar que fazer aquele trabalho contra gosto no futuro desapareceu. Então acho que tomei nessa escolha embora muito casual, eu me acertei em termos de decisão, aqui uma formação que embora bem prática, bem metodológico. Bem receita de bolo para você desenvolver abrangia os três aspectos, você tinha a parte de treinamento esportivo. É desenvolvido inclusive pelos próprios professores das disciplina você, tinha parte de recreação e lazer também bastante integrada diante das disciplinas de ginástica um, dois, três e quatro, e incluído ali, tinha inclusive um professor de recreação. Uma disciplina de recreação também na parte escolar e também uma formação de didática e de psicologia da educação bastante boa, então você percebe qual é o curso, 1.800 horas não, a minha tinha 2.100 horas, ele abrangia esses três aspectos básicos de Educação Física Escolar, treinamento esportivo e recreação e lazer, mais recreação, mais essa termologia, lazer inclusive praticamente não existia. Naquela ocasião, então a questão dos atletas, não em termos eu nunca senti isso. Entendeu eu realmente nunca senti isso. É quase como um aspecto negativo de você valorizar a competição, não realmente, a valorização acontecia. A valorização de medalha olímpica, participação dos jogos, a expectativa de medalha, resultado, mas não era diretamente, em contra posição ao valor humano do atleta. Embora sem dúvida por falta de conhecimento, por falta técnica, você tenha em muitos casos sacrificado o atleta, até em termos de causar lesões físicas, etc. Mas era realmente uma coisa, falta de fundamentação teórica, falta de competência no trabalho do que uma falta de humanismo no processo, uma vitória a qualquer custo em termos de formação. Já se questionava muito esse aspecto que se valoriza muito o fair-play. Essas coisas. Lógico que a gente percebe, hoje que o contexto era meio fora de prumo, a dualidade do corpo de corpo e mente nunca se questionou assim de uma maneira mais concreta, embora sempre dissesse que Educação Física era Educação, mas Educação passava assim de uma maneira despercebida agora quando se questiona o que é educação é a coisa já ficava meio sem resposta mas de qualquer maneira em termos de formação eu acho que foi muito feliz e sem o cúrriculo tinha deficiência sem dúvida nenhuma em termos de principalmente de uma fundamentação mais teórica, porque das coisas, tinha um corpo docente bastante competente, então a coisa essa participação dos professores diminuíam a parte negativa ou defeituosa do currículo. É que não tinha muitas opções, então aí depois que eu ingressei no magistério no Rio de Janeiro, antigo

Estado da Guanabara, recém saído da escola, já como professor, efetivo lá trabalhando na escola pública, na escola privada, eu só tive boas recordações daquele período, acho que fiz um excelente trabalho como professor, de 5ª séries inclusive, agora os professores questionam o problema de seu programa, repetido 1ª,2ª,3ª,4ª série tudo a mesma coisa é o problema de você teorizar em cima da Educação Física. Como você vai passar a teoria, que tipo de conhecimento você passa. Naquele tempo o conceitos aeróbicos e anaeróbicos, de desenvolvimentos já passava para as crianças, inclusive me lembro que dava uma unidades de atividades gerais, praticamente só com atividades de grupos, ginástica natural, recreação, jogos, dois meses a pessoa se integrava até jogos de identificação de nomes, porque eram 50 crianças no grupo. Então 3, 4 semanas a problemática que eu coloca para eles que todo mundo ia saber o nome de todo mundo então fazia jogos para que eles, quantos nomes você consegue identificar aqui na classe. Então quem soubesse maior número de nomes era o vencedor do jogo, então ia criando esse tipo de atividade, de ambiente e depois além do nome tinha que saber a data de aniversário do colega, e com isso criava realmente uma necessidade de um ficar conversando com o outro, perguntando para o outro, então foi um dois meses nessa base. Aí dois meses de ginástica de solo, atividade mais livre porque eu tinha 3 aulas por semana, uma aula da semana então eu usava o ginásio porque era turma feminina que ia para o ginásio. Nas outras duas aulas eu usava então essas duas aulas fazia ginástica de solo, e na aula fora eu fazia atividade livre, no espaço grande que a escola dispunha. Então parte de ginástica de solo eu desenvolvia realmente solo, então era realmente com plinto, então era um trabalho de iniciação bastante interessante, com as crianças que eles gostavam bastante. Aí eu dava também handebol, vôlei, basquete no segundo semestre. Então unidades de vôlei, basquete no segundo semestre para 50 crianças com pouco material, mas consegui, inclusive fazer time depois de 3, 4 anos competiram vários jogos estudantis no Rio de Janeiro, representando a escola com boa classificação, em handebol e vôlei. Então eu acho que o trabalho de primeira série, trabalho de magistério de primeiro grau, para mim foi um trabalho muito excelente. Aí em 75 eu ingressei para federal fluminense, na prática esportiva trabalhava com o Professor Alfredo Faria Júnior, também acho uma pessoa que deve ser mencionada, porque também com ele iniciei um outro processo de formação, mas continuei trabalhando na Prefeitura. Aí deixei a escola particular, fiquei na universidade, aí três vezes por semana trabalhava na Prefeitura do Rio de Janeiro. Então do primeiro grau o Professor Alfredo que mais marcou naquela ocasião foi a necessidade de fundamentação científica do trabalho. Então, aí que o primeiro curso de metodologia científica que a gente fez foi com o Professor Alfredo, que distribuía textos para os professores de Educação Física da universidade. Aos sábados de manhã reunia o pessoal das 08:30 às 11:30 para fazer o seminário sobre aqueles textos de metodologia. Era um milagre o que ele conseguia naquela situação, mas ele realmente deu um bom início desse processo inclusive iniciando projeto de pesquisa simples, mas os professores todos começaram a trabalhar em termos de projeto de pesquisa, avaliação da capacidade de aptidão física dos alunos. Então você fazia a avaliação, tirava a média do trabalho de estatística simples, mas sem dúvida o bastante significativos nesse processo de iniciação. Por exemplo, os critérios de aplicação de testes, a uniformidade na aplicação desses testes, como é que você tinha que fazer

para validar os testes: temperatura do ambiente, ventilação, horário né, tudo essas variáveis já começava a colocar para que a gente percebesse e ponderasse na hora de analisar os resultados. Então foi trabalho bastante interessante iniciado com o Professor Alfredo. Isso foi 75 e 77, não só eu mas todo grupo de professores, 23 professores, mais ou menos ou 26 estavam preocupados. Então com o problema da titulação em 77 eu mais um outro professor fomos aprovados no curso de mestrado em Educação, Administração de Sistemas Educacionais da Universidade Federal Fluminense, então iniciamos já um curso de mestrado, isso em 77 acho que o único formado em Educação Física, em titulação formal era o Professor Alfredo que tinha terminado em 72 o mestrado na PUC. Lá no Rio de Janeiro não tinha mais ninguém, então eu e o Professor Waldir iniciamos o programa de mestrado em 77. Em 77-78. Waldir Luís de Castro, deu aula na Federal de Fluminense. Aí fui para os Estados Unidos fazer mestrado em 79 quando estava para fazer a tese em Administração de Sistemas Educacionais, já havia terminado os créditos, saiu uma oportunidade de bolsa para os Estados Unidos, a gente viajou para os Estados Unidos para o mestrado e acabamos ficando para o doutorado, em 75. Em começo de 83 voltei com doutorado dos Estados Unidos para a Universidade do Rio de Janeiro mesmo, Universidade Federal Fluminense. A tese de dissertação de doutorado foi em cima das atitudes dos diretores das escolas de 1º grau em relação à Educação Física e uma variação das condições das escolas para desenvolver esta prática. A idéia básica era esta e se o diretor tivesse uma atitude favorável, certamente a escola teria mais condições de trabalhar, mas isso realmente não aconteceu a justificativa talvez não interesse muito, mas de qualquer maneira o que ficou claro na tese foi que os diretores em termos de atitude, tinha uma atitude favorável positiva em relação da necessidade da Educação Física no primeiro grau e em termos de ação a coisa não acontecia naquela proporção, ou seja, essa atitude não afetava, não implicava numa ação administrativa mais em termos de solucionar os problemas da Educação Física e as respostas de certa maneira manteve coerência porque a administração dos sistemas de ensino realmente não da espaço para o diretor agir é uma centralização do sistema de ensino naquela ocasião mais do que hoje ainda, não permitia uma ação do diretor com relação aonde direcionar a administração dele para o lado que interessasse mais ou menos na área. Esse trabalho acabou ficando meio sem publicação, sem comentário porque quando eu voltei na Federal Fluminense eu achei complicado continuar trabalhando, voltando a prática esportiva que já estava bastante complicada. Aí eu procurei emprego em outros locais que também a situação da família no Rio de Janeiro não se deu muito bem, eu tentei acabei vindo para São Carlos, continuei na prática esportiva, mas lá em São Carlos com uma condição de trabalho bem melhor e os recursos da universidade excelentes, então desenvolvi também um ano de trabalho bastante interessante. Uma coisa que eu cito sempre nessa vinda para São Carlos é o seguinte: eu fiz o concurso fui aprovado pela banca, depois que eu fui aprovado pela banca, eu tive que passar por uma segunda banca composta pelos alunos da Associação Atlética da Universidade de São Carlos e o problema deles era saber se eu tinha competência para ser técnico de basquete de handebol da equipe de lá. Eu justifiquei, falei da minha pouca experiência em termos de técnico, mas que eu trabalhava como professor de prática esportiva de basquete e handebol lá na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Eu trabalhei de técnico da equipe feminina de basquete de Tatuí, durante 6 meses e depois daí fui

para o Rio de Janeiro, deixei a equipe, a equipe sumiu, desapareceu, não tinha uma estrutura muito boa. E comecei a questionar com eles o porque que eles estavam me entrevistando né. Vocês costumam a fazer isto com professores de outras áreas? de outros Departamentos? Não, então porque Educação Física, vocês acham que vocês tem o direito, vim aqui e. Eu acho muito importante que os alunos venham participar. Porque só em Educação Física, e não em matemática, Biologia. Aí eu comecei a questionar a banca de alunos, dizendo: olha, vocês conhecem o decreto lei 477. é conheço tal. Você veja bem, ao mesmo tempo que a Universidade ou o governo tirou a autonomia de professores e de alunos na Universidade através do Decreto 477. A universidade e o governo abriu a possibilidade de participação dos alunos em Educação Física, isso significa que no ponto de vista de vocês? uma valorização da Educação Física ou o meio de enganar os alunos com uma pseudo-participação na administração da Universidade. Como que vocês percebem essa situação? Não, mas a gente interessa essa participação. Então tudo bem, eu acho muito importante; agora vocês não podem ficar simplesmente preocupados com a organização dos times da Universidade e esquecer do resto que está acontecendo na Universidade. Isto foi em 84. Particularmente na Universidade Federal de São Carlos, onde o movimento estudantil era um movimento bastante politizado, e, então aqui a gente começa a perceber também um dos elementos de abuso e uso da Educação Física, como um paliativo para diminuir e canalizar essa energia, essas necessidades dos alunos na universidade que aliás, não foi só no decreto de 69450 de 71, obrigou a Educação Física na Universidade, se for realmente observado que os interesses deles não era simplesmente em termos de saúde e desenvolvimento esportivo, algumas características que a gente pode fazer um estudo mais detalhado realmente identifica, com esta preocupação deles, fazer uma participação numa área que não seja muito importante para tirar de outras áreas que incomodava mais a administração universitária. Então essa passagem por São Carlos valeu, depois do trabalho de organização do UFISCAR depois de diversos, diversos problemas sérios, alunos me enfrentaram aí, queria dominar a competição e eu interferindo por uma parte mais técnica dando pra eles um outro espaço. Eu sei que foi bastante tumultuada em São Carlos, mas de certa maneira a gente proporcionalmente mesmo, mostrou que não é uma área de leigos, a Educação Física na Universidade é preciso que se tenha realmente pessoas profissionais, que assuma o compromisso e presta serviço à Universidade, coisa que não estava sendo feito lá mesmo considerando que os professores eram o Professor Nelson Prudente, Professor Zuim, com bastante experiência em trabalho significativo lá, mas no conjunto o entendimento dos "porquês" da Educação Física nas universidades não, não estava muito claro para eles. De lá, eu também nã sabia que existia Rio Claro, sabia que existia cidade de Rio Claro. Conheci Rio Claro através de que, através de um colega que tinha estudado aqui no Koelle, mas tinha outra, e também ainda através dos seus cursos de ambiente natural que através de um colega de Tatuí que fez o curso aqui, mas não sabia da Educação Física até quando estava morando em Rio Claro, em São Carlos. Mas, o Professor Walter Gama fazia o mestrado, estava começando o mestrado em Educação em São Carlos. O professor Walter Gama e o professor Glauco, e como eles estavam lá, um dia eu estava conversando com o Zuim, o Zuim conhecia o Walter. E aí, esse é o professor que chegou agora que trabalha aqui na federal e tal, doutor em Educação Física. Aí o Walter conversou acho que o professor

Walter, Amilton e ou, uns dias depois o professor Amilton foi lá, em São Carlos fazer visitas das instalações, conhecer lá, porque ia começar aqui, ia construir acho isso daqui, e conversou comigo - Se quiser ir vai na cidade de Rio Claro e tal. Puxa escola de Educação Física? Olha é. Tá começando, tá começando? Então eu falei - Então acho que eu vou dar uma chegada lá. E vim conversei com o Professor Amilton - Olha me interessa porque eu sou doutor em Educação Física quero entrar na área de pesquisa, fazer um trabalho mais sério, acho que a Educação Física está precisando, etc e tal, eu estou interessado nisso. Ah! Então está bem. Aí eu deixei mais ou menos certo, acho que foi janeiro, fevereiro, não lembro muito bem, só sei que março, 4 de março, acho que vocês participaram de uma reunião que eles me apresentou aí para uns alunos. Foi a primeira aula do mês, da tua turma. Já sua turma. Tinha turma do primeiro. Só se a tua turma não estava, eu não me lembro direito, que o primeiro contato que eu tive com os alunos eu acho que tenho certeza que inclusive alguns alunos da turma do Barella, já fizeram algumas questões, perguntaram alguma coisa para mim, né, naquele dia e eu também disse alguma coisa sobre minha situação. Mas logo em seguida eu comecei dar aula, e acho que comecei a dar aula com a sua turma de fundamentos um programa assim bem subdividido, depois eles mudaram, dividiram em duas áreas e tal. Daí eu comecei aqui, ainda o coordenador é era o Professor Medalha. E a estrutura do curso era a estrutura antiga da USP, realmente era uma estrutura em termos de novidades, em relação ao currículo que eu tinha antes feito, antes tinha de fundamento da Educação Física, tinha lá no currículo, e eu não sei se na primeira proposta do currículo, preciso verificar aí, já existia aprendizagem motora, senão era um curso basicamente igual ao modelo antigo da USP. Então quando eu cheguei, a minha preocupação lá nos Estados Unidos já foi muito em torno de preparação profissional, aliás a palavra, a frase preparação profissional pela primeira vez, eu ouvi num curso de preparação profissional que eu fiz lá, eu fiz uma disciplina que chamava preparação profissional, acho que era preparação profissional em Educação Física nos Estados Unidos. Então dava todo um histórico do primeiro curso, os primeiros currículos as áreas de especialização mais em, em Saúde. Então, é foi lá então que eu comecei a fazer essa relação de preparação profissional em Educação Física, e quando eu cheguei aqui, essa idéia de que você tinha que ter uma teórica que sustentasse sua prática já estava mais ou menos clara para mim né, era uma proposta, e aí então, como o conselho, como a comissão central de graduação não tinha aprovado nosso currículo por algumas questões que eu já não me lembro mais qual era, falta de uma coerência entre as suas disciplinas e não sei que qual foi os objetivos que colocaram, o Professor Amilton passou para mim a responsabilidade de atender as exigências da câmara central de graduação. Eu, por conta aí, e da parte, da parte administrativa em relação ao currículo. O Professor Amilton deu uma deslanchada porque, quero dizer, não escreva aí assim que nós vamos construir, que nós vamos fazer, que o laboratório tá saindo, que a verba já está chegando que até o ano que vem a gente deixa a prefeitura e vem para cá, porque vai ter instalação. Então essa parte ele resolveu tranqüilamente muito bem, aí na estruturação do currículo, então a gente começou a pensar nas áreas de estudos, crescimento e desenvolvimento, porque inclusive lá, tinha um departamento só de graduação, da fisiologia, da psicologia, de crescimento, crescimento e desenvolvimento humano, e eu tive também algum contato com pessoa dessa área, dessa área

depois dessa área aí é uma área que tem que ter uma preparação em Educação Física e colocamos então crescimento e desenvolvimento, a idéia naquela primeira proposta já era tornar as disciplinas: basquete, vôlei, handebol, optativas para os alunos, deixar só em termos de aprofundamento do conhecimento, eliminar o curso técnico incorporar o curso técnico dentro do curso de licenciatura, aliás a gente já tinha idéia do curso de bacharelado, só que por orientação aqui do, inclusive do Vail, não, a lei não permite, a legislação da Educação Física é essa, e vocês não tem cursos de bacharelado então não, então aí a gente não encaminhou naquela ocasião a proposta do curso de bacharelado porque não ia ser aprovado na UNESP, porque a legislação federal não permitia e então reestruturamos, conversamos com Lorenzetto, a Ana Maria participou duma, um dia que ela veio aí também, então nós conversamos sobre carga horária, disciplinas, sobre as disciplinas da aprendizagem motora e mais algumas mais alguns comentários, só sei que numa reunião dessas, dessa primeira reestruturação a Ana Maria também participou e, por sugestão do professor Lorenzetto, incluindo capoeira que na minha, na minha proposta não tinha, enfim a gente fez aquela reestruturação. A primeiro porque quando a gente chegou não tinha, não estava aprovado a proposta de currículo e o conselho, a câmara central de graduação tinha feito essas exigências né, e segundo, porque realmente a gente queria fazer alguma coisa concreta para, pôxa um curso que está começando agora em Educação Física, realmente tem que ser um pouco diferente dos outros. Teórica e, a idéia básica foi essa, o profissional no mercado de trabalho tem que ser competente, ele tem que realmente ter um suporte teórico que dê a ele voz no mercado de trabalho, que alguém venha e pergunte pro cara, se o que está fazendo, porque que está fazendo, ou como alguém deve agir em determinadas situações e ele tenha as respostas para isso, que, na minha maneira de entender o cara tem que ser competente, ele tem que saber das coisas, porque senão tinha aquele problema, aquilo lá, o professor vai dar competição para criança, não pode dar competição para criança. Porque quando não pode dar competição para criança, se você organizar, se você for, souber como tratar criança, como utilizar a competição no, em termo de motivação da criança, satisfazer os interesses da criança em termos de competição, a competição é prejudicial se você treinar criança como se treina adulto. Então o camarada tem que saber disso, e a preocupação é então reunir as disciplinas que na nossa idéia desse, essa passasse o conhecimento para o professor e que ele fosse para o mercado de trabalho sabendo o que estava fazendo, isto implicou naquela carga horária gigantesca de 3.310 horas que acabou sendo, porque nós não conseguimos a, que as disciplinas fossem optativas né, no nível de aprovação que as coisas seria muito difíceis, então acabamos obrigamos todos os alunos a fazerem todos os cursos, de todas as modalidades esportivas, porque era mais fácil você conseguir aprovação do que você limitar, explicar direito, então fundamentalmente, a proposta do currículo objetivava o perfil do profissional competente para o mercado de trabalho, como esse mercado de trabalho não podia ser mais específico, parecido, mais específico na proposta de currículo, tendo em vista a legislação existente de licenciatura, etc. O currículo teve que se ampliar muito, aliás e o fato de o currículo ter se ampliado muito na minha maneira de entender diminuiu muito a eficiência da proposta em termos de desenvolver o profissional competente. O camarada não pode ser competente em Educação Física infantil e técnico esportivo. Aí esta primeira proposta também não foi aprovada, pela C.C.G porque a gente

tinha incluindo o curso técnico, o diploma ia ser: licenciado em Educação Física e Técnico Desportivo e eles disseram que não podia, porque a legislação dizia que para você ser técnico esportivo, você tinha que fazer 2 cursos a mais nas áreas esportivas para ter o direito. Aí eu fui lá, fizeram uma reunião na assessoria e disseram, olha o nosso curso tem dez vezes mais do que o mínimo que o Conselho está pedindo, porque que eu não posso dar o título, os dois títulos para os alunos com os mesmos diplomas, com o mesmo curso. Ah, porque não pode, porque a legislação não permite, depois não vai ser reconhecido, depois não vai ser registrado, não sei o que, não sei o que. Inclusive eu disse para, dizia para eles que já tinha uma portaria do CND, que dava direito de trabalhar como técnico esportivo, o licenciado em Educação Física ou então no curso técnico de certa maneira está, está desaparecendo, agora eu não quero que nossos alunos embora fazendo um curso desse tinham menor condições no mercado de trabalho do que os outros que fazem um cursinho qualquer, mas de qualquer maneia não aceitou e tivemos que acrescentar além dessas e 3.100 horas, 3.310 horas mais, 240 horas de curso técnico que vai para 3.550 horas mais carga que os cursos de biologias. Mas acabou passando, sem dúvida um currículo diferenciado porque também nessa proposta, estava esquecendo de falar, além da competência do profissional esportivo o trabalho de atendimento a necessidade da área social, nós já, já valorizamos e muito a formação pedagógica, né, então a carga de didática, de psicologia, ela já, algumas disciplinas inclusive na própria área de Educação Física, já eram bastante voltadas para a atividades escolar e, né, naquele primeiro currículo. Aliás esse problema é um problema que continua até hoje, eu acho que naquela ocasião quando a gente encaminhou a proposta de curso, deve ter ofício aí, na secretaria, eu encaminhei um ofício ao Professor Amilton, acho e a mesma cópia para o departamento de Educação dizendo da necessidade de se criar coordenação de um curso, para garantir integração da proposta de currículo e eles disseram que isso era função da câmara de graduação e que a UNESP, não existia figura de conselho de curso, portanto isso não era viável não sei o que, mas acabaram me nomeando uma porcaria lá, e, em como coordenador do curso e porque naquele tempo a gente estava no Departamento de Educação, Educação Física não tinha. Então tentei da melhor maneira, convocar lá a reunião o pessoal para conversar, tal, mas de qualquer maneira foi uma dificuldade muito grande realmente, eu acho que em termos de integração de conteúdo, integração de disciplina, integração de proposta, por exemplo,, definição do perfil do profissional não foi conseguido. Acho que nem hoje, quer ver um exemplo já pulando algum tempo, se você pega os alunos que estão trabalhando com Educação Física de idosos, terceira idade, eu acredito que 80% deles são alunos da licenciatura, é uma proposta que a nossa proposta de currículo é, de certa maneira não admite, tá, porque nós estamos pegando 2 grupos de alunos com os mesmos direitos dizendo para eles. Você pode trabalhar na escola e em qualquer outra área do mercado de trabalho, vocês não podem trabalhar na escola, é o que, o que conscientemente falando a gente tá discriminando um grupo que estão freqüentando um determinado currículo, agora se eu como Coordenador do Curso permito que os alunos da licenciatura façam estágio na sala de musculação, façam trabalhos com idosos, vão trabalhar com os organizadores de equipes aí, e eu não permiti que os alunos do bacharelado vão na escola fazer prática de ensino, ou trabalho escolar, alguma coisa está errada, então eu acho que se eu vou trabalhar para

coordenação de curso nós vamos trabalhar nesse sentido, ou a gente assume que a licenciatura é licenciatura e o bacharelado é bacharelado, ou a gente acaba com a licenciatura ou acaba com o bacharelado, porque do jeito que está não pode continuar é tudo um problema que foge a, é um desenvolvimento, uma implementação que foge a proposta do currículo e que parece tá todo mundo e ninguém tá percebendo isso, certo, está com um nózinho do aluno da licenciatura e deixa ele fazer, não interessa, eu tenho que me comprometer como entidade de formação profissional com a proposta que eu tenho de garantir que o profissional da licenciatura, esse profissional é competente, e o profissional do bacharelado vai ser competente em uma das 3 áreas que o bacharelado permiti aprofundamento de conhecimento e o resto deve ser suplementar. Porque veja bem, eu acho que ninguém é capaz de justificar que a natureza da atividade profissional do técnico de seleção brasileiro de qualquer modalidade é totalmente diferente da natureza da atividade desenvolvida pelo professor de quinta série, então são duas coisas totalmente diferenciadas, inclusive pela experiência anterior aquela proposta de currículo com 3.300 horas. A gente já tinha percebido que mesmo você colocando 3.500 horas, seria injusto você tentar fazer o professor do primeiro e segundo graus competente e técnico da seleção brasileira competente trabalhando e nas faixas intermediárias né, da criação, lazer e a Educação Física Adaptada e outras coisas mais na mesma, no mesmo programa então a gente ficou na dúvida, a proposta do bacharelado só não saiu antes porque a legislação impedia e outra coisa o problema da organização profissional da, da, além da competência, então vou dizer assim da responsabilidade profissional ficava prejudicada porque se você quisesse perante a comunidade se organizar para defender critérios e, ou seja, organizar a sua atividade profissional, tornar identificável pela comunidade um determinado tipo de serviço que você quisesse prestar, você ficaria limitado porque você é licenciado, se você é licenciado você é professor, se você é professor você tem a organização profissional do professor, agora para o clube, se você tem diploma de professor de engenheiro ou de qualquer coisa, ele não tem nenhuma legislação que te impeça de fazer, então isso impedia uma organização profissional. Aí veja bem que antes da legislação nós nos empenhamos, principalmente depois que chegou o Mauro Betti, sem dúvida com uma, com uma visão bastante diferenciada de Educação Física, para você ter uma idéia, eu gostei muito da converso do Mauro Betti, que eu abri mão da minha disciplina que era fundamentos em Educação Física para poder ele ser contratado, porque não existia outra disciplina no currículo que interessasse para ele, claro, se você está realmente interessado em vir, eu deixo essa disciplina, você assume essa disciplina e eu procuro outra e eu fui cuidar da administração, eu procuro outro, e para garantir que você, ele falou. Não se for para trabalhar com fundamentos em Educação Física, eu venho para cá, e eu então vem. Aí porque realmente eu senti que para o departamento, a gente, de certa maneira ficava meio sozinho, não tinha diálogo de, desse tipo de discussão mais geral em termos de currículo em Educação Física ou da própria Educação Física com mais ninguém, né. Depois, um ano e pouco, depois a Ana Maria veio, mas inclusive ela vinha dava aula e ia embora num, num tempo aí que não dava para trocar idéias. Aí quando o Mauro Betti, aí o Eduardo Kokubum também, a gente se empenhou muito, para que o Professor Eduardo, viesse para, porque era outra pessoa que falava mais ou menos a mesma linguagem, então de certa maneira foi eu e o Eduardo e o Mauro que

começamos a botar uma ordem, organizar um pouco as coisas aí, e fizemos essas manifestações para o Conselho Federal de Educação e para aquela comissão lá de reestruturação de currículo da sede, SEED MEC, e antes, eu acho, deve ter sido em 86, começo de 86. Basta ver os arquivos aí, nós encaminhamos a proposta do bacharelado assim: para Conselho Federal de Educação, a idéia, só nós não fizemos o curso de bacharel aqui antes porque a UNESP não, acho que não era, não tinha autonomia suficiente para criar eles já disseram que não seria aprovado mas essa idéia de especificar mais o mercado de trabalho na proposta do currículo já era anterior. Eu ainda estou satisfeito com a nossa proposta, acho que está faltando, o que precisa urgentemente é um trabalho de coordenação de curso, e botar as coisas em ordem, cortar a proposta de currículo que está aí? é em, na direção da proposta de currículo, porque hoje infelizmente não, a gente facilmente constata que a proposta do currículo não está sendo implementada como foi feito né? Então falta, mas existe aqui não, em minha gaveta uma proposta concreta de avaliação desse currículo, consta da avaliação aula por aula, avaliação disciplina por disciplina sobre conteúdo, avaliação dos alunos, avaliação dos professores que desenvolve a disciplina, uma avaliação com os ex-alunos, a idéia ainda é criar, esse ano já não dá mais tempo, até o final do ano, um evento específico de formação do profissional onde os alunos, a gente tá tentando fazer uma mala direta com todos esses ex-alunos e programar então o evento, uma mesa redonda que discuta o currículo, a proposta de formação profissional, feita com a participação dos alunos, e uma conferência, são 2, 2 eventos na conferência, um a discussão do currículo, após a formação curricular, e a outra uma conferência mas cultural, mas ainda voltado para o aspecto da Educação Física na sociedade, quase uma atualização para realmente dar mais sentido, mais formativo para os alunos e nessa ocasião seria formulada a proposta de criação da associações dos ex-alunos, como elemento formal de retroalimentação do próprio currículo, então ser, a idéia seria que esta sucessão dos ex-alunos tivessem participação por exemplo no Conselho de Curso, conselho da coordenação do curso para auxiliando e dando retorno e tal e instituciona esse evento. Então um semestre no ano que você faria simpósio científico e no ano seguinte o evento profissional inclusive para começar a mostrar a diferenças entre uma coisa e outra, porque é que, que a preocupação com o simpósio, é teórica, desenvolvimento teórico do área do conhecimento e futuramente, muito breve possivelmente motricidade humana e a, e o outro evento preocupado com a problemática de formação e preparação profissional do mercado do trabalho, discussão de técnica, de resultado de metodologia, de experiência, definição de espaço de trabalho, legalização de atividades, etc e tal, é dois eventos, tá parado, agora quer saber porque tá parado, porque não foi a idéia minha inclusive quando eu fui na chefia do departamento a pela primeira vez, eu fiquei realmente esgotado, desgastado até de certa maneira. Você acaba se envolvendo de tal maneira, a proposta de certa maneira é muito sua, então qualquer coisa que fuja daquela proposta que você fez, deixa deprimido, angustiado, e a coisa vai por aí, então eu falei. E tinha já uma experiência do Rio de Janeiro porque, para o Professor Alfredo começou um programa de prática esportiva excelente lá, e inclusive com pesquisa, controle de resultados, mostramos para o aluno e tal, preparando os professores, mas aí ele ficou um ano e pouco, um ano mais ou menos, 75, 76, 76 ele foi fazer um doutorado na Bélgica, aí largou na minha mão praticamente a

bomba e foi um desgaste terrível tentar manter aquela proposta, porque implicava em dedicação dos professores e largar o outro emprego para ficar lá o tempo inteiro, ainda de sábado, ainda fazer reunião de noite, né, para discutir estes aspectos e ninguém queria saber, então você tinha que dar a mão em ponta de faca e gritar, esgoelar, ficar bravo com todo mundo para tentar conseguir alguma coisa, porque a proposta era do Alfredo, tá, então quando o Alfredo saiu, a coisa, ninguém se deu conta e aqui eu tentei mudar isso, então quando eu estava na chefia, eles queriam que eu continuasse mais 2 anos, eu falei não, o curso não é meu, o curso deve ser do departamento, ou departamento existe e assumi essa situação ou eu não vou ficar aqui, dizendo que tudo é meu, daí era meu, daí as coisas ia ser do jeito que eu queria que fosse correto. Então eu passei para Dedé, é coisa realmente , embora eu tenho e possa até mostrar para você uma, uma declaração que eu fiz, primeira reunião da instalação do Conselho de Departamento que eu quero reler na próxima terça-feira, que vai ser minha última participação na reunião do Conselho porque eu estou saindo do Conselho também. Sobre as finalidades, os objetivos, as propostas de ação no Departamento de Educação Física, não ficou por nada, então por isso; ah por outra coisa vieram muitos professores sem a titulação e a preocupação básica com a titulação, você não podia limitar a área de interesse do professor em termos de estudos e pesquisas, porque pô, se você dissesse, não essa pesquisa não serve, por isso você terá que fazer outra, aí ele teria que se adaptar o problema de orientador e não tinha condição, então o professor fazia proposta de pesquisa e tocava, isto fez com que, muitos dos professores chegaram simplesmente passavam para os alunos o que eles ouviam nos cursos de mestrado e de doutorado. Eles não queriam saber se o que eles estavam falando para os alunos tinham sentido dentro da proposta de preparação dos alunos, eles elaboraram ou não, era o que eles sabiam e eram o que estavam realmente motivados a falar, então o professor ouvia lá, ouvia um discurso bonito no mestrado, chegava aqui passava para o aluno e isso dificultou no processo de integração, esses processos de coordenação e tal e a coisa ainda continua nessas situações. Hoje nós já temos 80% dos professores com mestrado, então tá na hora de fazer, pegar e fazer esses professores de agora tem uma, faça uma certa reflexão e chega em cima dessa proposta. Ou eles assumem ou perdem tudo esse cargo, né, mas de qualquer maneira não pode escrever uma coisa e fazer outra lá, e eu já fiz essa cópia, logo cedo nos Estados Unidos, porque eu, eu apresentei lá em Hilston essa proposta e a repercussão foi muito boa. Então já estou falando, vou chegar lá, pelo menos os professores da escola quero que discutam essa problemática, então eu fiz, passei para o Lorenzetto, para o Afonso, para o, acho que o Mauro, para o Wilson. Veja bem, em 80 essa discussão já estava muito em voga nos Estados Unidos, só que eu nunca ouvi nos Estados Unidos, a presença da motricidade humana , ver eu via aqui mais inicialmente como psicomotricidade, né, então estão procurando entender direitinho porque para mim também era novo, novidade quando cheguei em 83 dos Estados Unidos, puxa tem alguma coisa aqui que eu não ouvi ainda, tem coisa diferente. Então era psicomotricidade. Depois do contato com o professor, com alguma coisa escrita, não tinha contato com ele ainda, Professor Manuel Sérgio, a idéia me pareceu luminosa para solucionar esse tipo de problema que a gente tá tendo. Eu falei, é isso aí. Então vamos botar a ciência da motricidade humana e como área abrangente ao invés de Educação Física que sempre deu confusão, e é uma confusão

permanente e a gente então vai limitar Educação Física, área escolar e outras áreas, então esporte, dança, recreação, lazer, seria é inclusive a fisioterapia, terapia ocupacional a áreas de aplicação de conhecimento de motricidade humana em termos de atividades profissional. A nossa preocupação básica era com formação profissional por causa dos currículos que a gente estava trabalhando, então antes da proposta ou juntamente com a proposta de reelaboração dos currículos, nós encaminhamos à Reitoria, aliás a direção do IB a criação do instituto de motricidade humana, aqui em Rio Claro. Fomos até São Paulo conversamos com o "seu" Landim que ainda era Vice-Reitor. Estava ingressando, estava quase certo desse reitor, falou não, espera então quando eu for reitor a gente discute o assunto. Aí quando ele começou a ser reitor o Nagle deixou a bomba desse, Bauru, que acabou com a verba da universidade e aí a coisa parou. Mas então essa para mim, a minha maneira de entender hoje é que a área de estudo, a nossa área de estudo, deve ser denominada realmente de ciências de motricidade, então se você conseguir fazer um instituto de motricidade, porque faculdade de motricidade já não daria correto, da mesma coisa que faculdade de Biociências também não daria certo, pela própria organização do sistema universitário. A Faculdade é uma, uma área mais profissional e instituto é uma área mais de pesquisa dentro da universidade. Então seria instituto de motricidade humana dentro desses estudos de motricidade humana, nós teríamos o curso de licenciatura e Educação Física e bacharelado em Educação Física, ou se você quisesse já bacharelado em atividades físicas, bacharelado em condicionamento físico, atividades então essa termologia Educação Física já poderia sair daí, ou atividade bacharelado em exercícios físicos, bacharelados em recreação, lazer, bacharelado em esporte, bacharelado em fisioterapia, bacharelado em dança, então você percebe que é uma área que está relacionada a essa, esse conceito de motricidade humana, que na minha maneira de entender é uma, multidisciplinar, interdisciplinar é um, em termos de natureza do conhecimento específico e possibilita a então, a essa comissão interdisciplinar da Educação Física, ou da atividade física. É o se tornar ciência não seria muita preocupação, seria realmente identificação da área, porque o problema da ciência hoje, já esta uma coisa muito questionado, muito, esse se tornar ciência é ainda muito do positivismo. Eu coloco por aqui, Educação Física como atividade profissional, é essa que a gente está trabalhando em termos de organização do currículo e tal. Agora o que é que esse profissional tem que conhecer, qual é a, o suporte teórico dessa ação, desse profissional, então aí vamos entrar no corpo de conhecimento que algumas áreas identifica como área de disciplinas acadêmicas de Educação Física e conjunto de conhecimento, etc, etc, que no meu ponto de vista é originário dessa área de conhecimento chamada de motricidade humana. Essa área de conhecimento de motricidade humana então no meu ponto de vista, não vou caracterizar já como ciência da motricidade humana, embora eu acredito que dentro desse contexto de ciência moderna que a gente tem hoje, ela possa ser caracterizada dessa maneira, mas eu prefiro que entenda como área de conhecimento, porque tem toda uma natureza inter e intradisciplinar que tenha que ser organizada entendida, porque para você identificar se é ciência ou não é ciência, se você identifica como ciência, você tem que conceituar ciência em função do quê? se é em função da metodologia, do é usado para desenvolver um volume de conhecimento que sustenta aquela atividade profissional, então a motricidade humana para mim no, da maneira como a

gente tá hoje, seria essa área da qual eu retiro o conhecimento que sustenta a atividade profissional em Educação Física, do profissional em esporte do profissional em fisioterapia, do profissional em terapia ocupacional; inclusive fornece também algum tipo de conhecimento ou possibilita o desenvolvimento de algum conhecimento aplicado na medicina, na engenharia, na arquitetura, na biomecânica, etc. Seria como uma área da biologia, uma área de conhecimento de ciências, que fornece conhecimento para diversas atividades para diversos profissionais que prestam serviços à sociedade em diversas áreas, tanto ainda, toda essa posição, agora lógica para você conceituar como ciência, ou você vai ter que entrar numa outra dimensão de Filosofia da Ciência, para definir melhor os conceitos. A USP fez a opção pelo bacharelado e não fez opção pela área de licenciatura, ou seja, acabou com curso a licenciatura em Educação Física na USP. Acho que de certa maneira é uma proposta um pouco radical tendo em vista a realidade do mercado aqui das coisas, mas diferenciada e o que a gente estava realmente precisando em Educação Física é a liberdade para que as pessoas se manifestem cada uma no seu entendimento, e esta proposta de licenciatura leva principalmente a nossa, a um questionamento dos próprios cursos de pedagogia, que é um absurdo você ter aqui na UNESP ter um curso de pedagogia que ainda é uma pedagogia sem corpo né, tendo um Departamento de Educação Física, no Departamento de Pedagogia, um curso de Educação Física, um curso de pedagogia aqui a gente colocou o corpo inteiro. A gente se preocupa com o aspecto holístico, da, embora a tecnologia da Educação Física seja meia capenga, a gente se preocupou com a formação integral, agora o curso de pedagogia continua ainda sem cabeça, aliás sem corpo, sem físico, e eu acho uma falha, mas fica claro que essa problematização do curso de Educação Física levanta diversas questões à respeito da preparação profissional do professor no Brasil, essa questão problemática da preparação profissional dá para ser percebida através dessas nossas propostas do curso de licenciatura e bacharelado em Educação Física. A gente podia começar falando o seguinte, como a Educação Física estava solta no mundo porque é, inclusive aquela colocação que, acho que você deve ter ouvido eu falar, da Educação Física pedagogista, Educação Física higienista, militarista. O que, principalmente aquela posição do Paulo Guiraldelli. Se realmente o professor de Educação Física fosse militarista eu até ficava satisfeito, se ela fosse pedagógica, certo se ela tivesse influenciado ou se preocupados com a educação, meu Deus do céu, já seria uma contribuição excelente, o que eu não consigo é verificar esse conteúdo que a Educação Física tinha, porque a Educação Física já escrevi, eu, 2 ou 3 lugares eram simplesmente vítima do que, do sopro que alguém desse, tá, então pô, não era nada a Educação Física. Toda essa conotação de, de militarismo que me passaram de Educação Física eu tive na, no 1º grau, sem nunca ter ouvido falar de Educação Física, entrar em forma, ordem unida, botar a mão no peito na hora de astiar a bandeira, cantar o hino nacional antes da aula e não sei o que isso para mim era educação que, militarista, sem dúvida influenciada pelas ditaduras que a gente, seguidas que a gente teve. Agora você dizer que Educação Física era militarista, não era mais que obrigação de ser militarista, porque é a única coisa que ela podia ser como todas as outras disciplinas da escola eram, você cantava o hino nacional no, você fazia marcha no ginásio, a mesma coisa fazia os operários nas fábricas em termos de manifestações cívica. Era a ideologia da época. Então estava perdida não tinha

conteúdo e não tinha personalidade, era vítima. Houve nessas primeiras propostas nossas, você veja bem inovação, foi o primeiro curso a colocar metodologia da pesquisa no currículo, foi o primeiro curso a colocar trabalho de formatura, por que? Porque era uma reação a essa situação de coisa, tá a gente, a gente achava que você tinha que fazer uma formação científica do professor. No meu ponto de vista, isso ultrapassou um pouquinho a proposta, foi além do que a gente queria e se confundiu e ainda se confunde hoje muito do aspecto de iniciação científica com formação profissional, eu insisto com os alunos, a nossa preocupação é a formação profissional, não é uma formação acadêmica, tá, para ficar bem caracterizado. Então essa, algumas dessas manifestações do Parecer, colocado no parecer, elas são assim, da minha maneira de entender enfatizar um aspecto para tentar conseguir o mínimo de mudança, né, para enfatizar a mudança que estava se propondo, mais do que realmente uma proposta concreta de execução, né, foi a hora que você queria mudar, você levantou demais um lado, apareceu muito esse aspecto e talvez a interpretação tinha sido muito ao pé da letra das coisas que realmente se pretendia, então eu aqui insisto de que a nossa proposta é preparar esse profissional que tenha consciência da realidade, que tenha, que seja crítico, porque ele tem conteúdo para criticar o conhecimento gerado e colocar da disposição dele em termos de utilização desse conhecimento. Esse profissional através do crítico, não é o profissional que sai aí criticando qualquer coisa, criticando tudo, achando que tá tudo errado, ou coisa parecida, ele tem conhecimento que permita ele ser crítico do, dos outros conhecimentos gerados e colocados a disposição dele em termos de atuação profissional, veja bem, esse é o compromisso do currículo com a formação profissional, agora é lógico que em se tratando de um aluno de formação de terceiro grau, com formação superior o nível intelectual dele é, como cidadão, vamos dizer assim, civil ele tem que ser um cidadão compatível com nível de escolaridade que ele tem, esse nível de escolaridade que ele tem impõe a ele uma participação política, uma participação social na dimensão do nível de escolaridade que ele já recebeu, né, agora eu não misturo muito esta situação com a formação profissional té, porque, veja bem, eu posso ter um aluno muito crítico em termos de civil, de cidadão e incompetente profissionalmente e isso não interessa da mesma maneira que não interessa ter um estudante, um aluno muito competente profissionalmente e incapaz de analisar a realidade da sociedade, mas da mesma maneira que este aluno cursa Educação Física, tem que ser competente, um cidadão competente, em termos civis, sociais o estudante de medicina tem que ter, o estudante de biologia tem que ter, o estudante de engenharia, arquitetura, de pedagogia tem que ter, então esta, este processo de formação, eu particularmente como coordenador do curso de Educação Física, o líder do curso de Educação Física, colocaria numa dimensão maior de responsabilidade da universidade, tá, da congregação do instituto que tem que ter essa consciência de que a universidade tem que preparar cidadão competentes. Você percebeu, você separando um pouco da responsabilidade do currículo, por exemplo, a filosofia que a gente colocou na estrutura do currículo ela tem haver com esse processo de Educação de Terceiro grau, de capacidade, de reflexão que o aluno de formação superior tem que ter, a formação, por exemplo a disciplina de metodologia da pesquisa é também de um caráter de formação geral, muito mais de colocar o aluno de condições de criticar o processo de geração de conhecimento, o que significa, fidedignidade, qualidades em termos de

utilização do conhecimento que lhes chega a mãos, do que formação de pesquisadores, então. Foi uma preparação profissional, realmente do cidadão, é eu acho que o aluno, a formação do aluno, da universidade tem que colocar a pessoa em termos de participação social, realmente de uma maneira consciente do processo que ela está vivenciando, né, ela tem que saber ter consciência dos direitos individuais, dos direitos da sociedade e das obrigações que ela tem em relação a sua sociedade em termos de participação, no participar de uma eleição, saber o jogo político existente né em relação a este, ou aquele partido para tomar uma decisão à esta ou aquela pessoa, ela tem que ter a consciência das dificuldades da sociedade num todo, diferente de classe, diferente de instrução de renda, as oportunidades de educação que é um direito individual, porque que um tem e o outro não tem. Então, este nível de questionamento eu acho que é imprescindível que o aluno universitário tenha, então essa no meu ponto de vista seria aquele que além de engenheiro além de profissional de Educação Física, teria nível universitário, seria competente cidadão, cidadão competente né, porque nós, o que a gente não pode fazer é, você tem um cidadão aliás, eu acho que não poderia ser um cidadão competente se ele não for profissional competente também, ele porque já está falhando como cidadão, entendeu, então a situação é por aí, na minha maneira de entender o currículo antigo não dava esta dimensão de formação universitária para os profissionais da Educação Física, era uma formação quase que colocada a nível de segundo grau, o, eu passei por essa formação com alguma vantagem que já tinha curso de administração de empresa que embora não fosse um curso também voltado para pesquisa, para formação científica, abria um pouco a cabeça em termos de, quando você discutia, planejamento econômico, disciplina de segundo ano de terceiro ano, eu não lembro as discussões eram um, numa dimensão muito mais ampla do que as que você tinha no curso de Educação Física, o curso de Educação Física nunca se discutia problemas sociais, né, a formação era única exclusivamente ali, você discutia e até tinha um conteúdo razoável em termos de educação de primeiro e segundo graus, em termos de metodologia, agora o porque da educação do primeiro grau, a ideologia do sistema educacional atual, nunca ninguém falou isso para gente né, então. Eu acho que primeiro pela própria liberação política que houve, então foi possível você, anteriormente e você, você lembra, você não lembra, mas, a revolução a a primeira coisa que acabou, os decretos foi com os professores de filosofia da USP, os centros de reflexão de pensamentos foi os pontos chaves dessa onda política, onda política autoritária, e com isso acabou mesmo, ramificou e todo mundo falava que precisava e ficava bem quietinho quando menos não falava nada, então os cursos, eles se desenvolveram de uma maneira muito restrita e particularmente da Educação Física, porque já não tinha espaço para esse tipo de questionamento não era considerado, sei lá, não era da nossa competência ficar se preocupando aí, aliás quando você, fazia trabalho de rua de recreio, foi muito, muito utilizada na minha formação você ia trabalhar com os pobres, só, sabe? trazer as crianças, imagine, se eles tinham escola, não tinham escola não interessa mas, eles tinham a hora do recreio com as maiores variedades de atividades você despertava a consciência política daquela participação e as crianças pobres que vinham se divertiam dessa é a gente achava que tava contribuindo enormemente para felicidade deles simplesmente nesse aspecto, né, então, na minha maneira de entender a essa formação de terceiro grau de um modo

geral era muito deficiente no Brasil, justamente por isso não possibilitava o questionamento do sistema eleitoral, o questionamento da representação política, o conceito de democracia que se, que se difundiu muito. Bom, o maior mérito do meu ponto de vista do parecer foi a possibilidade de criação do bacharelado, de, e me parece, mas com a possibilidade do bacharelado nós começamos a questionar a licenciatura e realmente a, o espaço específico da atividade profissional em Educação Física, tá. Eu digo, inclusive nesse papel que a gente tava vestindo uma camisa de força pelos iluminados dos conselhos de educação e não tinha condição de reação, com a nova, a nova legislação a gente deu um grito de independência, porque além da maior flexibilidade na composição do currículo, ou seja, na possibilidade da USP fazer um curso diferente do nosso, a UNICAMP fazer um curso diferente do nosso, o que certamente vai dar uma responsabilidade, vai identificar mais a responsabilidade das instituições nesse processos e dando mais responsabilidade, identificando mais essa responsabilidade, possibilitar mais a cobrança da sociedade em relação o que um está fazendo, e o que a outra tá fazendo, e levou a discussão a nível de todas as escolas de Educação Física, sobre o que é Educação Física, poxa, eu me lembro de participar da discussão na USP, dos diretores de escolas, onde se falava, onde se, onde se comentava, onde se citava a palavra bacharelado, os caras faltavam explodir de raiva, porque imagine tirar educação da Educação Física, o que se quer, pô, eu falei, acho que eu vou ser bandido, porque não vamos ser licenciado? então essa identificação de que só podia ser educador quem tivesse licenciatura, só podia ser professor de Educação Física quem fosse educador, agora você pergunta. O que é educador? Os caras já não sabiam responder né? E ficava naquela discussão, num marasmo, naquela coisa emperrada, eu, para mim, o grande mérito da licenciatura. Do parecer em noção foi essa, de dizer: Olha dentro desse sistema cada um aja conforme a competência da universidade, da instituição achar que tem que caminhar. Um curso de bacharelado em esporte é uma novidade, curso de bacharelado em recreação e lazer, como existe na UNICAMP, na GAMA FILHO, também é uma coisa que na área de Educação Física não se cabia, não, nós estamos perdendo no mercado como se tivesse uma reserva de mercado aí na área, eu acho que vai possibilitar uma, um crescimento bastante grande dentro da área, inclusive essa nova legislação sobre a estrutura do esporte, eu acho também já tem alguma influência dessa, dessa resolução, é uma, uma, talvez seja um excesso de liberalismo, de excesso de mudança, o neoliberalismo que tá vindo nessa legislação, mas de qualquer maneira já começa a permitir uma responsabilidade social na elaboração desses currículos, na elaboração dos eventos, tira pouquinho aquela paternidade, paternalismo do governo encima de toda ordem ventilado pelo, o parecer não tem novidades nenhuma, aliás tem até algumas incoerências da proposta eu não, eu não assumo o assunto, totalmente aquela divisão de esporte escolar, esporte não escolar né, acho que a idéia básica realmente é dividida. Educação Física Escolar, inclui na sua essência atividades esportivas, se ela for julgada pertinente a ser desenvolvida na escola. Se tiver esporte na escola, sem dúvida nenhuma deve ser integrado dentro da competência do, dos professores de educação física na escola. Se a escola vai utilizar competição esportiva no trabalho de Educação Física na escola, é problema da escola, se a escola achar que não deve dar, misturar atividade esportiva na escola, não misture, eu não vou impor a escola um esporte escolar, eu, não tem

sentido, então essa termologia inclusive eu acho que ela já é um pouco inconseqüente, mesma coisa que Educação Física e esporte não escolar, simplesmente tirando a parte de atividades físicas, exercícios físicos fora da escola, né, e a termologia inadequada, né, você, Educação Física é uma disciplina escolar, Educação Física não escolar, né fica uma coisa meia complicada né. Seria Educação Física, afinal de conta Educação Física, o que é fazer exercícios para se manter fisicamente é, onde que tá o problema da educação aí no caso, então você percebe se for realmente questionar, a incoerência continua dentro do, dentro do Parecer você percebe esse problema de termologia, então eu acho que realmente tem conteúdo, que ela foi uma reflexão bastante, interessante, por exemplo, o problema do técnico esportivo colocado, porque o técnico esportivo tem que ser pós-graduação? pós-graduação para mim é pesquisa, é formação de pesquisador, técnico esportivo para mim é profissional, portanto é graduação, não tem que ser além do, do curso de graduação, se você quiser fazer um curso, você faz um curso de preparação técnica esportiva, de graduação técnica esportiva. Agora porque é que eu vou fazer curso de pós-graduação em esporte, aí eu vou formar pesquisador de esporte, de, aí problema acadêmico, daí é meio complicado. Então eles não refletiram muito bem esses, esses aspectos também no Parecer no meu ponto de vista. Mas de certa maneira eu um, positivo, um grito de independência, um dia de independência. Da vinculação ensino-pesquisa, para mim ele também tem que ser bem percebido, acho vínculo ensino-pesquisa na pós-graduação é imprescindível para mim. Se eu estou fazendo pesquisa em estrutura do esporte, ou desenvolvimento de conhecimento teórico com relação a fundamentação da Educação Física, eu acho que essa seria a, o suporte do curso de mestrado que eu estou dando, agora se eu estou fazendo pesquisa, sei lá, metabolismo do exercício, qualquer coisa assim, eu vou dar aula de basquete na graduação, eu não vejo até onde essa vinculação ensino-pesquisa possa ser muito benéfica ou refletir uma atuação mais eficiente do professor na graduação. Nós temos caso aqui de professor que faz fisiologia do exercício e dá disciplina do basquete, agora, o professor novo que chegou, o Barella faz pesquisa em aprendizagem e dá aula de handebol, então, se o Barella fosse dar aula na pós-graduação, acho que sem dúvida nenhuma ele teria que estar vinculado numa área de aprendizagem motora no mestrado. Agora na graduação a própria formação mais acadêmica que ele tem, sem dúvida reflete o comportamento dele nas aulas, mas a ligação não é direta, né. Nas outras áreas, por exemplo, de biologia, se você faz pesquisa em genética, certamente você pode dar um curso de genética na graduação, essa vinculação ela é mais objetiva, na engenharia é, talvez de um curso de cálculo, de concreto, alguma coisa, um engenheiro que esteja envolvido não na pesquisa, mas na prática do que um outro que esteja só envolvido em pesquisa, naquela área, então essa vinculação pesquisa-ensino é pertinente na graduação também, acho que professor da universidade tem que realmente desenvolver pesquisa, mas não na, não existe uma relação direta entre eficiência como pesquisador e eficiência como professor na graduação. Na pós-graduação essa relação já é mais direta, tanto a nível de mestrado como a nível de doutorado. Doutorado ainda é mais, se você está pesquisando uma determinada área você não vai desenvolver uma disciplina que não esteja realmente vinculada àquela área, por aí, inclusive, você percebe aquela vinculação professor-orientador. Você tem que ter aquela vinculação professor-orientador dentro da mesma área de interesse dos dois. A extensão na graduação ou

na universidade é uma coisa muito confusa para muitas pessoas e também é um local onde a influência ideológica se torna mais clara, eu vejo muita confusão em termos de extensão universitária e prestação de serviços à comunidade com caráter assistencialista humanitário que esse no meu ponto de vista não é função da universidade prestar assistência, fazer assistencialismo para comunidade não é, se não existe essa instituição ela que seja criada, tal. Porque ela no meu ponto de vista, ela nem se enquadra direito com a universidade, a universidade em termo de prestações de serviços deve ser uma irradiação do conhecimento que é desenvolvida aqui, colocado a disposição do maior número possível de pessoas da comunidade, né, então, talvez para o departamento de Educação Física, extensão universitária fosse um trabalho com os professores da rede, com os diretores do clube, com os preparadores físicos, pessoal da academia, ao invés de ficar trabalhando com crianças, né. Eu acho que eu trabalho de desenvolver com criança tem uma finalidade em termo de preparação profissional, mas no meu ponto de vista esse trabalho deve ser feito nas escolas, nos clubes, na comunidade, não trazer as crianças na universidade. Universidade no meu ponto de vista também não é lugar de criança. é construido, organizado para adultos, para jovens, então a criança vai ser sempre um elemento estranho, porque a própria arquitetura, próprio planejamento, a própria instituição não foi criada para essa atividade. Então eu vejo esse tipo de confusão, eu acho que você participando com a organização, organizando simpósio, para mim é o maior evento de extensão do Departamento de Educação Física, é a realização do simpósio. Então é uma maneira de você levar, a organiza, colocar a competência acadêmica do departamento à serviço da comunidade, irradiar conhecimento, você também pode organizar um trabalho de extensão, a nível profissional tendo em vista a própria natureza dos cursos que a gente desenvolve, organizar uma associação dos ex-alunos, fazer conferência de desenvolvimento de análise de mercado de trabalho, de eficiência de mercado de trabalho, competência profissional, discute essa problemática. é um assunto de extensão vinculada a tua atuação na universidade, ensino-pesquisa, sem dúvida, acho que o grande trabalho de extensão da universidade seria você fazer, realizar um estudo, realizar uma pesquisa e colocar este trabalho de pesquisa a disposição da comunidade, talvez até através de publicações. Se eu estou fornecendo esse material de conhecimento as revistas, para que essas revistas edite e coloque no mercado, esse conhecimento é um trabalho de extensão de serviço, né, e normalmente há essa confusão, prestação de serviço você pega um pobre ali e trás para aprender a nadar, ou coisa assim, que eu no meu ponto de vista é assistencialismo que devia ser desenvolvido através de associações profissionais, talvez, mais da comunidade, não como a universidade foi gastando dinheiro por exemplo, que veio para uma determinada finalidade, porque vem uma outra necessidade social. Se eu gasto dinheiro com o cloro da piscina, isso é minha posição, eu estou explicando para você aqui, todo mundo quer me sacrificar, crucificar, isso eu falo. Se você gasta dinheiro que vem para o cloro da piscina, que é, veio para o cloro da piscina para universidade, para universidade ensinar os alunos do curso e atender as necessidades dos alunos da universidade. Eu trago as crianças de fora para usar, né, ou seja, desvirtuando o gasto que devia ser com uma determinada finalidade para outra, inclusive fica meio ilegal se você fizesse muito para nesse aspecto, então eu. Então, eu vejo neles esse tipo de confusão, acho que falta no departamento, dizer assim, definir a política do departamento,

em que consiste a extensão para o Departamento de Educação Física, qual seria a extensão, significativa para o departamento de Educação Física a mesma coisa, pesquisa, discutir vinculação com ensino-pesquisa, como essa pesquisa está realmente colaborando com a melhoria de qualidade de ensino. São problemas que o departamento, realmente não tem discutido, infelizmente, né? E acho que mais ou menos com essa posição. O problema deles é discutir no conselho, o que significa extensão para o departamento de Educação Física, porque o que está acontecendo aqui, é só estar perturbando, barulho aqui do lado da minha sala, que eu não consigo nem mais ficar aqui porque um barulhão aí, eu tenho ficado preocupado com a maneira como os trabalhos de extensão estão acontecendo, na minha maneira, na minha preocupação, eles estão acontecendo não de uma maneira bem profissional, ou seja, os nossos alunos estão passando por experiência um trabalho de extensão que se eles forem repetirem lá fora, não vai ter o nível profissional que eu gostaria que tivesse. Nós estamos preocupados um pouco com a quantidade ao invés de se preocupar com a qualidade. Nós estamos colocando em alguns casos mais sentido no assistencialismo do que no processo de preparação dos alunos profissionalmente, então tem diversas coisas que tem que ser questionado, e eu já levantei esse problema no conselho do departamento, mas eu que é uma questão de tempo, de prioridade, qualquer coisa assim está sendo, está sendo discutido. A avaliação da universidade eu acho muito bom o processo de avaliação da UNESP e acho que da USP também, talvez mais da UNESP, que é mais formal que o da USP. Então você faz um plano de trabalho por 3 anos que também poderia ser melhor discutido, melhor pensado, justamente por esse que vai ser conseqüência da reflexão sobre esses aspectos. Então se o professor tem consciência do que é extensão numa universidade ou para o departamento, ele vai fazer um projeto que inclua extensão também condizente com esta proposta, agora como o professor não tem ainda um referencial do que seja é, extensão, ele vai colocar: e vou dar programa de aprendizagem de natação, eu vou dar um programa de capoeira para a comunidade, de basquete, de vôlei, entendeu e se você for questionar você vai verificar o que precisa é, para que o professor muda essa proposta, eles repensam o que significa extensão. Ele repensando o que é extensão, ele vai rever o programa de extensão dele, o sentido da atividade de extensão que ele está propondo, né. Você veja o problema da ginástica respiratória, sem dúvida nenhuma, um excelente programa está, que foi iniciado, agora está começando ter uma ramificação lá na comunidade, nós já temos alunos mais ou menos preparados para desenvolver esse programa na comunidade, portanto muito breve, acho que inclusive deveria deixar o campus e não é a finalidade do Departamento de Educação Física prestar esse tipo de serviço à comunidade. Então eu acho que a coisa evolui, então nesse projeto de avaliação nessa proposta de avaliação, você faz o planejamento, define que tipo de atividade você vai desenvolver e ao final do período você faz um relatório daquela atividade proposta. Este trabalho, esta base é o que existe inclusive em muitas universidades nos Estados Unidos, qual a diferença de lá e daqui, é que se você é aprovado por mérito no seu relatório, você tem 3% de aumento a mais do que os outros que só tiveram relatório aprovado e aqui não, aqui você faz um excelente relatório, mas quem te dá o aumento de salário é a titulação é o, igual para todo mundo, é institucionalizado, quero dizer, a valorização do trabalho em si em termos de avaliação, ela acaba sendo prejudicada, porque se você, já que está querendo fazer a avaliação, tem

que mostrar que este é melhor do que do outro. é uma das maneiras de se mostrar que é este, é melhor que dos outros seria remunerando mais o trabalho deste, do que o do outro e tem mais, o problema da avaliação é complicado porque a qualidade do trabalho realizado, é também uma coisa de máxima importância, mas de qualquer maneira, como o processo de elaboração do plano de trabalho do professor é também avaliado e colocado a nível de conselho, por exemplo, você pode dizer: Olha este trabalho, você tem que ter em termo de comissão, de grupo, de tomada de decisão, quando você vai dizer, este trabalho para o departamento é mais ou menos importante, é mais valioso do que o outro trabalho, né. E essa liberdade de, no meu ponto de vista de você avaliar e aprovar ou não, vai desenvolver, porque existe de certa maneira uma responsabilidade muito maior também dos órgãos colegiados que julgam este tipo de trabalho. Eu sei, eu estou sabendo aqui, se eu aprovar o relatório do fulano, fulano pode até passar ganhar mais do que eu ou eu vou estar prejudicando o outro que também fez um excelente trabalho, estão os critérios aí, que se torna muito mais exigentes. E confiante, e vão definir mais responsabilidade das pessoas que dão parecer, por exemplo. Então se dão parecer, está de acordo e então vai. Porque já sabe que no fundo, no fundo está cumprindo uma tarefa burocrática que não vai ter assim um resultado muito importante na vida do camarada. Mas eu acho que não conheço da USP completamente e nem da UNICAMP, mas eu acho que o esquema de avaliação de professor que trabalha na UNESP é talvez, parece que para realidade brasileira é o mais conveniente, é o mais completo, porque nas federais infelizmente a coisa não acontece dessa maneira, nas particulares então, eles desandam. Não, não a iniciativa é isolada, a iniciativa já foi mais atuante no tempo do Mauro Betti na coordenação, que eu também estava. Hoje a coisa diminuiu um pouco, na minha maneira de perceber, que eu acho que tem que ser dinamizado, não é, acho que tem que chegar na chefia, no conselho de departamento e: vamos conversar sobre as coisas que preciso que, não que haja uniformidade, mas que todo mundo tenha consciência dos aspectos que estão sendo considerado nessa discussão, aí é que realmente fica quase cada um para si e um dos exemplos é esse, o professor trabalha, se mata, se organiza para levar o aluno da licenciatura a fazer estágio no congresso de idosos, se bem que, né, não tem. é pode se colocar dessa maneira, porque eu não vejo, só se eu colocar como função de professor universitário, desenvolvimento de atividade de pesquisa, ensino e extensão, eu vejo alguma incoerência em algumas propostas que estão sendo feitas. Veja bem, extensão eles aqui, normalmente utiliza, inclusive prestação de serviço à comunidade, mas eu acho que desde que você vai fazer que seja professor de universidade. Universidade existe com uma determinada finalidade, então extensão e serviços e prestações de serviços à comunidade em termos de universidades, tem que ser coerente com esta proposta da existência da universidade, então se você está atendendo uma necessidade social, prestando um serviço à sociedade, mas que não é compatível, por exemplo com a finalidade da universidade, então não existe uma harmonia, uma coerência de atividade e acontece e temos essa situação na minha maneira de analisar de perceber a coisa que está sendo desenvolvida aí".

DEPOIMENTO Nº 16

"Em Rio Claro, o Departamento de Educação servia como é todo Departamento de Educação, as famosas quatro disciplinas pedagógicas básicas da Licenciatura. Antes da Reforma, antes de 68, você tinha uma opção. Os cursos faziam uma certa opção pelo que eles queriam das áreas paralelas. Depois de 68, ficou com aquela circunstância de aquelas disciplinas básicas. Mas que, na licenciatura eram obrigatoriamente. Não tinha como escapar. Então você engole uma Estrutura e Funcionamento, você engole uma Prática de Ensino, uma Didática e uma Psicologia. Isso é fatal. Você pode até pedir uma outra coisa. Na matemática daqui pede Fundamentos da Educação. Mas no fundo, engole aquelas quatro básicas. Resultado prático disso para quem dá aula e para quem assisti. Quem assisti dificilmente quer assistir aquilo lá. Toma aquilo como perfumaria. E quem trabalha sente uma dificuldade enorme de não estar afeito com os conteúdos específicos da Licenciatura a qual ele está trabalhando. Até porque no semestre que vem, ele vai mudar de Licenciatura. Vai haver um rodízio, provavelmente ele vai dar aula na Biologia, ou na outra Licenciatura que esteja próximo. Então, você tem uma situação que a princípio dificilmente ela vai se desenvolver. O que nós herdamos de 68, da Reforma foi essa chamada, o problema da Licenciatura. Se você for em qualquer Congresso da Educação onde as pessoas estão discutindo o problema da Licenciatura, no fundo é, na raiz, é uma questão meramente subjetiva, as pessoas não querem assistir uma coisa que eles não participaram da formação daquilo ali. Por exemplo, se eu fosse um aluno de Licenciatura hoje, como eu fui quando fazia o curso de Física Pura lá na Federal, que eu fazia, como é que eu fazia meu horário? Eu montava meu horário, colocava física moderna, acertava o horário, aí, como eu tinha que passar o dia inteiro na Universidade, eu colocava na hora que sobrava, por exemplo, ficava uma janela, tinha aula das 14:00 às 16:00 horas, depois só tinha aula a noite, ficava uma janela das 16:00 às 18:00 horas, o que eu fazia? Bom, eu vou estar cansado essa hora, você coloca uma pedagógica qualquer lá só para, no fundo, chamava perfumaria. Na Federal de São Carlos, chamava perfumaria, as pedagógicas. Então, quando eu fui dar aula de Didática em Rio Claro, pode-se dizer que fugiu um pouco à regra, mas fugiu um pouco à regra por razões (...). Bom, resultado dessa história: estava dizendo para você que no primeiro ano que eu estava lá, foi uma coisa um pouco diferente do que eu tinha passado como estudante. Mas, por razões completamente exteriores à estrutura universitária, quer dizer, eu atribuo o fato de ter dado certo no primeiro ano que eu estive lá, de ter tido uma turma que de certo modo tinha um certo interesse na disciplina. Mas, eu atribuo isso, por condições exteriores à Universidade. Eu atribuo isso à duas coisas. Primeiro, o fato de ter sido a primeira turma. Toda primeira turma, de um modo geral ela acaba se envolvendo na construção do próprio curso. Aí, ela amadurece teoricamente e praticamente ela amadurece, porque faz parte da construção do curso, se envolve mais com o curso. Então você tinha uma turma de certo modo mais madura, que possibilitou uma melhoria na condição de trabalho. Não dá para dizer se eu tinha uma concepção de Educação Física. Primeiro pelo meu contato, que era um contato geral, todo professor da Licenciatura tem um contato com o curso que ele dá aula de uma maneira limitada, exterior. Ele vem de um departamento, dá

aula, e depois retorna ao seu departamento. é assim em qualquer Universidade que eu conheço. Então o contato que tem com o curso é sempre exterior. Por mais que ele participe de reunião, ele não vai se engajar no curso. As alternativas que os cursos põem para isso é pior. é, aquele professor não se interessa pelo nosso curso. Então, vamos trazer a disciplina dele para dentro do curso. Piora. Normalmente piora. Por que? Porque aí perde a especificidade. O que eu vejo quando acontece isso, é que ganha o corporativismo e perde em especificidade. Então, vou dar um exemplo assim para você entender. Fora do Estado de São Paulo, quando você vai prestar um concurso, tem esse corporativismo arraigado. Se você prestar um concurso na Pedagogia, você tem que ter sido pedagogo de graduação. Ser graduado em Pedagogia. Resultado: o corpo docente normalmente é um corpo docente corporativo e ruim. Porque para dar História da Educação, eles não permitem que um historiador dê aula de História da Educação. Eles querem que seja um pedagogo ou talvez, que tenha mestrado em história, mas é sempre uma coisa corporativa. Resultado. Mesmo quando eu entrei em Rio Claro, no Departamento de Educação, ainda assim tinha um veio corporativo. Pois, eu me lembro que na entrevista que me fizeram, eles disseram o seguinte para mim: olha, você tem um diploma em Educação Física, não tem?. Tenho. é, então é até bom, porque aqui tem uma disciplina que é Didática da Educação Física e que não tem professor, e você vai ficar responsável por ela. Eu me lembro que na banca já teve isto. Uma disciplina como História da Educação Física, ela pode ser dada por um filósofo, por um cientista social, pode ser dada por um sociólogo, pode ser dada por qualquer pessoa que tenha uma formação em Ciências Humanas básica. Quem é a pessoa que tem uma melhor formação em Ciências Humanas Básica? Aquela pessoa que fez um curso de Ciências Sociais. No Brasil, o curso de Ciências Sociais, em alguns lugares, foi o que preservou o núcleo maior de disciplinas em humanas. O curso de História perdeu. O curso de Geografia perdeu. O curso de Filosofia perdeu em qualidade por outras razões. Falar em Filosofia hoje no Brasil, vai lá na USP. Tirando a USP, são cursos fracos. Então no fundo, o que você precisa? Você precisa ter uma base de trato com as Ciências Humanas. Precisa ser formado especificamente na Disciplina de História ou em Educação, em Educação Física? Não necessariamente. é uma loucura. Aqui, eu tive uma experiência inversa. Eu montei um curso de Filosofia da Educação, mas, não tem nada da Educação, é um curso para Educação Física. Então, vamos montar um curso diretamente ligado aos conteúdos da Educação Física. Não vingou. Qual era o problema? O problema não era do tema que você pusesse. O problema era de raiz. Muito mais profunda que o tema. O vestibular nosso aprova todo mundo. E, nem todo mundo deve fazer Universidade. Para ser feliz, que é o objetivo de quase todo mundo na vida, não precisa ser universitário. Eu pergunto para os meus alunos, assim, na Biologia: vocês vão ganhar oito milhões por mês para dar 44 aulas, por que vocês estão fazendo esse curso? Qualquer outro emprego vocês vão ganhar mais e vão trabalhar menos. O que vocês estão fazendo nesse curso? Aí vêm as explicações: 1) Estou fazendo esse curso porque havia uma pressão familiar para ter um diploma universitário; 2) Estou fazendo esse curso porque no meu emprego vou ganhar 12% à 15% a mais no salário por ser universitário; 3) Eu estou fazendo esse curso porque ele é minha 3ª opção, eu pedi para entrar na Psicologia de Assis, 2ª opção aqui e 3ª aqui na Biologia, passei e estou fazendo. Você descobre um ou dois que quer ser professor

de Biologia, mas, mesmo esse que diz que eu quero ser professor de Biologia, eu quero ser biólogo, não é o caso, por que aqui não tem bacharelado. Mesmo esse, o que você vai ver? Se você cutucar um pouquinho mais, vai ver que essa resposta não se sustenta durante muito tempo, tinha outras razões também forte. Enfim. O vestibular nosso é tão fácil, tão simples, que o sujeito entra e depois para que sair? Já está dentro mesmo. Vai empurrando com a barriga. Não exige nada. A escola não exige muito mesmo. Quando eu entrei em Rio Claro, eu não me recordava da última vez que eu tinha escutado essa palavra Educação Física, não sabia, não tinha a mínima idéia do que se passava na Educação Física. Eu entrei, e fui tentar me inteirar do que estava acontecendo. A iniciativa do grupo de estudos partiu por que eles estavam preocupados com a Educação Física, não eu. O que eu tinha era uma idéia do que tinha ocorrido há 20 anos atrás, há 10 anos atrás, isso eu tinha, na minha cabeça tinha uma história da Educação Física vivida por pessoas mais próximas. Na época que eu fiz o curso de Educação Física, eu até tinha uma crítica do que era vigente. A crítica que eu tinha ela não ia longe, não na época que eu entrei em Rio Claro. Na época que eu entrei em Rio Claro eu não me lembro se eu tinha alguma coisa, se eu me lembrava de alguma coisa da Educação Física, agora, mas rapidamente eu fui recordando, na medida que as perguntas foram surgindo, que as pessoas foram cutucando as coisas, rapidamente aquilo veio a tona e eu fui pesquisar para ver o que virava. Mas, na época que eu fiz o curso de Educação Física, eu me entendia como uma pessoa que tinha uma crítica do curso. E essa crítica que eu tinha ao curso, era uma crítica do referencial teórico. Se é que pode ser chamado, ou seja, o assunto pelo qual eu me apegava para de certo modo fazer alguma crítica da Educação Física era a Psicomotricidade. Se lia muito nos anos 70. O Piaget e se lia muito o Le Boulch, se lia muito entre aspas, lia muito quem?, eu lia, por que eu lia, não sei, talvez eu tenha lido isso por motivos editoriais, era o que existia nas livrarias. Eu ia na livraria e bebia do que tinha. O que não era Técnica Desportiva e o que não era Métodos de Ginástica, era Psicomotricidade. Era o que existia de mais livre dos "cânones" da Educação Física. Rapidamente eu abandonei esse tipo de abordagem. Não que eu tinha abandonado a leitura do Piaget, eu continuei lendo durante muito tempo o Piaget. Mas, abandonei o apego a esse tipo de coisa por outra literatura. Por uma literatura que teve muito haver com a minha formação e tem até hoje, que é a leitura do Reich. Eu tinha uma formação política anterior ligado ao Marxismo e o Reich foi a que dirigiu minha leitura na Educação Física durante muito tempo. Depois, quando eu fui fazer Física na Federal, ainda assim, nós mantivemos grupos de estudos, nos agrupamentos políticos clandestinos em São Carlos. Naquela época ainda com Reich na mão. E mesmo a parte do Reich, de um modo geral, é uma grande vulgata, é um barateamento de Freud. Enfim, foi o que tinha disponível na época. Se você perguntar para as pessoas da época, todas as pessoas de esquerda da Educação Física se aproximavam de alguma forma do Reichianismo. Existia uma diferença nítida entre direita e esquerda. Se diferenciava pela literatura e pelos posicionamentos de uma forma muito diminuta. Não é como é hoje, que você tem uma literatura um pouco maior na área de Educação Física. Eram pessoas esparsas, isoladas, que nem se conheciam, mas, com uma distinção, era possível ver quem era quem. A direita é o seguinte. A Educação Física estava tão próxima, imiscuída nos mecanismos internos, chamados de cultura de direita, dentro daquilo ali,

que não tem como você dizer, era atitude de praxe, todas as atitudes eram próximas disso. Eu fiz em São Carlos, e a única pessoa que se posicionava à esquerda, era a professora de Didática, que era professora de Educação Física, que tinha uma formação em Psicologia Piagetiana. Ela era uma pessoa de esquerda, aí que vem a conciliação. Como é que ela conciliava um material via tipicamente liberal como era o Piaget com posições de esquerda? Isso era possível de se fazer. Uma série de pessoas faziam. E uma outra série de pessoas fazem. Não está aí a Barbara Freitag fazendo. Esse não era o caso. O caso que ela era uma boa professora, interessante, intelectualmente culta, lia o Piaget bem lido. Dava uma boa aula. Tinha uma aproximação as vezes, sabia da existência do Reich, da literatura. Então, essa pessoa tanto em comportamento, como em teoria se distinguia claramente dos outros professores, tinha um comportamento mais democrático, tinha uma forma de trabalhar mais apegada aos textos, uma preocupação teórica mais firme e enfim foi ela que deu aí o espaço de atuação, que eu fiz durante os três anos de Educação Física. O comportamento, no caso dela por exemplo, hoje, nós diríamos que era um comportamento de uma pedagogia. Quem que dava didática? Era uma pessoa que tinha uma formação em Didática, calcada em cima da psicopedagogia, Didática para ela era entender mecanismos psicopedagogos, até aí nada de novo, o grande problema é que esses mecanismos psicopedagógicos eram ligados dentro de uma visão política, que poderia ser chamado assim, uma visão política de oposição à ditadura militar, isso é o que caracterizava o registro dela. Então, era uma pessoa que em termos de voto, provavelmente deveria votar em candidatos do MPB, em termos de campanha na época, em 69, foi uma pessoa que teve uma participação na campanha da anistia, reorganização da UNE, de certa maneira era uma pessoa que participava. Naquela época, nos anos 70 assim, um divulgador do Piaget no Brasil, hoje está relegado ao ostracismo. Um grande divulgador do Piaget no Brasil foi o Lauro de Oliveira Lima, um sujeito que tem uma Escolinha, ele está velhinho, as filhas deles que tocam uma Escolinha chamada Chave do Tamanho, no Rio de Janeiro, Escola de Educação Infantil. Então, Lauro de Oliveira Lima traduziu Piaget e divulgou, transformou o Piaget em literatura obrigatória. Aquele, Educação segundo Mac Luhan Lua, livrinho das Vozes, é best seller até hoje, tem milhões de edições vendidas, acho que vendeu mais do que, O que é Educação, do Brandão, dos Primeiros Passos. Até hoje eu acho que as pessoas que lidam com a Educação Física estão num estágio pré-científico, acho mais isso hoje, do que achava antes. Jamais vou falar para você que a Educação Física vai se tornar Ciência, agora, que existe uma série de disciplinas no curso de Educação Física que são científicas, existe, agora, o problema é: como é que elas são ministradas?, você garante para mim que elas são científicas? Houve um retrocesso na Educação Física. Quer vê como houve um retrocesso. Houve um retrocesso do meu curso do que estava havendo agora, nítido. E, talvez do seu para agora. Aqui vai uma situação que pode até, precisa tomar cuidado no falar, porque as pessoas podem tomar isso como uma coisa pessoal. Quem dava as disciplinas chamadas, da área de ciências naturais para quem fizesse o curso de Educação Física, antes dele ser integrado a cidade Universitária, quando o curso de Educação Física da USP era no Pacaembu? Eram os Médicos, todos eles eram especialistas no Exterior ou na Paulista de Medicina ou na Santa Casa. Quando eu fiz, veja, eu fiz em São Carlos, numa Escola Noturna, olha só, Municipal, Faculdade gratuita, porém Municipal. Veja só as dificuldades dessa

Escola. Na época só tinha ela e a USP, ou você fazia em São Paulo ou em São Carlos. Todos os meus professores das áreas ditas biológicas eram médicos da cidade, todos eles. Aonde é que a gente fazia o curso de fisiologia? Junto na Anatomia, junto com eles lá no hospital. Hoje, veja, Faculdade Municipal, com dificuldades financeiras, noturna, porque os meus colegas, o que eram? Bancários, pessoas do comércio. Curso noturno de Educação Física, tirava o diploma para se virar, três anos. Hoje, você tem Escola Pública em tempo integral, onde as áreas médicas são dadas por não especialistas, tem gente que nunca viu um cadáver. O que aconteceu? Melhorou? Não, para mim foi para um estágio pré - pré-científico. Biomecânica é um negócio complicado, complicado pra diabo. Uma das coisas que motivou eu fazer física foi a biomecânica. Aí, o pessoal da biologia estava abrindo o curso de fisioterapia na Federal quando eu fui para lá. Então, o pessoal da biologia estava começando a se dedicar à uma parte da Biologia que não se dedicava, que não tinha porque, que era a Biomecânica, por causa da fisioterapia. Então, começou um ciclo de estudos lá no departamento de física, de fisioterapia, e a biologia com estudos aplicados à biomecânica. Naquela época, boa parte dos livros não estavam traduzidos ainda, daí que eu fui tomar conta de que aquela biomecânica que eu tive no curso de Educação Física tinha sido razoável, não era tão ruim como eu pensava, dava para mim acompanhar a discussão da biomecânica que eles faziam lá. Só que o instrumental matemático era pequeno e aí eu fui estudar matemática no curso de física para poder dar conta. Agora, uma coisa eu tenho claro, por mais que eu tenha aprendido, o meu diploma de Educação Física, não me dá o direito de dar um curso de biomecânica, por mais que eu tenha aprendido, ele não me habilita para tal, ele me habilita para dar aula no 1º e 2º Graus e só. Não me habilita para dar aula de Educação Física num Curso Superior de Biomecânica. Jamais faria isso. Então é esse o problema. Nós pioramos. Fisiologia do Esforço. Nós tínhamos Fisiologia de Esforço em São Carlos com uma pessoa que era médico e lidava com doenças respiratórias e uma outra pessoa que lidava com doença do coração, dois professores, dois médicos, velhinhos já. Não aposentavam, por que? Porque a faculdade era municipal, aquilo lá era um prazer, para a noite eles irem lá. Mas, eram pessoas experimentadas no trato com a Fisiologia do Esforço. Sujeito lidava com cardíacos o dia todo, todo dia. Ora, quem dá Fisiologia do Esforço hoje em boa parte das Universidades Públicas no Brasil? São pessoas da Educação Física. Do curso de Educação Física, são pessoas da Educação Física. O que aconteceu? O corporativismo venceu a Ciência. Os caras optam pelo diploma. O corporativismo venceu a Ciência, é isso o que aconteceu. Melhorou? Como é que melhorou? O curso de Educação Física continua com o mesmo currículo. Na verdade o que aconteceu foi isso. O estágio pré-científico talvez tenha piorado a situação, em vez de melhorar. Agora, para algumas pessoas melhorou muito, para alguns lugares. Esse é o problema dos nossos Cursos Superiores, nem tudo piorou. Se você for em alguns lugares, existe coisas muito avançadas, melhores do que na Europa. O que houve, foi um distanciamento entre a base e o topo da pirâmide. Tem lugares que as discussões se mantiveram, tem lugares que as coisas não andaram. Eu começo sempre pensar essa questão de maneira prática. Qual? O contrato. Sempre parte da necessidade de você cumprir ou não cumprir o contrato. Por que? Porque se for para você descumprir o contrato, você tem que propor alterações, você não tem mecanismos legais de descumprir o contrato, o contrato é bem claro tanto

para o CLT como para aquele que ingressou na carreira. Ele se compõe na extensão, na pesquisa e no ensino. Agora o problema é. E aí que vem as divergências. Como é que essas coisas são entendidas em dada instância da Universidade? O que é extensão, o que é pesquisa e o que é ensino? Aí que vem o problema desse maldito contrato. Porque numa Universidade Federal você não tem isso. Você é contratado, vai lá, senta lá na sua mesa e você, se vire. Ninguém vai te cobrar nada a não ser no fundo, a docência e olha lá. Na Universidade Estadual, nós fazemos uma carreira diferente, temos aí esse tripé. Então, o que é a extensão ou o apoio à comunidade? Veja. Nós formamos aqui professores basicamente. O curso aqui tem, no caso de Bauru, a UNESP inteira é voltada para a formação de professores. Esses professores vão direto para a rede estadual ou privada da cidade ou da região. Isso não é apoio à comunidade? É docência, mas é diretamente apoio à comunidade. Bom, fora isso, os nossos cursos aqui obrigatoriamente abre um número X de vaga para a rede municipal ou estadual que tiver aqui. Todo ano tenho no mínimo dez alunos. Marília tem um curso de pós-graduação. Fica uma hora daqui. O Celestino nos requisita que se vá até Marília, é uma pós-graduação única e exclusivamente voltada para o Ensino. Quer dizer, resolve o problema da rede. Mas quem freqüenta lá? São diretores de Escola, não professores, administradores, supervisores, orientadores, é isso. No fundo, a pesquisa é quase que diretamente voltada para o pragmatismo daí. Então, você vai lá dar aula. Você está fomentando a discussão educacional da região. Diretamente apoio à comunidade. Agora, o problema é que se confunde apoio à comunidade com aquilo que os profissionais podem fazer. Então, o caso dos profissionais ligados a empresa. Aí, nós poderíamos perguntar: é apoio à comunidade? Lá em Rio Claro, teve um debate feio uma vez no Departamento, porque o Hélio oferecia um apoio à comunidade pela prefeitura. Uma grande parte foi cadastramento das atividades autônomas na comunidade de Rio Claro. Trabalho empírico de Sociólogo. Trabalho de Sociometria. É apoio à comunidade. Só que é uma empresa pública - Prefeitura. Agora, há uma série de outras pessoas que o apoio à comunidade se transforma apoio à empresa privada. Tem médico, obviamente com clínica, funcionando no nome de seus filhos, assim por diante, a gente sabe. No fundo, você precisa definir novamente isso aí. É óbvio que, a universidade como a USP, isso fica de maneira diferente. O tamanho é de tal forma que isso se dilui e se confunde de uma tal maneira que as coisas não são colocadas. A UNESP é que tem um problema de resolver. Por que isso passou a ser um problema dentro da UNESP. Acaba sendo um problema dentro da UNESP. Porque a UNESP ela é espalhada pelo interior. Então pressupõe que ela deva estar ligada à comunidade. Mas isso é uma pressuposição falsa. Ela está ligada à comunidade de modo muito mais amplo do que simplesmente estar ligada a um fazer na cidade. Precisa tomar cuidado com essas coisas. Agora, quanto a docência e ensino, isso não tem que discutir, eles não sobrevivem, separados na carreira universitária, eles não sobrevivem separados. Então, quanto a docência e a pesquisa não sobrevivem separados, não tem como. Na carreira universitária não tem como de separar. Se separar, morre. Não tem como separar, é isso que ocorre. Os professores são pesquisadores e os pesquisadores são professores. Não tem como separar. E ocorre até pela negativa disso aí. Até pela negativa. As vezes pela negativa ocorre. A maioria dos professores são tão pesquisadores que o curso que eles dão é o mestrado deles, porque eles não sabem outra coisa. De tão

pesquisadores que eles são. No fundo, a pesquisa acaba formando o professor. Tem um caso que eu sempre cito. Um caso assim que exemplifica essa situação. Genericamente, quando eu entrei na Universidade, sem levar em consideração as particularidades do que aconteceu lá em Rio Claro, início de um curso, nascimento de um curso. Tomando genericamente, o que se faz quando você entra na Universidade? O que se faz quando você entra na Universidade é que de dão um curso. Isso é o que se faz. Eles te dão um curso na mão. Depois o que eles te fazem? Eles te dão um, no caso nosso, uma data de entrega de um projeto de pesquisa. Que vai ser julgado por um órgão que a legitimidade é muito discutível, chamado CPRT. Que só existe também no nosso caso. É um caso esdrúxulo, também. Bom , aí você fica com essa preocupação. Você tem que montar um curso para começar dia tal e segundo, você tem que entregar um projeto de pesquisa para o teu contrato vingar no diário oficial, dia tal. Isso é sua preocupação. A extensão, a própria universidade relega para um pouquinho mais adiante, quando você vai fazer o plano trienal. E no caso nosso aqui e o caso de vários outros departamentos, a extensão acaba ficando a critério dos afazeres que o departamento vai sendo solicitado. Mas, a questão da docência e do ensino que é universal. Aí você vai montar um curso. De duas uma. Se você caí para dar Cálculo I na Engenharia, fica fácil. Porque o acúmulo de conteúdo sobre o cálculo é tão grande, é de certo modo já estável, que o muito que você vai poder decidir é, se você vai usar dois livros didáticos ou um. Mas se você cair para dar Filosofia da Educação Física, por exemplo, o que vai acontecer? Vai acontecer que você vai ter que montar um curso. Porque você não vai encontrar esse curso na especificidade que ele pede em lugar nenhum. Resultado: O diabo está aí, o diabo está montado. O que vai acontecer com você? Você vai acabar montando um curso que fatalmente vai fugir das possibilidades básicas do aluno que está na sua frente. Fatal. Não tem escapatória. Você vai montar um curso para além da possibilidade de seu aluno. Porque você vai montar um curso que talvez está muito mais próximo das suas condições de mestrando ou doutorando. E fatalmente você vai bater com a cabeça. Isso é errado? Não, na PUC é assim. Na USP é feito assim. Os professores chegam lá e dão um curso do que eles estão discutindo no momento. Mesmo que seja um curso básico. Mesmo que seja a leitura de Descartes para a Filosofia. Um curso básico. Todo mundo tem que fazer. Mas como ele é feito por outra pessoa, vai ser a leitura dele de Descartes. E de certo modo vai ser, vai haver pinceladas da sua última leitura do Descartes. E isso, de certo modo vai puxar o curso para si. Agora, o quanto vai puxar para si a ponto de não ser possível de fazer uma ponte com quem está chegando na Universidade, isso é uma discussão longa. Lá, na Filosofia da USP tem uma discussão tradicional desde que eu já fazia Física, que eu lembro dessa discussão lá. Até na época por razões (...). Não sei se você se lembra, quando começou a voltar Filosofia no 2º grau. Então, nasceu a discussão de elaborar currículos. E aí apareceu dois livrinhos na praça. E agora, que chama Primeira Filosofia, é o pessoal lá da USP, Marilena Chauí, que fizeram aquele livrinho. Resultado disso aí: o resultado é que o pessoal da USP falou assim: nós vamos dar aula lá no 1º ano. Então, quem dá aula no Doutorado, dá aula no 1º ano. E, é isso que se faz até hoje. Se você entrar hoje na Filosofia, ou na Letra, nas Ciências Sociais, ou qualquer uma das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, no 1º ano, você vai ter os mesmos professores que você vai ter no Doutorado. São as mesmas

pessoas. Quer dizer, você vai ter um baque, um choque. Primeiro, por causa da questão da língua. É o choque inicial. Você não sabe francês, não sabe alemão e não sabe nada e vai ter que saber num prazo rápido. Um choque comum. Segundo, por mais que seja adaptado ao discurso ao 1º ano, ainda assim, ele guarda os resquícios de uma sofisticação. Não tem como. Nem sempre, esse professor vai conseguir sacar em que nível estão suas dúvidas, em que pé, em que quadro estão suas dúvidas. Suas dúvidas podem ser muito mais elementares de tudo que ele pressupõe. Isso é um choque fatal. Agora, mesmo você, considerando que os professores seriam preparados, ainda assim, você tem um problema educacional grave na entrada. Acopla a isso, a situação de dupla mão. Você tem o problema dos alunos e o problema do professor. Que o discurso dele está defasado dos alunos, mais para cima. Mas, ele também não está também tão informado. Então, não se sabe se o rigor da aula dele (...). Porque você pode ter uma aula extremamente complicada, mas rigorosa. Mas, você pode ter uma aula extremamente complicada, mas também não rigorosa. A coisa se complica ainda mais. Você está isenta de fazer isso?. Não está. Por que 90% de nossos professores, eles se formam no processo do trabalho. Isso não é diferente de ninguém no Brasil. Porque todo mundo se forma no trabalho no Brasil. Desde o office-boy. Todos se formam no processo de trabalho. Não tem quem. Mesmo aquelas pessoas que tiveram boa formação. Não tem como. Você conseguiria num país como nosso fazer diferente? Você conseguiria esperar que as pessoas fizessem, se preparassem, fizessem 30 anos, aí elas entrariam na Universidade, num país como nosso? Impossível. Por que? Veja. Na Europa, o sujeito entra na Universidade por volta de 30 anos. Já fez uma carreira, provavelmente. Já tem uma certa formação. Hora, no Brasil, a entrada, na Universidade, espantosamente está se aproximando dos 23/24 anos. A UNESP, por exemplo, absorveu de um tempo para cá, um grande número de jovens professores que nunca foram professores em lugar nenhum. Veja só. Agora, óbvio. Você pode dizer assim. Mas precisa experiência didática? Claro que não. Não necessariamente. O professor universitário, é muito discutível que ele precise de experiência didática. Tem agora, o grande problema, não é se ele é bom ou mal professor. O grande problema é: qual é o grau de avanço que ele tem na sua formação enquanto intelectual? Complicadíssimo. Eu vou dizer isso para você. Eu posso dizer de boca cheia. Por que eu tive próximo de pessoas bem formadas, bem informadas mesmo, um sujeito que fez uma boa graduação e entrou na Universidade assim, cru, novinho. O que aconteceu? O que aconteceu foi simplesmente o seguinte: isso não ausentou a pessoa de ela continuar se formando no processo de trabalho. O fato dela ter feito uma boa graduação não livrou ela, uma vez no trabalho, ter que continuar se formando no processo de trabalho. Não eliminou o problema. Então tanto para aquele que se formou de maneira capenga, como para aquele que se formou bem na graduação, quando ele entra para a Universidade, ele acaba tendo uma profissionalização lá dentro, necessária. É muito ligada a pós-graduação que ele está fazendo, muito ligada. Primeiro a tua pesquisa, se for uma boa pesquisa, é uma pesquisa sobre algo muito específico. Se ela for sobre algo genérico, provavelmente, ela não é sobre nada. Sendo algo específico, ela implica uma literatura muito específica. Os cursos que você vai ganhar são normalmente de formação básica genérica, quando você entra. Aí você já tem um problema. Já tem um problema grave. Você vai ter que lidar com uma bibliografia que você trabalha num âmbito muito

específico. Que pressupõe saber aquela básica que você não sabe e é aquela que você vai ter que dar aula. Você entra num curso de Sociologia, então tem que dar a Santíssima Trindade: Marx, Weber e Durkheim. Mas, o cara, naquele momento não está lidando com Marx, Weber e Durkheim. Ele deve estar lidando com algum mestrado, com algo muito específico. Aí o que acontece, ele pode até saber Marx, Weber e Durkheim. Mas, ele não está lidando com aquilo. Então já há uma defasagem entre o processo que ele vai passar aí. E, a segunda coisa: mesmo que ele saiba Marx, Weber e Durkheim; que seja um bom sociólogo e saiba o básico. Ainda assim, ele vai estar com uma discussão sobre aquelas figuras num plano de direção para a pesquisa dele. Um bocado para a pesquisa. E vai fatalmente reproduzir essa situação em sala de aula. Isso é fatal. Agora, se você dizer para mim, isso é problema? É problema de ensino. Na Educação Física, o que se pode fazer com a Educação Física? Sinceramente, o que se pode fazer com a Educação Física? Sinceramente, fico olhando as pessoas falarem para mim que vão colaborar. Eu sou cético com relação a Educação Física, Cético, quer dizer, o que se pode fazer? é esperar, para ver se com o tempo resolve os problemas que ela mesmo criou. Tem um tempo que até acreditei que ela iria para frente. Mas, hoje não acredito. Hoje, está numa situação que não tem mais como ir para frente. Não tem aonde. As publicações não indicam que vai para frente. O mercado editorial, se você for numa banca e ler o que está sendo produzido. Você fala: chegou no limite que podia ir. Não dá mais. As razões pelas quais eu acho que chegou no limite, não avançou, não deu o salto que eu pensei que iria dar. Eu pensei que iria dar um salto. Eu pensei que iria começar com atividade sindical. As pessoas virassem militantes políticos. Isso iria fazer com que elas discutissem teorias. Aí chegaria um tempo que daria um salto. Não estou vendo um salto. Estou vendo um regresso. Uma boa parte das pessoas pularam para trás. Boa parte das pessoas. Tenho acompanhado. Não tenho mais lido com tanta frequência, pois não dou mais aula para a área. Mas, tenho acompanhado. A literatura piorou sensivelmente. A literatura piorou, ela não melhorou. O porque disso. Bom, uma das coisas que aconteceu. Não sei se isso resolve o problema. é mais um elemento para jogar nesse tabuleiro. Aconteceu com a Educação Física a seguinte coisa. Abriu mais oportunidade do que havia de mão-de-obra. Resultado disso: a carreira ficou mais fácil. Era uma área difícil de progredir. O que se podia fazer com um diploma de Educação Física? Você podia ser professor do 1º e 2º graus. Ganhar uma micharia; ou ser técnico desportivo e viver na contra-mão da história. Hoje ganhar, amanhã não ganhar. De repente, de poucos anos para cá, por uma série de razões, a sociedade absorveu de uma tal forma professores de Educação Física, por uma série de coisas. Isso tem haver até com uma outra questão. De como é que evolui o desenvolvimento capitalista. Sem chegar a tanto. A verdade é que abriu a oportunidade para muita gente. Requisitou muita gente. E não tinha tanta gente assim. Requisitou para quase tudo. Primeiro, do século XIX para o século XX, o cuidado com o corpo aumentou assustadoramente. Então, apareceu todos e quantos fenômenos de cuidar da silhueta. O professor de Educação Física pegou esse bonde, com médico, esteticista, etc. Apareceu a televisão. Que multiplicou o esporte, e o cultivo à silhueta ainda mais. O professor de Educação Física pegou esse bonde. O esporte se ligou à política. E o professor de Educação Física pegou esse bonde. Por outro lado, as universidades tiveram que abrir suas portas para suprir esse mercado. E

a universidade tem uma estrutura convencional. Portanto, o professor de Educação Física também galgou cargos de poder no complexo universitário. Abriu mais campo, portanto. Então, num prazo muito curto, que não faz 20 anos, abriu oportunidade a dar com pau. Tinha mão-de-obra? Não tinha. Nesse país não tem mão-de-obra. Tanto é que você abre um concurso aí, não aparece ninguém. Fica aberto o concurso. Então, o que aconteceu? Aconteceu que você tinha que absorver o que tinha. E depois que absorveu, tem que reciclar e aí ministrar com o que você tem. Então, a carreira acabou sendo muito repentina. E muito rápido a ascensão das pessoas a cargo de mando. No nosso caso específico, o cancro da questão: pós-graduação. Abriu pós-graduação. Nem todos elas podem se sustentar. A nota da CAPES é quantitativa; não é qualitativa. Portanto, a avaliação que os órgãos de fomento tem, não garante a boa qualidade da pós. O diploma de mestrado e doutorado é rapidamente tirado. É o diploma mais rápido. Veja, a CAPES acusa que o nosso diploma de mestrado e doutorado é muito lento perto dos EUA e da Europa. Primeiro, que é outro diploma. São duas coisas diferentes. O mestrado lá é um paper e equivale aqui o que nós temos como monografia de curso. É outra coisa. Não tem equivalência. Segundo que, os estudos são de outro caráter. O nosso mestrado tem haver com a tradição francesa e alemã. A estrutura é outra. Então. Resultado: a Educação Física furou esse bloqueio. Até por uma razão de tradição. Como boa parte dos Doutores que nós tínhamos de Educação Física foram formados naquela estrutura, então eles reproduziram aqui aquela estrutura. Tanto é que, qual é o mestrado que tem nota na CAPES e que é uma vergonha nacional? O mestrado de Santa Maria. é uma vergonha nacional. Todo mundo sabe que é uma vergonha nacional. No entanto, ele tem A. Vamos ver se o Valter consegue modificar a situação. Foi para lá. Vamos ver. Mas, nunca vi uma andorinha só fazer verão. E os outros mestrados e doutorados que se abriram? Gama Filho. E precisa ir longe? Não? Não precisa? Nós sabemos que a UNICAMP tem dificuldades de manutenção do seu corpo docente. A UNICAMP, hem?! Agora, soma-se a isso, põe nesse caldo de cultura, nessa situação, o fato que a própria área perdeu seus paradigmas anteriores. Quer dizer, além de tudo, além de você precisar de mão-de-obra e não ter, perdeu seus paradigmas anteriores. Quer dizer, nem todo mundo sabe o que deve ser feito. É uma loucura? Eu não sei se essas categorias (intelectual orgânico e intelectual tradicional) se aplicam a uma pessoa que lida especificamente com história, com Educação Física. Acho que elas não se referem a isso. Quando eu escrevi que o professor de Educação Física deveria ser tomado como um intelectual, era mais uma tentativa de curvatura da vara. Como a divisão do trabalho, separou trabalho manual do trabalho intelectual e subvalorizou o trabalho manual. No plano daqueles que ainda que trabalhem com o ensino, que é uma questão intelectual, ainda que trabalhando com o ensino se ligam a atividade manuais e aí entram os professores de Educação Física. A tendência dele, é ser desvalorizado também. Então, no ensino de 1º e 2º graus isso ficava patente pela própria arquitetura escolar. O professor fica dentro da escola e o professor de Educação Física fica fora da escola. Só a arquitetura escolar já discriminava, mostrando que um tinha haver com transmissão do saber e o outro tinha haver com o pastoreiro das crianças. Os pastoreiros das crianças. Nunca se cobrou do professor de Matemática o pastoreiro das crianças. Se cobrava do professor de Educação Física. Então, particularmente, eu tentei escrever no seguinte, pensando no

seguinte detalhe: já que ele, professor de Educação Física, acaba nas mãos dele muito mais que o próprio ensino, acaba a Educação de uma forma ampla. Então, com mais razão ainda, deveria se olhar para ele como sendo alguém ligado propriamente as atividades intelectuais. Agora, quanto ao fato de se pensar aí na organicidade do conceito de intelectual orgânico. Aí eu já não acho que poderia ser aplicado essa questão de corporação. O intelectual orgânico na formulação de Gramsci está desvinculado da idéia de corporação. Quer dizer, não está vinculado, ao fato de que para ser intelectual orgânico, haja a possibilidade de você fazer o recorte por uma corporação. Agora se nós sairmos da idéia de intelectual orgânico e fomos para a idéia de engajamento político, os professores de Educação Física, de um modo geral tem um engajamento político, de alguns anos para cá, é até estranho, quer dizer, boa parte da militância dos partidos políticos de esquerda, tem assim até uma presença razoável de professores de Educação Física. é um dado novo no Brasil. Quer dizer. Por que apareceu isso? Uma das razões - a abertura. Mas, uma razão estranha e gozada, foi que o fato da área ser corporativa, acabou empurrando a área para uma atividade militante. Você vê. De todos os professores, o professor de Educação Física é o mais corporativista. De todas as áreas, ele só deve perder para funcionário do Banco do Brasil no passado e olhe lá. é uma área muito corporativa. Ela tem um sentido de corpo muito forte. Ela nasceu no Brasil numa data onde as corporações estavam se formando. O estado corporativo que se tentou formar no Brasil é da mesma época da criação da Educação Física enquanto disciplina universitária. São próximos, né? Bom, resultado: casou a fome com a vontade de comer. Você tem um estado corporativo se formando e você tem um grupo de pessoas que se estabelece naquele período. Então, o sentimento corporativo daquele grupo se fortalece. Resultado disso daí: é que tanto faz a ideologia ser de direita ou de esquerda nesse caso. No passado, a corporação obedecia ditames da direita. Agora a corporação se voltou de certo modo, de uma orientação, parece que de esquerda. Mas, continua sendo uma corporação. No limite, a briga é corporativa. Se você põe dois professores de Educação Física, um tido como de direita e outro tido como de esquerda, você vai ver que diante de uma ofensa à corporação, eles se unem. Se você questionar Educação Física como área de saber, eles se unem rapidamente. Eles deixam de ficar inimigos rapidamente em defesa da corporação. No fundo, no fundo, não tem diferença de esquerda/direita na Educação Física. Veja a seguinte experiência que eu tive um pouco tempo atrás. Eu fui num Congresso, num evento, eu não me lembro bem o título desse evento, mas você deve se lembrar o que é. Foi em Foz do Iguaçu, um pouco tempo atrás. O que era aquilo lá que eu fui? Um congresso, feito por uma federação internacional? Eu sei que era uma dessas federações. Que tem um monte de federação. Tem federação brasileira da Educação Física, tem as APEFs. é um monte de corporações no fundo na área. Eu sei que eu fui para Foz de Iguaçu. Eu fui por que? Eu trabalhei lá em Cascavel durante um tempo em um curso de especialização, aí o pessoal me convidou e aí passou, passou dois anos do convite, aí quando chegou a data. Bom, nem sabia direito o que era. Eu sei que era aqueles fantásticos cursos, que tem uma palestra com alguma pessoa que publicou alguma coisa para dar o tom e depois no fundo, é dinheiro, ou seja um monte de pequenos cursos que você se inscreve e a federação cobra amanhã Bom, a população que estava lá, a população era nitidamente reacionária. Tanto das pessoas

que estavam dando os cursos, como as que estavam assistindo, reacionárias mesmo. Não digo conservadoras, pessoas reacionárias, racistas, elitistas, tudo o que você pode ter próximo do facismo. Eu fiquei espantando de ver aquilo lá. Para mim, quase assim que mais próximo da população da Educação Física do tempo que eu fazia graduação, dos anos 70. Os técnicos de voleibol que estavam lá, das grandes equipes dando curso, eram facistas. Eram pessoas assim, limitantes de direita, militantes mesmo, eram pessoas que passaram, me viram, não cumprimentaram, pessoas assim, agressivas inclusive em relação a qualquer tema que soe próximo às ciências humanas. Inclusive, você tem pessoas que lidam com a Educação Física e Ciências Humanas de direita, mas ali, naquele ambiente, eram tidas como de esquerda. São recebidas, de tão duro que é, o grosso da massa de praticantes, interessados nessa Educação Física eram altamente conservadores. É como eu disse para você, algumas pessoas pegaram aquele meu trabalhinho. Mas, a Educação Física não era assim, ora, lógico que não era. A pesquisa é feita em cima da produção literária . O que você pode dizer disto? Que existia uma concepção assim, assim e assado, revelada nos textos. Agora, o que se fazia, o que se pensava? Só quem viveu. Não tem como você por. Então é a mesma coisa. Se nós fizermos uma pesquisa agora em cima da literatura, você vai obter um espectro razoável sobre o que está se produzindo. Agora, a prática, os eventos, o que ocorre no cotidiano escolar, no cotidiano dos clubes, a mentalidade disso, averiguar isso, é muito difícil. Você pode fazer uma pesquisa sobre o que você está trabalhando, as grades curriculares do ensino superior, o que você fica sabendo? Sobre as grades curriculares do ensino superior. Se quiser fazer uma inferência disso para a atuação, você dá um passo falso nessa sua dissertação, que já se complicou. É como o Wanderlei. Está fazendo um trabalho sobre, com o técnico desportivo, daí ele veio aqui. Aí ele falou assim: bom, agora, a minha orientadora quer que eu, olhando os livros, veja o que é que o técnico desportivo fala. Agora eu vou para a prática para confirmar. Eu falei: se você der esse passo, você está perdido. Não tem legitimidade. Nos livros, você fica sabendo o que: a concepção escrita. Agora, se a prática está ou não revelando o que os livros estão ditando é algo que não tem porque perguntar. São dois campos distintos. Por isso que o Chartie, que trabalha com história cultural, trabalha com prática e com representações, prática de um lado, representações de outro, são campos diferentes. Bom, para averiguar as representações você precisa ler e fazer um outro tipo de trabalho, checando os periódicos, checando os livros, e vendo como é que andou essa representação da Educação Física, nós não vamos pegar a representação da Educação Física, que nós genericamente entendemos de que estão sendo de esquerda ou progressista. Ela é de que maneira? De péssima qualidade. Mau escrita. Com erros gravíssimos, gramaticais, metodologicamente pobre, e assim por diante. Ela está melhorando? Nada dá indicações de que ela está melhorando. Não tem indicações de que ela melhorou. Eu estou me isentando disso? Não. Estou me colocando à parte?, quer dizer, eu a pego a Educação Física Progressista e digo que não é isso? É uma droga igual às outras. Mau escrito, tem erros que até hoje não corrigi. Qual o meu interesse de corrigir? Por que eu deveria ter um interesse de corrigir. Agora, eu fiz alguma coisa para corrigir? Até agora eu não fiz. O que eu fiz foi corrigir O que é pedagogia. Esse eu refiz inteirinho e aí mandei para; o Caio morreu na época que eu mandei; infelizmente. Não por que eu mandei, infelizmente

porque ele morreu. Porque a Brasiliense, independentemente da pessoa, a Brasiliense está passando por dificuldades com a morte do Caio. A verdade é que os intelectuais, muitos deles não corrigem por outras razões, inclusive. Para datar mesmo. A Marilena Chauí, ela admite que a Ideologia tem pequenos problemas, mas ela nunca refez. E, um dia, ela falou: eu pensei em refazer. Depois duma época eu cheguei a conclusão que a melhor forma era deixar datado. Faz parte da História da Filosofia deixar datado. Eu tenho dúvidas sobre isto. Deixar datado. Eu preciso deixar datado, se você escrever outro para balizar. Então, as vezes eu penso em escrever outra coisa. Fazendo a auto-crítica (essa palavra é horrível). Fazendo a crítica do Educação Física Progressista. Mas, não fazendo a crítica do método. Fazendo a crítica dos erros comezinhos que tem. Agora, o grande problema é o que veio depois junto, é muito pobre, é pobre, é paupérrimo. Bom, isso é um fato. Teoricamente a coisa é complicada. Agora, e na prática? Na prática a coisa é complicada ainda mais. Por que? Porque, no limite a Educação Física continua sendo o que? Continua sendo uma prática. No limite você tem um saber, um conjunto de saber que no limite vai chegar aonde? Numa aula de 50 minutos. Seja ela num clube, seja ela numa escola. No limite é isso. O ponto de chegada é esse. O que altera lá, essa produção toda de esquerda? Nada. Não altera absolutamente nada. As seqüências pedagógicas que se propõe são as mesmas, são as mesmas as seqüências pedagógicas. Quando muda, muda em favor do que? Muda em favor de práticas alternativas que estão para além dessa discussão. Normalmente, quando você vê alguma mudança de seqüência pedagógica não vem do discurso. Vem de algo que está fora do discurso que, são as chamadas práticas alternativas, anti-ginástica e por aí vai. Ela que alimenta algum tipo de mudança subterrânea. Veja o caso da famosa proposta de Pernambuco da Micheli. Num desses encontros por aí a fora, eles me passaram aquilo. Acho que foi em Tramandaí. A Micheli, falou assim para mim: olha, eu gostaria que você fizesse uma crítica dessa proposta aqui que nós aplicamos lá no governo. Daqui, que eu sento aqui de noite e já faço já. E fiz a lápis, do lado do caderno que ela me deu. Agora, o básico da minha crítica era: onde está o programa prático de atuação? Aonde é que ele se altera? Porque no limite, trata-se de uma formulação didática. No limite, trata-se de substituir ou não o manual do Faria Júnior. Não é isso? No limite, não é isso? Quer dizer, o manual do Faria Júnior se você não souber nada, ele te ensina alguma coisa para você fazer uma atuação prática. E as outras formulações? Há, mas nós não podemos. Veja, nós não nos propomos a dar receitas. Calma, calma. Tem duas coisas distintas neste negócio de não se propor a dar receita. 1º) Se eu faço um livro, um texto de discussão teórica, eu não me proponho a dar receitas. Mas, se eu faço um livro que não é uma discussão teórica, que ele é uma intervenção prática. Então, eu tenho que ter alguma coisa que indique os resultados, os encaminhamentos. Então, por exemplo: o meu livro não se pretendia a isso. Ele era nitidamente teórico. Mas ainda assim, ele dava algumas indicações do que eu vi sendo feito. Agora, livros do tipo desses que nós fizemos pela Cortez. Digo, que nós fizemos, porque eu fui responsável por aquela coleção, um dos responsáveis, em parte, o grande responsável pelo livro sair daquela maneira, porque eu é que trouxe o Lino para aquele livro. Vamos pegar aquele livro. Qual é a diferença que ele tem das seqüências pedagógicas que se propuseram desde que o mundo é mundo? No limite, ele caminha para onde? Ele dá um discurso

que se acopla a prática que continua a mesma. Uma das coisas que eu sempre fiquei indignado é o seguinte: a Educação Física tinha um eixo, o curso de Educação Física tinha um eixo, chamado Ginástica Geral. Bom, elimina isto e põe o que no lugar? Nada. Ginástica Geral era o eixo que aglutinava tudo em torno disto. Todos os cursos universitários, eles tem um eixo, uma disciplina que ela é o eixo. As coisas se aglutinam em torno dela. No caso da Educação Física tinha claro, a Ginástica Geral era a disciplina, o sujeito ali, fazia um percurso histórico pela ginástica e o resto se acoplava a isto. O manual do Faria Júnior mostra tanto isto que tudo o que vem, ele vem ligado a estrutura dos métodos ginásticos. E no limite, o básico, é o Método Francês. Então é como se fosse assim: o primeiro método a ser ensinado vai puxar todos os outros e tudo o que for dado vai se aglutinar em torno desse eixo. Bom. Retira isso. E põe o que no lugar? Ora! Fazem 20 anos que não tem nada no lugar. é uma guerra de todos contra todos. Todo mundo fica tentando dizer que o que ele descobriu de fantástico, o ovo de Colombo, é o eixo que deveria ser posto no lugar. Isto é uma loucura. Isso é um verdadeiro de um absurdo. Como é que você (...); passaram uma borracha no que tinha e aí ficou uma briga de foice no escuro para se botar algo no lugar. Então você começa a ter essas coisas. O pessoal da psicomotricidade reivindica que é eles, é a psicomotricidade que deve ser o eixo; o sujeito que tem uma formação em Ciências Humanas, acha que o curso deve ser centrado em Filosofia e História da Educação Física; o outro vem, não, não é nada disso, na verdade, a Educação Física é uma Ciência, é a Ciência da Motricidade Humana. Nós vamos ter que fazer (...) e esse é o eixo. Isso é uma loucura. Porque, é como se no passado, como se nós não tivéssemos nada feito. é como se tivesse nascido tudo. é uma loucura tão grande, que é o seguinte: é como se tivesse todo mundo nascido em 1980. Não existi nada. Não existi nada para trás. é como se todo mundo nasceu em 1980. Hora! Ninguém nasceu em 1980. Quer dizer, uma das funções do livrinho, era um pouco isso. De mostrar, por pior que fosse, já se pensou em alguma coisa: tinha uma estrutura montada por trás. E que chegou num ponto que, você pode dizer: chegou num ponto de impasse. Chegou, chegou num ponto de impasse. Agora, o impasse, justifica você passar uma borracha em tudo o que foi feito? Então, o problema da Educação Física é basicamente esse. Você tem aí um curso que não tem mais eixo. E ele crescentemente perdeu, ao perder o seu eixo, perdeu a sua, o seu motor, que era, ele ser um curso eminentemente ligado a um fazer. Você tinha um conjunto e que deveria seguir. E esse conjunto se perdeu. Agora, você chegou num ponto, quer dizer, o que esses Pareceres revelam, a não ser uma abstração? O que ele revela: é uma abstração. 1º) Uma pergunta que tem que ser feito: qual a legitimidade para dizer que eu enxergo a realidade de uma maneira critica e você não? Qual a legitimidade que eu tenho para dizer que eu enxergo a realidade, que eu vejo, o que você vê é a irrealidade, é ilusão? Toda vez que uma pessoa falar: olha, tal coisa tem que estar ligado a realidade. Ele não está falando nada. Para Historiador, não está falando nada. Para Filósofo, está falando menos ainda. O que é realidade? No fundo, é uma petulância, é uma pretensão. Toda vez que você usa a palavra realidade, já dançou. Tudo o que você podia falar para diante, perdeu a legitimidade. Quais são as reais necessidades do nosso país? Por mais, você pode dizer assim: você está mistificando, porque tem problemas reais, graves, que todo mundo chega a um consenso que são reais e graves. Bom, mas mesmo que eu

admita que tem problemas graves, eu preciso saber se eles são afeitos ou não a Educação Física. Por que em torno dessa idéia de gravidade, e de realidade eu posso (...). Por exemplo: tem gente aqui que acha que a Universidade, que o país, é um país de analfabetos e que portanto a Universidade deve cuidar do problema do analfabetismo. Essa é uma real necessidade, eles dizem. óbvio, é uma real necessidade para os professores de 1º e 2º graus que nós formamos e que eles que alfabetizem. Agora, nós vamos formá-los e ao mesmo tempo, depois de um tempo, nós vamos lá reciclá-los. Nós mesmos vamos alfabetizar. Então a Universidade, ela é a Escola de 1º e 2º Graus. Ela alfabetiza diretamente. Então elimina toda a rede. Faz direto já. Mas, para alguns isso é uma real necessidade brasileira. Qual é a real necessidade da Educação Física? A real necessidade da Educação Física é: que as pessoas passam fome. Então, como é que pode ter ginástica rítmica para pessoas que passam fome? Pronto, identifiquei uma real necessidade. Está identificado. Então, você tira ginástica rítmica da grade curricular. No limite, você irá tirar tudo. Você vai tirar tudo. Você não vai conseguir uma disciplina mais para as reais necessidades. Não é? No limite você acaba com a Universidade. Você acaba com tudo. Você não vai discutir mais nada. Você vai se sentir criminoso, porque você comprou um livro. No limite, você chega a seguinte situação: que a pretensa esquerda coloca: eu comprei um livro, acabei de sair da livraria, quanto custou? Quatro mil cruzeiros, pronto, você cometeu um crime. Você vai cruzar com 10 pessoas na rua que você poderia ter dado esse dinheiro para ela. No limite é isso. O Europeu passa por esse constrangimento? Não passa. Nós passamos por esse constrangimento. Quer dizer, o problema é: você destroi o que você tem, você destroi o que você tem em prol de uma situação que você acharia que você daria conta dela. E você vai descobrir que você não dá conta dela. Se a Universidade hoje, com todo esse aparato aqui e com toda a verba que ela tem, ela se dedicasse a alfabetizar, ela ia dar com os burros n'água, ela ia perceber que ela ia cometer os mesmos erros que os professores que ela forma de 1º Grau cometem e que ela ia continuar com o povo analfabeto. O problema está mais embaixo. Agora, você acaba com o analfabetismo. Dê uma boa aula aqui na Universidade que você melhora os professores e aí você vai ter um professor com condições melhores para tratar com o problema do analfabetismo. é esse o nosso trabalho. No fundo, esses Pareceres, eles são postos num grau de generalidade tal, que eles são impossíveis de serem criticados. Você não pode criticar um Parecer desse. Criticar como? O que você pode dizer dele? Ele não diz nada. Ser contra a ele? Mas, você poderia negá-lo? Eu não sei se você pode negar um Parecer desse. Ele é tão abstrato, como é que você vai negá-lo? Como é que você vai formar uma pessoa crítica? O que eu estou dizendo é que você não pode negar esse Parecer. Não, você não pode negar o conteúdo dele. Por que se você negar o conteúdo dele, você vai pôr uma outra concepção tão abstrata quanto no lugar. Eu vou ler: formar o professor crítico. Aí você diz para o Parecer: na realidade que nós estamos, eu não posso formar o professor crítico. Pronto. Você cometeu o mesmo problema que ele. Você definiu a sua realidade e já definiu que nela não pode se formar um professor crítico. Você cometeu às avessas a mesma coisa que ele fez. Você pode dizer que ele é um Parecer que permite tudo. Eu não posso chegar para ele e dizer assim: eu não quero formar o professor crítico. Lógico que é formar o professor crítico. Para eu negá-lo, eu teria que dizer assim: olha eu

sou contra a esse Parecer. Por que? Porque eu quero formar o professor não crítico, eu quero formar um professor acrítico. Está descartado isso. Isso eu não falaria. O que eu poderia falar? Eu poderia dizer o seguinte: está descartado esse Parecer, porque eu não consigo formar um professor crítico. Mas também, é outra incongruência. Por que? Porque eu estaria definindo a realidade e a partir dela eu estaria dizendo que não consigo. Ele estaria dizendo que você consegue e que deve e você está dizendo que não consegue. Veja, no fundo, são Pareceres com o mesmo grau de abstração; só que em sentido contrário. Essa é a jogada da lei. Ela é tão de forma abstrata, que ela não pode ser negada. Quer dizer, quando você vai trabalhar com Ciência, você vai trabalhar com o Popper, por exemplo. Que ele fala o que é Ciência - aquelas definições do Popper de Ciência - o que é científico é o falsificável. É justamente isso. Esse Parecer ele não é científico, porque ele não pode ser falsificado. Ele sempre vai ser verdade. Ele sempre vai ser verdade num grau de abstração. Quando você definir em sentido contrário, você vai estar fazendo a mesma coisa que ele. Você vai estar definindo a realidade e dizendo: não posso formar o professor crítico. A partir do que? A partir da sua definição de realidade. E ele está dizendo: a partir da minha definição de realidade, eu quero que você forme um professor crítico. Os pesos de legitimidade dos dois são idênticos. Nenhum dos dois podem ser falsificáveis. Eles estão acima da verdade. Você não pode dizer nem não, nem sim. O que você pode fazer é a observação. Que eles estão acima disso. Por isso que eu não consigo dizer que eles estão presos à alguma concepção idealista. Não sei como. A não ser que pense idealismo aí, de uma forma corriqueira, do senso-comum. Idealismo de você querer fazer alguma coisa. Não vejo como. Eles estão acima do bem e do mau, esses Pareceres. Quando você falsifica. Se eu digo para você, essa caneta tem 7 cm, essa afirmação minha está no campo da Ciência. Por que?, porque com uma observação empírica de mensuração, você falsifica ou não. Portanto, essa afirmação minha ela é falsificável. Ela é possível de ser falsificável. Confirmada ou não confirmada. Então, eu estou no campo científico. Mas, se eu disser que esta caneta ela é algo, por exemplo, vinda de outro planeta, eu saiu fora da falsificabilidade dela. Não, você fala: como que você sai fora? Não é verdade. Como é que veio essa caneta. Saiu fora. Por que? Porque eu não tenho mecanismos de falsificar a assunção. Então ela é uma assunção que está no campo da mitologia. Não tem mecanismos de falsificá-la. A mesma coisa é esse Parecer. Eu não posso falsificá-lo. Eu não posso dizer: esse Parecer, ele está errado. Quando eu fizer isso. Eu vou formulando um equivalente a ele, no sentido contrário. Eu estou fora do campo científico. É uma maneira sutil do legislador fazer uma coisa e nunca ser pego. É como o mito. Mito está fora do plano de você falsificá-lo. Não passa pela cabeça de você falsificar um mito. Ele está fora desse plano. Então é nesse sentido que eu não vejo concepção idealista por trás. A concepção idealista ela não necessariamente está fora, quer dizer, são duas coisas separadas. Eu posso ter uma concepção idealista das coisas e forjá-las num plano idealista, mas ainda sim, científico e falsificável. Faço uma afirmação idealista, mas ela tem uma maneira de ser falsificável. Pela objetividade dela. Então eu não sei se aí caberia essas categorias, nessa situação. Agora, tudo o que você for ler de legislação tem esse naipe. É louco do legislador que fizer um Parecer falsificável. Aí, ele vai transformar a Legislação em Ciência. Pronto, dançou. Porque aí

todo mundo, vai poder negar e dar os nomes aos bois. Ora, aí a Legislação perde o seu efeito. O efeito dela é se manter nesse plano de abstração mesmo. Eu não tenho me dedicado muito a isso. E nem tenho observado muito. O que eu tenho observado é o seguinte: as Universidades preocupadas com a Avaliação são as Universidades com má consciência. As Universidades que não tem má consciência e que estão indo bem, elas não se preocupam com Avaliação. Pode ver, que os movimentos para a Avaliação, eles começam sempre quando surge alguns sintomas de má consciência. Não é a toa, portanto que ela aparece na Universidade Brasileira num periodo critico dela. Uma coisa é certa: nós, na UNESP, temos uma órgão que é o fim da picada, não existe em lugar nenhum, que é essa história de CPRT. Qual a legitimidade que um órgão desse tem para avaliar um trabalho de pesquisa dos seus professores? Por que, pressupõe que essas pessoas que estão nesse órgão, tenham uma capacidade tal a ponto delas meterem a mão em todos os trabalhos que chegam lá? Sejam eles das diversas áreas. E bota a mão mesmo! Bota a mão mesmo! Agora na origem desse órgão o que nós tinhamos? Uma situação politica da criação da UNESP, isso aí foi um órgão policial de criação de boicote ideológico das pesquisas. E hoje está aí, criando complicações para todo mundo. Agora essas avaliações, comissões de avaliações da Universidade, todas as comissões esbarram num problema fundamental. Qual? As especificidades das áreas do conhecimento. Isso aí é o grande problema. Quer dizer. As pesquisas de Filosofia e Ciências Humanas, não podem ser avaliadas pelos mesmos critérios que você avalia as pesquisas na área das Ciências Naturais. Não tem como. Eu assisti, por exemplo, algumas Universidades fazendo, por exemplo, nós tivemos aquela avaliação que a Folha fez da USP, a lista dos improdutivos. Como é que fica aquilo? Eu posso ter um trabalho todo durante minha vida toda e esse trabalho inclusive não está publicado. O critério de produtividade deverá ser dado por quem? Pelo mercado editorial. Ora, nos EUA, isso é uma bobagem. Porque todo mundo publica tudo. Porque todo mundo tem editoras em suas casas. Você forma com dez pessoas, você monta sua editora, editoração eletrônica, você monta seu livro e bota ele na praça a hora que você quiser. Hoje em dia em São Paulo, se você abrir as páginas do jornal, você vai ver que nasce uma editora por dia. Normalmente, ligada a algum tipo de tradução. Não há critérios para avaliar. Qual é o critério? O criterio seria relevância social? Qual o elemento social? Agora, a avaliação poderia ser feita, seria uma avaliação de rigor técnica do trabalho. É a única avaliação que pode ser feita. Agora, essa avaliação vai ser feita como? Na situação do corporativismo que a gente vive, não há como. Não há como mesmo! Em alguns centros, isso ocorre de maneira normal. Mas nos outros. Como é que se põe? Como é que se põe o trabalho? Você veja. Vamos pegar o caso do Mestrado e do Doutorado. Que é uma avaliação, em parte (...). Em parte, uma avaliação das Universidades já está sendo feito pelos órgãos de fomento, a medida que eles vão avaliando seus mestrados e doutorados. Veja como é que se pode avaliar isso. Se você tem como orientador um professor que responde publicamente pelos seus trabalhos, a tendência sua de produzir um trabalho mais rigoroso é maior. Mas, se você tem um orientador que publicamente, publicamente é o seguinte: dentro da comunidade cientifica não tem que responder nada para ninguém, a tendência da responsabilidade dele sobre o seu trabalho é menor".

que eles fazem aqui, é mostrarmos constantemente, não só a importância dos nossos simpósios, mas os simpósios realizados por outras entidades e inclusive até facilitamos a ida deles a outros simpósios, a outros cursos, a outras palestras, a outras conferências para que eles conheçam a realidade diferente da nossa e isso é muito bom porque eles voltam com algumas informações interessantes e que propicia uma mudança dentro do nosso próprio curso. Tentamos tanto quanto possivel, numa cidade pequena como Rio Claro, dar a eles a oportunidade de desenvolver o nosso currículo aqui e na Escola vivenciar essas nossas chamadas teorias, através das práticas de ensino e nos estágios supervisionados. Mas, a própria cidade não oferece tantas possibilidades de experiência, quanto eles deveriam ter, nós não tínhamos aqui, por exemplo, uma equipe de ginástica artística, onde eles pudessem fazer estágios. Nós não tínhamos aqui uma equipe de natação, onde eles pudessem fazer os estágios, nós não tinhamos aqui equipe de ginástica rítmica desportiva, onde eles pudessem fazer os estágios e em função disso foram criados os projetos de extensão e nós então trazemos a comunidade para dentro da UNESP e montamos as equipes de aprendizagem, aperfeiçoamento, especialização, onde os alunos podem acompanhar. Fazer com que eles saiam da Universidade e vão buscar informações em outras instâncias e trazemos também a comunidade para dentro da UNESP para que eles tenham aqui um campo de experimentação. As críticas são várias, tanto positivas, quanto negativas. Uma das críticas que a gente tem, é a dificuldade na contratação, ainda é essa uma dificuldade que nós temos, de contratação de professores das disciplinas tipo psicologia, sociologia, filosofia, estrutura e funcionamento de ensino, didática, que não são professores de Educação Física e então tem que fazer assim, vamos dizer, um processo de adaptação ao nosso currículo para eles não trabalhem somente a sociologia geral, mas trabalhem as dimensões sociológicas da Motricidade Humana, que eles não trabalhem somente com a Psicologia Geral, mas com as dimensões psicológicas da Motricidade Humana e assim por diante. A mesma dificuldade nós temos com os professores de anatomia, que não trabalhem apenas o comprimento,a origem, a inserção, os músculos, mas que trabalhem a anatomia aplicada ao aparelho locomotor, em função dos desportos, da dança, da ginástica, da vida cotidiana, do lazer, da arte. Acredito que muitas vezes há uma outra crítica a fazer que, é o excesso de teorização em algumas disciplinas em detrimento da aplicação dessas disciplinas. E o conjunto dessas teorizações acabam dando ao aluno uma dificuldade, porque ele teoriza demais e depois tem dificuldade de fazer a ponte com a sua aplicação. O professor trabalha apenas com informação e acredita que ele que deve fazer a abstração das coisas e a generalização. Então, acredito que fica muita coisa para que ele possa fazer a transferência mais tarde. Então, eu vejo que essa é uma das dificuldades que nós temos ainda. Esse excesso de informações e com a idéia de que ele deve aprender agora para aplicar mais tarde. É uma deficiência da Educação, em geral. Eu acredito que em matéria de Educação, os conhecimentos passam muito rapidamente e deveriam ter uma aplicação mais imediata para que houvesse um feed back também mais rápido e reaprendesse mais rapidamente também. A dificuldade de instalações continua sendo grande na maioria das Escolas de E.F.. A dificuldade de verba também é uma outra coisa que a gente pudesse trabalhar com equipamentos mais modernos, utilizar a informática mais freqüentemente e possivelmente outros que eu não me lembro no momento. Na verdade, a gente tem sempre

DEPOIMENTO Nº 17

"Eu me formei em 1966, na Escola de Educação Física, que era um instituto isolado, não pertencia a USP ainda, chamava-se Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. Funcionava no Ibirapuera, no Parque da Água Branca. Em função das dificuldades de instalações, nós tínhamos aulas 2ª, 4ª e 6ª lá no ginásio do Ibirapuera, 3ª e 5ª na rua Germano Bruxela, no DEF. A minha formação, foi um curso de 3 anos. Era realizado apenas na parte da manhã. Em matéria de influência, a que nós mais tínhamos na Escola, eram praticamente, duas grandes influências: uma da parte médica, porque todas as disciplinas biológicas que nós tínhamos eram lecionadas por médicos, então a influência da medicina era grande nessa época. E na parte prática, a grande influência que nós tínhamos era do professor de ginástica - ProfºDrº Antonio Boaventura da Silva, que praticamente seguia o método, tinha uma conduta muito arbitrária, muito autocrática, que era confundida costumeiramente com uma visão militarista da Educação Física. Onde ele privilegiava, por exemplo, as ordens de comando. Tinha uma fixação muito grande em disciplina, ordem, uniforme, enfim, a questão da disciplina, da uniformidade para ele eram questões muito significativas. Foi a parte médica, acho que a parte e os princípios da ginástica que ele lecionava, tiveram uma grande influência na nossa formação. O mercado de trabalho era muito grande naquela época. A Educação Física era pouco entendida pela sociedade. Quando nós saíamos à rua com nossos uniformes, os nossos agasalhos esportivos e de tênis na rua, todo mundo olhava, todo mundo apontava. Isso era muito comum. Era um sucesso na rua. Não era comum andar de agasalho no meio da rua e nem de tênis no meio da rua . Nós éramos considerados alunos bem diferenciados. E não havia nenhum tipo de crítica, realmente. Eu acho que, foi muito poucas greves, os professores eram muito autoritários naquela época e a nossa educação como tinha sido muito repressora, aceitava com facilidade esses aspectos e na verdade muitas vezes, era uma autoridade mascarada, por que era confundida com ordem, com disciplina. Vamos ser ordeiros e disciplinados, por que assim a gente consegue garantir uniformidade, consegue garantir obediência, conseguia no caso então, estabelecer um processo não crítico. Quer dizer, as nossas aulas não eram discutido conosco, a razão das nossas aulas não eram discutido conosco. O porque das aulas serem assim ou assado, nunca foram discutido conosco. Simplesmente eram passadas sob formas descritivas e as aulas práticas eram feitas em torno da voz de comando da seqüência pedagógica. Totalmente dirigidas. Não existia, os teóricos eram realmente teóricos e os práticos eram realmente práticos. Inclusive, havia por parte de professores, os que defendiam a teoria, que a teoria era a coisa mais importante. E os práticos diziam que só a prática era o suficiente para ser um bom professor de Educação Física, com uma exceção, você tem que registrar essa exceção, que foi uma das disciplinas que mais me chamou a atenção no curso e acho que me influenciou bastante, foi a do professor de Cinesiologia, este fazia a relação entre teoria e prática. Parece-me que foi o que melhor encontrou a relação entre a teoria e a prática na disciplina de Cinesiologia. Tanto na Escola, quanto nos clubes, como em acampamentos de férias, tinha uma demanda muito grande, e nós éramos muito requisitados nas escolas, havia falta de professores, era um mercado bem aberto sim. Na minha época, quando os professores médicos

lecionavam fisiologia, anatomia, cinesiologia e biologia, eles não tinham muito a preocupação de fazer a ponte entre o movimento, o osso, músculo, nem a articulação. Eles trabalhavam exclusivamente anatomia pela anatomia, fisiologia pela fisiologia, inclusive eram aulas totalmente teóricas e a gente não tinha acesso a prática, ao membro, ao tronco, para poder fazer a análise. Eu não vejo a necessidade de ser um médico para poder trabalhar essas disciplinas, tanto que no nosso caso aqui na Educação Física da UNESP, nós temos os biólogos, os fisioterapeutas dando aula nessas disciplinas. E também, professor de Educação Física que resolveram especializarem no ramo da fisiologia. Já em 1974, nós fizemos uma grande dispensa na Escola de Educação Física de Guarulhos, quando nós, entre os onze professores, que nós dispensamos, 3 deles eram médicos. Quer dizer, já sentíamos em 74 a necessidade de uma virada nessas disciplinas médicas, porque a gente achava que eles não estavam dando conta do recado. Conta do recado, é o seguinte, eram competentes, só que não faziam a ponte entre a anatomia, fisiologia, cinesiologia e a Educação Física propriamente dita. Houve professores muito marcantes em cada uma das disciplinas, a parte prática, profissionalizante, tinha professores muito bom de voleibol, natação, atletismo, das artes marciais, tínhamos boxe, esgrima naquela época. Eram professores da parte prática, eram muito dedicados, muito competentes. Mas, também trabalhavam o voleibol pelo voleibol, o basquete pelo basquete, o atletismo pelo atletismo e também não fazendo uma ligação com o aspecto educacional. A técnica do movimento pela técnica do movimento. E não havia entre professores da parte teórica na área pedagógica, por exemplo, didática, psicologia que fizessem essa ponte entre as duas coisas, não havia, não havia nenhum deles que fizesse. E quando a palavra educação era mencionada, era feito de forma espontânea, não programada e sem a regularidade necessária. Nós é que tínhamos que fazer essa transição. Eu particularmente procuro verificar fazendo uma análise do que a sociedade precisa, do que o ser humano precisa e transferir aquilo que eu desenvolvo aqui, seja uma disciplina teórica, seja uma disciplina prática, visando então as necessidades, os interesses, as características e os desejos, dos praticantes, dos alunos, dos discentes ou da comunidade que a qual eles estão afeto. A Educação Física, tradicionalmente tem sido tratada de uma forma, a nivel de: corra mais rápido, arremesse mais longe , salte mais alto, faça o maior número de cestas, erre menos motoramente, e isso implica em nós desenvolvermos um trabalho muito grande em torno da contração muscular. E nós estamos nos esquecendo que o ritmo da vida é sempre de esforço de trabalho, assim como o ritmo da natureza é de dia e de noite, das marés é de sobe e desce, do coração é de assistole e de diástole, da digestão, um tempo no estômago, um tempo nos intestinos, um tempo para dispersar energia pela natureza e de volta ao próprio corpo. E as tensões da vida moderna, também tem acompanhado a Educação Física, acompanhou as tensões da vida moderna. E a vida moderna acompanha a própria Educação Física, no sentido de aumentar essa tensão muscular que nós temos. Então nós não temos trabalhado tanto o relaxamento e a descontração como temos trabalhado a contração. Em conseqüência disso, um ser humano que precisa chegar em casa e relaxar, não tem essa possibilidade. A própria aula de Educação Física tem uma quantidade muito grande de esforços intensos e médios e muito pouco de descontração, relaxamento. Tanto que, se a gente considerar uma aula divida em 10 partes, a tradição da Educação Física recomenda, 3 décimos dessa aula para aquecimento, 5

décimos dessa aula para a parte principal e 2 décimos dessa aula para a volta calma. Então são 8 décimos de uma atividade, onde ele corre, arremessa, salta, dribla, luta, empurra, puxa e apenas 2 décimos para a pessoa voltar a calma e que nem sempre é feito em forma de relaxamento, é feito em forma de brincadeira, que também envolve algumas corridas, brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde, lenço atrás com a criança, mas ainda envolve a parte de contração muscular. E a pessoa acaba se contraindo durante mais tempo e relaxando durante um tempo muito pequeno. Talvez está aí, por exemplo, o sucesso das técnicas alternativas de Educação Física tipo ioga, tai chi chuan, bioenergética, consciência pelo movimento, das ginásticas chamadas suaves, tomando o espaço daquilo que antigamente era chamado de ginástica mais dinâmica, mais isométrica, mais isotônica. E nas minhas aulas eu procuro então fazer essa relação, e até estou tentando criar uma atividade, a qual, por falta de nome melhor, eu chamei de biotonia, quer dizer, o tônus da vida, onde na 1ª parte da aula eu faço atividades lúdicas, sempre tem contato corporal, e a 2ª parte da aula eu passo para técnica de relaxamento e inclusive a massagem, que não é muito comum no meio da Educação Física. Em matéria de planejamento, nós professores quando fazíamos as reformulações curriculares das faculdades por onde passamos, fazíamos de acordo com a vontade da direção da Escola, de acordo com a vontade do grupo que fazia essas reformulações curriculares, mas distante de uma teoria das reformulações curriculares. Nós fomos descobrir, desde 68, eu trabalhava, eu já dava aula como professor da universidade, na faculdade, hoje PUC de Campinas. Somente quando eu fui fazer o meu mestrado em 83, quinze anos depois, é que eu descobri que existia uma teoria curricular ou uma teoria de planejamento curricular, uma teoria da avaliação do planejamento do currículo. Depois de passado quinze anos da minha formação. Antes disso, eu não tinha nem a preocupação e nem encontrado uma pessoa que falava sobre teoria do currículo. Principalmente com a minha dissertação de mestrado que eu fui tendo a necessidade de aplicar essa teoria na minha metodologia, é que eu fui descobrir essa necessidade. As reformulações que aconteceu na nossa formação eu diria que foram fruto do acaso, foram fruto da vontade política dos donos da faculdades, das particulares no caso que tentavam ter o mínimo de disciplinas para poder ter menos professores e a sua folha de pagamento diminuir. Tanto quanto possível, eles diminuíam, tiravam disciplinas, diminuíam a carga do professor. E o professor ia para Escola somente para dar aquela duas aulas semanais, quatro aulas semanais, seis aulas semanais. E praticamente não voltava mais para a Escola, a não ser para alguma reunião do departamento. Então, essa nossa formação, acrítica, ela foi muito inválida, uma falta de reflexão muito grande, uma falta de reflexão sobre as coisas que estavam acontecendo, porque nós íamos à Escola somente para dar aula. E uma falta de teorização, porque nós não conhecíamos as teorias do currículo. Aqui em Rio Claro, nós tivemos a possibilidade de ir contratando professores que estavam já, alguns tinham doutorado, alguns já tinham o mestrado e outros estavam fazendo o mestrado. Mas já tínhamos aqui a estrutura da biologia, em matéria de formação científica, por exemplo, de vida acadêmica, já tinha um passado. Tanto que o nosso curso de pós-graduação de biologia é considerado um dos melhores do Brasil. Então essa ligação com a faculdade de biologia nos abriu os olhos para algumas coisas que talvez nós não fossemos detectar com tanta rapidez se a gente não tivesse a presença deles aqui. Nesse

caso, as reformulações aconteceram de uma forma mais tranqüila, mais natural. E coincidiu com o aparecimento, a necessidade da divisão do nosso curso de graduação, em licenciandos e bacharelandos, o que ocasionou uma mudança total, houve a possibilidade de agora as pessoas sairem com dois diplomas, cursando provavelmente um ano e meio a mais, se não houver nenhuma reprovação e sair com os dois cursos, o licenciando, que prepara normalmente para trabalhar nas Escolas e o Bacharelando que trabalha, que forma normalmente o pessoal para trabalhar em pesquisa, em clubes, em associações de classes, em condomínios, em acampamentos de férias. A necessidade que nós sentíamos e a primeira vez que eu senti isso foi a partir de 1974, quando em Guarulhos, na Faculdade de Educação Física, nós nos reunimos lá, a nossa reformulação curricular, era que o professor de Educação Física era formado para tudo, ele era formado para dar aula em Escolas dentro de um ambiente educacional, onde o esporte era visto dentro de uma aula de Educação Física e era formado para trabalhar no clube, como técnico desportivo, onde o esporte era a coisa principal. Numa escola, a criança vai aprender basquetebol dentro de uma aula de Educação Física, ele vai ter no máximo 20 minutos de basquetebol. Se o programa, se a temporada daquela época for para o basquetebol. E o garoto que vai estar no clube, por exemplo, vai aprender basquetebol durante 2 horas por dia ou 3 horas por dia, hoje até mais do que isso, só que 4 ou 5 vezes semanais. A equipe de natação da UNESP, as crianças que treinam na UNESP, treinam de 2ª a 6ª ou de 3ª a sábado e inclusive não para nem nas férias e nem no carnaval. Então, quer dizer, o professor, o licenciado, era formado tanto para trabalhar com esporte incluído numa aula de Educação Física e como esporte, como um fim em si mesmo. E era formado também para trabalhar em acampamentos, em condomínios, colonias de férias, em ruas de recreio e isso acarretava um leque muito grande de opções, a formação de um generalista muito grande e de pouco especializado. Então nós sentíamos essa necessidade de as duas formações, para atender melhor o mercado de trabalho. Na verdade, nós talvez tivéssemos cometidos, acho que nós cometemos sim, um erro, que foi de formar um curso novo, via o bacharelado, sem estarmos suficiente, adequadamente estruturados, na licenciatura. Acho que nós estamos num período de transição, numa época de debates muito grande em matéria de Educação Física, todo mundo debatia Educação Física e sobre a Licenciatura e aí apareceu o Bacharelado. Então nós fizemos uma coisa nova sem definir exatamente o que nós queríamos da coisa antiga. E tanto que eu não encontrei ainda nenhuma legislação que diga como que o Bacharel vai poder atuar no mercado de trabalho. Se ele não vai poder dar aula na escola e se com a formação do bacharelado, os licenciados vão ter dificuldade de trabalhar nos clubes, nas entidades, tipo SESC, SESI. Eu considero a Motricidade Humana como a colocação do movimento em ação e tendo uma finalidade específica. Quer dizer, o movimento é uma forma do corpo deslocar-se no espaço. Ele pode ser voluntário ou involuntário ou intencional e chamaria de Motricidade Humana quando a gente coloca voluntariamente, intencionalmente o movimento em ação buscando uma finalidade. Na finalidade esportiva, na finalidade lúdica, na finalidade expressiva, na finalidade ginástica, na finalidade terapêutica, na finalidade voltada para o trabalho, para o lazer, para a arte ou para a vida cotidiana em geral. A Motricidade Humana eu não me recordo exatamente quando, mas, me parece que a partir dos estudos do Manuel Sérgio, que trouxe o termo da Ciência da Motricidade Humana, ou

teoria da Motricidade Humana e conseguiu criar em Lisboa a Faculdade de Motricidade Humana. Acho que é uma das primeiras do mundo. Alguns costumam dizer que a Motricidade Humana seria o estudo do homem em movimento. E a Educação Física seria um nome mais abrangente tanto para caracterizar a profissão em si, como a disciplina acadêmica, como a área de ação do profissional de Educação Física. Ele é forte e inclusive há uma tentativa de nós nos descartarmos do Instituto de Biociências e montarmos um Instituto de Motricidade Humana. E com a união do departamento de Educação Física, com o departamento de Biodinâmica, que reúne anatomia, fisiologia, cinesiologia e com o departamento de Educação. Então os 3 departamentos com professores titulados que nós já temos, é possível nós fazermos encaminhamento para montarmos então um Instituto de Motricidade Humana. É um nome forte para poder juntar essas tendências. O termo Motricidade Humana surge em função da sempre dita inadequação do nome da Educação Física, da impossibilidade do termo Educação Física, gerar por exemplo, uma associação de classe, nunca conseguimos fazer um sindicato da E.F., de professores de E.F., porque o próprio nome não favorece isso. E, no sentido de fugir a tradição, de tentar com a Motricidade Humana desenvolver, aproximar o próprio termo da Ciência, já que a E.F. continua sendo confundida com a arte. Dar, então, a atividade motora geral, uma característica, uma identidade própria que nós não temos, já que a E.F. acabou tornando-se muito ampla, onde as coisas muito amplas tem dificuldades de ser conceituadas. A E.F. assim como o nome em jogo, acabou tendo conotações tão díspares,que ela pode ser chamada de Ciência, quando a sua investigação segue sistemáticas próprias, segue um processo lógico, hipotético e dedutivo, onde as coisas são experimentadas, testadas, são avaliadas, ela é considerada também uma parte como arte, na medida que trabalha a forma e o movimento, a cor, e as noções de espaço e de tempo, visando a estética e ela também é considerada como uma forma de terapia, na medida em que proporciona aos indivíduos uma recuperação nas suas debilidades e dificuldades posturais, orgânicas e coordenativas. Os objetivos são muito amplos e na verdade não podem ser alcançados somente com a nossa grade curricular. Embora nós temos quatro anos de duração, embora nós trabalhamos quase que em período integral, embora os alunos tenham muitas janelas durante a semana e eu acho que o nosso currículo é ainda insuficiente. Os que vem do 1º e 2º graus vem ainda imaturo em matéria de reflexão, porque eles acompanham também o processo de comando, de aulas expositivas lá no 1º e 2º graus e chegam na universidade com dificuldades de abstração e de generalização. Eu acho que a Educação é ainda muito paternal de 1º e 2º graus e na faculdade que é o último passo onde ele poderia realmente ser autônomo e refletir realmente com profundidade e manifestar-se com profundidade, relacionar-se com profundidade, conseqüentemente realizar-se com profundidade, ele ainda não tem, na verdade a culpa não é só dele, a culpa também é nossa de professores, continuamos agindo como os grandes pais, suas grandes mães, levando-o a um conhecimento pronto, quando o conhecimento está nos livros, quando o conhecimento está nas publicações, está nas pesquisas e nós insistimos em levar esse conhecimento pronto para o aluno, quando ele poderia buscar tranqüilamente nos bancos de dados que nós temos aqui. Por essa razão, em que nós até agora já desenvolvemos 4 simpósios, no sentido de abrir a nossa casa, de mostrar aquilo que nós temos aqui e que portanto é como é, publicamente exposto, é passível de críticas, abrir para os nossos alunos a possibilidade de divulgar aquilo

um pouquinho de cada um. O Guilmar e eu estávamos lá na SBPC dando um curso sobre currículo e eu estranhei muito, por exemplo, uma das coisas que nós divergimos e eu não sabia disso, é que a formação do bacharelado me parecia uma coisa mais especializada, que a formação do licenciado era uma coisa mais geral para a escola, ao que ele me respondeu: Não Luiz, eu acho que o licenciado é um especialista da escola, então nós próprios divergimos. Isso tem ocasionado, por exemplo, que na UNESP, nós chamamos o nosso curso em Bacharelado em E.F., Licenciado em E.F. e na USP, eles chamam Bacharelado em Esportes. E o currículo também é invertido, me parece até, Bacharelado em Esportes e depois faz uma complementação para o Licenciado em E.F. Isso faz então que a gente tenha em várias Escolas, currículos apresentados numa ordenação diferente. Alguns colocam até com nomes diferentes. Nós aqui optamos pelo nome, nas escolas em geral, a disciplina chama-se ginástica, nós resolvemos para tirar aquele ranço tradicional dos métodos de ginástica, chamar de atividades físicas e exercícios básicos, trabalhar em conjunto, por exemplo, com a licenciatura e o bacharelado, numa mesma aula de atletismo, numa mesma aula de basquetebol, numa mesma aula de natação. Há princípios saudáveis, porque dão a possibilidade de nós estudarmos coisas diferentes, não está todo mundo concentrado numa coisa só e de outra forma complicada, porque eu vejo que falta uma identidade em matéria de E.F.. Eu acho que deveria ter alguns dissensos mas também alguns consensos, não é possível ter só consenso ou só dissenso. E acredito que nós não temos tendo assim a proporcionalidade mais adequada para uma coisa, nem para outra coisa. A própria distância dos constantes encontros também dificulta esses entendimentos. E a opção por isso ou por aquilo acaba sendo fruto do grupo que mantém o poder na universidade, o poder na faculdade. As vezes, não com muita reflexão. Uma outra coisa que me lembrei agora também, uma das dificuldades desse entendimento, justamente a medida que cada um defende a sua posição não tem sido muito aceita a posição do outro. A medida que um grupo defende uma posição, também, não tem sido muito aceita a validade do outro grupo. Então, na verdade, os movimentos continuam sendo um pouco sectários. Existem, as próprias instituições constituem assim e dentro de cada instituição existe essas ilhas de pesquisa, onde praticamente não há compartilhamento, o grupo da fisiologia resume-se em suas pesquisas em fisiologia, a turma da aprendizagem motora não quer nem saber de sociologia, a turma da sociologia renega a fisiologia. Então, na verdade, eu acho que faz parte de uma competição, cada um tenta fazer o melhor que pode, mas as vezes em detrimento que o outro pesquisa também. Nós podemos tranqüilamente fazer pesquisa, evoluir, desenvolver o nosso pensamento, sem a necessidade de destruir o trabalho do outro. Porque esse ranço da competição institucional, acaba acompanhando o ranço da competição individual e inter-grupos e na verdade o aspecto competitivo acaba prevalecendo sobre o aspecto cooperativo. É uma das marcas da natureza humana, da imaturidade da natureza humana, essas que acaba refletindo no meio do caminho. Em matéria da formação profissional, nós temos na UNESP, a chamada obrigatoriedade de fazermos pesquisa, lecionarmos e atendermos à comunidade e falta uma parte que é muito grande para a gente que são as funções administrativas. Então, além de pesquisar, ensinar e atender a comunidade, ainda tem que desenvolver, por exemplo, de acordo com a titulação de cada professor, estar preparado para ser chefe de departamento, coordenador de curso, vice-chefe de departamento, vice-coordenador de curso, membro do

conselho de pesquisa, membro do conselho de extensão e membro do conselho de ensino, presidente desses 3 conselhos, diretor da faculdade, vice-diretor da faculdade. Membro da comissão de administração, membro do proex, supervisor da prática desportiva no 3º grau e assim por diante. E ainda, atendendo os convites para palestra. A faculdade exige muito, se agente não tomar cuidado, é afogado pela dinâmica da própria vida acadêmica. É muita coisa, além de tudo isso que a gente tem que fazer, a chamada parte estatutária que rege o ensino, a pesquisa e a docência, ainda, a parte administrativa que é muito grande. Quando não somos convidados, por exemplo, para sermos secretário de esportes e praticamente nos afastamos da Universidade. Secretário de cultura e praticamente nos afastamos da Universidade. Ou então, cumprindo funções em órgãos colegiados, como por exemplo, diretor da Fundunesp, reitor, vice-reitor, pró-reitor de graduação, de ensino e pesquisa. Eu acho realmente importante e permite realmente uma renovação e faz inclusive que a gente possa fugir do colonialismo cultural, a medida, que numa determinada época, a gente apenas consumia pesquisas revisadas, pesquisas de outros países e atualmente nós conseguimos desenvolver metodologias próprias, pesquisa e difundindo e consumindo essas pesquisas, melhorar a nossa própria docência. Segundo que ela nos ensina também a termos uma nova visão do conhecimento, do próprio universo humano, além que a pesquisa permite que nós tomamos a iniciativa de descobrir o que se passa atrás das coisas, atrás dos fatos e atrás dos fenômenos, sem necessidade de estarmos constantemente dependendo de outras tecnologias, de outras informações, de outras fontes de informações. Eu acho que há uma desproporção muito grande. Alguns professores mais voltados para a docência, não tem, se preocupado tanto com as pesquisas. Alguns professores voltados para a pesquisa, gostariam até de não dar aula, fazer somente suas pesquisas e tem aqueles que morrem e dão a vida pelos projetos de extensão, estão muito ligados com a comunidade. Mas, na verdade existe proporções diferentes na atuação de cada profissional e a titulação por exemplo, exige que as vezes que você faça tudo isso e mais a parte administrativa. Eu acho que cada professor deve pesquisar na área em que ele atua, porque se ele pesquisar numa área em que ele não atua seria um componente a mais para ele poder, para dificultar a sua vida acadêmica. Então, eu acho natural que ele pesquise naquela área em que ele atua. Por exemplo, o professor de ginástica rítmica desportiva, de rítmica, de atividades expressivas, faz suas pesquisas na área de psicologia do ritmo, psicologia da comunicação não verbal, psicologia do jogo, do brinquedo. Por exemplo, fisiologia, trabalha com pesquisa de lactato, de esforço, de intensidade, de metabolismo. Eu acho que há uma tendência natural para a gente acompanhar, a pesquisa e a docência. Eu não vejo possibilidade de fugir disso, não vejo possibilidade. Mas, veria com muitos bons olhos, a possibilidade de pesquisas mais integradas, onde nós pudéssemos acompanhar com mais regularidade, a influência por exemplo da desnutrição numa rata grávida ou jovem, poderia resultar num conhecimento para quem vai trabalhar com atletismo, com sedentários ou com portador de deficiência motora, orgânica ou postural. E acharia interessante que a gente fizesse pesquisa mais integrada. Mas acaba sendo muito difícil. Eu não tenho acompanhado a avaliação das outras universidades, a não ser da USP que tem saído algumas publicações e que tem causado uma boa polêmica sobre isto, na medida que são nomes diferentes a investigar aquilo que a gente faz cotidianamente. Aqui na

E.F. da UNESP, quando terminou o nosso bacharelado e quando nós montamos a coordenação de curso, o conselho de curso da E.F., com a finalidade de integrar os 3 departamentos, o desenvolvimento dessa avaliação, como é uma atividade administrativa, além das coisas que nós fazemos aqui, digamos, como a avaliação é um processo demorado, é um processo abrangente, um processo complexo, um processo que mexe não só com as funções administrativas, mas também, a nível da individualidade de cada professor, inicialmente foi vista e ainda é vista como uma grande dificuldade para poder ser levada em conta, efetivada. Mas, não deixou de ser feita, desde a primeira gestão do 1º conselho de curso, essas avaliações vem sendo feita, a didática do professor, a relação entre que foi proposto pelo professor e aquilo que realmente ele leciona, a participação dos alunos na aula, a relação entre os objetivos e o conteúdo da disciplina, as formas da sua avaliação, a relação entre o licenciando e o bacharelando e os trabalhos de formatura com que cada um executa. Por exemplo, o licenciado deveria trabalhar com coisas da escola, no entanto, alguns tem feito pesquisa na área de fisiologia, e não em cima do ensino. Então, isso tem sido também verificado, avaliado a disponibilidade do próprio professor em relação ao atendimento ao aluno na sua vida cotidiana. Em relação a bibliografia utilizada, em relação a proporcionalidade dos objetivos motores, cognitivos e afetivos desenvolvidos em cada disciplina. Enfim, avaliado de uma forma geral e essas informações tem voltado aos professores, que em reuniões tem discutido essas informações. Essas avaliações são dadas pelos próprios professores e pelos alunos que tem preenchido os questionários e depois devolvidos. Mas, é um processo lento, bastante lento, por que a análise desses dados é muito lenta. São muitos dados para a gente analisar, nós não conseguimos ainda encontrar um processo de avaliação que pudesse, vamos dizer, transitar com mais regularidade, com mais freqüência, com mais tranqüilidade. A avaliação é um processo muito difícil".

DEPOIMENTO Nº 18

"Sobre a minha formação profissional, eu fiz a Escola de Educação Física da USP, de 60, 61 e 62, eram três anos, as aulas eram feitas só no período da manhã, às segundas, quartas e sextas-feira, nós tínhamos aulas teóricas e terças e quintas-feira, a gente tinha aula no antigo DEF, na Água Branca, e lá a gente tinha natação, vôlei, basquete e handebol, digamos assim, só a parte prática. Por aí, a gente vê a diferenciação, o local era diferente das aulas. No Ibirapuera, a gente tinha além das aulas teóricas, a ginástica, a esgrima, atletismo. Ainda tinha, eu diria, talvez 70-80% de disciplinas práticas, e 30% do total do curso eram disciplinas teóricas, eram dadas por médicos, os antigos catedráticos. Eu peguei bem ainda, a estrutura do começo da introdução de gente nova, na Escola de Educação Física da USP. Fui aluna do Professor Daiuto, do Professor Boaventura, do Professor Aluísio, assim por diante. O interessante, que naquela época, muito boa para o nosso curso, naquela época havia muito de arte no que era feito e as pessoas tinham paixão pelo que faziam. Sabe? O grupo era muito pequeno, éramos em 20 alunos, nós concluímos o curso com 20, talvez fosse um pouco mais do que isso e era uma Educação Física arte, o que a gente aprendia era fazer a arte do movimento. Lembro, que nem todos eram atletas, a maior parte sim, mas nem todos eram atletas e havia uma preocupação com o ensinar. Todas as disciplinas práticas transmitiam como que deveria ser ensinado. Você tinha três anos de atletismo, três anos de natação e então, durante esses três anos, além de nadar, você também recebia uma bagagem de como deveria ensinar. Acho que o ponto alto daquela época, é que na verdade, os professores que nós tínhamos, eles eram excelentes professores, o que fez com que surgisse um bom trabalho daquilo que era feito. Como era a Educação Física naquela época? Nas escolas, a Educação Física era muito saudável, a gente brincava, brincava no sentido, tinha momentos de alegria, a gente fazia ginástica no sentido bem tradicional, mas, a gente fazia aquilo porque era orientado no sentido que tudo fazia bem para a saúde, alguma coisa de estética no meio, fazia abdominal, era um fazer aliado a um conceito de saúde, subjacente, que era passado, aquilo era saudável, aquilo fazia bem, e era por incrível que pareça, eram aulas excelentes, na sua variedade, na forma como era ensinado. No meu curso normal, que eu fiz na Lapa, em São Paulo, a minha professora de Educação Física Infantil, foi excelente, eu aprendi mais lá no curso normal do que na própria Escola de Educação Física quando eu fui fazer Educação Física Infantil, por mais incrível que pareça. A formação naquela época era bem condizente, inclusive com a mentalidade da época. Eu acho que os tempos mudarão. A Educação Física muda na medida que o contexto mudou. Qual era a concepção de Educação Física? Eu não sei dizer para você, qual é a concepção da Educação Física, como a gente discute hoje. Não se discutia como a gente discute hoje. Não se discutia qual era a concepção de Educação Física. A Educação Física era uma coisa saudável que se fazia e o professor de Educação era o responsável por, de garantir isso em escolas, porque a Educação Física só existia nas escolas. O professor, era responsavel, a formação nossa era para ser professor em escolas e para garantir uma atividade física, saudável e bem orientada e que fosse prazerosa, existia também esse aspecto, não havia na minha formação, não havia assim nada que fosse imposto,

autoritário, não havia essa discussão. Era o professor, o professor era um líder como todo professor é um líder naturalmente na sociedade, não era uma imposição. As disciplinas teóricas, elas eram voltadas ao conhecimento do homem, não vinculada a atividade física, não necessariamente. A Biometria, eram medidas e avaliação, no sentido tradicional de medida e avaliação. Psicologia, não era dada por médico, era pela Maria José, que foi diretora do Instituto de Psicologia da USP. Ela dava o tipo de Psicologia do desenvolvimento, que é dada, acredito que hoje nos cursos de Psicologia do Desenvolvimento. Mas, as fases, as faixas, as características daquela faixa, então, o curso de Psicologia, eu diria assim, não foge muito, talvez o conhecimento que se tem hoje, seja diferente, mas estrutura do curso devia ser muito parecido com o que é a Psicologia do Desenvolvimento, foi isso que eu tive na minha formação. Anatomia, era pura decoreba de ossos e músculos, não ia além disso não. Não existia Biomecânica. Teve um começo, a parte da física: força, atrito, esses conceitos. Mas, nunca eles fizeram muito sentido em termos de aplicação prática, nenhuma vinculação entre o conhecimento em si e utilização direta desse conhecimento na atividade física. Não que se fosse usado. Era um pano de fundo, mas, um pano de fundo saudável. O que permitiu que depois, era bem trabalhado, o que permitiu depois de você ler, entender artigos, de acompanhar. Não existia, não existia pesquisa nenhuma. Era puro ensino livresco, baseado nos livros, o que mais a gente tinha, Anatomia, Fisiologia, era só Fisiologia Geral, você via todos os sistemas como se fosse talvez um pouco avançado além do colegial, nada além disso. Não, isso não existia, acho que era Anatomia, Fisiologia, Cinesiologia, Biometria e não eram os três anos. Essas eram disciplinas que vinham, Anatomia, acho que no primeiro ano, Cinesiologia, no segundo ano e Biometria, no terceiro e Fisiologia também no segundo ano. Depois, as disciplinas anuais, só tinha Psicologia, tinha Metodologia do Ensino, era dada os três anos. O professor Ciro, já faleceu. Eu não me lembro direito, mas, a gente via métodos, via a forma de atuação do professor, mas, nada nessa linguagem que hoje a gente utiliza. A organização, era planejamento de ensino. Tinha história que a gente via, todos os métodos. Existe uma coisa interessante que a gente perdeu um pouco nos cursos atuais. Era desde do metodo Francês, o significado do Metodo Francês, como é que ele era composto, a ginástica calistênica, a ginástica austriaca, a origem da desportiva generalizada. Essas coisas, historicamente se via em História e em Metodologia. Metodologia sempre pegava a mais atual. Mas, em História, a gente via a evolução da Educação Física. Mas, bem no contexto europeu. E, a concepção de Educação Física não se discutia muito. A Educação Física, era essa concepção, ela tinha um aspecto de higiene. O aspecto da Higiene era um negócio muito forte, havia a estrutura da escola. Era uma estrutura de, bem com a influência americana. O uniforme era um negócio sagrado. A crítica que a gente tinha era que os cursos eram tremendamente práticos e que não havia nenhuma discussão própria. Já nessa epoca. Tanto, que logo depois eu fui convidada por outras escolas e aí a gente começou a mexer com os programas. Mas, até então, ela era dada. Uns dois ou três anos depois, quando eu voltei para dar aula na Escola de Educação Física da USP, nós começamos a mexer com os programas. E aí, a gente começou a dar apoio teórico nas disciplinas práticas, que elas eram somente práticas. A crítica que havia, não era do ponto de vista da qualidade, da informação que era dada, ninguém podia criticar, cinesiologia, biometria, a gente

não sabia, não tinha condições de criticar. Havia um rigor excessivo nessa parte. Não só na questão do uniforme, na questão de exigir uniforme, inclusive de disciplina. O comportamento nosso era controlado da sete da manhã à uma da tarde. Então, o tempo que a gente ficasse lá, era como se fosse vigiado. Então, existia um controle sobre o comportamento dos individuos, dos alunos, era muito dificil da gente se rebelar, era proibido fumar nos corredores do Ibirapuera. Naquela época, imagine em 60, a gente não podia andar de shorts pelo prédio. Os princípios morais eram tremendamente fortes. Isso um pouquinho antes da Revolução em 63. É uma época marcada, por esse tipo de, mas também era, a sociedade também usava, você não pode separar, acho que o contexto era aquilo, só que aquilo era mais exacerbado. Mas, não era só lá. Quando eu fui dar aula em 64, eu levava uma calça comprida na bolsa e tinha uma escola que eu dei aula, que não podia dar aula de calça comprida, não andávamos de shorts, as meninas usavam saia e calção por baixo, isso a trinta anos atrás. Então, você vê que há uma mudança muito grande na sociedade. Levou muito tempo para a gente usar calça comprida na rua, não se usava calça comprida. Eu levava calça comprida na sacola, chegava na escola, eu me trocava para dar aula, certo? Então, na Escola de Educação Física, a gente usava um agasalho, mas, a gente não ia de agasalho até a Escola, a gente levava um agasalho esportivo, na sacola, a gente ia de roupa, chegava lá, trocava. Quando a aula era prática, a gente tirava o agasalho, ficava de calção, era obrigada a por o agasalho para andar nas dependências do Ibirapuera. A gente não podia andar lá dentro de shorts. Estes aspectos, havia uma rigidez muito grande sobre o comportamento das pessoas, só que a gente não se rebelava, de certa forma a gente aceitava essas, algumas coisas. A blusa tinha que ser de fustão branco, bordada à mão, não podia ser pintada ou qualquer coisa, tinha que ser de fustão branco e bordada à mão. E, os professores verificavam se nós estávamos de uniforme, meia branca, o tênis, o Boaventura não admitia que tivesse uma faixa colorida, o tênis tinha que ser branco inteiro, realmente. Enquanto você passa pelo processo, é muito mais difícil você questionar. Eu acho, que você passa a questionar fora do processo. Por que enquanto você está envolvida no processo, você não tem meios de questionar, a não ser que você entre muito mais amadurecida, você vai fazer o curso, digamos, depois da época normal. Para quem tem 17, 18 anos e entra na Faculdade, você não tem meios de criticar. Eu acho absurdo achar que o aluno de 17, 18 anos vá ter espírito de crítica. Depois sim, aí você passa a criticar, inclusive sua atuação profissional, aí você passa a agir da forma que você acha correto. Pelo fato de você ter passado por uma rigidez tão grande, faz com que alguns aspectos, você mude a sua forma de atuação. Bom, falei muito sobre isto. Agora vamos ver qual é a concepção da Educação Física na época. É difícil. Hoje. Com Formação Profissional, trabalho desde 67. Existe um primeiro momento, quando eu fui contratada na USP, que eu fui contratada para trabalhar com voleibol, a gente tentava resolver todos os problemas que a gente achava que o curso tinha na nossa disciplina. Então, a gente consultava teorias, usava fazer prova escrita, uma coisa que não era comum, até então, as provas eram práticas. O primeiro momento de maior rigidez na nossa atuação, lembramos que dava regras de voleibol, depois a gente passou a abominar das regras de voleibol, houve uma evolução no começo, e eu já atuava com aprendizagem motora e conhecia a aprendizagem motora, por que achava que o voleibol era um esporte muito difícil de ensinar ou até praticar. Por

isso, eu precisava conhecer mais a aprendizagem motora. Então, os alunos tinham um pouco de aprendizagem motora no curso de voleibol. E, depois, nós começamos descobrir que tínhamos que fazer isso no curso de basquete, no atletismo, achei que não tinha cabimento fazer dessa forma, então, teve também, foi uma série de etapas, no sentido da gente visualizar alguma coisa de curriculo. Esta é a minha fase antes de eu ir para os Estados Unidos. Depois, que eu voltei dos Estados Unidos, aí é a entrada da pós-graduação, do começo da pesquisa. Então, é um outro mundo, até essa fase, a gente tentou melhorar qualitativamente aquilo que a gente fazia e dando uma ênfase mais teórica, inclusive mais de formação para os alunos de Educação Física. Nessa época, eu fazia pedagogia na USP. Eu fiz cinco anos de Pedagogia, Normal antes. Eu terminei em 73. Quando eu entrei na USP para dar aula de voleibol, eu comecei a fazer Pedagogia. Aí, talvez tenha muito influência na minha formação na pedagogia, naquilo que eu trabalhei na Escola de Educação Física. Então, foi muito mais voltada para uma orientação do professor e as soluções não estavam ainda a nível tanto de universidade. Havia uma série de restrições, o que a gente poderia fazer para mudar. As restrições eram muito grandes, por que a estrutura da Universidade era muito rigida. Jamais você poderia levantar a voz para um professor catedrático. Não havia, tinha o meu contrato. Mas, isso não significava que eu fosse livre para falar aquilo que eu quisesse. Dá aula e fica quietinha no seu lugar, era mais ou menos assim. Tudo bem que você faça dentro da sua aula, mas que você nunca mexa nada por fora. Então, era essa mais ou menos a colocação. Então, a gente tentou a idéia de melhorar qualitativa a parte de ensino, eu acho que a gente começou a atacar a formação profissional em termos ou voltada para as questões de ensino, não tinha fundamentação ainda científica, mais eu já estava interessada em fazer pós-graduação, estava envolvida no processo de pós-graduação no Brasil desde 74. Aí, em 77, quando eu fui para fazer o meu mestrado, eu tinha estado em 76 nos Estados Unidos, aí é uma outra história. Hoje, eu acho que nem é mais aquela idéia, de Educação Física, nem a sociedade comporta mais aquela idéia da Educação Física. Hoje, a atividade física, eu acho que cada vez mais, ela perde espaço nas escolas mesmo, eu nem sei até aonde ela vai ficar dentro das escolas, por que eu acho que ela perde espaço, por que com exceção das quatro primeiras séries do primeiro grau, na minha opinião, o que se faz na escola é muito pouco para justificar. Então, você não vai conseguir incutir em ninguém ou ninguém vai aprender nada nestas duas horas de aula por semana, é muito pouco. É, talvez uma outra visão, talvez tendo Educação Física nas férias. Você passa três meses fazendo acampamentos, passeios, excursões, sabe, um outro tipo de ensino de escola, talvez atenda mais as necessidades atuais, não é fácil você achar que você na escola, se você quiser pensar de que você vai dar aula teórica, ensinar um monte de coisas, você vai discutir com o aluno o que é espaço, sobra o que da aula de 50 minutos, vai sobrar o que, 30 minutos, você tem um monte de aluno na aula que vai fazer muito pouco. Então, no ponto de vista físico, sobra muito pouco. Ou ela volta a ser pura atividade física. Você vai lá e vai fazer atividade física 50 minutos e faço atividade física ou realmente eu estou me enganando, achando que eu vou dar formação social, cultural, politica e outras coisas mais, moral na aula de Educação Física, então não faz atividade física, então este quadro também para mim não está claro. Eu acho que há uma confusão muito grande no que deva se fazer na aula de Educação Física na Escolas.

Prefiria o meu tempo. Começava a aula, você sabia que fazia 50 minutos de atividade física mesmo, e você fazia e fazia mesmo coisas que todo mundo gostava e a maior parte dos alunos se envolvia na aula, essa minha experiência de atividade física foi muito boa, foi muito positiva. Hoje você vê o pessoal preocupado em ensinar, conhecimentos teóricos para avaliar o conhecimento do aluno na aula de Educação Física. Três aulas semanais como tem hoje, eu acho muito pouco. Estão querendo que a Educação Física resolva o problema do mundo e eu acho que a gente não está resolvendo o mínimo que seria pelo menos o prazer de fazer atividade física. Eu não sei se no próximo séculos, se a tendência vai ser realmente de a gente ter atividades físicas fora da escola. Não que vai sumir, ela vai deixar de ter na Escola, essa característica que ela tem hoje, e ela vai ser para qualquer entidade fora da escola. Tipo SESI, prefeitura, locais, onde o indivíduo, por exemplo, passe toda a tarde, toda a criança, vai toda tarde fazer duas horas de atividade física no centro esportivo. Eu acho mais crítico ainda, eu acho que a idéia que você tem que ser consciente do movimento que você faz. A idéia de colocar consciência, por que antigamente nós vamos fazer 1, 2, 3, 4 - 1, 2, 3, 4. Na verdade, é uma questão você fazer 1, 2, 3, 4 ou não, por que o que é uma aula de aeróbica se não é 1, 2, 3, 4. A aeróbica, tudo bem, mas, 1, 2, 3, 4 do passado não servia, você entendeu? Na verdade se você analisar o que leva rendimento é a reprodução, é a reprodução seguida, e o fato de repetir, 1, 2, 3, 4, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes o mesmo movimento, ele é muito positivo do ponto de vista do indivíduo. Porque com isso, ele pode aprender melhorar a qualidade de que ele está fazendo, se a gente não quiser repetir, porque acha que isso é massificação, a gente vai cair no outro extremo que é de você fazer cada movimento uma vez e nunca aumentar o seu domínio sobre suas ações motoras. Eu, normalmente, quando eu falo em prática, repetição, parece massificação, quando na verdade, existe uma diferença aí no meio e que o pessoal não está vendo. Então, eles colocam, ah, a calistênica. Eu não vejo nada de errado na aeróbica. Agora existe uma crítica feita nesse período de 60m para 80 que a aula de Educação Física era massificante, que era no estilo militar, de repetição, mas ela é tão repetitiva quanto é a aeróbica e nada vai ser na Educação Física que não seja repetitivo, você dar um treinamento de voleibol é repetitivo, se você por uma criança na água, ou se você por um idoso, para fazer alguma coisa, se você não repetir um pouco, ele não aprende. Existe uma outra idéia de que o movimento é consciente. Não quando a gente faz as coisas consciente, aí que você se confunde inteira. Já é difícil controlar o movimento, fazer um movimento consciente, é contra a nossa organização interna. Nós fazemos movimentos inconscientes graças a Deus. Existe uma preocupação, entendeu? É que o aluno deve estar consciente do que ele faz. Eu só vou fazer esse movimento se eu tiver consciência que músculo que está melhorando, se eu souber exatamente qual a posição anatômica que é a mais correta, será que eu preciso de tudo isso para fazer, nem o meu corpo não sabe isso automaticamente, quer dizer quanto, sabe? Eu não preciso dessa forma cognitiva, deixa o seu corpo livre, deixa fluir. Então, eu acho que a crítica do ponto de vista do conhecimento o embasamento teórico surge no contexto da universidade e esse tudo bem. Agora, o fato de eu ter esse embasamento aqui, não significa que eu tenha que levar esse embasamento para a população. Ou, talvez, eu teria que mudar essa linguagem ou talvez se esse conhecimento aqui, foi

fundamentada numa ciência errada. Porque esse conhecimento tem que ser aquele conhecimento que eu uso aqui, quando eu faço movimento, eu não preciso estar consciente, controlado o tempo todo. O que o cara treina, treina, ele acha que lá não tem criatividade, quando não é verdade, só vai sobressair no esporte aquele que além do treinamento, tiver criatividade, lógico que tem. Essas críticas são feitas e se você tentar colocar, existe um grupos assim muito sólidos, muito sólidos assim, em termos de posicionamentos, contraria a uma Educação Física que seja de reprodução, de movimento e o fato de reproduzir, eu reproduzo. Quando você escreve, você reproduz. Existe alguns conceitos no meio do caminho que vai de um extremo para o outro, não se quer que vá repetindo o mesmo movimento, porque faz mau para a saúde muscular, faz mau ficar repetindo duas horas o mesmo movimento, lógico, evidente. O fato de você reproduzir essa aulas, existem formas mais agradáveis, mas, o que você está fazendo é sempre atividade física, é sempre reprodução. A formação profissional, eu acho que ela hoje, ela tem que ter um embasamento teórico, o embasamento teórico se faz necessário na profissão. Inclusive, para a colocação do próprio profissional no meio que ele atua. No meu tempo, os professores de Educação Física e hoje ainda você vê isso, não entram numa sala de professores, não se manifestam, porque não sabem falar, não sabem escrever, isso eu acho terrível. São desprovidos de habilidades lingüísticas que, normalmente ele devia ter para ser um professor dentro de uma escola. Eu acho que em primeiro lugar, tranqüilamente, eu procuraria fazer um curso de português, um curso superior de cultura geral. Muito deficiente nesses aspectos mais humanitários, humanístico de formação básica. O curso, eu acho que o perfil é muito profissionalizante demais. Muito específico demais, esquecendo também que a gente poderia ter, mas aí não é só problema da Educação Física. É o problema da nossa estrutura universitária. E, eu acho que no curso de Biologia, o pessoal também deveria ter feito o curso de português, o curso de ecologia e assim por diante. Enquanto achar que a gente domina a língua em um determinado momento e ela está dominada, eu acho que a gente deveria continuar estudando, enquanto tiver possibilidade, deveria ter curso de formação de português, deveria ter curso de inglês, eu acho que a universidade não perderia muito se ela oferecesse esse tipo de oportunidade para o aluno. Português, inglês, hoje, uma linguagem de computação deveria ser obrigatório. Então, eu acho que a nossa formação profissional é muito dirigida demais, falta uma formação cultural mais ampla na minha opinião, ela tem que ter uma fundamentação teórica específica e eu não sei hoje, como eu colocaria a questão da atividade física no curso de formação, porque eu passei por duas experiências nos Estados Unidos. Os alunos não fazem nenhum disciplina prática no curso de formação. Ele faz, ele faz coisas livres, ele escolhe aquilo que ele acha que gostaria de ter e outra, as vezes, eu acho que talvez fosse o certo, seria isso. Será que o nosso aluno sairia daqui dando aula de tênis, de vela, quantas coisas nós não oferecemos aqui e os nossos alunos vão dar aula depois, porque ele tem que ter aula de umas e de outras não para ser professor. Então, tem umas questões aí básicas, eu acho que ele tem que ter algumas aulas, não todas, já melhorou bastante o currículo, acho que as opções, já mudou a mentalidade na formação profissional. Se o aluno já entra com uma vivência no esporte, ele não precisa fazer esse esporte aqui. Então realmente está mudando a expectativa, coisas novas, mas, não que ele venha aqui aprender jogar basquete. Não vai aprender, não

vai aprender nunca; em segundo lugar, que ele seja um atleta de nível, o que ele ia fazer no curso básico, é uma perda de tempo. Eu acho que já melhorou bastante, eu acho que o profissional, hoje, nosso, ele sai com uma boa formação aqui na UNESP. Os estágios que eles fazem são muitos proveitosos, embora eu critique muito o fato e alunos, não conseguirem rendimentos nas aulas, são feitas quantas horas de estágio, existe uma orientação melhor a nivel individual dos alunos, mas eu acho que do ponto de vista da formação profissional, a gente vê nossos alunos voltando aqui, um, dois anos depois, contando com satisfação o trabalho que eles estão fazendo, o que significa que o curso que eles fizeram foi bom. Ela dá uma outra visão, ela dá uma visão de atividade física e não Educação Física. Ela atua com idosos, deficientes, ela é bem mais, digo assim, ela está atendendo bem mais as necessidades da sociedade ou procurando até entender o que a sociedade pode amanhã ou depois precisar e eu acho que nestes aspectos, eu não tenho nada a colocar. Eu acho que a parte pedagógica ainda é deficiente porque essas disciplinas pedagógicas, elas são coroamento de curso e seria necessário que os professores que atuam nessas disciplinas tivessem passado por um currículo. O que não é verdadeiro. Com isso criou um empasse para eles, por isso fica mais difícil para eles atuarem talvez essas disciplinas devessem ser reformuladas, no sentido de que todos os docentes passassem por elas, ou fossem responsáveis por pequenos grupos de alunos da prática de ensino. Uma outra mentalidade. Eu acho que a forma como ela está estruturada, a prática de ensino, em específico, ela não é das mais positivas. Mas como o aluno tem uma boa experiência, ele consegue aproveitar ainda, fazer uma boa experiência. Mas eu acho que ela poderia ser bem melhor, se ela tivesse uma outra estrutura organizacional dentro do departamento. Talvez a solução fosse que cada docente assumisse a responsabilidade de orientar a prática de ensino de 3 - 4 alunos. Penso que é uma solução. Por que isso? Porque você tem um atendimento direto, você diminui o n. de alunos e a responsabilidade, e você vais pegar o pessoal envolvido, talvez com as disciplinas básicas, com possibilidades de aplicação. Porque do jeito que ela está, dá impressão de uma educação, de um conteúdo que não é trabalhando a nível de Educação. O aluno deve ser capaz de utilizar o conhecimento que ele teve nas outras aulas, nessas disciplinas. Então, isso é uma questão de estimular, e promover. A integração é no aluno, não na estrutura do curso. É uma questão dele saber, não tem como você, talvez se você conseguisse, o conhecimento fosse alguma coisa assim que você pudesse montar perfeitamente. Não é assim. Então, vai depender muito do aluno conseguir fazer, juntar, integrar esse conhecimento. E a ordem em que ele vem não importa. Tem hora que ele vai trabalhando todo para a parte, da parte do todo, ele tem que ficar simultaneamente fazendo isso. Então, é bobagem achar que a gente vai resolver. Não existe nenhum currículo que satisfaça todas as necessidades num sentido de um, de simplesmente, ir adicionando, aumentando, aumentando a complexidade. Na minha opinião isso não existe. Essas mudanças curriculares anteriores, eu estou me referindo aqui, historicamente, nos últimos 20 anos, mais recente. Ela surgiu em função de um mercado de trabalho, no sentido de que o que o mercado está pedindo? sempre a discussão era essa. Então existia o técnico, o técnico tem que ser formado depois, antes, precisa ter o técnico. Então, era a partir da necessidade do mercado. O que eu me refiro aí é que a universidade enquanto promotora da, responsável pela formação profissional, ela deveria liderar e não ir sendo puxada pelo

mercado. Então, ela deveria antever as necessidades. Por exemplo, o que vai acontecer no próximo século, quanto nós estamos discutindo, o que vai acontecer depois do ano 2000. Porque na verdade, o que nós estamos formando agora é gente para trabalhar depois do ano 2000. E nós estamos gastando muito pouco tempo com relação a isso. Então essas mudanças curriculares, elas estão ainda, atendendo o mercado de trabalho. A gente viu o mercado sendo invadido pelas academias, por todas essas coisas e por algum tempo, até que se resolvesse não formar todo mundo, licenciado. Então, acho que é nesse espírito, que eu estava colocando que, primeiro houve a necessidade de você ter, não, houve o mercado de trabalho, surgiu e aí dizem bem, então eu tenho que formar um especialista para trabalhar nesse mercado. Não há nenhuma dúvida. Não é uma coisa na frende do outro. Mas a gente andou muito atrás, porque a gente não fez nenhuma análise futurística Lógico, você pode acertar ou errar. Mas não é muito difícil, hoje você dizer, que a partir do ano 2000, nós vamos ter uma parcela bem maior dos nossos profissionais atuando com os idosos. Eu acho que nós estamos dormindo no ponto. Nós já deviamos estar trabalhando já com maior ênfase nos idosos. Aí entra a questão de Lazer, Reabilitação, problema de postura. Sei lá, uma outra EDUCAçãO FíSICA. Não acredito que ela deva ser não totalmente diferente. Mas eu acho que algumas coisas vão ser mais especifico quando você trabalha com o idoso Eu acho que o nosso curso, quanto tempo, na minha disciplina, quanto eu gasto com o idoso, zero, ou muito pouco. Eu acho que não chega a cinco por cento. Quantas disciplinas estão focalizando o idoso. E a tendência é daqui à 10 anos nós vamos ter provavelmente a população maior de idosos do que de crianças. é o que está fora, nesses últimos dois congressos que eu fui no exterior, a ênfase está no século XXI. Nem no ano 2000, eles estão falando no ano 2010. é nesse aspecto que as nossas alterações curriculares estão atrasadas. E não estão se antecipando alterações na sociedade dos quais a gente já tem informações suficientes para poder prever alguma coisa. Prever as mudanças de fronteira, de raça, talvez, essas mudanças em formações de pequenos países. Então ocorrendo. Nós estamos esperando o que?. A mudança, eu acho que vem daquela colocação anterior. O professor. Guilmar, da USP, foi um dos primeiros professores, a ficar martelando na cabeça de todo mundo de que os alunos que faziam EDUCAçãO FíSICA não podiam trabalhar em Escolas e que nós tinhamos curso de Licenciatura e que está formando o profissional artificial, o não real, que não batia com a realidade e ele coleta vários dados com relação a isso e também sabia, já tinha dado, já tinha evidência e de evidência dos nossos alunos. Porque os alunos que saem, eles voltam, eles contam onde eles estão trabalhando, uma parte deles voltam e você tem contato. Então, nós sabiamos que os nossos alunos não estavam indo para o Ensino A UNESP, quando foi criada, o primeiro curriculo que foi feito com influência do Medalha, que era bastante orientado para o esporte. Mas, o Medalha ficou apenas uns dois, três anos, ele saiu e o grupo que veio em seguida, um grupo de orientação bastante mais científica. Então foi um curriculo, primeira versão dele, era um curriculo de formação científica. E nesse, meio tempo saiu aquele Parecer do Conselho e que exigia mudança. Era claro e evidente que a gente não queria só continuar com a Licenciatura, a gente tinha evidência de que não era por aí. Mas também, a gente não queria eliminar a possibilidade, dada as características da localização de Rio Claro e a influência que poderia ter o curso, inclusive na região. A gente achava que devia ainda manter a licenciatura por algum

tempo. Até que a gente tivesse a certeza de que o mercado de trabalho estava abarrotado. Havia escolas suficientes para manter o mercado de trabalho. Então, a gente achou que deveria continuar com a licenciatura e nós achamos e ficou uma discussão de Bacharelado do que? O Bacharelado do que? o termo EDUCAçãO FiSICA está mau colocado aí. E a gente não consegui naquela ocasião se desvincular por causa do Parecer. O Parecer era de Licenciatura e os outros cursos afins em Educação Física o termo EDUCAçãO FiSICA ficou amarrado no Parecer, porque na verdade, talvez, usar esporte e recreação, tudo bem, mas mudar para atividade física ou motricidade humana, ou para outra coisa, aí complicava. Está certo?. Então, a idéia foi essa, de ter a licenciatura, porque a gente optou pelo Bacharelado em função das condições, o maior mercado de trabalho, estaria fora da escola, mas com atividade física. Então não era o caso de recreação e não porque a gente não teria estrutura para manter um curso de Bacharel em Recreação e em Rio Claro, na nossa opinião também, não comportava um, Bacharel em Esportes. O que implicaria em ter melhores condições de laboratórios, implicaria em você ter uma população em que absorvesse o Esporte. Em Rio Claro não tem uma população que absorva esporte, a não ser o basquete ou talvez natação. Mas daí para frente, para ter um Bacharel em Esporte, você precisaria ter uma opção de esporte, na hora inclusive, com alguma possibilidade de fazer alguma coisa em esporte e em Rio Claro não tinha. Então, eu acho que foi nesses aspectos que as decisões tomadas sobre o que fazer. O termo motricidade humana surgiu pelo fato de que a gente já em 87 a gente começou a discutir o corpo de conhecimento e o corpo de conhecimento, do conhecimento que a gente, tem é sobre o ser humano em movimento, que nome dá para isso. Já existiu um movimento todo nos ESTADOS UNIDOS, para chamar cinesiologia, a gente sabia disso, estudos em movimento humano na Europa e também no ESTADOS UNIDOS, Ciência do esporte na Alemanha. A tendência no Brasil estava indo mais para Estudos do Movimento Humano. Mas, Estudos do Movimento Humano, é simplesmente você colocar movimento humano, você pode dizer movimento social, movimenta as massas, poderia ser movimento de classes sociais, e a gente não estava satisfeito com o termo. O termo Motricidade, por infelicidade nossa, ele veio com o Manuel Sérgio. Então, todo mundo acha que quando você fala Motricidade Humana, você necessariamente esteja falando na linguagem do Manuel Sergio, o que não é verdade, o que parece que está evazando agora, está deixando entender que ele usou o termo, ele pode ter sido feliz em outras coisas e pode ter sido infeliz em escolher o termo pela mesma língua portuguesa. Está sendo bastante questionado, recentemente nós tivemos a visita do Marcos Nahas, que acha que deveria ficar Educação Física, no contexto da Universidade, eu não vejo saída para a EDUCAçãO FiSICA, eu acho que não é esse termo, morre de alguma forma e a diferença em Motricidade Humana e movimento humano, estudo do movimento humano é que a motricidade diria mais respeito ao potencial motor e não necessariamente ao produto motor. Então, a gente queria sair do movimento, enquanto resultado da ação motora, mas pensar em Motricidade enquanto um ser com um potencial de movimento. E não está difícil passar esse termo. Talvez escrever mais a respeito, para ver se a gente consegue vender essa nomenclatura. Em geral a crítica que eles fazem, eles acham, que nós estaríamos dando, aceitando a posição do Manuel Sergio. Eu acho que não tem nada haver uma coisa com outras. Termos e pessoas ou idéias de propostas não são a mesma coisa. Então o termo Motricidade Humana surgiu, toda vez que se estivesse falando num

conhecimento que fosse útil, necessário para os profissionais da atividade física, incluídas aí, fisioterapia, terapia ocupacional ou recreação, educação física, então teriam um conhecimento básico que seria em Motricidade Humana, o conhecimento básico, comum, subjacente a todas essas profissões, seria a motricidade humana. Por isso que foi escolhido esse termo. Existe algumas coisas que eu acho que a melhor forma de você obter essas informações seriam com os alunos, porque, uma coisa é o discurso do professor., o discurso acadêmico que você tem, o outro é, de fato, o profissional que sai, como ele se encontra. Eu não estaria totalmente satisfeita, porque eu acho que existe alguns aspectos que não conjunturais, a nossa Escola está acabada. A escola de 1º e 2º graus. A função social da Escola, é uma série de coisas que a gente pode questionar. A Escola virou o centro de alimentação da criança, virou CIACS, centro de saúde, assistêncialismo. Então é isso, ficou complicado para responder. Porque você não sabe se você compactua com esse tipo de Escola que está sendo vendido por aí você quer o aluno só crítico. Você sabe que só crítico não resolve. O que é ser crítico?. Fica difícil eu responder a sua pergunta, porque nem eu sei, hoje, qual é a função social da escola em específico. Na minha disciplina na qual eu atuo mais diretamente, não entra tanto nesse aspecto. Então, eu acho que ficaria mais de responsabilidade, de talvez, o quanto das disciplinas que lidam com a escola, com o aspecto social da atividade física atendem a isso. De uma maneira geral, eu acredito que sim. Acho que nossos alunos tem umas experiências muito interessantes. O Moacir, trabalhando em Limeira, esse menino, Reinaldo, que está trabalhando com judô em Campinas. Mesmo que seja em situações bem diferenciadas, uma situação bem humanitária, está trabalhando com crianças pobres, carentes. Então, eu acho que o nosso aluno, ele é bastante voltado, muito mais para trabalhar com a massa do que com a elite. Pelo espírito, essa é a impressão que eu tenho. Eu acho que todo ser, isso dever ser uma coisa da cidadania, e não uma coisa específica do professor da Educação Física. Capacidade de análise e síntese, todo profissional em qualquer canto, profissional de academia, tem que ter capacidade de análise e síntese, ampla visão da realidade e atitude crítica diante dela. Na minha opinião, isso aí é um princípio geral, humanitário, todos os seres humanos deveriam ter isso aí. Tinha alguns aspectos críticos sim, com relação ao Parecer, ele em alguns aspectos é muito específico e em outros muito aberto e ele amarra na nomenclatura de Educação Física e vai amarrar por uns vinte anos essas mudanças nossas. E, na verdade, o Parecer foi o primeiro a dar grande abertura na estrutura curricular. Na estrutura, sim, mas, na nomenclatura eu acho que ele amarrou. E, talvez, ele pudesse dar essa, outras possibilidades de Recreação. Eu não sei até que ponto a gente deveria ter pensado e repensado nisso em termos de, qual a relação nossa com fisioterapia? Em algum momento discutir se são profissões totalmente independentes, se existe alguma relação ou não. Muitas coisas se confundem. Inclusive, a formação profissional. Eu acho que a formação profissional, são vários aqueles que trabalham com o corpo em movimento ou com atividade física. Enquanto a gente não sentar na mesa e conversar, nós estamos perdendo. Eu não sou capaz, a ponto de diferenciar uma coisa da outra, o que é estatutário e o que é profissional. As coisas se confundem. Ou, eu tenho dificuldade de diferenciar uma coisa da outra. Eu não me preocupo muito com a coisa estatutária. Talvez por causa da formação da gente. Então, não tem como você separar a pesquisa e ensino. É uma questão de

princípio. É importante, eu acho que, como é que isso se dá na realidade? É lógico, evidente, que as pesquisas que eu faço, eu não dou em aula, raramente eu cito, um ou outro trabalho feito. Eu acho que é mais a atitude e o fato de você estar constantemente investigando que muda a tua atitude enquanto professor na sala de aula. É o fato, por exemplo, de você não usar nenhum modelo como definitivo, de você dar mil exemplos contraditórios. DE você realmente dar uma estrutura básica, mas deixar bastante questionável, esse conhecimento que possa existir na área. Ás vezes, os alunos até, e isso agora?, é aceito ou não? Como é que faz? Eu acho que é importante que o aluno descubra isso. Então, eu acho que você só vai conseguir isso, a medida que você faz pesquisa. Está envolvida com o processo e não necessariamente o conhecimento, daquilo que você obtém na tua pesquisa e seja levado para a sala de aula. Não, você não vai transmitir em sala de aula aquilo que você pesquisa. A extensão à comunidade, ela já é mais difícil. Eu acho que é difícil, você juntar. Eu acho, que existe alguns aspectos, depende como você considera também extensão. Esse tipo de extensão que a gente faz, certamente com a comunidade, crianças que usufruem da atividade física, no nosso caso específico, ela se restringi a algumas disciplinas que tem condições de trabalhar. Ela tem um ponto positivo na formação profissional, porque ela permiti você ter várias situações e que o aluno vai vivenciar num trabalho direto com o público. Vai aprender a vender o serviço dele. Em específico, a gente trabalha com algumas crianças, eu só tenho um projeto de atendimento à comunidade. Atende poucas crianças, quatro, cinco ou seis por ano, com problemas motores. É mais para os alunos poderem estagiar e a gente discute como é que você lida com este tipo de criança, que tipo de atividade você faz, qual a metodologia que você pode desenvolver. Então, eu acho que para o aluno que trabalha comigo, é uma forma de ganhar, para as crianças, maravilha, é muito proveitoso para eles, são crianças com problemas, é sempre positivo para eles, mas não é nenhum grande projeto que envolva, tenha repercussão, como tem você trabalhar com crianças asmáticas ou deficientes mentais. Existe um outro tipo de atendimento, que eu acho, à comunidade, que não é a comunidade aqui dentro, é a comunidade científica. Toda vez que você sai, você faz uma palestra, você vai num outro campus, faz parte de banca de um concurso. Sabe? Para mim, isso é atendimento à comunidade. Foge daquela atividade que eu faço normalmente aqui. Quando você participa de uma sociedade científica, quando você participa de um grupo multidisciplinar de discussão. Eu acho que são atividades que você ganha e dá. Você ganha de conhecer outras situações, outros problemas, outros grupos e você dá um pouco daquilo que você aprende ao longo do tempo. Essa outra dimensão, para mim, também é atendimento à comunidade. E, ela é muito importante. Por exemplo, você vai ter um convênio com uma Escola, nada formal, como uma Escola Técnica de Computação em Campinas, está fazendo dois programas de computação para a gente. Isso é um tipo de, nós orientamos eles o que nós precisamos e eles vão fazer alguma coisa que nós precisamos. É um convênio, é uma troca. Em algum momento, eu posso dizer que é também atendimento à comunidade. Porque foram eles que nos procuraram. Eles precisavam de idéias para fazer programas de computação. ótimo. Todo processo de mudança é muito grande. A Universidade é bastante cristalizada em vários aspectos. Eu acho que uns dos grandes problemas que nós temos hoje, é a estrutura da ciência, essa divisão ainda da ciência clássica, física, química, biologia. A divisão das áreas do

conhecimento pelo CNPQ e cada ano que passa, eles vão aumentando o número de especializações. Não se discute algumas questões sérias que estão ocorrendo hoje na ciência. Você não tem áreas tão separadas, você tem hoje a biofísica, a bioquímica, a computação, a ecologia. Ecologia, é uma ciência multidisciplinar, onde você coloca a Ecologia? O cara da ecologia, precisa ter conhecimento da geografia, da geologia, das ciências humanas, da zoologia, das biológicas. Quando você pega a Educação Física, o que fazemos nós na saúde? Quem sabe a gente deveria de fato pensar em saúde. Porque a gente não pensa em saúde. Uma das duas, ou a gente passa a pensar em saúde e se encaixa na saúde ou nós devemos sair fora da saúde. Nós estamos na saúde, estamos perdidos na FAPESP, os nossos processos ficam andando de mão em mão, ninguém sabe. E, na UNESP também. Agora, tem esse Congresso e não sabe aonde vai colocar. O mundo da ciência, o mundo acadêmico da Universidade está num impasse. Eu acho esse um problema sério da estrutura da Universidade. Mesmo dentro da UNESP. É um problema amplo, mais geral. Então, hoje, na verdade eu acho que a gente está caminhando para temáticas, centros temáticos, centros multidisciplinares e eu acho que a gente devia acabar com física, química, matemática. É uma questão de tempo. Até descobrir que é melhor a gente partir para outras articulações do pensamento. Eu acho que essa estrutura, está segurando um pouco, amarrando, está dificultando. A estrutura ainda da ciência que permeia dentro da Universidade. O que é ciência, hoje? Também, já não se sabe mais. Eu acho que nem esse conceito, a gente tem tão claro. A gente saiu de uma ciência, de fenômeno simples e a medida que a gente assumiu ciência dos fenômenos complexos. Hoje, eu acho que alguns pressupostos da ciência está sendo questionados e então, nem ciência eu sei o que é. Eu acho, que existe um tipo de abordagem, um tipo de conhecimento. Não necessariamente aquela visão de ciência, de dogma, de verdade. A gente já caminhou um pouco. Eu não tenho problema nenhum de me colocar, eu acho que eu sou muito bem aceita fora da Educação Física, discutindo as coisas mais amplas, em grupos multidisciplinar, que ninguém nem lembra que eu sou da Educação Física. Então, eu acho que não é, hoje, a formação, a origem, ou esse tipo de discussão não tem mais. Eu acho que o bom profissional é que deve ocupar a posição, os interesses dele dentro do ambiente onde ele está. Para mim, tanto faz, se ele seja professor de Educação Física ou médico. Eu não tenho essa, a minha recessão não está aí. A minha recessão está no envolvimento que ele tenha com a área. Se eu sou médica, estou lá no departamento de Educação Física, mas freqüento um grupo de medicina, eu trabalho em contato com a medicina e não estou preocupada com a Educação Física, esse não me serve. Eu acho que o que importa não é a origem, a formação básica, mas, é a quantidade de tempo, de devolução que ele está tendo numa determinada área, a contribuição que ele acha que tem. Se eu venho da Sociologia, se eu não escrever sobre atividade física ao longo do tempo ou se eu não me dedicar a Educação, então isso começa a criar problema para mim. Da onde vem, não. Tanto que hoje, eu trabalho lá com a Maria Eunice, que é de Marília e ela está interessada na teoria da ação motora e ela não tem nada que ver com a Educação Física, eu não vejo porque, ela não possa contribuir ou conviver com o pessoal da Educação Física. Não é a formação básica e sim e o interesse específico do ponto de vista de atuação profissional. Se você está num ambiente de Educação Física, você vai ter que se preocupar com a formação do professor de Educação Física e é aí que eu vou me dedicar. Quando você

particulariza a situação, eu acho que a Maria Augusta que dava aula na USP, atualmente ela é médica, ela já está a 20-25 anos, quando eu terminei o meu curso em 64-65, ela foi contratada, ela vai fazer 30 anos de escola. Essa mulher esteve envolvida todo esse tempo com Educação Física, não no sentido de dar aula, mas, eu acho que ela escreveu, ela falou, ela estudou em função da Educação Física, ela nunca fez outra coisa a não ser em função da Educação Física. Não vejo porque ela vai ser diferente de alguém que isso é um exemplo que eu estou dando. E você pode ter outras pessoas que estão aí à trinta anos na Educação Física e que não renderam nada para a Educação Física ou tiveram muito pouco envolvimento. Tem que ter princípios lógicos. Na opinião, não é a origem de formação, mas, é o envolvimento do cara com a área, o interesse que ele tem na área. Olha, a não ser que você colocasse em cima de alguém que tivesse escrito sobre alguma coisa que eu não concorde sobre a formação profissional, é difícil, porque ninguém atua sobre a formação profissional como um todo. Eu acho que uma das pessoas na minha opinião, eu acho que o Guilmar, ele tem alguns conceitos bem rígidos. Os outros, eu não sei nem caracterizar posição, não sei por exemplo a posição do Wagner, nem por exemplo do Joãozinho. São muito humanistas. Não que eles tenham alguma visão, alguma posição profissional bem caracterizada, então é o que eu estou falando, é difícil de colocar alguma crítica à formação profissional. O que a gente esquece é que existe um modelo ideal de formação profissional, trabalhar em, o outro é o real para o jovem, você vai trabalhar, pé no chão, não que eu não tenha, por mais que você me dê plena liberdade de contratar, eu vou montar um curso aqui, então, eu faço uma proposta, este é o modelo do profissional que eu preciso, enquanto eu trabalhar num ideal e não tenho a, b ou c professor, a hora que eu coloquei a, b ou c que eu, contratei essas pessoas, então você definiu o profissional, você define algumas características do curso aí. Você tira uma pessoa do curso e coloca outro, o curso muda um pouquinho a feição. Eu não sei se eu coloco tanto, se a gente chegar nesse nível de detalhe, será que eu garanto com um currículo bem feito, será que se é que se possa imaginar um currículo no papel perfeito e professores perfeitos. Nunca vai acontecer uma coisa dessa. Como é que eu tenho um currículo perfeito. Eu acho que não existe perfeito. Porque, é perfeito para quem? Um aluno, pode aproveitar de uma melhor forma, as diferenças individuais são grandes que o que pode para um aluno parecer ruim para o outro parece ser bom. O que para mim não funciona, funciona para outra. Porque na minha opinião, você tem aí um jogo de forças momentaneamente atuando. Que está no jogo, as forças das disciplinas, as forças dos professores. Você tem um jogo de força, mas, não só na pessoa e nem só no currículo. Às vezes você tem uma disciplina desprezada no currículo e o professor é excelente, o conteúdo é fraco, mas, ele tem uma figura. Por trás do currículo, currículo oculto, eu acho que isso é muito mais forte do que o exposto. Eu estou falando que é difícil de você manipular com essas coisas. Então, não tem como você criticar. Eu acho que não existe nenhuma situação perfeita. Se colocarem a minha disciplina no primeiro ano, é lógico que dou aula a nível de primeiro ano, se jogarem para o quarto, eu dou aula a nível de quarto ano. Afinal da história, o que é o currículo enquanto organização das disciplinas. É uma coisa muito. Desde que a pessoa entenda o todo e se coloque. Se ela acha que tanto faz, porque ela dá a mesma coisa no primeiro, no segundo, no terceiro e no quarto ano. Aí, fica diferente.

Mas, eu acho que eu posso dar a minha disciplina numa limitação a nível de primeiro e segundo ano. O ideal para mim é a nível de terceiro ano. Se chegar no quarto ano, talvez eu dê uma disciplina mais prática, alguma coisa parecida. Segundo lugar, você tem as pessoas. Então, você vai ter um grau de empatia entre aluno e professor. Que não é a à priori que você coloca isso. Então alguns alunos você cria uma maior empatia, tem outros que absolutamente, tem alunos que não estão afim de nada no curso. Então, fica difícil de você julgar todos esses aspectos. A melhor forma de você ver o impacto, é você conversar com os seus alunos cinco anos depois, dez anos depois e ver como eles reagiram as coisas, dos comentários que eles faziam. A questão de, eu sou muito exigente com freqüência, chamada. Quantos alunos depois de formado, não dizem assim: eu faço igualzinho à você, viu! Na verdade, eles reclamavam enquanto aluno, na prática eles vêem que é muito difícil controlar, que a coisa não é tão fácil assim, que liberdade é um negócio, é um outro conceito. Então, você tem essas reações, as mais variadas. Às vezes aqueles alunos que mais reclamavam, mais chatos, é o primeiro a ser exigente lá fora. Na UNESP, está ainda muito em banho-maria ainda. Então, ele não está montado. O processo de avaliação, não existe nada. Única avaliação que existe formal, é o do Regime de Trabalho, que na minha opinião é bastante flexível, o controle é feito, quer dizer, você faz um projeto de pesquisa, que é para três anos, tem gente que já fez, a gente sabe que tem gente que quando encaminha o projeto, o relatório já está pronto. Daí, durante esses três anos, ele faz o próximo para os próximos três anos. Não há muita exigência sobre a qualidade sobre aquilo que é feito. A diferença de uma área para a outra é muito grande. Quantos problemas a CPRT teve, com quantos, 1000 docentes, ela teve 5, é muito pouco com que ela tem então, ela é muito maleável, muito flexível. Passam 1000 processos, 50 voltam para serem refeitos, talvez 5 sejam negados. Dizem que ela tem um papel coercitivo, mas não acredito, o pessoal reclama, mas, no fundo não acho que ele seja, porque na verdade o corporativismo dentro das unidades é muito maior do que a força da CPRT, a nível central. Os departamentos encobrem tremendamente, encobrem docentes que não cumprem com as funções mínimas, a gente não está falando em mínimo, estamos colocando em, o corporativismo, eu acho que é a pior força dentro da Universidade em termos de avaliação, eu te protejo, eu te avalio bem, você me avalia bem e então nós ficamos tudo bem e tal. Esse é um dos aspectos, a avaliação externa é um elemento muito importante, eu acho que em todos as esferas com cuidado, não pode ser uma simples avaliação externa ou simplesmente colocar muito peso nela, tem que fazer a avaliação dos dois lados. Tem que fazer a avaliação interna e a avaliação externa e usar bom senso para ser feita a avaliação externa, a única forma, acho que a USP está caminhando para isso, ela tentou, eles me consultaram, pediram nomes para fazer a equipe que fizesse avaliação dentro do departamento, inclusive algumas pessoas que eu indiquei, depois eles fizeram contatos. Eu sei que foi por mim, eu sei que eles utilizaram as minhas indicações. Eu acho que a avaliação externa é importante, não sei se a UNESP vai caminhar para isso. A UNESP tinha um outro projeto, ela tinha avaliação por área, imagine se a gente fizesse nos três departamentos, Bauru, Prudente e aqui e a gente tentasse fazer uma avaliação, talvez fosse um caminho. A UNESP, tem particularidades que as outras duas não tem. Talvez fazer por área. Eu acho que é um processo que ainda vai levar algum tempo, eu acho que para você decidir uma boa avaliação, não é um

negócio que você faz em um mês. Eu acho que vai levar mais de um ano. Então, eu espero que, nós já estamos em julho, não fizemos nada. Então, eu acho que esse ano não vai sair nenhuma avaliação. Mas, talvez saia o projeto, para o ano que vem implantar. A UNICAMP já está com o processo, eu sei que já está em processo de avaliação e eu não sei o detalhe dela. Na USP foi bastante criticado, dentro da USP. Teve gente muito insatisfeita com o processo de avaliação feita. Mas, me parece que como modelo geral, me parece meio embolado. É, mas o da USP, não foi feito nisso aí não. Da USP foi bem feito no ponto de vista qualitativo e aí a coisa em termos onde você publica, a qualidade do que você publica, a qualidade de tese, foi bem, eles passaram uma semana buscando coisas para fazer uma avaliação mais qualitativa. A quantitativa, a gente aqui, a gente tem um número aqui, um número de trabalhos publicados por docentes. Não é feito uma avaliação. Esses são dados existentes. Você sempre vai ter um dado quantitativo no meio da história. Há uma diferença muito grande, por exemplo, você pega um artigo de um cara da matemática, em geral ele leva dois anos para escrever um artigo, porque os artigos tem que ter um embasamento teórico da estrutura lógica, para demonstrar alguma coisa, é mais complicada. Aí, você pega algum artigo da Biologia, que são artigos curtinhos, ele estudou um pedacinho da coisa, publica, o volume de artigos publicados é muito maior, mas eles tem revistas muito bem classificadas, para você ter um artigo publicado, passa por um processo seletivo bem pesado. Na área de Educação Física não acontece isso. Na Educação Física, cada um publica o seu. A UNICAMP publicou o CBCE, enquanto a Revista estava lá. A USP, publica sua revista e os seus artigos estão lá. Santa Maria publica a KINESES. Então, eu acho que esse é um aspecto. Eu acho que a Universidade também deveria avaliar qual é a sua filosofia de endogenização. Mas, aí, ela passa a não ter comunicação externa. Ela cristaliza, ela passa a ter uma filosofia quando ela perde o diálogo com a comunidade científica. Eu acho que o maior problema da endogenização é com a comunidade científica, a sociedade não tem condições de questionar isso. A sociedade questiona mais em termos de retorno, extensão. Nesse aspecto, eu acho que a sociedade não tem condições de questionar filosofia ou endogenização da universidade, pelo fato de você ter uma única maneira de pensar, várias ou não é o que você vê na verdade, você vai ter grupos bem nítidos. A USP, a USP tem um processo de endogenização interno imenso, tremendamente. Esse é um aspecto ainda que ninguém, o pessoal de fora que vai para lá não cria ambiente, quer dizer, não consegue permanecer, se ela não atacar, digamos durante cinco anos, não contratamos ninguem formado por nós. Se ela não tiver uma atitude prática nesse sentido e forçar, é muito mais fácil, eu pego o meu menininho e eu crio a cabeça dele, porque a USP está fazendo isto na Escola de Educação Física. De certa forma o Oswaldinho faz parte desse processo, ele foi levado para lá para pensar como o Go Tani. Se não for para pensar como o Go Tani, não fica. Esse é o problema. Então, você vê que ninguém formado foi para lá. O Paulo Chagas, aquele do Rio que esteve lá, saiu. Quando ela abre concurso, contrata um doutor, ele não permanece. Teve muita gente que foi lá e depois foi embora. Quem eles estão contratando? Eles tem mais MSi do que nós aqui e se bobear mais até que Bauru, passa na frente dele. Daqui 3 ou 4 anos que vocês estiverem, também, todo o quadro de doutorado, vocês passam a um nivel melhor do que da USP, por que a gente tem um grupo mais estável de docentes. O pessoal daqui, que quem veio para cá desde que o curso se

formou, a não ser naquela fase inicial, você pegou, o professor de handebol, foi embora, a Regina, o Rabaça, mas eu não peguei nenhum desses. Porque esse pessoal não fica, é um pessoal que não aguentou a estrutura, o Pastel não aguentou a CPRT. A minha linha não era forte no começo, foi o Medalha, só o Medalha foi, o Medalha era a mentalidade de esporte, era fazer um centro avançado de esporte. Então, na linha estava: Rabaça, Fernando Brochado, Wlamir Marques, Afonso, não sei porque Renata, agora a Renata era professora da USP. A Renata não era da linha esportiva. Então, a intenção era trazer pessoal que tivesse projeção do mundo esportivo. Então, a linha inicial foi essa, mas, ai o Medalha não ficava muito aqui para aguentar, digamos, você tinha que levar o projeto a frente, ai na busca de doutor, aí veio o Jose Maria, que não pensava dessa forma, ai nesse meio tempo, o Amilton me convidou, quando eu vim para cá, o Medalha não estava mais aqui. Eu nunca cruzei com o Medalha aqui dentro do departamento. Mas, é muito difícil você entender a USP, se você não entender quem era dono das coisa ao longo do tempo, porque isso marcou a formação das pessoas lá dentro".

DEPOIMENTO Nº 19

"Minha formação começou em 77, período de graduação foi de 77,78,79. Em 80 eu comecei a fazer mestrado, em 81 estava contratado pela USP, dava aula de natação. Em 84 comecei o doutoramento, que eu terminei em 90, é isso, são 10 anos, bastante tempo. Bom, eu sempre tive interesse em estar numa universidade, a razão principal era pesquisa. Eu estava vendo o ensino, a formação, atividade de ensino na universidade como uma conseqüência. Existe razões pessoais para isso. Você passa pelo processo de formação, e acha que o processo de formação que você teve nunca é bom, você tem aquela visão crítica. O período que eu fiz a graduação era bem a fase que a gente vê que tinha muita influência da Escola Francesa, da Desportiva Generalizado. Na escola de segundo grau, a formação superior era assim. No período em que eu fui fazer, que eu comecei a fazer, foi o primeiro ano que estava tendo pós-graduação no Brasil, em Educação Física, na USP. Então o ano que comecei a graduação, foi o ano que começou a pós-graduação. Então foi um período que a gente sentiu muito a influência da pós-graduação, o pessoal valorizando muito a pesquisa. Embora o curso tivesse essa orientação para esportes, havia muita discussão se o curso de Educação Física deveria ser prática ou teórica, se os valores deveriam ter. Já havia essa movimentação, tinha outros professores que davam nota pelo seu desempenho, quanto você salta, quanto você nada, etc, codificando a performance. E haviam aqueles que questionavam e não eram muitos, mas questionavam. Talvez nem tanto pela pós-graduação, mas também por causa dessa movimentação em torno do que é Educação Física. Eu na verdade acabei entrando no esporte, na Educação Física por influência do esporte. O que foi assim um grande peso, foi o técnico que eu tinha, o técnico dizia o seguinte: Olha, Eduardo; você vai ser professor de Educação Física - ele não dizia técnico - você deve entender que é um ponto prático para a ciência educacional, aquela história toda. Como técnico era péssimo, mas como pessoa humana, era muito bom, até hoje eu acho. Eu sofri uma forte influência, eu tinha uma certa preocupação em que estaria transmitindo. À medida que eu fui fazendo o curso, eu fui me enchendo do esporte, por causa do sistema do esporte. Após a minha graduação, em 80, eu fui técnico por um tempo, aí foi a gota d'água. Um dia eu cheguei na piscina tinha um pai dando treino para o filho, porque tinha ouvido o presidente da federação dizer que ele tinha potencial. Aquilo foi a gota d'água. A gente tinha preocupação em dar uma formação, digamos assim mais generalizada para as crianças, embora tivéssemos fazendo esportes. A minha pós-graduação, eu comecei a fazer em Fisiologia, a reflexão que eu tinha feito é a seguinte: Todo meu processo de formação vinha voltado para Fisiologia para área das Ciências Naturais. A razão para isso é a afinidade pessoal, não adiantaria eu fazer uma coisa diferente disso, eu faria mal feito. Essa era a minha visão. Essa razão pela qual eu optei por Fisiologia, eu fui fazer o doutorado em Fisiologia. Na escola, na USP, quando eu falo escola é na USP, por causa da Escola de Educação Física, e na escola, durante o período de graduação. Durante o período que eu estava dando aula, eu tinha muita preocupação em tansmitir algo além do que seria a prática. Eu tinha muita preocupação em dar teoria, eu achava que a Educação Física carecia disso. Dava aula de natação, mas 70% das aulas eram teóricas, em sala de aula. Deu muito problema com os velhos da

casa, por causa disso, mas eu acreditava piamente que era isso que eu tinha que fazer, eu distribuía meu conteúdo em Fisiologia, Biomecânica, Aprendizagem Motora, Teoria do Treinamento. Dava numa disciplina dita prática, eu colocava praticamente todo curso de Educação Física. Isto é um aspecto interessante, porque a forma que eu estou pensando é bastante diferente desse período. Eu acho que a Educação Física acabou entrando na teoria, porque a prática era pouco fundamentada. A partir do momento em que isto foi colocado claramente muita gente começou indo para a teoria, porque era uma brecha para poder trabalhar. São duas razões para isso, profissão muito mal reconhecida o status acadêmico, não só o status acadêmico e a própria sociedade não reconhece, esta é a razão principal, eu falei duas, mas é esta a razão principal. Isto abriu muita brecha para a gente trabalhar com a teoria. Mas no momento em que essa discussão foi feita convém lembrar que a prática era mal fundamentada. Hoje o que todo mundo percebe é que está todo mundo preocupado com a teoria. Me flagraram dizendo: "Olha, eu sou fisiologista". Me levantaram o dedo e perguntaram isso. De uma certa forma por causa dessa falta de reconhecimento, a gente tem certa vergonha de dizer que é professor de Educação Física. Ele se agarra a área mais sólida e trabalha como todos os conceitos que lhe aparecem. Sim, de ciência principalmente. Por exemplo, houve o momento que eu achava que deveria trazer para Educação Física aquilo que tinha de melhor da fisiologia. No momento que você fez curso comigo, isso foi muito claro, hoje é um equívoco. A gente deveria estar preocupado com a prática e buscar respostas para os problemas que encontramos na teoria, e não o inverso, trazer a teoria para dentro da prática. Eu acho que a gente tem que encontrar problemas na prática. Eu não diria referencial teórico, eu diria o seguinte para a gente solucionar problemas práticos, nós temos que ser um pouco mais práticos. A gente deve tentar encontrar respostas na teoria e muitas vezes a gente não vai encontrar. Aí existe um pouco de arte da profissão, eu não pensava assim, isso é muito recente, eu só falava assim: talvez nesse último ano, ainda muito recente, ainda estou trabalhando com as idéias. Eu tenho colega com quem eu estava tentando ver se eu conseguia identificar, seguindo a linha de raciocínio, da teoria da acadêmica e identificar. Eu estava tentando identificar dentro daquela linha de que a Educação Física seria ciência, tanto que o tema que nós adotamos aqui. "Ciência da Motricidade Humana", reflete bem isso. Dentro dessa linha, eu estava tentando achar critérios que pudessem encaixa a fisiologia do exercício ou biologia do exercício dentro de ciências. É quando vai vendo a discussão em ciência, a gente vê que a Educação Física tem características diferentes, não se consegue preencher critérios de ciência. Não existe aquele corte epistemológico que o Manuel Sérgio coloca. Não existe isso, os problemas que nós enfrentamos são muito diferentes. Os problemas em ciência não tem direção bem definida, os problemas em ciência, a medida que os problemas vão surgindo, vão surgindo novas respostas, você vai atrás de outras e você não consegue dizer para onde você vai. Tanto é que a tendência da ciência hoje é eliminar esses limites entre uma ciência e outra, hoje a gente chama de multidisciplinar, mas a tendência é acabar com esses termos, então fazer uma abordagem temática, com pessoas de várias formação, com várias metodologias trabalhariam com o mesmo tema. Para Educação Física nos temos problemas que são práticos, são problemas bem definidos. A Educação Física se justifica como um meio de intervenção sobre pessoas,

sobre instituições. A gente não deixa, as coisas ocorreram naturalmente, mas selecionamos instrumentos para modificar a situação do ambiente, do aluno, e com isso introduzir mudanças. Ele tem uma finalidade, o termo é ruim, mas é utilitarista no sentido, ela é intervencional. A ciência é mais expectadora no sentido que interessa são as perguntas que ela faz a si mesma, e as respostas que ela vai dando para ela mesma. Nesse sentido a Ciência é divergente, o único fim que interessa para ela é responder as perguntas dela. Enquanto que para a Educação Física nós temos o jogo de duas coisas: uma que chamamos de leis naturais, que são teorias o que vamos buscar na ciência. E digamos assim lei morais, valores, se tem colocado esses valores e utilizar esse conhecimento para atingir. Ele tem objetivo ético, valorativo, e a gente usa esses conhecimentos das leis naturais para fazer esse trabalho, essa intervenção, qualquer que seja, mesmo que seja aquela em que você diga que não aquela que é ideologia, está implícita mas existe isso. São muito diferentes. Ela é de uma certa forma, a Educação Física é convergente, tem ponto final. Não preenche esse critério, é um exemplo, o outro critério é que ela sempre pergunta. A pergunta que a Educação Física sempre coloca é como fazer para (...). Eu acho que são coisas que não se sobrepõem, mas relacionam-se. A gente tem tentado, veja que isso que eu vou falar não tem muito haver com o curso da forma como está. Na época que a gente discutiu o curso era muito diferente. Minha forma de pensar, era diferente; hoje eu botaria isso abaixo. Na verdade os currículos são formados assim, de uma certa forma, você faz as análises. A forma como que a gente tem dado a formação profissional a gente começa dando um monte de partes e espera fazer a síntese num determinado momento. Acho que isso é um problema, os cursos deveriam começar com colocação de problemas, na verdade os profissionais deveriam estar preparados para identificar problemas práticos do dia-a-dia e buscar soluções. A forma como nós temos dado o curso, o curso são elaborado, você começa pelo inverso, o aluno de primeiro e segundo ano recebendo um monte de informações deixa-se sempre o "filé mignom" para o fim. Isso dá vários conflitos, primeiro para o aluno é extremamente complicado, porque ele recebe uma carga de informação, ele recebe uma cobrança em cima de coisas que ele não sabe realmente para que interessa a seu interesse intelectual. Enquanto tira do professor a responsabilidade de refletir sobre o conteúdo, a informação que ele está passando. São poucos os professores que chegam a ser questionados sobre o conteúdo, é obrigado a refletir sobre o conteúdo, isso é um problema sério, não só da Educação Física, como os vários cursos de formação profissional tem. Na Educação Física o problema é mais sério ainda porque a gente não tem, a Educação Física não tem papel muito bem definido, o aluno de medicina tem poucas dúvidas porque o papel dele vai ser de cura. No, nosso caso não. O engenheiro tem muito claro o que ele vai fazer, se opção dele for civil é construir, etc. E nosso caso não, a Educação Física não tem isso bem definido. Com relação ao bacharelado, licenciatura: A razão por ter defendido bacharelado, nesse processo a gente discutiu bastante. Uma das razões era de razão profissional. Era necessário estabelecer uma profissão que não fosse, apenas licenciado. É questão de legislação para a gente ter a profissão regulamentada, teríamos que ter cursos que forma-se o profissional. Uma das razões pelas quais nós defendemos o bacharelado, seria uma forma de caracterizar a profissão e seria uma forma de alcançar a regulamentação. A segunda segue aquela lógica da disciplina acadêmica. Nós não temos uma área de conhecimento, e

devíamos criar uma área de conhecimento que trabalhe com a Motricidade Humana. Não. Quando a gente começou a discussão, o problema era o seguinte. Se nós adotássemos o tema movimento humano, ele não teria penetrações em vários níveis formais; o que a gente imaginou foi algo assim. Na época nós pensamos a Educação Física, ou o movimento a Motricidade Humana, deveria ser estudada por vários níveis formais, desde a filosófica até bioquímica. Alguns termos não fazem sentido nos extremos, em filosofia, bioquímica. Por exemplo, falar em exercício para a bioquímica está bem, mas, para a filosofia não. Falar em movimento fica muito difícil quando a gente começa a trabalhar com a humanidades. Daí achamos que Motricidade contemplaria esses vários níveis. Daria menos ambiguidades, falar em movimento humano e ciências sociais pode dar a conotação de um indivíduo só, ou instituições sociais, são coisas muito diferente, o termo foi adotado por isso, e não tem nada a ver com a epistemologia do Manuel Sérgio. Inclusive nós chegamos a utilizar a justificativa do Manuel Sérgio. Mais para justificar esse conceito de que haveria uma disciplina acadêmica, um corpo de conhecimento, tratava de um assunto que seria a Motricidade Humana, o bacharelado foi criado com esses dois propósitos. uma a caracterização profissional e a outra a consolidação como área de conhecimento. E a licenciatura, na licenciatura o que pesou muito, nessa reestruturação, foi que a licenciatura não deveria ser apenas uma habilitação ou uma licença para alguém ensinar. O que a comissão que preparou o currículo pensou, é que o licenciado deveria ser antes uma pessoa comprometida com a escola. Essa era a idéia que nós tínhamos. Aí, houve vários problemas no meio do caminho. O que a gente tinha idealizado é que ele deveria antes de tudo, havia um movimento, em que era por movimento, algumas faculdades de Educação, no sentido de que a licenciatura deveria começar inicialmente como um curso comum a todos. Então, tanto faz, você seria licenciado em: Biologia, Física, Química, Matemática, mas você teria que ter primeiro o núcleo comum sobre a escola. E essa era a visão que a gente tinha, a gente achava que a tendência seria essa e não apenas conceber, uma licença para alguém que detenha determinado conhecimento. Deveria começar com o aluno entendendo, o futuro profissional ou o futuro licenciado, estudando o que é escola, o significado da escola, a história e tudo mais. E aí, ele teria melhores condições de situar aquele conteúdo que seria a Motricidade Humana, ou a Física ou a Biologia. Essa era a idéia que nós tínhamos. E para garantir esse conteúdo deveria vê essa disciplina acadêmica chamada Motricidade Humana. Então a intenção era matar 3 coisas numa só. Uma a profissão, outra a disciplina e outra, já dar um passo em direção a esse movimento que a gente achava que seria inevitável que fosse crescer. A licenciatura dessa forma não vingou, parece, quer dizer, eu não convivo muito com a Educação, mas parece que essa tendência desapareceu, não se fala mais em ter um núcleo comum para as licenciaturas. Uma das conseqüências do Bacharelado, que seria a regulamentação do profissional ainda não apareceu. E também não há muito movimento em torno disso. Na verdade, o bacharelado trouxe muita confusão para dentro da Educação Física, os vários cursos não conseguem entender o propósito do Bacharelado, aqui também, eu acho que sim, está muito confuso. Na verdade, a elaboração dessa estrutura curricular, ela não saiu da forma ideal; porque existe vários problemas, você tem que levar em conta as limitações do próprio corpo-docente, do próprio local, o que a instituição oferece. Por exemplo, o bacharelado que a gente

tinha idealizado, não seria um bacharelado em Educação Física, mas um bacharelado em Ciências da Motricidade Humana, que seria um passo além. Na época a gente chegou até a discutir a possibilidade de utilizar a autonomia universitária para criar esse bacharelado. O Bacharel comprometido só com o conhecimento e não com a profissão. Mas, nós achamos na época que não havia condições para a gente absorver esse tipo de aluno. Porque como é que o cara, no sistema brasileiro universitário, o cara termina o curso superior, ele tem a graduação e tem que ter uma profissão. E não existe uma profissão de Bacharel em Motricidade Humana. Seria alguém que a gente colocaria para fora da universidade e não teria mercado para ele, a ser a própria universidade. Então a gente achou que seria muito prematuro, a gente partir para a Ciência da Motricidade Humana. Então a gente optou por uma posição intermediária, ele vai ser Bacharel em Educação Física, com possibilidade de trabalhar ou com rendimento máximo - esporte, ou como rendimento ótimo. Então, esse é um exemplo do que tinha sido idealizado e do que não foi possível concretizar. A questão da licenciatura, também, nós esperávamos que no meio daquela discussão, a gente conseguisse vender o peixe para o Departamento de Educação comprar. A gente esperava que esse movimento fosse mais sólido, de transformar tudo numa licenciatura comum, núcleo comum. E no fim o que a gente esperava, que o Departamento de Educação não se sentisse apenas coadjuvante, mas o ator principal. Eu acho, na verdade, o que deu para perceber é que essa tentativa de fazer o núcleo comum para licenciatura não é forte. O Departamento de Educação estava interessado no curso de Pedagogia. Então a atenção do Departamento de Educação era para a Pedagogia e não para as Licenciaturas. O fato de você ter um departamento que não está comprometido diretamente com a Educação Física dificulta também a compreensão, quer dizer, nós falamos linguagem diferentes. Então, o que a gente nota é que essa intenção que a gente tinha não foi percebida. O fato de ter o Departamento de Educação, primeiro com a atenção voltada para a pedagogia e segundo, não é que isso seja errado, eu estou tentando compreender o que aconteceu, da mesma forma como eles, estão preocupados com a pedagogia, nós estávamos preocupados com a Educação Física. Então os focos de atenção são distintos, os interesses são distintos e a chance de as coisas andarem é muito pequena. De uma certa forma é ingenuidade da parte nossa. E se a gente estava querendo estabelecer aquela área de conhecimento chamada Ciência da Motricidade Humana, a gente deveria estar discutindo com pessoas que tivessem mais comprometimento, para a gente poder ter argumento também para levar adiante e acho que isso foi de certa forma uma ingenuidade também. Existe o outro lado, também, o Departamento de Educação Física não conseguiu ter a massa crítica necessária, também por causa dessa questão administrativa, dividir o departamento, para lá, para cá, isso é puramente administrativo, não existe critério acadêmico que justifique a existência de um e outro departamento. Ainda houve, numa situação do conhecimento é mais compartilhado. É muito difícil, você dizer assim: olha, eu fico aqui, você fica ali. Isso é critério administrativo, só. Então, eu acho que são várias situações em que ocorreu e que a gente foi um pouco ingênuo na hora de visualizar. Devia ter sido um pouco mais, quer dizer, hoje a gente pode dizer que a gente foi ingênuo, mas na época, não. Acho que está muito no papel ainda. Tem o seguinte, o currículo você tem, essa fase que você define a concepção do currículo, depois a implementação, a implementação envolve muita interação, muito

retorno ao documento, discutir, etc, etc. Eu acho que a implementação não foi apropriada. A gente tem um currículo bem idealizado no papel, mas, mesmo para o corpo docente não está muito claro o que é licenciatura, o que é bacharelado. Isso reflete nos alunos. O aluno não sabe o que é melhor. Primeiro, que ele não sabe identificar o que ele gostaria de fazer. Tem vários problemas, ele desconhece e ninguém diz para ele o que é. Então nós estamos sendo incapazes de dizer para ele como visualizamos o mercado eu acho que o comprometimento segundo, então em função disso a gente não consegue fazer correções dos rumos. Não só com relação a licenciatura, comprometimento com a Educação, a visão da Educação Brasileira e tudo mais, mas com todo o restante. Então, eu acho que um dos grandes problemas, ainda tem sido a implementação. Na verdade é muito difícil a gente romper com uma estrutura que nós temos, estrutura mental que nós temos para passar a ver de uma outra forma. Eu acho que esse é um aspecto extremamente complicado. Segundo, existe particularidade do nosso corpo docente, que a maioria está em processo de formação. Então eu acho que é muito difícil ainda, durante o processo de formação, a gente parar sentar um pouco e olhar o que a gente está fazendo, porque a gente tem essa pressão. Você está sentindo, da pós-graduação. Você não tem tranqüilidade para fazer isso. Então, eu acho que refinar esse sistema, deve ser possível, quando a maioria dos docentes tiverem mais preocupados efetivamente com o curso. Porque, no momento, a maioria do corpo docente não pertence ao Departamento aqui, pertencem a instituição onde o cara está fazendo a pós-graduação, a UNICAMP, a USP, etc, etc. Então, essas coisas estão muito no papel, muito no papel mesmo. Na verdade, o parecer, para quem acompanhou o processo é interessante. Porque, o parecer vinha sendo discutido ao longo de vários anos no parecer, mas a reestruturação curricular, como o próprio parecer deixa transparecer, já muito tempo. A lógica, o discurso não mudou na essência ao longo de vários anos. O único elemento novo que é introduzido nesse último é a figura do bacharelado. Outra coisa também que a gente percebe, a análise que a gente fez do parecer é que ela é muito desconexa, um discurso muito desarticulado, ele é muito pontuado, por, digamos assim, frases de impactos. Então, na verdade ele reflete essa crise de identidade que a Educação Física vem percorrendo e a gente está patinando sempre no mesmo ponto. A gente precisa de profissionais melhores, mais comprometidos com a realidade, são algumas partes que aparecem no discurso. Eles são muito macroscópicos, é um discurso simples, fácil. Mas, nós mesmos tivemos muito pouco tempo para debruçar sobre os problemas e tentar resolvê-los nesse dia-a-dia. É o que eu tenho sentido. Então quando a gente pega o parecer, uma grande razão para essa confusão toda que está por aí, é que o parecer não esclarece. Existe o aspecto positivo que ele provoca desordem e existe o aspecto negativo que, também provoca desordem. Então, se o pessoal estiver realmente interessado, ele vai ler, e o parecer vai ser fonte para reflexões nesse sentido; se você pensar que, o um dos princípios que está por trás dessa reestruturação curricular é dar responsabilidade, dar autonomia para a instituição que elabora o currículo, é um ponto extremamente positivo porque, ele não dá receitas para ninguém. Ele coloca frases de impacto e você vai ter que ficar pensando muito tempo sobre isso. Mas, provavelmente, pouca gente faz isso. A maioria vai na Resolução mesmo, o quanto de carga horária e fim de papo. Então, eu acho que o parecer, ele reflete essa discussão que vem a muito tempo, vem se discutindo no Brasil inteiro, por isso

mesmo, ela não é consensual, não dá para ser consensual e acho que talvez o redator não tenha nem condições de fazer alguma coisa mais consistente. Esse é o meu modo de ver. Então, sei lá, são alguns chavões que a gente vem ouvindo ao longo de vários anos, mas que nunca ninguém se atreveu a ir além, quer dizer, hoje eu percebo isso. Estou dizendo, quer dizer, essa visão é muito curta, é muito curto tempo. A gente vem fazendo muito discurso fácil. É muito fácil, pegar, por exemplo e fala da fisiologia, olha, a fisiologia existe isso, a gente devia fazer isso. A realidade brasileira não é essa, que a gente está importando, esse discurso é muito fácil. Eu acho que o nosso sistema universitário é muito ruim, quer dizer, isso é um chavão também, mas eu acho que é bom a gente ter um referencial. Depois que nós começamos a trabalhar com a pesquisa em Educação Física, ou que a Educação Física se deu conta de que era necessário fazer pesquisa, a pesquisa passou a ser a prioridade. Tanto é que se diz muito se faz a pesquisa e a conseqüência é o ensino. Então, o nosso sistema universitário, o nosso em particular, as 3 estaduais de São Paulo, priorizam muito a pesquisa e coloca em segundo plano o ensino; embora o que a sociedade percebe da gente, seja o ensino. E em terceiro, ainda a extensão. Então nós vivemos numa redoma de vidro. Nós produzimos e colocamos para fora. Nunca ocorre o inverso, é muito difícil, a sociedade trazer de volta para gente o que ela está precisando. Se isso fosse uma emprensa, nós estaríamos falidos, porque a gente vende o produto, que o mercado não está esperando. Então, eu acho que são pontos, é um que a gente precisaria rever. A outra coisa, por se tratar de um sistema muito fechado, a gente reproduz aqui dentro a estrutura da sociedade, então você tem, aquele sistema hierarquizado, de poder, não a hierarquia, a legalização, mas uma hierarquia de poder, titulação. A Universidade dá ao docente, particularmente a UNESP, aquele status de que é aquela camada da elite, sem nenhum propósito muito claro. Então, eu acho que a Universidade, a nossa principalmente, a UNESP, ela procura dar ao docente controle da situação e para preservar essa estrutura, dá ao docente muita carga administrativa, como se o docente que manipulasse com papéis fosse sinônimo de poder. Então, eu acho, que na UNESP isso é muito claro. A medida que você vai adquirindo mérito acadêmico, você vai adquirindo capacidade de tomar decisões administrativa, você manipula mais papéis. Então, eu acho que isso na UNESP é péssimo. E o nosso processo de formação, no nosso processo de formação, a gente aprende a fazer o que a Universidade acha que é mais importante para a gente, que é a pesquisa e não administrar. Você viu uma série de interrupções, umas dez, aqui. Eu acho que a gente deixa de fazer o que é importante. Se nós pensamos no que a sociedade espera da gente, é que a gente coloca profissionais, no caso da Educação Física, vou chamar de profissionais mesmo profissionais que dêem conta dos anseios da sociedade. Se a gente pensar por aí, o problema deveria estar invertido nessa prioridade. A gente deveria estar preocupado com a comunidade, depois, qual profissional que ela está precisando e seguindo aquela lógica que eu expus no começo, a partir daqueles problemas a gente tenta investigar. É inverter a realidade, quer dizer, isso é o que eu acho hoje. O sistema, a estrutura da universidade, é o inverso, a gente inverte e como o argumento que se nós não fizermos, ninguém vai fazer a pesquisa. Eu acho que existe algo um pouco furado, porque é a gente tapar os olhos para a realidade, isso é o que eu penso hoje, eu não achava isso não, a um ano atrás se você perguntasse isso para mim eu não

estaria com essa lógica. É um mero discurso, a indissociabilidade ensino-pesquisa. Aí que está, é um discurso fácil, você dizer que elas são indissociáveis, o problema começa a surgir quando a gente tenta ver como fazer. Então, para mim, eu consigo visualizar melhor também, porque eu acho que a gente deve partir de problemas que existem e buscar soluções. Parece discurso, mas a implicação é muito séria muda a forma de trabalhar com as coisas. Em vez, de você pegar partes e tentar juntar, você debruça para o problema, tenta identificar as partes do problema e voltar. Essa relação é assimétrica, entre teoria-prática, prática-teoria, essa relação ela tem caminho diferente. Então eu acho o que a universidade faz é isso. Ela dá a teoria e tenta empurrar. Enquanto, o que a sociedade pede é uma coisa diferente. Certamente isso influência na formação profissional, porque inverte as prioridades, as exigências são outras e a gente não tem muito tempo para debruçar nos problemas. Só para ver como isso reflete, essa concepção, a gente dá o curso preocupado em cumprir o programa, em dar aquele conteúdo e várias vezes a gente para, quando, a medida que o curso vai ocorrendo, invariavelmente acontece isso, o programa é muito extenso, o conteúdo é muito extenso, a gente não dá conta, e a gente começa a correr. E raras vezes a gente para, para perguntar, se aquilo lá está sendo importante ou se vai servir para alguma coisa. Esse é um aspecto. E a constatação vem da forma mais dramática possível; você dá o curso, você dá as notas, por esse sistema, você acha, você tem a ilusão de que os alunos aprenderam e quando você vai para o mercado de trabalho, quando ele está livre dessas amarras que a gente vem impondo para ele, ele começa a fazer uma coisa totalmente diferente daquilo que você achava que ele estaria fazendo. E não é isso, na verdade, nós passamos expectativas para os alunos, os alunos o que fazem, tenta atender essas expectativas, mas só que a expectativa dele não é igual a nossa. Então, aconteceu isso, muito, quando eu dava aula de natação, então você idealiza aquele sistema de ensino, que acha que é o melhor, aí dá um ano de curso, e depois o aluno vem para fazer estágio com você, vai trabalhar com você e faz uma coisa totalmente diferente. Tudo aquilo que você disse para ele não fazer e ele esta fazendo. Então, eu acho que uma das razões é esse sistema de mérito, você só é promovido, se você atender a minha expectativa. Sabe, não é um jogo consciente, é inconsciente e é por isso muito perigoso, quer dizer, mesmo nessa entrevista, eu percebo sua expectativa e a gente vai falando de acordo com que a gente acha que atenda sua expectativa. Por isso que a análise do discurso é meio complicada, complicadíssimo de você fazer. Mas, eu acho que acontece isso com o aluno também. Nós professores, passamos certas expectativas, ele sabe que se ele não atender essas expectativas não vai ter promoção e assim sucessivamente. Então, eu acho que até esse negócio de levar o problema para a classe, até esse processo é perigoso. Talvez, a gente não consiga. Sobre a formação profissional em Educação Física, primeiro, eu acho que a gente tem que tirar esse caráter de que é ciência. Tem que encarar como profissão mesmo. Que trabalha de um lado, com valores e de outro lado, com estratégias para se atingir esses valores, eu acho que esse é um dos problemas. Nós inventamos, para manter a neutralidade, nós tiramos os valores. Outra coisa, o discurso esta muito fácil. É muito fácil, eu falar nos valores ou nas leis naturais. Mas, eu acho que falta, realmente a gente sentar para procurar essa integração. Eu acho que isso é um dos problemas sérios e isso ocorre porque, nós estabelecemos duas castas dentro da Educação

Física: as teóricas, e as profissionais, cada um tenta-se endeusar. O profissional é aquele que dá duro, que trabalha, que realmente faz a Educação Física, é assim que eles se vêem. É, que estou falando eles, porque eu ainda me considero o outro lado. Mas e nós que estamos na universidade, achamos que fazemos reflexiva, é crítico, segui determinado critérios, e por isso é melhor, mas, falta realmente a gente debruçar no problema, é cômodo, a gente ficar de expectador a gente, tinha que estar lá, tentando, resolver o problema do professor que está aí do lado, tentando trabalhar. Eu acho que essa é a crítica mais séria. Por exemplo, nesse simpósio nosso, a relação prática e teoria. Esse foi um simpósio teórico, sobre essa relação. Então, nós estamos vendo o problema de fora. Eu acho que a gente não parou mesmo para operacionalizar o como fazer. Parar de fazer um pouco discurso e ir a prática. Agora, isso é extremamente complicado. Porque a gente está contaminado pelas amarras que as nossas chamadas disciplinas mães impõem para a gente. Na verdade, tem um outro lado, o fato de sermos pesquisadores, entre aspas, coloca numa situação extremamente privilegiada que a gente pode pegar e falar assim: bom, eu tenho critérios que podem rechear esses valores, ou a gente, produz conhecimentos que a gente pode usar como argumentar, para discutir valores. Então, essa é uma situação, extremamente privilegiada a gente faz pouco uso disso, quer dizer, nós temos essa casta de cá, das teóricas e temos ferramentas para poder colocar transformações, mas não adianta só sair gritando por aí não, a gente teria que ter argumentos mais sólidos, não argumento fácil. Isso implica em mudar a orientação de pesquisa, tentar solucionar problemas complicados que a fisiologia não dá conta e não ficar tentando levar conhecimento para a fisiologia, que é o que a gente acaba fazendo, quando a gente vem dessa formação. A gente traz problemas, digamos que a psicologia me coloca e tenta testar na Educação Física, é a mesma coisa com outras áreas. Então, por exemplo, hoje, a gente vê muito isso com relação a pedagogia, o cara trazendo problema da pedagogia e testando na Educação Física. Então, quem ganha com isso, é a pedagogia e não a Educação Física. Isso é um problema sério, do ponto de vista da legitimação. Para a gente ganhar essa legitimação, nós estamos buscando a informação de fora, mas nós estamos legitimando, as ciências que dão esse conhecimento para a gente e não a Educação Física. Então, é um exemplo, quando se fala em exercício e saúde, procurasse um médico e não o profissional de Educação Física, por exemplo, a indústria de tênis, a atividade física que deveria ser esse nosso objeto de uso, de intervenção, de estudo acabou criando uma tecnologia de calçados, que nós não usamos. Isso são alguns exemplos. Eu acho que isso é um problema sério. Nós estamos levando nossas soluções para fora e nós mesmos não usufruímos. Isso é uma conseqüência dessa forma de ver, de buscar o problema na Educação Física. Nós não temos a legitimação. O problema é, é o caso da medicina, todo mundo sabe qual é o papel do médico, então ele tem um problema definido e ele tem as soluções. O que nós estamos fazendo, e discutir o problema, a gente fica: não, qual é o problema, qual é o problema e a gente não tem a solução. Então, muitas vezes a gente fala qualquer coisa, puxa vida, pensei que fosse só o médico que sabia dessas coisas. Então, o que a gente está fazendo, numa situação em que alguém pergunte sobre uma dor que ele tem durante a atividade física, o que está ocorrendo é o seguinte: a gente acaba reproduzindo o discurso do médico; então a gente assume a capa de um pedagogo, do filósofo, do

psicólogo, do sociólogo, do médico, a gente incorpora a identidade dele, falando através, quer dizer, essas profissões ou essas áreas de conhecimento falam através da gente. Essa certa vergonha que nós temos de nossa profissão. Talvez, a gente deveria parar de discutir objeto e enfrentar de frente olha, é um problema prático mesmo; e trabalhar como se fosse um problema prático mesmo".

DEPOIMENTO Nº 20

"O curso, a idéia saiu, porque o Amilton, que era o presidente do instituto, parece que ele sempre gostou demais de Educação Fisica. E aí, em uma conversa que nós tivemos na minha academia, ele cogitou a possibilidade de se ganhar o curso aqui para Rio Claro. Eu achei super interessante e aí fiz toda uma ação política, de que iria ser o prefeito, que já havia sido eleito, o Lincoln e o Kal, eles vieram conversar aqui, porque isso foi antes de assumirem a prefeitura. Eles vieram conversar com o Amilton e ficou pré - estabelecido que, quando o Lincoln assumisse, ele ia dar todo o apoio para a criação do curso. Pois, logo que o Amilton entrou; nós aí, nós reativamos essa conversa e a partir daí trouxemos o reitor para Rio Claro. Ele conheceu todas as instalações, inclusive houve algumas mentiras sadias de apresentar os centros sociais, todo o complexo municipal de esporte que ficaria à disposição da UNESP e de fato depois, realmente isso aconteceu, porque quando o curso foi instalado, inclusive a sala de aulas teóricas de Educação Fisica, foram lá para o ginásio de esportes. Onde nós tínhamos o departamento, funcionou acho que 2 ou 3 anos, eu não sei o tempo certo disse. Em questão à concepção nós, achávamos que seria importante para a cidade porque criaria uma; teria disponibilidade de uma mão de obra especializada e mesmo porque também Rio Claro sempre teve muitos alunos para Educação Fisica, muita gente interessada em Educação Fisica. Eu lembro que naquela oportunidade, acho que tinha quase 50 pessoas cursando Educação Fisica entre Piracicaba e São Carlos. Então, enquanto a concepção acho que a concepção seria até uma concepção tradicional de aplicação de recursos humanos para prática desportiva mesmo, a concepção era essa mesma. Eu acho que mudou muito, por que, inclusive em princípio, a nivel político e até comunitário, foi uma decepção muito grande, essa concepção, porque eu acredito que isso em função da, de que a Educação Fisica, a criação do Curso em Rio Claro pegou a Educação Fisica por um todo. Numa transformação, numa busca de um reconhecimento enquanto ciência. Por que até então, a Educação Fisica, até os anos 80, a Educação Fisica, era vista como apenas uma prática desportiva. E com a vinda desse pessoal todo que foi para fora se especializar, se titular na verdade, veio com uma concepção teórica da Educação Fisica, inclusive, sua, houve uma. Ela, houve uma fragmentação, inclusive por matéria, por problema da psicomotricidade. O exemplo típico disso aí, um fato marcante, foi que quando precisou-se denominar esse suposto ginásio que nós temos aqui, se colocou, não colocou um ginásio de esportes e sim, sei lá, um ginásio de uma sala de psicomotricidade humana e tal. Isso daí, quero dizer, é uma forma bem clara de ser uma transformação. A decepção se deu porque, uma que a Educação Fisica viveu um trânsito muito grande em Rio Claro. Os alunos, que até então fazia, talvez da sua turma também 1ª, 2ª turma e 3ª, tinha que transitar muito em Rio Claro, não tinha um local próprio para se, para estudar como tem hoje, basicamente nós temos tudo aqui no campus. Até então, não tinha aula no ginásio, tinha aula no João Redher, natação lá em baixo, lá no Centro Social Zona Sul, tinha lá no João Redher, também, algumas coisa aí dificultou muito. Em contra partida também uma carga horária muito forte e os alunos não tinha quase tempo para dar essa resposta que se esperava a nivel de comunidade. E outro também, o corpo docente em formação, também, muito trabalho, o pessoal estudando fora,

um caso meu, típico também que é específico. Então não deu tempo para cuidar das coisas e hoje eu acredito que esses programas comunitários que nós temos aqui na cidade, hoje no curso atual já está gerenciando toda aquela expectativa, que até então a criação do curso era, se pensava a nível político, a nível comunitário. A formação, eu vivi um processo de um atleta que até então, tenho que ter uma, que pensando para frente quando terminasse minha carreira de jogador de futebol, seria necessário ter alguma outra, outra atividade profissional. E o que eu gostava na verdade, e eu tive grandes, e fui influenciado, tipicamente pelos meus professores de Educação Física. Eu achava que eu ia, devia ser professor de Educação Física. E a partir daí, eu fui tentar, eu havia parado de estudar durante 5 - 6 anos, fui fazer novamente um supletivo aí de colegial e tal. Voltei e fui fazer Educação Física, quero dizer, a concepção que eu tinha e que para segmentar a minha vida profissional, até então, e uma outra coisa também é que eu sempre gostei de Educação Física. Eu a tinha como uma disciplina altamente formadora e disciplinar mesmo, a nível de postura, a nível de formação que gerenciasse todo um bem estar comum a minha preocupação, era isso, eu tinha essa expectativa, agora quanto ao estágio atual, naquela oportunidade, até então foi, poderia se dizer até de uma mediocridade incrível no curso que eu fiz porque nós éramos, era um curso altamente massificante a minha turma, para você ter uma idéia naquela oportunidade, gerenciava-se uma idéia de que abriria Educação Física no 1º grau. E aí então iria se precisar de muitos professores, então nós fomos para Educação Física, a minha turma tinha 650 alunos, só lá em São Carlos, então houve uma procura muito grande, enquanto, a partir do corpo docente, era uma corpo docente de até então, de muito tempo atrás altamente tradicionalista, sem a mínima preocupação de formação, sem o mínimo alinhamento didático. A Educação Física até então, não era, não tinha uma perspectiva nenhuma de se ver vista como uma ciência em si, mas sim apenas como uma atividade de uma formação de atleta, de prática esportiva, essencialmente. É, era muito claro agora, não sei se ficou claro pra você até então. Bom, de lá prá cá, eu acho que as coisas mudaram bastante certo, inclusive, um fenômeno interessante que se deu em São Paulo, principalmente foi com a criação desses cursos não pago a nível interior, a UNESP daqui de Rio Claro em 84 foi o 1º, em 83, 84 foi o 1º, depois a UNICAMP abriu também e conseqüentemente agora Bauru e Prudente são os cursos, o interessante notar nisso é que pela dificuldade , pelo mecanismo de entrada de vestibular, eu me lembro muito bem da 1ª turma e quase da 2ª que foram muito poucos atletas que até então tinha familiaridade com a prática esportiva que vieram para o curso, certo? Então isso aí, também contribuiu em parte para quebrar aquela, aquela idéia de que a Educação Física era uma atividade de prática esportiva e buscar esses termos enquanto ciência, aliado ao fato que o corpo docente, até então, para atrás, quando eu me formei, não havia uma perspectiva crítica de forma nenhuma. Eu me lembro bem de que eu tive um professor, que eu, que já faleceu, um profissional genial, mas que era altamente militarizado esse professor, nós costumávamos de, chamar de "Militar", prof Machado de São Carlos, era o único professor que nos apertava, e ele tinha uma preocupação excessiva de uniformização, e de formação, tal ele era realmente, muito radical nesse aspecto. Em contra partida, depois com essa, com esse pessoal que foi para fora buscar titulação e voltou, já começou haver uma, uma diferenciação de atitude, o pessoal, saindo muito

mais para teoria do que para prática. E eu acho que essa e ainda hoje é dinâmica que existe dentro da Educação Física e que tem agora só o tempo vai dizer, o que foi, o que está sendo melhor. Não, só o tempo vai, a hora que esse pessoal tiver formado, tiver no mercado, e a gente está vendo que a Educação Física hoje está saindo, por outro lado, um exemplo claro disso, é a procura daqui de Rio Claro dos nossos alunos trabalhando enquanto agentes de lazer, nós temos hoje muito mais alunos trabalhando como agentes de lazer, tipicamente em hotéis, em acompanhamento e outros órgãos do que propriamente em escolas, em clubes como técnicos, como preparadores físicos e coisa que vai. Eu vejo como ciência, essa fragmentação a nível de reconhecimento de estudo tipicamente das áreas que envolve Educação Física. Até então, nós tínhamos uma, eu me lembro que, quando começou dar essa transformação se falava muito em Cinesiologia, quero dizer, o estudo do movimento em si, entrou a parte, aliás, cinesiologia não, desculpa, a primeira parte que começou a ser claro e evidente na Educação Física foi a parte da biomecânica e depois veio a parte da cinesiologia que aí foi mais, houve uma ênfase muito grande, para depois num segundo momento até acho que na entrada aqui nosso trabalho, aqui na, trabalha aqui na faculdade veio a parte de psicomotricidade que foi um movimento por um todo esse estudo, certo e eu vejo fundamentalmente isso como uma possibilidade muito grande, porque a partir, a partir do momento que você tenha esse desenvolvimento humano, enquanto movimento bem aprimorado, bem trabalhado, bem elucidado, bem corrigido, nós vamos evitar uma série de conseqüenciais futuras, para esse que fazem parte da nossa, da, que são nosso os alunos enquanto, ser por integral. Então eu acho isso muito positivo, do aspecto da Educação Física enquanto ciência, a minha idéia é que essa fragmentação, esses estudos, esses trabalhos, tudo isso aí, quer dizer, é extremamente importante a partir do ponto que isso aí venha facilitar os professores, os alunos enquanto formação e depois enquanto formadores, para que usem isso adequadamente e que aquele que é objetivo, de tudo, de toda Educação Física que são os alunos, que são os atletas que estão sendo trabalhados tenham uma, tenham uma, seja formados por um critério dentro de uma concepção de ciência de critério, realmente científico que eu acho extremamente importante. O que facilitou muito isso eu acho também está facilitando. É a própria exigência dos currículos das escolas eu não sei como funciona a UNICAMP e nem a USP, quanto formação, mas esse, essa iniciação científica que tem nosso alunos aqui da UNESP com a monografia de formatura facilita muito isso, quero dizer, essa busca do conhecimento e eu acho que aí, é também uma questão de cultura, quanto mais a cultura se dá a partir do momento que você consegue angariar esse conhecimento é fundamentalmente, você passa a transmiti-lo, então a cultura se dá pura aí, eu acho que, independente de qualquer coisa a UNESP com essa, com esse currículo adequado com essa exigências de monografia de formatura, com essa iniciação científica, está provocando justamente isso. E isso aí eu vejo muito bom. Eu acho que a Educação Física, a única coisa que me entristece um pouco, que, são alguns discursos didáticos que estão fora da realidade, por exemplo, eu me lembro que se fala muito na, na prática desportiva precoce que não se deve acontecer isso, que a competição tem que ser tirada. Eu não vejo dessa forma, eu acho que a competição, é lógico de uma forma regular, ou uma forma criteriosa com parâmetros científicos ela deve ser incentivada, porque a vida é muito competitiva, nós vivemos no mercantilismo quando o poder, o capital é maior, então eu

acho que essas crianças vão cair no mercado competitivo, é o caso seu, é o caso meu, você se lembra muito bem dos meus discursos que eu falava, que entristecia muito os alunos que não se interessava muito que não tinha. De um lado entristecia, de outro lado, me facilitava porque quanto mais gente não tiver, menos interessado melhor para aqueles que são interessados, quer dizer o processo é esse. Então isso entristece, mas de uma outra forma, de uma outra maneira eu vejo que essa competitividade, o jogo em si, as práticas esportivas, e nós não podemos esquecer também que eu acho super interessante isso, que a gente vive num país em desenvolvimento, aonde o esporte passa a ser reconhecido em algumas atividades enquanto profissão, certo? O futebol tipicamente, hoje já é uma profissão regulamentada desde 76, o basquete está a caminho da profissionalização, o vôlei já está semi-profissional em termos então, a natação já está por que o atleta que faz hoje o esporte de alto rendimento, de alto nível, altamente competitivo ele precisa de tempo para treinar, ele custa. Ele tem um custo operacional disso, então ele passa a ganhar. Então eu acho que a Educação Física como um todo, enquanto formação não pode perder de vista isto, tem que ter esse tipo de preocupação porque, eles podem ter uma profissão enquanto atleta. Agora, aonde é que está sendo, aonde que tem esse talento que está sendo detectado? Está no 1º grau, certo? É na, no campeonato colegiais e uma série de coisas que tem que voltar com uma outra mentalidade, com uma outra característica para que é, a criança e principalmente a família veja o esporte como uma profissão também. A Educação Física não é um esporte, no meu entender ela é como a gente falou, como ela é a concepção que nós tínhamos era esporte e hoje já não é mais esporte porque existe toda uma fragmentação toda uma, diferenciação, quer dizer, a Educação Física hoje no meu entender é o movimento certo. É qualquer movimento. Eu tenho pouco conhecimento sobre o termo, não é minha área, mais eu vejo a Motricidade, como eu falo muito no estudo do movimento. E o movimento e a Educação Física é movimento é atividade, certo?, eu vejo que, que é eu acho que ele tinha que ser mais é, teria, que arrumar um significado, o seu entendimento numa linguagem mais simples para que houvesse uma melhor compreensão e não houvesse uma barreira de interpretação em função do termo ser científico, certo? Eu vejo que ele deveria ser mais trabalhado de uma forma mais comum, inclusive esse pessoal, que não tem tanto essa possibilidade do conhecimento como a Universidade Pública hoje em São Paulo trabalha isso, por que esses que estão em outras faculdade particular tal, tenham esse conhecimento que a gente sabe que independentemente da carga horária porque de 4 anos curricular que esse pessoal está sendo trabalhado em faculdade particular ele não tem todo esse tempo, tanto essa iniciação científica como tem os nossos alunos hoje da rede pública, então teria que ser melhor trabalhada isso. Não, não participei, eu não tinha conhecimento, única coisa que eu fui consultado, é para, quer dizer, eu tinha uma carga horária de então de 120 horas que eu trabalhava com 60 horas de futebol de campo, 60 horas de futebol de salão e a minha carga horária foi diminuída, e eu trabalho agora com eu tenho que trabalhar nas duas. Eu acho muito bom isso, por que, aí já começa tudo está sendo especializado a Educação Física não está fugindo à regra, certo então nós temos dois mercados aí tipicamente diferenciados, que é o mercado docente, está, que é o pessoal da licenciatura, e o mercado comum, comercial que assim de forma muito simples de analisar que o bacharelado vai atender isso eu acho tem que

ser por aí mesmo, quero dizer, a USP está com um bacharelado em esportes e eu acho que, acho que está dando um ibope muito grande, não podemos esquecer que a academia hoje tem um mercado incrível, está usando muita gente na academia. Eu acho que todas as vezes que se busca uma alinhamento novo de uma filosofia, fica muito bonito a nível de papel. Agora enquanto à aplicação, e se isso está sendo colocado de uma forma clara, fica muito difícil a gente, fazer uma análise muito simplista, porque na verdade a gente tem debatido conversado no curso sobre isso com alguns colegas aí docentes, é que nós não temos o retorno desse aluno, quando ele vai para fora, quando ele termina, quando está fora no mercado quando ele vem para dentro. O que nós temos na verdade é que um conhecimento é que os nossos alunos tem conseguido uma grande parcela de mercado, enquanto profissionais, caso típico teu e de outros alunos, tal quero dizer isso aí é um feedback altamente positivo. Então dentro de uma concepção filosófica que foi estabelecida a grade curricular nossa nós estamos tendo um retorno a nível de procura mercado, então baseado nesse, apenas nesse aspecto que eu acho que é muito simples também, mais dá para a gente ter uma avaliação de que naquilo está se propondo então em nosso currículo estamos tendo um retorno devido essa procura profissional. Nesse aspecto eu acho que está funcionando bem até, agora o que precisaria na verdade é de ser criado um mecanismo de avaliação para ver na verdade, eu não sei hoje enquanto se estabelece o número de formados nossos para, vê onde que está esse povo, o que ele está fazendo hoje, certo? E ter até dentro de não sei qual mecanismo, não posso dizer, o que teria que ser feito para a gente fazer uma discussão mais ampla, mais criteriosa, mais científica de se, as colocações nossas, o nosso currículo proporcionou a esse aluno enquanto ele estava no mercado lá longe, certo? Toda uma filosofia que é isso que se pré-estabeleça. Porque o que acontece na verdade que eu vejo, que isso já vem desde, que estou na Educação à 23 anos quase, aí, e que filosoficamente quando se muda governo se muda muito as normas, mas muda se as normas, mas os critérios de avaliação não se, eles são modificados também, devido as mudanças das normas. Então o que acontece é que, o poder de avaliação, você fica sem poder de checagem, então eu me lembro muito bem quando comecei a dar aula em 73, inclusive o Lorenzetto participou desse processo, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo fez uma avaliação muito ampla, inclusive, especificamente também da Educação Física que eu achei na oportunidade, foi uma coisa genial, muito bem feita, ela criou uma filosofia de, de atividades, ela decifrou melhor a lei, filosoficamente, ela definiu melhor, e trouxe uma avaliação e se repetiu depois essa avaliação umas duas vezes agora, o resultado disso eu não sei, o que gerenciou, mas na verdade precisaria criar um mecanismo de tal forma que pudesse a gente ter um retorno para trabalhar em cima disso depois, certo? Vou te contar uma historinha, não sei se vai servir ou não para você, a nível de elucidamente. Quando terminei o meu mestrado, eu fiz uma checagem do meu, do meu instrumento, do meu questionário, ele ficou simples com 19 (dezenove) perguntas e agora que eu estou indo para fazer o doutorado, eu comecei a quebrar a cabeça porque eu queria melhorar isso e eu cheguei a conclusão de que eu não devo melhorar, de que eu tenho que repetir o mesmo instrumento para mim poder checar o que eu fiz à 5 anos atrás à 4 anos atrás o que está atualmente, igualzinho, certo, o que eu vou fazer é acrescentar, é que agora eu vou trabalhar também não só com jogadores atuais, mas com ex-jogadores também e para poder ampliar meu grau de discussão, certo? Mas

a nível de comparação eu vou repetir o instrumento justamente por causa disso. Então eu vejo que nesses mecanismos todos, a grande dificuldade que nós temos é a própria avaliação, porque ela fica muito subjetiva, por que veja bem na Educação Física se a gente, antigamente a gente nós tínhamos na Educação Física um critério de avaliação que era rendimento, agora o que eu tenho correndo o que é bom com 10 anos de correr certo, é bom que ele faça 100 metros em 15 segundos? Está ok, ele entrou no começo do ano correndo 100 metros em 17 segundos, ele terminou a temporada correndo em 13, 14 segundos. Isso é bom ou ruim? Então, o critério é muito subjetivo, então na verdade, e hoje é outra particularidade incrível. E é outra particularidade incrível, e hoje com essa com toda essa fragmentação na Educação Física em sub-áreas, está certo, fica mais difícil ainda mais ao mesmo tempo também os recursos que se permite hoje você. A gente falou muito em Psicomotricidade, na Motricidade Humana, o por que não filmar os movimentos das crianças, certo e depois passar para elas e elas como ela começou correndo e como ela está correndo hoje, uma reeducação dos gestos, tenho debatido muito nesse tema, alto rendimento. Que a gente agora, a gente não vai melhorar a velocidade, vamos melhorar a força até que melhora, e que a gente faz, a gente está tentando reeducar os gestos, está se voltando atrás coisa que tenha que ser feito anteriormente. Eu não tenho muita crítica por que eu não tenho lido não tenho trabalho muito sobre isso. Eu trabalhado mais basicamente em cima da minha, das minhas atividades e o que eu estou indo e saindo para o lado social, do jogador de futebol, do futebol em si, enquanto fenômeno social de cultura, dá então para você criticar alguma coisa você teria que ter, saber o que esses pensadores, a única coisa que eu que me, que está me preocupando é, vem me preocupando algum tempo é esse discurso irreal a nível de uma concepção na conjuntura que a gente vive, quero dizer, Brasil é um, uma realidade, São Paulo é uma realidade, o Nordeste é outra, Rio Claro é uma realidade, e cada município tem sua peculiaridade, então eu acho que o discurso tem que ser muito, muito objetivo em função da realidade que você tem, nós sabemos hoje, você sabe também que Rio Claro é uma cidade, tipicamente própria hoje para a prática esportiva por que nós temos locais para fazer prática esportiva. Hoje nós temos aí mais de 17 ginásios cobertos, quero dizer, o que precisamos é que esses recursos humanos que está no mercado tem um discurso perto da realidade de que existe, Rio Claro hoje tem toda uma possibilidade, é uma questão de trabalhar, o que a gente está vendo hoje, eu, a gente quer construir mais, eu quero fazer prática típica, a coisa não está por aí, e você sabe mais do que ninguém também e nós sabemos também que se teve uma participação prática muito boa enquanto em atividade, que para você dar uma atividade, desenvolver uma educação de gestos, trabalhar no movimento em si, você não precisa de grandes aparatos algum, você não precisa de uma quadra, você não precisa de nada, você só precisa ter um local que você certo, possa fazer a criança correr, saltar, rolar. É, eu tenho visto com muito tristeza, porque cada vez que muda o governo cada um com uma concepção, certo? Eu acho que por exemplo, que da forma tradicionalista que os nossos campeonatos colegiais acontecia antigamente, um exemplo, um exemplo bem prático era muito mais producente e muito mais entusiasmante e motivador do que acontece hoje, por que a criança do interior, por exemplo tinha acesso a capital para jogar nos finais de colegiais, certo, havia toda uma integração porque se viajava bastante, bem mais, as crianças saiam de

suas cidade, iam conhecer outras cidades. Havia um intercâmbio que eu acho que é altamente producedente, eu questionava apenas naquela oportunidade e o aspecto da direção competividade do fato, que poderia ser melhorado certo, principalmente com a arbitragem a nivel muito mais educativo do que aplicador de regras, certo? Então eu vejo, quero dizer, já existiu muitas coisas boas, como existe muitas coisas boas, é uma questão apenas de adequar isso trabalhar isso corretamente, certo, filosoficamente, se cada professor for sério no que faz, ter uma concepção que acima de tudo ele é um educador, não importa a mensagem, até a mensagem de ordem informativo, enquanto um corpo perfeito, mas enquanto um pensamento perfeito é acho que é muito melhor do que ter grandes amparatos, se pensar em termos resultados, grandes medalhas, em grandes, certo? Eu vejo a universidade muito sadio nesse aspecto, inclusive nós somos altamente invejado pela classe docente de outras unidades, por que nós temos uns privilégios, eu acho que os objetivos da universidade é, são bem claros, a única coisa que me chateia é que eu vim um pouco tarde para essa carreira, e fica sempre mais dificil você, principalmente a nivel de formação, você retornar isso. É, você retomar isso, mais eu acho que está dando para fazer, eu cumprir isso, a única coisa dos três, dos três trabalhos que a universidade tem até então, eu não tenho atendido como eu gostaria atender o aspecto comunitário, porque não está dando tempo para trabalhar isso, porque eu estou em fase de termino de estuo e tenho minhas obrigações docentes também. O que eu tenho feito também a nivel comunitario, que tem se permitido, terminei agora um curso de treinadores de futebol que teve uma participação de organização foi muito boa, mas eu vejo altamente, altamente positiva a participação da universidade nisso, ela permite, ela fomenta, ela dá condições para que você faça isso, estou vendo isso, e eu acho que enquanto formação profissional, a gente já falou anteriormente isso, é uma questão apenas de você ter um conhecimento da cultura de buscar o conhecimento naquilo que te serve você repassar esse conhecimento de uma forma mais clara. Acho que permite isso, a universidade permite que você busque uma melhor formação profissional em contra partida você tenha possibilidade de aplicar isso, por que você é docente e tem sua massa critica especifica, aqui dentro da universidade, eu vejo, eu vejo tudo correndo, eu vejo de uma forma muito boa isso".

DEPOIMENTO Nº 21

"Você sabe que eu me formei na USP. Eu estudei lá entre 1976 - 1978, o curso era de 3 anos. Era considerado o melhor curso do país. Era o rótulo. Como toda Educação Física da década de 70, era um curso que tinha grande parte da sua carga horária tomada por disciplinas de caráter técnico-esportivo. A fundamentação teórica basicamente, principalmente, na área biológica e a formação humana, basicamente se restringia as disciplinas obrigatórias da licenciatura: didática, estrutura, psicologia da educação. Para você ter uma idéia, eu tive 3 anos de curso, 6 semestres de atletismo, 4 de basquetebol, 3 de voleibol, 6 de ginástica e assim por diante. Era basicamente uma formação voltada para a aprendizagem de técnicas, com pouca reflexão teórica, sem nenhuma visão crítica de nada. O que a gente, o que havia de reflexão crítica, de análise crítica, partia muito mais dos próprios alunos ou pelo menos de uma parte dos alunos e de um ou outro professor mais novo. E as críticas naquela época giravam em torno do que um curso de formação de Professor de Educação Física deveria fazer, era ensinar a ensinar e não ensinar a fazer, como aconteciam em grande parte de disciplinas. A gente aprendia a fazer os movimentos, mas não de, ensinar os movimentos para as outras pessoas. Esse discurso estava muito na moda, o discurso crítico que havia. Então na verdade, as críticas, as próprias críticas acabavam-se voltando muito mais paras as próprias disciplinas práticas do que para a ausência de fundamentação teórica. Creio, que enquanto aluno a gente não sabia muito bem da onde viria a fundamentação teórica. É aquela questão da USP, eram disciplinas (pedagógicas) desenvolvidas na Faculdade de Educação para todos os cursos de licenciatura da Universidade, havia inclusive, as vezes havia turmas mistas, Educação Física com alunos de outros cursos. Então, não havia nenhuma especificidade, eram cursos realmente de didática, teorias de didática geral, psicologia do desenvolvimento. Mas eram bons cursos, eu acho, eram bom cursos. Eram dentro desta proposta de formação geral do professor, eram bons cursos. A gente aprendeu por exemplo, Piaget, foi estudado, análises do ponto de vista sócio-político, em disciplina de estrutura. Nós vivíamos naquela época que tinha acabado de ser implantado a lei 5.692. Então, o curso que eu fiz de estrutura, por exemplo, a professora fez uma excelente análise crítica da gênese da lei, do que ela propunha, havia queixa de que não havia relação com a nossa área. Alguns alunos não tinham interesse, não estavam motivados para esse tipo de conhecimento, mas para a grande parte foi significativo. No momento, eu acredito que não mesmo porque essas críticas eram na verdade de uma parcela dos alunos, que eram os mesmos alunos que estavam envolvidos com movimento estudantil, era a época, em que havia, manifestações estudantis, havia passeata. Havia uma, se dava uma certa reorganização da UNE, da própria UNE, do movimento estudantil na USP, foi a época em que se realizou na PUC, a UNE tentou fazer o encontro nacional, a PUC em São Paulo, houve invasão por parte da polícia, muita gente saiu ferida. Eu não estava lá, mas vários colegas estavam lá, a minha turma estava lá na PUC aquele dia, inclusive alguns foram presos. Eram essas pessoas que sentiam que alguma coisa estava errada, mas não se sabia muito bem o que. E também não havia canais para se expressar isso. Não havia canais, nos órgãos colegiados era impossível, a participação dos alunos era praticamente boicotada. Eu

acho que isso já eram os primeiros sintomas da crise, da chamada crise da Educação Física que começa logo na década de 80. Eu saí em 78, logo a seguir, chegam na USP os professores doutores e aí essa coisa explode nos anos seguintes. Essa questão da formação profissional em Educação Física hoje era gira em torno da com compatibilização de 2, deixo chamar de 2 tendências ou dois polos, que seria a questão da competência técnica específica e de um compromisso social, no sentido de situar a Educação Física como uma prática humana e social dentre outras que deve propiciar uma melhor qualidade de vida. Deve propiciar tanto quanto possível uma melhoria, uma transformação social e isso implica numa visão um pouco mais, vamos dizer assim, para o futuro. Uma visão social ou diria, quer dizer, como melhorar a qualidade das práticas corporais na nossa sociedade. O que implica por vezes em não apenas ter a competência técnica nas práticas em que estão aí, mas ter a visão do que é necessário, no que é necessário transformá-las para melhorar a sua qualidade. E essa noção de qualidade, implica em valores. Porque o que é qualidade? O que, que é bom, o que, que é ruim? É uma questão de valores, é uma questão de ponto de vista. Isso está relacionado com fundamentação teórica, com reflexão filosófica e também com investigação científica, stricto senso. Porque a ciência também é capaz de apontar, as incoerências, erros. Então, eu acho que o desafio é esse, quer dizer você precisa ter a visão de formar um profissional que tenha a competência técnica para atuar no mercado de trabalho que está aí. Quer dizer, que seja capaz de dar uma aula de Educação Física Escolar, que seja capaz de trabalhar com musculação, com recreação, com dança. Tem que ter um instrumental técnico para isso. A primeira questão, é a questão da avaliação de curso. Não há, eu não conheço, nenhum curso que tenha uma avaliação sistematizada, do seu produto, do sujeito que sai diplomado. Sem ter essa avaliação sistematizada a gente fica no campo da especulações. E no campo da vivência pessoal, os ex-alunos que eu, encontro, na minha avaliação estão bem situados no mercado de trabalho. Então quer dizer que o curso significou alguma coisa na formação deles. Agora eu não sei te dizer, isso não é uma amostra representativa, certamente. Então, eu não sei te dizer se o curso está atingindo, se isso é verdade ou não na sua concepção estrutural, digamos assim, o curso daqui tem tudo para atingir isso. Porque eu acho que ele conseguiu compatibilizar essas coisas, pelo menos, a nível de seus objetivos e da forma da estrutura do currículo, da forma como esta estruturado e também pela próprias características do corpo docente, que tem professores com essas características. Uma ou outra e as vezes até as duas juntas. Eu acho, para mim a formação profissional teria que fazer isso. Eu não sei se ficou claro. Eu acho que tem dois itens que a gente poderia analisar aí. O primeiro é o de, como a nossa sociedade transforma tudo em mercadoria, inclusive a cultura, a prática da cultura corporal ela é restrita a camadas sociais, especialmente camada média e camada alta. Há um estudo aqui do Francisco, trabalho de formatura, que ele fez esse levantamento em Campinas, ele divide por camadas sociais, não classes sociais, mas camadas sociais, e a prática corporal sistemática, e na camada baixa foi zero, zero, zero. E há um salto enorme para a camada média e uma grande maioria para a camada alta praticando atividade física sistemática. Muitas com orientação profissional em instituições e tal. Bom, se a gente acredita que a prática de uma atividade corporal bem orientada, ela é benéfica para o ser humano, qualidade de vida, em função de parâmetros fisiológicos, psicológicos, sociais. Acho que a

primeira grande tarefa é estender isso a uma maior parcela da população. Isso para mim já é uma transformação social. Quando você torna acessivel um fruto da cultura humana à uma parcela significativa de pessoas, não digo todas, por que isso não é possivel e nem sei se é o caso. Nem todas as pessoas vai querer praticar. Mas eu acho que há, seria possivel que a sociedade criasse instrumentos para tornar isso acessivel a camadas mais amplas. Eu acho até que os instrumentos existem a nivel de poder público, mas eles não são bem utilizadas. Então isso também seria uma transformação. Colocar as estruturas públicas à serviço da comunidade e não de pequenos grupos. E num segundo nivel seriam os, seriam valores, eu acredito que seria possivel de serem transmitidos através das práticas corporais. Eu acho que a noção de cooperação, por exemplo, é uma coisa que é possivel ser transmitida, a concepção de que todo grupo é capaz de se organizar, por si próprio tomar decisões, estabelecer regras, em função de algum objetivo, acho que é um valor que pode ser transmitido. O valor de respeito ao ser humano, enfim, é que isso necessitaria uma analise da dinâmica social - psicológica de cada uma das atividades fisicas com que a gente trabalha. E é uma coisa que foi pouco investigada ainda. O que eu tentei fazer na minha dissertação. é um campo que precisa ainda mais de investigação. A nossa reestruturação curricular, ela começou independente inclusive da emissão desse parecer. Ela começou já em 1986. Eu acredito que quando um maior volume de professores foi contratado em função das necessidades do curso, surgiram outras idéias um grupo mais interessado nisso, havia essa discussão ocorrendo a nivel nacional, a necessidade de se reformular os cursos, do jeito que estava não era possivel mais. Um currículo de 1969 que defasado sobre todos os pontos de vista. E nós começamos a discutir isso de maneira independente, chegamos a elaborar a primeira proposta concreta, antes inclusive do parecer 215. Fizemos a proposta definitiva, só depois nós fomo checar se ela estava de acordo com as normas. Aí, fizemos umas pequenas adaptações. E muita coisa inclusive, coincidiu com a proposta do parecer, embora as vezes se chegou a uma proposta parecida mas vinda por caminhos diferentes, por motivos diferentes. Para mim, o maior mérito, dessa proposta é ele ter delegado outras possibilidades. Nós assumimos a seguinte postura e que foi inédita no Brasil. O MEC, o governo federal não vai dizer tudo o que você tem que fazer. Por exemplo: um currículo que não tem disciplinas especificas, obrigatórias foi uma grande novidade. Para mim foi um grande avanço, pelo menos do ponto de vista de uma universidade como a UNESP. E certamente, como a USP, como a UNICAMP, que tem massa crítica para desenvolver sua própria proposta e essas regulamentações federais, elas sempre atuaram, pelo menos para universidades, vamos dizer assim, de maior seriedade, atuaram como freios. Agora, não sei se essa proposta de liberdade foi boa para os cursos isolados, da área privada. Também desconheço uma avaliação seria que tenha sido feita sobre isso. Mas também não acredito que se você fizesse um currículo mínimo tradicional, elencando um número de disciplinas, você iria mudar a qualidade das particulares. Eu acho que o problema na área privada está em outro campo. O que no meu modo de ver é a liberalidade com que se criam os cursos. Eu acho que o problema está na criação dos cursos, na autorização de funcionamento dos cursos e isso passa por Conselho Federal, tem toda uma série de articulações políticas, interesses e no total ausência de supervisão, de controle, de avaliação. O problema passa por aí. Eu acho que não passa por esse tipo de documento. Então em Rio Claro, tentando ser sintético, embora não sei

até que ponto fiel o que aconteceu, mas essa questão da Educação Física, enquanto uma área do conhecimento, quer dizer, a caracterização da Educação Física enquanto uma área do conhecimento específico, que é diferente nas outras, foi um norteador. A criação do Bacharelado a posição a favor do Bacharelado, teve nesse argumento um respaldo, embora se você for ver o produto disso, o nosso bacharelado não é um curso voltado para a formação de pesquisadores. Inclusive em alguns momentos, dá a entender o parecer. Não é essa vinculação, entre o bacharel é o pesquisador e o licenciado é profissional, professor ou coisa assim. Não é que a discussão começa antes. Na medida em que a Educação Física sempre teve, não sei se sempre, mas, tem estado fortemente ligada a área pedagógica, nós avaliamos que isso naquele momento, não estava contribuindo mais para o avanço da Educação Física, porque ela acabava muito mais se subordinando a pedagogia do que dialogando com a pedagogia. Nós achávamos que assim como ela tinha que dialogar com a pedagogia, tinha que dialogar com a fisiologia, com a sociologia e assim por diante. E não fazer esse diálogo mediado pela pedagogia, e além do que , o que estava acontecendo na época é que, e aí é uma avaliação, posição pessoal, é que nós estávamos lidando com um pedagogismo vazio, porque pegava-se alguns discursos pedagógicos, genéricos e se aplicava para a Educação Física como se podia aplicar para qualquer outra coisa, e aonde é que ficava a especificidade? Quer dizer, que se você assim, talvez e havia correntes e ainda há que defendem isso hoje, de que talvez nem precisasse existir um curso de Educação Física, você poderia formar como chama, na especialização da pedagogia. É uma posição, mas nós não acreditávamos nisso. Nós achávamos que ele tem uma especificidade e que seria preciso garantir o espaço para o crescimento a estruturação dessa área que estava se iniciando. E o bacharelado era um, era mais um dado nisso. Porque aí, você desvinculava a Educação Física necessariamente da formação pedagógica, pedagógica no sentido restrito do licenciado. Porque esse foi outro dado importante que todo mundo concordava. Que a formação do licenciado da Educação Física era extremamente deficiente, que não adiantava você ter uma tintura pedagógica nas disciplinas de didática, pedagogia, que isso não garantia um bom professor, isso não quer dizer que ele entendesse de pedagogia, História da Educação, psicologia da educação, isso não garantia nada. Era preciso ampliar essa carga horária. O sujeito que iria ser professor de escola, ele tinha que entender muito mais de escola do que estava sendo oferecido. Agora, isso só era possível, se você tornasse a licenciatura um curso específico, para quem quer ser professor de primeiro e segundo graus ou para quem vai ser formado em professor de primeiro e segundo graus. E isso não seria possível fazer num currículo só. Os currículos estavam virando verdadeira colcha de retalhos.. Um monte de disciplina, com poucos créditos e você no fim, tinha um monte de coisa e não sabia um monte de coisa e não sabia nada. Não tinha uma instrumentalização técnica aprofundada. Então isso foi outra razão que nos levou a separar os cursos. Na verdade é possível você dizer que o Bacharelado foi criado pela necessidade de fortalecer a licenciatura também. Para mim e para outros membros da comissão era claro. Não sei te dizer se esse era o motivo subjacente a todos os membros da comissão ou a todos do departamento. Mas para vários, isso estava muito claro. Eu diria mais o termo aí de motricidade humana, porque era preciso dar um nome para esse objetivo de estudos, que seria o ser humano em movimento no contexto de uma atividade física, do tipo jogo, esporte, dança. Esse

seria o objeto dessa área. Aí poderia ser o movimento, o movimento humano, enfim, para caracterizar essa abordagem, interdisciplinar, você tem o homem praticando o homem, ali envolvido numa prática corporal com determinantes, condicionantes características fisiológicas, psicológicas, sociológicas, filosóficas. Então esse complexo nós chamamos de motricidade humana. Agora, não teve é lógico que a origem, quem primeiro levantou esse nome dentro da Educação Física, foi o Manuel Sérgio. Então sobre esse ponto de vista, mas por exemplo, eu conhecia Manuel Sérgio, já tinha lido, o conhecia pessoalmente inclusive naquela epoca eu estive com ele em São Paulo, quando pela primeira vez que ele esteve no Brasil. Agora, não, mas, Manuel Sérgio não era lido aqui ninguém conhecia a obra dele. Para mim, na minha inspiração veio dele, mas, veio o nome mas não veio a fundamentação filosófica junto. Isso você nota como isso aconteceu aqui agora pelo mestrado. O mestrado, aqui principalmente, emprestou esse nome da graduação. E até com outra concepção na graduação. Então na realidade, o termo motricidade humana não tá carregado com aquele referencial filosófico do Manuel Sergio. Mas é um nome que se deu para designar esse objeto complexo, que deve ser estudado por essa área. Eu não tenho me preocupado muito com essa questão de nomenclatura. Para mim, não faz muita diferença como você chama. Acho que existe uma prática humana socialmente organizada, que é a maneira que o homem, em cada periodo histórico encontra para exercitar a sua motricidade. Eu lembro que na época, quando nós adotamos esse nome, o pessoal ligado a neuro-fisiologia ficou meio arrepiado. Porque para eles o termo motricidade tem um sentido muito específico, está ligado a questão do sistema nervoso central. O homem tem a capacidade de fazer movimentos, não tem esse significado filosófico. O nome em si não interessa muito, o que interessa é realmente a concepção que está por trás dele. Então, eu vejo assim, é uma maneira que cada sociedade organiza em cada periodo histórico de acordo com suas características de exercitar a sua motricidade, você historia, você vê, cada periodo encontrou a sua forma, tanto do ponto de vista dos movimentos específicos. Como eu vou explicar isso, da ação motora, quer dizer, da dinâmica do movimento específico, seja nos jogos, na dança, nos outros movimentos corporais, até a maneira como ele é socialmente organizado. Então, eu acho que, inclusive, o Manuel Sérgio, para mim, deu uma contribuição importante. Isso você encontra nas obras dele. Voltamos novamente para ausência de uma avaliação, mas, eu acho que, do ponto de vista da, de uma concepção do curso, eu acho que nós avançamos muito aqui. Tanto que nós conseguimos articular essa formação teórica com a instrumentalização técnica, propiciando uma formação teórica, forte, nos dois cursos, em parte comum em parte diversificada de uma especialização em nível das técnicas. Além do que, a caracterização da Educação Física como uma área do conhecimento, a aceitação disso, eu acho, que isso propiciou, isso não ter haver só com a graduação, mas com a própria concepção de departamento da Educação Física, e do que é fazer pesquisa no departamento da Educação Física. Eu acho que abriu muitos espaços para que o nosso corpo de conhecimento se ampliasse. Eu não tenho respostas para isso não. Eu acho que ela pode ser vista tanto como um ciência, como uma prática profissional. No sentido de que uma prática profissional que presta serviço à sociedade. Enquanto ciência ela produz conhecimento sobre esse objeto. De um lado ela procura explicar e compreender. Eu acho que e muito difícil você dizer que é só uma coisa, e só outra. Eu acho, que o desafio que eu me coloco é como lançar pontes

entre dois pontos. Porque esses dois interesses sempre vão existir. E eu acho impossível você querer eliminar um deles. Não eu só fico com esse, eu só fico com aquele. Eu acho que o desafio é como a partir da prática, da prática social das atividades corporais levantar questões para a ciência. E como a ciência pode apontar princípios para a prática, no sentido de melhoria da sua qualidade. E aí voltamos aquela questão dos valores que estão implícitos no conceito de qualidade. O problema da pesquisa em Educação Física, eu acho que é a concepção de Ciência. Se você ficar restrito a concepção do positivismo ortodoxo, você vai ter limitações, porque ele não vai ser capaz de dar respostas para questões que estão emergentes na área da Educação Física. Não é o caso de entrar numa discussão epistemológica, mas, as limitações do positivismo são claras para quem se dedica minimamente a estudar a filosofia da ciência, a epistemologia não se trata de negar não, não serve jogar no lixo não, é preciso que outras possibilidades sejam exploradas. Porque se a gente ficar nesse positivismo ortodoxo, nós não vamos conseguir se quer formular as questões. E com relação a questão curricular especificamente, eu acho que o Lawson deu o xeque-mate, quando ele diz que o currículo, que essa visão de, quer dizer, de que a ciência nessa concepção ortodoxa, vai dar respostas para o problema. Essa própria presunção não é cientificamente comprovada. Portanto, ele serra o galho, aonde o positivismo está sentado. Como a Educação Física se desenvolve internacionalmente em subdisciplinas, isso refletiu no currículo, porque supunha-se que o indivíduo conhecia bastante de biomecânica, controle motor, depois de sociologia, de maneira isolada. Como essa áreas do conhecimento, deveriam dar as respostas, então o problema do currículo, estaria resolvido. Então, você montou um currículo com base em disciplinas isoladas. E a prática mostrou que não funciona, porque havia pressuposição de que o aluno faria a integração desses conhecimentos e seria capaz de aplica-los. Nós detectamos isso, antes inclusive de conhecer essa avaliação do Lawson. E nós propusemos no nosso currículo, disciplinas de síntese, para ajudar o aluno a fazer essa síntese e ampliamos a prática de ensino para ajudar o aluno a fazer essa aplicação. Basicamente, na licenciatura, programas de Educação Física no primeiro e segundo graus e no Bacharelado a programas de atividade física, que funciona no terceiro ano junto com Prática de Ensino I e depois tem Prática de Ensino II no último ano. Agora, funcionou, de certo, não sei te dizer porque não há avaliação sistematizada. Esse é um problema de todo currículo, o volume de conhecimento que se tem é muito grande, você não consegue ensinar tudo. E há coisas que não se aprende em sala de aula. Eu acho que isso não acontece só na Educação Física, isso acontece em qualquer área. Há coisas que você só aprende fazendo, por tentativa e erro, por experiência. Inclusive são coisas que nem sempre são passíveis de serem verbalizadas, nem sempre são passíveis de serem teorizadas. Portanto, não podem ser ensinadas na sala de aula, como é que você vai ensinar uma coisa que não é possível de ser verbalizado e não é possível de ser teorizado. Eu acho que isso é uma outra coisa que o Lawson aponta, mas não explora muito. Portanto, o currículo tem que propiciar ocasiões do aluno colocar, quer dizer, exercitar a sua experiência, fazer auto-avaliação. Ser capaz de avaliar o contexto, avaliar a sua ação, extrair um feedback e replanejar as coisas, e ao mesmo tempo, o currículo tem que ser capaz de instrumentalizar o sujeito a acompanhar a produção do conhecimento no futuro, quer dizer, o cara tem que saber que existem revistas, como se

consulta uma biblioteca, quais são as principais revistas da área, quais são as editoras que publicam. Ser capaz de ter um senso crítico sobre o que está sendo escrito, o que está sendo falado. Um senso crítico de escolher um curso de especialização que seja bom. Ser capaz de ir a um congresso e aproveitar alguma coisa que está sendo dita e criticar o que esta sendo dito. Enfim, acompanhar a produção do conhecimento, atualização profissional. Porque, se não você forma um profissional que em pouco anos está totalmente desatualizado. Essas partes, o objetivo, como que as pessoas que escreveram isso vêm a contribuição da Educação Física. Isso são discursos no meu modo de ver, grande parte desses parágrafos não dizem nada. Alguns deles são ideais, alguns desses objetivos são questionáveis. Quem não quer formar o profissional com uma atitude crítica. Pois é essa é que e a questão: o que seria e como conseguir isso. Aqui, esse parecer, está no campo do ideal. Nós queremos isso, nós queremos aquilo. Eu acho que na maior parte dessas páginas não dizem nada. São até dispensáveis um parecer desse tipo no meu modo de ver. Só é uma maneira de as pessoas que estão escrevendo colocarem o seu ponto de vista. Mas, a Educação Física e o desporto que atendam a todos seres humanos sem discriminações. Bom, quem que não concorda com isso, mas o que tem haver o currículo de formação com isso. Eu acho, por exemplo, que os instrumentos para atingir esses objetos não estão na mão das instituições superiores, estão na mão da política educacional da Educação Física e do Esporte, esta na mão muito mais dos políticos do que das instituições. Não me agrada muito esses trechos aqui não. Inclusive, nós aqui não levamos muito em consideração isso. Eu vejo que há a necessidade de se compatibilizar a competência técnica. E por competência técnica inclui, inclusive os conhecimentos tradicionais da Educação Física, saber capacidades físicas, saber sobre técnicas de ginástica, saber sobre treinamento, saber o que é interval-treining, o que e potencial aeróbico, o que e VO2 máximo, o que é marcação sobre pressão. Eu acho, o profissional tem que saber. A questão é, até que profundidade ele tem que saber. Porque não da para saber tudo, o campo é muito grande. O que nos levaria inevitavelmente uma certa especialização no campo das técnicas. Sou favorável a uma certa especialização, mas não a especialização extrema. Como faz por exemplo a USP, quando cria um curso de Bacharelado em Esporte, admite a existência, portanto, principalmente de um Bacharelado em dançaç, Bacharelado em recreação e aí você vai fragmentando, fragmentando. Embora tenha uma certa lógica eu acho que você vai perdendo totalmente a possibilidade de integração entre as coisas. A possibilidade de você ter uma proposta integrada, uma proposta de cultura corporal para a sociedade. Eu acho que a comunidade da Educação Física, não estou falando só da comunidade acadêmica, comunidade no sentido amplo da Educação Física tem que ser capaz de apontar alternativas a sociedade, como acontece em qualquer área, quer dizer, os médicos tem alternativas para a questão da saúde, são diversificáveis, não existe só uma proposta de medicina. Não existe só uma proposta para a Educação, existem várias, mas existem propostas. Eu digo propostas no sentido da prática social mesmo. Como e que tem que ser a prática social do jogo, do esporte, da dança, certamente vão existir várias propostas. Bom, eu acho que se faz muita confusão, porque numa, em qualquer sociedade, especialmente numa sociedade democrática, o que comanda a nível mais macroscópico o rumo, o rumo geral das coisas e a política. Isso é óbvio, qualquer livro de Educação Moral e Cívica do primeiro grau, vai ter que dizer isso. Então, nesse sentido, todos nós

somos politicos, não tem como, agora existem vários niveis para você exercitar esse fator politico e eu acho que se faz confusão e que esse papel politico é o seu papel de cidadão, que pode ser de simplesmente desde você ir lá votar até você se candidatar à Presidente da República. Agora, eu acho que existe uma confusão entre o papel do cidadão e o papel do profissional. Quando se supõe, quer dizer, o professor de Educação Fisica tem que exercer um papel de doutrinação politica por exemplo. E ai nós nos colocamos contra a parede, porque dai, quer dizer, como e que nós vamos nos entender com relação a isso. Muito bem, bom, muito bem, nós vamos ser politicos, e nós vamos fazer doutrinação politica, mas a favor de qual partido? e dai como é que se faz. Existe uma multiplicidade de propostas. Eu sou do partido X, você é do partido Y e ai. A questão acho que não é essa, quer dizer, existe uma aula da Educação Fisica do partido X, um aula da Educação Fisica do partido Y. Existe uma aula de Educação Fisica, pode ser boa, pode ser ma. Agora, é lógico que ai o conceito de boa e de ma vai em direção a questão de valores, de objetivos, mas que tenham uma missão politica, mas de outro nivel, não e nesse nivel mais macroscópico. Ai é a minha investigação no sentido de, então, se a gente quer promover mudanças sociais, politicas, etc. dentro da especificidade da nossa área, usando a motricidade humana, o movimento, atividade fisica, o nome que você queira dar, qual o potencial que você tem nesse instrumento para promover mudanças? e que mudanças? do que? e até que niveis essas mudanças podem ser? porque senão vira um discurso vazio, você discursa sobre certas coisas e não consegue fazer isso no seu dia-a-dia, naquilo que você trabalha. Ai a tendência disso é você acabar desacreditado, você fica frustrado e você frusta os outros, você não consegue promover a Educação Fisica, dar aula de Educação Fisica não é o melhor instrumento para você promover mudanças socio-econômicas a nivel politico, a nivel macroscópico. Isso você faz por outros instrumentos. A politica partidária, a militância sindical, enfim, há outros instrumentos para fazer isso, que você pode perfeitamente fazer. Eu acho que falta, e ai eu acho, que estou de pleno acordo. A nossa comunidade profissional é pouco politizada, não no sentido que vai fazer discurso politico na aula para os seus alunos, mas tem pouco militância politica nos partidos, tem pouco e até nivel de, do seu papel de cidadão. Pouca compreensão da dimensão politica da sociedade, compreensão do processo histórico da politica brasileira, não consegue se posicionar. Mas isso e um problema da maioria da população brasileira. Talvez a nossa área seja maior, mas, também, é uma coisa que não e comprovada, quer dizer, estamos aqui especulando. Será que realmente e assim? Não sei, eu vejo em outras areas também que as pessoas não estão muito interessadas nisso. O Estatuto da Universidade tem uma serie de contradições, porque ele discursa num sentido, mas a prática cotidiana vai num sentido um pouco diferente. Coloca-se em pé de igualmente, supostamente, a extensão de serviço, ensino e a pesquisa. Mas na nossa pratica cotidiana há na verdade uma hierarquia, que é primeiro a pesquisa, segundo o ensino e terceiro a extensão. Eu acho que ele e um bom principio, mas não tenho encontrado um instrumental de operacionalização adequada. Primeiro, nós somos, a nossa ascensão na carreira se dá em cima do titulo que na realidade reflete produção de pesquisa. Embora, se você for ver nos regimentos de mestrado, também não e isso que diz. Diz que é para a formação do docente, tem uma preocupação com didática do ensino superior. Não é nada disso. Na verdade, o que interessa mesmo é sua dissertação que tem que ter boa

qualidade. Se você é bom professor, se você não é bom professor, o mestrado também não leva isso em consideração. Então, a ascensão na carreira, ela se dá exclusivamente em cima de produção científica. Então aí gera uma distorção, porque que eu vou me dedicar a outras coisas, se o que aumenta o meu salário, e me dá status é o título. Então aí, as outras duas dançam. E a extensão de serviço muitas vezes acaba também vinculado aos próprios interesses de pesquisas do professor e não interesse de prestar serviço, no sentido específico ou quer no sentido de fazer uma experimentação pedagógica. Enfim, experimentar uma nova técnica profissional. Acaba ficando restrito a, vinculado a pesquisa, a produção científica. Se houvesse uma forma de valorizar o ensino e a extensão, na própria ascensão, na carreira, isso poderia ser solucionado, Mas, é muito difícil fazer isso, como avaliar o que é um bom professor e o que não é, quem se dedica mais ao ensino e quem se dedica menos, você teria que ter indicadores objetivos disso. E é difícil você ter indicadores objetivos disso. Mas enquanto isso não for solucionado, eu acho que isso vai é acabar prejudicando o ensino, porque o professor acaba dispendendo muito tempo na área de pesquisa, na área de pós-graduação, ele não tem muito tempo para planejar uma aula. O conteúdo não é prejudicado, o professor tem o conteúdo, mas todo professor sabe que não basta ter o conteúdo, precisa ter uma estratégia adequada precisa ter a disponibilidade emocional para estar na sala de aula, para conversar com os alunos, para responder uma pergunta, que as vezes não tem muito haver e isso exige um tempo. Isso exige uma dedicação que acaba sendo consumida pela pesquisa e pelas atividades administrativas, que são bastante massacrantes, especialmente, numa universidade como a UNESP, que é muito burocratizada, tem muitos cargos, muito papel. E avaliação do corpo docente precisa ser feita, agora, como eu não sei. É muito difícil avaliar as pessoas. Havia uma proposta da Coordenação de Ensino anterior que era a minha, de fazer avaliação do curso. Agora sistematicamente circula um plano da universidade, propostas, mais ou menos oficiais de avaliação. Inclusive, se chegou a uns 3 anos atrás a discutir, inclusive, numericamente quantos pontos que tem que ter o professor que faz isso, que faz aquilo, mas isso nunca vingou. Já há muitos anos se fala nisso. Eu acho que seria preciso primeiro uma posição política. é que é um assunto muito complicado, é muito difícil avaliar. Porque as vezes o professor é péssimo em certa coisa, mas ele é excelente em outra. É difícil ter acesso a sala de aula, por exemplo, o que acontece na sala de aula, como você vai avaliar isso. Você só chega lá através do aluno, por exemplo".